ALEXANDER WHYTE

EDIÇÃO COMPLETA E REVISADA

PERSONAGENS BÍBLICOS

NOVO TESTAMENTO

Personagens da Bíblia - Novo Testamento.indd 1 13/11/2021 13:16:30





Personagens da Bíblia - Novo Testamento.indd 3 13/11/2021 13:16:33

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Whyte, Alexander, 1836-1921 Personagens da Bíblia : volume 2 / Alexander Whyte ; [tradução da Editora]. -- Londrina, PR : Livrarias Família Cristã, 2021.

Título original: Bible characters

ISBN 978-65-5996-270-9
ISBN 978-65-5996-272-3

21-87673
21-87677

1. Bíblia - Biografias 2. Personagens bíblicos I. Título.

CDD-220.92

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:
1. Bíblia : Biografias 220.92
Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

© 2021 Livrarias Família Cristã LTDA.

Autor: Alexander Whyte
Idealização: Adriel Penkal Ribeiro
Coordenação do projeto: Rebeca Louzada Macedo
Equipe de tradução: Isabella Alonso Panho, Felipe Augusto Guelfi, Brian Gordon Kibuuka, Isadora Berbel Gardenal Marcelo Felipe Garcia, André Felipe Grecco, Thomas Miguel Grecco, Táfnes Diogo dos Santos e Thália Mafra Diogo dos Santos
Equipe de revisão: Lucas dos Santos Lavisio, Isadora Berbel Gardenal, Ana Santos, Nicoly Nardes, Raphaela Silva, Danilo S. Furlanete e Felipe Augusto Guelfi
Equipe de revisão teológica: Pr. Luciano Sena, Carmem Valerio e Heloiza Massari
Coordenação do projeto gráfico: Thaila Sayuri Nagazawa
Diagramação: Thaila Sayuri Nagazawa
Capa: Emerson Pereira

Toda esta publicação foi desenvolvida pela Editora Penkal

Edição Exclusiva Livrarias Família Cristã

As referências bíblicas contidas neste livro foram retiradas da versão ACF.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Sumário

Nota da edição 10

Novo Testamento

LXX. Maria e José 14

LXXI. Simeão 22

LXXII. Zacarias e Isabel 28

LXXIII. João Batista 36

LXXIV. Nicodemos 44

LXXV. Pedro 52

LXXVI. João 60

LXXVII. Mateus 66

LXXVIII. Zaqueu 74

LXXIX. Lázaro 80

LXXX. A mulher que sangrava 88

LXXXI. Maria Madalena 94

LXXXII. A mãe dos filhos de Zebedeu 102

LXXXIII. A viúva com as duas moedas de cobre 108

LXXXIV. Pôncio Pilatos 116

LXXXV. A esposa de Pilatos 126

LXXXVI. Herodes – aquela raposa 132

LXXXVII. O ladrão penitente 140

LXXXVIII. Tomé 146
LXXXIX. Cléofas e seu companheiro 154
XC. Matias – o sucessor de Judas Iscariotes 162
XCI. Ananias e Safira 170
XCII. Simão – o mago 178
XCII. O eunuco etíope 186
XCIV. Gamaliel 194
XCV. Barnabé 202
XCVI. Tiago – o irmão do Senhor 210
XCVII. Estêvão 218
XCVIII. Filipe – diácono e evangelista 226
XCIX. Cornélio 234
C. Êutico 242
CI. Félix 250
CII. Festo 258
CIII. Rei Agripa 264
CIV. Lucas – o amado médico 270
CV. Onesíforo 276
CVI. Alexandre – o latoeiro 284
CVII. Paulo – estudante 292
CVIII. Paulo – preso por Jesus Cristo 300
CIX. Paulo na Arábia 308
CX. Paulo visita Jerusalém para ver Pedro 316

CXI. Paulo – pregador 322

CXII. Paulo – pastor 328

CXIII. Paulo – polemista 336

CXIV. Paulo – um homem de oração 344

CXV. Paulo – um homem de fé 352

CXVI. Paulo – o chefe dos pecadores 360

CXVII. O espinho na carne de Paulo 368

CXVIII. Paulo – vendido sob o pecado 376

CXIX. A inocuidade de Paulo como um pastor 384

CXX. Paulo – um místico evangélico 392

CXXI. O grande peso e a contínua tristeza do coração de Paulo 400

CXXII. Paulo – o idoso 408

CXXIII. Apolo 416

CXXIV. Loide e Eunice 424

CXXV. Timóteo – criança 432

CXXVI. Timóteo – um jovem pastor 440

Parábolas

I. O semeador que foi semear 450

II. O homem que plantou boas sementes em seu campo, mas seu inimigo veio e plantou joio entre o trigo 458

III. O homem que pegou um grão de semente de mostarda e o plantou em seu campo 466

IV. O homem que lançou a semente no chão e, sem que 474
ele soubesse como, ela cresceu 474

V. A mulher que pegou fermento e interiorizou em três medidas de farinha 482

VI. O homem que encontrou tesouro escondido em um campo 490

VII. O comerciante que vendeu tudo o que tinha e comprou uma pérola por um alto preço 498

VIII. O homem que sai para pedir três pães à meia-noite 506

IX. A viúva importuna 514

X. O filho pródigo 522

XI. O devedor perdoado e seu imenso amor 530

XII. As dez virgens 538

XIII. O convidado de casamento que se sentou no derradeiro lugar 546

XIV. O convite à grande ceia de casamento e algumas de suas desculpas 554

XV. O homem que não usava a veste nupcial 560

XVI. O fariseu 568

XVII. O publicano 576

XVIII. Cegos condutores de cegos 582

XIX. O rico e Lázaro 590

XX. O servo preguiçoso que escondeu o dinheiro de seu senhor 598

XXI. O servo impiedoso 606

XXII. O servo inútil 612

XXIII. O trabalhador com olhos maus 620

XXIV. Os filhos de Cafarnaum brincando em casamentos e funerais no mercado 628

XXV. O samaritano que mostrou misericórdia 636

XXVI. Moisés no Monte do Novo Testamento 644

XXVII. O anjo da Igreja de Éfeso 652

XXVIII. O anjo da Igreja em Esmirna 660

XXIX. O anjo da Igreja em Pérgamo 668

XXX. O anjo da Igreja em Tiatira 676

XXXI. O anjo da Igreja em Sardes 682

XXXII. O anjo da Igreja na Filadélfia 690

XXXIII. O anjo da Igreja de Laodiceia 698

Nota da edição

O autor Alexander Whyte (1836-1921) veio de uma tradição originalmente presbiteriana da Igreja Livre da Escócia, que se constituiu após um rompimento da Igreja Estabelecida da Escócia. Nascido em uma família extremamente simples, filho de uma jovem solteira, iniciou seus ofícios como sapateiro, porém, anos mais tarde, aos 18 anos, assumiu o cargo de professor. Em 1866, graduou-se em Teologia pela Universidade de Edimburgo e, logo após, começou o seu ministério ecumênico com a Igreja Livre da Escócia e também como diretor e professor de literatura e Novo Testamento na Universidade de Edimburgo. Tornou-se um exímio escritor e teólogo, deixando grandes textos sobre John Bunyan, Teresa de Ávila, John Law e Jakob Böhme, e um de seus grandes clássicos é este livro que o leitor tem em mãos.

Sua época e tradições demandaram grandes estudos teológicos e sistemáticos da Palavra de Deus, visto que se situava em uma Europa ainda afetada à época pelos resquícios da Reforma Protestante, bem como pela divisão da Igreja; por isso a preocupação do autor em aprofundar o estudo dos personagens bíblicos contidos neste livro. Ademais, é notável que a atuação profissional do autor como professor de literatura influenciou diretamente em seus escritos, nos quais é possível notar um certo estilo literário que resvala em uma interpretação subjetiva de Whyte quanto aos escritos bíblicos.

Outro aspecto a se ressaltar é que, naturalmente, dado o contexto histórico em que viveu, o autor apresenta certos posicionamentos que podem soar antiquados em alguma medida para um leitor do século XXI, no que diz respeito a determinados temas sensíveis. Recomenda-se, pois, ler este livro sem perder de vista os aspectos citados acima, considerando a contribuição teológica do autor no que concerne à análise comportamental dos personagens das Escrituras.

Personagens da Bíblia - Novo Testamento.indd 12 13/11/2021 13:16:33

Novo Testamento

LXX. Maria e José

São Mateus e São Lucas, o primeiro e o terceiro evangelistas, nos dizem tudo o que sabemos sobre Maria. Eles nos dizem que ela foi a esposa de José, o carpinteiro de Nazaré, e que o Divino Chamado chegou a ela após ser prometida a José, mas antes do seu casamento. Que chamado foi esse, e que perspectiva foi aberta! Tão logo Maria foi deixada a sós pelo anjo, ela começou a perceber o que lhe fora designado e como ela deveria preparar-se para passar por isso. A espada de que o velho Simeão depois fala com tamanha paixão já havia sido afiada e se aproximava rapidamente do coração devoto e exposto de Maria. Dos milhares de símbolos sagrados de toda a cristandade, é-nos mostrado o anjo da anunciação presenteando Maria com um ramo de lírio, como emblema de sua beleza e símbolo de sua pureza. Mas por qual motivo nenhum artista espiritual manchou a brancura do lírio com o sangue vermelho de um coração partido? Pois, tão logo a transfiguradora luz da presença do anjo sumiu de sua vista, uma profunda e terrível escuridão recaiu sobre a esposa de José. Certamente, se algum dia alguma alma precisou buscar toda a sua retidão e toda a sua força unicamente em Deus, era a alma da Virgem Maria naqueles terríveis dias que se seguiram à anunciação. Bendita entre as mulheres, como ela era a todo momento; imaculada como era, de corpo e alma como o cordeiro pascal; assim como o cordeiro pascal, ela foi também escolhida para ser um sacrifício divino e ter uma espada atravessando seu coração. Maria deve ter atravessado muitos dias sombrios e tenebrosos quando tudo que lhe foi dado para se apoiar parecia ser uma pessoa em quem ela não podia confiar. *"Salve, agraciada; o Senhor é contigo"* (Lc 1.28), disse o anjo para ela. Mas tudo aquilo parecia nada mais do que palavras de escárnio para ela, quando viu diante de si nada além de uma ampla vergonha e, como bem poderia ser, a morte de um pária. E, tão assombrosa e maravilhosamente fomos criados, e tão assombrosa e maravilhosamente foi a forma como a Palavra se transformou em carne, que ninguém poderia dizer como tudo isso pôde ter nascido n'Ele, que era osso do seu osso e carne da sua carne; para quem Maria era em todas as coisas uma mãe, assim como Ele era, em todas as coisas, um filho para ela. Pois:

Sua era a face com a qual Cristo tinha mais semelhança.

Grande é o mistério da santidade: Deus se manifesta na carne. Um homem de tristezas e familiarizado com o sofrimento. Esse era o começo dos sofrimentos.

A participação de José em tudo isso nos é contada unicamente por São Mateus. E, na medida em que lemos o particular relato do evangelista sobre aquela época, podemos ver o quão afiada era a espada que também atingiu a alma de José. Seu coração estava partido com essa terrível prova, mas só restara um caminho aberto para ele. Ele não podia encerrar o casamento, tampouco podia consentir em transformar Maria em um exemplo público, restando-lhe apenas o triste movimento de revogar o contrato e rejeitá-la no privado. O coração de José deve ter se despedaçado em dois, pois Maria fora, para ele, a melhor mulher dentre todas. Ela fora, aos olhos dele, o lírio em meio aos espinhos. E, agora, ter de tratá-la como uma semente envenenada — apenas esse pensamento já o enlouquecia. Oh, por que é que quem quer que se aproximasse de Jesus Cristo tinha sempre que beber desse cálice de sofrimento? De fato, aqueles que foram Seus irmãos, irmã e mãe tiveram que carregar suas cruzes todos os dias. Essas são as pessoas que passaram por grande tribulação.

Que viagem deve ter sido a de Maria, vindo de Nazaré para Hebrom, cheia desses pensamentos. O caminho de Maria levá-la-ia a Jerusalém. Ela deveria atravessar o Monte das Oliveiras quando o sol nascesse e poderia mesmo se ajoelhar no Getsêmani. Ela poderia ter se virado para olhar a cidade ali do Calvário. Que coração pesado ela deve ter levado consigo enquanto caminhava por todas as cenas, enquanto atravessava o monte às pressas! Além de Deus, apenas dois seres sabiam da verdade sobre Maria: um anjo nos Céus e seu próprio coração na terra. E, em virtude disso, ela fugiu para as montanhas de Judá, na esperança de lá encontrar uma antiga familiar sua que poderia ouvir suas palavras e compreender, de alguma forma, a sua situação. Enquanto tropeçava, ébria de tristeza, Maria se lembrava e repetia muitas abençoadas escrituras, de fato muito bem conhecidas por ela, mas pouco compreendidas. "*Entrega o teu caminho ao Senhor; confia nele, e ele o fará. E ele fará sobressair a tua justiça como a luz, e o teu juízo como o meio-dia*" (Sl 37.5,6). "*Tu os esconderás, no secreto da tua presença, dos desaforos dos homens; encobri-los-ás em um pavilhão, da contenda das línguas*"

(Sl 31.20). Tal pavilhão Maria buscou e encontrou por um tempo na afastada e distante casa de Zacarias e Isabel.

É ao encontro de Maria e de Isabel que devemos o Magnificat, o último salmo do Velho Testamento e o primeiro hino do Novo: "*A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegra em Deus meu Salvador*" (Lc 1.46,47). Não conseguimos ingressar em todos os pensamentos de Maria enquanto ela cantava essa música espiritual em maior medida do que ela própria conseguia, naquele momento, ingressar em todos os nossos pensamentos enquanto a cantamos. Isso porque a nobre melodia do Magnificat deve suas mais profundas notas a um tempo que ainda viria. O espírito da profecia Cristã fez com que ela o proclamasse, mas mesmo a mais nobre e completa profecia a respeito do Cristo ficou muito aquém da realização evangélica.

Ela, então, se torna uma alegre virgem que tem uma mãe, ou uma amiga maternal, muito experiente nos caminhos do coração humano, a quem ela pode contar todas as suas ansiedades; uma sábia, terna e vivenciada conselheira. Isabel, para Maria, é como Noemi foi para Rute. Era a Virgem uma órfã, ou a mãe de Maria era o tipo de mulher que fazia com que fosse mais fácil abrir o coração com um estranho do que com ela própria? Fosse um ou outro, Maria encontrou uma verdadeira mãe em Isabel de Hebrom. As duas mulheres passaram juntas muitas horas sagradas debaixo dos terebintos que pendiam sobre a casa isolada do silencioso Zacarias. E, se em algum momento sua fé vacilasse e a questão lhes parecesse impossível, Zacarias, próximo delas, com seus lábios selados e sua mesa de escrever, não era uma testemunha viva da bondade e da severidade de Deus? E, agora, Maria e Isabel vacilavam, refletiam, repreendiam e confortavam uma à outra, rindo como Sara, cantando como Ana, como as mulheres amorosas, confidentes e piedosas fazem.

Por mais doce que fosse ficar em Hebrom, ao lado de Maria e de Isabel, nossos corações são sempre levados de volta a José, em sua inominável alegria. Os ausentes são queridos, da mesma forma como os mortos são perfeitos. E, para José, a imagem querida de Maria se tornou ainda mais querida quando ele não podia ver o seu rosto e ouvir sua voz. Nazaré havia se tornado vazia para José. Na verdade, era pior do que vazia, era uma cidade de sepulcros, onde ele buscava a morte, e não conseguia encontrá-la. Dia após

dia, semana após semana, a miséria de José aumentava, e quando ele ia para a sinagoga, como era seu costume no dia de sábado, isso apenas fazia com que sentisse sua solidão e sua miséria ainda mais. A doce presença de Maria frequentemente fazia com que o santo lugar parecesse ainda mais santo para ele, e a voz dela nos salmos era para ele como a de um anjo cantando. Em um dos sábados em que a exilada Virgem estava em Hebrom, José foi novamente para o santuário de Nazaré em busca de esconder o seu grande sofrimento junto de Deus. E tenho certeza de que esta foi a Escritura apontada para ser lida na sinagoga naquele dia: "*Pede para ti ao Senhor teu Deus um sinal; pede-o, ou em baixo nas profundezas, ou em cima nas alturas. Portanto o mesmo Senhor vos dará um sinal: Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, e chamará o seu nome Emanuel*" (Is 7.11,14). O coração de José foi completamente tomado enquanto ele escutava essa assombrosa Escritura. Nunca o coração ou os ouvidos de um homem escutaram essas maravilhosas palavras como José naquele dia. Então, quando ele se deitou para dormir naquela noite, seu travesseiro pareceu uma pedra sob sua cabeça. Não que ele tivesse sido expulso, mas ele próprio havia expulsado outra pessoa, e ela era a melhor de todas as criaturas de Deus. E, talvez — como ele sussurrava isso para si mesmo à meia-noite — fosse a virgem mãe de Emmanuel! Ele não poderia ter uma mãe melhor. Falando consigo mesmo, José ficou aterrorizado com seus próprios pensamentos, exausto com outra semana de trabalho solitário, envelhecido por tantas semanas de agonia e desespero, então adormeceu. Em seguida, algo foi secretamente trazido a ele, e seus ouvidos receberam um pouco disso. Houve um silêncio, e ele ouviu uma voz dizendo-lhe: "*José, filho de Davi, não temas receber a Maria, tua mulher, porque o que nela está gerado é do Espírito Santo*" (Mt 1.20). Gabriel foi enviado para tranquilizar o coração desesperado de José, para exigir a consumação do casamento desfeito e anunciar a encarnação do Filho de Deus. José se levantou antes do nascer do dia e partiu para Hebrom para trazer sua exilada para casa? Há quem diga que sim. Se ele foi, então os dois homens castigados pelos anjos tiveram seus pensamentos e conselhos alinhados, da mesma forma como as duas mulheres escolhidas. E, quando José falou com Zacarias através da sua mesa de escrever, ele deve ter sentido que a surdez e até mesmo a morte seriam apenas uma leve punição para tamanha falta de fé e crueldade como as dele. Porém,

tudo isso e tudo o que eles passaram desde que o anjo chegou até Zacarias no altar apenas fizeram com que a reunião de José e Maria fosse ainda mais doce e santa, com o velho sacerdote sendo mais que um pai, e Isabel sendo mais que uma mãe.

De minha parte, não conheço nenhum dom da graça ou de virtude que mulher alguma tenha e que eu poderia seguramente negar a Maria. A harmonia divina me compele a crer que tudo o que poderia ser recebido, obtido ou exercitado por qualquer mulher seria garantido de antemão, e sem qualquer medida, àquela que miraculosamente geraria e que íntima e influentemente nutriria e instruiria o Filho de Deus. Devemos dar a Maria seu dever prometido. Não nos devemos permitir ter qualquer tipo de ressentimento contra a mãe do Senhor só porque alguns entusiastas lhe atribuíram mais do que era devido. Não há perigo de exagerarmos na atribuição das virtudes virginais de Maria, de seus deveres e experiências maternais. Ao guiar as pesquisas de Lucas e supervisionar a composição do Terceiro Evangelho, o Espírito Santo ressalta especialmente a profundidade, a piedade e a paz na mente de Maria. Durante a saudação do anjo, ela não desmaiou nem reclamou. Ela não se entregou ao terror por um lado e não tentou fugir, de outro. Mas, como a celestial virgem que era, delineou em sua mente como essa saudação deveria ser. E mais tarde, quando todos que ouviram a respeito disso estavam perguntando-se sobre o testemunho das ovelhas, foi instruído a Maria que ela mantivesse e ponderasse sobre todas essas questões em seu coração. E mesmo assim, mais uma vez, após terem se passado 12 anos, vemos o mesmo evangelista apontando para o mesmo distinto atributo do caráter santo de Maria: "*E eles não compreenderam as palavras que lhes dizia. E sua mãe guardava no seu coração todas estas coisas*" (Lc 2.50,51).

E, novamente, se pudermos aplicar esse certo princípio ao caso de Maria, *"seja-vos feito segundo a vossa fé"* (Mt 9.29), então ela certamente deverá ser coroada como a mãe de todos aqueles que acreditam no seu Filho. Se a fé de Abraão tornou seus filhos todos aqueles que nele acreditava, certamente a fé de Maria permite que ela seja chamada de mãe. Se as palavras do nosso Senhor contêm verdade, de que nenhum trabalho importante pode ser feito onde haja impiedade, se pudermos seguramente concluir que, onde uma obra importante é realizada, existe uma fé que é correspondente e

que trabalha junto dela, então penso que não podemos facilmente subestimar a fé de Maria. E, se esse foi o maior trabalho realizado dentre os filhos dos homens pelo poder e pela graça do poderoso Deus, e se a fé de Maria teve alguma participação nisso, então quão grande fora a sua fé! Isabel a viu com espanto e adoração. Ela viu a incomparável graça que havia recaído sobre Maria, e possuía a humildade e magnanimidade para reconhecê-la. "*Bendita és tu entre as mulheres. Bem-aventurada a que creu, pois hão de cumprir-se as coisas que da parte do Senhor lhe foram ditas*" (Lc 1.28,45). "Bem-aventurada a que creu", disse Isabel, sem dúvida com alguns pensamentos entristecidos a respeito de si mesma e do seu esposo surdo, sentado ao seu lado. "*Bem-aventurado o ventre que te trouxe*", exclamou uma mulher desconhecida, porém sincera, em uma outra ocasião, quando seu discurso lhe traiu, "*e os peitos em que mamaste*" (Lc 11.27). Mas nosso Senhor lhe respondeu, dizendo: "*Antes bem-aventurados os que ouvem a palavra de Deus e a guardam*" (Lc 11.28). E novamente: "*Porque, qualquer que fizer a vontade de meu Pai que está nos céus, este é meu irmão, e irmã e mãe*" (Mt 12.50).

Personagens da Bíblia - Novo Testamento.indd 21 13/11/2021 13:16:33

LXXI. Simeão

Simeão era um dos Setenta[1]. Ele se sentou na Câmara de Jerusalém naquele dia, e coube ao grupo do Velho Testamento, no qual Simeão estava, traduzir o texto do profeta Isaías da língua hebraica para a grega. Tudo caminhou bem durante os seis primeiros capítulos do profeta evangélico. Mas, quando chegou no sétimo, e a este versículo: *"Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, e chamará o seu nome Emanuel"* (Is 7. 14); diante dessa impossível profecia, Simeão jogou fora sua pena e não escreveu mais. "Como poderia ser?", ele exigia saber. E, diante de tudo que ele podia fazer, o ofendido acadêmico não assinou seu nome na passagem de *parthenos*[2], que tanto satisfazia e deleitava todos os demais. Até que, com raiva, ele jogou a pena e foi embora para casa. Porém, à meia-noite, um anjo apareceu para Simeão e disse-lhe: "Simeão, eu sou Gabriel, quem está na presença de Deus. E, veja, você terá que permanecer neste cativeiro até que tenha visto com os próprios olhos o Cristo do Senhor, vindo de uma mulher, até que o filho da virgem possa colocar sua pequena mão sobre seu envelhecido peito e ali soltar seu cordão de prata". E assim sucedeu. E o mesmo Simeão se tornou justo e devoto, aguardando pela consolação de Israel. E ele permanecia no templo esperando, quando seus pais lhe trouxeram o menino Jesus, como era o costume da lei. Ele então pegou o menino em seus braços, louvou a Deus e disse: "*Agora, Senhor, despedes em paz o Teu servo, segundo a Tua palavra; pois já os meus olhos viram a Tua salvação*" (Lc 2.29,30).

Eu posso apenas imaginar o verdadeiro significado e toda a intenção de Simeão quando ele disse, no tempo naquele dia, que seus olhos, que antes aguardavam, viram a Salvação de Deus. Pois naquele dia, assim como nos dias de hoje, a Salvação tem tantos significados quanto tem a mente dos homens. A Salvação tem o significado mais celeste possível para um dos homens e o mais terreno para o outro. Para um dos homens no templo naquele dia, a Salvação de Deus poderia significar ser salvo de César, enquanto

[1] O autor aqui talvez faça alusão ao número de membros do Sinédrio no tempo de Jesus. Os integrantes do Sinédrio Judaico incluía sacerdotes que não exerciam o ofício (N.R.T.).

[2] Termo que significa "jovem", "donzela", "virgem", normalmente associado a Atena na mitologia grega. (N.R.).

para outro poderia significar ser salvo de si mesmo. Para um, era o cobrador de impostos; para outro, era seu próprio coração perverso. E, com tudo o que nos é dito instrutivamente a respeito de Simeão, ainda não é possível que sejamos satisfeitos quanto ao que exatamente o velho santo e erudito nas Escrituras tinha em mente quando dizia que seus olhos tinham visto a Salvação de Deus. Mas não é Simeão e sua salvação que são nossa mensagem no templo nesta noite. Somos nós mesmos. O que, então, é a nossa salvação — a minha e a sua? Quando falamos, escutamos, lemos ou cantamos a respeito da Salvação, o que exatamente queremos dizer? Se é que, de fato, temos algum significado, ou temos a intenção de atribuir algum. "Meu filho" — um dos sacros companheiros de Simeão costumava falar assim com seus estudiosos —, "a primeira coisa que será examinada em você no Dia do Julgamento é a seguinte: qual foi a salvação que você buscou? Para qual salvação você estudou, ensinou, pregou e buscou enquanto você mesmo ainda tinha tempo e estava sobre a terra?" Quão feliz ficará o velho Simeão no terrível dia em que ouvir isso ser lido para ele diante de homens e anjos: *"Este homem era justo e temente a Deus, esperando a consolação de Israel; e o Espírito Santo estava sobre ele"* (Lc 2.25). Disse ele: *"Pois já os meus olhos viram a tua salvação"* (Lc 2.30).

E, por estar cheio do Espírito Santo, Simeão continuou e disse: *"Eis que este é posto para queda e elevação de muitos em Israel"* (Lc 2.34). Assim Ele foi e ainda é em Israel. Existem escolas e sistemas de interpretação das Escrituras, escolas e sistemas de filosofia, e disso e daquilo, nas quais essa profecia dita por Simeão naquele dia continua se realizando. Eles se elevam, permanecem e caem na mesma medida em que recebem ou rejeitam Emanuel. Porém, nossa questão junto da Escritura diante de nós não é a respeito das escolas e dos sistemas de filosofia e teologia, mas, sim, a respeito de nossas almas. O Filho de Maria, então Filho de Deus, tem sido uma pedra na qual tenho tropeçado? Ou tem sido o alicerce deixado em Sião para mim? Para minha eterna salvação e Seu eterno louvor, Ele tem me elevado de todas as minhas faltas e me colocado diante da Sua retidão, como se fosse sobre uma pedra? O próprio Simeão tropeçou uma vez e se machucou diante dessa criança e de Seu grandiosíssimo nome. Contudo, os passos de um bom homem são ordenados pelo Senhor; quem se deleita no caminho d'Ele, ainda que tenha caído,

Personagens da Bíblia - Novo Testamento.indd 24 13/11/2021 13:16:33

não será totalmente abandonado, pois o Senhor segura a mão dele junto da Sua. Agora, Aquele que é capaz de o impedir de cair, e de torná-lo impecável diante da presença da Sua glória com excedente felicidade, eis o único Deus sábio, nosso Salvador.

"*Para sinal que é contraditado" (Lc 2.34)*. Nós nos surpreendemos ao ouvir isso. Ficamos chocados e espantados, dizemos: o que foi que Ele disse ou fez para que pudesse ser contraposto por qualquer homem? Ele fez o exato oposto. Ele fez e falou somente sobre o bem, mas isso não fazia diferença para os homens que falaram tão odiosamente d'Ele. Alguns o fizeram por O ignorarem completamente. Eles nunca O haviam visto, mas o contrapunham em seus vilarejos distantes como se Ele tivesse vindo até eles e cometido alguma grande injúria. E muitos dos que O viam todos os dias falavam rancorosamente sobre Ele simplesmente porque não O compreendiam e não queriam aceitar as dores nem pagar o preço de O compreender e O amar. Alguns, novamente, estavam envenenados contra Ele em virtude do que outras pessoas, e pessoas poderosas, falavam d'Ele; alguns graças à inveja, e outros simplesmente porque haviam começado a falar mal d'Ele e não iriam desistir do que haviam começado. E eles continuaram a assim falar até que fossem levados a chorar, crucificando-O, sem saber o que diziam ou o porquê. Tomem muito cuidado sobre como vocês começam a falar contra qualquer homem, bom ou ruim. Há chance de que, uma vez você tendo iniciado isso, não consiga mais parar. Uma vez tendo iniciado o trabalho do Diabo de falar mal, ele manterá o anzol preso em seu queixo, ele o arrastará, dando-lhe prêmios e interesse pela mentira e pela calúnia, até que uma simples boa palavra dita sobre sua inocente vítima possa exasperá-lo e enfurecê-lo. "Não julgarás", disse nosso Senhor, sentindo amargamente como Ele próprio era mal interpretado. E Albert Bengel comenta isso com seu jeito característico: *sine scientia, amore, necessitate*[3]. "Não falo mal de qualquer criatura", disse Teresa, "por menor que possa parecer. Eu evito, escrupulosamente, todas as abordagens de deterioração. Eu levo essa regra sempre presente comigo, de que não desejarei nem assentirei e tampouco direi de qualquer pessoa o que eu não gostaria que dissessem de mim. Mesmo assim, apesar disso tudo, tenho um relato suficientemente rigoroso para dar a Deus a respeito do

[3] "Sem conhecimento, amor, necessidade", em tradução livre (N.R.).

mau exemplo que sou em alguns outros aspectos. Pois, em um aspecto, o Diabo às vezes me preenche com tamanha raiva e um cruel temperamento — com um espírito de raiva tão perverso e hostil com algumas pessoas — que eu poderia engoli-las e aniquilá-las". Esse era exatamente o caso dos detratores de Jesus Cristo. Eles não possuíam paz em seus corações ou em suas línguas e teriam-No engolido e aniquilado. Esse é o terrível buraco de um mundo para onde nem mesmo o próprio Filho de Deus desceria para fazer o trabalho de Deus sem ser caçado até a morte por más línguas. E, com esse terrível aviso, após 19 séculos da Sua graça e verdade, nenhum homem cuja individualidade, talento e iniciativa para o bem pode, até os dias de hoje, fazer o seu apropriado trabalho sem se tornar um alvo para ser contraposto. Até agora, alguns dos homens mais cristãos dentre nós são aqueles de quem mais se fala e se escreve mal, a ponto de tais discursos e escritas poderem ser interpretados quase como um selo de Deus reconhecendo seus melhores servos e trabalhos. "Para sinal que é contraditado", disse Simeão, enquanto devolvia a Santa Criança para Sua mãe.

Personagens da Bíblia - Novo Testamento.indd 27 13/11/2021 13:16:33

LXXII. Zacarias e Isabel

No alto da colina da Judeia, vivia um certo sacerdote chamado Zacarias junto de sua esposa Isabel. Eles não eram mais jovens, viveram uma existência feliz e longa juntos. A única sombra que já havia pairado sobre a serena e santa vida deles era o fato de não haver crianças na casa deles. Mas tudo isso agora era passado — acontecera há muito tempo e já estava esquecido. *"Porque assim diz o Senhor a respeito dos que escolhem aquilo em que eu me agrado, e abraçam a minha aliança: também lhes darei na minha casa e dentro dos meus muros um lugar e um nome, melhor do que o de filhos e filhas; um nome eterno darei a cada um deles, que nunca se apagará"* (Is 56.4-5). E, ao mesmo tempo em que o Senhor dizia isso para ambos, Zacarias em seu santo ofício disse o seguinte para Isabel: *"Por que choras? E por que não comes? E por que está mal o teu coração? Não te sou eu melhor do que dez filhos?"* (1Sm 1.8). Portanto, o Deus de Israel falava com ambos, e eles falavam um com o outro até que Lucas pudesse registrar isso a respeito de ambos, que eram corretos diante de Deus, caminhando de forma irrepreensível em todos os mandamentos e ordenações.

É chegada finalmente a plenitude dos tempos. É chegado, finalmente, o grande dia em que o Novo Testamento estava predestinado a começar. Zacarias fora a Jerusalém, conforme o seu curso. A sorte sacerdotal novamente fora lançada e recaía sobre Zacarias. Ele é o escolhido de Deus e é chamado a entrar no lugar santo, ministrar sobre o altar e fazer intercessões, de manhã e de tarde, pelos pecadores. Em toda sua longa vida, Zacarias nunca tivera esse impressionante privilégio; apenas uma vez na vida sacerdotal esse grande ofício recaíra sobre qualquer filho de Aarão. Vestido com sua imaculada túnica, com a cabeça coberta e os pés descalços, esse santo homem e escolhido sacerdote desapareceu nas portas douradas do lugar santo. Ao entrar, ele vê o candelabro dourado, a mesa de pães e o altar de incenso. Desse altar erguia-se a sagrada chama acesa no pilar de fogo no deserto, e que vinha queimando sem se consumir desde então. Pegando em suas mãos o recipiente cheio de incenso, Zacarias o derramou sobre o altar do fogo perpétuo, dizendo: *"Suba a minha oração perante a tua face como incenso, e as minhas mãos levantadas sejam como o sacrifício da tarde"* (Sl 141.2). E uma multidão de pessoas do lado de fora orava no momen-

to do incenso. E ali apareceu para Zacarias um anjo do Senhor, à direita do altar de incenso. E, quando Zacarias o viu, ficou confuso e o medo recaiu sobre ele. Porém, o anjo lhe disse: *"Zacarias, não temas, porque a tua oração foi ouvida, e Isabel, tua mulher, dará à luz um filho, e lhe porás o nome de João. E terás prazer e alegria, e muitos se alegrarão no seu nascimento. E converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor seu Deus, com o fim de preparar ao Senhor um povo bem disposto"* (Lc 1.13-14, 16-17). Então, veio o medo, a dúvida e a descrença de Zacarias; então sua surdez e sua mudez; depois a visita de Maria à colina de Judá, onde Zacarias e Isabel se escondiam; então o Magnificat, como o chamamos; depois o nascimento e a circuncisão do filho de Isabel; então a boca de Zacarias se abriu e sua língua se soltou, tudo isso se encerrando com o seu magnífico Benedictus. Um esplêndido prefácio para um esplêndido livro!

"E eram ambos justos perante Deus, andando sem repreensão" (Lc 1.6). Essa é uma excelente demonstração do estilo franco e destemido, senão confessadamente condescendente, das Escrituras Sagradas. As Escrituras Sagradas não têm hesitação em contradizer e tampouco em se embrutecer. Elas falam com todo o seu coração, corajosamente, em cada momento, deixando a reconciliação e a harmonia de sua força e às vezes brilhantes estatutos para aqueles dentre os seus leitores que sentem a necessidade e têm apreço por reconciliação e harmonia. De fato, o bom nome e o irrepreensível caráter de Zacarias e Isabel eram muito conhecidos; Zacarias entre os seus irmãos no sacerdócio, e Isabel entre seus parentes e vizinhos em Hebrom. Ambos eram imaculados. As Escrituras Sagradas dizem isso simplesmente classificando Zacarias e Isabel junto de Abraão, Samuel, Jó, e junto de todos os outros santos do Velho Testamento. E, se esses generosos juízos não são frequentemente atribuídos aos homens e mulheres dos tempos do Novo Testamento, isso se deve a motivos que são muito bem conhecidos a todas as mentes e corações do Novo Testamento. E, se esses nobres tributos concedidos a Zacarias e Isabel nos fazem hesitar e nos condenam, se lemos sobre sua retidão e sua pureza com inveja e desespero; essa inveja e esse desespero nada mais são do que duas das mais finas graças do Novo Testamento, por meio das quais somos levados à retidão e a pureza, que não devem ser economizadas nem condescendentes, mas verdadeiras, perfeitas e duradouras. Em resumo, sobre

essa retidão e essa pureza, um dos apóstolos do Novo Testamento profetiza com estas palavras reconfortantes: *"Mas nós, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça. Por isso, amados, aguardando estas coisas, procurai que dele sejais achados imaculados e irrepreensíveis em paz"* (2Pe 3.13,14). Bem-aventurados são os que têm fome e sede de justiça, pois eles serão satisfeitos.

E o anjo disse a ele: *"Zacarias, não temas, porque a tua oração foi ouvida"* (Lc 1.13). Se o anjo tivesse chegado com essa resposta 40 anos antes, teria sido bem-vindo e bem recebido tanto por Zacarias quanto por Isabel. Porém, ele chegara tarde demais. "Não", disse Zacarias; "Não, é tarde demais. O momento passou há muito tempo. Isso é impossível, totalmente impossível. E, na verdade, que o Senhor não se enfureça, nem é mais desejável". Por muito tempo, Zacarias havia orado por um filho. E há muito tempo ele havia cessado essa oração. Milhares de vezes ele havia dito que o Ouvinte das suas preces não estava ouvindo nem respondendo à sua impaciente súplica. Há muito ele já vira alguns bons e suficientes motivos pelos quais ele e Isabel deveriam terminar seus dias juntos. E, mesmo que ainda fosse possível, Zacarias não estava disposto a ser levado de volta, naquele momento do dia, a todas as ansiedades, incertezas, responsabilidades e perigos que havia deixado há tanto tempo para trás. "Minhas preces não devem ser ouvidas", Zacarias disse para si mesmo no passado. "Que eu possa direcionar minhas preces e olhar para coisas ainda melhores, mais certas, mais constantes e satisfatórias. Que seja feita a vontade do Senhor", fora há muito dito. Contudo, para a confusão de Zacarias, suas preces foram ouvidas o tempo todo! Todos esses longos anos passados em oração e em espera, e até quando ele parou de orar e se virou para outras coisas, a todo momento a resposta de Zacarias estava pronta diante de Deus, apenas aguardando o melhor momento para ser enviada. Então orem, todos vocês, Povo de Deus, que estão preteridos, decepcionados e empobrecidos. Orem e não desistam. Orem, pois a oração é muito melhor que a resposta. E, além disso, sua resposta pode já estar pronta, como estava a de Zacarias. Contudo, as preces e as providências das outras pessoas podem estar tão misturadas com as suas que você terá que esperar até que as preces e as providências deles estejam tão maduras e prontas quanto as suas. O

navio mais rápido na frota britânica tem que esperar o mais lento, e isso explica o motivo pelo qual a boa embarcação não é levada para a batalha, e sim deixada em casa para se ancorar com seu espólio completo e apropriado. Zacarias e Isabel estavam prontos há muito tempo. Mas tanto Maria quanto José não estavam; eles ainda eram nada mais do que iniciantes na fé e na oração, na justiça e na pureza. E graças a isso é que, sem que soubessem o motivo, Zacarias, Isabel e João Batista tiveram que esperar na colina de Hebrom até que José e Maria estivessem prontos para a predestinação divina e para suas preces em direção ao norte de Nazaré.

Então, Zacarias e Isabel se esconderam na colina pelos próximos cinco meses. Olhe para eles. Olhe para Zacarias com sua mesa de escrever, e para Isabel com sua agulha. Nem uma palavra foi trocada entre eles em todo esse tempo, apenas sorrisos e lágrimas. O que vocês imaginam que Zacarias estava fazendo durante todo esse tempo, sem um altar para ministrar, sem vizinhos com quem conversar, sem, de fato, uma língua com a qual pudesse falar? "Eu não tenho livros", disse Jacob Behmen, "mas eu tenho a mim mesmo". E Zacarias tinha a si mesmo. Zacarias tinha a si mesmo e à esposa e sua juventude, que também era a luz dos seus olhos: ele tivera a si mesmo e a todos os anos passados em prece, espera, resignação e paz de espírito. Então ele tivera essas últimas esmagadoras semanas também. Você ainda se questiona o que Zacarias estava fazendo durante todo esse tempo? Seu Novo Testamento tem uma extremidade com leituras? Se você prestar atenção, suas instrutivas margens lhe dirão as exatas Escrituras sobre as quais Zacarias passou seus dias e noites no tempo silencioso no Hebrom. Tudo o que você precisa fazer é, algum dia, quando estiver interessado, consultar a margem sobre a música profética de Zacarias, e isso será tão bom quanto olhar por cima dos seus ombros na mesa de escrever. Será tão bom quanto caminhar a sós com ele enquanto ele anda pelas pedras do poder do sol da Judeia para refletir, louvar e orar por Isabel, por ele mesmo e pelo filho que não nascera.

Zacarias e Isabel estavam sentados a sós com seus próprios pensamentos um dia, quando a própria Virgem Maria bate em sua porta após atravessar todo o caminho vindo de Nazaré. Lucas lança mão de sua melhor pena quando Isabel e Maria abraçam uma à outra. Ele ouvira isso tudo muito depois de uma testemunha que

viu e ouviu, de modo que temos certeza sobre tudo o que aconteceu naquele dia na casa de Zacarias em cima da colina. Com o abraço e a autoridade de uma profetisa, Isabel saúda Maria e diz: *"Bendita és tu entre as mulheres, e bendito o fruto do teu ventre. E de onde me provém isto a mim, que venha visitar-me a mãe do meu Senhor?"* (Lc 1.42,43). Que dia! Que dispensação! Que encontro! Que hospitalidade! Que predestinação recaía sobre aquele teto! Que insondáveis riquezas! Que grandes e preciosas promessas! Que orações! Que salmos! Que riso! E que lágrimas! Então Maria disse: *"A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegra em Deus meu Salvador"* (Lc 1.46,47). E Maria residiu com Isabel por cerca de três meses, então retornou para sua casa.

E ocorreu que no oitavo dia os vizinhos e as primas de Isabel vieram para a circuncisão do seu filho; e eles o chamaram de Zacarias, por causa do nome de seu pai. Porém, sua mãe lhes respondeu dizendo: "Não, ele deverá ser chamado João", que quer dizer a "Graça Divina". E eles disseram para ela: "Mas não há ninguém na sua linhagem que seja chamado por esse nome". E eles fizeram sinais para o seu pai, pedindo que ele escrevesse como ele queria que a criança fosse chamada; ele pediu a mesa de escrever e pôs "seu nome é a Graça Divina". E eles ficaram chocados. Eles se chocaram porque era um novo nome para eles, e os ofendia ouvi-lo. Para eles, parecia um nome estrangeiro e ininteligível. Eles nunca haviam orado por um filho ou por qualquer outra coisa, nunca foram visitados por um anjo, nunca se haviam escondido por cinco meses. Seus maridos nunca foram castigados com a surdez e a mudez por causa de suas dúvidas. Nenhum bebê fora colocado em seu ventre por terem sido preenchidos do Espírito Santo. Não. Ninguém de toda a sua linhagem fora alguma vez chamado por um nome tão estranho. Pais e mães de crianças recém-nascidas, sejam como Isabel e Zacarias ao escolherem o nome dos seus filhos. Sejam corajosos, se necessário, ao nomearem suas crianças. Sejam originais e independentes ao nomearem suas crianças. Sejam verdadeiros, sejam gratos, sejam crentes. Tenham esperanças e certezas. Não tenham medo de escrever um nome completamente novo na Bíblia de sua família. Às vezes, voltem para seus verdadeiros ancestrais, não apenas os de carne e osso. Não busquem mais testamentos nas águas do batismo. Ou, se for para buscar um testamento, então se

assegurem, tanto quanto o nome permitir, que o filho de vocês seja um herdeiro de Deus e coerdeiro do Filho d'Ele. Dê a seu filho o nome de tudo o que Deus fez por sua alma. Nomeie-o como a alguns dos segredos que o Senhor tem com você. Nomeie-o como alguma coisa que Deus lhe mostrou vinda de sua Santa Aliança. Isabel foi muito corajosa, ela deu a seu filho um nome que não era igual ao de homem algum na terra, mas, sim, igual ao do próprio Todo-Poderoso nos Céus. E seu marido Zacarias estava unido a ela em pensamento nisso, tão logo ele pegou sua prancheta de escrever em mãos. O Deus de toda a Graça, portanto, se tornou Padrinho e Pai Nominal do único filho de Isabel, que dela nascera tão fora do tempo ordinário. Isabel e Maria passaram juntas três meses depois da visita de Gabriel para elas. E, durante esses três meses — manhã, tarde e noite —, quando elas conversavam, era sobre nada além do anjo, das suas visitas e suas mensagens. E, dentre as outras coisas, sobre as quais elas pouco falavam uma com a outra, mais sussurrando consigo mesmas, estava o nome que dariam aos seus filhos ainda não nascidos. "Emanuel" e "Jesus Cristo"! Maria sussurrava consigo mesma, com um espanto e admiração crescente diante dessas maravilhosas palavras. Ao mesmo tempo, a "Graça Divina" era o segredo santo de Isabel. E então, como essas duas crianças nasceram, como foram criadas, como foram justificadas, preenchidas e adornadas com seus novos e inéditos nomes, deixemos Lucas e seus companheiros evangelistas dizerem. E eles lhe dirão, para começar, como João — a Graça Divina — cresceu e se fortaleceu em espírito, e esteve nos desertos até que chegasse o dia de se mostrar a Israel.

Personagens da Bíblia - Novo Testamento.indd 35 13/11/2021 13:16:34

LXXIII. João Batista

"Que tipo de criança deverá ser!", era a exclamação de todos da colina da Judeia a respeito do nascimento de João. A idade avançada de Zacarias e de Isabel; o recado celeste de Gabriel; a surdez em detrimento de Zacarias e as coisas estranhas que ele escrevera em sua prancheta; tudo isso fazia com que todos que ouvissem falar dele exclamassem: "Que tipo de criança, pensamos, que João, filho de Zacarias e de Isabel, deverá ser!" E todos os modos, caráter e obras da infância, da juventude e da maturidade de João, até o dia de sua morte, se mostraram suficientemente maravilhosos para satisfazer o amor maravilhado dos vizinhos de Isabel, tanto em Jerusalém quanto em toda a Judeia.

João permaneceu nos desertos até que chegasse o dia de ser apresentado a Israel, como nos conta Lucas. E, a partir de Lucas e de outras fontes seguras, podemos tão bem ver João pelos primeiros 30 anos de sua vida em retiro quase como se nós mesmos tivéssemos vivido no deserto ao lado dos seus desertos. Pois vocês devem sempre se lembrar disso a respeito de João, que ele esteve no deserto, convivendo com feras selvagens, até por volta dos seus 30 anos. Ele esteve naqueles terríveis desertos que ficam ao redor do Mar Morto. João vagueou, jejuou e orou para cima e para baixo, onde Sodoma e Gomorra uma vez estiveram, até que o Senhor fizesse chover fogo e enxofre sobre todos os habitantes da cidade e sobre tudo o que crescia sobre o chão. E João estava vestido com pelo de camelo, com um cinto de couro em torno de sua cintura, e comia gafanhotos e mel silvestre. Um homem terrível. Um homem para não se aproximar. Os mineradores de betume, que todos temiam, tinham medo de João, que, quando os visitava em seus esquálidos estabelecimentos, fazia com que parecessem sérios e civilizados. Não era que João fosse um misantropo. Ele era o oposto disso. Era porque os outros homens eram misantropos, eram odiosos e odiavam uns aos outros, que João não suportava viver entre eles, fosse na Judeia ou em Jerusalém, fosse em Sodoma ou Gomorra. Você lê e interpreta João equivocadamente se pensa que a misantropia ou a melancolia eram o que lhe faziam quem ele era. Era simplesmente a profunda e extraordinária intuição de João a respeito da lei santa

de Deus que o tornava um monástico do jejum, da autoflagelação e da prece.

Antes de seu pai Zacarias morrer, e enquanto Isabel viveu, João ouvia coisas como estas nos lábios de louvor de sua família todos os dias: "O Senhor deverá depositar n'Ele as iniquidades de todos nós. Ele deverá ser golpeado, afligido e ferido por Deus. Sua alma será transformada em uma oferta para o pecado". Era por meio de coisas como essa que Isabel criou seu filho enviado dos Céus, até que, em alguns momentos, parecesse a ele, em sua solidão de alma e agonia de coração, que fora feito de pecado e nada mais além de pecado. E, de fato, de algum modo, João chegou mais perto de ser transformado em pecado do que qualquer mortal já chegara por meio de alguma experiência paralela. João era o homem dos sofrimentos até que o verdadeiro Homem dos Sofrimentos chegasse. Todos os apetites do corpo de João e todas as afeições da sua mente e de seu coração estavam embriagados e tomados pelo fogo consumidor de sua insaciável consciência. Se todo sinal, sentido e consciência do pecado repentinamente fosse extirpado de Israel naquele dia, isso aconteceria apenas no coração dos outros homens, de modo a enfurecer, como um poço sem fundo, o grande e partido coração do substituto filho de Isabel. E por isso os ladrões correram e se esconderam entre as pedras quando viram dentre as pedras da colina aquele terrível homem pairando sobre a cidade e exclamando: "Ó Jerusalém! Jerusalém! Como você tolerará o dia da Sua vinda? Pois, veja, esse dia queimará como uma fornalha. O grande e terrível dia, quando todos os que cometem perversidades se transformarão em palha!" Um homem só. Um homem único. Um grande homem. *"Nunca até então homem mais grandioso nascera de uma mulher", disse Ele, que conhecia todos os homens. "Que fostes ver no deserto? uma cana agitada pelo vento?"* (Mt 11.7). Aquele que dizia nunca ter sorrido disse algo. Eu O vejo sorrir quando diz: "Um homem ricamente vestido! Não, nada disso. E nada de cana; e também nada a ver com as finas vestes que eles colocam sobre as casas dos reis!"

E então, de um estudante das divindades como esse, após 30 anos de um currículo e provações como essas, que tipo de pregação vocês iriam à igreja procurar? Um cão mudo que não pode latir? Um capelão bom de garfo? Uma coisa macia, de vestidos, faixas e

mangas de algodão? Um candidato ao presbitério e a um ordenado? *"Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira que está para vir? Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento. E também já está posto o machado à raiz das árvores; toda a árvore, pois, que não dá bom fruto, corta-se e lança-se no fogo. Quem tiver duas túnicas, reparta com o que não tem, e quem tiver alimentos, faça da mesma maneira. A ninguém trateis mal nem defraudeis, e contentai-vos com o vosso soldo. Esse vos batizará com o Espírito Santo e com fogo. Ele tem a pá na sua mão; e limpará a sua eira, e ajuntará o trigo no seu celeiro, mas queimará a palha com fogo que nunca se apaga"* (Lc 3.7-9, 11, 14, 16-17). O maior pregador da geração passada, ao falar para uma congregação de jovens pastores, disse o seguinte para eles: "Aquele que tem diante do olho de sua mente estas quatro últimas coisas terá a verdadeira dedicação. Ele terá o horror e o êxtase daquele que testemunha um incêndio. Sua expressão, seus modos e sua voz falarão por ele na mesma medida em que sua visão estiver vívida e precisa.

A fronte deste homem, como a capa de certos livros,
Fala de tragédia.
Tremes; mais apta que tua língua,
A palidez do rosto me diz o teu recado.

Com a mesma seriedade, na ordem sobrenatural, que é a eloquência dos santos; e não apenas dos santos, mas de todos os pregadores Cristãos, de acordo com a medida do seu amor e da sua fé".

Mas por qual motivo, eu me pergunto, o precursor podia se contentar em viver todos os seus dias como nada mais que um precursor? Por qual motivo João não abandonou o seu ministério de acusação e condenação? Por que ele não repousou e assumiu, ele próprio, o ministério da reconciliação? Quando ele disse aos seus discípulos: "Vejam o Cordeiro de Deus!", por que o Batista não foi, ele próprio, junto de André e os outros e se tornou primeiro um discípulo e depois, no seu devido tempo, um apóstolo de Jesus Cristo? O filho de Zacarias teria sido um filho do trovão melhor do que ambos os filhos de Zebedeu juntos. Por que, então, João não deixou

o deserto e o Jordão, e seguiu o Cristo? Bem, para começar, ele não conseguia evitar. Jesus não chama a João mais do que chamou a seu próprio irmão Tiago. "Vão vocês", diz João para André, Pedro, Tiago e João, filhos de Zebedeu. "Vão vocês. Eu não sou digno de estar sob o mesmo teto que Ele. Permanecerei onde estou. Eu trabalharei no Jordão, pregarei o arrependimento, e Ele lhes ensinará a prece do perdão. O Reino dos Céus se aproxima, porém eu não viverei para vê-lo. Eu não viverei para ver o Tabor, o Calvário, as Oliveiras e o Pentecostes, como vocês. Ele e vocês, Seus discípulos, deverão crescer, mas eu devo diminuir". João era um grande homem e um grande pregador, mas, como é costume dizer, nunca pôde escapar do sétimo dos Romanos.

João Batista, como muitos outros homens evangélicos, estava bastante sufocado pela vida na lama do desânimo. "És tu Aquele que deveria vir, ou devemos esperar por outro? Por que, então, comes e bebes com os Escribas e Fariseus, e me deixas aqui nesta prisão de Herodes e suas meretrizes? Por que tu comes, bebes e transformas água em vinho para casamentos? Certamente, na verdade, todos os bons servos de Deus deveriam vestir-se de sacos e cinzas, lamentando-se em apartado, deixando suas famílias e esposas. És tu Aquele que deveria vir, ou devemos esperar por outro?" Sim, esse é o Elias que voltou. *"Tenho sido muito zeloso pelo Senhor"* (1Rs 19.10), reclamou Elias na caverna de Horebe. "Fui deixado, e eles me buscam vivo. *'Já basta, ó Senhor; toma agora a minha vida, pois não sou melhor do que meus pais"* (1Rs 19.4)". O Deus de todo o conforto era grato a Elias, a João e à lama do desânimo! Eles foram todos escritos para nossa censura, para nosso aprendizado e para nossa certeira consolação. Se essas coisas não tivessem sido escritas, nós viraríamos as costas para nossa Bíblia em desespero, dizendo: "Esses homens são gigantes e santos. Não são homens de paixões como nós. Pois", como somos frequentemente tentados a reclamar, "por que o Reino de Deus está demorando tanto para vir? O que o impede, se o Cristo está sentado em Seu trono e tem todas as coisas em Suas mãos? Por que Ele não irrompe em minha casa-prisão e reforma a minha causa? Por que minha santificação foi tão postergada?" *"Ide, e anunciai a João o que tendes visto e ouvido: que os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres anuncia-se o evangelho.*

E bem-aventurado é aquele que em mim se não escandalizar" (Lc 7.22,23). Aquele que crê, que tem esperanças contra todas as esperanças e que persevera até o fim, apenas ele será salvo.

Contudo, de longe a melhor coisa que o Batista já disse ou fez foi o que ele disse para os seus invejosos discípulos: *"O homem não pode receber coisa alguma, se não lhe for dada do céu. Aquele que tem a esposa é o esposo. É necessário que ele cresça e que eu diminua"* (Jo 3.27,29,30). Eu preferiria dizer que tive a Graça vinda de Deus do que dizer que fui o mais grandioso homem nascido de uma mulher. Pois aquele que pensa, diz e faz uma coisa como essas não é nascido do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade dos homens, mas de Deus. E, mesmo assim, quando me aproximo disso e olho em sua face, essa grande declaração do Batista não é, de modo algum, tão inalcançável quanto imaginei ser à primeira vista. Eu mesmo poderia ter dito e feito tudo o que João disse e fez naquele dia. Isso quer dizer, estava eu nas suas exatas circunstâncias? Pois quais eram suas exatas circunstâncias? Eram estas, e muito mais do que estas. João havia bebido da Filiação e do Messiado de Jesus de Nazaré por meio do leite de sua mãe. E ele fora criado em todos os seus dias no mesmo tutano dos leões. Podem ficar muito certos de que sua mãe, Isabel, assim como seu pai, Zacarias, não partiram em paz até que tivessem repetido várias e várias vezes para seu filho precursor cada sílaba do que eles tinham para lhe dizer. E por isso é que, durante 30 anos inteiros, João nada fez além de esperar pelo Messias. João não pensava em mais ninguém, não falava de mais ninguém que não o Cordeiro de Deus, durante esses eternos anos. E é por isso que, quando Jesus de Nazaré veio até o sul do Jordão para ser batizado por João, o Batista protestou e se recusou, dizendo: "Eu é quem preciso ser batizado por Ti". Não, não havia nada tão grande ou tão bom no modesto discurso de João para seus discípulos. O homem mais invejoso do mundo não inveja um leão, uma águia ou um anjo. Um pedinte não inveja um rei. Ele tem inveja apenas do seu vizinho pedinte, cujos bolsos estão cheios de moedas e pão durante a noite. A bagatela inveja a bagatela. E, quanto mais teologia estava contida no primeiro grande discurso de João, "Vejam o Cordeiro de Deus", menos moralidade havia no segundo, "É necessário que ele cresça e que eu diminua". João não invejava o Filho de Deus! Mas Jesus foi um simples carpinteiro de Nazaré, primo

distante de João, e se tornou de repente um pregador popular entre todos os homens, atrás de quem todos os discípulos batizados de João iam. Tivesse João, nesse caso, dito tudo isso a respeito de seu próprio decréscimo, eu desceria ao chão e beijaria seus pés.

Fui certa vez levado a pregar em Clackmannan, onde a maioria das pessoas estava pronta para que eu me tornasse seu ministro, mas alguns dos que detinham grande poder estavam contra mim, como comumente acontecia comigo em lugares em que eu costumava pregar. Na tarde do sábado, uma carta chegou em minhas mãos, solicitando que eu entregasse metade do dia para um principiante, em quem aqueles que estavam contra mim estavam de olho. Nessas circunstâncias, vendo o perigo que eu corria diante de um olhar perverso, eu me comprometi a manter meu coração junto do Senhor, para poder ser ajudado a lidar com isso equilibradamente. Ele teve a manhã, como desejavam seus amigos. Eu fui, como esperava, terrivelmente assediado pela tentação. Quando cheguei em casa, vindo da igreja, meu coração estava em estado tão enraivecido por causa daquilo, que eu o confessei perante o Senhor, horrorizando-me comigo mesmo e apelando para a onisciência de Deus que eu preferiria ter agido de outra forma. Enquanto eu estava reclamando sobre o quanto Satanás me havia subjugado, trazendo à tona muitas impurezas de meu coração, veio à minha mente: "Mas eu orei para que minha fé não falhasse". E então, durante a tarde, depois dos trabalhos, enquanto eu me sentava refletindo sobre o dia, eu propus a seguinte questão para mim mesmo: eu teria, nessa porção, satisfeito ao Cristo, mesmo que não houvesse um Inferno do qual eu pudesse ser salvo? E minha alma respondeu que sim! Supondo, de outra sorte, ficaria eu contente com o Cristo, ainda que por causa disso eu perdesse o crédito e a reputação, vendo outros homens ficarem à minha frente, deparando-me com muito mais problemas e julgamentos por causa d'Ele? E minha alma respondeu que sim! Esse foi o último sermão que preguei em Clackmannan, pois eu estava indo embora do país. E nenhum dos dois pregadores daquele sábado era a pessoa que Deus havia designado para aquele púlpito.

"Aquele que tem a esposa é o esposo." (Jo 3.29)

Personagens da Bíblia - Novo Testamento.indd 43 13/11/2021 13:16:34

LXXIV. Nicodemos

Tenho certeza de que não era a primeira vez que Jesus de Nazaré e Nicodemos de Jerusalém se encontravam. A repentina e acentuada forma como nosso Senhor recebeu as cautelas diplomáticas e as civilidades do velho e cauteloso governante, e cada palavra de toda a conversação subsequente, sem dúvida, tenho certeza de que foi precedida de algum encontro prévio. O encontro deve ter acontecido da seguinte forma:

Nicodemos era uma das mais velhas e mais honradas lideranças daquela descomunal delegação enviada a Betabara[4] pelas autoridades do Templo, para inspecionar as pregações do Batista e reportar todo aquele movimento. "Quem é você?", exigiu saber Nicodemos. "Eu não sou o Cristo", respondeu o Batista. "Por que, então, você os batiza?" "Eu de fato os batizo sob as águas do arrependimento, porém, uma vez que o Cordeiro de Deus tenha retirado os pecados do mundo, Ele o batizará, quando você for a Ele, com o Espírito Santo." E tivesse apenas estado sozinho naquele dia, não há como dizer o que Nicodemos teria dito ou feito naquele ponto. Ele estava extremamente impressionado com tudo o que vira e escutara no Jordão. Mas ele não estava livre, não se sentia livre e capaz de agir de acordo com o que sua consciência dizia que ele devia imediatamente fazer. Ele estava na chefia da embaixada de inquisição daquele Templo, e não podia simplesmente se desvencilhar dos deveres, das responsabilidades e dos obstáculos do seu ofício. Ele e seus colegas àquela altura já haviam visto e escutado mais do que eles bem saberiam dizer ao Templo a respeito de tudo aquilo. Então, de acordo, felizes em deixar Betabara, eles tomaram suas carruagens e partiram para Jerusalém, compilando durante todo o seu caminho para a casa seu perplexo e insatisfatório relato a respeito de João e, especialmente, a respeito de Jesus de Nazaré.

O terceiro capítulo do Quarto Evangelho é, de muitas formas, um capítulo absolutamente clássico. Nesse terceiro capítulo, o quarto evangelista nos introduz a uma sala de inquisição, como assim podemos chamá-la, na qual nosso Senhor é o diretor e o conselheiro das almas, e onde Nicodemos é o interrogado e o convertido. Desde quando vira a cena de Jesus de Nazaré ser batizado por João,

[4] Há dúvidas se a cidade seria Betabara ou Betânia (N.R.T.).

emergindo das águas, Nicodemos não havia dormido uma noite inteira sequer, tampouco passado um só dia sem remorso e medo. E, em virtude disso, ele saiu furtivamente da cidade naquela noite, determinado a se encontrar em segredo com aquele misterioso homem. Eu não lhes posso relatar o estado de espírito de Nicodemos quando ele desceu sobre Betânia na escuridão daquela noite. Para vocês, Jesus de Nazaré é o Filho de Deus, seu Salvador, Senhor e Mestre. Mas, para Nicodemos, naquela noite Jesus era... Nicodemos vacilava e ficava paralisado, com medo de se permitir pensar sobre quem e o que Jesus de Nazaré era, ou poderia vir a ser. *"Rabi, bem sabemos que és Mestre, vindo de Deus"* (Jo 3.2). Contudo, a forma repentina e cortante como foi respondido tirou o fôlego do velho regente: *"Aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus"* (Jo 3.5). Para mim, essa é a mais extraordinária e impossível alucinação. Toda a minha mente, imaginação, coração e consciência teriam que ser demolidos e construídos novamente com uma estrutura completamente nova; toda a minha experiência, observação e estudo de todas essas coisas divinas teriam que ser viradas de cabeça para baixo antes que eu pudesse, possivelmente, crer no que é chamado de "regeneração pelo batismo". Não! Não existe esse tipo de coisa. Quem quer que diga isso, e por mais que diga por muito tempo, de forma erudita e solene, creiam em mim, não existe tal coisa. Não poderia existir. E, certamente, não existe qualquer doutrina ou preceito materialista, mecânico, imoral ou não espiritual nisso. Contudo, em seu lugar, existe uma doutrina e um preceito divino que derrubam o coração enganado de Nicodemos, abrindo-o para a luz do dia. Se nossos mestres de Israel não soubessem o que nosso Senhor apontou quando disse "água" com tanta ênfase, Nicodemos poderia ter lhes contado. E, se Nicodemos tivesse apenas sido corajoso o suficiente, se tivesse apenas tido a bravura necessária para uma boa causa, tivesse ele apenas entrado nas águas do Jordão ao lado de Jesus de Nazaré, ele seria até agora contado ao lado de Pedro, Tiago e João como um dos apóstolos do Cristo. E teríamos uma epístola de Nicodemos aos Fariseus, e nela estaria a saída para toda essa conversação sobre como é impossível qualquer homem pregar a regeneração a partir da água. Contudo, Nicodemos perdeu essa grande oportunidade, e tanto ele como toda a Igreja do Cristo se tornaram terríveis perdedores graças a esse desunido e desatado dia. Nicodemos, sendo o governador de

Israel, não estava pronto para encarar tamanha perda de reputação, assim como outras coisas que teriam imediatamente recaído sobre ele no dia em que fosse publicamente batizado. E, enquanto se deitava e se agitava em sua cama, em todas as noites depois de Betabara, ele pensava que ao menos havia firmado um meio-termo, cujos passos eram suficientes para se aproximar do professor vindo de Deus, ou o que quer que Ele fosse, sem necessariamente romper com o Templo, suas honras e emolumentos. Mas não há como enganar o Cristo, pois não nos foi dito, pouco antes de Nicodemos bater na porta de Marta, que Jesus conhecia todos os homens e sabia o que estava em todos eles? E é devido a isso que Nicodemos mal havia movido os lábios para fazer seus ensaiados cumprimentos ao nosso Senhor, quando novamente se deparou com aquela terrível "água", que o vinha assombrado, como um espírito acusador, desde quando ele não mergulhou nela em Betabara. Nicodemos estava pronto, preparado para a sua regeneração e para sua primeira entrada no Reino dos Céus, e estava apenas a um pequeno passo dos seus portões no Jordão, mas aquele passo era muito tortuoso e dolorido para Nicodemos dar. Ele vira a pérola e sabia algo sobre o seu valor, mas não conseguia convencer-se a entregar todas as suas posses e pagar o preço. Nas palavras do nosso Senhor, que Ele estava sempre repetindo, Nicodemos não tinha a força de espírito e de coração para tomar a sua cruz e nascer de novo. Ele não podia ser batizado — não para a regeneração, pois não existe esse tipo de batismo — no arrependimento evangélico e na perda de todas as coisas. E é por isso que nosso Senhor, com toda a Sua afabilidade, não ingressou em uma intimidade mais próxima ou confidente com Nicodemos, até que ele tivesse ido até João no rio Jordão. Havia milhares de coisas que impediam Nicodemos de ir até o batismo de João na sua idade e no seu ofício, e nosso Senhor via e compreendia cada uma delas. Contudo, o rei do Reino dos Céus que Ele era naquela noite em Betânia, nem mesmo Ele podia fazer com que a porta do reino fosse um palmo a mais aberta, ou um átomo mais leve, do que já estava na saída de Betabara. "Não!", disse nosso Senhor a Nicodemos, enquanto ele permanecia lutando nas redes de seu velho coração e vida durante toda a noite. "Não precisamos mais conversar sobre minhas grandes obras ou sobre seu renascimento. Sabe bem o seu dever em toda essa questão, melhor do que eu poderia dizer. João lhe disse, e você não o aceitou. E não

posso fazer mais por você, dispensando-o de seu primeiro dever. E pode partir nesta noite, novamente deixando seu imediato dever descumprido; contudo, guarde minhas palavras: até o dia de sua morte, não haverá para você outro caminho para um novo coração e uma nova vida que não ir até as águas do Jordão e ser batizado por João, diante de toda a Judeia e de Jerusalém, vindo então até Mim, para ser Meu discípulo". Nicodemos, um líder cego de homens cegos, sempre teve como garantido que, quando o reino de Deus descesse sobre Israel, ele seria levado para se sentar em um dos seus mais elevados assentos. Nunca havia passado por sua cabeça, branca como a neve, duvidar por algum momento de que ele estaria sentado em um trono, à direita do Messias. Imagine, então, que repentino tapa na cara foi para Nicodemos ouvir, e ouvir do próprio Messias, que ele não tinha qualquer parte ou sorte naquele reino, tampouco poderia ter, a menos que fosse batizado no Jordão, confessando seus pecados diante da escória da cidade.

Ao mesmo tempo, naquela noite Nicodemos estava atrás de Jesus na casa de Marta, e não no Jordão buscando João Batista. E Jesus Cristo não abriu a porta e mandou Nicodemos embora, como João Batista teria certamente feito. Muito pelo contrário. Nosso Senhor, com a máxima ternura pelo enganado e angustiado velho, teve paciência de repetir-lhe todas as melhores pregações de João, acrescentando algumas das suas melhores pregações também, a todo momento, da sua modo mais atraente e cativante. João escarnecera da orgulhosa linhagem de Abraão que Nicodemos tinha, ao passo que Jesus se contentou em simplesmente dizer a Nicodemos que ele deveria nascer da água e do Espírito. João havia chamado os representantes do Templo de geração de víboras; e, ao mesmo tempo em que Jesus não se retratou e tampouco pediu desculpas por uma sílaba sequer do que seu precursor falara com franqueza, Ele amenizou sua forte linguagem de alguma forma, sob a sacra e evangélica tipologia da serpente no deserto. Então, a partir disso, ele continuou a honrar e ganhar Nicodemos com essa passagem dourada: *"Importa que o Filho do homem seja levantado"* (Jo 3.14). Essa dourada passagem foi certamente a salvação de Nicodemos naquela noite, assim como tem sido desde então a salvação de muitos pecadores. Então, enquanto ele apertava a mão de Nicodemos e o galo cantava no quintal de Martha, Jesus disse para Nicodemos,

com um olhar e de uma forma que o velho governante nunca pôde esquecer: *"Mas quem pratica a verdade vem para a luz, a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque são feitas em Deus"* (Jo 3.21). João, nosso evangelista, esteve presente durante toda aquela noite e escreveu também esse capítulo do livro para que pudéssemos crer que Jesus era o Cristo, o Filho de Deus, e que crendo poderíamos ter uma vida através de Seu nome. E esse evangelista, depois desse memorável dia em Betabara, e da igualmente memorável noite e manhã em Betânia, nunca perdeu Nicodemos de vista. E por isso lemos no sétimo capítulo de João: *"Nicodemos disse-lhes: porventura condena a nossa lei um homem sem primeiro o ouvir e ter conhecimento do que faz?"* (Jo 7.50,51). Então, quando lemos o 19.º capítulo, chegamos ao seguinte: *"E foi também Nicodemos (aquele que anteriormente se dirigira de noite a Jesus), levando quase cem arráteis de um composto de mirra e aloés"* (Jo 19.39).

Agora que vi que não haveria resposta para mim até que eu tivesse alcançado a completa pureza de consciência e não houvesse qualquer iniquidade sobre meu coração. Vi que existiam algumas afeições secretas ainda em mim, as quais, ainda que não fossem tão más por si só, em uma vida de oração, como a que eu estava então buscando, esses afetos remanescentes certamente estragariam tudo. É simplesmente assim. Assim foi com Teresa, com Nicodemos, com você e comigo. Certamente não seria tão ruim, por si só, que o Nicodemos se permitisse ser colocado na liderança da embaixada daquele Templo de inquisição do Batista. Certamente não seria tão ruim, por si só, que Nicodemos, uma vez assim estabelecido, mantivesse as aparências para seus colegas, ainda que isso significasse fazer algo às custas e injuriando João. Não era um grande crime, certamente, que Nicodemos cedesse à fortíssima pressão para que colocasse seu nome no relatório de certa forma hostil escrita pelos seus colegas menos escrupulosos do Templo. E com certeza apenas seria bom, para crédito de Nicodemos, que ele fosse para a Betânia no horário mais conveniente para um governante dos judeus. E certamente não é tão ruim em você mesmo — pois todos fazem isso — adquirir um certo desgosto por algum homem ou movimento contra o qual você bem sabe nada ter contra. Certamente não é o bastante para custar, no fim, a perda de sua alma pensar primeiro nas suas perspectivas de vida e em como você permanecerá com

esse e aquele grande homem, segundo a forma como você lança sua sorte nesse partido no estado, ou junto daquela denominação na igreja. Todo mundo faz isso. E quem, além de João, denunciaria tão feroz e desdenhosamente essas secretas afeições, como as que existem em você? Mas então, se João e Jesus denunciassem, desprezassem e lhe negassem, de que proveito seria para você ganhar tudo o que há neste mundo? Felizmente, existe uma segunda lição extraída de Nicodemos, retirada de sua subsequente história, que é: ainda que você tenha sido um covarde e um amigo sombrio para a verdade e o dever até esta noite, se Deus, na Sua bondade, lhe fizer outra oferta e der outra oportunidade, aproveite a deixa. Jesus Cristo ainda está em meio aos Seus inimigos de muitas formas. Reconheça e conheça Jesus Cristo, e defenda-O no seu Sinédrio, como Nicodemos. Eles perguntam: você O conhecia? Você já foi até onde Ele se hospeda, viu e O ouviu por conta própria? Você já leu o livro contra o qual você fala? Você ama o seu autor e deseja-lhe bem? Você se alegra com um relatório perverso? — eles demandam corajosamente. Ou então, para sua própria perda, você se alegra com a verdade? Todos os Setenta se virarão contra você e lhe renderão. Mas e aí? Pois, a menos que você esteja ali despedaçado em Seu nome, o Filho do Homem ficará envergonhado de você quando for repentinamente revelado e descer sobre você em toda a Sua glória.

Contudo, para Nicodemos e outro tímido amigo da verdade, o corpo sem vida de nosso Salvador deveria ter sido tirado da cidade e lançado às chamas de Tofete, uma espécie de Inferno, junto das carcaças dos dois ladrões. Todos os discípulos haviam deixado o Mestre crucificado e fugido. Mas José de Arimateia e Nicodemos corajosamente foram até Pilatos e imploraram a ele que permitisse que eles enterrassem o corpo para o qual todos os outros homens viraram o rosto naquele dia. E José e Nicodemos pegaram o corpo de Jesus e o ataram com roupas de linho e condimentos, que era a forma como os judeus enterravam os seus mortos. Era o mesmo José de Arimateia que fora discípulo de Jesus, mas secretamente temia os judeus; e era o mesmo Nicodemos, que havia primeiramente vindo a Jesus durante a noite.

Personagens da Bíblia - Novo Testamento.indd 51 13/11/2021 13:16:34

LXXV. Pedro

Os quatro Evangelhos estão repletos de Pedro, atrás do nome do próprio Senhor. Nenhum nome aparece com tanta frequência nos quatro Evangelhos quanto o de Pedro. Nenhuma disciplina fala tanto e com tanta frequência quanto Pedro. Nosso Senhor fala com mais frequência com Pedro do que com qualquer outro de Seus discípulos; às vezes em tom de repreensão e às vezes em tom de afeição. Nenhum discípulo é tão pontualmente reprovado por nosso Senhor quanto Pedro, e ninguém além dele já se aventurara a repreender seu Mestre. Nenhum outro discípulo já se confessara tão corajosamente e de forma tão reconhecidamente franca, tampouco encorajara nosso Senhor como Pedro reiteradamente fez. E ninguém se entremeteu, interferiu e tentou-O tanto quanto Pedro repetidamente fez. Seu Mestre lhe falava palavras de aprovação, afeição e até mesmo bênção, de uma forma como Ele jamais falara a qualquer outro homem. E, ao mesmo tempo, e quase no mesmo suspiro, Ele dizia a Pedro coisas mais duras do que já falara a qualquer outro de Seus doze discípulos, salvo Judas.

Nenhum discípulo falava tanto quanto Pedro. *"Senhor, ausenta-te de mim, que sou um homem pecador"* (Lc 5.8). "Eis que nós deixamos tudo, e te seguimos; que receberemos?" (Mt 19.27). *Que isso esteja longe de Ti, Senhor; que isso nunca aconteça a Ti. "Senhor, se és Tu, manda-me ir ter Contigo por cima das águas. Senhor, salva-me!"* (Mt 14.28-30). *"Mestre, a multidão te aperta e Te oprime, e dizes: Quem é que me tocou?"* (Lc 8.45). *"Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo." (Mateus 16:16) "Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna." (João 6:68) "Senhor, bom é estarmos aqui; se queres, façamos aqui três tabernáculos, um para ti, um para Moisés, e um para Elias"* (Mt 17.4). *"Senhor, até quantas vezes pecará meu irmão contra mim, e eu lhe perdoarei? Até sete?"* (Mt 18.21). *"Ainda que me seja mister morrer Contigo, não Te negarei"* (Mt 26.35). *"Senhor, não só os meus pés, mas também as mãos e a cabeça"* (Jo 13.9). *"Senhor, Tu sabes tudo; Tu sabes que eu te amo"* (Jo 21.17). E, para coroar todos esses discursos impertinentes e indecentes: *"De modo nenhum, Senhor, porque nunca comi coisa alguma comum e imunda" (At 10.14).* E então, a respeito da caridade que poderia cobrir uma multidão de pecados, *"Portanto, se Deus lhes deu o mesmo dom que*

a nós, quem era então eu, para que pudesse resistir a Deus?" (At 11.17). Esses são os rastros inconfundíveis de Pedro. Precipitado, impetuoso, falando de forma impertinente e desavisada, pronto para se arrepender, sempre vagueando por águas profundas demais para ele e sempre se voltando novamente para seu Mestre como uma criancinha. Pedro estava angustiado porque Ele havia lhe perguntado pela terceira vez: *"Amas-Me?"* E Pedro disse a Ele: *"Senhor, Tu sabes tudo; Tu sabes que eu te amo"* (Jo 21.17).

As igrejas evangélicas do Cristianismo não têm o dever e tampouco o interesse de disputar com a Igreja de Roma a primazia de Pedro sobre os outros 12 discípulos, suas visitas a Roma ou sua morte como mártir naquela cidade. Se a Igreja de Roma está satisfeita com a verdade histórica do trabalho missionário de Pedro no oeste, estamos satisfeitos. Tudo o que nos pode ser verdadeiramente dito a respeito de Pedro devemos receber bem. Nunca falaremos demais sobre Pedro. E, quanto a essa primazia, da qual Roma faz tanta questão, não podemos ler nosso Novo Testamento sem aparecerem provas a cada página de que Pedro ostentava um lugar privilegiado entre os 12 discípulos. Nisso também concordamos com nossos amigos. Em quatro vezes a lista de homens escolhidos é feita nos Evangelhos; e, enquanto a ordem dos 12 nomes varia em todos os outros aspectos, o nome de Pedro é invariavelmente o primeiro em todas as listas, a passo que o de Judas é sempre o último. A diferença é a seguinte: o Novo Testamento reconhece uma certa preferência por Pedro, enquanto a Igreja de Roma clama por uma absoluta supremacia dele. Essa é a verdade. A preferência e a supremacia de que Pedro usufrui nos quatro Evangelhos não foi apontada pelo Seu Mestre, mas, sim, conferida a ele por sua própria natureza. Pedro já nascera como um homem superior. A própria natureza, como assim podemos dizer, havia imprimido, com suas próprias mãos generosas e originais, a superioridade sobre Pedro antes que ele nascesse. E, quando se tornou um discípulo de Jesus Cristo, ele continuou a sustentar aquela superioridade natural e única sobre todos os homens inferiores, até que um homem mais superior e supremo a tirasse de Pedro. Todos usufruímos da mesma superioridade quando somos colocados ao lado de homens que são menos abençoados que nós em intelecto, vontade e caráter. Os dons da mente de Pedro, a força de seu caráter, a afetuosidade de seu co-

ração, a generosidade da sua fala — todas são coisas que deram a Pedro o mais importante lugar na Igreja Apostólica, até que Paulo chegasse. Porém, Pedro, notável e marcante como era, não possuía nem as habilidades nem as vantagens educacionais de Saulo de Tarso. Sua mente tampouco era profunda, forte, versátil e refinada como a incomparável mente de Paulo. E, como consequência, ele nunca conseguira vislumbrar as obras que Paulo fizera sozinho. Porém, ao mesmo tempo, até que Paulo chegasse e eclipsasse totalmente os discípulos de Cristo que vieram antes dele, Pedro permanecia à frente do apostolado, deixando profundas marcas nos quatro Evangelhos, de forma muito mais intensa do que qualquer um dos outros 11 discípulos.

João era intuitivo, meditativo e místico. Felipe talvez fosse apático. Tomé parece ter sido melancólico e moroso. Ao mesmo tempo, Pedro era sanguíneo e entusiasmado, tanto para o bem quanto para o mal, acima de tudo. Pedro era, natural e constitutivamente, de temperamento entusiástico, e sua conversão e chamado para a disciplina não decompuseram e tampouco suprimiram sua verdadeira natureza; os elementos primários do seu caráter permaneceram, assim como o equilíbrio e a proporção entre eles. Para começar, o filho de Jonas era um homem dos mais fortes, voluntariosos e geniosos impulsos, impulsos esses que, graças à vigilância e às orações de seu Mestre, poderiam facilmente ter se tornado as mais impetuosas e destrutivas paixões. "O Cristo lhe deu um pequeno toque", disse Thomas Goodwin, "de rebeldia e juventude que estivera no espírito de Pedro antes do Cristo encontrar com ele. '*Quando eras mais moço, te cingias a ti mesmo, e andavas por onde querias; mas, quando já fores velho, estenderás as tuas mãos, e outro te cingirá, e te levará para onde tu não queiras*' (Jo 21.18). Pedro tinha esses caprichos e vivia como desejava, então o Cristo lhe disse: 'Quando fores pendurado pelos tornozelos em uma cruz, estejas certo de ter um bom comportamento; lembrando-te de quando era jovem, mostra-lhes o teu valor e a tua resolução quando chegares a este conflito', e Pedro se lembrou disso e foi tocado". Tal era, então, o comportamento perigoso de Pedro, uma má herança de seu pai, Jonas. Contudo, pouco a pouco, sob os ensinamentos, o exemplo e o treinamento de seu Mestre, o coração acalorado de Pedro aos poucos foi ficando sob controle, até que desse lugar, no peito de

Pedro, a um amor profundo, puro e eterno e a uma adoração por Jesus Cristo. E, dentre os tropeços e quedas de Pedro, isso sempre o trouxe de volta, colocando seus pés no chão: seu amor absolutamente entusiástico e sua adoração pelo Mestre. De fato, diante da singular graça do Mestre para com Pedro, isso estava sempre o redimindo e o contendo em sua vida geniosa e voluntariosa. Até o final dos seus três anos junto do Mestre, Pedro ostentou um caráter muito imaturo, e uma mente e um coração desenfreados e irredutíveis. Ele havia se transformado em um grande homem, mas isso não aconteceu facilmente e custara tanto para ele quanto para seu amado Mestre. E, ao mesmo tempo, culpe Pedro o quanto quiser, despeje sobre ele as falhas de seu comportamento, os defeitos do seu caráter, os escândalos de sua conduta, tanto quanto você quiser, pois eu o desafio a negar que, apesar de tudo isso, ele era um homem muito cativante e amável. "A maior doença do coração é a frieza." Bem, com todas as suas faltas, ter um coração frio certamente não era uma delas. Todos os defeitos de Pedro, de fato, residem na intensidade de seu coração. Seu coração era muito intenso, muito impulsivo e entusiástico. Seu coração estava sempre à boca e o manifestava livremente até que conseguisse ficar em paz. Tantos defeitos possuía Pedro, e tão evidentes e superficiais eles eram, que você poderia muito bem estimar de forma apressada e supérflua a verdadeira profundidade, valor e força de Pedro. E se Pedro, por muito tempo, foi como a areia, em vez de ser como a pedra, seu Mestre o nomeou tão nobremente que um dia a areia se transformará em uma pedra que, pela qualidade e pela quantidade, poderá ser usada para construir um templo. Se agora Pedro está tão ávido para falar, no final ele estará para sofrer. Chegará o tempo em que Pedro agirá de forma contrária aos seus francos ardores e elevado entusiasmo. Ao designar tão cedo o filho de Jonas como a pedra, seu Mestre estava apenas antevendo uma das características mais graves que recairiam sobre Pedro. Seu Divino Mestre vira em Simão as qualidades latentes da coragem, da fidelidade, da persistência e da humildade evangélica, as quais nunca se haviam revelado completamente diante das influências adversas que rondavam sua vida. De todo modo, o mestre absoluto certamente pode chamar o seu servo por qualquer nome que o agrade, especialmente se for um mestre régio, pois o soberano de cada reino é a verdadeira fonte de honra. Qualquer que seja, então, a verdadeira e completa explica-

ção, basta-nos saber que nosso Senhor saudou Simão e disse a ele: *"Tu és Simão, filho de Jonas; tu serás chamado Cefas"* (Jo 1.42), que, por interpretação, quer dizer pedra.

Dentre os quatro temperamentos mais marcantes, o de Pedro era do tipo ardente e entusiasta. E, de fato, um temperamento profundamente inquieto, cujo fluxo é forte, divinamente purificado e direcionado, é sempre o melhor tipo para fundação e suporte do caráter evangélico profético e apostólico. Afinal, o que é o entusiasmo? O que é senão o coração, a imaginação e o homem como um todo, de corpo e alma, colocados em chamas? E a eleição, o chamado, a vivência e a recompensa prometida do verdadeiro profeta, apóstolo e evangelista com certeza são suficientes para atar fogo e incendiar um coração de pedra. Era uma das pontuações proféticas vindas do próprio temperamento do Messias que o zelo pela Casa de Deus iria engoli-lo. E não existe sinal mais certo de que a mesma mentalidade encontrada em Jesus Cristo estava tomando posse de um dos Seus discípulos, na medida em que ele manifestava mais e mais um temperamento perspicaz, gentil e entusiástico diante de quaisquer pessoas e causas que fossem honestas, justas, puras, amáveis e de boa fama — da mesma maneira como não há nada mais distinto da mentalidade e do coração de Jesus do que a mente e o coração de um homem que não se importa com nenhuma dessas coisas. Que possam tomar Pedro, vindo à perfeição, como nosso padrão e prelado; e, especialmente, que possamos vigiar, trabalhar e orar contra um coração frio, um temperamento gélido e uma mente distante, egoísta e indiferente.

Intimamente conectado ao peculiar temperamento de Pedro e, de fato, como uma gentil compensação por ser tão tomado por ele, estava o seu apurado senso de pecado. Nesse quesito, vemos a singular sensibilidade e ternura do espírito de Pedro se mostrar da maneira mais impressionante e memorável na ocasião em que ele foi chamado a ser discípulo. André não era um homem impenitente. João não era um homem de coração endurecido. Mas, embora ambos tivessem visto e compartilhado da milagrosa multiplicação dos peixes no mar da Galileia, apenas Pedro lembrou de seus pecados e sucumbiu por causa deles, na presença do poder e na graça do Cristo. *"Senhor, ausenta-te de mim, que sou um homem pecador. E disse Jesus a Simão: Não temas; de agora em diante serás pescador*

de homens" (Lc 5.8,10). A penitência enfraquecedora de Pedro naquele instante o marcou como verdadeiro capitão do barco de pesca que logo deveria navegar sob as cores da cruz para pescar as almas dos homens para a Salvação. A repentina e completa prostração diante do Cristo naquele momento colocou Pedro em uma posição de superioridade e preferência que nunca mais foi dele retirada. E não há sinal mais certo da penitência evangélica e do verdadeiro homem espiritualizado do que este: que sua prosperidade na vida o leve de volta para os pecados do passado e seu duradouro deserto. Ele não é um noviço na vida espiritual, para quem a prosperidade pode tanto ser um meio de graça quanto de adversidade. Eles são os mercadores sábios, que têm ganhos em qualquer tempestade; que enriqueceram suas almas não apenas nos momentos de provação e perdas, mas estão, tanto por fora quanto por dentro, ainda mais amainados e santificados em meio a todos os seus ganhos e confortos. Esses marinheiros, cujos barcos voltaram para casa afundando com as mercadorias que pescaram das profundas águas, bem devem louvar ao Senhor pela sua bondade. Mas, com toda a sua prosperidade, eles devem de coração aberto dizer: *"Não nos tratou segundo os nossos pecados, nem nos recompensou segundo as nossas iniquidades"* (Sl 103.10).

Era o temperamento profundo e rico de Pedro, completamente santificado, que o tornava um pregador tão abnegado de si mesmo, tão superior aos julgamentos de todos os homens e tão contente, para usar suas próprias palavras, de ser reprimido em nome do Cristo. Vocês podem imaginar; vocês já passaram por alguma experiência que lhes permita imaginar quais eram os pensamentos de Pedro enquanto ele subia as escadas do púlpito para pregar o sermão do funeral de Judas? Judas havia traído o Mestre. Sim, mas o próprio Pedro, o pregador Pedro, havia negado o Mestre com pragas e xingamentos. E mesmo assim, Pedro estava no púlpito, enquanto Judas se suicidara em Aceldama! "Oh, que as profundezas da misericórdia divina recaiam sobre mim! Que eu, que pequei ao lado de Judas; eu, que fiz minha cama no Inferno ao lado de Judas; eu, que devo cumprir esta honra e ministrar aos santos irmãos! Oh, que graça e que dívida!" E, novamente, imaginem como deveria estar a mente de Pedro quando, no alpendre de Salomão, ele pegou o sermão de Pentecostes. Aquele terrível sermão em que

ele acusou os governantes e o povo de Jerusalém do mortal crime de negar o Escolhido e Justo na presença de Pilatos — ao mesmo tempo em que ele, o pregador, havia feito exatamente a mesma coisa diante de alguns servos e servas. Vocês podem ficar certos de que foi tanto para ele mesmo quanto para os assassinos do Príncipe da Vida que Pedro pregou naquele dia, dizendo: '*Arrependei-vos, pois, para que sejam apagados os vossos pecados*' (At 3.19), pois Deus lhes enviou Seu Filho para os abençoar, em troca de cada uma das suas iniquidades". A verdade é que, a essa altura, a terrível pecaminosidade do próprio pecado inominável de Pedro fora afogada na vergonha humana. Se aqueles que sabem do pecado de Pedro quiserem repreendê-lo, que o façam. Agora, é uma questão pequena para Pedro ser julgado pelos homens. Eles cantaram os salmos de Davi no alpendre de Salomão, e naquele dia Pedro e os penitentes certamente devem ter cantado e dito: *"Lava-me completamente da minha iniquidade, e purifica-me do meu pecado. Porque eu conheço as minhas transgressões, e o meu pecado está sempre diante de mim. Torna a dar-me a alegria da tua salvação, e sustém-me com um espírito voluntário. Então ensinarei aos transgressores os teus caminhos, e os pecadores a ti se converterão"* (Sl 51.2-3,12-13). E se os pregadores pronunciaram benesses depois dos seus sermões naqueles dias, então podemos ter a certeza de que a bênção pregada por Pedro no alpendre de Salomão continua preservada para nós nestas suas palavras apostólicas: *"Vós, portanto, amados, sabendo isto de antemão, guardai-vos de que, pelo engano dos homens abomináveis, sejais juntamente arrebatados, e descaiais da vossa firmeza. Antes crescei na graça e conhecimento de nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo. A ele seja dada a glória, assim agora, como no dia da eternidade. Amém"* (2Pe 3.17-18).

LXXVI. João

João, filho de pescadores, nascera com uma das mais brilhantes mentes que a bondade de Deus já conferira a qualquer um dos filhos dos homens. Às vezes, chamamos João de Platão da Cristandade. Quando o dizemos, pretendemos afirmar que João possuía por natureza uma mente extraordinariamente rica, profunda, bela e altiva. Ele era profundamente intuitivo. Uma mente introspectiva, meditativa, reflexiva, imaginativa, mística e espiritualizada — Platão possuía tudo isso, talvez até em maior medida que João. Contudo, Platão não teve os mesmos privilégios e oportunidades de João. Platão não fora apresentado ao Velho Testamento, tendo apenas Sócrates como mestre. E, em virtude disso, ele pôde nos deixar apenas *A República, A Apologia* e *Fédon*. Ao mesmo tempo, João nos deixou seu Evangelho, suas Epístolas e seu Apocalipse. João teve a imortal honra de ter concebido, meditado e transcrito a mais magnífica passagem que já foi escrita à pena e tinta. Os primeiros 14 versículos do Evangelho de João sozinhos superam toda a literatura, sagrada e profana. *"O Verbo era Deus, e o Verbo se fez carne"* (Jo 1.1, 14) Essas duas frases extraídas de João contêm mais filosofia, mais graça, mais verdade, beleza e amor do que todo o restante que já foi escrito pela pena de um homem, ou mesmo dito pela língua de um homem ou de um anjo. Fílon também tem oito volumes inteiros a respeito do Logos. Mas o Logos, em Fílon, conforme as palavras de Newman, nada mais é do que uma "ideia" – de fato uma nobre ideia, mas, ainda assim, uma ideia fria, crua e inoperante. Considerando que a Palavra de João era uma Pessoa Divina, era, além do mais, uma Pessoa Divina em uma natureza humana: uma revelação, uma vivência e uma possessão, da qual o próprio João era uma testemunha viva e uma prova infalível. Fílon diz tê-lo escutado por meio dos ouvidos. Mas João declara que seus olhos viram e que suas mãos tocaram a Palavra da Vida. E, com a Palavra transformada em carne e colocada diante de olhos como os de João, não há dúvidas de que teríamos de suas mãos livros como o Quarto Evangelho, a primeira Epístola e o Apocalipse.

Como pode João se aprofundar tanto nas questões insondáveis do Mestre, ao mesmo tempo em que todos os outros apóstolos passaram todos os dias do seu discipulado na superfície? O que havia em João que o elevara tão acima de Pedro, Tomé e Filipe, tornando-

-o o primeiro dos discípulos, e então dos apóstolos, em sabedoria e amor? Ele possuía o dom e a graça da meditação. João escutava como ninguém tudo o que seu Mestre dizia, tanto na conversação quanto no debate e no discurso. João pensava continuamente no que via e ouvia. A semana fora plantada no chão. João era um daqueles homens felizes e um príncipe em meio a eles, que possuíam em si mesmos raízes profundas. E nele a boa semente germinou e se multiplicou cem vezes. O primeiro salmo foi totalmente realizado em João, pois ele meditava dia e noite sobre o Mestre e sobre as Suas palavras, até que ele fosse como a árvore de Davi, plantada à margem do rio para que suas folhas nunca secassem e para que ele nunca deixasse de dar frutos em qualquer estação. Meditem sobre as coisas divinas, meus amados. Sejam homens de intelecto e assegurem-se de ser homens de meditação. Essa é a verdadeira raiz, a seiva e a gordura de toda a fé, de toda a oração e de toda a obediência espiritual. Por que nossas mentes estão tão enferrujadas e secas nas coisas de Deus? Por que temos tão pouca fé? Por que temos tão pouco apego à realidade e à nobreza das coisas Divinas? O motivo é claro: nós raramente ou nunca meditamos. Nós lemos o Novo Testamento em determinada ocasião, nós o ouvimos ser lido, mas não separamos um tempo para meditar sobre ele. Às vezes nós oramos, ou fingimos orar; mas não nos colocamos em posição de preparar nossos corações para o banco de misericórdia por meio da vigorosa meditação sobre quem e o que somos; quem e o que Ele é para aqueles que fingem orar; e o que devemos dizer, fazer, perguntar e receber. Podemos nunca ter ouvido falar de Fílon, mas nós todos pertencemos a sua improdutiva escola. O Senhor Jesus Cristo é nada mais do que um nome e uma ideia para nós. Pode até ser um nome e uma ideia sagrados, mas continua sendo um nome e uma ideia. O pensamento sobre o Cristo nunca ou raramente acelera, intimida ou alegra nosso coração. Todavia, uma vez que nos tenhamos tornado homens de meditação, Jesus Cristo e todo o Novo Testamento, que diz respeito a Ele, e toda a Nova Jerusalém, onde Ele prepara um lugar para nós, passarão a ser mais do que nosso mais próximo amigo e mais do que essa cidade com suas demandas urgentes. Nosso habitual capítulo matinal a respeito do que o Cristo fez e disse, e a respeito do que ele está, agora, fazendo e dizendo, será então para nós mais real do que nossos jornais matinais e nossas cartas de negócios. Tampouco é essa a peculiar oportunidade e

privilégio apenas dos homens instruídos. João não era um homem instruído. Ele é descrito como um homem ignorante e sem estudo, ainda que a todo momento estivesse carregando em sua mente todo o Quarto Evangelho. Meus queridos, meditem sobre o Evangelho de João. Meditem sobre aquilo que não foi feito por meio de uma longa, profunda e divinamente assistida meditação. Nesta noite, você pode ser o homem menos estudado nesta cidade de pessoas instruídas e, ainda assim, tamanho é o poder e a bem-aventurança do ato de meditar sobre o Evangelho de João, que o apóstolo olhará para você, depois que sua família dormir, e lhe dirá, enquanto você se senta, levanta e se ajoelha com o seu Evangelho em mãos: *"O que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que também tenhais comunhão conosco; e a nossa comunhão é com o Pai, e com seu Filho Jesus Cristo" (1Jo 1.3).*

Meditação e imaginação. Tudo o que João escreve é tocado, infirmado e exaltado por meio do mais divino de todos os talentos. O Apocalipse, com todo o seu esplendor, estava na mente de Deus, diante de nós, quando Ele disse: "Que possamos fazer do filho de Zebedeu cheio de olhos dentro de si". Não tenham medo da "imaginação" do mundo, meus amados. Ela tem sido mal utilizada, tanto na coisa quanto no nome. Mas é uma nobre coisa com um nome distinto. Não há nada tão nobre em tudo o que existe em nós. Nosso olho exterior é mais nobre dos nossos órgãos externos, e nosso olho interior é o mais nobre dos nossos órgãos internos. E o seu mais nobre uso é ser preenchido de Jesus Cristo, como era o olho interior de João. Ele não escreveu o seu Apocalipse sem esse grande dom no seu máximo exercício. E não podemos lê-lo corretamente sem fazermos o mesmo. Não podemos orar corretamente sem isso. Não podemos nem mesmo ter fé e amor e da forma devida sem isso. E, na mesma medida em que tivermos imaginação e soubermos usá-la, deveremos ter à nossa disposição um dos mais nobres instrumentos de enriquecimento e aperfeiçoamento de toda a nossa vida intelectual e espiritual. Eu não estou dizendo que o livro do Apocalipse seja o mais nobre produto da nobre imaginação de João. Pois tudo o que havia dento de João — imaginação, meditação e amor — era movido pelo Espírito Santo, para a melhor e mais elevada produção do grande prólogo do Quarto Evangelho. Ao mesmo tempo, é no Apocalipse que a glorificada imaginação de

João abre suas mais douradas asas e as balança na luz dos Céus. É apenas com a imaginação e com a meditação que se pode ver isso. Mas vê-lo é uma das melhores lições do grandiosamente talentoso e abençoado apóstolo nesta noite.

Então, como era certo que aconteceria, o discípulo de meditação e de imaginação se torna finalmente o apóstolo do amor. Na Última Ceia, tão logo Judas saíra, Jesus disse para os onze: *"Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis. Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros"* (Jo 13:34-35). Onze corações amorosos e reflexivos ouviram o novo mandamento e o conforto que o acompanhava. Porém, em nenhum outro coração aquela semente divina caiu em tão bom solo quanto no daquele que, naquele momento, repousava no peito de Jesus. "Pequenos, amai-vos uns aos outros[5]", foi toda a bênção do envelhecido apóstolo, enquanto jovens rapazes o carregavam para a Igreja de Éfeso a cada Dia do Senhor. E quando lhe perguntavam o motivo de sempre dizer isso, e nada além disso, ele sempre respondia: "Porque esse é o único mandamento do nosso Senhor, e se o cumprirmos, nada mais será necessário, pois o amor é o cumprimento da lei".

[5] Alusão a Jo 13.34 (N.R.).

Personagens da Bíblia - Novo Testamento.indd 65 13/11/2021 13:16:34

LXXVII. Mateus

Mateus amava dinheiro. Assim como Judas, ele precisava ter dinheiro. Com as mãos limpas, se possível; contudo, com as mãos limpas ou sujas, Mateus precisava ter dinheiro. Todavia, a forma mais acertada e rápida de ele ter dinheiro na Galileia daquela época era ficar ao lado de César e ser um dos seus cobradores de impostos. Certamente, para Mateus isso seria vender-se a serviço dos opressores do seu povo; contudo, ele se decidiu e estava determinado a fazer isso. Mateus iria expor sua face firmemente por alguns anos e então se aposentaria do ofício de cobrar para passar sua rica velhice na paz e na quietude. Ele compraria para si uma casa de campo nas colinas da Galileia, dedicando seus últimos dias a atos de devoção e caridade. E foi por meio disso que Mateus, filho de Abraão, foi encontrado na desastrada e proscrita posição de ser um publicano de Cafarnaum. Os publicanos eram homens de coração endurecido, que extorquiam as pessoas e eram extremamente desmoralizados. Seu peculiar emprego ou já os encontrara nessas condições, ou logo os transformaria nisso tudo. "Publicanos e pecadores"; "publicanos e meretrizes" – nós continuamente nos deparamos com essa linguagem nas páginas dos Quatro Evangelhos. Bem, agora Mateus era há muito tempo um publicano em Cafarnaum, e ele estava rapidamente se tornando um homem rico. Contudo, em contrapartida, ele tinha que se contentar com a companhia dos publicanos e, inevitavelmente, com a sua consciência perversa. Mateus não conseguia evitar os rostos aflitos dos pobres. Ele não conseguia deixar de espremer até a última gota de sangue desse e daquele devedor indefeso. Seu trabalho não permitia que parasse para pensar quem era a viúva, quem era o órfão e quem estava sendo cruelmente tratado. O débito era devido, e há muito tempo devendo ser pago, se não tanto o devedor quanto seus filhos seriam vendidos no mercado de escravos para pagar a dívida.

Jesus de Nazaré, filho do carpinteiro, conhecia o publicano Mateus muito bem. Talvez até bem demais. Naquela época, Jesus e sua mãe haviam migrado de Nazaré para Cafarnaum. Ele frequentemente estivera sob a tenda de Mateus com os impostos de sua mãe e com os impostos das outras pessoas. Mesmo que não fosse para Ele mesmo ou sua enviuvada mãe, o carpinteiro frequentemente deixava seu ofício para ir até a tenda de Mateus dialogar e

negociar com ele, para ser fiador deste e daquele Seu pobre vizinho que havia adoecido e contraído um débito que não podia pagar. Mais de uma vez, o próprio suor da tez de Jesus foi usado para saldar as cobranças extorsivas de Mateus. *"E, se te fez algum dano, ou te deve alguma coisa, põe isso à minha conta. Eu, Jesus, filho de José, de minha própria mão o escrevi; eu o pagarei" (paráfrase de Filemom 1:18,19)* – aquilo era posto nos livros de Mateus várias e várias vezes, até que Mateus estava quase pronto a vender a própria garantia. Mas, naquela época, Jesus, primeiro de Nazaré e agora de Cafarnaum, que fora fiador de cada pobre viúva para seu aluguel e seus impostos, havia abandonado a oficina que herdou do pai e fora batizado por João em uma Garantia ainda maior. E dessa forma ele retorna a Cafarnaum, não mais trabalhando como carpinteiro, hipotecando todos os rendimentos da semana e ainda mais em favor dos Seus pobres vizinhos. Agora Ele é o próprio Messias! E Mateus, na sua tenda de impostos, tem milhares de pensamentos a respeito disso, a ponto de não conseguir mais organizar colunas por meio das quais ele pudesse contar. Até que um dia, enquanto passava pelo gasto batente da porta de Mateus, uma viúva da cidade, com o filho no colo, correu até o nosso Senhor e exclamou a Ele: "Vinga-me de meu adversário!", até que conseguisse, entre lágrimas e soluços, contar a ele a história que partia seu coração. Então, com aquele olhar que nunca pode ser esquecido, com um toque de firmeza misturada com misericórdia, vai até a tenda do publicano e diz a ele: "Mateus, tu deves deixar essa tua vida e Me seguir". Mateus sempre tentava ficar bem longe da vista do Senhor quando pregava. Ele tinha certeza de que o pregador não estava bem disposto em relação a ele, e sua consciência continuamente lhe dizia "como pode ser Ele?" Porém, diante de um gesto e de palavras tão ordinatórias, as correntes de uma vida inteira de crueldade e extorsão caíram ao chão do lugar em que recebia os tributos, até que, mal tendo tempo de afivelar os livros e trancar os armários, Mateus, o publicano de Cafarnaum, se levantou e seguiu nosso Senhor.

O próprio Mateus não diz isso, mas Lucas é cuidadoso ao nos contar que Mateus fez um grande banquete naquela noite, reunindo em um jantar seus antigos amigos e conhecidos, para que eles pudessem ver com os próprios olhos o Mestre que, dali em diante, ia confessar, seguir e obedecer. Que visão para os nossos olhos,

mais do que para os deles, ver a mesa de jantar de Mateus naquela noite! Lá estava sentado o próprio publicano na ponta da mesa, enquanto o carpinteiro de Cafarnaum estava ao seu lado, no lugar de honra. E então, toda a casa ficou cheia do que podemos corretamente chamar de um grupo de excluídos sociais e religiosos. Um excluído, para nós, é alguém que foi empobrecido, desmoralizado e devassado com indolência e depravação, até que não tenha dinheiro algum no bolso e tenha o caráter reprovado. Temos poucos, se é que temos algum, exilados ricos em nossa cidade e sociedade. Porém, os publicados excluídos daquela noite eram abastados, se não homens absolutamente ricos. Eram homens que haviam se tornado ricos, e que ao mesmo tempo se transformaram em excluídos por se colocarem ao lado dos opressores e por arrecadar das pessoas mais do que era seu dever. Por consequência, eles eram excomungados da Igreja e afastados de toda a vida patriótica, social e familiar. Como eles devem, então, terem se sentido cautelosos ao entrar na sala de jantar de Mateus naquela noite e se sentarem na mesma mesa que um verdadeiro profeta – pois o próprio Mateus havia dito isso na sua carta de convite –, na verdade mais que um profeta. E, então, durante todo o jantar, se Ele de fato era um profeta, era muito diferente dos profetas, e especialmente do último profeta. Ele era tão afável, humilde, generoso, gentil, sem que absolutamente coisa alguma nas suas palavras ou modos censurasse qualquer um deles ali, ou os fizesse desconfortáveis de algum modo. Todos eles haviam jantado com Mateus antes, mas essa era a primeira vez em muitos anos que alguém que tinha um bom nome a perder havia partido o pão na mesa dos publicanos. Ele havia ofertado jantares naquela mesa antes, mas Jesus não fora convidado, nem Pedro, nem Tiago e nem João. E foi a presença de Jesus e dos Seus discípulos naquela noite que transformou a noite, naquela cena, em uma das mais brilhantes páginas do Novo Testamento. Pois havia Fariseus em Cafarnaum naqueles dias, da mesma forma como havia publicanos e pecadores. E da mesma forma que os publicanos estavam sempre em busca de mais dinheiro, e os pecadores estavam em busca de outro banquete e outra dança; os Fariseus estavam sempre de olho em um novo escândalo, algo em que eles pudessem encontrar falhas em seus vizinhos. “Por que seu Mestre comeu junto dos publicanos e pecadores?”, os Fariseus de Cafarnaum perguntaram aos discípulos de Jesus. E os discípulos ainda eram farisaicos demais para pode-

rem dar uma resposta rápida para aquela questão. Contudo, Jesus tinha a resposta pronta. A Graça foi derramada sobre os Seus lábios no exato momento em que Ele respondeu: *"Não necessitam de médico os que estão sãos, mas, sim, os que estão enfermos; eu não vim chamar os justos, mas, sim, os pecadores, ao arrependimento" (Lc 5:31-32)*. Muitos anos depois, quando Mateus estava escrevendo a passagem autobiográfica de seu Evangelho, toda a cena do banquete de jantar surgiu diante dele como se tivesse acontecido na noite passada. "Jesus, hoje na glória", ele disse a si mesmo, "estava ali sentado, dessa forma. Tiago e João estavam ali. Eu mesmo estava na porta, dividido entre as boas-vindas aos meus velhos companheiros e os avisar. Alguns Fariseus vinham da sinagoga com seus lampiões. Então, umas vozes ecoavam altas e iradas; e a voz d'Ele, com mais piedade do que ira, chamando os pecadores para o arrependimento". Fora uma noite inesquecível para Mateus.

Quando Mateus se levantou e deixou tudo para seguir nosso Senhor, a única coisa de sua antiga ocupação que ele levou consigo foram tinta e caneta. E é bom para nós que ele tenha levado consigo tinta e caneta, pois ele os levou consigo para um bom propósito. Pois, desde então, não houve uma vez que nosso Senhor tenha se sentado em uma costa, ou ao lado de uma montanha, para ensinar os seus discípulos; não houve uma vez em que ele tenha entrado em uma sinagoga para pregar sobre os Profetas e os Salmistas; não houve uma vez em que Ele não tenha, em qualquer grau, falado pelo caminho, que Mateus não estivesse imediatamente ao Seu lado. De modo que Mateus ficou mais conhecido não como discípulo, ou como o antigo publicano de Cafarnaum, mas como o homem silencioso com a pena e o tinteiro. Eram necessárias a prática, a assiduidade e uma pena que tivesse o entendimento para escrever o Sermão do Monte, para relatar e organizar as parábolas, e para arrematar, com tamanha retidão e sensibilidade, os terríveis sermões da última semana de pregação do Mestre. Contudo, Mateus fez tudo isso, e temos todas essas coisas até os dias de hoje no seu Evangelho. A bolsa de impostos teria ficado segura, e continuaria sendo bem preenchida enquanto administrada pelas mãos de Mateus; porém, ele tinha assuntos muito mais importantes do que o mais sagrado dinheiro poderia demandar. Que trabalho, acima de qualquer preço, foi ordenado pelas mãos de Mateus, tão logo elas

foram lavadas do pecado e das impurezas na Fonte que se abriu naquele dia! Que trabalho era construir a ponte dourada sobre a qual muitos de seus parentes consanguíneos passaram, para chegarem até a melhor aliança, uma aliança cuja garantia é o Cristo! "O Evangelho segundo São Mateus: o Livro da geração de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão." "A santidade não falta aos penitentes", eis o título de um dos nossos melhores sermões ingleses e, pode-se acrescentar, ambos são úteis.

"E Mateus, o *publicano*". Hoje, nós jamais teríamos sabido disso se não fosse pelo próprio Mateus. Nem Marcos, nem Lucas, nem João ou Paulo alguma vez o chamaram por esse terrível nome. É apenas Mateus que, em muitas palavras, nos diz "Vinde, e ouvi, todos os que temeis a Deus, e eu contarei o que ele tem feito à minha alma" (Salmos 66:16). É apenas Mateus quem publica e perpetua para todo o sempre sua própria infâmia. Envergonhado de si mesmo, tanto como publicano quanto como apóstolo, a ponto de não conseguir erguer os olhos, o texto é o único rastro que São Mateus deixou de si mesmo nas areias das Escrituras. Nosso primeiro Evangelho é totalmente artesanal, e esse texto, tão profundamente embutido nele, é a garantia do temperamento Apostólico e Cristão do seu autor. "A posição e a alcunha são ambos indicativos da humildade e da modéstia naturais, assim como do próprio rebaixamento evangélico."

"Não necessitam de médico os que estão sãos, mas, sim, os que estão enfermos." Feliz intromissão e feliz investigação dos Fariseus, que terminou com essas eternamente abençoadas palavras do Salvado! E então, também há essas palavras: "eu não vim chamar os justos, mas, sim, os pecadores, ao arrependimento". Homens doentes e cheios de pecados, vocês ouvem isso? Vocês estão verdadeiramente doentes e cheios de pecado? Aquele que os fez doentes, os manterá doentes até que você possa ir a Ele para curar. Você é um pecador com uma vida perversa segurando-lhe como um cadeado sobre uma impura, cruel e desesperançada amarra? Então:

Ele vem! Para libertar os prisioneiros
Presos nas amarras dos Satanás;
Os portões de latão queimam diante d'Ele;
As grades de metal, Ele abre-as.

Ele vem! Das escalas escuras da maldade;
Para clarear a visão interior;
E para, nos olhos dos cegos,
Luz celestial por.

Ele vem! Para curar os corações partidos
E as almas que sangram;
E com os tesouros da Sua graça,
Enriquecer os pobres humildes que necessitam.

Você é esse prisioneiro? Você está preso nas amarras de Satanás? Sua visão interior está obscurecida pelas escalas da maldade? Seu coração está partido? Sua alma sangra dentro de você? Você é um publicano? É um pecador? Uma meretriz? Olhe para Mateus com seu Evangelho nas mãos! Olhe para a quádrupla restauração de Zaqueu! Olhe para Maria Madalena, primeira a chegar na sepultura. Olhe para mim, pois o Salvador dele também diz a vocês: "Olhai para mim, e sereis salvos" (Isaías 45:22). E assim eu serei!

Essa promessa é minha única súplica,
Com a qual me aventuro esta noite.
Tu convocas para Ti as almas em chamas,
E por isso, Senhor, aqui estou.

Personagens da Bíblia - Novo Testamento.indd 73 13/11/2021 13:16:35

LXXVIII. Zaqueu

Ainda havia um ponto fraco no coração de Zaqueu, e esse ponto fraco era o seguinte: Zaqueu estava tão ávido para ver Jesus e como ele era quanto qualquer garoto de toda a Jericó. E, como qualquer garoto, correu e subiu em uma árvore para ver Jesus, pois Ele estava para passar naquele caminho. E coisas simples como essa, infantis e de garotos, sempre tocavam o coração do Senhor. Pois de pessoas assim é que era o Reino dos Céus, como Ele costumava dizer quando via a simplicidade dessa forma, e a abnegação de si mesmo, a naturalidade, a impulsividade e qualquer outra coisa que fosse verdadeiramente inocente. Nós não teríamos feito o que Zaqueu fez. Somos muito rígidos, muito formais. Temos muita dureza em nossas almas. Nossas almas são feitas de dureza, da mesma forma que a alma do Bispo Andrewes era feita de pecado. Mas a rigidez é mais mortal do que o pecado. Pois a sua alma pode ser salva do pecado, mas não da rigidez. "A curiosidade e a simplicidade são uma espécie de preparação para a fé. Pois não foi uma certa inspiração dos céus que Zaqueu subiu naquela árvore. Havia uma espécie de semente da verdadeira piedade em seu coração quando ele correu diante da multidão e subiu naquela árvore", diz Calvino, um dos maiores comentaristas de todos os tempos sobre o assunto.

Se nosso Senhor tivesse considerado a opinião pública, Ele teria olhado diretamente diante de Si, quando chegou àquela árvore, e não teria permitido que Seus olhos se erguessem até que tivesse passado pelo lugar em que Zaqueu estava. Mas naquele dia nosso Senhor estava tão simples, natural e espontâneo quanto o próprio Zaqueu. Nosso Senhor não prestou atenção aos preconceitos e aos maus desígnios da população. Quanto mais espaço havia para os preconceitos e os maus desígnios, mais motivos tinha Ele para parar embaixo da árvore de Zaqueu e chamá-lo para descer. As janelas, as paredes e os telhados de Jericó estavam todos cheios de observadores naquele dia, mas nosso Senhor não parou embaixo de nenhum deles. Foi apenas embaixo da árvore de Zaqueu que Ele parou, olhou para cima e disse: *"Zaqueu, desce depressa, porque hoje me convém pousar em tua casa" (Lc 19:5).* Toda a vida pretérita de Zaqueu, suas verdadeiras culpas, o julgamento justo e injusto do preconceito das pessoas, e toda a má reputação da classe a que

pertencia – nada daquilo, nem por um momento, afastou Nosso Senhor da casa dele. Se nosso Senhor tivesse, Ele Mesmo, Se perguntado sobre o que as pessoas iriam pensar e dizer, Ele não teria colocado sua popularidade em Jericó em perigo sentando-Se à mesa do cobrador de impostos. Contudo, uma das regras absolutas de vida e de conduta de nosso Senhor era de fazer-se, em todos os lugares e em todos os momentos, de nenhuma reputação. E por isso, a ideia de como Jericó iria lidar com aquilo nem por um momento passou pela mente de nosso Senhor. Por anos, não houve nenhum homem que desejasse tanto estar bem com as pessoas quanto se passava no limiar de Zaqueu. Pois ele, com todas as suas riquezas, era um homem só. Ele era bastante odiado e um homem universalmente evitado. E por isso, a conduta do nosso Senhor naquele dia desnorteou Zaqueu. Ele não podia acreditar nos seus próprios olhos e ouvidos. Aquele grande Profeta, cujo rosto havia ansiado tanto para ver, havia de fato parado e chamado seu nome, convidando-Se para estar em sua casa, e Ele realmente caminharia com ele de volta para sua casa! Zaqueu quase não se aguentava de alegria e deleite. Aquela parada embaixo da árvore, o chamado de nosso Senhor, a caminhada de volta juntos, através das estradas perplexas e iradas, e então o jantar, e as conversações durante e depois dele – tudo aquilo ingressou e contribuiu para com a salvação de Zaqueu. Você é um ministro, um ancião, um missionário ou um visitante do distrito? Então, de vez em quando, convide-se para a hospitalidade dos pobres, dos exilados, dos esquecidos e dos desamparados. Bata em suas portas com civilidade. Peça a gentileza de uma cadeira e um copo de água fresca. Junte-se a eles no último pedaço de pão. E veja se a salvação não começa a pairar também sobre aquela casa, daquele dia em diante.

Eu não consigo tirar de minha cabeça a profunda participação que Mateus, o publicano, deve ter tido naquela conversa com Zaqueu. Vocês se lembram de Mateus. De como ele estava sentado em sua tenda de impostos um dia, quando Jesus chegou até ele e disse "Siga-me". E como Mateus deixou tudo e O seguiu. E de como Mateus fez um grande banquete, no qual os escribas e os Fariseus encontraram faltas, perguntando aos discípulos por que eles comiam e bebiam com os publicanos e pecadores. E, especialmente, vocês nunca poderão esquecer da resposta dourada do Cristo: *"Não*

necessitam de médico os que estão sãos, mas, sim, os que estão enfermos" (Lc 5.31). Bem, vocês não imaginam que Mateus deveria ter um intenso interesse em Zaqueu naquela noite? Mesmo que os onze jantassem e se hospedassem em qualquer outro lugar da cidade naquela noite, nosso Senhor certamente levou Mateus Consigo, no intuito de encorajar e aconselhar Zaqueu. Quando dois membros de um mesmo ofício se encontram, vocês sabem como eles se atraem um para o outro e esquecem da presença de todos os demais, tamanha é a camaradagem e a irmandade entre eles. Eles têm tantas histórias para contar, experiências para comparar, confissões para fazer e confidências para compartilhar, que, aqueles que não exercem a mesma ocupação nada saberão sobre isso. Já fazia mais de três anos que Mateus era um discípulo, mas olhar para trás, para o seu ofício de cobrador de impostos, era como o dia de ontem. E quando Jesus, repentinamente, parou embaixo da árvore naquele dia e disse para Zaqueu descer, e quando Zaqueu, naquele momento, se jogou aos pés do Senhor, em toda aquela multidão nenhum coração foi tão de encontro ao coração pulsante do pequeno cobrador de impostos quanto o de Mateus. E durante toda aquela noite os dois publicanos mal haviam começado a descobrir tudo o que tinham para contar um ao outro. "Se Ele o chamar para deixar tudo e O seguir, você deve fazer isso imediatamente. Você nunca se arrependerá. Você não tem ideia de quem Ele é. Que homem, e que Mestre Ele é; e como isso tudo terminará, só Deus sabe. Porém, se Ele o convidar para se juntar a nós, eu lhe imploro que não hesite nem por um momento." "Conte-me tudo sobre você", disse Zaqueu. "O que Ele disse a você? E como você conseguiu administrar o ato de abandonar, e de deixar para sempre para trás o trabalho e a riqueza de toda a sua vida tão rápida e completamente?" E Mateus disse a Zaqueu tudo o que ele sabia, e muito mais do que precisaríamos ouvir, pois não compreenderíamos. Então, o que Zaqueu declamou e disse na manhã seguinte, diante do nosso Senhor, e diante de toda Jericó, estava tão cheio da instância e dos preceitos de Mateus quanto do próprio arrependimento e resolução de Zaqueu. "Veja, Senhor, eu me decidi na noite passada, e gostaria que o Senhor e que todos os homens soubessem isso: metade dos meus bens eu darei aos pobres; e se eu tirei qualquer coisa de qualquer homem por meio de falsa acusação, eu irei lhe ressarcir quatro vezes mais." Bravo

pequeno cavalheiro! Através daquele nobre discurso, ele havia acrescentado mais do que muitos cúbitos para a sua estatura! Dizem que a presença de corpo dele era fraca, e que a altura era desprezível, mas na vida do além ele seria grande e poderoso!

"É uma regra determinada pela divindade", diz um grande santo, "que nossos pecados nunca poderão ser perdoados até que tenhamos restituído o que pegamos injustamente, ou que detivemos equivocadamente. E essa doutrina, além da evidente e aparente razoabilidade, deriva de palavras expressas nas Escrituras, que reconhecem a restituição como parte do arrependimento e como necessidade para a remissão dos pecados. Pois estas são as palavras determinadas nas Escrituras: "*Restituindo esse ímpio o penhor, indenizando o que furtou, andando nos estatutos da vida, e não praticando iniquidade, certamente viverá, não morrerá. De todos os seus pecados que cometeu não se terá memória contra ele; juízo e justiça fez, certamente viverá" (Ez 33:15-16).*

Personagens da Bíblia - Novo Testamento.indd 79 13/11/2021 13:16:35

LXXIX. Lázaro

Lázaro de Betânia chega mais perto de Jesus de Nazaré, tanto em caráter quanto em obras e em suas incomparáveis experiências, do que qualquer mortal chegaria. O nome de Lázaro não é mencionado no Novo Testamento até o determinado momento em que ele adoece, morre e é ressuscitado dos mortos, pela glória de Deus. Nem mesmo a sua voz já fora ouvida. Lázaro amava o silêncio. Ele buscava a obscuridade, gostava de ser esquecido e se deleitava com a negligência. Você poderia ter tomado qualquer liberdade que quisesse com Lázaro com a mais perfeita impunidade. Nosso Senhor e Seus doze discípulos frequentemente encontravam na casa de Marta, como assim era chamada, um lugar para repousarem suas cabeças. Contudo, onde Lázaro repousava sua cabeça em tais momentos, ninguém jamais perguntou. Os evangelistas passam por Lázaro como se ele fosse um verme, e não um homem. Eles não lhe dão o lugar de homem nem mesmo na sua própria casa. Mas Lázaro não se ofende com isso. "Ele é uma ovelha", diziam os homens e as mulheres de Betânia. E ele de fato era. Pois, quando Jesus de Nazaré e seus doze discípulos chegam à casa de Marta, Lázaro corta lenha, busca água e lava os pés de todos eles; e então, quando todos eles haviam adormecido, ainda que ele fosse o suporte e a sustentação da família, ele jantava, escondido das vistas dos outros, o que havia sobrado. Toda Betânia estava certa, Lázaro era uma perfeita ovelha. Eles riam dele com escárnio, fechavam a boca para ele, que nunca percebeu isso. De qualquer forma, ele nunca revidou. Deixem Marta suar e praguejar; deixem Maria se sentar em silêncio e ouvir; e deixem Lázaro ser de alguma utilidade para eles, o que ele mesmo nunca acreditaria ser, e esse era o seu alimento e a sua água. De todo modo, o mundo nunca teria ouvido falar tanto do nome de Lázaro se a glória de Deus não tivesse sido derramada sobre a sua doença, sua morte e sua ressurreição.

Nosso Senhor tinha essa felicidade de amar a todos os homens, quer eles O amassem ou não. Mas havia alguns homens que O amavam com um amor especial e peculiar. E Lázaro era um dos mais eminentes desses homens. Contudo, mesmo no amor de nosso Senhor por esse homem, Lázaro quase ficava fora da vista. Marta e Maria sempre vinham na frente do irmão no amor do nosso Senhor, assim como em todas as coisas. Esse evangelista, que teceu

anotações de acordo com o que viu, muitas vezes já havia observado o amor de seu Mestre por Marta e por Maria. Mas fora apenas naquele momento que ele tivera a oportunidade de ver o amor de Lázaro por seu Senhor, ou o amor de seu Senhor por Lázaro. Lázaro amava seu Senhor muito mais do que todos eles. Mas seu amor tinha esse defeito, de ser um amor silencioso. É o que chamamos de amor de adoração. Era um amor completamente escondido. Contudo, o amor de Lázaro não podia enganar os olhos Daquele que sabe o que há em um homem sem que ele próprio testemunhe o que há nele. E então Ele amou Lázaro de volta, esperando que todos os Seus discípulos amassem Lázaro também, de modo que se habituassem a chamá-lo de seu amigo comum. "Nosso amigo Lázaro dorme", disse Ele. Pois naquele momento, pela glória de Deus, e pela glória do Filho de Deus, Lázaro fora atingido por uma doença fatal. E Marta havia despachado um mensageiro veloz para Betabara, para além do Jordão, para avisar a Ele e dizer "Senhor, aquele a quem Tu amas está doente". "Não incomode o Mestre", Lázaro, em sua doença, havia dito à sua irmã. "*Ainda agora os judeus procuravam apedrejar-te, e tornas para lá?*" (Jo 11:8) E, com grande dor e vergonha de si mesmo, por incomodar sua irmã e seu Mestre, e com grande fome em seu coração pela casa de seu Pai nos céus, Lázaro virou o rosto para a parede e dormiu.

Lázaro é completamente deixado por nós da forma como lemos neste capítulo. Nós deixamos Lázaro em uma glória ainda mais completa do que aquela em que ele foi deixado por todos os homens em sua vida. Deixamos até o próprio céu de fora desse capítulo, como se nós mesmos fossemos todos Saduceus. E, até que tenhamos aberto nossos olhos para o Lázaro ascendido, e para seu trono de glória, jamais leremos esse magnífico capítulo corretamente, ou entenderemos corretamente por qual motivo Jesus lamentou e chorou durante todo o caminho para a cova onde o corpo sem vida de Lázaro estava. Nosso Senhor não deixou Lázaro. Não, e tampouco Sua glória. Nosso Senhor sabia o que estava prestes a fazer, e levou isso para o seu coração, e se arrependeu com um gemido que não poderia exprimir, para operar Seu último milagre para o despertar de Jerusalém com tamanho custo para Lázaro. Ele sabia, a todo momento, como tudo isso terminaria. Ele sabia o que Caifás ia dizer. E sabia o que Judas, Pilatos, Herodes e todas as outras pes-

soas iam fazer. E gemeu em Seu espírito porque antevia claramente que Seu amigo Lázaro, assim como Ele próprio, sentiria o sabor da morte daqueles que perecem, e com tamanho preço para Lázaro.

Então sobre a cama onde Lázaro dormia,
Para Seu Pai, Ele chorava e gemia.
O que, naquela cova, ele tanto estava a lamentar,
Sabendo-se tão forte para O salvar?
Os surdos podem ouvir a voz do Salvador,
Que pode quebrar as correntes dos grilhões;
Contudo, o coração surdo, mudo por escolha,
A alma entorpecida que não acorda,
E a culpa, que o perdão recusa,
Os encantos do Céu eles confundem
Ao pensar neles, Suas benignas sobrancelhas
Não brilham nem mesmo diante da cura cristalina.

Jesus chorou. Sim, e se você visse um amigo seu em glória, e então visse também que ele foi chamado para deixar sua glória de lado e experimentar o sabor da morte de muitos dos seus companheiros, você também choraria. Mesmo que você soubesse que essa era a vontade de Deus, e para a glória do Filho d'Ele, seu amigo estava indo, e você não podia deixar de chorar. E nosso Senhor chorou porque Lázaro, que ficou por apenas quatro dias em glória, foi chamado para deixar ela de lado e voltar para esse mundo de morte e de pecado, e graças a uma missão; uma missão cujo resultado era exasperar e endurecer o coração dos seus inimigos. Crisólogo, bispo de Ravenna, escreveu isso: "Quando nosso Senhor ficou sabendo da morte de Lázaro Ele ficou contente; mas chorou quando o trouxe de volta à vida. Pois, embora seus discípulos tivessem ganhado com isso, e embora Maria e Marta tivessem ganhado com isso, o próprio Lázaro perdera, sendo novamente aprisionado, chamado e submetido aos muitos incômodos dessa vida".

Esse, que foi o último e o maior dos milagres do Cristo, elevou muito a sua estima", afirma o distinto John Donne, "contudo (pois sempre há um outro lado), aquilo também aumentou muito

a cobiça sobre Ele e Lázaro". E eu sempre acreditarei que parte da perspectiva de Lázaro sobre esta terrível tragédia se mistura com a do próprio Senhor. Dante chorou quando viu que teria que voltar para a cobiçosa Florença, ainda que fosse para escrever "A divina comédia", para Deus e para o mundo. E Teresa sabia que Lázaro implorou ao Seu Mestre para que ele não o chamasse de volta a essa vida, por qualquer motivo que fosse. Mas deveria acontecer com Lázaro da mesma forma como deveria acontecer a seu Mestre, e isso basta. *"Agora a minha alma está perturbada; e que direi eu? Pai, salva-me desta hora; mas para isto vim a esta hora. Pai, glorifica o teu nome" (Jo 12.27,28).*

E foi em virtude disso que Lázaro mal pode se sentar na casa de seu Pai: ele mal havia tocado a harpa de ouro com as suas mãos, mal havia colocado em sua boca as Aleluias que estavam sendo preparadas para a Ascensão do Senhor, quando o anjo Gabriel apareceu onde ele estava sentado, arrebatando-o por completo e dizendo a ele: "Salve Lázaro, grandemente honrado entre os homens glorificados. O Mestre chama por ti. Ele ainda possui alguns trabalhos para ti sobre a Terra". E o som das águas silenciou-se por um momento, enquanto eles viam um dos mais brilhantes deles se elevarem, deixando de lado sua glória, pendurando sua harpa na parede e sumindo das suas vistas, decaindo para onde o Príncipe Celestial permanecia junto de sua obra inacabada. E a alma de Lázaro desceu direto para aquela cova, onde há quatro dias seu antigo corpo ainda estava, e para onde seu Senhor estava indo. E as primeiras palavras que Lázaro ouviu foram essas, e a voz que as dizia era a voz do seu antigo Amigo: "*'Pai, graças te dou, por me haveres ouvido. Eu bem sei que sempre me ouves. Lázaro, sai para fora'. E o defunto saiu, tendo as mãos e os pés ligados com faixas, e o seu rosto envolto num lenço" (Jo 11:41-44).* E Jesus chorou diante do contraste entre a Terra e os céus, e disse: *"Desligai-o, e deixai-o ir" (Jo 11:44).* E para onde Lázaro foi? Como ele mesmo fazia, sem dúvidas ele se escondeu, até que seu Mestre não comesse enquanto Lázaro não fosse chamado. Por isso, eles fizeram novamente um jantar para nosso Senhor naqueles dias, e Marta novamente os serviu, enquanto, dessa vez, Lázaro era um dos que se sentavam à mesa com Ele. Todavia, o chefe dos sacerdotes considerava que eles também deveriam matar

Lázaro; pois, por esse motivo, muitos Judeus haviam debandado e passaram a crer em Jesus.

Se eles levaram a ponderação adiante e mataram Lázaro num segundo momento, nós não sabemos. O evangelista a quem devemos a história de Lázaro não possuía mais fôlego, dentro dos seus limites, para nos contar mais a respeito de Lázaro. Contudo, um autor pós-canônico tem as seguintes passagens neste diário Arábico, que serão fielmente aqui transcritas, para nossa satisfação a respeito de Lázaro. Essas passagens são abruptas, incompletas, fragmentadas e às vezes incompreensíveis, como vocês verão. "O homem tinha algo estranho e etéreo no seu olhar"; "Ele via o mundo como uma criança"; "Ele era obediente como uma ovelha, e inocente como um cordeiro"; "Ele os deixava falar"; "Uma palavra, um gesto, um olhar de uma criança em uma brincadeira, ou em uma escola, ou até mesmo no seu sono, provocava nele agonia"; "Seu coração e seu cérebro ali se moviam, mas os pés permaneciam"; "Frequentemente, sua alma se derramava sobre sua face"; "A especial característica do homem era sua pronta submissão à vontade de Deus"; "Ele apenas me observava com seus grandes olhos"; "Ele amava tanto os jovens quanto os velhos, os capazes e os incapazes, se afeiçoava aos animais selvagens, às aves, às flores no campo"; "O homem é inofensivo como um cordeiro, sendo impaciente e ignorante apenas com o pecado". Vocês podem construir para si mesmos, a partir desses autênticos fragmentos, como a vida de Lázaro era enquanto o chefe dos sacerdotes o deixou em paz.

A grande lição que Lázaro nos ensina é a respeito das grandes tarefas que Deus às vezes dá aos seus grandes santos. Da mesma forma, o grande rebaixamento da mente, a humildade e a grande abnegação são nossas maiores santidades. E, de acordo com isso, Deus entregou Suas maiores tarefas sobre Seu próprio Filho, que tinha a mente relaxada, e que era o mais humilde e abnegado de todos os homens. E, depois dele, em Lázaro, amigo de Seu Filho. Uma tarefa que, dada a Lázaro, fez seu divino Amigo chorar e gemer por ele, enquanto ele decaía para a Terra para completá-la. Lázaro era o homem mais semelhante ao cordeiro em todo o Novo Testamento, ao lado do próprio Cordeiro; e suas obras e vivências, depois de um longo intervalo, muito parecidas com as obras, a entrega e a abnegação de seu Mestre. Pois Lázaro também abriu mão de sua glória.

Hoje, o trabalho de Deus neste mudo exige a mesma humildade, a mesma mente rebaixada, a mesma abnegação, e abrir mão da nossa própria glória, para alguns dos homens que estão todos os dias entre nós. E a obra de Deus continua em nossas mãos, e em todo o nosso redor, simplesmente porque ele não tem outros homens com a mesma mentalidade de Jesus de Nazaré e de Lázaro de Betânia. Quem se oferecerá para a mesma sucessão cinética? Humilhação, esvaziar-se de si mesmo, entrega, como se o próprio céu fosse dado em troca de Terra, podem ser exigidos de você, como sua contribuição para a glória de Deus, e para a glória do Filho de Deus. Algo que fará seus melhores amigos chorarem por você, como o melhor amigo de Lázaro gemeu e chorou por ele. Sim, Deus pode ter uma tarefa tão terrível quanto essa para pedir a você, quando estiver pronto, da mesma forma como Ele pediu ao Seu próprio Filho que descesse até Belém, para Nazaré, para o Getsêmani e para o Calvário. Certa abnegação e sacrifício, como o que Ele pediu também ao glorificado Lázaro, quando Ele o enviou de volta a Betânia, que estava tão próxima de Jerusalém. Você é capaz? Você está pronto? Você tem o desejo de se tornar capaz e de estar pronto? Que a sua resposta possa ser a mesma de Jesus de Nazaré e de Lázaro de Betânia: *"Eis aqui venho; no rolo do livro de mim está escrito. Deleito-me em fazer a tua vontade, ó Deus meu; sim, a tua lei está dentro do meu coração" (Sl 40:7,8).*

Personagens da Bíblia - Novo Testamento.indd 87 13/11/2021 13:16:35

LXXX. A mulher que sangrava

Nosso Senhor estava a caminho de trazer de volta à vida a filha pequena de um governante. Naquele momento, a mulher que o parou no caminho não estava exatamente à beira da morte, como a criança, mas ela frequentemente desejava estar, porque estava em estado pior que esse. Ela havia tentado de tudo para curar sua doença mortal. Não havia um médico, nem perto nem longe, com quem ela não tivesse se consultado para se curar. Ela havia gastado todos os seus proventos com médicos, até que, naquele dia, ela se deparava com o absoluto desespero. E eu também. Eu não estou morto, mas frequentemente desejei estar. Pois eu também, durante toda a minha vida, adoeci a ponto de estar à beira da morte. Tentei de tudo. Todos os pregadores, todos os autores, todas as disciplinas e todos os remédios da alma. E, na noite de hoje, estou pior do que nunca. Estou em apuros entre duas coisas. Amo meu trabalho mais do que nunca. Amo minha família mais do que nunca. Nenhum homem amou mais sua família do que Martinho Lutero, mas, a todo o momento, ele dizia aos ouvintes que tinham intelecto e coração suficientes para compreendê-lo que ele não possuía verdadeiro deleite em seus filhos por causa do seu pecado. E, quanto a isso, sou exatamente como Lutero.

Mas voltemos ao texto. *"E uma mulher, que tinha um fluxo de sangue, havia doze anos, e gastara com os médicos todos os seus haveres, e por nenhum pudera ser curada" (Lc 8:43)*, nada a melhorava, ela na verdade só piorava. Quando ouviu falar de Jesus, juntou-se à multidão que ia atrás dele, e tocou a barra das Suas vestes. Pois ela dizia para si mesma que, se ao menos pudesse tocar as Suas roupas, seria curada. E, imediatamente, o sangue que lhe jorrava secou, e ela sentiu em seu copo que estava curada de sua praga. Bem, sangue é sangue; e sangue por si só já é ruim o suficiente. Mas o sangue, no seu pior aspecto, não é o pecado. Pecado é pecado. O pecado não tem companheiros. O pecado não tem um seguinte, a menos que sejam a morte e o inferno. O pecado tenta o próprio Cristo ao máximo, da mesma forma como o sangramento da mulher tentava e colocava em alta todos os melhores médicos de todas as cidades ao redor. O Cristo podia curar uma doença que incidia há doze anos, simplesmente pelo caminho, como dizemos. Antes mesmo que percebesse, Ele havia curado a mulher do seu

sangramento, mas não de todos os seus pecados durante sua remanescente existência. Podem ter a certeza de que, em todos os seus dias, ela não estava nem um pouco melhor em seus pecados, estando na verdade pior. Nenhum dos três evangelistas diz isso, mas é tão verdadeiro quanto seria se eles tivessem dito isso com as mesmas palavras. Ela O seguiu com seu pecado onde quer que Ele fosse. Ela foi atrás d'Ele em Jerusalém junto com o seu pecado. Ela foi uma das mulheres que estavam olhando à distância quando Ele foi morto na árvore pelo pecado dela. Ela frequentemente passava todos os seus dias no Jardim do Getsêmani, debruçando-se a noite toda sobre seu próprio rosto por causa do seu pecado. E às vezes, em alguma temporada de Páscoa, como era tal, ela sentia dentro de si como se fosse ser curada naquela época. Contudo, antes do Sol nascer, ela estava pior do que nunca com sua secreta pecaminosidade. E, até que sua mais profunda alma se purificasse dia e noite do pecado, seu sangue não se estancaria nem nos céus e nem na Terra. E essa é a exata situação da parábola bíblica. Muito tempo depois de termos vendido tudo para ganhar o Cristo, muito tempo depois de Ele ter iniciado a época em que abrigaria tudo aquilo que havia prometido abrigar em nosso coração, muito tempo depois nós continuaremos a não melhorar, estando infinitamente piores. Um toque furtivo era suficiente para uma doença de sangramento; mas uma existência longa e intimamente ligada a Cristo não nos curará de nosso pecado. Oh, a malícia do pecado! Oh, o peso, a profundidade, o apego e a absoluta incurabilidade do pecado! Apenas não nos desesperemos com isso tudo. Nós não devemos retroceder. Não devemos desistir. Mesmo que seja incurável, não devemos dizer isso. Embora seja, que não o digamos nem mesmo em nosso interior. Que possamos ser como a mulher que sangra. Nesta noite, estenda sua mão e toque o Cristo. Não se importe com a multidão boquiaberta que lhe pressiona por trás e que se coloca entre você e Ele. Ela nada representa você, e você nada é para ela. Não se importe com o que fazem ou que deixam de fazer. Eles não estão sangrando até a morte como você, e não são um parâmetro. Não vieram aqui nesta noite a seu pedido. Você está bem como se estivesse morto, e essa pode ser sua última chance com o Cristo. Agarre-No. Agarre firmemente a barra das Suas vestes, por mais que pareça informal e desesperado. Na verdade, estique sua mão onde você está sentado agora, e isso sacramentalmente ajudará seu coração. Não se im-

porte com as pessoas no mesmo banco encarando-lhe e pensando que enlouqueceu. Aí você está, e não precisa se sentar e olhar como se não estivesse. Não se importe se, em todos os seus dias até esta noite, você não tenha, nenhuma vez, tocado o Cristo por meio da sua fé. Aquela mulher havia sofrido o suficiente durante doze anos até ter a ideia de tocar a barra das Suas vestes, e naquela noite ela foi para casa curada da sua praga. Toquem e segurem firmemente, e permaneçam em jejum até que O ouçam dizer *"Alguém me tocou" (Lc 8:46*), quando então vocês irem para casa sorrindo em seu culpado coração, com suas recém encontrada paz, força e alegria. Oh, pecador, que poder e que oportunidade você tem! *"Alguém me tocou, porque bem conheci que de mim saiu virtude" (Lc 8:46).*

E então, se você tiver êxito em tocá-Lo nesta noite, você não deve se abster de fazê-lo novamente. Você deverá tocá-Lo todos os dias; e, se não me acharem extravagante e varrido, eu lhes direi: façam a mesma coisa a cada hora e a cada momento da semana. É algo de que todas as semanas necessitam. E isso significa manter a barra das Suas vestes firmes em sua mão. Mesmo quando você se sentir completamente desencantado destas escrituras, desta noite e desta casa, mesmo quando você se sentir envergonhado ao relembrar a sua intensidade nesta noite, mesmo quando você sentir que aquela mulher, o Cristo, esta Igreja e este pregador são todos uma parte do mesmo sonho, continue a se agarrar às Suas vestes. Creia n'Ele e nas Suas vestes. Continuem acreditando e orando mesmo que ninguém saiba. Eleve seu coração a Ele mesmo diante da pressão dos negócios, dos empecilhos domésticos e do dia-a-dia. E Ele colocará em suas mãos a barra de sua veste Sacerdotal, junto com os sinos que tocam, carregados de romãs, brilhando com força e beleza. E quando novamente seu coração perverso sentir inveja, raiva, orgulho, má vontade, grosserias e todo resto do mau sangue do inferno, agarre-se ainda mais a Ele e às Suas vestes. É como o precioso unguento despejado sobre a cabeça, que escorre até a barba, até mesmo até a barba de Aarão, descendo até a túnica de suas vestes: essa é a Sua graça e a Sua Salvação. Aqui, o amor escorre, e aqui você se alegra pela alegria do seu vizinho, há doçura de temperamento, humildade de pensamento, boa-vontade, afeto às pessoas, gentileza fraterna e todo o restante daquele sagrado óleo.

A cura por meio das Suas vestes
É o leito de nossas dores
Nós O tocamos em meio à multidão da vida
E estamos novamente curados.

Agora, vocês já pensaram qual é o motivo pelo qual, quando nosso Senhor curou completamente o corpo doente daquela mulher, Ele não curou, imediatamente e da mesma forma, sua alma ainda doentia? Por que Ele se deteve no sangue dela? Por que Ele não fez uma cura ainda melhor dos pecados dela? Foi porque ela não estava doente pelo pecado? Ou era porque ela não havia aprendido, em todos esses doze anos, a suplicar pelo seu próprio coração? Ou porque, naquele momento, Ele ainda não estava neste mundo com uma salvação completa? Ou era (e é) pelo fato do pecado ser um tão grande mistério da iniquidade que eram necessárias não apenas a sua primeira e segunda vindas para curar nossas almas do pecado, mas também muito tempo, muito trabalho, grandes dores, enorme fé e muita oração de nossa parte também, para que seu Divino Poder pudesse performar e realizar uma cura perfeita? Sim, é isso. Tenham certeza de que é. Mesmo que aquela mulher tivesse vindo em um estado muito melhor do que veio, e com um tipo muito melhor de fé e de amor, mesmo que ela tivesse vindo como Davi, Paulo e Lutero vieram nos seus dias, ela apenas teria ido para casa em um nó maior do que nunca em seu coração, e com um corpo moribundo ainda mais abominável e pesado do que nunca, e em uma solidão que nem mesmo a casa mais feliz do Canaã poderia confortar. Ela voltaria para uma existência moribunda na qual, de fato, seus doze anos de sangramento nada mais seriam do que um insignificante emblema. Você já leu as Razões de Richard Baxter pelas quais o repouso que resta para as pessoas de Deus nunca é recebido e desfrutado aqui? Que esplêndido debate o pregador seráfico empreende com todos os Santo de Deus cujos corações estão continuamente partidos com uma inegável e insaciável fome de santidade. Quanta profundidade, tanto em Deus quanto nos homens, Baxter reflete sobre esse grande assunto, e a que alturas ele escala! Oh meus amados, contentem-se em ler quase que exclusivamente os livros que são pertinentes para suas almas pecadoras e imortais – como O Repouso dos Santos. Escutem os grandes santos

enquanto eles se reúnem para falar e para ouvirem uns dos outros o que Deus fez por suas almas. E oh, muitos de vocês estão em pedaços todos os dias por causa da tortura do pecado, assim como estão cobertos pela vergonha interior pela degradação e pela poluição do pecado, agarrem-se à vida por meio da esperança. Vocês são salvos pela esperança. Continuem diariamente numerando seus dias, antevendo o Grande Dia no qual Cristo virá a você e lhe tornará tão perfeito quanto Ele e Seu Pai são. Dê asas à sua imaginação e pense nisto: todos os pecados para sempre eliminados! Pensem nisso! Todos os pecados limpos do seu pecaminoso coração para todo o sempre! Não posso acreditar que isso seja possível. Todas as coisas me são possíveis, menos essa. Quanto a mim, não serei o mesmo homem, caso algum dia o coroado trabalho da Onipotência aja em mim. Eu não me reconhecerei. Hoje, não é nada além de pecado e miséria. E amanhã, não é nada além de amor, santidade e indizível bênção. Esse terrível e repugnante demônio, eu próprio, será para sempre lançado nas profundezas do inferno, para nunca mais se erguer novamente. E eu estarei para sempre livre de mim mesmo, e serei aceito na Nova Jerusalém para caminhar com o Cristo e Seus santos, em toda a santidade e beleza da Natureza Divina! *"Consolai, consolai o meu povo, diz o vosso Deus. Falai benignamente a Jerusalém, e bradai-lhe que já a sua milícia é acabada, que a sua iniquidade está expiada" (Is 40:1,2). "Estes que estão vestidos de vestes brancas, quem são, e de onde vieram? Estes são os que vieram da grande tribulação" (Ap 7:13,14). "E Deus limpará de seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas. E o que estava assentado sobre o trono disse: porque estas palavras são verdadeiras e fiéis" (Ap 21:4,5).*

LXXXI. Maria Madalena

Ainda existe uma disputa não resolvida entre os estudiosos do Novo Testamento a respeito de quantas Marias existiam nos Evangelhos, e quanto à sua identificação. Contudo, nossa disputa não será quanto a essa ou aquela Maria, mas quanto a nós mesmos. Não, nem mesmo quanto a quem e o que eram os sete demônios os quais fizeram um inferno no coração de Maria Madalena. Toda a nossa disputa e nosso debate deverão ser para fazer com que alguma luz dos céus entre nas profundezas do âmago dos nossos corações, de modo a espantar deles alguns dos sete demônios que ainda nos assombram e que vivem lá.

Sete vezes
A letra que descreve minha mácula interior,
Ele, em minha testa, com a verdade escreveu,
Sua espada desembainhada usou
E veja! Ele gritou
Quando você entrar, deixe essas cicatrizes para trás.

Nós não sabemos exatamente quais eram as sete cicatrizes de Maria Madalena. Contudo, para o nosso aprendizado, as sete cicatrizes de Dante foram todas escritas no seu livro extremamente autobiográfico. E exatamente as mesmas cicatrizes foram novamente retomadas no Quarto Dia das "Devoções privadas" do Bispo Andrewes. Salomão também tinha as mesmas cicatrizes: *"Estas seis coisas o Senhor odeia, e a sétima a sua alma abomina" (Pv 6:16)*. E novamente: *"Quando te suplicar com voz suave não te fies nele, porque abriga sete abominações no seu coração" (Pv 26:25)*. E John Bunyan diz o mesmo número no final do seu livro "Graça Abundante": "No dia de hoje eu encontro sete abominações em meu coração". E então, Bunyan é corajoso e humilde o bastante para de fato nomear as suas cicatrizes, para o conforto e o encorajamento dos seus filhos espirituais. Agora, quais são as suas sete cicatrizes? Quais são as sete abominações em seu coração? Quais são as seis, ou sete coisas, que estão em seu coração e que o Senhor odeia? É quase como se toda a nossa salvação perguntasse e pedisse uma resposta para essa questão. Por ser uma lei

dos demônios, é de sua diabólica natureza, e um primeiro princípio da sua existência, residência e possessão humana, que eles nunca façam sua presença conhecida a qualquer homem até que ele comece a nomeá-los, expulsá-los e extingui-los. O homem não percebe seus plenos poderes, toda a dor, vergonha, aflição e desgosto da sua presença até que ele seja quase livrado deles. Eles se enfurecem, rugem, rangem e rasgam nossos corações em pedaços quando começam a ver que seu tempo conosco será curto. Porém, até então, somos absolutamente insensíveis à sua existência, estejam eles dentro ou fora de nós. Existia um velho aforismo dos antigos teólogos, tirado de antigas e profundas histórias, que, se não me engano, dizia que: "Todos os males estão em todos os homens; mas nem todos os males sobrevivem em todos os homens". É como dizer que todos os sete demônios estão no coração de todos os homens, mas eles não se enfurecem e nem despedaçam os corações dos homens da mesma forma, e nem o tempo todo, no coração do mesmo homem. Até os demônios têm seus momentos e fases, assim como todas as outras coisas. Agora, ainda que Maria Madalena seja meu texto, é de pouco interesse ou importância para mim quem e o que seus sete demônios eram, a menos que isso possa, em algum momento, lançar alguma luz sobre minha própria possessão; sobre a sua e a minha. Contudo, se por algum meio eu pudesse saber algo sobre a terrível praga de meu próprio coração, então, em certa medida, serei uma verdadeira autoridade a respeito das Marias dos quatro Evangelhos, e especialmente a respeito de Maria Madalena. Ter lutado por muito tempo, mesmo que contra um demônio interior, e tê-lo em minha garganta dia e noite por anos, e estar eu na dele – esse é o verdadeiro ensinamento do Novo Testamento. Isso lança um raio de luz sobre todas as Marias que seguiram nosso Senhor, e transforma Maria Madalena em um particular campo para o pastor e para seu departamento especializado na pregação do púlpito. E a mesma experiência interior transforma não poucos, mas muitos dos meus ouvintes em genealogistas, harmonistas, exegetas e demonólogos melhores do que todos os seus professores.

Soberba, inveja, ira, gula, lascívia, avareza e preguiça – essas eram as sete cicatrizes de Dante em sua santificada tez. Eu tive uma boa discussão a respeito das cicatrizes de Dante outro dia com um

dos melhores estudantes do autor deste país. Ele argumentava comigo com grande conhecimento e eloquência que o pecado mais constante de Dante era o orgulho – um intenso, satânico, horrendo orgulho, para a desdenhosa e completa exclusão de toda a inveja possível. Ele colocava Dante desse lado da passagem a qualquer custo. Eu não podia negar aquilo. E eu confesso que me parece que Dante e ele, juntos, haviam estabelecido uma doutrina segundo a qual qualquer inveja era absolutamente, na natureza das coisas, incompatível com um orgulho tão elevado quanto o que tomava conta de todo o coração de Dante. Até que, vacilante, se não completamente convencido, eu desisti, de tão intimidado que fiquei entre dois tamanhos antagonistas. Porém, quando voltei a mim, quando deixei todos os livros, os melhores deles, a respeito do orgulho e da inveja, e quando fui novamente levado pelo Espírito Santo de Deus ao pandemônio que estava em meu coração, eu recuperei a coragem, até que, na noite de hoje, tenho sobre mim minha armadura, para lutar a batalha da verdade divina contra qualquer homem, e contra todos os homens, e até contra o próprio Dante. E a divina verdade, nesse assunto, para mim é a seguinte: que em meu coração, se não do de Dante, tanto o orgulho quanto a inveja atingem o completo propósito juntas, e elas nunca, nem minimamente, excluem, afogam ou diminuem a terrível dominação da outra. Agora, o que vocês têm a dizer sobre isso? Como isso está em seus corações? "Eu não tenho livros", dizia Jacob Behmen, "Não tenho Aristóteles, nem Dante, nem Butler, nem Brea, nem Shepard ou Edwards. Eu tenho apenas meu coração". Vocês tampouco têm qualquer um desses livros, mas com certeza têm seus corações. Quem, então, por amor à verdade, lerá seu próprio coração quando fica ao meu lado? Venham, tomem coragem. Falem em voz alta. Falem corajosamente. Vocês certamente sabem o que o orgulho é, e vocês todos devem saber, talvez ainda melhor, o que é a inveja, e diante de quais pagamentos, louvores, sucessos e posições seus corações se paralisam, se estrangulam e ficam atormentados. Vocês não sabem e confessam todas essas coisas diante de vocês mesmos e de Deus todos os dias? Vocês não fazem isso? Oh alma completamente morta! Oh, divertimento e vítima de Satã! Oh, você quem faz de Deus um mentiroso, e que não tem a verdade consigo! Eu não trocaria seu coração possuído pelo demônio, nem a sua consciência queimada com ferro em brasas, pelo mundo todo. Eu preferiria ainda ser eu

mesmo, na minha pior condição, por cem vezes, do que ser você no seu melhor estado. Se você é ou não corajoso o suficiente para estar ou não ao meu lado, eu não serei tão facilmente silenciado em minha próxima discussão sobre esses dois demônios. Pois um homem significa mais para ele mesmo, nessas questões interiores, do que toda a "Divina Comédia" e a "Ética", para usufruir de todos os esplêndidos tesouros da verdade, do poder, da experiência e da eloquência. Como eu estava falando, eu não tenho a menor ideia de quais eram ou quem eram os sete demônios de Maria Madalena, e sei ainda menos como eles possivelmente poderiam ser extirpados de seu coração nessa vida. Como podem ver, eu não sei muito sobre Maria Madalena, mas eu não desistiria do pequeno conhecimento que tenho de mim mesmo, nem mesmo pelo mundo todo. Pois, de que me adiantaria, se eu ganhasse um mundo de conhecimento e tudo mais, e perdesse a rara oportunidade de ter todo esse pandemônio que existe em meu coração extirpado para sempre?

Vou confessar novamente: como todos os sete poderiam ser extirpados do coração dela nesta vida, quanto a mim, mal posso imaginar e tampouco crer. No completo, ou parcial livramento de dois, por assim dizer, dos sete, eu poderia facilmente acreditar, mas dos cinco remanescentes está um pouco distante de mim. Duas, de sete estrelas, estão na superfície. São apenas supérfluas. Dois dos sete demônios de Dante têm suas origens na areia, na terra macia e no exterior à mostra de nossos corações. Falando propriamente, são mais próximos de serem montes de toupeiras e tocas de coelhos do que antros de demônios. Falando propriamente, não são demônios, enquanto algum homem que tenha certa seriedade puder facilmente cavá-los com uma pá, torcer seus pescoços, pendurá-los na porta da igreja e ter, com isso, acabado para sempre com eles. Contudo, se vocês fizerem isso com os outros dois, será apenas mais terrível e exasperante para os outros cinco. Quando as dianteiras do inferno estão atormentadas, tomadas e colocadas sob a espada, isso apenas leva ao verdadeiro inferno, com seus verdadeiros e próprios demônios, aprofundados nas suas trincheiras sem fundo. Existem algumas bestas selvagens tão demoníacas em suas mordidas, cujos dentes cruéis se encontram e se fecham tão rapidamente na carne do homem, que a parte mordida tem que ser cortada fora para que ele seja salvo da terrível prisão. E as presas desses cinco genuínos

demônios precisam ser partidas em pedaços em suas cabeças, com o martelo de Deus, e o osso e a carne que foram presos em seus amaldiçoados dentes devem ser cortados fora e sacrificados, para que a alma seja libertada. E nesse caso, a Morte é o cirurgião, com seu martelo e sua faca, e não se verão a ciência e o sucesso das suas operações até o dia seguinte, quando chegar a manhã da Ressurreição. *"Parecem-se com o leão que deseja arrebatar a sua presa, e com o leãozinho que se põe em esconderijos. Levanta-te, Senhor, detém-no, derriba-o. Quanto a mim, contemplarei a tua face na justiça; eu me satisfarei da tua semelhança quando acordar" (Sl 17:12-13,15).* É melhor entrar nos céus com sete demônios escavados para fora de nossos corações com uma faca, do que tê-los consumindo nossos corações por toda a eternidade.

Desde que os corações das mulheres passaram a existir neste mundo, já existiram alguma vez corações de mulheres com tantas emoções dentro de si como o de Maria, mãe de Jesus e o de Maria Madalena, quando estavam juntas aos pés da Sua Cruz? Você já tentou se colocar no coração da Sua mãe, ou no de Maria Madalena, naquele dia? Elas permaneceram e choraram como nunca duas mulheres haviam chorado, desde que as mulheres começaram a chorar neste mundo, até que João, a pedido de Jesus, levou Sua mãe para longe do Calvário e a deixou na cidade. Mas Maria Madalena permaneceu junto à Cruz. Ele dispensou sua mãe, mas manteve Maria. Ela não seria dispensada e permaneceu ao lado do Seu pé crucificado. Todos os Seus discípulos O haviam negado e fugiram. E é por isso que não restaram testemunhas oculares para nos contar sobre como Maria Madalena ficou próxima da Cruz chorando, e sobre como ela lavou Seus pés com suas lágrimas e secou-os com os seus cabelos. E então, quando Ele disse, "tenho sede", ela tomou a esponja das mãos do soldado e colocou-a em Seus lábios. Quando Ele acenou com a cabeça, ela O viu, e ouviu quando Ele disse "está terminado!" Aquele não era um lugar para uma mulher. Mas Maria Madalena não era uma mulher, e sim um anjo. Ela fora o anjo que O fortalecera. Ela fora toda a Igreja de Deus e a noiva resgatada de Cristo naquele momento em si mesma: ela e seu irmão gêmeo, o ladrão na Cruz. Como os três dias e noites seguintes foram para Maria Madalena, eu não posso lhes contar em nome dela. Mas, no primeiro dia da nova semana, Maria Madalena chegou cedo, quando

ainda estava escuro, à sepultura. E Jesus disse para ela: "Maria!" Ela se virou, e disse para Ele: "Rabi!". Jesus lhe disse: "Não me toques com as Tuas lágrimas, nem com os cabelos da Tua cabeça, e nem com o Teu unguento". Se Ele não tivesse dito aquilo, ela teria ficado segurando Seus pés até os dias de hoje. E agora que Ele ascendeu à casa de Seu Pai, Ele está dizendo aos Seus santos e anjos até o dia de hoje as mesmas palavras ditas na casa de Simão: *"mas esta, desde que entrou, não tem cessado de me beijar os pés" (Lc 7:45).*

Contudo, para mim, a suprema lição de toda a maravilhosa história de Maria Madalena é simplesmente este texto: "*E Jesus apareceu primeiramente a Maria Madalena, da qual tinha expulsado sete demônios" (Mc 16:9).* Deve-se dizer que, não foi para Pedro, nem para Tiago, ou para João que Ele deu o sinal favorável e a incomparável honra. Não foi nem mesmo para Sua própria mãe. Foi para Maria Madalena. Foi para ela, quem mais O amou, e que mais tinha motivos para O amar ao máximo, dentre todos os homens e mulheres que viviam no mundo. Enquanto este mundo durar, e enquanto houverem grandes pecadores e penitentes para se confortarem, orem frequentemente a respeito de Maria Madalena, e permitam que essa lição, por ela ensinada, possa ser aprendida – essa lição de que a profundidade de nenhum pecado e nem mesmo a possessão dos demônios deverá nos separar do Cristo. Que o arrependimento e o amor sobreviverão e superarão tudo, da mesma forma que não há honra elevada demais, nem comunhão íntima demais, para que o amor do Cristo, da parte d'Ele, e o amor da alma, da parte dela, possam desfrutar. Apenas arrependam-se com a profundidade e com lágrimas suficientes; apenas amem tanto quanto Maria Madalena amou Aquele que havia expulsado os sete demônios de seu coração; e Ele também aparecerá para você, e o chamará pelo nome. E ele usará você em Suas obras ainda mais e melhor do que honrou e empregou Maria Madalena na manhã da Ressurreição.

Maria Madalena! Minha irmã, minha precursora e representante no céu até que eu chegue lá! Contudo, lembrem-se, até que eu chegue lá. Não cessem de beijar os Seus pés até que tenha chegado lá, mas abram mão de seus lugares quando eu aparecer. Pois, para quem o perdão é pequeno, o amor também será. Deem lugar então, deem um lugar para mim diante dos Seus pés!

Personagens da Bíblia - Novo Testamento.indd 101 13/11/2021 13:16:35

LXXXII. A mãe dos filhos de Zebedeu

Por que o Evangelista escreve o texto desse jeito tão cheio de voltas? Por que ele não escreve com o seu próprio estilo simples e direto? Por que ele não diz simplesmente: Salomé, mãe de Tiago e João? Eu não sei ao certo o porquê do Evangelista escrever dessa forma ambígua e intencionalmente obscura, mas eu lhes direi o que penso sobre isso. Quando Mateus se sentou para escrever seu evangelho, Tiago, o filho mais jovem de Zebedeu e Salomé, já estava há muito tempo no Céu com o Cristo; e João, seu irmão, era um apóstolo elevado e honrado na Igreja do Cristo na Terra. Há muito tempo Tiago bebera da taça do Cristo e fora batizado no batismo d'Ele. Ao mesmo tempo, João era, naquele momento, tão bom quanto o autor do Quarto Evangelho, das Três Epístolas e do Apocalipse. Ao mesmo tempo e além do mais, João não havia esquecido dos pecados, das faltas e das tolices da sua juventude; e sobretudo, ele nunca esquecera daquele desgraçado dia no qual fizera sua mãe implorar o melhor trono para ele e seu irmão. Embora tivesse passado há muito tempo, aquele desgraçado dia estava sempre diante de João. E em virtude disso, penso eu, é que Mateus escreveu sobre ele dessa forma cheia de rodeios. "Esqueça a minha mão direita da sua habilidade", disse Mateus, "antes que eu traga um rubor que seja a algum santo de Deus! Nenhum inimigo do Cristo e da Sua Igreja jamais serão blasfemados em meu livro, se eu puder evitá-lo. E é por isso que esse Evangelista pegou uma capa, colocou-a em seu ombro e voltou atrás, até ter coberto completamente o pecado de Salomé, Tiago e João. "Abençoada autonomásia!", exclamou João quando leu, pela primeira vez, esse capítulo de Mateus. "Sim", disse João, "todas as Escrituras são verdadeiramente feitas sob a inspiração do Espírito de Deus: e Deus é amor!" E isso se deu especialmente com essa especial Escritura. Pois o coração de Mateus, por amor e honra a João, havia tirado de suas mãos a pena, na abertura dessa passagem, até que o estilo de ocultação sumisse, antes mesmo que o escritor soubesse o que estava fazendo. Cada página de Dante está cheia desse mesmo refinado artifício. De todos os escritores, sagrados e profanos, Dante de fato é quem mais usa esse refinado artifício. Mas a Bíblia tem esse e todos os outros recursos usados por Dante, muito antes de ele nascer. E a Bíblia continua sendo nossa melhor educação na moralidade, nos modos, no amor, nas cartas, assim como em nossa eterna salvação.

"Deixem comigo, meus filhos", disse Salomé, "deixem comigo. Não tenham quaisquer dúvidas quanto a isso. Dará tudo certo. Eu não sou irmã de Sua mãe à toa, e eu não O segui todo esse tempo, e não O ministrei para além de minha substância, para nada. O sangue vale mais que a água. E vocês, meus filhos, verão que é assim. Deixem comigo. Quem é André? E quem é Pedro? Quem são seus pais? E quem são suas mães, gostaria eu de saber, para que eles presumissem ser príncipes diante de meus filhos? Eles nunca serão! Deixem comigo, meus filhos. Deixem comigo." *"Então se aproximou dele a mãe dos filhos de Zebedeu, com seus filhos, adorando-o, e fazendo-lhe um pedido. E ele diz-lhe: Que queres? Ela respondeu: Dize que estes meus dois filhos se assentem, um à tua direita e outro à tua esquerda, no teu reino" (Mt 20:20,21)*. Muito bem, Salomé, muito bem! Enquanto esse Evangelho for pregado, sua esplêndida imprudência será contada! "Deixe os filhos de todas as outras mães em Israel sentarem, permanecerem ou se deitarem como quiserem, apenas permita que meus dois filhos fiquem acima de todos eles, e que coloquem os pés sobre os pescoços de todos os outros dez." Se a presunção de Salomé fosse menos grandiosa, nosso Senhor teria ficado muito irritado com ela. Contudo, a absoluta grandeza do egoísmo dela O surpreendeu. Ele nunca havia se deparado com nada assim. A esplêndida humildade da mulher da Siro-fenícia O havia surpreendido completamente, e agora Ele estava igualmente espantado com a absoluta falta de decoro do pedido de Salomé. A crueldade a sangue-frio dela também com Ele próprio havia perfurado Seu coração como se fosse uma lança. Era uma segunda-feira, e ele seria traído na terça e crucificado na sexta. Enquanto isso, Salomé continuava conspirando e calculando para seus dois filhos um trono que existia apenas em seu coração tolo e egoísta. E essa foi a visão que fez com que a ira crescente de nosso Senhor se transformasse em infinita piedade, até que Ele disse aos dois filhos dela: "*'Podeis vós beber o cálice que eu hei de beber, e ser batizados com o batismo com que eu sou batizado?' Dizem-lhe eles: 'Podemos'." (Mt 20:22)* Sua mãe havia introduzido neles a ideia desse pecado. Em tamanha tolice. Em tamanho egoísmo incorrigível, combinado com uma presunção de coração endurecido. E então, esse seria João! Esse seria o discípulo escolhido para a santificação e as obras que se aproximavam! Esse seria João, que foi tão amado, confiado, apoiado e observado! E, naquela hora do dia, esse mesmo

João deveria estar aprofundado nesse miserável enredo. Nosso Senhor frequentemente fala sobre uma cruz diária. Bem, naquela segunda-feira, essa foi a sua cruz, e foi uma cruz muito amarga. Mais amarga para o seu coração do que os espinhos, os pregos e as lanças da sexta-feira seguinte. Que taça de vinho vermelho aquela miserável mulher, e seus filhos, como ela, fizeram nosso Senhor beber naquele dia! "Oh, Salomé", disse Ele, "Oh Tiago e João, seus filhos. Vocês pouco sabem sobre o batismo que Me atribuem. Contudo, o seu próprio batismo logo também virá. O meu está à porta".

Um pouco de imaginação, com um pouco de coração junto, teria poupado Salomé e seus dois filhos de fazerem esse vergonhoso pedido. Salomé deveria ter dito a si mesma algo parecido com isso. Deveria ter dito isso e sobre isso meditado, até que seu vergonhoso pedido se tornasse impossível. Ela deveria ter dito: "Mas André, Pedro e todos os outros dez têm mães como eu. E todas as suas mães têm tantas ambições para seus filhos quanto eu tenho para os meus. E elas direcionarão contra mim e contra meus filhos as mesmas suspeitas, a mesma inveja, cobiça, ira e malevolência que tenho em face delas. E o que eu pensaria delas, se elas tirassem vantagem da amizade com o Cristo, da mesma forma como eu estou tentando tirar vantagem da minha amizade com Ele, para que Ele favoreça elas e seus filhos às nossas custas? E o que eu pensaria d'Ele, se Ele se impusesse, preterisse, esquecesse, negligenciasse e injuriasse meus filhos, por causa do vergonhoso enredo formado por alguma das outras mães?". Se Salomé tivesse falado dessa forma com o seu próprio coração, e, especialmente, se ela tivesse feito seus filhos olharem para si mesmos e para seus companheiros sob aquela perspectiva, ela teria sido uma mulher sábia, na mesma medida em que foi uma tola, e teria sido uma boa mãe, da mesma forma como foi uma má mãe. Onde havia Salomé vivido seus dias? Que tipo de mãe ela mesma teve? Em qual sinagoga de toda Israel havia ela adorado a Deus? Quem foram os seus professores nos assuntos de Deus? O que estivera ela pensando a todo o momento em que nosso Senhor estava ensinando e pregando, como Ele fazia todos os dias, a respeito de ver com os olhos dos outros, de sentir com o coração alheio e de fazer às outras mães e aos seus filhos o mesmo que ela faria para si e para os seus filhos? Como poderia ela ter vivido neste mundo, e especialmente na época e no discipulado

do Cristo, e como poderia ela ter parido e criado seus filhos para serem seus discípulos, e ainda assim ser capaz desse desgraçado plano? Tivesse ela possuído um átomo da vivência do mundo, para não dizer, da verdade, da sabedoria e do amor, ela nunca teria pedido um lugar de tamanha ofensa e perigo para seus dois filhos. Mesmo que o Cristo tivesse pedido isso a ela, ela teria recuado de expor seus dois filhos à inveja, à ira e ao detrimento de todos os dez, e de muitos outros mais. "Emprega meus filhos em Tua obra", ela teria pedido, "mas permita que isso seja feito em algum lugar isolado e obscuro. Faça deles verdadeiros discípulos Seus até mesmo diante da morte; porém, eu Te imploro, se for a Tua vontade, esconde-os no segredo da Tua presença do orgulho dos homens, e mantém-nos secretamente no Teu pavilhão, longe da rivalidade entre as línguas". Se ela tivesse os olhos de uma mãe e o coração de uma mãe em seu peito, teria se ajoelhado, louvado e dito isso. Contudo, pelo contrário, essa mulher, cruel com sua própria carne e sangue, estava expondo seus dois filhos a toda possível flecha e lança da inveja, da ira, da malevolência e da injúria. "Que grandiosos eles seriam, se eu pudesse garantir", a criatura sem coração falava consigo mesma, "que títulos eles ouvirão! Que poder eles irão exercer! E como a Galileia vai ouvir falar disso, e como todos eles irão invejar Salomé!" Até que ela disse: "Deixem comigo, meus filhos. Deixem comigo". E Tiago e João deixaram aos cuidados dela, e os dois ajoelharam ao seu lado quando ela disse: "Senhor, tenho algo a Te pedir".

Era comum que nosso Senhor declamasse ensinamentos a partir das ações dos Seus discípulos, e que esses ensinamentos fossem colocados nas Escrituras, sendo preservados para nossa edificação. E de Salomé, Tiago, João e dos outros dez é que vem esse ensinamento das Escrituras: "É mister que venham escândalos, mas ai daquele homem por quem o escândalo vem!" *(Mt 18:7)*. Ai de Salomé e dos seus dois filhos, pois ela mesma causou um grande escândalo para eles naquele dia. Já seria escandaloso o bastante simplesmente em virtude da sua relação tão próxima com o Cristo, e de seus filhos tão privilegiados e talentosos. Mas, não contente com isso, ela precisava colocar seus dois filhos à disposição, como pedras íngremes do escândalo bem no caminho dos dez precipitados. Justamente porque ela era irmã de Sua mãe, e porque Tiago e João eram seus primos, eles deve-

riam ter se mantido nos bastidores do discipulado, e nunca deveriam ter saído de lá, se não com passos lentos e suaves de ternura. Contudo, será necessário o tremendo desencanto da terça-feira e da sexta-feira seguintes para que Tiago, João e os demais fossem trazidos ao bom-senso. E oh! Vocês que ainda não recuperaram o seu bom-senso – mesmo diante de toda a vergonha de Salomé, escrita com esse propósito –, o que, em nome de Deus, vai fazer vocês voltarem a si? Oh, os tolos e cegos por natureza, não veem o obstáculo e a pedra ofensiva que são para os outros homens, assim como eles são para vocês! Não veem os ossos quebrados que os outros homens pegam de vocês, da mesma forma como fazem o mesmo com eles. Salomé não podia deixar de ser irmã de Sua mãe. Tiago e João não podiam deixar de serem filhos de sua mãe. E por mais que vocês não tenham culpa e sejam tão inocentes quanto eles eram naquele quesito, mesmo assim, podem ser um obstáculo mortal e o inferno para muitos homens ao seu redor. A todo talento que lhe foi confiado; a cada talento que você fizer para si mesmo, para a Igreja e para Cristo; a cada doce palavra de louvor que soar em torno do seu honrado nome; a cada passo que você for levado a dar para uma obra mais elevada, sempre haverá ao seu redor homens que o invejam com o olhar perverso. É o mesmo olhar perverso que contém a mesma lança que Saulo arremessou em Davi. É o mesmo olhar perverso com que tanto Pedro quanto Judas despejaram ódio sobre Tiago e João. E, a todo momento, até que a lança tenha passado por suas cabeças e ficado presa na parede atrás deles, os dois irmãos estupefatos estavam diante da máxima ignorância do que eles e sua mãe haviam feito, do que eles haviam levado os outros dez a fazer e da vergonha e da dor que eles haviam causado ao seu Mestre, de olhar limpo e coração puro. E mesmo que Tiago e João tivessem recebido seus dois tronos, teriam eles, pensam vocês, usufruído de um milésimo do prazer, enquanto Pedro e os outros nove recebiam dor? A sua própria taça de honra e de louvor não tem para você nem metade da doçura quanto tem de amargor de sangue para os Pedros e Judas que a veem em sua mão. Não há nada além do mais simplório e azedo restolho na sua taça, mas aquele que a vê em seus lábios não sabe disso. "É mister que venham escândalos, mas ai daquele homem por quem o escândalo vem!".

LXXXIII. A viúva com as duas moedas de cobre

Ela foi uma viúva. E certamente ela foi a viúva mais pobre de toda a cidade naquele dia. Mas ela tinha isto: era rica perante a Deus e Ele era rico perante ela. Pois ela amava a casa de Deus. Ela foi outra Ana. Com exceção de que Ana se alojou nos recintos do tempo, e não partiu de lá dia ou noite, enquanto essa pobre viúva de algum modo e em algum lugar teve uma casa empobrecida para si própria. "Ó Deus, Tua arte meu Deus", ela continuou dizendo para si mesma em todo caminho de sua casa empobrecida com duas moedas de cobre em suas mãos; *"A minha alma se fartará, como de tutano e de gordura; e a minha boca te louvará com alegres lábios. Quando me lembrar de ti na minha cama, e meditar em ti nas vigílias da noite."* (Sl 63. 5-6). Quando, um atrás do outro, seus vizinhos e seus parentes a rechaçaram por ir até a Corte das Mulheres em sua extrema pobreza, ela não os respondeu duas vezes. Ela apenas não virou as costas, nem perdeu a posse de suas duas moedas de cobre. "Duas moedas de cobres", disse Marcos, "fazem um centavo". Ela não tinha grandes tentações de deixar sua mão esquerda saber o que sua mão direita planejava. E foi assim que, sem levantar uma vez seus olhos das escadas do templo, ela colocou sua contribuição no baú do templo, passou para as escadas do templo para oferecer sua oração matinal e, então, foi abaixo em direção a sua casa. Ela não viu ninguém, não conversou com ninguém e ninguém a viu ou conversou com ela. E ela não sabe, até hoje, o que nós sabemos. Nem vai saber até o dia em que tudo será sabido e manifestado. O que ela pensaria se lhe dissessem quem a assistiu naquele dia e o que Ele teria dito sobre ela, que nós estaríamos lendo sobre ela nesta noite, nessa ilha longínqua do mar? Também, que suas duas moedas de cobre se multiplicariam, por todas as eras, em milhões em cima de milhões de ouro e prata, os mesmos Olhos ainda assistem o processo o tempo todo? O que ela irá pensar e o que ela irá dizer quando tudo for dito, do topo da casa, sobre aquele dia, sobre ela e sobre suas duas moedas de cobre, diretamente do Juíz de todos? E, ainda, Ele senta em desaprovação dos tesouros nesse tempo hoje a noite, nos chama de Seus discípulos em meio a nós até Ele, dizendo a nós: "Verdadeiramente Eu os digo, também". E enquanto Ele senta e conversa conosco e nos mostra para essa pobre viúva, nós abrimos nossos corações para Suas palavras.

Em todos os departamentos de finança secular, dinheiro é apenas dinheiro. O Chanceler do tesouro Vossa Majestade não se importa nem um pouco com quais são nossos sentimentos sobre ele e seu escritório quando nos manda o imposto de renda programado. Ele não nos interroga quanto aos nossos princípios políticos, ou até mesmo quanto à nossa lealdade para o trono. Apenas pague seus impostos prontamente ela não terá problemas com você até o próximo ano. Mas era muito diferente disso naquelas comunidades onde Paulo foi o coletor de contribuições das igrejas apostólicas. "Irmãos", ele escreveu, "nós convidamos a presenciar a graça de Deus concedida nas igrejas da Macedônia, aqueles que se derem ao Senhor. Pois vocês conhecem a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, embora Ele fosse rico, por suas salvações Ele tornou-se pobre. Portanto, vejam que vocês aproveitam dessa graça também." E, assim que nosso Senhor posicionou-se contra os treze baús no templo aquele dia, todos os treze para a manutenção do templo de uma forma ou outra, não era tanto o dinheiro quanto era a mente dos contribuintes que Ele via e avaliava. E foi assim que a mente dessa pobre viúva foi avaliada positivamente para uma aprovação e aplausos que nunca serão esquecidos de nosso Senhor, "Verdadeiramente, Eu os digo também, que essa pobre viúva cedeu muito mais do que todos os outros que cederam para o baú de tesouros". Porque, como Paulo aponta, ela cedeu a si própria. Essa, então, é a nossa primeira e fundamental lição em todas as finanças das igrejas. É a nós mesmos que devemos ceder, primeiramente; e então, depois de nós mesmos, é o nosso tempo, o nosso dinheiro e o nosso trabalho. Duas moedas de cobre de intenção mental pesam muito mais que um milhão de um mero dinheiro nas balanças do santuário.

"*Porque, se há prontidão de vontade, será aceita segundo o que qualquer tem, e não segundo o que não tem.*"(2 Co 8.12). É sobre isso, tão nobre e enobrecedor equidade é estabelecida na Igreja de Cristo. Ora, nosso Senhor, Ele mesmo, embora Ele fora rico, mesmo assim, para nossa salvação, tornou-se tão pobre que a pobre viúva foi mais rica do que Ele naquele dia. Ele não tinha absolutamente nada; nem mesmo duas moedas de cobre para chamar de Suas naquele dia. Ele tinha literalmente e absolutamente nada além de uma mente disposta. E assim foi que Ele posicionou-se tão perto do tesouro, aproveitando a vista da liberalidade daqueles que tinham

ambos a mente disposta e dinheiro também. Ele não tinha dinheiro. Ele tinha apenas a Si mesmo. E enquanto eles cediam seus dinheiros, Ele, novamente, cedia a Si próprio. Todo o momento que a pobre viúva estava vindo das ruas cantando do próprio coração o sexagésimo-sexto Salmo, nosso Senhor estava posicionado no tesouro cantando para Seu Pai o quadragésimo Salmo "*Sacrifício e oferta não quiseste; os meus ouvidos abriste; holocausto e expiação pelo pecado não reclamaste. Então disse: Eis aqui venho; no rolo do livro de mim está escrito. Deleito-me em fazer a tua vontade, ó Deus meu; sim, a tua lei está dentro do meu coração.*"(Sl 10.6-8) Eu tenho um ancião amigo nesta congregação que, também, tem a lei de Deus nesse respeito em seu coração. Como os santos de Macedônia de Paulo, ela tem muito pouco além de disposição de mente. Ela coloca seu gorro uma vez por ano e se anuncia em meus estudos com cinco xelins em suas mãos. Onde ela os consegue, eu não consigo imaginar, mas isso é o que ela faz. Eu conheço outro amigo comunicador que me contata anualmente com uma libra. Mas o caso dos cinco xelins me toca mais profundamente. Pois seu pequeno quarto parece a mim, em ocasiões nas quais eu o visito, como se ela precisasse de muito mais, não apenas cinco xelins, mas cinco libras todo ano, ou de mim, ou de sua caixa dos pobres. Mas ela sempre tem uma cadeira limpa e uma xícara de chá para mim quando eu a contato para vê-la. "Um xelim", ela disse para um outro dia quando veio para sua errância anual, "para Armênia. Um xelim para as escolas judaicas em Constantinopla. Um xelim para os minadores, missão. Um xelim para as mulheres Zenana. E um xelim para o Fundo de Sustentação." Eu seria um bruto se eu me recusasse aceitar. Eu teria ainda que aprender o primeiro princípio da graça de Deus se eu fosse tentado a dizer para que ela tirasse isso dali e fosse comprar carvões com eles. Pois todos os carvões nas bacias de toda a terra não esquentariam seu coração e nem o meu; e, porque não dizer, o coração de seu Mestre, já que seu amor por essas causas esquenta Seu coração, e o dela, o coração de seu ministro.

Um bem-intencionado devoto mandou para mim, outro dia, 100 libras como uma doação especial, além das 100 libras que ele dá mensalmente em instalações para seu diácono. Por mais razões do que as dívidas que se aproximavam em maio, eu estava extremamente deliciado com sua nobre e oportuna doação. Mas os cinco

xelins derreteram meu coração muito mais. Aquele que também se posiciona perante o Seu tesouro aqui, Ele mesmo irá dizer a você em sua audiência daquele dia o que Ele tem a dizer sobre esses dois e todos semelhantes com mentes de príncipes. "Aquele", foi dito por um grande pregador em uma terra de videiras e olivas, em ilustração e reforço desse mesmo assunto de mente disposta, "Aquele que vem de Seu povo, na gentil pressão do simples pedido de seu Senhor, vem como o fino e doce e dourado azeite que é livre da fruta, quase antes da compressa tocá-la. Isso é como a escura e grossa borra, que é torcida pela força de severa limitação." "Quando eu estive na França", disse Bacon, "foi dito sobre o Duque de Guisa que ele foi a pessoa que mais fazia empréstimos naquelas terras, porque ele tinha tornado todos os seus estados em obrigações; o que significa que ele não tinha deixado nada para si próprio, mas vinculou um grande número de pessoas com uma dívida da vida inteira a ele." Não é função do lábio do homem mortal dizer, mas é verdade, que o Todo Poderoso Deus se coloca responsável por todos nós, correspondendo a todos os estados, pequenos ou grandes, que nós gastamos em Seu nome no nome de Sua casa. E se é apenas o estado interior de uma mente cada vez mais e mais disposta, como somos pessoas que fazemos empréstimos, e que responsabilidade Ele reconhecerá e pagará!

Mutatis mutandis, como os advogados latinos disseram; fazendo toda fazendo todas as concessões, isto é, pela imensa mudança de dispensação e de todas as outras circunstâncias, os treze baús do templo dos dias de nosso Senhor eram apenas os Fundos de Investidura, os Fundos de Ampliação e os Fundos de Sustentação da nossa própria terra e dia. Havia baús especiais em outros lugares, nos templos destinados aos pobres e para a educação das crianças dos pobres, mas os baús de tesouro que nosso Senhor posicionou-se contra aquele foram apenas as Cortes dos Diáconos de nossa Igreja Livre e outras igrejas. Não faz nenhuma violência exegética ou homilética a esse cenário primoroso, transferir todas as suas sílabas para nós mesmos como uma congregação e uma corte. De fato, tomaria algum grau de cegueira mental e uma inaptidão púlpita para nos guiar para além dessa lição maravilhosa e das aplicações dessa deliciosa Escritura. Pois nosso próprio Fundo de Sustentação é justamente aquele mesmo tesouro do templo re-

petindo-se exatamente como foi. As funções daqueles baús eram, pela contribuição diária, semanal, mensal e anual dos adoradores do templo, dar suporte aos padres, aos doutores, aos leitores das leis e todas as pessoas do escritório do santuário. E, como nosso Fundo de Sustentação também, todas as classes contribuíram para o suporte da casa sagrada; do rico entre as pessoas até esta pobre viúva. Da mesma forma é conosco, onde algumas pessoas doam para esse fundo centenas de libras por ano e outros alguns centavos por semana. E então, de nosso grande fundo central, uma dívida igual é feita todo maio para todo ministro da Igreja Livre, de John O'Groats até Maidenkirk. Tanto é assim, que toda vez que você vê uma porta aberta da Igreja Livre numa manhã de Sabbath[6], em cidade ou país, as pessoas se aglomerando para entrar ali, você teve um dedo na possibilidade de abrir aquela porta, na sustentação daquele ministro e nas orações para atrair os ricos de Cristo, que não devem ser buscados, para aquela congregação. E se, perante o julgamento de Deus, você é como aquela viúva que não tem nada para ceder para seu diácono, além de uma mente disposta, uma palavra de devoção, isso é perfeitamente o suficiente. Você é um contribuidor rico e um verdadeiro pilar da Igreja Livre. Não é nenhuma irreverência, é apenas uma gratidão e um amor vindoura da necessidade de expressar que assim que eu sento na ponta mesa mensal da nossa Corte de Diáconos, tenho algo em meu coração que não é tão diferente quanto o que Ele tinha em Seu coração, Quem posicionou-se naquele dia sobre o tesouro do templo. Enquanto vejo nossos diáconos vindo e colocando-se sobre a mesa, alguns com poucos xelins e outros com centenas de libras, como Ele, eu me revigoro com tal visão, um pouco como Ele eu tenho esperança, eu dou-me novamente para o serviço de Deus e para serviço de Seu povo. Se todos pudessem ver, como eu vejo em todas as primeiras segundas-feiras de todo mês, nossa esplendidamente equipada e esplendidamente guiada Corte dos Diáconos, tal visão iria mover, inflamar e santificar seu coração. Dúzias dos melhores jovens na cidade; estudantes de artes, de leis, de medicinas e das divindades; jovens mercadores, jovens banqueiros, jovens advogados, jovens vendedores, todos juntando-se à mesa do seu distrito e todos recebidos com os aplausos dos mais

[6] Autores protestantes antigos usam esse termo para se referir ao Domingo, o Dia do Senhor, o Sábado Cristão.

velhos sentados em sua volta. Se você pudesse ouvir o relatório mensal dos tesouros, e então o escrutínio mensal tão rigoroso do censor, e então os agradecimentos através de salmos e orações, você daria muito mais para esse Fundo de sustentação tão santificado do que você já deu em sua vida. Você veria, não por qualquer perfeição, mas por uma certa aproximação pela honestidade, que moderno baú de tesouros é o da Casa do Senhor, e o que ainda será em todas congregações nos dias que seguem da Igreja de Cristo na Escócia. Pois não é de forma alguma a enorme fortuna dessa congregação que deu a São Jorge Livre seu honorável lugar na ponta desse Fundo honorável. É, digo em sua presença, a inteligência excepcional nos negócios da igreja e em religião pessoal que tem esse tempo todo, com todas suas partes negativas, caracterizado a congregação dos doutores Andrew Thomson[7] e Candlish. E, com tudo isso, é uma Corte de Diáconos absolutamente única e não abordada.

[7] Doutor Andrew Thompson é um historiador e acadêmico britânico. Ele é especialista em história moderna britânica, imperialismo e Império Britânico.

Personagens da Bíblia - Novo Testamento.indd 115 13/11/2021 13:16:36

LXXXIV. Pôncio Pilatos

Foi Pôncio Pilatos que crucificou nosso Senhor. Mas por ele nosso Senhor não deveria ser crucificado. Apesar de Pôncio Pilatos, nosso Senhor talvez fosse apedrejado até a morte diante do palácio do sumo sacerdote naquela manhã de Páscoa. Ou, para que não houvesse um alvoroço entre as pessoas, Ele talvez seria assassinado quando estava de joelhos nos jardins de Getsêmani, naquela manhã de Páscoa. Os assassinos da cidade talvez pactuassem com Caifás que não iriam comer pão nem beber água até que eles tivessem matado Jesus de Nazaré. Todo o conselho dos escrivães, dos anciãos e dos sacerdotes chefes tinha finalmente determinado que Jesus de Nazaré, de um modo ou de outro, deveria ser sentenciado à morte; mas, com tudo isso, foi Pôncio Pilatos que O colocou para a morte na cruz.

Pôncio Pilatos foi um governador romano. Ele foi o procurador romano colocado no momento sobre Judas e Jerusalém. Ele era o representante de César e do vice-rei. O que o próprio Tiberius foi para Roma, Pôncio Pilatos foi para Jerusalém. O imperador Tiberius fez uma seleção especial no caso de Pôncio Pilatos e o mandou leste com instruções especiais para governar, nas melhores de suas habilidades, a província de Judeia. O posto de Pilatos foi um muito cobiçado dentre seus rivais em Roma, mas ele não achava um mar de rosas. Pois, enquanto os judeus foram os mais difíceis de conquistar, eles continuaram a ser os mais difíceis de conter, de todos os povos que já se contorceram pelas mãos de César. A conquista de Jerusalém, a ocupação militar e gestão pública daquela cidade e do país em volta, custou ao império romano muito mais homens e muito mais ansiedade administrativa do que valia a pena. Mas o estadista romano não estava para brincadeira, da mesma maneira estavam as águias romanas quanto a sua saída de Jerusalém, por aquele restante do povo hebreu. E assim foi que o procurador de tal vigilância alerta e tal temperamento implacável como era Pôncio Pilatos foi selecionado e mandado atrás do sangue dos judeus rebeldes através de seus sacrifícios. Foi requisitada toda a austeridade pessoal de Pilatos, toda sua prática estadista e foi convocado muito de sua crueldade proverbial, também, para que fosse possível conter uma tentativa de escapatória dos judeus atrás da outra. Até que fosse difícil quais estavam mais exasperados uns com os

outros: Pôncio Pilatos com o os governantes de Jerusalém ou os governantes de Jerusalém com Pôncio Pilatos. A raiva e a vingança dos governantes de Jerusalém direcionada a Pôncio Pilatos ainda queimam até hoje como zimbro nas páginas de Filo e Josefo.

Mas de todos os problemas e responsabilidades que apareceram na província enquanto Pilatos era procurador, nada o havia deixado tão perplexo, nada o deixou tão fora de seu próprio eixo, como esse movimento misterioso amplamente espalhado, originado de João de Jerusalém e continuado por Jesus de Nazaré. Pilatos frequentemente desejava que conseguisse detectar mesmo que fosse um átomo de perigo direcionado à dominação romana em João ou Jesus, ou em qualquer outro discípulo, ou em qualquer doutrina ou prática. Mas, completo lobo por sangue judeu como Pilatos era, ele não era perverso o suficiente e nem lobo o suficiente para assassinar um homem inocente, meramente porque ele não conseguia compreendê-lo.

"Divino e Ilustríssimo Tiberius", encontra-se nos relatórios da procuradoria sobre aquele momento de Pilatos "tudo está quieto por aqui. Eu tive alguns problemas com essas pessoas intragáveis e ingovernáveis, mas nem vigilância, nem firmeza foi aceita de minha parte. Apenas, o assunto de Jesus, o filho de Davi ainda me deixa perplexo. Eu às vezes me pego desejando que um homem mais sábio do que eu estivesse aqui em meu lugar, para que ele pudesse relatar a você melhor sobre o movimento misterioso entre essas pessoas. Fosse esse Jesus, um comum devoto judeu, ou um inssurecional de uma ordem cotidiana, o trabalho que faço a meu mestre seria logo completado. Mas, para efeito de registros, Jesus, o Cristo, como ele é chamado, tem maior valor para minha administração do que qualquer legião dos meus homens armados. Ele é a pessoa mais pacífica e inofensiva. Eu sei o que digo, pois Ele teve a Si a seus discípulos vigiados e delatados em todos os lugares e momentos. Não apenas isso, mas foi logo semana passada que eu determinei que deveria espiá-Lo eu mesmo, de tão perplexo que eu estava com tudo que ouvi sobre Ele. Eu me disfarcei da maneira mais efetiva, coisa que nunca havia feito antes, e fui até onde Ele habitava e lhe disse que eu era há muito tempo um secreto discípulo Seu. Eu voltei na mesma noite. Eu disse-Lhe, por medo dos seus inimigos e dos meus. Mas ao invés de sua descendência real de Davi, ou sua

qualidade de Messias hebraico, ou qualquer pretensões ou expectativas que tinha d'Ele, Ele não conversava comigo sobre nada e sobre ninguém — Davi nem Salomão, César nem Caifás — apenas sobre si mesmo. Judeu, ou romano, o que quer que eu fosse, eu deveria ser renascido, Ele insistia. Eu deveria ser batizado em Jordão, confessar meus pecados. Até que eu fosse tão renascido que eu, como todos os outros homens, amasse mais a escuridão do que a luz, porque todos meus feitos eram maléficos. E que o único jeito de saber a verdade, ter certeza da verdade e ter medo ou vergonha da verdade, era apenas fazer meu dever para a verdade, e nada mais. E quando eu lhe perguntei porque Ele não deixava essa terra tão cheia de inverdade e inimigos, e ia abrir uma escola de filosofia sobre todas essas coisas em Roma ou Atenas, ou Alexandria, sua única resposta para mim foi que Ele não foi mandado para ninguém, além das ovelhas perdidas da casa de Israel. E, então, seus olhos e suas mãos, enquanto se despedia de mim, eram absolutamente olhos e mãos de um Rei. Eu não erguerei nem mesmo um dedo contra esse 'Rei dos Judeus', como os seus discípulos o chamam, até que eu seja comandado por César a fazê-lo."

Bem, foi enquanto Pôncio Pilatos, despache procuracional, estava em caminho à Roma que o caso contido ali foi evidenciado em Jerusalém. Era manhã de Páscoa, ainda era cedo, quando Jesus de Nazaré, com Suas mãos atrás de Suas costas, foi mandado por todo o Sinédrio para o julgamento de Pilatos. Assim que sentou-se no seu assento de julgamento, Pilatos demandou as regras de Jerusalém, "Que acusações traz contra esse homem?". Eles responderam "Se ele não fosse um malfeitor, e de fato merecesse a morte pela cruz, nós não teríamos trazido ele até ti. Nós encontramos esse rapaz desvirtuando as pessoas e proibindo pessoas de dar tributos a César, dizendo que ele próprio é Cristo, um rei, e o filho de Deus." Quando Pilatos ouviu isso, ele trouxe o prisioneiro para longe e perguntou:"De onde és tu?". O coração de Pilatos era feito de aço romano e ele nunca havia falhado antes. Mas, no geral; com tudo o que ele já ouvira e vira de nosso Senhor até então; e com o que ele ouviu e viu naquela manhã; o coração de Pilatos parou em absoluto, enquanto ele se aventurava em fazer a pergunta: "De onde és tu?". E o medo secreto de Pilatos tornou-se terror quando seu prisioneiro olhou-o com tais olhos, mas não respondeu nada.

Foi nesse momento que a esposa de Pilatos exclamou a seu marido: *"Quão horrível é esse pretório romano para mim nessa manhã de páscoa! Vamos nos levantar e retornar à Cesaria! Não têm nada a fazer com este homem, pois eu sofri várias coisas toda a noite passada em sonhos e visões por sua causa!"*(Mt 27.19) Exatamente qual forma seu enorme sofrimento teve naquela noite nós não sabemos. Ela, também, talvez tivera relatórios trazidos a ela sobre a oração de João e Jesus. Ela, também, talvez tivesse espiões colocados para vigiá-Lo. Ela, também, talvez soubesse de alguns de Seus tremendos sermões naquela semana de páscoa. Pois toda Jerusalém — de topo à base — estava ressonando com aquelas Suas terríveis parábolas pascais. E, além de tudo o que ela havia visto e ouvido e apreendido — que sofrimentos não vieram a esposa de Pilatos e seus sonhos divinos naquela noite horrível? Ela talvez houvesse visto o Filho do Homem vindo em Sua glória e todos Seus anjos sagrados com Ele. E ela talvez viu os reis da terra, os grandes homens, os homens ricos, os homens poderosos e seu marido entre eles, escondendo-se em antros e pedras da montanha, e dizendo às montanhas e às pedras, que caiam sobre a gente e nos esconda de Seu rosto que senta-se em nosso trono. *"Não têm nada a fazer com este homem!", ela disse, " pois eu sofri várias coisas toda a noite passada em sonhos e visões por sua causa!"* (Mt 27.19)"Esposa!" disse o carcereiro de Derbe com uma voz triste, "Eu vi o dia do julgamento: eu vi George Fox lá e eu tive medo dele, porque eu errei demais com ele, eu disse tanto contra ele nas tavernas e cervejarias."

Com todo seu coração, Pilatos teria aderido ao aviso de sua esposa, fosse possível para ele fazer isso. Ele não precisava de sua mensagem urgente. Ele sabia muito mais que ela que o prisioneiro era apenas um homem e algo além de um homem, mas isso apenas tornava as mãos de Pilatos mais atadas. *"Não têm nada a fazer com este homem!"* (Mt 27.19) Sim; mas como iria Pilatos se livrar daquele homem justo, caçado até a morte como esse homem justo e o seu juiz, ambos são por essas hienas inumanas que enchem o palácio da corte com suas lamentações em busca de sangue? "Diga-me", foi o desespero de Pilatos em resposta para sua esposa, "diga-me como eu limpo minhas mãos desse homem justo: diga-me como eu posso soltá-lo a liberdade e ao mesmo tempo satisfazer seus inimigos, que têm ambos ele e a mim em seu poder?". Mas enquanto o clamor

deles continuou, Pilatos aderiu a uma das lamentações e pensou que viu ali uma abertura para si próprio, se não até mesmo para seu prisioneiro, ele disse: *"Alvoroça o povo ensinando por toda a Judeia, começando desde a Galileia até aqui."* (Lc 23.5). Agora, quem estaria em Jerusalém naquela manhã de páscoa se não Herodes Antipas, que submetia toda Galileia sobre sua jurisdição, e Jesus, portanto, como um galileu. A tetrarca esteve vastamente satisfeita com o reconhecimento de seu cetro real, quando esse prisioneiro galileu foi mandado por Pilatos para receber a sentença de Herodes. E, ainda mais, que Pilatos e Herodes tiveram tantos julgamentos juntos sobre este mesmo assunto de jurisdição de Herodes. Mas aqui estava o governador romano, em sua própria cidade e em sua própria instância, reconhecendo da maneira mais aberta e lisonjeira os direitos e prerrogativos muito frequentemente invadidos do rei de Galileia. *"E no mesmo dia,"* dizem os Evangelistas, *"Pilatos e Herodes entre si se fizeram amigos; pois dantes andavam em inimizade um com o outro."*(Lc 23.12) E feito amigos, como aquela pobre raposa pouco sabia, por um custo tão baixo pela parte de Pilatos! Mas Pilatos não era para se livrar tão facilmente de nosso Senhor. Herodes Antipas era mais um mestre de circo do que do que um monarca de mente séria; ao invés de pegar o caso que havia sido referido para sua jurisdição, tudo o que Herodes quis fazer foi tirar alguma forma de entretenimento do acusado. "Ele é o Rei dos Judeus, é? Ele é um candidato para meu trono real, é? Então coloquem a capa branca dos candidatos sobre ele, e o mande de volta para Pilatos. O Governador vai gostar de minha pilhéria: e irá em certa medida cimentar nossa amizade recuperada!"[8]

É impossível entrarmos em todos os pensamentos de nosso Senhor quando Ele foi arrastado para cima e para baixo nas ruas de Jerusalém naquela manhã de Páscoa. Arrastado em cordas de Getsêmani a Caifás, e de Caifás a Pilatos, de Pilatos a Herodes, de Herodes de volta a Pilatos. E o tempo todo com toda a vergonha e o insulto amontoados sobre Ele que os corações malignos de Seus inimigos poderiam inventar. Os pensamentos e sentimentos de nosso Senhor em todos os momentos são muito profundos para nós. Mas Pilatos era um homem com paixões semelhantes a nós e podemos entender muito bem quais eram seus pensamentos e

[8] Ler Lucas 23. [N.R.]

sentimentos quando os chefes dos sacerdotes voltaram com seu prisioneiro no Pretório. O que Pilatos devia fazer? Com todo o seu poder e com toda a sua diplomacia, o que Pilatos faria a seguir? Todos vocês sabem o que ele fez a seguir. Ele submeteu Jesus ao voto do povo contra Barrabás, confiando que a gratidão, a pena e o senso de justiça entre as pessoas comuns venceriam. Mas, por mais difícil que seja de explicar, todos eles de repente se viraram e gritaram em uma só voz: "Tire ele daqui! Tire ele daqui, e liberte para nós Barrabás!". "Por quê?", perguntou Pilatos, com indignação e exasperação: "Que mal este homem já fez? Nem Herodes nem eu encontramos nele a sombra de uma falha." Vocês viram a votação realizada em época de eleição em sua própria cidade. E vocês viram como a má vontade, a inveja e o rancor pessoal são muito mais ativos nessas ocasiões do que a justiça, a gratidão, a bondade e a verdade. Ignorância, preconceito e pura maldade chegarão às urnas de muletas e não precisarão de seu colportor nem de sua carruagem para ir buscá-los. "Este homem não, mas Barrabás!" gritaram os governantes dos judeus; e para um homem a ralé do povo gritou com eles: "Tire ele daqui! Tire ele daqui! Crucifique-o! Crucifique-o!"

Qualquer que seja o espírito perverso que tomou posse da população de Jerusalém naquela terrível manhã de páscoa, o próprio Espírito Santo nos testemunha que foi o espírito mais perverso de todo o inferno que apareceu e tomou posse de Caifás e seus colegas havia muito tempo. E sabíamos disso antes que nos fosse dito. Nós vimos isso acontecer o tempo todo. E Pilatos viu isso naquela manhã e tinha visto isso acontecer o tempo todo, tinha falado a Tibério sobre isso. A vida, o ensino e as obras maravilhosas de nosso Senhor, as multidões que foram atraídas a Ele por tudo isso; teria sido a Nova Jerusalém no alto, e Caifás teria sido um santo santificado no céu, para não ter seu coração queimado com inveja dentro dele pela popularidade de nosso Senhor com o povo. É neste momento da Passion Play em Ober-Ammergau que o refrão se apresenta com esta advertência para nós:

É inveja — que nenhuma misericórdia conhece,
Em que a chama do inferno brilha mais ferozmente -
Acende esse fogo devorador.

Tudo é sacrificado à sua luxúria -
Nada muito sagrado, bom ou justo
Para cair em seu desejo.
Ó! ai daqueles que esta paixão varre
Desamparado e preso às profundezas! [9]

Pilatos nunca ouviu falar da Jerusalém que está acima, mas ninguém sabia melhor do que ele, que a Jerusalém gritava com todas as fúrias ao seu redor. Caifás colocara sua mais sagrada das máscaras na mais sagrada das manhãs e exigira que aquele traidor contra César e esse blasfemo contra Deus fosse executado rapidamente. Mas Pilatos não era uma criança. Por mais pagão que Pilatos fosse, e endurecido como uma pedra em seu coração como era, ele olhou para dentro, desprezou e detestou todo sumo sacerdote, escriba e ancião de todos eles. Foi uma hipérbole nobre colocada na lápide de Platão: "Aqui jaz um homem bom e grande demais para invejar." Mas esse epitáfio literalmente verdadeiro, sem hipérbole, não poderia ter sido escrito nem mesmo na nova tumba de José, enquanto Caifás permanecesse vivo em Jerusalém.

Nosso próprio Senhor não era nem bom, nem grande demais para a inveja e má vontade de Caifás, nem para a covardia egoísta de Pilatos e a venda aberta da verdade e da justiça. Pois, todo esse tempo, com todo o seu poder, com todo o seu orgulho, com toda a sua astúcia e com todos os seus recursos, a corrente de seu terrível destino estava se fechando rapidamente em torno de Pôncio Pilatos. E sua raiva, sua dor e seu orgulho o deixavam quase louco. Nunca, certamente, desde que o homem mortal foi preso pela primeira vez e preso na armadilha de Satanás, nenhum homem miserável foi mais completamente fisgado e levado cativo por seus pecados passados e de suas circunstâncias presentes do que Pôncio Pilatos naquela manhã de Páscoa. E tudo chegou ao auge e a corrente fatal foi toda presa em torno de Pilatos pela última vez, quando a ameaça selvagem foi cuspida nele: "*Se soltas este, não és amigo de César*" (Jo 19.12) Isso foi o suficiente. Pois, com isso, Pilatos tomou água, em sua derrota e desespero, lavou as mãos diante da multidão e disse:

[9] Trecho do livro "Passion Play" traduzido internamente. [N.R.]

"*Estou inocente do sangue deste justo. Considerai isso.*"(Mt 27.24) E eles cuidaram disso.

Tudo isso não é a metade da história daquela manhã terrível para Pôncio Pilatos, e de tudo o que ele passou. Mas isso é o suficiente para colocar Pilatos suficientemente diante de nossos olhos na hora e no poder de sua tentação fatal. E tudo isso nos é dito para podermos voltar nossos olhos para dentro de nós mesmos e nos perguntar o que teríamos feito naquela manhã de Páscoa se estivéssemos no lugar de Pilatos; se tivéssemos ficado entre a raiva mortal de César, de um lado, e com apenas um homem justo para ser açoitado e crucificado, do outro, teríamos feito exatamente o que Pilatos fez. Para nos proteger; estar bem com nossos mestres e preservar nosso posto de pagamento; teríamos lavado as mãos e açoitado Jesus, o homem justo muitas outras coisas mais. Quem aqui, nesta hora da verdade, ousará lançar uma pedra contra Pôncio Pilatos? Que homem egoísta, que homem que se protege, que homem que vende a verdade, que homem que vende almas?

Ó intervalo, ó intervalo, duro coração meu!
Teu fraco amor próprio e orgulho culpado
Seu Pilatos e Seu Judas foram:
Jesus, nosso Senhor, está crucificado!

Eu conheço todas as lendas antigas, sagradas e profanas, sobre Pôncio Pilatos e sobre seu miserável fim. Mas não vou acreditar em nenhum deles. Continuarei a ter esperanças contra o pobre Pôncio Pilatos. Se a venda do meu Salvador e da minha própria alma tantas vezes me perseguiu até a cruz de Cristo, então acho que o remorso de Pilatos deve tê-lo perseguido. E como ele lavou as mãos na água naquela manhã de Páscoa, espero que ele tenha lavado as mãos e o coração dez mil vezes depois, naquela Fonte para o pecado que ele teve uma terrível facilidade de aceitar.

O mundo não conteria os livros se todos os nomes de todos os principais sacerdotes, escribas e habitantes de Jerusalém; todos os governadores, centuriões e soldados de Roma, que passaram a crer no Cristo crucificado, fossem escritos neles. "*Homens israelitas,*

por que vos maravilhais disto? Ou, por que olhais tanto para nós, como se por nossa própria virtude ou santidade fizéssemos andar este homem? O Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó, o Deus de nossos pais, glorificou a seu filho Jesus, a quem vós entregastes e perante a face de Pilatos negastes, tendo ele determinado que fosse solto. Mas vós negastes o Santo e o Justo, e pedistes que se vos desse um homem homicida. E matastes o Príncipe da vida, ao qual Deus ressuscitou dentre os mortos, do que nós somos testemunhas. E pela fé no seu nome fez o seu nome fortalecer a este que vedes e conheceis; sim, a fé que vem por ele, deu a este, na presença de todos vós, esta perfeita saúde. E agora, irmãos, eu sei que o fizestes por ignorância, como também os vossos príncipes. Mas Deus assim cumpriu o que já dantes pela boca de todos os seus profetas havia anunciado; que o Cristo havia de padecer." (At 3.12-18) Quem sabe? Com aquele Evangelho glorioso pregado em toda parte, com a oração do Redentor que era oferecida com Seu próprio sangue para apoiá-Lo na Cruz, Pai, perdoa-lhes: quem pode dizer? Eu, pelo menos, continuarei a ter esperança em Pôncio Pilatos e também em mim. Pois:

Ó Amor de Deus! Ó pecado do homem!
Nesse horrível ato, sua força é testada,
E a vitória está do lado do amor:
Jesus, nosso Senhor, é crucificado![10]

[10] Trecho traduzido internamente.

LXXXV. A esposa de Pilatos

Nossos cientistas naturais às vezes são capazes de reconstruir a forma e o tamanho de uma espécie completamente extinta a partir de um único osso, ou lasca de osso, que foi acidentalmente retirado da terra. E, de uma forma semelhante, a esposa de Pilatos surge diante de nós com uma única frase do Evangelho de Mateus. Vemos a esposa do governador apenas por um momento. Nós a ouvimos apenas por um momento. Mas, no espaço daquele curto espaço de tempo, ela sedimenta sua presença repentina naquelas páginas do Evangelho; enquanto este for lido, isso que a esposa de Pilatos disse e fez naquela manhã de Páscoa será mantido em memória pelo mais honroso memorial dela.

Pilatos e sua esposa, nas palavras de Paulo, eram gentios na carne, sendo estrangeiros da comunidade de Israel e estranhos dos pactos da promessa, sem esperança e sem Deus no mundo. Tanto Pilatos quanto sua esposa eram pagãos perfeitos, como diríamos. Eles ainda estavam no que chamaríamos de período pré-patriarcal da revelação divina. Eles ainda eram muito o que o próprio Abraão era quando Deus o escolheu, falou com ele e dizendo: "*Sai-te da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei.*" (Gn 12.1) Com relação a muitas das coisas boas dessa vida — aprendizado, civilização, refinamento e coisas do gênero — o governador romano e sua talentosa esposa eram muito avançados; mas no que diz respeito ao que nosso Senhor estima ser a única coisa necessária para todos os homens, eles não eram diferentes de Terá, Nahor e Abrão, quando ainda viviam antigamente do outro lado do dilúvio e serviam a outros deuses.

Pilatos e sua esposa ainda estavam naquele estágio em que Deus costumava se comunicar com os homens muitas vezes e de várias maneiras; entre outras maneiras, na forma de um sonho. Pois, até que a Sagrada Escritura chegasse a alguma plenitude e clareza, encontrávamos Deus revelando-se em um sonho, não apenas a Abraão, Faraó e Nabucodonosor; mas até mesmo para Jacó, José e Salomão, e até mesmo para homens do Novo Testamento como Pedro, Paulo e João.

O Deus Todo-Poderoso tem controle completo e comando contínuo de todas as avenidas que conduzem à alma do homem, Ele envia Sua mensagem a essa e àquela alma no próprio tempo e da

maneira que parece mais sábia e melhor aos Seus olhos. E a notável descrição de Eliú da maneira e da matéria de um de seus próprios sonhos divinos pode ser tomada como uma previsão profética deste sonho pascal da esposa de Pilatos: "*Em sonho ou em visão noturna, quando cai sono profundo sobre os homens, e adormecem na cama. Então o revela ao ouvido dos homens, e lhes sela a sua instrução, para apartar o homem daquilo que faz, e esconder do homem a soberba. Para desviar a sua alma da cova, e a sua vida de passar pela espada. Também na sua cama é castigado com dores; e com incessante contenda nos seus ossos*"(Jó 33.15-19) Uma imagem perfeita do sonho da esposa de Pilatos no Pretório naquela noite e de seu propósito divinamente intencionado para com o próprio Pilatos, que era retirá-lo de seu propósito e manter sua alma longe da fossa.

Muito antes daquela manhã de Páscoa, a esposa de Pilatos já havia se decidido sobre Jesus de Nazaré. Com toda a riqueza e toda a posição da cidade contra Ele; com todo o aprendizado do templo e toda a autoridade do templo contra Ele; com, sem exceção, todo governante responsável e todo homem influente em toda a Jerusalém contra Ele; e com todos os seus próprios interesses originais e todos os instintos de seu marido fortemente contra Ele prejudicando-a, ela havia superado tudo isso, deliberada e resolutamente assumido o lado d'Ele. Ela havia decidido que tudo o que Ele era, ou poderia vir a ser, pelo menos até aquele momento, Ele tinha sido um homem irrepreensível. Ele estava fazendo o bem.

O palácio do procurador era o centro e a sede de tudo. Todos os fios do telégrafo subiram e se entregaram lá. Tudo o que acontecia na província era imediatamente relatado no Pretório. Nem uma palavra de rebelião foi sussurrada nos armários, nem um fanático mexeu um pé na maior furtividade, nem uma espada foi afiada à meia-noite em toda a terra, mas era tudo muito bem conhecido por Pilatos e sua esposa quanto à intenção insurrecional, de fato. E, embora os procuradores romanos estivessem acostumados a deixar suas esposas em casa quando partiam para suas províncias, a esposa de Pilatos era uma ajuda grande demais para ser deixada para trás quando ele lutava por sua vida contra os judeus em Jerusalém. E assim foi. A esposa do procurador compartilhou de todas as ansiedades do marido, de todas as suas responsabilidades e todas as suas apreensões. Ela estava com ele em tudo, com sua mente

aguçada e seu coração nobre. Com toda a sua rápida adivinhação, ela chegara à conclusão certa há muito tempo, que Jesus de Nazaré era tudo e mais do que parecia ser. Sua empregada hebraica não podia ajudar sua senhora romana a se vestir, mas, de uma forma ou de outra, o mesmo assunto de conversa continuamente surgia — o que Ele havia dito e feito por último. Ela não podia sair pelo portão da cidade, mas havia Sua congregação cobrindo a rodovia. Ela não podia levar a informação para casa que Ele não estava curando um homem doente na porta do templo. E, durante toda aquela semana da Páscoa, com os espiões de seu marido e com os seus próprios, ela sabia tão bem quanto Anás e Caifás próprios sabiam o que havia sido decidido fazer. Ela tinha visto pela janela o que agora conhecemos como a entrada em Jerusalém. Ela ouviu, vindo do vale, as vozes das crianças no templo clamando e dizendo: "*Hosana ao Filho de Davi!*" (Mt 21.9) até que ela desejou que seus filhos estivessem entre eles. A última coisa que deixou todo o seu coração cativo foram Marta, Maria e seu irmão Lázaro. Foi necessário todo o seu próprio autodomínio e todo o comando do marido sobre ela como seu marido, para impedi-la de ir à Betânia para ver Lázaro com seus próprios olhos. Ela costumava ler essas coisas em seus próprios livros antigos em casa, mas algo assim nunca tinha chegado tão perto dela antes. E então, quando chegou ao Pretório o relatório de que o amigo de Lázaro havia sido traído e feito prisioneiro, estando a noite toda sob julgamento de Caifás e do conselho; e então, que tudo iria cair sobre seu marido na manhã seguinte — se um sonho acontecesse por meio da multidão de negócios — não é de se admirar que a esposa de Pilatos sonhou com Jesus de Nazaré durante toda aquela noite de Páscoa!

Exatamente como o sonho dela tomou naquela noite de páscoa, eu gostaria de saber. E não é mera e inútil curiosidade que me faz dizer isso, pois seria, para mim, uma grande lição nos primeiros princípios da revelação divina para a Igreja do Antigo Testamento, bem como para a alma desta matrona romana e para minha própria alma. Seria tão bom quanto outro manuscrito desenterrado dos Atos de Pilatos, se soubéssemos algo da grandeza desse momento sobre Jesus que tinha ido naquela noite para produzir aquele sonho tão sofrido e tão oportuno. Com os livros dos profetas hebreus em sua mesa e com os ecos da pregação de João e as parábolas de Jesus

enchendo o ar ao seu redor, o que a esposa do governador não viu e ouviu nas visões e vozes daquela noite sinistra? Ela pode ter visto uma mão saindo e escrevendo na parede do Pretório: "Mene, Mene, Tequel, Parsim." Ela pode ter visto a mesma cena que fez o próprio Daniel ficar perturbado e seu semblante mudar. Ela pode ter visto o Ancião dos dias, com Seu trono como a chama de fogo e Suas rodas como fogo ardente, o julgamento definido e os livros abertos. Ela talvez tenha visto alguém como o Filho do Homem vir com as nuvens do céu, até que Seu reino fosse um reino eterno, e Seu domínio que não será destruído. Até, "pelo amor de Deus", disse ela, "você não tem nada a ver com aquele homem horrível?"

Agora, entre todos os seus sonhos e visões em sua cama, você já sonhou com Jesus Cristo? Você sonha todas as noites com este homem e aquela mulher que você ama ou odeia. Você já sonhou com o seu Salvador? Você O ama e O teme nesse tanto? Se Ele estivesse realmente empenhado dentro de você na salvação de sua alma, os numerosos negócios ligados a essa obra interior certamente o faria pensar n'Ele o dia todo, até que você sonhasse com Ele a noite toda. Você sempre faz isso? Você será capaz de dizer a Ele no último dia: "Senhor, tu sabes que pensei muitas vezes em Ti o dia todo e sonhei com Ti a noite toda e contei ao meu marido meus sonhos sobre Ti pela manhã?" Você terá tanto quanto a esposa pagã de Pilatos terá a dizer por si mesma e por ele? Terá ou não terá? O que você acha? O que você diz?

E então, isso será abertamente reconhecido e admitido no dia do julgamento que a esposa de Pilatos era destemidamente verdadeira e fiel a toda a sua luz. Sua melhor luz ainda era a luz de velas. Era apenas uma luz passageira. Mas, mesmo a luz da vela, mesmo a luz passageira, até o mais tênue reflexo da luz da vela ou da luz passageira é, o tempo todo, a mesmíssima luz que vem do sol do meio-dia. Todos os tipos de luz vêm, de uma forma ou de outra, de uma única e mesma fonte. E a luz sombria do sonho da esposa de Pilatos naquela noite veio a ela e a ele da Luz do mundo. A mesma Luz idêntica que está iluminando você e eu com tanto brilho e beleza nessa casa essa noite, aquela mesma Luz lutou dentro da alma daquela senhora romana em sua cama e em seus sonhos em Jerusalém naquela noite. E nada nas coisas divinas é mais certo do que isto, que aqueles que amam a luz — seja luz de vela, ou seja, a

luz do sol — receberão mais luz, até que tenham toda a luz de que precisam. Para eles, seu caminho deve brilhar mais e mais rumo ao dia perfeito. Aqueles que amam a luz, e andam na que possuem, nunca se deitarão nas trevas. Você pode ter certeza de que a própria Luz Verdadeira, que estava sob tal nuvem diante do bar de Pilatos naquela madrugada, ouviu e guardou em Seu coração a nobre mensagem que veio ao procurador. Você pode confiar que Aquele que já havia enviado a ela tanto de Sua própria luz continuou a enviá-la mais, até que ela se tornou uma daquelas princesas santas da casa de César, a quem Paulo saudou tantos dias depois. E não podemos esperar que o próprio Pilatos tenha finalmente sido completamente conquistado com a caminhada sagrada de sua esposa, ao contemplar sua conversa casta regada à medo?

LXXXVI. Herodes aquela raposa

Jacob Behmen diz que um homem às vezes é como um lobo, cruel e impiedoso, e com uma sede insaciável de sangue; às vezes como um cachorro, mal-humorado, malicioso, invejoso, rancoroso, como um cachorro com um osso que ele mesmo não pode comer; às vezes como uma serpente, pungente e venenosa, caluniosa em suas palavras e traiçoeira em suas ações; às vezes como uma lebre, tímida e arrancada; às vezes como um sapo, às vezes como uma raposa, e assim por diante. O filósofo teutônico tem um capítulo inteiro incomparável sobre "As Manifestações Bestiais no Homem". "Meus queridos filhos em Cristo", ele prossegue, "meu único propósito ao escrever desta forma para vocês não é insultá-los ou repreendê-los por seu estado caído e bestializado. O que aqui escrevo para você é a verdade simples, nua e aberta. Estou tão certo quanto vivo de que é a verdade de Deus, porque tenho a experiência diária de tudo isso em mim. Todos os dias, e todas as horas de todos os dias, tenho a conexão com tudo isso e a vergonha de tudo isso, e a degradação e a culpa de tudo isso, em mim mesmo, e não em outro. E, portanto, sua propriedade abraçada é aqui dito para não excluir nenhum de vocês da esperança da salvação. O homem mais parecido com um lobo entre vocês, o homem mais parecido com um cachorro entre vocês, o homem mais parecido com um sapo entre vocês, o homem mais parecido com uma raposa entre vocês - todos esses homens são convidados e, de fato, ordenados a se levantar a cada momento e fogem de si mesmas para o novo nascimento em Deus. E, além disso, foi com esse propósito que o Filho de Deus se manifestou. Era para transformar todos nós de sermos bestas e demônios para sempre, e tornar um todo de nós Ele, os novos filhos e filhas nascidos do alto do Deus vivo. Jesus Cristo, o próprio Ditador da Verdade, chamou Herodes de raposa, não para condená-lo, e para consertá-lo para sempre a raposa que ele era, mas era para, se possível, desviá-lo de todas as suas astúcias, e todas as suas concupiscências e todas as suas mentiras, para torná-lo ainda um filho de Deus e herdeiro da vida eterna. " Assim escreve "o iluminado Behmen" em sua Eleição da Graça. Todos os historiadores e todos os biógrafos daquela época, sagrados e profanos, concordam sobre Herodes Antipas. Todos concordam que Antipas era filho de seu pai em tudo o que havia de pior em seu caráter. O velho Herodes, com todas as suas brutalidades e com todas as suas maldades, tinha ao mesmo

tempo algumas das possibilidades que levam à formação de um grande homem. Mas, de forma alguma, seu segundo filho poderia ter sido um grande homem. Antipas era uma criatura fraca, cruel, envolvente, ostentosa e de coração raso. Ele é conhecido pelos leitores do Novo Testamento, primeiro como o tolo de uma mulher má, depois como o assassino de João Batista e, depois, como um dos juízes de Jesus Cristo. Ele foi aquela raposa que tentou assustar nosso Senhor para que ele fugisse de Seu trabalho; e por fim ele era aquele rei-fantoche e pecador réprobo, a quem nosso Senhor não responderia uma palavra. Sua vida licenciosa, suas misérias familiares, suas manobras políticas, seus gastos bajuladores e extravagantes, suas derrotas ruinosas, tanto na guerra quanto na diplomacia, sua queda de seu trono e seu o banimento de seu reino, tudo isso pode ser lido nos livros de Josefo, que é um autor totalmente digno de narrar os feitos e contar as façanhas de tal herói. Evite dar personagens, diz Butler em seu nobre sermão sobre "O Governo da Língua". Ao mesmo tempo, como diz Bengel, a verdade às vezes deve ser falada e, às vezes, toda falada. Às vezes, um cachorro deve ser marcado para todos os homens para ser um cachorro, e uma serpente anunciada como uma serpente e um porco para ser um porco. 'Volte', disse nosso Senhor, 'àquela raposa que te enviou, e diga-lhe o que eu disse sobre ele: diga-lhe o nome que eu denunciei sobre ele.' E nós entendemos e aceitamos tanto o que nosso Senhor quanto Seus dois servos têm falado sobre o assunto da atribuição de personagens. É uma grande parte de nossa lição diária, disciplina e dever nesta vida, ser capaz de dar o caráter adequado e aplicar os epítetos adequados aos homens e às coisas; e fazer isso no momento certo e com o temperamento certo. É uma parte grande e importante da função de cada pregador, especialmente, aplicar a todos os homens e a todas as suas ações seus nomes corretos e verdadeiros de maneira absoluta e destemida. Rastrear o lobo, a serpente, o sapo e a raposa nos homens em que habitam essas bestialidades, e advertir todos os homens como e onde tudo isso vai acabar; nenhum ministro pode recuar diante disso. Todos os vícios e todos os crimes da vida miserável do tetrarca, e toda a fraqueza e duplicidade de seu caráter desprezível, estão todos resumidos e selados sobre Herodes Antipas naquela única palavra divina naquele dia: "Aquela raposa." Mas o que faz de Herodes Antipas uma lição tão pungente para nós não é que ele foi uma raposa, mas sim que ele começou por

ser uma raposa e acabou por ser um réprobo. Vocês sabem o que é reprovação, meus irmãos? Isso é reprovação. *"E, sabendo que era da jurisdição de Herodes, remeteu-o a Herodes, que também naqueles dias estava em Jerusalém. E Herodes, quando viu a Jesus, alegrou-se muito; porque havia muito que desejava vê-lo, por ter ouvido dele muitas coisas; e esperava que lhe veria fazer algum sinal. E interrogava-o com muitas palavras, mas ele nada lhe respondia"* (Lc 23.7-9). Isso é reprovação. É nossa reprovação iniciada quando Deus não nos responde nada. Quando, com todas as nossas orações, e com todas as nossas leituras, e com todas as nossas indagações, Ele ainda não nos responde nada. O dia da graça de Herodes durou muito, mas agora chegou ao fim. Herodes tivera muitas oportunidades e, certa vez, quase se convenceu. Houve uma época em que ele não estava muito longe do Reino dos Céus. Mas tudo isso já passou. Herodes havia sufocado e silenciado sua consciência há muito tempo, e agora ele ficará para sempre em paz. Não - e que todos os réprobos iniciantes cuidem disso - não só Herodes foi deixado sozinho, mas quando fez muitas perguntas ansiosas a nosso Senhor, Ele nada respondeu. É aqui que entra o verdadeiro horror e o terrível fascínio para mim de todo o caso de Herodes. É nisso: porque também continuamos exatamente como Herodes, enganando a nós mesmos e pensando, pobres raposas auto-aprisionadas que somos, que estamos o tempo todo zombando de Deus também, até que seja tarde demais; pois Deus não deve ser zombado por nenhum homem. Davi extraiu esta lição solenizante e a definiu em um Salmo singularmente impressionante e em palavras que nunca serão esquecidas: *"Se eu atender à iniqüidade no meu coração, o Senhor não me ouvirá"* (Sl 66.18) Agora, era só porque esta raposa lasciva e cruel tinha considerado tão desafiadoramente, e tão flagrantemente, e tão criminosamente, e por tanto tempo, considerado a maior iniqüidade em seu coração e em sua vida, que agora finalmente, quando ele fez tantas perguntas ao nosso Senhor, nada lhe respondeu. Todos nós sabemos a mesma coisa. Semelhante a raposa, semelhante a Antipas, Deus nos vê? nós dizemos. Certamente a escuridão nos cobrirá, dizemos. Só mais uma vez, dizemos. Em um momento mais conveniente, vou me reformar, dizemos. Seguimos nosso próprio caminho e nosso próprio tempo e, como raposas, temos muitos truques em nossos olhos pelos quais escaparemos da armadilha. Todos nós seguimos dessa forma, até que es-

sas palavras de reprovação - "nenhuma resposta" - descrevem com perfeição muitos de nós nesta casa esta noite. Em Herodes, foi o assassinato e o incesto, nunca arrependido e nunca abandonado, que fechou de forma absoluta a boca de nosso Senhor para Herodes e para todos os seus pedidos e todas as suas perguntas. Não há controvérsias tão sombrias e terríveis entre Deus e nossas almas como o assassinato de João Batista. Mas Deus pode estar tão silencioso e zangado com todas as nossas orações e perguntas e casualidades como sempre esteve na casa de Herodes. Ninguém acreditaria, exceto aqueles de nós que passaram por isso, as pequenas coisas, as coisas triviais, que irão tapar os ouvidos de Deus, e fechar Sua boca, e torná-lo nosso inimigo. Um pouco de dinheiro gasto conosco, e gastos a menos na Igreja de Cristo e em Seus pobres, isso bastará. Muito pouco tempo e força gastos no armário e na oração de intercessão bastarão. Um mal-estar secreto nutrido por alguém fará isso. Uma dívida não paga e com juros bastará. Um preconceito alimentado e não abandonado a tempo bastará. Um rancor mantido bastará. Um pedido de desculpas não feito bastará. Uma língua muito longa e muito livre bastará. Um livro impertinente, e o tempo e o dinheiro gastos nele bastarão. Um segundo sono pela manhã, mais do que o necessário, bastará. Um cachimbo de tabaco duvidoso bastará. Uma ou duas taças diárias de vinho inadequado bastarão. Um pedaço de carneiro muito saboroso às vezes serve, como o doutor Jowett costumava dizer. Ninguém poderia dizer, ninguém que não tenha passado por tudo poderia imaginar ou acreditar, se lhes fosse dito, a trivialidade e a imaterialidade absoluta das coisas que, em alguns casos, o farão. Deus manteve uma controvérsia ao longo da vida com alguns de Seus santos sobre pequenas coisas que eles não podiam colocar em palavras, tão diferente do Deus Todo-Poderoso e tão abaixo d'Ele, como se diria, é toda a disputa. A verdade é que, quando o Deus Todo-Poderoso está inclinado à santificação absoluta de algum pecador eleito, nenhuma autobiografia, nenhuma Brea, nenhuma Relíquia, nenhuma Graça Abundante, nenhuma quantidade de gênio imaginativo e estilo correspondente, poderia transmitir a outro homem todas as controvérsias, grande e pequeno, que por toda a sua vida vá entre Deus e a alma do pecador eleito. Existem alguns santos terrivelmente predestinados. Existem algumas eleições que quase consomem essas almas escolhidas até virar pó e cinzas na terrível fornalha de sua santificação. O apóstolo

teve essa mesma eleição terrível e ambição consumidora de pecado para seus convertidos tessalonicenses. *"E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo"* (1Ts 5.2). Você tem tudo lá. É o mesmo que dizer, o próprio Deus da paz faz ouvidos surdos às suas orações mais importunas e agonizantes, enquanto houver uma única partícula de pecado secretamente manchando qualquer parte de sua alma. O próprio Deus da paz crucifica cada luxúria remanescente em seu corpo, e cada afeição remanescente em seu espírito, e cada pensamento, sentimento e paixão remanescente em sua alma, até que você esteja absolutamente irrepreensível em Sua visão sagrada e consumidora. O próprio Deus da paz esvazia você de devoto em devoto, e poda você até que se trema todo, e te mantém em um fogo setenário, até a vinda do Grande Refinador na glória de Seu pai. E, da mesma forma, o próprio Deus de paz exige de você também cada momento de seu tempo, cada centavo de seu dinheiro, cada palavra de sua boca e cada batida de seu coração. E só quando Ele obtiver tudo isso de você, Ele responderá uma palavra; não, não por todas as suas orações e todos os seus suores e todas as suas lágrimas. Não é lícito a um filho de Deus tê-Lo, Ele dirá, até que faça de sua vida desobediente um fardo para você, uma tortura terrível e uma longa agonia. Não! Ele o nega, até que você nada possa suportar em toda a sua consciência, exceto essas palavras raivosas com você. Não! não é leal a você. Não é certo. Não é seguro. Não é apropriado. Não é conveniente. Pode ser para os outros, mas agora nunca mais será para você. E enquanto Deus em sua consciência disser isso a você sobre qualquer coisa, você pode debater, questionar, orar e buscar marcas e evidências até o dia da sua morte, mas o próprio Deus da paz nada responderá a você.

E também há esta complicação: há coisas que não é lícito para um homem fazer, que seu vizinho pode fazer todos os dias, e andar com Deus e falar com Deus o tempo todo. Existem coisas que são imperdoáveis aos olhos de Deus em um homem, mas que não só são totalmente inocentes e inofensivas, mas são positivamente virtuosas e louváveis em outro homem. Existem coisas que serão a ruína da alma de um homem, que podem sempre ser a doçura e a força da alma de seu próximo. Posso ter que negar a mim mesmo, sob pena

de reprovação, todos os dias, o que você pode comer e beber todos os dias e pedir uma bênção sobre isso. Posso ter que passar todo o resto da minha vida redimida neste mundo em uma batalha diária e um auto-exame noturno contra hábitos do corpo e da mente que você nem consegue imaginar. Posso ter que esperar minha salvação todas as noites da semana, enquanto você dorme como uma criança inocente. Posso ter que meditar nos Salmos de Davi continuamente, e em nada mais, enquanto você não está fazendo mais nada em todo o seu tempo e pensamento, além de contando ou ouvindo alguma coisa nova. Posso ter, até o dia da minha morte, para lutar contra uma escravidão que faz você, em sua exuberante liberdade, dizer que estou fora de mim. Posso ter iniquidades em meu coração, destruindo absolutamente todas as minhas orações: iniquidades sobre as quais mesmo Davi em seus melhores Salmos nada sabia: iniquidades que nem mesmo existiam nos dias de Davi, porque o Espírito Santo ainda não foi dado. Tão atrasados estão alguns homens do Novo Testamento, e alguns homens muito avançados na vida da graça, que Deus quase nunca lhes responde uma palavra do final de um ano para o outro. Então o rei Herodes questionou Jesus em muitas palavras; mas ele nada respondeu. Mas, canta Davi, na verdade Deus me ouviu. Ele atendeu à voz de minha oração.

Personagens da Bíblia - Novo Testamento.indd 139 13/11/2021 13:16:36

LXXXVII. O ladrão penitente

Os dois malfeitores crucificados com Cristo eram líderes do bando de ladrões de Barrabás. E se o próprio Barrabás não tivesse sido perdoado por Pilatos naquela manhã, ele também teria carregado sua cruz para o Calvário naquele dia e teria sido crucificado. Mas, quando Barrabás e sua mão são chamados de ladrões e salteadores, é apenas devido a dar-lhes o benefício da dúvida. Em nossa nobre lei e administração britânica, há uma distinção profunda e fundamental feita entre criminosos comuns contra toda a sociedade civilizada e criminosos políticos contra este ou aquele governo estrangeiro da época. Desistimos de vigaristas e assassinos quando fogem de nosso entendimento, mas oferecemos um asilo seguro e honrado para refugiados políticos e criminosos do Estado, como os chamamos. Agora, todas as chances são de que Barrabás e seu bando tenham começado simplesmente por serem rebeldes contra, de fato, todos os judeus que estavam em todos os lugares, em seus corações. Embora, sem dúvida, suas vidas repudiadas, proscritas, exasperadas e caçadas tivessem, gradualmente, deixado Barrabás e sua mão desesperados e temerários, até que se tornaram, em muitos casos, puros ladrões e saqueadores. Davi na caverna de Adulão não é uma representação ruim de Barrabás no início de sua vida de proscrito. Porque todos os que estavam em aflição vieram a Davi, assim como todos os que estavam em dívida e todos os que estavam descontentes, e ele se tornou o chefe deles; e estavam com Davi cerca de quatrocentos homens. Contudo, sem dúvida, Davi foi um capitão muito melhor do que Barrabás. Davi, sem dúvida, manteve seus homens em mãos muito melhores, até que os expulsou de tão esplêndidos exemplares de soldados e poderosos homens de guerra, e os melhores cidadãos cumpridores da lei em todo o Israel. Mas Davi tinha apenas Saul para derrubar, enquanto Barrabás tinha César.

O evangelista Lucas entendeu perfeitamente todas as coisas desde o início. Sem dúvida ele sabia tudo sobre a infância de Barrabás e seu bando. E, especialmente, tenho certeza, ele faria todas as perguntas possíveis sobre os primeiros dias deste homem notável descoberto por nós nesse Evangelho como o ladrão penitente. Mas estaria fora de lugar em Lucas ter entrado em toda a vida passada deste homem no momento em que ele está fixando todos os nos-

sos olhos na crucificação de nosso Senhor. Ao mesmo tempo, está claro como a luz do dia para mim que essa não é a primeira vez que este ladrão crucificado vê nosso Senhor. Ele conhecia a vida, o ensino e o caráter de nosso Senhor muito bem, embora tivesse desperdiçado todos os seus dias até agora. Ele sabia que nosso Senhor não fez nada de errado o tempo todo que ele e seus companheiros estavam amadurecendo rapidamente para a recompensa devida por seus atos. Não havia uma sinagoga de sábado, nem uma viagem de Páscoa, nem uma carpintaria, nem uma barraca de coletor de impostos, nem uma caverna de ladrão em todo o Israel onde o nome, o ensino e as obras poderosas de Jesus de Nazaré não estivessem constantemente discutido, debatido e dividido. Barrabás e seu bando devem ter tido muitas deliberações em seu banimento sobre Jesus de Nazaré. Ele é realmente o Messias prometido? Ele é realmente o filho de Davi? É realmente Ele quem deve vencer e expulsar César? Se for assim, nos uniremos ao Seu padrão imediatamente e Ele se lembrará de nós, quando entrar em Seu reino. Semana após semana, mês após mês, ano após ano, isso continuou até que seus corações ficaram doentes e desesperados dentro deles. Cem vezes Barrabás, este e aquele de seu bando se disfarçaram de pescadores e pastores para virem ouvir nosso Senhor pregar e ver as obras poderosas que Ele fez. Não, pelo que sabemos, este homem pode ter sido um dos discípulos de nosso Senhor, tão bem quanto Simão Zelote e Judas Iscariotes. Em seus primeiros dias, entusiastas e patrióticos, ele pode ter sido um dos discípulos de João. Ele pode ter visto Jesus de Nazaré ser batizado naquele dia. Ele pode ter sido batizado naquele dia. Ele pode ter ouvido o Batista dizer: "Eis o Cordeiro de Deus!" Ele pode ter estado entre a multidão que se sentou e ouviu o Sermão da Montanha. Ele pode, na verdade, ter tido uma companhia íntima de nosso Senhor por um período. Até que ele finalmente foi um daqueles que voltaram e não andaram mais com Ele, porque nosso Senhor não seria tomado por eles e feito rei. Mas, volte para o bando de Barrabás como ele fez, eu o desafio a esquecer o que ele viu e ouvido entre as cidades, e as aldeias, e as encostas das montanhas, e as mesas de jantar da Galileia e Judaísmo. Este homem, e muitos mais como ele, voltou para sua fazenda, para suas mercadorias, para seu pedágio e para sua caverna de ladrões, mas eles levaram consigo memórias, visões, corações e consciên-

cias, eles nunca poderiam esquecer. Como vemos, foi, claramente, o caso com esse ladrão na cruz.

E tudo isso continuou: nosso Senhor terminando a obra que Seu Pai Lhe havia dado para fazer, enquanto Barrabás e seu bando estavam rapidamente se movendo em direção à cruz, até que, como Deus queria, nosso Senhor e Barrabás, com esses dois de seu bando, foram todos presos e julgados. Os quatro foram sentenciados a serem crucificados na mesma manhã de páscoa. Agora, quando um homem está a caminho de sua própria execução, ele seria mais do que um homem se prestasse muita atenção às circunstâncias que acompanham a execução de seus vizinhos. Ao mesmo tempo, esse ladrão não era um homem comum. "Este é Jesus de Nazaré", dizia para si mesmo. "Este é o carpinteiro-profeta que costumava entrar furtivamente em Sua presença para ouvi-lo pregar. Uma vez pensei ser um de Seus homens para libertar Israel." Então, como os homens entre nós, fazem na manhã de sua execução, os salmos e hinos de sua infância voltaram à sua mente. Até que ele não ouviu as zombarias e os insultos das pessoas que enchiam as ruas enquanto ele prosseguia e dizia a si mesmo: "*Não te lembres dos pecados da minha mocidade, nem das minhas transgressões.*(Sl 25.7) *Por que escreves contra mim coisas amargas e me fazes herdar as culpas da minha mocidade? Também pões os meus pés no tronco, e observas todos os meus caminhos, e marcas os sinais dos meus pés.*(Jó 13.26, 27) *Deitemo-nos em nossa vergonha; e cubra-nos a nossa confusão, porque pecamos contra o Senhor nosso Deus, nós e nossos pais, desde a nossa mocidade até o dia de hoje; e não demos ouvidos à voz do Senhor nosso Deus."*(-Jr 3.25) Até então, a terrível procissão chegou ao Gólgota. Por todo o caminho, como já no palácio do sumo sacerdote, no Pretório e agora no Gólgota, todo o Inferno foi solto como nunca antes, nem depois. Satanás entrou nos dois ladrões, e neste ladrão também. Não admira que ambos amaldiçoaram, blasfemaram, deliraram, rangeram os dentes e cuspiram em seus crucificadores, como todos os homens crucificados sempre faziam, tão insuportável para a insanidade absoluta que era a terrível tortura da crucificação. O tempo todo Deus estava colocando sobre Seu Filho a iniquidade de todos nós, o tempo todo Ele estava mudo. "*Salva-te a ti mesmo, e a nós!*"(Lc 23.29) Os dois homens crucificados e enlouquecidos clamaram a Ele; um em obscenidade diabólica, o outro em um coração onde o céu e o infer-

no estavam lutando com seu último golpe por sua alma. Até que, este último dos ladrões finalmente voltou a si. E o que o fez voltar a si mesmo foi o seguinte: nosso Senhor nunca abriu a boca. Ele não amaldiçoou, nem rangeu os dentes, nem cuspiu nos crucificadores e injuriadores. Mas, por fim, Ele também falou. Era a mesma voz — o ladrão nunca ouviu outra voz em todo o mundo que se comparasse a ela! Pois, olhando para os céus que escureciam rapidamente, nosso Senhor exclamou: "*Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem*" (Lc 23.24) Aquela bênção de nosso bendito Senhor fez mais para entorpecer a agonia do corpo e da mente desse ladrão do que todo o vinho misturado com mirra, que as mulheres de Jerusalém prepararam-lhe e seus companheiros beberem naquela manhã. "*Pai, perdoa-lhes*"(Lc 23.24) Ouvir isso partiu totalmente o coração duro do ladrão. E como seu companheiro endurecido ainda insultava nosso Senhor pendurado ao lado dele, o agora ladrão arrependido olhou e disse a seu velho companheiro e malfeitor as palavras que todo o mundo conhece.

John Donne, em um sermão da Quaresma, que pregou em Whitehall, fala sobre o que chama de "O despacho da graça de Deus no caso do ladrão arrependido". O caráter *per saltum* do arrependimento e da fé do ladrão, a resposta plena e imediata de nosso Senhor ao seu arrependimento e fé tão repentinos, constituem um excelente sermão. O reino dos céus sofreu violência naquele dia nas mãos deste ladrão tão repentinamente arrependido e tão crente. Ele subiu o céu, por assim dizer, com um salto naquele dia. A rapidez do arrependimento do ladrão, fé, confissão, perdão, santificação e glorificação, é algo muito abençoado para todos pensarmos e nunca esquecer; e, especialmente, aqueles de nós que devem se apressar e não perder mais tempo se quisermos estar para sempre com ele e com seu Senhor no Paraíso. Que todos os homens idosos e moribundos tenham escrito isto, como Agostinho, na parede contra sua cama: "Há vida em olhar para o crucificado." Pois, podemos não ter tempo nem força para mais do que apenas um olhar de despacho.

Então, se você deseja ver o crente mais maravilhoso que este mundo já viu, venha à cruz de Cristo, àquela cruz ao lado dela e olhe para o ladrão penitente. Ele era um crente maior do que Abraão, o pai dos crentes. Maior do que Davi. Maior do que Isaías. Enquanto Pedro, Tiago e João, com todos os seus privilégios e oportunidades,

não são dignos de serem mencionados no mesmo dia com este ladrão. Pois todos eles haviam abandonado seu Salvador naquele dia terrível e fugido d'Ele. Foi do ladrão, de sua única e tão transcendente fé, que nosso Senhor falou em tal louvor e tal reprovação a Tomé, oito dias depois, e disse: "Bendito é aquele que está no céu comigo neste dia, que não viu nada além de vergonha, derrota e morte em Mim, e ainda assim acreditou em Mim e me animou tanto naquele dia." Pois nosso Senhor nunca, em toda a Sua vida, teve tamanha surpresa e tanto deleite como Ele teve na cruz naquele dia, não de Pedro, não da mulher siro-fenícia, não do centurião, não de Maria Madalena, como Ele subiu em Sua cruz naquela manhã do ladrão que estava pendurado ao lado d'Ele. Não houve nada, depois da presença de Seu Pai com Ele, que sustentou o coração de nosso Senhor por toda a Sua vida na terra como a fé n'Ele no coração de qualquer pecador. Agora que Seu Pai também O abandonou; agora que Ele está tão absolutamente deserto e tão terrivelmente sozinho; é a fé, o amor e a esperança deste ladrão que é um copo de água fria para o coração de nosso Senhor que se afundava rapidamente. Toda fé e toda esperança em Cristo estavam mortas como uma pedra no coração de Pedro e no coração de João. A própria Maria Madalena, com todo o seu amor, o havia abandonado como morto para sempre. Mas não o ladrão. Foi na hora mais escura que este mundo já viu, ou verá, que a esplêndida fé deste ladrão brilhou mais forte do que o sol do meio-dia naquele dia. Alguns dizem que Paulo se sentará ao lado de Cristo no Paraíso. Não posso deixar de pensar que Paulo insistirá em dar lugar a este mesmo príncipe e líder de todos os crentes do Novo Testamento. Qualquer um poderia ter crido e trabalhado todos os seus dias depois de ser arrebatado ao terceiro céu, depois de ver Cristo sentado ali em toda a Sua glória. Mas Cristo ainda estava em Sua cruz, e Sua glória era escurecida como a meia-noite, quando toda a fé da igreja de Deus encontrou seu último refúgio, segurança e torre alta no coração invencível e inextinguível do ladrão. Paulo merece um lugar elevado no céu e obterá tudo o que merece e muito mais. Mas o ladrão penitente poderia dizer: "*Já estou crucificado com Cristo*" (Gl 2.20) em um sentido que nem mesmo Paulo poderia dizer isso. E por mais alto que seja o trono do ladrão no céu, toda a igreja de anjos e santos aclamará que ele é digno. Bem feito! Ó maior e mais corajoso de todos os crentes! Bem feito!

LXXXVIII. Tomé

O personagem de Tomé é a anatomia da melancolia. Se "dizer homem é dizer melancolia", então dizer Tomé, chamado Dídimo, é dizer melancolia religiosa. Pedro tinha um temperamento tão ardente e entusiasta que sempre falava, ao passo que Tomé era melancólico demais para falar muito, sempre que falava era das profundezas de seu coração hipocondríaco.

Já era a última semana de vida de seu Mestre, antes de termos Tomé ao menos uma vez abrindo sua boca. E a ocasião de sua primeira declaração melancólica foi esta: Lázaro estava doente de morte em Betânia. E quando Jesus soube que seu amigo estava muito doente, disse aos discípulos: "*Vamos outra vez para a Judeia.*"(Jo 11.7) "*Rabi*", eles responderam "*ainda agora os judeus procuravam apedrejar-te, e tornas para lá?*"(Jo 11.8) E foi quando Tomé viu que seu Mestre estava caminhando direto para as mandíbulas da certa destruição que ele disse, em triste abandono de todas as suas esperanças remanescentes: "*Vamos nós também, para morrermos com Ele.*" (Jo 11.16) Tomé tinha certeza em seu coração agourento de que seu Mestre nunca deixaria a Judeia com vida; Tomé amava seu Mestre mais do que a própria vida, portanto, decidiu morrer com ele. E, de fato, essa determinação não foi muito difícil para Tomé aceitar. A vida não rendeu muito a Tomé. E suas melhores promessas, cada vez mais atrasadas e cada vez mais o iludindo, estavam tomando cada vez menos o coração de Tomé com o passar dos anos. Vemos agora que os discípulos de Jesus de Nazaré tinham os melhores motivos para grande esperança e plena segurança. Mas, naquela época, e especialmente naquela semana, Tomé tinha um ambiente bom para toda a sua ansiedade, desânimo e melancolia. Toda uma vida de melancolia, constitucional e circunstancial, a essa altura se instalara em Tomé, e tomara posse absoluta e tirânica dele. Os discípulos estavam todos tristes com a esperança adiada; como também com os terríveis questionamentos que surgiam às vezes em seus corações e não eram silenciados; todos os tipos de questionamentos sobre seu Mestre cada vez mais misterioso; e sobre Suas palavras cada vez mais misteriosas, cada vez mais tropeçantes, tanto sobre Si mesmo quanto sobre eles. Então Sua morte certamente iminente, o atraso inexplicável e desaparecimento de Seu reino prometido: toda aquela dúvida, medo, desânimo e desespero, en-

contraram-se no coração melancólico de Tomé até que tudo tomou posse absoluta dele. E até que dizia às vezes a si mesmo que seria a melhor coisa que poderia acontecer a ele se ele pudesse morrer de uma vez e acabar para sempre com todas essas dificuldades, atrasos e decepções amargas e insuportáveis. A vida de discipulado, no seu melhor, nunca foi muito satisfatória para o coração de Tomé; e, ultimamente, estava se tornando absolutamente insuportável para aquele homem melancólico e taciturno. "*Vamos*", disse ele, "*para morrermos com Ele*" (Jo 11.16).

A próxima vez que Tomé fala é quando Jesus e Seus discípulos ainda estão no cenáculo, onde a última Páscoa acabara de ser celebrada e a Ceia do Senhor instituída. "*Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito.Mesmo* vós sabeis para onde vou, e conheceis o caminho" (Jo 14.2, 4). Os outros discípulos podem saber para onde seu Mestre está indo, eles podem saber o caminho, mas Tomé não sabe nada. Os outros discípulos, na verdade, sabem tão pouco, e ainda menos, sobre este assunto do que Tomé sabe. Só pensam que sabem, quando não sabem; não têm conhecimento suficiente para saber que nada sabem. "A casa do pai dele?" disse Tomé para si mesmo. "O que ele quer dizer? Por que Ele não fala claramente?" Tomé deve entender o que seu Mestre quis dizer. Tomé é um daqueles homens infelizes que não consegue ficar com apenas meras palavras. Tomé deve ver o fundo antes de poder fingir que acredita. Ele foi o primeiro desses discípulos, um primata entre eles, em cujas mentes inquietas duvidam, como um tiro, brota do lado da fonte da verdade.

Ao mesmo tempo, Tomé, em sua candura melancólica e triste simplicidade de linguagem, estava ministrando a seu Mestre uma oportunidade de proferir um de Seus oráculos mais dourados. Jesus disse a Tomé: "*Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim*" (Jo 14.6). Não podemos lamentar muito aquela melancolia inquieta e realista de Tomé, visto que ela nos proporcionou uma declaração tão satisfatória e enobrecedora como essa. "Todos os Seus discípulos ministram a Ele", diz Newman; "E como de outras maneiras, também dando ocasião para as palavras de graça que procedem de Sua boca."

Dez dias se passam. Mas que dias! A traição, a prisão, o julgamento, a crucificação, o sepultamento e a ressurreição do Mestre de

Tomé. Quantos dias e noites de provação, não apenas por fé e esperança, mas pela razão para se manter sentada! Toda a fé e toda a confiança dos discípulos não só caíram em profunda dúvida durante aqueles dias e noites terríveis; toda a sua fé e toda a sua confiança foram realmente crucificadas, colocadas mortas e sepultadas, isso sem uma centelha de esperança. Pois os discípulos ainda não conheciam a Escritura, que seu Mestre deveria ressuscitar dentre os mortos. "*Chegada, pois, a tarde daquele dia, o primeiro da semana, e cerradas as portas onde os discípulos, com medo dos judeus, se tinham ajuntado, chegou Jesus, e pôs-se no meio, e disse-lhes: Paz seja convosco. E, dizendo isto, mostrou-lhes as suas mãos e o lado. De sorte que os discípulos se alegraram, vendo o Senhor.*"(Jo 20.19, 20) Mas Tomé não estava com eles quando Jesus veio. Onde estava Tomé naquela gloriosa noite de Sábado? Por que ele não estava com o resto? Como explicaremos a ausência de Tomé? Não pode ter sido por acaso. Ele deve ter sido informado de que os dez discípulos espantados, oprimidos e arrebatados estariam todos juntos naquela noite maravilhosa; pasmo, oprimido e extasiado com os acontecimentos da manhã. Que causa concebível, então, poderia ter mantido Tomé afastado? O que quer que tenha mantido Tomé afastado, ele foi terrivelmente punido por sua ausência. Pois ele, assim, perdeu a primeira e melhor visão de seu Mestre ressuscitado, Sua primeira e melhor bênção de paz. Ele não apenas perdeu aquela bênção, mas a alegria dos outros discípulos que a receberam encheu o cálice da miséria de Tomé. A primeira aparição de seu Mestre ressuscitado, que ergueu todos os outros discípulos ao céu, foi o último golpe para lançar Tomé no inferno. A escuridão, a amargura, o mau-humor, o orgulho, que tinham sua sede no fundo do coração de Tomé, explodiram na presença da alegria de seus irmãos. Tomé não teria nenhuma de sua alegria. Tomé não iria acreditar. Eles estavam sonhando. Eles estavam iludidos. Eles estavam loucos. E o orgulho, ciúme e amargura de seu coração levaram Tomé a uma fúria e uma rebelião mais profundas. "*Se eu não vir o sinal dos cravos em suas mãos, e não puser o meu dedo no lugar dos cravos, e não puser a minha mão no seu lado, de maneira nenhuma o crerei.*"(Jo 20.25) Todos entendemos a miséria de Tomé. Todos fomos possuídos por ele. É o ciúme e a raiva de uma consciência culpada. É o ciúme e a raiva de um coração decepcionado e vingativo. Quando algo de bom chega aos outros, do qual deveríamos ter participado,

quando estamos ausentes por nossa própria culpa e quando aqueles que assistiram vêm nos contar tudo o que perdemos, todos temos sido como Tomé. Dissemos, que não acreditamos. Não foi tudo o que você disse. Você está se exaltando. Você está se gabando além da verdade. Se a verdade não pode ser escondida de nós, ou negada por nós, nós os odiamos, e tudo o que perdemos, ainda mais. Tomé é informado de nosso aprendizado. Nós nos vemos em Tomé como em um copo. Tomé, em toda a sua melancolia e ressentimento, somos nós mesmos. Descrença, obstinação e perda de oportunidade, então o aumento da incredulidade, não é algo estranho para nós.

Depois de oito dias, os discípulos estavam novamente dentro, desta vez Tomé estava com eles. Os discípulos precisaram de todo o seu poder nesses oito dias para prevalecer e persuadir Tomé. Todos nós que sabemos o que é travar uma guerra com nosso próprio orgulho ferido, com nada além de nosso próprio mau-humor e teimosia para nos opor às súplicas da verdade e do amor. Sabemos algo do que Tomé fez antes que ele consentisse em acompanhar os outros discípulos ao cenáculo no final daqueles oito dias. "*Chegou Jesus, estando as portas fechadas, e apresentou-se no meio, e disse: Paz seja convosco. Depois disse a Tomé: Põe aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos; e chega a tua mão, e põe-na no meu lado; e não sejas incrédulo, mas crente.*" (Jo 20.26 – 27) Como Tomé se odiaria quando suas próprias palavras incrédulas e desdenhosas voltassem para ele dos lábios graciosos de seu Mestre! Quão odiosas suas próprias palavras soariam quando seu Mestre as repetisse. E o pior de tudo quando seu Mestre ressuscitado se humilhou para enfrentar as palavras incrédulas de Tomé e para satisfazê-las! Tomé teria se matado de vergonha e se autocondenado, se não tivesse sido dado a ele naquele momento mais grandioso de toda sua vida dizer: "*Senhor meu, e Deus meu!*"(Jo 20.28) Jesus disse a ele: "*Disse-lhe Jesus: Porque me viste, Tomé, creste; bem-aventurados os que não viram e creram*." (Jo 20.29)

Agora, meus irmãos, vocês entendem claramente e aceitam essa bem-aventurança peculiar de crer sem ver? Você vê e aceita plenamente a bem-aventurança de uma fé forte e fácil nas coisas de Cristo? A fé é sempre fácil onde o amor e a esperança são fortes. O que vivemos e esperamos ver, o que amamos de todo o coração, o que oramos noite e dia, em que todo o nosso futuro está ancorado,

que facilmente acreditamos, estamos prontos para receber. Nesse caso, nossa fé é para nós nada menos do que a substância do que se espera; é a evidência da coisa ainda não vista. Com o temperamento melancólico de Tomé; com o fato de ele não ter escondido em seu coração as coisas que nosso Senhor tantas vezes disse sobre Sua morte vindoura para o pecado e Sua ressurreição para a salvação; então seu ardente ciúme e má vontade com as alegres notícias dos discípulos; com tudo o que o coração de Tomé estava em um estado mais mortal para a fé. Tivesse o coração de Tomé sido terno, se ele tivesse expulsado sete demônios de seu coração como Maria Madalena, ele também teria ido para o sepulcro enquanto ainda estava escuro, seria o primeiro de todos os discípulos a ver seu Senhor ressuscitado. Mas, como aconteceu, ele foi o último a vê-lo e correu o risco de nunca vê-lo neste mundo. Agora, como está você nesse mesmo assunto? É difícil te convencer? Você é lento na fé? Seu coração está tão voltado para este mundo que você não tem olhos ou ouvidos para o mundo que está por vir? Você é capaz de dispensar Jesus Cristo dia após dia até que Ele morra no seu coração, imaginação e vida inteira? A descrença cresce por aquilo de que se alimenta, assim como a fé e o amor. Para aquele que não tem fé em Deus, em Cristo, nas Sagradas Escrituras, no mundo invisível e no mundo por vir, dele é tirada até mesmo a pouca fé que ele tinha, até que ele não tenha absolutamente nenhuma. Você conhece homens com os quais essa terrível catástrofe ocorreu. Você sabe disso, em certa medida, em você mesmo. Sua fé está quase morta. Você não espera pela volta de Cristo, seja para julgar o mundo, ou para levá-lo para Si mesmo, ou para santificá-lo, confortá-lo e responder às suas orações. E então você fica inquieto e infeliz, com ciúme e raiva, quando ouve que Ele tem se manifestado de todas essas maneiras para aqueles que creem. Mas você não estava esperando por ele. Você nem esperava por Ele, nem desejou por Ele; e Ele nunca vem como você, até que finalmente chegue e seja tarde demais. Você ficará horrorizado quando lhe for dito o que toda a sua vida, todo o seu coração e todos os seus desejos e esperanças dizem quando as palavras são colocadas sobre eles. Todos eles dizem: "Não vou acreditar até que a última trombeta me desperte, os túmulos sejam abertos e o grande trono branco seja posto."

Agora, com Tomé e seu Senhor, naquela noite, vamos aprender isso também e tirar isso. Vamos agir de acordo com a fé que temos. Frequentemos os lugares onde se diz que Ele se manifesta. Alimentemos nossa fé com a carne forte de Sua palavra. Visto que aqui também os atos produzem hábitos, caráter de hábitos; vamos agir com fé continuamente nos grandes objetos e operações da fé. E, principalmente, em nosso Redentor glorificado. Para Tomé, Ele foi crucificado ontem. Mas para nós Ele ressuscitou, foi exaltado e em breve voltará. Para que a prova de vossa fé, sendo muito mais preciosa do que o ouro que perece, seja considerada para louvor, honra e glória no aparecimento de Jesus Cristo. Aquele que não o viste, amais; em que, embora agora não o vejais, mas crendo, vos alegrais com gozo inexprimível e cheio de glória.

Apesar de todas as tuas dúvidas que te irritam, tão doloridas,
Amai ainda o teu Salvador,
Ele, para o teu Senhor e amor de Deus,
E sempre sirva a Sua vontade.
Embora pensamentos irritantes possam permanecer,
Não deixe tua alma ficar completamente obcecada;
Logo Ele te mostrará todas as Suas feridas e dirá:
Há muito que conheço o teu nome: conhece sempre o meu rosto.

Personagens da Bíblia - Novo Testamento.indd 153 13/11/2021 13:16:37

LXXXIX. Cléofas e seu companheiro

Cléofas e seu companheiro eram dois homens de Emaús que haviam ido na semana anterior a Jerusalém para celebrar a Páscoa. Cléofas e seu companheiro não eram exatamente discípulos de nosso Senhor. Quer dizer, seus nomes não estavam entre os doze; embora seja provável que foram numerados e bem conhecidos entre os setenta. Eles haviam subido para a festa na esperança de que seu Senhor estivesse lá, que eles o vissem e ouvissem como nos dias de festa anteriores. Pareceu-lhes um ano, uma vida inteira, outro mundo, pois na semana passada caminharam e conversaram tão cheios de esperança e expectativa, de Emaús a Jerusalém. Pois Jesus veio para a páscoa, como eles esperavam que Ele faria, assim ambos O viram e O ouvido falar. Eles O haviam seguido pelas ruas de Jerusalém enquanto Ele pregava Seus últimos sermões, algo tão terrível para eles verem e ouvirem. Eles não estavam entre os doze e não foram convidados para o cenáculo, mas fizeram a segunda melhor coisa a isso, pois haviam jantado a ceia da Páscoa em Betânia com Lázaro, amigo deles, e com Marta e Maria, suas irmãs. Toda a Betânia ficou absolutamente maravilhada quando, à meia-noite, saiu a notícia de que Jesus havia sido traído por um de Seus discípulos e, naquele momento, estava nas mãos de Seus inimigos. Com os lombos cingidos e com o bordão da páscoa nas mãos, Lázaro, Cléofas e seu companheiro andaram pelas ruas de Jerusalém aquela noite toda, até depois que a crucificação terminou na manhã seguinte. Agora o terceiro dia daquela tremenda queda e naufrágio havia chegado, quando, com uma doença do coração indescritível, Cléofas finalmente disse a seu companheiro: "Levante-se, e vamos sacudir a poeira de nossos pés contra esta cidade maldita, e vamos fugir para nossa própria casa." Verdade; certas mulheres de seu grupo correram para a cidade naquela manhã, dizendo que tiveram uma visão de anjos que lhes disseram que seu Mestre crucificado havia ressuscitado e deixado sua sepultura; mas para Cléofas tudo isso eram contos inúteis. "Não, não!", disse Cléofas ao companheiro, "Volte para casa. Acredite em mim, vimos a última redenção de Israel em nossos dias, de qualquer forma." Por que, você perguntará, Cléofas estava com tanta pressa de voltar para casa? Será que ele não saiu para ver a cova vazia com os próprios olhos? Será que ele não esperou em Jerusalém até o final do "terceiro dia" que seu Mestre tantas vezes predisse sobre si mesmo? Como estavam

as coisas, Cléofas, como Flexível em *O Peregrino*, estava dando um mergulho desesperado no Pântano do Desânimo para sair do lado próximo de sua própria casa, quando um homem cujo nome era Socorro veio e estendeu a mão para ele e para seu companheiro, no meio do Pântano.

Sim; Cléofas e seu companheiro, como o senhor Medo, tinham um Pântano no Desânimo perfeito em seus próprios corações naquele pôr-do-sol, enquanto desciam para Emaús e raciocinavam juntos e estavam tristes. "Onde você o viu primeiro? O que o levou a pensar que Ele era o Cristo? Você ouviu esse sermão e aquele? Essa parábola e aquela?" Então a prisão, o julgamento e a crucificação. Não é de se admirar que cambaleavam de um lado para outro e cambaleavam sob o peso da tristeza, até que os trabalhadores do campo disseram que eram dois bêbados, voltando para casa depois da festa. Quando um estranho os alcançou enquanto eles paravam, raciocinavam e debatiam juntos em sua tristeza. "A paz esteja com vocês dois!" disse o estranho com uma voz agradável, enquanto se juntava à companhia deles. Mas Cléofas não foi civilizado. Ele mal retribuiu a saudação do estranho, tão emocionado estava com sua tristeza. Eles caminharam em silêncio, Cléofas e seu companheiro, e o estranho. Até que o simpatizante estranho quebrou o triste silêncio, com estas palavras confidentes: "*Que palavras são essas que, caminhando, trocais entre vós, e por que estais tristes?*"(Lc 24.17) "És tu só peregrino em Jerusalém, e não sabes as coisas que nela têm sucedido nestes dias?"(Lc 24.18) Respondeu Cléofas "a ponto não saber as coisas que estão acontecendo lá nestes dias? Onde vocês estavam na semana passada? Onde estavas sexta-feira passada? Certamente não podes ter estado em Jerusalém, pois toda a Jerusalém estava no Calvário naquela manhã. Se você tivesse estado lá fora, não se admiraria de nossa tristeza." O estranho não disse se esteve no Calvário na manhã de sexta-feira passada ou não. "Quais?" ele perguntou, curvando-se, perante a reprovação e reprovação de Cléofas por tal ignorância inexplicável, em tal momento. E então temos a resposta de Cléofas em suas próprias palavras idênticas. Para Lucas, você deve saber, quando ele estava se preparando para seu Evangelho, e quando leu os versos escassos de Marcos sobre o encontro de Emaús, disse a si mesmo: "Eu devo estar no fundo disso! Devo ter um registro muito mais completo de tudo isso em meu

Evangelho. Será que Cléofas ainda está vivo?" E é assim que temos diante de nós, *verbatim et literatim*, a resposta exata que Cléofas deu ao estranho quando perguntou: "Quais?" "Lembro-me, como se fosse ontem", disse Cléofas a Lucas, "toda a cena e cada palavra que Ele nos disse e que Lhe dissemos. Como eu poderia esquecer uma única sílaba disso? Estava tudo tão gravado em meu coração que já contei mil vezes." E Cléofas tirou o Evangelista de Emaús e mostrou-lhe o lugar exato onde o estranho se juntou a eles, e exatamente onde Ele disse: "Quais?" "E exatamente onde eu disse — essas foram minhas próprias palavras para Ele —, eu disse: *as que dizem respeito a Jesus Nazareno, que foi homem profeta, poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo; E como os principais dos sacerdotes e os nossos príncipes o entregaram à condenação de morte, e o crucificaram. E nós esperávamos que fosse ele o que remisse Israel; mas agora, sobre tudo isso, é já hoje o terceiro dia desde que essas coisas aconteceram.* (Lc 24.19-21) Nunca por uma hora ou posso dizer nunca, por um momento, esqueci o olhar que Ele nos deu quando nos disse: *"Ó néscios, e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram!"* (Lc 24.25) E então Cléofas continuou a relatar a Lucas o resto daquela conversa inesquecível sobre o verdadeiro Cristo em Moisés e os profetas. Que hora aquela foi para Cléofas e seu companheiro! Eles não sabiam onde estavam. Eles se esqueceram de si mesmos. Eles foram levados cativos com o conhecimento surpreendente do estranho, com Sua autoridade suprema e com Suas palavras ardentes. Não é de admirar. Muitos homens eruditos, fervorosos e eloquentes expuseram Moisés, Davi e Isaías desde aquela tarde de Emaús; mas ouvidos e corações humanos nunca ouviram outra exposição da Sagrada Escritura como Cléofas e seu companheiro ouviram dos lábios daquele estranho. Pois, esse era um intérprete, um entre mil! Quando este intérprete deu sua primeira interpretação das Escrituras em Nazaré três anos antes, foi entregue a Ele o livro do profeta Isaías. Mas eles não tinham nenhum livro para entregá-lo no caminho para Emaús. Ele também não precisava de um livro. Esse estranho, quem quer que fosse, parecia a Cléofas ter todo o livro desenrolado dentro de si. Ele parecia ter Moisés, Davi, Isaías e Jeremias, absolutamente de cor. A maneira como Ele lhes falou, chamou à lembrança de Seus dois companheiros tudo o que eles já ouviram ou lido em Moisés, os Profetas e os Salmos. A semente da mulher; a serpente de bronze; o

cordeiro pascal; o bode expiatório; as trinta moedas de prata. Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste? Eles repartem minhas vestes entre eles e lançam sortes sobre minhas vestes. A reprovação quebrantou-me o coração; procurei alguns para terem compaixão, mas não havia; consoladores, mas não encontrei. Deram-me também fel para comer e, na minha sede, deram-me para beber vinagre. Ele foi ferido por nossas transgressões, Ele foi moído por nossas iniquidades; o castigo da nossa paz estava sobre ele e pelas suas pisaduras fomos curados. Ele é levado como um cordeiro ao matadouro, e como uma ovelha muda diante dos tosquiadores, por isso Ele não abriu a boca. "Ó, que idiota eu fui!" Cléofas gritou para Lucas. "Eu vi tudo realizado na semana anterior com meus próprios olhos. Mas, naquela noite, nossos olhos estavam de alguma forma presos, pois não o conhecíamos novamente! Ao mesmo tempo, como nossos corações ardiam quando Ele falava essas coisas para nós. E então Ele nos disse, apelando para respondermos: não pode Jesus de Nazaré ser o verdadeiro Cristo de Deus, seu próprio Redentor? Afinal, não pode Jesus de Nazaré ser Aquele que havia de vir? Todos os seus próprios profetas não dizem que o verdadeiro Cristo deve ser negado por Ele mesmo e entregue a Pilatos para crucificá-lo? Não deve o Príncipe da Vida, quando Ele vier, ser morto e ressuscitado dentre os mortos no terceiro dia? O que você acha? O que você diz? E vocês não acabaram de me dizer que certas mulheres de sua própria companhia estavam de madrugada no sepulcro, que os anjos do céu desceram lá para testificar que Jesus de Nazaré estava vivo novamente?" corações queimavam dentro deles como duas brasas de zimbro.

Ó vós, homens ainda de Emaús, agora sentados e ouvindo tudo isso nesta casa! Imploro-lhe que abra o seu coração também para as palavras ardentes do seu Senhor sobre Ele mesmo. Para falar francamente, imploro-lhe que busque nesta cidade aquele expositor, aquele entre mil pregadores, que faz seu coração arder. Se por acaso, por assim dizer, você entra em uma igreja, nesta cidade de igrejas, no dia de sábado, com o coração triste, com as esperanças envergonhadas, com a expectativa de um naufrágio completo, como Cléofas e seu companheiro desanimado, o pregador então abre a palavra de Deus para você, apresenta a redenção de Israel e a sua própria, apresenta um Redentor e Seu povo sofredor,

que seu coração está em uma chama aquele dia todo, então, esse é o pregador em, dentre todos no mundo, para você. Este é o meu servo para você, diz o seu Deus para você. Eu fiz sua boca como uma espada afiada para você. Eu fiz para você uma haste polida. Eu o escondi em minha aljava para você. Ouça-o, disse o Pai, a respeito de seu filho pregador. E aquele pregador que você acabou de ouvir pode ser um grande estranho para você como nosso Senhor foi para Cléofas, naquela estrada, naquela tarde; mas, se eu fosse você, descobriria seu nome e onde Deus lhe deu seu púlpito. Se eu fosse você, o teria como meu ministro, para o ministro dos meus filhos, a qualquer custo. Eu venderia minha casa atual e compraria outra para ficar perto daquele pregador. E se você nunca ouve tal pregador; se nenhum pregador jamais fez seu coração queimar; se não houver em toda a cidade um único pregador que acenda, comande e cative o coração para você, então, de qualquer forma, não há poucos autores que acendem e prendem o coração. Autores, graças a Deus, que os tornará praticamente independentes de nós, pregadores mornos. Você conhece os nomes de alguns desses autores? Algum de vocês quase deve sua alma a alguns deles? Você tem uma prateleira selecionada deles ao alcance de sua cadeira e sua cama? Você poderia dizer, se não de algum pregador espiritual, então de algum escritor espiritual, o que Crashaw diz de Teresa: "A chama que tirei ao te ler". E o que Cléofas disse a Lucas sobre as palavras desse estranho: "Nosso coração não ardeu dentro de nós?" "Preguei o pecado com muito bom senso", diz John Bunyan. E eu garanto que aquele estranho pregou as passagens messiânicas e da Expiação em Davi, em Isaías, em Jeremias e em Zacarias, com muito bom senso também, e por um bom motivo.

Sim, a testa deste homem, como uma folha de título,
Prediz a natureza de um volume trágico:
Ele treme, e a brancura em sua bochecha
É mais apta do que sua língua para contar sua missão.

Nunca sessenta estádios pareceram tão curtos desde que os estádios foram colocados na face da terra. "Venha e jante conosco", disse o Cléofas em transe para este estranho misterioso que o domi-

nou tanto, então ateou fogo em seu coração. "*Fica conosco, porque já é tarde, e já declinou o dia.*" (Lc 24.29) E quando se sentaram para jantar, Cléofas naturalmente pediu ao estranho, como você teria feito, que lhe desse graças. Que graça aquele estranho disse naquela sala de jantar em Emaús, eu me pergunto? John Livingstone nos diz que John Smith, de Maxtown, em Teviotdale, tinha todos os Salmos de Davi de cor, e que, em vez de nossa graça brusca e relutante antes da carne, ele sempre repetia para sua atenta mesa um Salmo inteiro. Seria no Salmo 23 de Emaús. Seria o vigésimo sétimo e o vigésimo oitavo versos do centésimo quarto Salmo? Ou seria a graça e bênção de cada sábado de manhã e cada sábado à noite? Ou seria algo que o estranho inventou na hora? Ou seria isso, que ao ouvir o coração de Cléofas, voltaria a se acender?

"*Se não comerdes a carne do Filho do homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós mesmos. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia. Porque a minha carne verdadeiramente é comida, e o meu sangue verdadeiramente é bebida*"(Jo 6.53, 55). Qualquer que seja a graça que Ele disse, você pode estar certo de que ele não disse como dizemos nossas graças. Ele não murmurou para que ninguém pudesse ouvir. Ele não disse isso como se tivesse vergonha disso. Ele não disse: "Amém!" com a mão já abaixada no prato. Nem Cléofas e seu companheiro se sentaram e começaram a comer antes que a graça terminasse. Não! Pois a verdade é que os três homens não foram além da graça naquela noite. Aquela ceia sagrada, com tal graça dita sobre ela, permanece naquela mesa até hoje. Não é comido até hoje. Pois, quando o estranho entregou a Cléofas e ao seu companheiro o pão que Ele abençoou e partiu, eles não puderam deixar de ver Suas Mãos! E no momento em que viram Suas mãos, Ele desapareceu de vista.









XC. Matias o sucessor de Judas Iscariotes

No capítulo de abertura dos Atos dos Apóstolos, somos apresentados à primeira reunião congregacional, por assim dizer, que já foi realizada na Igreja de Cristo. Há cento e vinte membros presentes no cenáculo, o Presbitério de Jerusalém se reúne com a congregação: moderador, secretário e todos. Pedro preside; e ele cumpre os deveres do dia com toda aquela solenidade de mente e toda aquela intensidade de coração que raramente perdemos em Pedro. A solenidade da reunião solenizaria qualquer homem. Isso derreteria um coração muito mais duro do que o coração do filho emocional de Jonas jamais foi. Pois, Judas Iscariotes, um membro do presbitério, chamemo-o assim, revelou-se filho da perdição o tempo todo. Por trinta moedas de prata, ele se tornou o guia para aqueles que levaram Jesus. O próprio Pedro havia quase caído na mesma cova horrível com Judas; e ele também estaria em seu próprio lugar a essa hora, se seu Mestre não tivesse orado por Pedro para que sua fé não falhasse. E assim é que Pedro está agora sentado naquele lugar de honra, influência e autoridade, conduzindo a eleição de um sucessor de Judas, com todo aquele santo temor e com toda aquela fé firme que torna aquele cenáculo, sob a presidência de Pedro, tal padrão para todas as congregações desocupadas em todos os tempos. Considerando sua idade e tamanho, a Igreja de Jerusalém tinha um grande número de homens, qualquer um dos quais poderia muito bem ter sido indicado e proposto para o cargo vago. Mas Pedro e seus colegas, com grande senso de responsabilidade, prepararam uma curta apresentação de dois homens notáveis e distintos; José, que tinha o sobrenome Justo, e Matias. E então um dos onze liderou a congregação em oração com estas palavras bem lembradas: "*Tu, Senhor, conhecedor dos corações de todos, mostra qual destes dois tens escolhido*"(At 1.24). A sorte caiu sobre Matias e ele foi contado como um dos onze apóstolos.

Agora, algo notável de se dizer, nunca antes do dia de sua eleição, e nunca depois disso, o nome de Matias é mencionado novamente nem mesmo uma vez em todo o Novo Testamento. Ao mesmo tempo, temos as pegadas de Matias, por assim dizer, mais de uma vez nas páginas dos quatro Evangelhos. As meras pegadas de um homem e a direção que apontam, às vezes nos dizem muito mais sobre o verdadeiro caráter e capacidade do homem do que volumes inteiros de

material impresso sobre ele. A primeira vez que vemos uma das pegadas de Matias é nas areias de Bethabara, além do Jordão, onde João estava batizando. Como André e Simão, filhos de Jonas, e como João, filho de Zebedeu, Matias era então discípulo do Batista, confessando seus pecados. No dia seguinte, João viu Jesus, que vinha para ele, e disse a Matias: "Eis o Cordeiro de Deus." Matias o ouviu falar e ele seguiu Jesus, junto de João e André. Quando Pedro apresentou o nome de Matias no dia da eleição, ele certificou essas coisas sobre Matias para os dez, para as mulheres, para Maria, a mãe de Jesus, para seus irmãos e para todos os cento e vinte. Mais do que isso, Pedro certificou à toda a congregação isso, quando muitos que haviam sido batizados apostataram, voltaram e não caminharam mais com João e Jesus, Matias, disse Pedro, tem isso para seu louvor, que ele suportou e perseverou até o presente. Não só isso, mas também que Matias foi uma testemunha com os onze da ressurreição do Senhor. Estes, acrescentou Pedro, são os dois testes indispensáveis de aptidão para esse cargo vago; uma conversão de três anos e discipulado fiel; também que ele viu o Senhor ressuscitado com seus próprios olhos. E a sorte caiu sobre Matias. Agora, às vezes não é muito diferente quando vocês se reúnem para chamar um ministro. Por mais tremendo que seja o momento; por mais perpétuo que sejam as questões que pairam sobre aquele momento. Talvez você nunca tenha ouvido além do nome daquele candidato ao pastorado de sua alma imortal. Talvez você nunca tenha ouvido ele abrir a boca para orar ou pregar. Nenhum dos cento e vinte jamais ouviram esse estranho Matias abrir a boca uma vez. Mas Pedro sempre esteve de olho em Matias. Pedro sabia muito mais sobre José e Matias do que eles poderiam acreditar. Pedro era todo ouvidos e olhos quando se tratava de um futuro apóstolo e pastor.

Às vezes é quieto. Tudo o que você realmente sabe sobre o seu futuro ministro, às vezes você precisa aceitar o melhor testemunho que puder obter. Como um de nossos próprios anciãos certa vez disse, quando chamávamos nosso jovem ministro: "Prefiro confiar naqueles dois homens capazes que o conhecem e o ouviram pregar, do que confiar em meus próprios ouvidos". Ele falou com sabedoria e humildade ao dizer isso. Como os cento e vinte, você sabe pouco sobre seu futuro ministro, você sabe tanto, que quando todos os outros jovens na escola e na faculdade

estavam escolhendo o ensino, filosofia, medicina, direito, o exército, a marinha, comércio, manufaturas e assim por diante; este jovem agora em sua oferta foi levado a escolher a palavra de Deus, o púlpito e o pastorado, para a obra de sua vida. E, com tudo isso, você pode com alguma segurança, colocar sua mão em seu chamado, depois de ter feito sua oração importuna e pessoal sobre este importante assunto para Aquele que conhece o coração de todos os homens. Pois Ele conhece o seu coração melhor do que você mesmo; e Ele sabe exatamente de que tipo de ministro o seu coração precisa: o seu próprio coração e o coração dos seus filhos. Então, Ele conhece os corações de todos os aprendizes também, e se seus corações estão propriamente no trabalho de seu Mestre ou não. Como também qual foi o motivo que os tornou ministros no início, com que motivo e com que intenção eles estão traçando seu futuro trabalho entre vocês. Como é bom, tanto para congregações quanto para candidatos, que Ele conheça o coração de todos os homens e que todos os corações dos homens estejam em Suas mãos.

Três anos atrás, Matias havia passado por uma dura prova de fé, amor, paciência e perseverança. Em sua conversão e batismo, Matias preparou seu coração para deixar tudo e seguir a Cristo. Mas, em vez de ser convidado a fazer o que de todo o coração desejava, Matias foi deliberadamente preterido por nosso Senhor em Sua eleição dos doze. Matias esteve em Cristo, como diz Paulo, muito tempo antes de alguns daqueles homens que se tornaram arrogantes; e aqui estava ele praticamente colocado de lado e completamente esquecido. E, apenas suponha, o que é mais do que provável, que Matias conhecesse o coração secreto e o caráter real de Judas muito bem; que choque foi para a fé, o amor e a vida religiosa de Matias ver um enganador como Iscariotes, deliberadamente escolhido por Cristo, quando Matias teria derramado a última gota de seu sangue pelo Mestre que se recusou a empregá-lo. Mas Matias, por tudo isso, não deixou seu coração azedar. Ele aceitou ser colocado de lado como seu lugar apropriado. Ele descobriu em si mesmo muitos motivos pelos quais ele foi tão deixado de lado. Ele era como o candidato derrotado em Plutarco que, partindo da eleição para seu recinto, disse-lhes em casa que lhe fazia bem ver haver trezentos homens em Atenas que eram melhores do que ele. Foi assim que, quando muitos homens teriam se afastado e ido atrás de outro

mestre, Matias disse a si mesmo: "Cargo ou nenhum cargo, eleição ou rejeição, chamado ou não chamado, a quem mais posso ir?" Matias se manteve fiel a seu Mestre durante todas essas humilhações e decepções, mas ele continuou a se comportar e a traçar sua vida como se tivesse sido eleito e ordenado. Tanto é verdade que, sem a ordenação, ele trabalhou mais arduamente na obra remota do discipulado do que alguns dos que foram eleitos, ordenados, honrados e recompensados. E foi assim que Pedro conseguiu certificar aos cento e vinte que Matias foi tão verdadeiro e leal ao seu Senhor todos aqueles três anos quanto o melhor dos onze havia sido. "E assim", disse Pedro, "se houvesse alguns que foram contados entre nós que não estavam no nosso coração, havia outros que estavam no nosso coração e na vida realmente, embora eles ainda não estivessem escritos entre nós." Assim, eu mesmo vi ministros de Cristo nascidos do céu e altamente dotados falecerem no dia em que este e aquele cargo vago se reuniram para lançar suas sortes. E, como Matias, eu vi esses homens serem deixados de fora no começo apenas para serem mais promovidos e empregados no final. Então, com certeza, eles eram como Matias também nisso, que todos os seus dias eles foram homens da mais lealdade ao seu Mestre e homens de trabalho insone por Sua causa. Quando uma porta se abrirá, onde, não é da conta do verdadeiro servo, nem de sua ansiedade. É parte do verdadeiro servo estar pronto; o que o mais verdadeiro de todos os servos nunca sentem que ele é. Desapontamentos e procrastinações para todos esses homens, são apenas oportunidades estendidas para capacitá-los a estar um pouco menos despreparados para seu chamado, quando ele chegar. Se Matias fosse um aprendiz moderno, você não o teria encontrado reclamando contra esta comissão e aquela congregação. Você não o teria visto andando ocioso a semana toda e depois aparecendo a cada nova vaga com o mesmo sermão velho e frequente. Não. Você pode fechar todas as portas para alguns candidatos, mas não pode excluí-los de seus livros e do trabalho oculto e não estipulado que seus corações amam. Você não pode, com todas as suas sortes mal lançadas, amargurar ou alienar um verdadeiro eleito, humilde e diligente discípulo de Cristo. E com todas as suas escolhas imprudentes, o tijolo que serve para a parede nem sempre será deixado de lado na vala.

Mas há algo possível para nossos melhores aprendizes que possam ser comparados a esta qualificação daqueles dias — ter companhia do Senhor Jesus todo o tempo que Ele entrou e saiu entre Seus discípulos? Sim; eu acho que existe. Não, não só; mas quando entramos em toda a interioridade e profundidade deste assunto, chegamos a ver que nossos estudantes de divindade e nossos aprendizes têm, na verdade, algumas grandes vantagens sobre os próprios doze discípulos. As palavras de nosso Senhor são finais, cheias de instrução e conforto para nós, sobre esse assunto. Suas palavras para Tomé, quero dizer. Jesus disse-lhe: *"Porque me viste, Tomé, creste; bem-aventurados os que não viram e creram."* (Jo 20:29) E todos vocês se lembrarão do nobre protesto de *Sir* Thomas Browne: "Agora, honestamente, eu me abençoo por nunca ter visto Cristo nem Seus discípulos. Eu não teria sido um dos pacientes de Cristo em quem Ele operou Suas maravilhas. Pois, se minha fé tivesse sido imposta a mim, não deveria gozar daquela bênção maior pronunciada a todos os que creem e não viam. Eu acredito que Ele estava morto, sepultado e ressuscitou; e desejo vê-lo em Sua glória, ao invés de contemplá-lo em Seu túmulo ou sepulcro. Eles só tinham a vantagem de uma fé ousada e nobre que viveu antes de Sua vinda e que, por meio de profecias obscuras e tipos místicos, poderia levantar uma crença e esperar impossibilidades aparentes." Ter visto e manuseado a Palavra de Vida; tê-Lo habitando entre eles, cheio de graça e verdade, como diz João; tê-Lo entrando e saindo do meio deles, como diz Pedro, era um privilégio incomparável e indizível. Ao mesmo tempo, que qualquer estudante de nossos dias leia seu Testamento Grego, com o olho no Objeto. Seja ele, como John Bunyan: "Achei que era como se o tivesse visto nascer, como se o tivesse visto crescer, como se eu o tivesse visto caminhar por este mundo, do berço à cruz, para a qual, quando Ele veio, vi quão gentilmente Ele se entregou para ser enforcado e pregado nela, pelos meus pecados e maldade. Além disso, enquanto eu estava meditando sobre Seu progresso, que caiu meu espírito, Ele foi ordenado para a matança", e assim por diante. Que qualquer um de nossos alunos, se junte a Cristo todo o tempo em que Ele entrou e saiu dessa maneira, e pode depender que a bela bênção que nosso Senhor dirigiu em repreensão a Tomé será ricamente cumprida àquele aluno de coração sábio, todos os seus felizes dias ministeriais e, por meio dele, ao seu povo feliz. Agora, se houvesse um estudante de

divindade aqui, eu perguntaria e exigiria dele que fosse além desta Escritura para estudantes. Você está tão próximo de Cristo enquanto ainda está na faculdade? Você vê com todos os seus olhos internos o que você lê em seu Novo Testamento? Você acredita e acredita e acredita em seu caminho através dos quatro Evangelhos? A sua fé é a própria substância das coisas que você espera e a evidência absoluta e conclusiva das coisas que você ainda não vê? Você ora ao longo da vida de Cristo? Você tira os leprosos, os enfermos, os possuídos por demônios e os mortos em suas sepulturas, fora de seus lugares, enquanto você lê a respeito deles; e você se coloca em seus lugares, diz o que eles dizem, ouve e aceita o que é dito a eles? Pois, se assim for, então você receberá, todos os seus dias de pregação e pastoral, o fim de sua fé, a salvação de sua própria alma e a salvação das almas de seu povo.

Então, novamente, poderia algum de nossos aprendizes ser apresentado por seu proponente como Matias ainda foi apresentado por Pedro? Não. Não se pode dizer de nenhum homem que vive nestes nossos tempos que ele tenha sido uma testemunha real da ressurreição de Cristo. No entanto, não tenho tanta certeza disso. Coisas estranhas podem ser ditas quando você fala sobre um verdadeiro estagiário. Com o homem é impossível; mas não com Deus. Com Deus todas as coisas são possíveis. Eu mesmo conheço aprendizes que são testemunhas da melhor autoridade de que Cristo realmente ressuscitou. Deixe esse jovem pregador subir ao seu púlpito vazio com Efésios 1.19 a 2.1, para sua exposição no sábado de manhã e deixe-o expor com Paulo, que a vivificação espiritual de uma alma morta em transgressões e pecados é feita pelo mesmo grande poder que vivificou e ressuscitou Cristo, e você verá em breve se ele sabe do que está falando. E se fizer seus corações arderem com a nobre doutrina dele e sua unidade com o Cristo ressuscitado, então você tem em sua oferta um testemunho vivo de nível apostólico para a ressurreição de Cristo. Você pode ter o anjo que rolou a pedra e sentou sobre ela para o seu outro candidato, mas ele não deve ter voto meu. Dê-me como meu ministro, não o próprio Gabriel, mas um companheiro pecador vivificado com Cristo, pode descrever o processo e a experiência até que meu coração frio de morte queime dentro de mim com a vida de ressurreição de Cristo. Dê-me um ministro a quem Deus

ressuscitou dos mortos, e você pode ter todos os metais e címbalos que retinem no céu e na terra para mim. E fico feliz em dizer que não são poucos os aprendizes no exterior dessa experiência. Apenas, você tem certeza de que irá reconhecê-los quando eles aparecerem e pregarem em seu púlpito? Pois:

A prosperidade de um gracejo está no ouvido
Daquele que ouve, nunca na língua
Daquele que o fala.
Que os cento e vinte vejam como ouvem.

XCI. Ananias e Safira

Temístocles se agitou a noite toda e não conseguiu dormir por causa dos louros de Miltíades. E Ananias era como Temístocles por causa dos louvores derramados sobre Barnabé por Pedro, por todos os apóstolos e por todos os pobres. Ananias e Safira não puderam descansar até que eles, como Barnabé, tivessem vendido a sua propriedade e colocado o preço aos pés de Pedro. "Ponha aos pés de Pedro", disse Safira a seu marido hesitante, "e diga que lamenta muito que a terra não tenha sido vendida por muito mais. E após fazer minhas compras, irei à Ceia do Senhor com você. Guarde um lugar para mim à mesa, e eu irei me juntar a você lá na hora certa para partir o pão e orar". E Ananias fez o que Safira o instigou a fazer. Apenas, Ananias não ficou nada feliz em sua abordagem aos pés de Pedro naquele dia. De uma forma ou de outra, Ananias não conseguia reunir aquela alegria e singeleza de coração com que todos os outros colaboradores surgiram naquele dia. Com tudo o que ele pôde fazer, havia uma certa estranheza e vacilação de alguma maneira que Ananias de uma forma ou de outra não conseguiu se livrar durante todo aquele dia. Vocês, que são colecionadores de igrejas e instituições de caridade, estão bem acostumados a todos os olhares e maneiras de falar de Ananias naquele dia. Você costuma ouvir de nós as mesmas explicações, desculpas e autodefesas. "Recentemente houve uma grande queda no aluguel de terras na Judeia. Portanto, a velha propriedade não havia quase rendido a seu preço inesperado e esperado. Mas o que rendeu, Pedro é bem-vindo a ter".

Tudo cabia a Pedro naquela época. Os ofícios e serviços da Igreja primitiva ainda não haviam sido divididos e especializados no apostolado, no presbítero e no diácono e, até isso ser feito, Pedro tinha que fazer todos os papéis ele mesmo. Pedro foi o primeiro apóstolo, o ancião governante, o diácono líder e tudo. Era como aquelas congregações rurais onde o ministro tem que fazer tudo sozinho até que não tenha mais tempo, nem força, nem espírito para se dedicar continuamente à oração e ao ministério da palavra. Mas Pedro foi um Sansão perfeito no Israel daquele dia. Ele era um ministro de imensa capacidade, energia gigantesca, recursos infinitos e autoridade avassaladora. E assim foi que coube a Pedro sentar-se contra o tesouro e fazer as contribuições pentecostais na-

quele dia. E isso atingiu Ananias como um raio, quando Pedro, em vez de sorrir para ele e elogiá-lo, o denunciou e sentenciou com tanta severidade. "*Ananias, por que encheu Satanás o teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo, e retivesses parte do preço da herdade?*" (At 5.3). E os jovens se levantaram, e o feriram, e o levaram para fora e o sepultaram. E então, três horas depois, quando Pedro estava fechando os seus livros para ir dispensar a Ceia do Senhor, naquele momento Safira apareceu. "Você vendeu sua fazenda por tanto, seu marido me disse?". "Sim, meu senhor, por tanto". E os jovens entraram e a encontraram morta, e enterraram Ananias e Safira em Aceldama, próximo ao fundo a Judas Iscariotes, o proprietário do lugar. Para que a profecia de Isaías se cumprisse: "*E sairão, e verão os cadáveres dos homens que prevaricaram contra mim; porque o seu verme nunca morrerá, nem o seu fogo se apagará; e serão um horror a toda a carne.*" (Is 66.24), E que a profecia de Daniel também se cumprisse: "*E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para vida eterna, e outros para vergonha e desprezo eterno.*" (Dn 12:2).

Que mundo é este em que vivemos! Que fornalha incandescente de pecado e de santificação é este mundo! Como todos nós tentamos, tentamos, testamos e tropeçamos uns nos outros em tudo o que dizemos e fazemos! Barnabé não pode vender a sua propriedade em Chipre e colocar o preço dela aos pés de Pedro, mas ao fazer isso ele deve imediatamente se tornar a morte repentina de Ananias e Safira. Se não fosse pelo amor pentecostal e se não fosse pelo batismo de Barnabé nesse amor, Ananias e Safira teriam vivido para ver os filhos de seus filhos e a paz em Israel. Eles teriam se sentado juntos à mesa do Senhor até que Pedro pregasse o seu sermão fúnebre e os apresentasse como dois proprietários padrão de casas e terras. Mas Barnabé e seu nome renomado se tornaram uma armadilha tão grande para Ananias e Safira que foram enterrados no mesmo dia e na mesma sepultura. *Ama nesciri* foi o lema de mais de um dos grandes santos. Procure a obscuridade, isso é, inscreva-se anonimamente, isso é, não deixe que os seus colecionadores e o pessoal de publicidade imprimam o seu nome ou sua quantia, é claro. Diga, um amigo. Diga, um simpatizante. Coloque uma estrela, coloque uma cruz, coloque qualquer coisa menos o seu nome, nem mesmo as suas iniciais. Ou, se você for um autor popular, diga-

mos, e não um proprietário de terras atualmente; publique os seus livros sem o seu nome. Empregue outro nome. Você pode perder algo que é muito valioso para você ao fazer isso; mas será feito para você depois, quando todos as suas recompensas chegarem e todas as suas revisões do último dia. Pense em Ananias e Safira quando todos os homens elogiam a sua generosidade, o seu gênio shakespeariano ou os seus enormes emolumentos. Esteja certo disso, que todos os louvores de Pedro a Barnabé não refrescaram o coração de Barnabé tanto quanto causaram aquela insônia pecaminosa e todas as suas consequências para Ananias e Safira.

"*Por que encheu Satanás o teu coração*" (At 5.3). Essa foi uma saudação terrível para um homem que tinha acabado de vender uma posse e colocou uma parte tão grande do preço aos pés do apóstolo. Mas Pedro conhecia todos os processos de Satanás. Pedro sabia por experiência do que estava falando. E esta é a razão pela qual Pedro fala com tanta segurança, severidade, indignação e julgamento. E se Ananias naquele momento tivesse saído e chorado amargamente, estaríamos tirando muitas outras lições esta noite daquela terrível manhã de comunhão. Você conhece a premonição, a sensação, o cheiro, por assim dizer, quando Satanás se aproxima de você para encher o seu coração? E o que você diz a ele? O que você faz com ele? Você arruma uma cadeira para ele? Você coloca uma capa e coloca os óculos para ele? Você compartilha o seu travesseiro com ele? "Ah! Você está lá de novo, meu homem!" Portanto, um velho santo na congregação saúda Satanás com a mesma frequência que suas narinas experientes captam o início de seu enxofre em sua escada. "Mas você está muito atrasado desta vez. Estou noiva hoje. Há alguém comigo. E é melhor você fugir imediatamente. Venha mais cedo da próxima vez!" Luther jogou o seu tinteiro. O que você joga? O que você faz? Ou Satanás está em cima de você e você está nas mãos dele e a seu serviço, em questões financeiras e tudo mais, antes que você saiba onde está? "Ah, senhor, você está aí de novo, não é? Mas o meu coração está tão cheio hoje quanto pode conter um outro", grita minha amiga que está na escada por causa de seus sentidos exercitados.

O derrame foi repentino e, como dizemos, grave. Mas mesmo com essa distância de tempo e lugar podemos ver algumas razões boas e suficientes para a gravidade do derrame. *Pœna duorum*

doctrina multorum[11], é o comentário epigramático de um antigo escritor. Em duas mãos, aquele derrame dolorido diria por muito tempo. Por um lado, aqueles que foram tentados a entrar na comunidade cristã para participar da caridade pentecostal. Pois, então como agora, uma multidão de impostores perseguiria os degraus da igreja de coração aberto e mãos abertas. Por outro lado, todos nós damos tanto quanto os outros deram antes de nós. Medimos as nossas ofertas não por nosso dever nem por nossa capacidade, mas pelo que os outros fizeram e pelo que se espera de nós. Queremos impressionar você. Desejamos a sua aprovação. Dizemos com Ananias: "Isto é tudo que posso ceder; na verdade, isso é tudo que possuo". Nosso pecado e o nosso perigo de morte em nossa doação não é tanto por termos dado menos do que poderíamos ter dado, mas por não termos falado a verdade. "Sim, por esse valor", dizemos, até que os pés dos rapazes estejam quase à nossa porta. O derrame foi repentino e severo para os espectadores, mas não foi tão repentino ou severo para os próprios Ananias e Safira. Não foi tão inesperado e sem aviso para eles. Houve muitas provocações e agravos da parte deles que desconhecemos. Ananias pode ter sido filho de um homem pobre e quando ele veio a Jerusalém em sua juventude para aumentar a sua fortuna ele pode ter se ajoelhado ao lado do Monte das Oliveiras e dito: "Teus votos estão sobre mim, ó, Deus. E se me deres pão para comer e roupas para vestir, mulher e filhos em Jerusalém, então o Senhor será o meu Deus e o Deus da minha casa". Ou então, em algum momento de adversidade ele disse: "*Os cordéis da morte me cercaram, e angústias do inferno se apoderaram de mim* (Sl 116.3); *pagar-te-ei os meus votos, Os quais pronunciaram os meus lábios, e falou a minha boca, quando estava na angústia.*" (Sl 66.13, 14), ou, ainda, naqueles dias doces, mas que enganam a alma, quando eram noivo e noiva juntos; naqueles dias de Beulah — "Quanto a mim e à minha casa, serviremos ao Senhor. Como Davi, andaremos com o coração perfeito em todos os negócios domésticos em casa". Ah, sim; Deus, sem dúvida, foi suficientemente justificado para os próprios Ananias e Safira, quando os julgou tão rapidamente naquele dia. Ao mesmo tempo, Jeremy Taylor, que deu imenso conhecimento e intelecto a todos esses casos, diz que às vezes Deus aceita uma morte efêmera em lugar de

[11] Tradução do latim: "A punição de dois é o ensino de muitos". (N.R.)

uma eterna. E que, para algumas pessoas, uma morte súbita é mais ideal ao invés de um longo e explícito arrependimento. Enquanto Agostinho, pelo que vejo, e algumas outras grandes autoridades, ousam classificar o terrível caso de Ananias e Safira sob aquela escritura do apóstolo onde ele nos assegura que alguns membros da igreja são entregues a Satanás para a destruição da carne, de modo que o espírito pode ser salvo no dia do Senhor Jesus. Vamos nos juntar a Agostinho e Taylor em seu culto fúnebre sobre Ananias e Safira na trêmula esperança de que eles foram abatidos por uma disciplina santificadora, em vez de uma condenação eterna. E que eles morreram para que possamos aprender deles a viver de modo a não morrer. Esperemos que tanto o marido quanto a esposa tenham a raiz do problema neles o tempo todo; e que também os veremos salvos naquele dia, apesar de Satanás e de todas as suas entradas fatais em seus corações. O Senhor te repreende, Satanás, não é este um tição tirado do fogo?

E agora vamos voltar para nós mesmos. Como todos vocês sabem, temos uma instituição em plena operação na Igreja Livre da Escócia que é baseada, construída e trabalhada exatamente nos princípios Pentecostais e de Barnabé. A concepção do doutor Chalmers do Fundo de Sustentação foi derivada e desenvolvida a partir do espírito e do exemplo da Igreja Apostólica de Jerusalém. O mesmo espírito pentecostal foi derramado na Ruptura da Igreja Estabelecida e Dotada da Escócia, para apoiar a Igreja Livre da Escócia sob os seus ferimentos e o seu empobrecimento por causa de Cristo e de Seu povo. E assim foi que os tribunais dos ministros e diáconos da Igreja Livre eram, e ainda são, todos de uma mesma mente e espírito e têm todas as coisas em comum. E aquele mesmo espírito pentecostal respira e queima, e aquela mesma instituição apostólica ainda permanece, se estende e se expande até este dia. E ainda assim a bênção profética e apostólica é pronunciada sobre a Igreja Livre e seu povo de coração liberal — "*Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e depois fazei prova de mim nisto, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal até que não haja lugar suficiente para a recolherdes.*" (Ml 3.10).

"*Fazei prova de mim nisto*" (Ml 3.10), disse o Senhor. E Ele prometeu que quando O provarmos com nossos dízimos, todo tipo

de prosperidade seguirá nossa prática dessa regra e padrão bíblico. E a regra não é apenas escriturística. De uma forma ou de outra, o dízimo, a décima parte, preenche toda a literatura clássica, bem como toda a Sagrada Escritura. E ainda, com tudo isso diante de nossos olhos, tão claro quanto pode ser, aqui estamos nós, a esta hora do dia, tropeçando e contando mentiras, muitos de nós como Ananias e Safira, sem qualquer método, princípio ou regra em nossas ofertas, não mais do que se a Escritura nunca tivesse falado sobre este assunto ou como se uma regra de amor e bom senso nunca tivesse sido estabelecida. Até que acordemos e tomemos a forma patriarcal, mosaica, profética, apostólica e até pagã de tributar a nossa renda e reservemos uma parte definitiva e liberal dela para a igreja e a caridade, nunca precisaremos esperar herdar as promessas ou entrar naquela liberdade de coração e mão que espera por nós e nossos filhos. Certamente já é tempo de descobrirmos uma maneira melhor do que a nossa atual maneira aleatória de lidar com esse grande e urgente assunto. Pois tudo vem sobre nós nesta cidade. Toda a Escócia, toda a Irlanda e muitas partes até mesmo da rica Inglaterra; França, Suíça, Itália; igrejas, mansões, missões — tudo vem em Edimburgo e em um campo limitado de Edimburgo. Quando algum grande gênio financeiro, digamos, como o doutor Chalmers, surge na Igreja para expor e fazer cumprir essa lei de Deus desastrosamente negligenciada, um novo dia amanhecerá em todo o nosso erário religioso e de caridade. Então a criança cristã será educada para dar o dízimo de sua mesada por semana por amor de Jesus, o Seu Salvador. E o seu pai a sua libra por semana, ou as suas dez libras, ou as suas cem, ou as suas mil. E então, tudo o que teremos que fazer, sem forçar os nossos corações ou azedar os nossos temperamentos, será calmamente, e em nosso lazer, exercer a nossa melhor discrição quanto à proporção e ao destino do dinheiro da mordomia que confiamos para nós. E quando esse dia apostólico amanhecer, os nossos sucessores nas igrejas e instituições de caridade do país olharão para trás com espanto em nossas formas miseráveis de arrecadar dinheiro da igreja, apoiando-se em dotações do Estado, e todos esses expedientes não pentecostais. E tudo porque os nossos olhos, de alguma forma, não foram abertos para a sabedoria das Escrituras, para o amor das Escrituras e para a liberalidade das Escrituras em toda essa questão do dinheiro de nosso Senhor.









XCII. Simão o Mago

Mas quem, para começar, era Simão Mago? E como é que ele creu e foi realmente batizado por Filipe, o evangelista; e então foi detectado, denunciado e totalmente reprovado pelo Apóstolo Pedro? Como tudo isso aconteceu?

Bem, você deve saber que Samaria, onde Simão Mago viveu e exerceu as suas impressionantes imposições, era um país meio hebreu e meio pagão. Samaria tinha apenas o suficiente da descendência hebraica em suas veias para enchê-la das piores qualidades daquela descendência, misturadas com algumas das piores qualidades da descendência pagão também daqueles dias. E Simão Mago foi, ao mesmo tempo, o produto natural e o castigo divino daquela terra apóstata em que o encontramos vivendo em uma prosperidade de charlatão. Simão, o mago, era um homem muito inteligente e, ao mesmo tempo, um homem muito mau; até que, por suas tremendas pretensões ele teve toda a Samaria a seus pés. Havia algo positivamente sublime sobre o atrevimento e charlatanismo de Simão Mago, até que ele foi realmente temido, obedecido e adorado como nada menos que alguma divindade que condescendeu em vir e passa a morar em Samaria. Mas todo o homem e toda a situação são mais bem apresentados diante de nós com os dois ou três golpes do escritor sagrado: "*E estava ali um certo homem, chamado Simão, que anteriormente exercera naquela cidade a arte mágica, e tinha iludido o povo de Samaria, dizendo que era uma grande personagem; Ao qual todos atendiam, desde o menor até ao maior, dizendo: Este é a grande virtude de Deus. E atendiam-no, porque já desde muito tempo os havia iludido com artes mágicas. Mas, como cressem em Filipe, que lhes pregava acerca do reino de Deus, e do nome de Jesus Cristo, se batizavam, tanto homens como mulheres. E creu até o próprio Simão; e, sendo batizado, ficou de contínuo com Filipe; e, vendo os sinais e as grandes maravilhas que se faziam, estava atônito.*" (At 8.9-13).

Filipe teve um sucesso extraordinário em sua missão evangelizadora em Samaria. Era como a Nova Inglaterra, ou Cambuslang, ou 1859-60, ou a primeira visita de Moody e Sankey à Escócia. Pois o povo unanimemente dava ouvidos ao que Filipe falava, ouvindo e vendo os milagres que ele fazia. E houve uma grande alegria naquela cidade. "O próprio diabo foi convertido e batizado por mim",

Filipe telegrafou para Jerusalém. "Na verdade, tenho o nome de Simão Mago no meu rolo de comunhão". Ao ouvir isso, os apóstolos enviaram dois de seus homens mais importantes a Samaria para supervisionar o grande movimento, e Deus enviou o Espírito Santo com eles, até que toda Samaria parecesse ter se voltado para Deus e para o nome de Jesus Cristo. Contudo, Simão Mago foi o tempo todo um impostor que, em sua conversão e batismo, enganou Filipe completamente. Não, penso que é justo para Simão Mago dizer que ele se enganou completamente, assim como a Filipe. Acredito que sim. Estou obrigado por caridade a pensar assim. Quando Simão Mago saiu da água, teve uma voz do céu falada naquele momento, certamente teria ouvido dizer: "este é um arquienganador, enganador, mas, ao mesmo tempo, sendo enganado". Alguns homens têm muito mais autodiscernimento do que outros, e autodiscernimento é a ciência mais elevada e rara de todas as ciências da face da terra. E está geralmente unido com grande autodiscernimento, como uma recompensa e um prêmio colocado por Deus em seu exercício, o poder de discernir profundamente o espírito de outros homens também. Agora, embora Filipe fosse um príncipe dos pregadores evangelísticos, e um homem bom e capaz, ao mesmo tempo, ele ficava facilmente satisfeito com os seus convertidos. Filipe era muito melhor pregando do que catequizando. E foi assim que coube a Pedro e João purgar o registro de comunhão de Filipe de Simão Mago, imediatamente após sua chegada em Samaria. Ao mesmo tempo, isso deve ser dito, que Simão Mago nunca apareceu em suas verdadeiras cores até depois da chegada de Pedro e até depois que todos os verdadeiros convertidos receberam o Espírito Santo.

As circunstâncias foram as seguintes: fazia parte do equipamento pentecostal dos apóstolos possuir por um tempo alguns dos poderes de operar milagres que seu Divino Mestre havia exercido a fim de prender a atenção para Seu advento e garantir uma audiência para Seu ministério. E assim é que encontramos os apóstolos falando em línguas, curando os enfermos, abrindo os olhos dos cegos, expulsando demônios e muitos outros milagres e sinais semelhantes. Bem, Simão Mago, como todo mundo em Samaria, ficou imensamente impressionado com tudo o que viu e ouviu. Nenhum homem ficou mais impressionado do que Simão Mago, ou mais convencido da missão divina dos apóstolos. Mas, com toda a sua admiração

e convicção, ele nunca foi verdadeiramente convertido. O amor ao dinheiro e o amor ainda mais inebriante pela notoriedade haviam tomado posse tão absoluta de Simão Mago que ele simplesmente não conseguia viver longe dos olhos dos homens. Ele deve estar na boca dos homens. Ele deve ter uma multidão ao seu redor. Temístocles não conseguia dormir por causa dos huzzas que enchiam as ruas de Atenas quando Miltíades caminhava para o exterior; e as multidões que seguiam Pedro e João eram fel e absinto para Simão Mago. Pois multidões ainda maiores costumavam pegá-lo e carregá-lo nos ombros nos dias de seu grande poder, antes que Filipe viesse a Samaria. Bem, Pedro nunca gostou da aparência do grande convertido de Filipe, e isso justificou completamente as incuráveis suspeitas de Pedro quando Simão Mago veio uma noite aos aposentos de Pedro e, colocando um saco de dinheiro na mesa, disse: "O que você vai levar para o Espírito Santo? Se você me mostrar o segredo do seu apostolado para que eu possa operar seus milagres como você, tenho muito dinheiro e sei onde há muito mais". A visão da bolsa e a proposta blasfema do dono da bolsa quase deixaram Pedro fora de si. E o velho pescador se empolgou tanto com o pobre charlatão que a página queimou em vermelho até hoje com a denúncia de Pedro. "*O teu dinheiro seja contigo para perdição, pois vejo que estás em fel de amargura, e em laço de iniqüidade.*" (At 8.20, 23).

"*E tinha iludido o povo de Samaria, dizendo que era uma grande personagem*" (At 8.9). Essa é a nossa primeira lição desta Sagrada Escritura sobre Simão Mago. Levem a sério a lição quem especialmente dela necessita e que se humilharão para recebê-la. Pode ser em feitiçaria e bruxaria como a de Simão Mago; pode ser nas honras do reino dos céus como os filhos de Zebedeu; pode ser na pregação de sermões; pode ser fazendo discursos ou escrevendo livros; pode estar em qualquer coisa que você goste, até mesmo as posses e performances de seu filho; mas todos nós, para começar, nos dedicamos a ser alguém grandioso. Simão Mago era apenas um espécime exagerado de todos os caçadores de popularidade entre nós. Existe um elemento e primeiro princípio de Simão Mago, o charlatão samaritano, em todos os homens públicos. Ainda resta um certo resíduo de Simão para a sua última santificação em cada ministro. Mas o mais parecido com Simão Mago de todos os ministros santificados que conheço é Thomas Shepard, e isso só porque

ele é o mais autoconsciente, o mais honesto e o mais franco sobre si mesmo de todos nós. A popularidade era o próprio sopro de vida para aquele charlatão de Samaria. Ele não podia trabalhar, não podia viver, não podia ser convertido e batizado, sem popularidade. E não há um homem público entre mil, político ou pregador, que continuará vivendo e trabalhando e orando fora de vista, e o tempo todo com doçura, contentamento, boa vontade e um coração tranquilo. Toda Samaria deve dar ouvidos a Simão Mago, do menor ao maior. E assim ainda com os seus sucessores. Um missionário desesperado para os marinheiros bêbados em uma nova ferrovia, reclamou para mim outro dia que um de nossos grandes pregadores, que estava de férias na vizinhança, não daria uma hora de sábado à tarde ociosa para os homens vadiando nas portas. Foi a escória de Simão Mago no orador da cidade; ele não conseguia cativar mais uma multidão. "Buscar a obscuridade" era o lema de Fénelon. Se ele viveu de acordo com o seu lema ou não, o dia vai declarar; se o fez, não haverá muitos usando a mesma coroa com ele naquele dia. Mas Richard Baxter será um deles. "Estou muito menos preocupado com a aprovação dos homens e me sinto muito mais leve pelo desprezo ou aplausos do que há muito tempo. Todas as coisas mundanas parecem mais vãs e insatisfatórias quando mais as experimentamos. Mas embora eu sinta que isso tem alguma influência no efeito, ainda assim o conhecimento da nulidade do homem e da grandeza transcendente de Deus, com quem tenho mais a ver, e o sentido da brevidade das coisas humanas e da proximidade da eternidade são as principais causas desse efeito e não autoconceito e morosidade, como alguns supõem". Essas coisas vão ajudar a fazer isso, mas acima de todas essas coisas um coração completamente quebrantado sozinho expulsará Simão Mago de nós, ministros. Um coração partido além de qualquer amolecimento ou ligação com este mundo; mas nem mesmo um coração partido, a menos que seja diariamente partido. Nada vai arrancar o charlatão de nós, ministros, a não ser autodetecção constante, autodesprezo constante, autodenúncia constante e autodestruição constante. Oh, meus amigos, vocês não sabem e não são dignos de ouvir o tremendo preço da salvação de um ministro. É isso que faz o nosso Mestre crucificado dizer a nós, ministros, continuamente: "Poucos de vocês existem que o encontram".

Você não saberá o que é uma "obra de lei"; mas Simão Mago estava simplesmente perdido por falta de uma obra de lei. Hoje em dia, você nunca ouve a palavra outrora universal palavra do púlpito. Os romanos e os gálatas estão cheios de obras da lei, assim como todos os nossos maiores pregadores. Essas duas grandes epístolas evangélicas ainda não foram escritas, mas havia o suficiente de seu conteúdo no ar pentecostal se Simão Mago tivesse algum gosto por tais questões de exame de consciência. Não devo me permitir dizer uma única palavra sobre a má gestão de Filipe das classes de seus catecúmenos e jovens comunicantes. Apenas, o feiticeiro deve ter tristemente enfeitiçado o evangelista antes de Filipe colocar o nome de Simão Mago em sua lista de comunhão. Filipe conhecia o seu negócio e o seu próprio coração. Não ouso duvidar disso. Só que, de uma forma ou de outra, ele deixou Simão Mago escorregar por suas mãos com muita facilidade. Crente, batismo, comunhão e tudo, Simão Mago não tinha parte nem sorte nesta questão da obra da lei. Eu não manteria nem um jovem comunicante nem um velho convertido longe da mesa porque ele não era profundamente erudito em todas as doutrinas paulinas; mas eu não poderia me comprometer a recomendar o seu nome à sessão de presbitério a menos que ele me desse alguma evidência do que os mestres de nossa ciência chamam de trabalho jurídico. Ele pode nunca ter ouvido essa palavra, e eu nunca iria mencioná-la a ele, a menos que, de fato, ele fosse um homem de alguma mente. Mas é zombar de Deus e iludir os homens, lotar a mesa com comungantes como Simão Mago, que não conhece os primeiros princípios nem do pecado nem da salvação. A melhor obra jurídica chega até nós muito depois da conversão e admissão à mesa; mas nem antes de sua chamada conversão, nem depois dela, esse arqui-impostor sabia alguma coisa sobre isso — "porque o teu coração", disse Pedro, rasgando-o até o âmago, "não é reto diante de Deus." (At 8.21).

"Fictus", ou seja, uma ficção que vive e respira, era o nome dado aos convertidos como Simão Mago naqueles primeiros dias. Ignorância, Temporário, Maleável e do contra foram alguns de seus nomes nos dias posteriores. Agora, você não é um impostor de profissão como Simão Mago. Você não ganha a vida iludindo outras pessoas. Mas pode muito facilmente haver um elemento de ficção, de auto-ilusão e auto-imposição em sua suposta conversão, como

havia na dele. A moderação de Calvino, a sanidade de julgamento e a visão espiritual, carregam-me com ele aqui também. "Eu não sou da opinião deles", diz ele, "aqueles que pensam que Simão Mago fez apenas uma aparência de religião. Existe um meio-termo entre a fé salvadora e a pura dissimulação. Simão Mago viu que os apóstolos e a doutrina era verdadeira, e ele recebeu a mesma até agora; mas o trabalho de base sempre foi insuficiente; ou seja, a sua negação de si mesmo sempre foi um desejo". Só então. Eu vejo e sinto o ponto de Calvin. A sua religião não é toda uma farsa de sua parte. Você não é um hipócrita puro e sem mistura. Mas também não é a sua religião do tipo certo. Não está salvando a sua alma. Não está fazendo de você a cada dia um novo homem. O seu coração não está certo aos olhos de Deus. Não é, e nunca será, até que, como diz Calvino, e como Cristo diz, você negue a si mesmo diariamente. E isso todos os dias para o sangue do seu coração, e na questão do pecado que tão facilmente o assedia. Com Simão Mago era o elogio dos homens, sua aglomeração em torno dele e sua adulação a ele. Agora, o que ele deveria ter feito, e o que Filipe deveria ter insistido para que ele fizesse, era descobrir a si mesmo e confessar a si mesmo o pecado que o assedia, e todos os dias cravar outro prego de auto crucificação nele. Outro prego novo a cada dia, até desistir do fantasma. Em vez disso, o pobre impostor tentou fazer com que Pedro compartilhasse a sua popularidade apostólica com ele por trinta moedas de prata! Se você serve de plataforma, de púlpito ou é qualquer outro tipo de charlatão, busque a obscuridade, pois a salvação da sua alma está lá. Se você é um pregador popular, fuja de igrejas lotadas e faça cultos em ambos os lados, em asilos de pobres e em celeiros e cozinhas. Nunca procure nos jornais para ver o que estão dizendo sobre você. Mate de fome o charlatão egoísta que ainda está dentro de você. Bata nele sem piedade, como Paulo nos diz que fez, e como Thomas Shepard nos diz que fez, toda vez que mostrar o seu rosto de admiração.

Simão Mago colocou o pensamento de seu coração na forma de uma proposta de dinheiro a Pedro. Mas, por pior que fosse a proposta, não foi tanto a proposta que Pedro atingiu, mas o coração de quem o propôs. "*Para que porventura te seja perdoado o pensamento do teu coração*;" (At 8.22) Agora, responda, como todos nós responderemos um dia — e quanto aos pensamentos do seu cora-

ção? Os pensamentos egoístas e auto-exultantes de seu coração são persistentes e condescendentes ou são a maior vergonha para você e o maior tormento de sua vida? Você odeia o seu próprio coração como odiaria o próprio inferno se estivesse prestes a ser lançado nele? Você bate no peito e clama, ó, pobre homem que sou! A lei entrou, e é a lei profunda o suficiente e espiritual o suficiente para fazer com que todos os pensamentos do tipo Simão Mago em seus corações sejam uma dor e vergonha interior para você, além de todo conhecimento e de toda crença sobre você, do homem mortal? Os seus pensamentos, isto é, de auto-propaganda, autoexaltação e autocomplacência? O elogio dos homens o incha e o deixa muito feliz? O silêncio ou a ausência deles é algo que você não consegue superar? Ele é um homem bom que o segue, acredita em você e o aplaude: e ele é um homem imperdoavelmente mau que prefere Filipe, Pedro e João a Simão Mago? Então, não se engane, Deus não se zomba, e nem os homens autodiscerníveis ao seu redor. Tanto a sua felicidade quanto sua tristeza: o seu amor e o seu ódio pelos homens; estão completamente nus e abertos para aqueles com quem você se relaciona. "*Pois vejo que estás em fel de amargura, e em laço de iniqüidade.*" (At 8.23), "Podemos conjeturar", diz Calvin, "que Simão Mago se arrependeu". Enquanto Bengel deixa para o último dia descobrir e declarar isso.

XCII. O eunuco etíope

Nosso Senhor deu aos fariseus de seus dias este louvor, que eles percorriam o mar e a terra para fazer um prosélito. Agora, este eunuco etíope era um de seus prosélitos. Como os escoceses e os ingleses de nossos dias, os judeus dos dias de nosso Senhor percorreram o mar e a terra para ganhar dinheiro; mas, quase mais, para fazer conversos a Moisés e Aarão. Por mais que se empenhassem em fazer fortuna, os judeus daquela época estavam quase mais empenhados em divulgar a fé de Abraão e a esperança de seus pais. E seria em suas relações comerciais com os chefes de algumas das casas comerciais e bancárias que os mercadores judeus haviam estabelecido na Etiópia que o tesoureiro da Rainha Candace entraria em contato com os adoradores de Jeová, até que tudo terminou e ele se tornar um prosélito do portão. Pense, então, nesse tesoureiro etíope e a sua comitiva real vindo do extremo sul para fazer o seu voto e buscar a face do Senhor em Seu santo templo. Pense que você viu a sua conversão na Etiópia, a sua permanência por uma temporada em Jerusalém e depois a sua volta para casa; e essas imagens dele em sua mente o ajudarão muito a compreender e apreciar esse homem notável e a sua história notável.

Agora, o que o eunuco etíope viu, ouviu em Jerusalém e levou para casa com ele de Jerusalém, dependeria quase inteiramente das apresentações que ele trouxe consigo e das casas para as quais ele as fez. Se um príncipe oriental viesse, digamos na hora da Assembleia, para nossa própria cidade, as suas impressões da cidade e do país dependeriam inteiramente das mãos em que ele caísse. Estamos tão divididos em igrejas, facções e sub-facções; em profissões, partidos políticos e castas sociais; em gostos e desgostos; em simpatias e em antipatias; que, se o eunuco etíope tivesse a sua primeira introdução em qualquer um dos nossos viveiros, ele voltaria para casa totalmente estranho e quase um inimigo para muitos dos melhores homens e para grande parte da melhor vida de nossa cidade e do nosso país. A menos que, na verdade, ele tenha trazido de sua amarga experiência de controvérsia, facção e espírito partidário na Etiópia, aquela mente aberta, liberal e aquele coração humilde e amoroso que nenhuma introdução planejada irá enganar e nenhum patrocínio ou privilégio odioso envenenará.

Se esse fosse um eunuco etíope comum, ele teria passado as férias entre os teatros, circos, bazares e outras diversões romanas da procuradoria de Pilatos. Como era, ele pode, pelo que sabemos, ter trazido uma apresentação ao Procurador Romano e pode ter sido recebido pela própria esposa de Pilatos no Pretório Romano. Por outro lado, é muito mais provável que ele tenha sido dirigido e recomendado a alguns dos chefes do Templo: a Anás, ou a Caifás, ou a algum outro dignitário eclesiástico. Você pode fazer uso de seu próprio conhecimento da condição de Jerusalém e da posição do eunuco, e de sua missão religiosa, para escolher por si mesmo exatamente onde o eunuco etíope estava hospedado e exatamente em que luz ele viu a vida de Jerusalém. Contudo, temo, com toda a sua habilidade, com toda a sua perspicácia e com toda a sua seriedade de espírito, a licença do eunuco chegou ao fim antes que ele começasse a ver a luz do dia sobre os fariseus e saduceus, os essênios e os Herodianos, os zelotes e os publicanos, os devotos de Moisés e os discípulos de Jesus Cristo.

O livro do profeta Isaías foi o presente de despedida de seu anfitrião em Jerusalém a esse príncipe oriental no dia de sua partida para casa? E o doador do livro sagrado, com olhar sério e com delicada gentileza, indicou a seu hóspede, enquanto ele subia os degraus de sua carruagem, os capítulos 53 e 56 do profeta evangélico e ecumênico? Ou o livro sagrado foi escolhido por esse bom eunuco? Após ter comprado alguns dos mais raros exemplares da arte romana recente para a sua amante real, ele procurou o scriptorium sagrado e pagou para si o rolo mais rico do profeta Isaías que os escribas possuíam? De qualquer maneira que ele tenha obtido o livro fascinante, ele estava fora da cidade e bem na fronteira da terra antes que pudesse tirar os olhos de sua compra. O eunuco etíope será convocado com o seu Isaías na mão no último dia para testemunhar contra todos nós pelos livros que compramos e lemos, e pela forma como assassinamos o tempo, tanto em casa como nas nossas férias, bem como nas nossas longas viagens. Você já viu alguém lendo a sua Bíblia em um vagão de trem ou no convés de um barco a vapor? Você já viu Isaías ou Paulo, em texto ou comentário, exposto à venda em uma livraria ferroviária? Ó, não! O próprio pensamento é profano. Carregamos as nossas bancas de livros, as nossas cestas de jornaleiros e as nossas malas de viagem com todos os jornais da ma-

nhã e da noite; e com pilhas de romances de todas as cores; e com a nossa conhecida reticência protestante e reverência pelas coisas divinas reservamos as nossas Bíblias para o lar e entregamos os nossos dias de sábado a Paulo e Isaías. Um em mil romperá e relerá em uma viagem ferroviária o seu Homero ou o seu Virgílio; seu Milton ou seu Shakespeare; seu Bacon ou seu Hooker; seu Kempis ou seu Bunyan; enquanto um em cem mil se aventurará a tirar os seus Salmos ou o seu Novo Testamento. "O grande número de livros e jornais divertidos, que de um tipo ou de outro, diariamente aparecem em nosso caminho, em parte ocasionaram, e mais perfeitamente se encaixam, e nutriram, esta maneira ociosa de ler e considerar as coisas. Dessa forma, o tempo, mesmo na solidão, é felizmente eliminado, sem a dor da atenção. Tampouco qualquer parte dela é mais atribuída à ociosidade — dificilmente se pode deixar de dizer que se gasta com menos pensamento do que grande parte daquilo que se gasta em leitura". Se essa acusação foi lançada contra os leitores de 1792, quanto mais nos expusemos a ela em 1899?

Mas, todo esse tempo, Filipe está vagando para cima e para baixo no deserto, pensando que ele deve ter confundido a sua própria imaginação com a voz do Senhor. Caravanas de peregrinos vão e vêm: mercadores do Egito, da Arábia e coortes de soldados romanos. Mas tudo isso apenas torna o evangelista mais solitário e ocioso. Mas, por fim, uma carruagem de distinção surge à vista e, ao alcançá-la, Filipe ouve com o maior espanto o moreno mestre da carruagem lendo em voz alta. Filipe não se surpreendeu com o distinto homem lendo em voz alta, mas o seu espanto e admiração foram ilimitados quando começou a distinguir à distância o que o estranho de pele escura estava lendo. "*Como um cordeiro foi levado ao matadouro, e como a ovelha muda perante os seus tosquiadores, assim ele não abriu a sua boca.*" (Is 53.7), "*Entendes tu o que lês?*"(At 8.30), disse Filipe, quando a carruagem parou. Tudo isso aconteceu no Oriente simples, nada sofisticado e hospitaleiro; e não deve ser medido por nossos hábitos rígidos e inflexíveis de relação sexual no Ocidente; e, especialmente, na Escócia carrancuda. Seria considerado o cúmulo da intrusão e, na verdade, atrevimento, entre nós se um homem dissesse a outro sentado sobre o seu livro em uma viagem: "Você está entendendo o que está lendo?" Mas se nos sentássemos ao lado de um estrangeiro que estava lutando com um

de nossos guias complicados e prestes a partir na direção errada, não seria nenhuma intrusão se nos inclinássemos e disséssemos a ele: "receio, senhor, que nossa linguagem bárbara não é facilmente dominada por estudiosos estrangeiros; mas o inglês é minha língua nativa e pertenço a este país. Posso ser útil para você?".

"*Como poderei entender?*", disse o eunuco, "*se alguém não me ensinar?*"(At 8.31). E ele desejava que Filipe subisse e se sentasse com ele. Se o eunuco tivesse vindo a Jerusalém no ano passado nesta época da Páscoa, como ele havia sido instado a vir e como ele pretendia vir, ele poderia ter o Mestre de Filipe sentado ao lado dele hoje e lendo Isaías com ele. Mas o eunuco perdera a oportunidade adiando o pagamento de sua promessa por mais um ano. Ele estava um ano atrasado para ver Jesus Cristo em carne e ouvi-Lo abrir Isaías a respeito de Si mesmo. Mas antes tarde do que nunca. Melhor encontrar o mais mesquinho de Seus servos do que perder completamente o Mestre.

Foram os próprios instintos sérios do eunuco, eu me pergunto, que o levaram ao quinquagésimo terço de Isaías? Ou ele tinha ouvido aquele capítulo profundo e desconcertante disputado por Estevão e Saulo em uma das sinagogas de Jerusalém? Eu não posso dizer. Apenas, isso me parece, e ocorreu a Filipe, como um fato notável que de todo o Antigo Testamento esse completo estranho ao Antigo Testamento estava refletindo sobre o seu capítulo mais central e a sua profecia mais profunda, enquanto voltava para casa em sua carruagem. Quando Agostinho era catecúmeno em Milão e estava apenas no estágio do eunuco, na verdade, Ambrósio direcionou o seu aluno ao estudo de Isaías. "Mas eu, não entendendo minha primeira lição sobre aquele profeta, deixei-a para ser retomada quando eu tivesse mais prática". Bunyan também nos diz que quando estava começando a ler a sua Bíblia, preferia muito mais as aventuras de Josué, Sansão e Gideão a Isaías ou Paulo. Mas, por mais que possamos explicar, esse neófito etíope já estava muito à frente de Bunyan e até de Agostinho. Pois ele tinha em suas mãos a página mais paulina de todo o Antigo Testamento e ele não a largaria até que chegasse ao final dela. "*Rogo-te, de quem diz isto o profeta? De si mesmo, ou de algum outro?*" (At 8.34). O que impressionou a imaginação e a consciência do eunuco foi isto: a imagem absolutamente sobrenatural que o profeta traça de seu próprio

caráter e conduta: se de fato é de seu próprio caráter e conduta, o profeta fala: "*Como um cordeiro foi levado ao matadouro*", o eunuco leu de novo "*e como a ovelha muda perante os seus tosquiadores, assim ele não abriu a sua boca.*" (Is 53.7). O eunuco conhecia não poucos homens bons, humildes, pacientes e sofredores silenciosos na Etiópia, mas não conhecia ninguém de quem a metade dessas coisas pudesse ser dita. E, se este era o próprio profeta, não era de se admirar então com a reverência com que tanto o nome do profeta quanto o nome de seu livro eram celebrados em Jerusalém. "Ó, não!" Disse Filipe. "Ó, não, não! O profeta não falou de si mesmo, nem de qualquer outro homem mortal. Ó, não, não! Longe disso! O profeta era um homem de paixões semelhantes às de outros homens. Ele era um homem de lábios impuros, como todos os outros homens. Oh, não! O profeta não falou de si mesmo, mas de outra maneira de homem completamente. Tu és um estranho em Jerusalém, mas deves ter ouvido algo sobre as coisas que aconteceram ali nestes últimos dias. Certamente você já deve ter ouvido o nome de Jesus de Nazaré?". "Eu ouvi esse nome", respondeu o eunuco. "Eu ouvi o nome com frequência. Às vezes eu ouvia esse nome bendito e às vezes eu ouvia amaldiçoado. E fui avisado de que, durante todo o tempo em que estive em Jerusalém, não devo pronunciar esse nome uma única vez, nem ouvir ninguém que o diga para mim. Mas estamos longe de Jerusalém aqui; portanto, de quem o profeta fala?". "Devemos tornar o nosso primeiro objetivo no púlpito fazer plena justiça ao assunto que temos em mãos; ou deve nosso esforço imediato e único ser fazer o bem aos nossos ouvintes?". Disse um dos meus amigos mais atenciosos para mim outro dia. O que você mesmo faz? Foi minha resposta a ele. Mas tivemos que nos separar antes de termos tempo de discutir. Filipe, de qualquer forma, se colocou em primeiro lugar e com todas as suas forças para fazer justiça ao seu grande assunto. E foi no progresso dessa justiça plena que o eunuco obteve todo o bem que o melhor ouvinte, mesmo em nossos dias, poderia obter do melhor pregador. Às vezes um caminho é o melhor em algumas mãos, e às vezes em outras, de acordo com o pregador, de acordo com o ouvinte e de acordo com o assunto. Na maioria das vezes, com certeza, primeiro o assunto foi cuidadosamente estudado e tratado com nossa maior habilidade e acabamento, e então a aplicação feita com nossa maior habilidade, urgência e amor. "Misture a sua exortação com a doutrina", disse

Goodwin aos estudantes de teologia de Oxford. Melhor ainda, em nossos dias, pelo menos, comece bem a sua exortação com a doutrina e então termine a sua doutrina com a exortação apropriada que brota dela. Apenas o eunuco não esperou pela exortação de Filipe. Ele não deu a Filipe tempo para encerrar a sua doutrina. O sermão de Filipe no quinquagésimo terceiro dia de Isaías não terminou até hoje. "*Eis aqui água!*"(At 8.36), quebrou o eunuco. "Eu o vejo!" interrompeu um jovem fazendeiro de Forfarshire no meio de minha oração com ele no escritório do ministro tarde da noite, após uma bela reunião de avivamento conduzida pelo senhor Low de Fountain-bridge e doutor Macphail de Liverpool. E minha oração está lá até hoje, como o sermão de Filipe, nunca terminado, e isso foi há vinte e cinco anos. "Eu o vejo!" e nós dois nos levantamos; e, em vez do resto de minha oração a Deus, disse ao fazendeiro: "Nunca perca isso de vista. Nunca perca de vista para o resto de seus dias!" Ele o perdeu de vista e voltou, quebrando o coração de seu ministro. Mas o desviado voltou e, como me disseram, morreu em êxtase, exclamando: "Estou vendo! Eu o vejo!". "*Eis aqui água!*" (At 8.36), exclamou o eunuco, interrompendo o sermão de Filipe. "Eu o vejo!", exclamou o fazendeiro, interrompendo a minha oração.

"*E, quando saíram da água, o Espírito do Senhor arrebatou a Filipe, e não o viu mais o eunuco; e, jubiloso, continuou o seu caminho.*" (At 8.39). Regozijando-se por aqueles mercadores judeus terem aberto o seu armazém na Etiópia lamentando que não tenha subido antes a Jerusalém quando ele poderia ter visto o rosto de seu Salvador e ouvido a Sua voz. Mas, ainda mais regozijante por não ter adiado totalmente a vinda para a páscoa. Regozijando-se também por não ter falado sobre os pontos turísticos de Jerusalém até Gaza, mas lido todo o caminho no profeta Isaías. E regozijando-se, acima de tudo, por ter dito isso no momento em que veio a seu coração dizer: "*Eis aqui água*" (At 8.36). E, ainda assim, enquanto a carruagem percorria os seus longos estágios em direção à distante Etiópia, o eunuco pensava com uma humilde e santa alegria em todo o caminho que seu Deus o havia guiado e na graça singular que finalmente o apreendeu. E quem pode dizer senão que a Rainha Candace, e uma grande multidão de seu lindo povo, ainda serão vistos por nós estendendo as mãos e lançando as suas coroas aos Seus pés de quem Isaías falou, e de quem Filipe pregou!

Não será mais vã esperança
Que cairá sobre Etiópia;
Iluminados: suas peles escuras de pacífico tom
São iluminados de alma
E agora, não ouso duvidar, a Pomba Eterna,
Amará um, o reinado etíope.

XCIV. Gamaliel

Lido pela primeira vez e visto superficialmente, o discurso de Gamaliel no conselho de Jerusalém foi uma atuação capaz e bem-sucedida. O argumento do discurso trazia o consentimento de todo o conselho — nada fácil de fazer — pois Pedro acabara de cortar todo o conselho no coração. Mas Gamaliel acalmou todo o conselho; ele tranquilizou a pessoa mais hesitante; e ele quase satisfez a pessoa mais sanguinária; até que todo o Sinédrio se desfez naquele dia com parabéns ruidosos e universais pronunciados sobre a habilidade e a sagacidade do discurso de Gamaliel. Mas para ver qual era o valor real e último do discurso de Gamaliel; e, ainda mais, a fim de uma estimativa verdadeira e definitiva do próprio Gamaliel, olharemos com alguma proximidade para toda a situação com a qual Gamaliel foi chamado a lidar naquele dia.

Bem, então, esta era a situação. Gamaliel apresentou Teudas, que se gabou de ser alguém; e Judas da Galileia, que havia atraído muitas pessoas atrás dele; e Gamaliel fez alguns pontos importantes em seu discurso por suas referências àqueles dois homens dispersos. Mas Jesus Cristo não era um Teudas, nem um Judas da Galileia e nem um homem disperso. Jesus Cristo era Jesus Cristo. Ele era Ele mesmo e não outro. Jesus Cristo havia sido prometido em todas as páginas da lei, dos profetas e dos salmos, todos os quais eram os livros didáticos diários na escola de Gamaliel. E Jesus Cristo tinha vindo, cumprido e isso mil vezes contado, cada jota e til de tudo que havia sido profetizado e prometido a respeito d'Ele. E Gamaliel tinha sido colocado em seu trono pelo Deus de Israel a fim de que pudesse vigiar a vinda do Messias e pudesse anunciar o Seu advento ao povo de Israel. Mas, por uma razão ou outra, em vez de reconhecer e anunciar o verdadeiro Cristo de Deus quando Ele veio, como, por exemplo, o João Batista fez; em vez de lançar a sua sorte com Jesus de Nazaré; em vez de dissolver a sua escola e enviar Saulo de Tarso e todos os seus outros estudiosos para seguir o Cordeiro de Deus, Gamaliel, por uma razão ou outra, ainda manteve o seu assento no Sinédrio durante a prisão, o julgamento, a crucificação, a ressurreição e a ascensão de Jesus Cristo. E quando os discípulos de Cristo estavam em julgamento por suas vidas, este breve discurso contém tudo o que Gamaliel tem a dizer por eles e por si mesmo. Devemos, em todos os momentos e para todos os homens, fazer aos

outros como gostaríamos que fosse feito para conosco: portanto, é por isso que buscamos repetidamente alguma explicação, alguma desculpa, algum pedido de desculpas por Gamaliel ter permanecido um membro do conselho que julgou e crucificou Jesus Cristo. Mas, com toda a nossa pesquisa, não podemos encontrar nada do caso de Gamaliel para salvar. Se Gamaliel fosse um homem ignorante e iletrado poderia haver alguma desculpa para ele. Mas Gamaliel não tinha esse manto de qualquer forma por seu pecado. Tanto quanto posso ver, a simples verdade no caso deplorável de Gamaliel era esta: com todo o seu conhecimento, com toda a sua habilidade e com todo o seu discurso, Gamaliel abordou todo o caso relativo a Jesus Cristo de forma errada; ele havia assumido o controle de todo o negócio pela alça errada. E todos nós cometemos o erro tremendo e irreparável de Gamaliel quando abordamos Jesus Cristo e a Sua causa e o Seu reino do lado da política, e quando o tratamos como um assunto aberto a discussão e debate. Ele não é uma questão de discussão e debate; Ele é um embaixador da reconciliação. Simplesmente não temos permissão para julgar o Deus Todo-Poderoso e a Sua mensagem de misericórdia para nós. Aquele que nos envia essa mensagem é o nosso Criador e o nosso Juiz. E Gamaliel, com todo o seu discernimento e com toda a sua habilidade de advogado, virou todas as coisas completamente de cabeça para baixo quando ele se senta para julgar e dá esse aviso cuidadosamente equilibrado a respeito do Filho de Deus.

Falando filosoficamente, politicamente e eclesiasticamente, Gamaliel era um liberal, e ele tem isto a falar por ele: que ele era um liberal muito antes do tempo. Ele era totalmente a favor da tolerância e por uma igreja livre em um contexto de um estado livre, em um contexto de dia de intolerância e perseguição. Ele estava muito à frente de seus colegas em observação, leitura, amplitude e abertura de espírito. Ele foi tingido com o aprendizado do grego que tantos de sua classe agora estavam começando a experimentar de forma inovadora. E não podemos deixar de nos perguntar se entre todos os seus depósitos de exemplos antigos, o do grego Sócrates havia surgido naquele dia em sua mente. "*Mais importa obedecer a Deus do que aos homens.*" (At 5.29). Pedro acabava de dizer: "*Julgai vós se é justo, diante de Deus, ouvir-vos antes a vós do que a Deus*" (At 4.19), ele também disse. "Atenienses", disse Sócrates, "eu os te-

nho na mais alta reverência e amor; mas obedecerei a Deus em vez de vocês. Eu não posso ficar quieto porque isso seria desobedecer a Deus." E Sócrates continuou obedecendo a Deus até que a sua voz de autoexame foi silenciada na taça de cicuta. E muito mais deve Pedro convocar toda Jerusalém ao arrependimento, apesar da prisão, do flagelo e da cruz. Os atenienses, em sua liberalidade filosófica e política, teriam deixado Sócrates em paz se ele os tivesse deixado em paz; mas não por sua vida ele poderia fazer isso. E Pedro estava sob uma restrição muito mais segura e mais forte do que Sócrates. Um era tanto o apóstolo da verdade como era da razão, da consciência e do coração autoexaminado; enquanto o outro era tanto o apóstolo da verdade como ela está em tudo isso, e com Jesus acima de tudo isso. Os franceses, com o seu humor agudo, rápido e cáustico, cunharam um apelido para aqueles políticos que negligenciam os princípios e estudam os céus apenas para ver como o vento sopra. Eles chamam todos esses homens públicos pelo nome mordaz de "oportunistas". Bem, Gamaliel foi o oportunista do conselho de Jerusalém naquele dia. Ele era um político, mas não era um verdadeiro homem da Igreja ou estadista. Ele era respeitado pelo povo; mas o povo era cego e adorava ser liderado por líderes cegos. E Gamaliel era um deles. Nesta crise suprema da história de sua nação, quando não havia outro momento a perder, esse oportunista de língua lisa se apresentou cheio de serras sábias e exemplos modernos. Mas a enchente havia acabado e o tempo havia passado, se é que alguma vez houve um tempo para conselheiros fatais como Gamaliel. A sua própria oportunidade ultimamente tem passado com a velocidade da luz: agora, quando Deus em Sua longanimidade deu a Gamaliel a sua última oportunidade, ele trata com Deus e com a sua própria alma como vemos aqui.

Erasmo e a Reforma sempre surgem diante de mim quando leio sobre Gamaliel e estudo o seu caráter. Erasmo, o estudioso meticuloso, cauteloso, calculista, quase frio. Sempre pisando levemente sobre o gelo fino, sempre calculando as consequências e sempre errando o alvo. Convencido da verdade, mas tímido amigo da verdade. Olhos claros o suficiente para ver a verdade, mas construída sem uma sobrancelha para isso. Lavater, portanto, analisa o retrato de Holbein de Erasmo, e quando lemos a análise notável, vemos nela uma réplica do retrato de Gamaliel. "O rosto é expressivo do

homem. Há uma pose de característica indicativa de timidez, hesitação e circunspecção. Há no olhar a calma serenidade do observador perspicaz que vê e capta todas as coisas. O olho semicerrado, de tal profundidade e forma, é certamente o que sempre pertence ao maquinador sutil e astuto. Esse nariz, segundo todas as minhas observações, é seguramente o de um homem de intelecto aguçado e sensibilidade delicada. Os sulcos na sobrancelha geralmente não são um símbolo favorável: eles são quase invariavelmente o sinal de alguma fraqueza, algum descuido, alguma supinação, alguma frouxidão de caráter. No entanto, aprendemos com esse retrato que eles podem ser encontrados em alguns grandes homens". Totalmente um homem de máximas e não de moral; um homem, como ele disse de si mesmo, que não tinha nenhuma inclinação para morrer pela verdade: um homem, como Lutero disse dele, em cuja avaliação as coisas humanas eram mais elevadas do que as coisas divinas: um homem, dois homens, Gamaliel e Erasmo, uma grande classe de homens. "Não fale deles", disse o Mestre, "mas olhe para eles e deixe-os passar".

Homens jovens! Com a vida ainda pela frente, Gamaliel, o oportunista fluente e aplaudido, aqui se escreve com um olhar especial para o seu aprendizado. Faça a sua escolha. É uma coisa horrível de se dizer, mas é a simples verdade; Deus e o Seu Filho, a Sua igreja e o Seu evangelho, a Sua causa e o Seu reino, todos estão diante de sua porta neste momento esperando por sua escolha e sua decisão. Gamaliel decidiu e a sua época acabou, e ele está em seu próprio lugar. E agora é o seu dia de decisão. Questões eternas e irremediáveis para você e outras pessoas dependem da decisão deste dia. Decida-se. Dê o passo. Tome partido com Pedro e João. Fique do lado de Jesus Cristo. E, com o passar do tempo, tendo tomado esse lado, esse passo resolverá para você mil perplexidades e o livrará de mil armadilhas. Sereis filhos da luz e do dia: e andareis na luz, quando os outros homens ao seu redor tropeçam nas trevas e não sabem para onde vão. Suponha que você fosse Gamaliel e aja agora, pois vê claramente como ele deveria ter agido naquele momento.

Esta é nossa noite sacramental e viemos a Gamaliel, à sua escolha e ao seu discurso, não inoportunamente, como penso, para o nosso exemplo em tal noite. Pois o que é um sacramento, um dia sacramental e uma noite sacramental? Bem, Gamaliel pode muito

bem ter visto o juramento sacramental feito pelos jovens soldados sob os muros de Jerusalém. De qualquer forma, se ele já tivesse estado em Roma em uma delegação, com certeza teria visto e ouvido a Sacramentum juramentada no campo de Marte. Pois o Sacramentum era o conhecido juramento militar que o jovem soldado faz quando entra em seu lugar nas legiões conquistadoras do mundo de Roma. Foi o seu juramento sacramental quando ele ergueu a mão para o céu e jurou que seguiria as águias de César onde quer que elas voassem; aos pântanos da Alemanha, às neves da Caledônia, às areias da Arábia, ao Jordão, ao Nilo, ao Ganges, ao Tamisa, ao Clyde, ao Tay. E nós, neste dia, velhos soldados da cruz, e novos recrutas igualmente, clamamos a Deus e ao homem para nos ver, para ver que não recuaremos da cruz, mas a seguiremos no calor e no frio, na honra e na vergonha, para ganho e perda, para a vida ou a morte. Temos águias sob as quais lutar, das quais os anjos desejam ser os seguidores do acampamento. Apenas, que todos nós entendamos bem e sem qualquer possibilidade de erro exatamente onde está o nosso campo de batalha; apenas quem e o que é nosso inimigo, apenas quem é nosso capitão, apenas o que é toda a sua armadura e apenas a esperança que Ele nos oferece de vitória.

Bem, então, coloque isso a sério, que o seu campo de batalha não é além dos mares: está em casa. Está na família, está no escritório, está na loja, está na oficina, está à mesa do almoço e do jantar, está na sala de aula, está na câmara do conselho. O seu campo de batalha está exatamente onde você está. A sua batalha o segue pelo mundo e é definida exatamente onde você está. E isso porque o seu inimigo e o inimigo de seu capitão é você mesmo. Não é paradoxo dizer isso; não é uma hipérbole, nem uma extravagância ou um exagero. "Eles só entendem de suas paixões", diz Pascal. Quer dizer, eles entendem que o seu único inimigo é a sua própria sensualidade, o seu próprio temperamento ruim, as suas próprias palavras aquecidas e apressadas e não lembradas, o seu próprio ressentimento pelas injúrias, a sua própria retaliação, a sua própria vingança, a sua própria má vontade implacável, a sua própria inveja de seu amigo mais querido quando ele os supera em qualquer coisa — e assim por diante. Que juramento sacramental isto é, jurar não descansar e não dar descanso a Deus até que Ele tenha arrancado tudo isso e todos os outros inimigos seus e nossos de nosso coração!

Então, vamos pensar em nosso Capitão e em nossa armadura, em nossas rações, como nesta casa hoje, e em nosso grito de guerra, em nossa vitória certa e certa. E então, o olho não viu e nem o ouvido ouviu as coisas que Deus preparou para aquele que vence. *"Ao que vencer lhe concederei que se assente comigo no meu trono; assim como eu venci, e me assentei com meu Pai no seu trono."* (Ap 3.21).

Personagens da Bíblia - Novo Testamento.indd 201 13/11/2021 13:16:38

XCV. Barnabé

Barnabé, receio, é pouco mais do que um simples nome para a maioria de nós. Paulo eclipsa tanto cada um de seus contemporâneos, que é com a maior dificuldade que podemos ter um vislumbre de qualquer um, exceto Paulo. Quanto você sabe sobre Barnabé? Quem foi Barnabé? Por que José foi chamado de Barnabé? Receio que você teria alguma dificuldade em dar respostas a todas essas perguntas. E eu não te culpo por sua ignorância de Barnabé. Pois Paulo é tão grande que os maiores e melhores homens parecem pequenos quando colocados ao lado dele. Ao mesmo tempo, houve grandes homens antes de Agamenon e Barnabé era um deles.

"*Barnabé(que, traduzido, é Filho da consolação), levita, natural de Chipre, possuindo uma herdade, vendeu-a, e trouxe o preço, e o depositou aos pés dos apóstolos.*" (At 4.36, 37). Chipre é uma ilha grande e fértil situada ao largo da costa da Síria. Nos tempos antigos, Chipre era famosa por seus vinhos, seus trigos, seus óleos, seus figos e seu mel. Possuir terras em Chipre significava ser um homem rico e influente. Muitos homens que possuíam casas e terras as venderam sob o fervor pentecostal e colocaram os seus preços aos pés dos apóstolos. Mas Barnabé estava à frente de todos eles; tal era a sua grande riqueza, tal era a sua grande generosidade, tal era o seu alto caráter e tais eram os seus esplêndidos serviços nesta e em muitas outras maneiras para a igreja apostólica.

À medida que lemos nos Atos dos Apóstolos, chegamos à triste história de Ananias e Safira; depois, para a criação do ofício de diácono; depois, aos grandes serviços e à tradução triunfante de Estevão; e então, o leste começa a quebrar na conversão de Saulo de Tarso. E é nos primeiros raios desse sol nascente que vemos de uma vez, se não de novo, toda a estatura e a verdadeira nobreza de Barnabé. Foi ontem que Saulo foi visto partindo para Damasco soprando ameaças e massacres contra os discípulos do Senhor. E hoje ele fugiu de volta para Jerusalém, o homem mais odiado, mais temido e menos amigo de toda aquela cidade. E com o sangue de tantos mártires ainda em suas mãos, não era de se admirar que os discípulos em Jerusalém estivessem todos com medo de Saul e não acreditassem que ele realmente pretendia ser um discípulo. Saulo de Tarso um discípulo de Jesus Cristo! Saulo de Tarso se converteu,

batizou e pregou Jesus Cristo! Não! Pode ter certeza, isso é apenas mais uma armadilha profundamente arraigada para os nossos pés! Essa é apenas mais uma armadilha preparada para nós por nossos amargos inimigos! Assim todos os discípulos falaram a respeito de Saulo, e todos se entregaram a Saulo de acordo com isso.

Barnabé, sozinho de todos os discípulos e apóstolos em Jerusalém, abriu a sua porta para Saulo. Barnabé sozinho estendeu a mão para Saulo. Barnabé só acreditou na maravilhosa história de Saulo sobre a sua conversão e o seu batismo. Somente Barnabé se alegrou na misericórdia salvadora de Deus para com a alma de Saulo. "*E, quando Saulo chegou a Jerusalém, procurava ajuntar-se aos discípulos, mas todos o temiam, não crendo que fosse discípulo. Então Barnabé, tomando-o consigo, o trouxe aos apóstolos, e lhes contou como no caminho ele vira ao Senhor e lhe falara, e como em Damasco falara ousadamente no nome de Jesus.*" (At 9.26, 27). Se Barnabé nunca tivesse feito nada além do que fez naqueles dias por Saulo de Tarso, ele mereceria e receberia o nosso amor e a nossa honra para sempre. Barnabé acreditou tão firmemente no que Saulo lhe disse e agiu com tanta nobreza. Ele defendeu Saulo quando todos os homens o olhavam de soslaio. Ele confiou e tornou-se amigo de Saulo quando todos suspeitavam dele, e jogou a sua vida passada em seu rosto. Barnabé apostou todo o seu bom nome em Jerusalém e toda a sua influência com os apóstolos, na genuinidade da conversão de Saulo e na sinceridade e integridade de seu discipulado. Barnabé ficou ao lado de Saulo até que ele mudou a maré a seu favor, pois, tímido como Pedro era, ele realmente levou Saulo para se hospedar com ele em sua própria casa em Jerusalém. E Barnabé entregou Saulo a Pedro, muito feliz em ver Saulo ser tão valorizado por uma coluna da Igreja Apostólica como Pedro era. Com Saulo ficando quinze dias sob o teto de Pedro, e com Tiago tratando Saulo com a sua confiança cautelosa, a batalha de Barnabé por Saulo estava agora completamente ganha. Muito em breve, agora, será a maior honra para qualquer casa na face da terra receber o apóstolo Paulo. Mas nenhum chefe de família orgulhoso de todos eles pode jamais roubar esta honra de Barnabé, que ele foi o primeiro homem de influência e responsabilidade que abriu o seu coração e a sua casa para Saulo de Tarso, quando toda Jerusalém ainda estava atirando pedras nele. Barnabé não foi predestinado para brilhar no

serviço de Cristo e a Sua Igreja como Paulo; mas o próprio Paulo nunca fez uma ação mais brilhante do que Barnabé quando levou Saulo ao coração, numa época em que todos os outros corações em Jerusalém estavam endurecidos contra ele. Bem feito para sempre, verdadeiro filho da consolação!

A cena agora muda para Antioquia, que em breve eclipsará a própria Jerusalém e se tornará a verdadeira igreja-mãe do cristianismo evangélico. A pregação apostólica teve um sucesso instantâneo e imenso em Antioquia e foi o seu próprio sucesso que levantou lá também, e com tal acuidade, todas as disputas doutrinárias e disciplinares que enchem de tanta angústia o livro dos Atos e as epístolas anteriores de Paulo. Jerusalém continuava sendo a Igreja Metropolitana e as dificuldades surgidas em Antioquia foram enviadas a Jerusalém para conselho e julgamento. E os chefes da Igreja em Jerusalém escolheram Barnabé de todo o colégio dos apóstolos para descer e examinar os assuntos de Antioquia, é apenas outra ilustração da posição elevada que Barnabé tinha, tanto como um homem de notável habilidade e de alto caráter cristão. "*O qual, quando chegou, e viu a graça de Deus, se alegrou, e exortou a todos a que permanecessem no Senhor, com propósito de coração; Porque era homem de bem e cheio do Espírito Santo e de fé. E muita gente se uniu ao Senhor.*" (At 11.23, 24). Somos impelidos a ver imediatamente o quão cheios do Espírito Santo Barnabé estava. Pois Barnabé não ficou muito tempo em Antioquia até que se convenceu de que Antioquia muito em breve possuiria a chave de toda a posição cristã. De fato, tantas questões de doutrina e administração chegaram a tal crise na Igreja de Antioquia que Barnabé se sentiu incapaz de lidar com elas. E pior do que isso, ele não conseguia pensar em ninguém em Jerusalém que fosse mais capaz de lidar com aquelas questões difíceis do que ele mesmo. Em todo o conhecimento de Barnabé sobre os homens, que não era limitado, ele conhecia apenas um homem que estava à altura da grande emergência em Antioquia, e esse homem não era outro senão Saulo de Tarso. Então Saulo era relativamente jovem ainda; ele não era muito conhecido e não era muito confiável. E Barnabé deve assumir a imensa responsabilidade e, na verdade, o imenso risco de mandar chamar Saulo de Tarso e trazê-lo para Antioquia? E Barnabé dará este grande passo sem primeiro submeter o nome de Saulo

às autoridades em Jerusalém? Havia grandes riscos em ambas as alternativas, e Barnabé teve que agir de acordo com o seu próprio julgamento, consciência e coração. Há momentos supremos no campo em que um oficial de gênio original e com a necessária força de caráter determinará apostar tudo e realizar alguma ação ousada sob sua própria responsabilidade. Ele dará um passo imenso e irrecuperável sem ordens e, às vezes, contra ordens. Assim, ele vencerá a batalha e não se importará muito com o elogio ou a culpa que vem a ele por seu bem-sucedido ato de desobediência. Antioquia deve ter Saulo de Tarso; e Barnabé, não se aconselhando com ninguém além de si mesmo, partiu para Tarso em busca de Saulo. "Saindo da França, me retirei para a Alemanha expressamente com o propósito de poder desfrutar em algum canto obscuro do repouso que sempre desejei e que por tanto tempo me foi negado. E eu tinha resolvido continuar na mesma obscuridade, até que por fim William Farel me deteve em Genebra e não tanto por conselho e exortação, mas por uma terrível imprecação que eu senti como se Deus do céu colocasse a Sua poderosa mão sobre mim para me prender. Pois depois de ter aprendido que meu coração estava decidido a me dedicar aos meus estudos particulares, para os quais eu desejava me manter livre de todos os outros compromissos, e descobrindo que ele não poderia ganhar nada me suplicando, ele começou a proferir uma imprecação de que Deus amaldiçoaria minha aposentadoria e destruiria meus estudos egoístas se eu me recusasse a vir para Genebra quando a necessidade era tão grande". João Calvino era Saulo de Tarso novamente. William Farel era Barnabé novamente. E a cidade reformada de Genebra foi novamente a cidade evangelizada de Antioquia. "*E partiu Barnabé para Tarso, a buscar Saulo; e, achando-o, o conduziu para Antioquia.*" (At 11.25). Ter o coração para descobrir um homem mais talentoso do que você, então ter o coração para ir a Tarso por ele e abrir caminho para ele em Antioquia, isso é muito melhor do que ter todos os talentos de Saulo, todos os elogios e todas as recompensas desses talentos para você. Falando por mim mesmo, eu preferia muito mais ter um pouco da graça de Barnabé do que ter todo o gênio de Saulo. Dê-me o coração esquecido de si mesmo de Barnabé e deixe que outro tenha os dons de Saulo tão extraordinários, mas tão perigosos. Lutero diz que não podemos deixar de sentir ciúme dos homens que estão em nosso próprio círculo e são mais talentosos do que nós. Talvez não. Mas

se Barnabé teve que superar qualquer ciúme em relação à vinda de Saulo para Antioquia, esse ciúme, de qualquer forma, não o impediu de partir para Tarso em busca de Saulo. Ele deve aumentar, mas eu devo diminuir, disse Barnabé a si mesmo e a seus subordinados enquanto se preparava com firmeza para descer a Tarso. Barnabé tinha feito a sua própria medida com precisão, e ele tinha feito a medida de Saulo com precisão também, e ele agiu de acordo. Agora, uma conduta nobre como a de Barnabé é sempre a sua melhor recompensa. Uma conduta semelhante à de Cristo como essa reage instantaneamente ao caráter, e um caráter como o de Barnabé se manifesta cada vez mais em uma conduta semelhante à de Cristo. Barnabé já havia feito uma boa ação para Saulo antes, e isso só o deixou mais pronto para fazer a ele essa nova boa ação quando a oportunidade foi oferecida a ele. "*Porque era homem de bem e cheio do Espírito Santo e de fé.*" (At 11.24). E três vezes ele provou isso publicamente; primeiro, quando ele vendeu a sua propriedade em Chipre, trouxe o dinheiro e o colocou aos pés dos apóstolos. E ele provou isso novamente quando tomou Saulo em sua ausência de amigos, o levou aos apóstolos em Jerusalém, os obrigou a acreditar em Saulo, a confiar nele e a empregá-lo. E ainda mais conclusivamente Barnabé provou a sua plenitude do Espírito Santo quando ele partiu para Tarso para procurar Saulo a fim de que Saulo pudesse ir à Antioquia e lá substituir e extinguir o próprio Barnabé.

Mas, como se para castigar o nosso grande orgulho de Barnabé, mesmo Barnabé, esse homem tão pentecostal e tão apostólico; até mesmo Barnabé, tão cheio até agora do Espírito Santo e de fé — até mesmo ele deve cair no final, e isso também quase fatalmente. Porque Deus fala uma vez, sim, duas vezes, mas o homem não o percebe, para que possa afastar o homem de seu propósito e esconder o orgulho do homem. Teríamos ficado muito entusiasmados esta noite com Barnabé se não tivéssemos toda a sua história escrita para nós até o fim. Pois, quais dois amigos escolhidos e rápidos em todo o círculo de amigos do Novo Testamento você teria apostado que seriam os últimos a se desentender ferozmente e a virar as costas um para o outro para sempre? Pelo menos não Paulo e Barnabé, você diria com confiança e orgulho. Quem quer que brigue, se desentenda e se esqueça do que deve um ao outro, isso nunca, de forma alguma, acontecerá com Paulo e o seu antigo patrono Barna-

bé — é o que você diria. Mas você teria perdido a sua aposta e, ainda por cima, sua confiança no melhor dos homens. "*Tornemos*" disse Paulo a Barnabé "*a visitar nossos irmãos por todas as cidades em que já anunciamos a palavra do Senhor, para ver como estão.*" (At 15.36) E Barnabé resolveu levar consigo João, cujo sobrenome era Marcos. E Paulo achou que não era bom levar Marcos com eles. E a contenda era tão acirrada entre eles que se separaram um do outro. E Barnabé pegou Marcos, e Paulo escolheu Silas. Será que Paulo se esqueceu de tudo o que antes devia a Barnabé? E por que a humildade tão doce e sagrada de Barnabé falha tanto quando ele está tão avançado na viagem da vida? "Os navegantes perto da costa", diz Shepard, "devem estar em busca de rochas". E Barnabé estava tão perto da costa a essa altura que nos angustiamos muito ver o seu navio bater nas rochas e cambalear no mar dessa maneira. O navio de Barnabé bate nas rochas até que um dos personagens mais nobres do Novo Testamento é despedaçado e quase afundado sob nossos olhos. Quem estava certo e quem estava errado nesta contenda acirrada não tenho coragem de perguntar. Ambos estavam errados. Paulo, Barnabé e Marcos também — todos os três estavam errados. E multidões nas igrejas apostólicas que ouviram falar do escândalo e tomaram partido dele, também estavam erradas. E essa triste história nos é contada até hoje, não para que tomemos partido, mas para que algo semelhante nunca mais aconteça entre nós.

O santo grisalho talvez caia afinal
O guia certeiro da prova de um andarilho
A morte somente nos aprisiona rapidamente
À brilhante costa do amor

A última vez que vemos Barnabé, é triste dizer, Paulo e ele estão lutando novamente. Mas não vou atraí-lo para essa contenda. Já recebemos instrução, exemplo, advertência e repreensão o suficiente de Barnabé. Instrução e exemplo na esplêndida liberalidade de Barnabé com as suas posses de Chipre. Instrução e exemplo em sua abertura e hospitalidade de mente e coração para um homem suspeito e sem amigos. E ainda mais instrução e exemplo em sua nobre ausência de toda inveja e todo ciúme de um homem muito

mais talentoso, muito mais bem-sucedido e em breve muito mais famoso do que ele. E então, essa advertência e essa repreensão foi tamanha que no final de tal vida, mesmo Paulo e Barnabé brigaram tão fortemente um com o outro que escandalizaram toda a Igreja de Cristo e partiram em pedaços para nunca mais se encontrarem, a menos que forem disputar novamente neste mundo.

Não deixem as pessoas julgarem muito rápido,
Enquanto alguém usa sua espada em campo
Ou antes que a colheita esteja madura. Pois eu vi
O espinho murcha rudemente durante todo o inverno
E depois de carregar a rosa em seu topo;
E a barca, que atravessou o caminho todo do mar
Correu rapidamente em linha reta, e pereceu afinal
Mesmo na boca do paraíso

A noite elogia o dia, e a graça principal do teatro é a última cena. ***Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida.*** (Ap 2.10).

XCVI. Tiago o irmão do Senhor

Eu frequentemente me imagino como Tiago. Muito mais frequentemente me imagino no lugar e na experiência de Tiago do que no lugar e na experiência de qualquer outro homem em toda a Bíblia ou no mundo inteiro. Os primeiros trinta anos da vida de Tiago me fascinam e encantam muito mais do que todo o resto da vida humana e da história humana em conjunto. E tenho certeza de que não estou sozinho nesse meu fascínio. De fato, quem não ficaria absolutamente cativado, fascinado e encantado, tanto na imaginação quanto no coração, com a ideia de manter o relacionamento de Tiago com Jesus Cristo! Por trinta anos comendo todas as refeições na mesma mesa com Ele; trabalhar seis dias da semana na mesma oficina com Ele; subir no sétimo dia à mesma sinagoga com Ele; e uma vez por ano subindo a Jerusalém para a mesma páscoa com Ele. Pois Tiago era, na verdade, o irmão do Senhor. Não em uma figura de linguagem. Não mística e espiritualmente. Mas literal e realmente — ele era Tiago, o irmão do Senhor. Jesus era o filho primogênito de Maria e Tiago era o seu segundo filho. E o menino Tiago seria o deleite diário de seu irmão mais velho; ele seria Seu contínuo encargo e alegria; assim como você vê dois irmãos em sua vida familiar em casa. Quando o filho primogênito de Maria tinha doze anos, era lei de Moisés que Ele deveria ser levado a Jerusalém para a sua primeira páscoa. Tiago ainda não tinha idade suficiente para a sua primeira páscoa, mas você pode ter certeza de que ele não perdeu nada com o seu pai, a sua mãe e o seu irmão para contar-lhe tudo sobre Jerusalém e a páscoa quando eles voltassem para casa; tanto ouvindo o Seu irmão mais velho quanto fazendo-Lhe perguntas. Pelos próximos dezoito anos, a porta de José é hermeticamente fechada para a nossa curiosidade sagrada. Tudo o que sabemos é que aquele, de qualquer forma, da casa de José estava cheio de sabedoria e a graça de Deus estava sobre ele. Nenhuma outra sílaba é contada sobre José ou Maria, ou qualquer um de sua família, até que a pregação do Batista estourou naquela casa como em todas as casas da terra, como a vinda do reino dos céus. João e o seu batismo eram o assunto do dia da semana e do sábado em Nazaré, como em toda a terra, até que finalmente uma companhia de jovens carpinteiros e pescadores foi para o sul, para Bethabara, além do Jordão, onde João estava batizando. E Jesus de Nazaré, ainda conhecido apenas por esse nome, era um deles. Vocês têm de cor

tudo o que aconteceu imediatamente no Jordão. "*Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo. Achamos o Messias. Havemos achado aquele de quem Moisés escreveu na lei, e os profetas: Jesus de Nazaré, filho de José. Rabi, tu és o Filho de Deus; tu és o Rei de Israel.* (Jo 1. 29, 41, 45, 49). *Então, pela virtude do Espírito, voltou Jesus para a Galileia, e a sua fama correu por todas as terras em derredor. E ensinava nas suas sinagogas, e por todos era louvado. E, chegando a Nazaré, onde fora criado, entrou num dia de sábado, segundo o seu costume, na sinagoga, e levantou-se para ler. E foi-lhe dado o livro do profeta Isaías; e, quando abriu o livro, achou o lugar em que estava escrito: O Espírito do Senhor é sobre mim, Pois que me ungiu para evangelizar os pobres. Enviou-me a curar os quebrantados de coração, A pregar liberdade aos cativos, E restauração da vista aos cegos, A pôr em liberdade os oprimidos, A anunciar o ano aceitável do Senhor. E todos lhe davam testemunho, e se maravilhavam das palavras de graça que saíam da sua boca.*" (Lc 4.14-19, 22). Mas o tempo todo, Tiago, o seu irmão, não acreditava n'Ele. Não, nem acreditou até o fim. Eu gostaria de ter o aprendizado e a genialidade para deixá-lo ver e ouvir tudo o que deve ter acontecido na casa de José nos próximos três anos. As perplexidades da família sobre Jesus; os raciocínios da família sobre Ele; as divisões familiares e disputas sobre Ele; suas inebriantes esperanças em um momento sobre Ele, e os seus medos e afundamentos de coração por causa d'Ele em outro momento. Pensem por si mesmos esses três anos, como nunca ocorreram em nenhuma outra família na face da terra. E então, pense na última semana de todas; a prisão, o julgamento, a crucificação, a ressurreição do filho primogênito de Maria — cuja imaginação é suficiente para imaginar José, Maria, Tiago e os outros irmãos e irmãs de Jesus durante toda aquela semana! Onde eles se prepararam para comer a páscoa? O que eles estavam fazendo na hora em que Ele estava no Getsêmani? Eles estavam parados com a multidão na rua quando Ele foi conduzido a noite toda em Suas cadeias? E onde eles estavam enquanto Ele estava sendo crucificado? Pois naquele momento ninguém acreditava n'Ele, a não ser o ladrão que estava sozinho na cruz. Toda a fé em Cristo que sobreviveu à cruz estava atada naquele feixe de linho fumegante, o ladrão penitente e orante. A próxima vez que abordarmos Tiago é nestas palavras de ouro de Paulo escritas a respeito dele muito tempo depois, "*Que Cristo morreu por nossos pecados,*

segundo as Escrituras, e que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras. Depois foi visto por Tiago, depois por todos os apóstolos" (1 Co 15.3, 4, 7). Ele foi visto por Tiago em algum lugar e com o mesmo resultado que Ele foi visto por Saulo no portão de Damasco.

Três anos se passaram, durante o qual Tiago se tornou um dos pilares da Igreja de Jerusalém. O alto caráter de Tiago e o seu relacionamento próximo com Jesus Cristo, juntamente com o seu tom conservador de mente, combinaram-se para dar a ele a sua posição única de influência e autoridade na Igreja de Jerusalém. Temos um retrato realístico de Tiago, como ele apareceu aos homens de sua época, que vai interessar e impressionar você por um momento. "Agora, Tiago era sagrado desde o ventre de sua mãe. Ele não bebeu vinho ou bebida forte. Ele não comeu comida de animal. Nenhuma navalha jamais foi em sua cabeça. Ele não se ungiu com óleo e não usou a condescendência com o banho. Ele não usava lã, mas apenas linho, e era um homem de oração que, quando vieram para o caixão, os seus joelhos eram tão duros e rígidos para dobrar como os joelhos de um camelo. Por causa da severidade de seu caráter ele foi chamado de Tiago, o Justo, e Tiago, o baluarte do povo." Agora, naquele relato contemporâneo de Tiago, não podemos ter uma pista da obstinação de sua incredulidade e de sua hostilidade aberta a nosso Senhor? Pois Tiago era um nazireu de tal rigidez e escrupulosidade que não poderia deixar de ficar muito ofendido com a liberdade absoluta e resoluta de seu irmão de todos esses obstáculos não espirituais. O Irmão mais velho de Tiago não era nazireu. Ele não era um Escriba. Ele não era fariseu. E Ele deve ter tropeçado frequentemente Tiago, até agora Ele ficou aquém de uma justiça perfeita como Tiago entendeu e exigiu a justiça perfeita. Em Sua pregação pública, Ele foi compelido a denunciar o que Tiago escrupulosamente praticava como a lei de Moisés e a lei de Deus. Os escribas e fariseus estavam continuamente criticando o Irmão de Tiago por sua frouxidão nas tradições dos anciãos, e nenhum homem sentiria essa frouxidão tão agudamente quanto Tiago a sentiria. Tiago estava tão arraigado na antiga aliança que mesmo após a sua conversão ele ainda continuou a se apegar rapidamente aos seus hábitos não evangélicos de pensamento e práticas de vida, de tal maneira que causou o maior problema para o restante dos após-

tolos e especialmente para Paulo. Nas palavras de nosso Senhor, Tiago todos os seus dias foi um desses homens e um líder entre eles que continuou a derramar o vinho novo do evangelho nos velhos odres da lei até que os velhos odres estourassem em suas mãos e o vinho novo foi derramado. Convertido como sem dúvida foi, Tiago foi meio fariseu até o fim. E se alguma vez ele foi bispo, ele era o bispo de um gueto judeu meio-esclarecido e não de uma igreja cristã. Ainda assim, no final das contas, temos um interesse intenso em Tiago não tanto por sua posição ou por seus serviços na igreja apostólica, mas por ser ele, o irmão, o irmão nascido e criado de nosso Senhor.

Tiago era o irmão nascido e criado de nosso Senhor, por isso, estando morto, ainda fala. E a lição suprema que Tiago nos ensina esta noite é certamente esta: "Mantenha os olhos abertos em casa, pois cometi este tremendo erro. O erro imperdoável e irreparável de toda a minha vida foi esse, que os meus olhos nunca foram abertos em casa até que fosse tarde demais. Eu nunca vi o que era por trinta anos, dia e noite, me encarando na cara, se eu não fosse cego como uma pedra. Nunca me passou pela cabeça durante todos esses anos que Ele era melhor do que eu. Na verdade, muitas vezes O culpei por não ser tão bom quanto eu. Mas eu me lembro agora: todos nós nos lembramos agora, exemplos infinitos de Sua bondade, Sua mansidão, Sua humildade de mente e coração. Frequentemente lembramos uns aos outros como todos nós seguimos o nosso próprio caminho com Ele e seguimos o nosso próprio caminho com Ele em tudo. Quão silencioso Ele ficou quando estávamos todos falando e não quis calar-se. Quão prestativo Ele era, quão gentil, quão doce. O tempo todo não vimos até que tudo acabou e já era tarde demais". O reino dos céus não veio com observação suficiente para Tiago. Se o Seu irmão mais velho fosse fariseu, se Ele fosse um escriba, se Ele fosse um João Batista, se a Sua vestimenta fosse de pelo de camelo, se a Sua carne fosse de gafanhotos e mel silvestre, e se Ele tivesse a Sua morada entre as rochas, Tiago teria achado muito mais fácil acreditar em seu irmão. Mas a voz mansa e delicada de uma vida santa em casa não impressionou Tiago. Sim, vamos todos reconhecer o tremendo erro de Tiago e vamos todos para casa com os olhos abertos para que o reino dos céus não tenha vindo para a nossa própria casa e também não podemos ver isso até que seja

tarde demais. Um personagem cristão pode ser exibido diante de nossos olhos em casa e talvez nunca o descubramos, apenas porque ele está em casa. Sim, e vamos tomar cuidado com isso para que os nossos caminhos duros, os nossos modos orgulhosos, os nossos temperamentos egoístas e a nossa falta de amor possam ser todos a cruz e o espinho diário de algum filho de Deus escondido de nossos olhos em nossas próprias casas, como Tiago era para Jesus. Do lado de fora, muitos começaram a acreditar no irmão de Tiago, mas ninguém dentro de casa. Em Sua própria casa, e entre os Seus próprios irmãos e irmãs, o nosso Senhor não teve nenhum reconhecimento e nenhuma honra.

E Tiago é um aviso para todos nós a este respeito também, que ele nunca, até o fim, se tornou um crente verdadeiro e completo no Novo Testamento. Quer fosse porque ele havia sido descrente por muito tempo e nunca poderia compensar as oportunidades que havia perdido; ou se foi porque ele se rendeu demais ao seu temperamento natural e deixou que ele o dominasse profundamente; ou se ele nunca foi capaz de se reprimir a ponto de se submeter a sentar-se aos pés de Paulo; ou se ele nunca poderia se livrar dos homens duros e estreitos que o atrapalharam; ou se foi o seu castigo e empobrecimento ao longo da vida por negligenciar a oportunidade incomparavelmente gloriosa que Deus lhe deu por trinta e três anos — qualquer que seja a verdadeira explicação para isso, o fato é muito claro em muitas páginas do Novo Testamento, que Tiago, todos os seus dias, foi muito mais um judeu do que um cristão genuíno. A sua própria epístola canônica pertence mais ao Antigo Testamento do que ao Novo. Lutero sentiu depois que tinha ido longe demais no que disse em sua pressa sobre a Epístola de Tiago. Mas todos aqueles que conhecem, amam e vivem de acordo com o Evangelho de Paulo como Lutero fez, às vezes sentirá algo como Lutero sentiu sobre Tiago e a sua epístola. Embora o Seu irmão ressuscitado tenha aparecido para Tiago como apareceu para Paulo, ao mesmo tempo, nunca se poderia dizer que Deus manifestou o Seu Filho em Tiago como Ele O manifestou em Paulo. Expliquemos como pudermos: irmão de nosso Senhor, bispo de Jerusalém, pilar daquela Igreja como ele era e tudo mais, Tiago nunca chegou à vista de Paulo como um santo de Cristo do Novo Testamento e um apóstolo evangélico. Tiago nunca entrou em si mesmo e nunca conduziu o seu povo à gloriosa liberdade dos filhos de Deus.

Certamente um aviso mais solene para nós que nossos temperamentos naturais, nossos preconceitos tradicionais, nossas simpatias iniciais, a escola de vida, pensamento e adoração em que fomos criados, e nossa lealdade não ignóbil a essa forma de doutrina na qual foram entregues em nossa juventude — tudo o que pode estar em nosso caminho; tudo o que pode ter que ser combatido e conquistado; se quisermos chegar na unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus a um homem perfeito, à medida da estatura da plenitude de Cristo.

Personagens da Bíblia - Novo Testamento.indd 217 13/11/2021 13:16:38

XCVII. Estêvão

No apedrejamento de Estêvão, perdeu-se para a Igreja Pentecostal outro apóstolo Paulo. Estêvão era um jovem de tal gênio original e de uma graça tão especial que não havia nada que ele não pudesse ter alcançado se tivesse sido permitido viver. A sua maravilhosa abertura de espírito; a sua perfeita liberdade de todas as pretensões, preconceitos e superstições de sua época; a sua coragem, a sua eloquência, o seu caráter imaculado; com uma certa doçura e, ao mesmo tempo, majestosa maneira; tudo combinado para colocar Estêvão na linha de frente tanto de serviço quanto de risco. Em todas essas coisas, e especialmente na abertura, receptividade e amadurecimento de sua mente, Estêvão ultrapassou de longe até mesmo os apóstolos pilares como Pedro, Tiago e João. Estêvão também antecipou, precedeu e quase levou a palma apostólica do próprio Paulo. Todas essas coisas tornaram Estêvão já quase o principal homem de sua época e, como consequência, o primeiro homem a ser golpeado e abatido. Simples diácono e servo das mesas como Estêvão era, era impossível que um homem com tal habilidade e tal distinção fosse confinado e limitado a isso. O seu poder intelectual, a sua visão espiritual e previsão com a força de sua fé e o calor de sua devoção eram tais que ele logo se encontrou profundamente no dever apostólico, bem como no trabalho adequado do diácono. Depois que o seu trabalho puramente diácono foi feito e tornando-se imediatamente algo da sua maneira, Estêvão se sentiu constrangido em muitas ocasiões a tomar uma parte ainda mais pública no apoio, na defesa e na edificação da nascente Igreja de Jerusalém. Mas a malícia sempre segue a eminência neste mundo como Estêvão logo descobriu à sua custa. Ignorância, superstição, preconceito, má vontade, ódio, tudo começou a seguir os passos de Estêvão e a levantar as suas deturpações assassinas contra ele em cada sinagoga em que ele entrou. E quanto melhor falava, e quanto mais irresponsavelmente, mais eram os inimigos que levantava contra si mesmo e contra a verdade, até que os seus inimigos o perseguissem. *"Ouvimos-lhe proferir palavras blasfemas contra Moisés e contra Deus."* (At 6.11). Essa foi a sua acusação, como dizemos; e então temos o seu pedido de desculpas no sétimo capítulo dos Atos, e é um trecho muito notável de sua fala de muitas maneiras.

Sempre que ouvimos falar de uma Apologia, sempre pensamos em Sócrates. Por outro lado, o nosso Senhor, quando em Seu julgamento, não ofereceu nenhuma desculpa. Ele calou-se de tal forma que o governador ficou muito maravilhado. O que, reverentemente me pergunto, teria sido a sua desculpa? Vocês, estudantes do Novo Testamento, podem fazer pior, agora que os seus exercícios na faculdade estão quase acabados, do que continuar os seus grandes estudos e tentar construir com todo o seu aprendizado habilidade e discernimento a Apologia que nosso Senhor, se Ele achasse adequado, poderia ter dirigido a esse mesmo Conselho. Uma congregação inteligente ficaria muito contente com aquela suposta desculpa para uma palestra de sábado à noite, se você o fizesse bem. De qualquer forma, se o seu senso de reverência não permitir que você coloque as suas desculpas na boca de seu Mestre, você pode fazer o seguinte: você pode, algum dia, se dar ao trabalho de comparar a Apologia que Platão coloca na boca de seu Mestre com esta Apologia de Estêvão que você tem aqui em Lucas. O primeiro, é a primeira grande defesa da verdade e retidão na Dispensação Pagã; e a outra, a primeira grande defesa de Cristo e Sua Igreja nascente na Dispensação Apostólica e Evangélica. *"Homens, irmãos, e pais, ouvi."* (At 7.2). Estêvão começa. Sempre comece conciliando o seu público, diz Dante. Em sua introdução, diz Agostinho, Estêvão pratica a arte quintiliana de capturar a boa vontade de seus ouvintes, por mais vigorosa, severa e francamente que tenha de encerrar.

Quase parece que tínhamos a Apologia de Estêvão literalmente no Livro dos Atos. O seu discurso soa tão bem para nós como se tivéssemos sentado no Conselho naquele dia e o tivéssemos ouvido com os nossos próprios ouvidos. O amado médico, quando se tornou historiador da Igreja, tinha uma compreensão perfeita de todas as coisas desde o início; e, entre outras coisas, ele nos fornece relatórios notavelmente completos de alguns dos grandes sermões, discursos e Apologias daquela época tão importante. Às vezes uma única palavra, às vezes um acento em uma única palavra, às vezes a formação e inserção de uma única frase, às vezes uma citação ou paráfrase de uma citação, às vezes o que ele não diz, bem como o que ele diz, às vezes o que consegue sugerir sem dizer nada: pequenas coisas como essas vão descobrir e proclamar o verdadeiro orador. E esse é o caso repetidamente na Apologia de Estêvão. Péricles, nos diz Plutarco,

nunca falou que não deixou uma picada secreta no coração de seus ouvintes. E toda a eloquente revisão de Estevão da história do Antigo Testamento se desenrolou e se reuniu para conduzir esta terrível ferroada através e através dos corações de todo o Conselho: *"Assim vós sois como vossos pais! do qual vós agora fostes traidores e homicidas."* (At 7.51, 52). Agora, de tudo isso, uma multidão de lições, instruções, exemplos e advertências surgem diante de nós e se impõem sobre nós. Vamos selecionar duas ou três dessas lições e deixar as outras por enquanto não faladas.

1. Até então, os doze haviam feito tudo com as próprias mãos. Eles haviam sido evangelistas, pregadores, apologistas, pastores, anciãos governantes, assistentes de sessão, servos das mesas e tudo mais para o aumento diário das congregações de Jerusalém e de todo o país ao redor. Mas foram os assuntos financeiros da Igreja Pentecostal que quebraram completamente os apóstolos e levaram as coisas a uma paralisação perfeita. Quando milhares de pessoas estavam contribuindo para um fundo de sustentação central e eram novamente ricas e pobres sustentadas por ele; quando os ricos estavam vendendo os seus bens e colocando os preços aos pés dos apóstolos; e quando as multidões crescentes de membros pobres estavam recebendo a sua bolsa diária diretamente das mãos dos apóstolos; é claro que tudo isso logo resultaria na séria invasão do lado secular de seu trabalho, por assim dizer, do lado puramente espiritual. O seu ensino e pregação públicos, e certos assuntos ainda mais importantes, sofreriam seriamente interferidos até que os doze apóstolos dessem o passo sábio que está registrado neste capítulo. Não é razão, diziam eles, e não podemos continuar com isso, pois devemos deixar a Palavra de Deus para servir às mesas até este ponto. Portanto, irmãos, escolham entre vocês sete homens a quem possamos designar sobre esta causa. E nós iremos, ainda mais, nos entregarmos continuamente à oração e ao ministério da Palavra. E essa proposta dos apóstolos recomendou-se ao bom senso de toda a Igreja

e eles escolheram sete homens escolhidos e os apresentaram aos apóstolos para a ordenação. E herdamos a sabedoria e o benefício desse exemplo apostólico até hoje. A Igreja de nossos dias também diz aos seus membros e aos seus titulares de cargos algo assim: "É totalmente irracional que se espere que os nossos ministros realizem sozinhos toda a obra multitudinária que surge de uma grande congregação. É totalmente absurdo que se espere que qualquer homem pregue dois ou três sermões por semana, mantenha contato próximo com mil pessoas, batize os nossos filhos, case os nossos filhos e filhas, console os nossos enfermos, enterre os nossos mortos, encontre trabalho para os nossos desempregados, negociam empréstimos de dinheiro e arrecadam presentes para os nossos membros envergonhados, levem os nossos idosos e os nossos órfãos para asilos e hospitais, além de muitas outras coisas que não podem ser previstas nem deixadas de lado por nossos ministros". E assim acontece que um pacto é feito e uma divisão de trabalho é feita. Os rapazes tiram o financiamento da congregação das mãos de seus ministros, enquanto os homens mais experientes compartilham com ele o ensino, o governo e as visitas ao rebanho. Nunca mais do que hoje a Igreja viu a sabedoria divina da instituição apostólica do diácono ou sentiu mais a necessidade de aderir a ela e estendê-la. E então, ao ministro que honestamente cumpre a sua parte do pacto na oração e na pregação, não faltará, mais do que faltou a Pedro e a João, a ajuda disposta e capaz de Estêvão e de Filipe. Como James Durham diz: "Em tudo isso, vemos qual é a grande tarefa de um ministro, e onde ele deve ser assumido — oração secreta, leitura e meditação e, em seguida, a pregação pública do Evangelho. Vemos também que embora todos os ministros sejam virtualmente presbíteros e diáconos como os doze eram, eles deveriam regular ambos os ofícios com respeito aos dois primeiros de oração secreta e pregação pública. Como também os anciãos e diáconos devem ter respeito para evitar que os ministros sejam sobrecarregados e muito labutados, para que

tenham liberdade para seguir a sua obra principal. Sim, ter acesso frequente e prolongado à solidão, que é tanto mais necessária quanto adequada para um ministro". E assim por diante em grande profundidade e plenitude em "O Testemunho do Homem Moribundo para a Igreja da Escócia".

2. Nomina debita, diz John Donne; isto é: "Todo homem deve ao mundo o significado de seu nome e de todo o seu nome. Cada novo acréscimo de honra ou ofício impõe uma nova obrigação sobre ele e o seu nome de batismo acima de tudo". Agora, quando você nomeia um homem diácono, como os apóstolos chamados Estêvão, a partir do dia em que você o faz ele começa a dever para o mundo e para a Igreja algumas novas obrigações. Ele foi chamado, ordenado e nomeado porque é um homem de boa reputação e cheio de sabedoria e devoção; e todas essas graças crescem em cada novo diácono à medida que ele as exerce. Não sei muito bem como são as outras cortes de diáconos, mas sei, para o meu contínuo deleite e frescor, como são as nossas. Sei quão nobremente os nossos diáconos cumprem o programa pentecostal. E é por isso que o nosso nome como congregação é tão honrado entre as congregações da terra. São os nossos diáconos que fazem isso. São os sucessores de Estêvão e Filipe que fazem isso. Cada centavo de nossos milhares pentecostais é coletado pessoalmente por nossos diáconos. E recolhidos também com espontaneidade, pontualidade e conhecimento do que estão fazendo, e amor pelo que estão fazendo, que fazem de nossas reuniões mensais um dos maiores deleites e refrescos de toda a minha vida ministerial. Tudo depende de nosso escrivão, de nosso tesoureiro, de nosso censor e de nossa esplêndida equipe; toda a nossa capacidade de servir à mesa de nossos irmãos mais pobres depende absolutamente de nossos diáconos. Tire os nossos diáconos ou deixe-os ficarem parados enquanto outras pessoas fazem o seu trabalho e logo cairíamos da

primeira posição para a qual eles, e somente eles, nos elevaram. *"Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e depois fazei prova de mim nisto, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal até que não haja lugar suficiente para a recolherdes."* (Ml 3.10). É porque a nossa equipe semelhante a de Estêvão ouve o seu Mestre dizer isso a eles todos os meses, que eles compram para si mesmos um diploma tão bom, e compram para a congregação de Free St. George um diploma tão bom também. Portanto, todos os meus irmãos, atentai para vós, homens de espírito, de coração e de negócios; e eles também adquirirão um bom diploma para vós quando os designardes para esta atividade. Eu só desejo que todos os diáconos na Escócia possam vir e ver como os nossos diáconos em Edimburgo fazem o seu trabalho.

3. Agora para passar ao dia em que Estêvão terminou a sua carreira, manteve a fé e renunciou ao diácono. "Eis!", ele exclamou com as pedras atingindo a sua cabeça: *"Vejo os céus abertos, e o Filho do homem, que está em pé à mão direita de Deus."* (At 7.56). Mas o Filho do Homem não está mais de pé, com certeza, pois quando Ele mesmo purificou os nossos pecados, Ele certamente se assentou para sempre à direita de Deus. *"Assenta-te à minha mão direita, até que ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés."* (Sl 110.1). Mas, com tudo isso, Ele não conseguiu ficar quieto quando os viu apedrejando Estêvão. E assim é sempre com Ele. Ele se senta, fica de pé ou desce à terra novamente, de acordo com a nossa necessidade e de acordo com a nossa fé. Eu o vejo de pé, diz Estêvão. Que poder e que posse é a fé! Pois a fé pode levar o Filho do Homem a fazer quase tudo o que ela quiser. Como William Guthrie diz sobre ela: "A fé às vezes age de maneira muito obstinada com o seu Senhor". De fato age. Veja como a mulher siro-fenícia agiu deliberadamente sobre Seu Senhor, até que, para se livrar

dela, Ele disse a ela: Pegue o que quiser. Apenas vá para a casa de sua filha. E tão quieto. A fé de Seu povo não dá a Ele absolutamente nenhum descanso. A fé deles faz com que Ele se levante muito depois de ter se sentado. A fé deles O faz com que faça tudo e seja tudo o que eles precisam e pedem. Ele fez tudo na terra e ainda faz tudo no céu pelo que pode ser útil às pobres almas. Por exemplo, a alma está nua? Então Cristo no local é uma vestimenta fina. A alma tem fome e sede? Imediatamente Cristo é a sua laia e o seu vinho, o seu pão da vida e o seu verdadeiro maná. O vingador do sangue está atrás do pecador? Então, apenas um passo e o homem culpado de sangue está na cidade de refúgio. Em uma palavra, diga a Ele como Ele pode ajudar um pobre pecador que não tem outra ajuda e todos os lugares altos e honrados no céu não irão prender o nosso Senhor. Então, como Ele honra a fé, a fé O honra. Ele é um noivo? A fé está em Seus braços. Ele é um pastor? A fé está a Seus pés. Ele é uma rocha? A fé já começou a construir a sua casa sobre Ele para a eternidade. Ele é o caminho? A fé corre com todas as Suas afeições ao Pai por ele. E apedrejaram Estêvão, invocando a Deus, dizendo: Eis que vejo o Filho do Homem em pé à direita de Deus. Senhor Jesus, receba o meu espírito. E ele se ajoelhou e clamou em alta voz: Senhor, não atribua este pecado a eles. E quando ele disse isso, ele adormeceu. Pois os que têm exercido bem o ofício de diácono adquirem para si um bom grau de ousadia na fé que há em Cristo Jesus.

XCVIII. Filipe diácono e evangelista

"Quanto mais somos ceifados por você, mais nos multiplicamos entre vocês", disse Tertuliano em sua orgulhosa Apologia. "Cada gota do nosso sangue jorra, em cerca de trinta, em cerca de sessenta e em alguns cem vezes". E assim foi que o banimento de Filipe de Jerusalém foi a salvação de Samaria, e assim também foi aquele o martírio de que Estêvão foi a conversão de Saulo. Semen est sanguis Christianorum[12].

Estêvão foi o primeiro mártir e Filipe foi o primeiro missionário. O diácono se adornava e o fazia nobremente naqueles primeiros dias. Para começar, Estêvão e Filipe não eram apóstolos; eles eram simplesmente diáconos. Eles não foram ordenados como os apóstolos à oração e ao ministério da Palavra. Mas você não pode limitar, estreitar e vincular ao servir às mesas dois homens poderosos e originais como Estêvão e Filipe. Paulo tinha Estêvão e Filipe em mente quando disse a Timóteo, muito tempo depois, que aqueles que têm usado bem o ofício de diácono adquirem para si um bom diploma e grande ousadia na fé que está em Cristo Jesus. Tudo o que Estêvão e Filipe fizeram enfaticamente.

"E" Escreve Lucas para Teófilo *"fez-se naquele dia uma grande perseguição contra a igreja que estava em Jerusalém; e todos foram dispersos pelas terras da Judeia e de Samaria, exceto os apóstolos. E, descendo Filipe à cidade de Samaria lhes pregava a Cristo. E havia grande alegria naquela cidade."* (At 8.1, 5, 8) Agora, suponha por um momento que você fosse Filipe. Suponha que você tenha se espalhado pelo exterior como Filipe e os seus colegas. Suponha que você tenha escapado com o Evangelho em suas mãos e sido perseguido em alguma cidade meio pagã que acabou de ser tocada na superfície com o conhecimento de Cristo. Você certamente procuraria aqueles que foram tão tocados e confiaria em sua hospitalidade e proteção. E foi assim que Filipe certamente buscaria a mulher samaritana que todo o mundo conhece agora, e em cujo coração e em cuja casa havia agora uma fonte de água que jorrava para a vida eterna. Pedro e João introduziriam Filipe a ela; e para tranquilizá-lo sobre a sua recepção, falavam-lhe, principalmente João, sobre

[12] Tradução do latim: "A semente é o sangue dos cristãos". (N.R.).

aquele dia tão lembrado em que o seu Mestre precisava passar por Samaria, e quando, cansado da viagem, sentou-se assim no poço. E a mulher dava as boas-vindas a Filipe e dizia-lhe: entra, bendito do Senhor, porque quando tive sede Ele me deu de beber. E quando Filipe lhe disse: sente-se, mulher, sente-se e coma; ela apenas serviu a sua mesa com ainda mais hospitalidade e disse: tenho uma comida para comer que tu não conheces. Venham à minha casa, ela disse também a todos os seus vizinhos, e vejam e ouçam um homem que veio à minha casa desde o próprio Cristo ressuscitado. E, tomando o seu texto das palavras da mulher, Filipe pregou o Cristo ressuscitado em Sicar até que houve grande alegria naquela cidade. Lucas é um erudito e Teófilo também. Lucas é um estudante e um artista em suas palavras, e Teófilo atende ao que Lucas escreve. E assim é que, quando Lucas diz a Teófilo que Filipe pregou "Cristo" aos samaritanos, e então que o mesmo evangelista pregou "Jesus" ao eunuco etíope, não foi à toa; não importa o que Lucas diz ou como ele o diz. Não é sem razão que um compositor tão escrupuloso como Lucas escolhe os seus nomes e os seus títulos dessa maneira exata para o nosso Senhor. Bengel é o próprio comentarista de um compositor como Lucas. E Bengel escreve com a sua caneta de ponta fina e diz que "do ponto de vista do Antigo Testamento, o progresso é feito do conhecimento de Cristo ao conhecimento de Jesus; enquanto do ponto de vista do Novo Testamento, o progresso é feito do conhecimento de Jesus ao conhecimento de Cristo." "Nem uma única sílaba", diz Basílio, "de tudo o que está escrito a respeito de Jesus Cristo deve ser deixada sem investigação. Os homens que traçam o significado oculto de cada palavra e até mesmo de cada letra do Novo Testamento são aqueles que melhor entendem o fim e a natureza de nosso chamado bíblico". Que os nossos estudantes de teologia, então, estudem o fato de Filipe ter pregado "Cristo" na cidade, e "Jesus" no deserto, e façam uma tese do tipo Ellicott para eles mesmos e para o seu povo sobre esse assunto tomando em Romanos 8.11.

Agora, devo parar por um momento neste ponto para dizer o quanto me sinto impressionado e repreendido pela nobre conduta de Pedro e João. Estêvão e Filipe eram, de longe, subordinados de Pedro e João. E não há pecado que afete tão facilmente alguns de nós, ministros, como apenas o sucesso repentino daqueles que são

de longe nossos subordinados. Não há nada que mais nos ponha à prova e traga à tona aquilo de que somos feitos no coração do que sermos ultrapassados e extintos por aqueles que ontem eram meros meninos ao nosso lado. E é preciso o homem mais forte entre nós e o homem mais santo de todas as suas forças para se comportar com humildade e generosidade para com os seus últimos subordinados em tal momento. Mas vamos parar neste ponto e ver quão bem Pedro e João saíram daquela fornalha. Eles não se ressentiram, nem suspeitaram e nem desprezaram o sucesso de Estêvão em Jerusalém, nem de Filipe em Samaria. Eles não disseram: o diácono tem o seu devido lugar. Eles não reclamaram que ele havia deixado tão cedo as mesas. Eles não disseram que Filipe deveria cuidar de sua obra adequada e deixar de pregar. Eles não balançaram a cabeça e previram que em breve tudo se transformaria em empolgação samaritana. Eles não tiveram que relatar a eles cada palavra que Filipe tinha falado em qualquer momento que estivesse fora do comum. De longe, não. Para a sua grande honra, seja dito, eles se comportaram em toda essa tentação de uma forma totalmente digna de seu ofício apostólico. Eles não esperaram para ver se o despertar era real e duraria, como nós teríamos feito. Mas os doze enviaram Pedro e João, os seus dois melhores homens, para ajudar Filipe a reunir os resultados de sua missão tão repentinamente bem-sucedida. Pedro e João começaram a trabalhar com todas as suas forças para fundar uma igreja com os convertidos de Filipe, a ser chamada de Igreja do Evangelista, após o nome de seu diácono e subordinado. Eu, pelo menos, devo levar a sério todo aquele episódio de Samaria. Eu, pelo menos, não devo esquecê-lo.

Estêvão e Filipe também me deixaram a impressão de que nasceram pregadores, como dizemos. Nascido, não feito. Nascido, não formados na faculdade. Nascido e não simplesmente ordenado. E se um homem é um pregador nato, você pode colocá-lo para servir às mesas, ou, nesse caso, para fazer mesas, mas ele pregará apesar disso. Você pode subornar homens para derrubá-lo. Você pode bani-lo para Samaria, mas eu te desafio a calar a sua boca. Estêvão e Filipe nasceram com um fogo nos ossos que nenhum homem poderia apagá-lo. Há uma língua divina em sua boca que você não pode silenciar. Quanto mais você os persegue e os expulsa, quanto mais tribulação você os faz passar, mais eles

só pregam melhor. Agora que havia dois homens de tal gênio raro entre os primeiros sete diáconos, isso é uma prova notável da visão da congregação que os elegeu, bem como da riqueza de todos os tipos de talentos na Igreja Apostólica. Muitas vezes desejei poder ser um dos dois homens de Emaús cujos corações ardiam dentro deles quando o Seu Senhor ressuscitado lhes expunha em todas as Escrituras as coisas concernentes a Si mesmo. E então, depois disso, eu teria ficado de bom grado como servo do eunuco etíope, de modo a sentar-me ao lado dele e ouvi-lo ler o profeta Isaías, até que Filipe chegou e lhe disse: entendes tu o que lês? Como posso, a não ser que algum homem deva me guiar? E ele desejava que Filipe subisse e se sentasse com ele. E Filipe abriu a boca e começou no quinquagésimo terceiro dia de Isaías, e pregou-lhe Jesus. Tudo isso aconteceu no oriente primitivo, simples e sem sofisticação, e não devemos medir nenhuma parte de toda essa história por nossos hábitos ocidentais de intercurso. Seria o cúmulo da intrusão e da incivilidade entre nós se um homem dissesse a outro, por cima de seu livro, no convés de um navio a vapor ou em um vagão de trem: você está entendendo o que está lendo? Mas olhe desta maneira. Suponha que você se sentou ao lado de um estrangeiro que estava lutando com um de nossos guias de inglês e, evidentemente, estava perdendo o sentido, até que partiu na direção errada; não seria intromissão ou impertinência se você se apresentasse pacificamente para ele e dissesse algo assim: "temo que nossa língua bárbara não seja facilmente dominada por acadêmicos estrangeiros, mas é minha língua nativa e posso ser útil para você nela". *"Como poderei entender,"* disse o eunuco de mente humilde, *"se alguém não me ensinar?"* (At 8.31). Agora, todos nós pensamos porque conhecemos as letras e estamos familiarizados com os seus sons, assim que entendemos a Bíblia: Isaías, João e Paulo. Mas nunca cometemos um erro mais fatal. Não há livro em todo o mundo que seja tão difícil de ler, entender e amar como a Bíblia. Não tendo começado a entender, alguns de vocês se voltarão para mim e me dirão que até uma criança pequena pode entendê-lo. E você está perfeitamente certo. "Um cordeiro pode vadear nele", disse um grande expositor grego. Mas ele acrescentou que "um elefante pode nadar nele". E foi assim que, além dos apóstolos, todos os diáconos de intelecto e experiência foram atraídos para expor as Escrituras, primeiro para o erudito Concílio de Jerusalém, depois para os homens céticos de

Samaria e então para o neófito etíope em sua carruagem real. E assim é ainda que a Igreja reúne em seus colégios as melhores mentes que ela pode ter em todas as suas famílias, e as treina com os seus melhores professores, então, quando eles estiverem prontos, diz a eles: vá, junte-se a este e aquele púlpito vazio e faça as pessoas entenderem o que leem. E muitas vezes você deve ter sentido e confessado que é assim. Quão diferente o capítulo mais superficialmente familiar nos parece depois que algum grande expositor pela língua ou pela pena o abriu para nós! Um livro da Bíblia lido em capítulos rotineiros no púlpito ou no culto familiar, quão enfadonho, sem sentido e imediatamente esquecido que é! Ao passo que, deixe um intérprete, um em mil, abri-lo para nós e nunca esquecemos nem o capítulo nem ele. "O Espírito de Deus faz a leitura, mas especialmente a exposição da Palavra, um meio eficaz de convencer, converter pecadores e de edificá-los em santidade e conforto pela fé para a salvação." "É principalmente pela instituição de expor e pregar", diz John Foster, "que a religião é mantida como uma coisa conspícua, uma realidade reconhecida pelo público. Se nos for dito que deveríamos antes dizer que é a adoração pública que tem esse efeito, temos que responder que a adoração pública, além de expor e pregar, tem um efeito muito pequeno em favor da religião. É certo que onde os condutores desse culto não tiverem conhecimento e religião suficientes para expor e pregar, esse culto será pouco mais do que uma rotina cerimonial de formas ociosas."

Anos, anos e anos se passam. Filipe é casado há muito tempo e agora é pai de quatro filhas adultas. A sua esposa é uma boa mulher. Ela é uma mulher séria, como Paulo a exortou a ser. E, entre eles, Filipe e a sua esposa séria e fiel se governavam bem, e consequentemente as suas quatro filhas extraordinariamente talentosas. Com tal pai e tal mãe, não me impressiono que quando tais coisas estavam espalhadas naqueles dias como dons de lábia, dons de cura e dons de profecia e muitas outras operações do Espírito Santo, uma porção dobrada de algumas dessas coisas milagrosas caíram sobre as quatro filhas de Filipe. Lucas tem um olho rápido para tudo desse tipo, e é por isso que ele interpola essa nota de rodapé em sua história de Paulo. *"E no dia seguinte, partindo dali Paulo, e nós que com ele estávamos, chegamos a Cesareia; e, entrando em casa de Filipe, o evangelista, que era um dos sete, ficamos com ele. E tinha*

este quatro filhas virgens, que profetizavam. E, demorando-nos ali por muitos dias, chegou da Judeia um profeta, por nome Ágabo; E, vindo ter conosco, tomou a cinta de Paulo, e ligando-se os seus próprios pés e mãos, disse: Isto diz o Espírito Santo: Assim ligarão os judeus em Jerusalém o homem de quem é esta cinta, e o entregarão nas mãos dos gentios." (At 21.8-11). E foi assim que esse estranho Ágabo foi a última santificação de Filipe, sua esposa e suas quatro filhas proféticas. Para começar, os seus próprios filhos haviam sido dotados, empregados e honrados muito mais do que o próprio Filipe. E então Ágabo chegou bem no momento para ser dotado, empregado e homenageado muito acima de todos eles. Na rica graça e multiforme sabedoria de Deus, exteriormente, ostensivamente e na superfície, a missão de Ágabo era predizer Paulo sobre a sua futura prisão em Jerusalém. Mas, muito mais profundo do que isso, Ágabo tinha uma obra final do Espírito Santo para realizar em Filipe, em suas quatro filhas e na mãe delas, aquela mulher séria. Uma obra de humildade. Uma obra de resignação. Uma obra evangélica. Uma obra muito acima da melhor profecia. Uma obra de estimar os outros melhor do que a si mesmos. Uma obra de dizer, Ágabo deve aumentar e eu devo diminuir. E um trabalho que começou sem dúvida com reprovações, repreensões e cobrança de ouro tola, como esta: "por que minhas filhas proféticas não foram empregadas para entregar esta profecia a Paulo? Por que um estranho foi trazido sobre nós dessa maneira? Não poderemos ter nunca mais a mesma posição e estima na Cesareia depois de tão aberta ofensa. Que força teria sido para nós em nosso púlpito e trabalho pastoral se minhas filhas tivessem sido honradas pelo Espírito Santo se proferissem essa profecia a respeito do apóstolo. Teria nos estabelecido e honrado em nosso trabalho na Cesareia como nada mais". Ágabo era um mensageiro malvado o suficiente para Paulo; mas ele foi um golpe tão terrível para Filipe e para toda a sua família que foi necessário todo o discernimento de Paulo, habilidade nas almas, autoridade com Filipe e poder com Deus para guiar e dirigir Filipe de modo que ele obtivesse tudo o que Deus pretendia de bom para ele e para toda a sua casa.

Bem, Ágabo não vai à sua casa e à minha de maneira tão aberta e dramática como veio à casa de Filipe; mas ele vem. Ágabo de Jerusalém veio ao túmulo e a esposa piedosa de Jonathan

Edwards em Northampton na forma de um jovem pregador. “Na segunda-feira à noite, com o senhor Edwards viajando naquele dia para Leicester, soube que o senhor Buell estava vindo para esta cidade. Naquele momento senti os olhos de Deus em meu coração para ver se eu estava perfeitamente resignado com relação ao sucesso esperado do senhor Buell entre o nosso povo. Eu estava ciente do grande motivo que tinha para abençoar a Deus pelo uso que Ele fizera de meu marido até então, e pensei que se Ele agora empregasse mais outros ministros eu poderia concordar inteiramente com a Sua vontade. Na terça à noite, parecia haver grandes sinais da presença de Deus na reunião do senhor Buell; e quando soube disso fiquei quieta desejando que Deus abençoasse o seu trabalho entre nós tanto quanto quisesse, mesmo que fosse para o frescor de todos os santos e a conversão de todos os pecadores em toda a cidade. Esses sentimentos continuaram depois, quando vi o seu grande sucesso. Nunca senti o menor sentimento do coração contra ele, mas minha submissão a Deus foi reta, uniforme, sem interrupção ou perturbação. Eu me alegrei quando vi a honra que Deus colocou sobre ele e o respeito que o povo lhe deu, e o maior sucesso em sua pregação do que há algum tempo havia na pregação de meu marido. Eu encontrei descanso e alegria nisso, e a doce linguagem de minha alma continuamente era: amém, Senhor Jesus. Amém, Senhor Jesus. Tive uma sensação avassaladora da glória de Deus e da felicidade de ter minha própria vontade inteiramente submetida à vontade d’Ele. Eu sabia que o antegozo da glória que então tinha em minha alma vinha de Deus e que em Seu tempo estarei com Ele e serei, por assim dizer, tragada por Ele”. Ágabo e o senhor Buell e mais outro. Mas quem é esse outro? E qual é o nome dele?

XCIX. Cornélio

Cornélio foi enviado de Roma para Cesareia tal qual nossos soldados ingleses são enviados à Índia. Os romanos desprezaram e odiaram os judeus, enquanto nós, com todo o nosso orgulho proverbial, não desprezamos nem odiamos qualquer um de nossas raças subordinadas[13]; e, repartindo ambos que desprezavam e odiavam, Cornélio veio à sua centúria em Cesareia. No entanto, Cornélio não era uma pessoa de comum afluência. O vasto e profundo contraste entre a Itália e Israel logo começou a formar uma imensa ideia na aberta e excelente mente dele. A nobre doutrina de Israel, Jeová e Seu Messias; a imaculada pureza da moralidade de Israel, com a gentileza e a santidade da vida doméstica; sua magnificência e incomparável literatura, mesmo a um homem puro de Atenas e Roma; e sua majestosa e dominada admiração; todas essas coisas impressionaram Cornélio imensamente, até que, no momento em que lhe somos introduzidos, Cornélio já é um homem devoto e alguém que teme o Deus de Israel e ora sempre para Ele.

Era uma das notáveis características de Cornélio que todos os seus servos, domésticos e profissionais, estivessem em pé de amizade com seu mestre. A religião de sua família, como podemos chamá-la, era uma das mais notórias e atraentes coisas sobre Cornélio. Muito antes de chegar a ser um homem batizado, esse pensamento de Cristo já havia sido fundado no centurião. *"Já vos não chamarei servos"*, disse Alguém a quem o centurião ainda não conhecia. *"Porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas tenho-vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho feito conhecer."* (Jo 15.15). E também o fez Cornélio. Cornélio já era um dos cavalheiros cristãos que aguentam suas incumbências no exército menos pelo seu próprio bem do que pelo bem dos seus soldados; e seus territórios eram menos pelo seu próprio bem do que pelo bem dos fazendeiros, jardineiros, cocheiros e cavalariços; e suas fábricas menos pelo seu próprio bem do que pelo bem dos operários; e seus ofícios pelo bem dos seus funcionários; e seus comércios pelo bem dos seus comerciantes; e seus lares menos pelo bem das suas crianças, serviçais e sempre bem-vindos convidados. De todos os locais sagrados na Terra Sagrada, poucos lugares, com

[13] "Subject races" é um termo utilizado para se referir às pessoas de cores que ficaram sob o poder do exército britânico. (N.R.)

certeza, foram mais a casa de Deus e o portão dos céus naqueles tempos do que justamente o castelo Romano de Cesareia, onde o centurião da legião italiana viveu no temor de Deus com todo o seu povo e todos os seus devotos soldados, que diariamente aprendiam mais e mais sobre a devoção pelo andar e pela conversa de seu amado e reverenciado centurião.

Bem, um dia, Cornélio estava jejuando e orando o dia todo até às três da tarde. Deve ter sido algum dia especial e excepcional na vida pessoal dele, na de sua família, ou em sua vida no exército. Não nos disseram qual dia de aniversário era aquele; mas foi um dia que ele jamais se esqueceu de comemorar em orações: e ele nunca se esqueceu disso em suas esmolas, nem em ofertas de agradecimentos desde então. Não, nem nunca irá. Tinha acabado de atingir três horas da tarde quando um anjo desceu e entrou na tenda onde Cornélio estava de joelhos. Pois, não são todos eles espíritos eclesiásticos ao ministro para aqueles que devem ser herdeiros da Salvação? *"Que é, Senhor?"*, disse Cornélio, olhando para cima em temor sagrado. *"As tuas orações e as tuas esmolas"* disse o anjo, *"têm subido para memória diante de Deus"* (At 10.4). Não temos um dicionário da Bíblia na Terra que é capaz de nos explicar a linguagem dos céus, e, portanto, devemos comparar Escritura com Escritura para sua memória, "Isso deve ser referido para memória dela"[14], disse o Mestre dos anjos, quando a mulher despejou o vaso de alabastro acima de Sua cabeça[15]. E esta notável e única palavra permanece no texto, pois temos que exercitar algum entendimento, imaginação e encorajamento em nossas esmolas, nossas orações e também nos nossos dias. Havia alegria no céu — isso é parte do que a memória no céu significa — acima de todo bom ato que Cornélio fez, e acima de toda a boa palavra que proferiu, ambos a Deus e ao homem. Eles tinham seus olhos sob Cornélio, aqueles anjos de Deus, porque ele lhes fora apontado como um dos herdeiros da Salvação. E, tenha certeza, eles não mantiveram as esmolas e as orações de Cornélio para si; no entanto, sagrados tagarelas como são, eles buscaram os profetas e os salmistas que profetizaram preocupações na salvação dos Gentios e disseram-lhes que o bom trabalho havia finalmente

[14] Ver Mateus 26.13 e Marcos 14.9. (N.T.)

[15] Ver Mateus 16.7 e Marcos 14.3. (N.T.)

começado na conversão do eunuco Etiopista e do centurião Romano. E não foi deixado às suas rápidas visitas, para cima e para baixo, com as últimas notícias de Cesareia; porém havia também muitos livros guardados, e um deles com o nome de Cornélio gravado na parte de trás, com suas orações, suas esmolas, dias e datas, horas e locais, oportunidades e pessoas, com todas as outras circunstâncias e acompanhamentos. Os livros memoriais são guardados com enorme e escrupuloso cuidado no céu, porque muito já se modificou e ainda irá se modificar ali, nas coisas que muito devemos observar aqui embaixo. E esses grandes volumes, guardados com tamanho cuidado e verdade, permanecem abertos diante do trono de Deus para um memorial, para a instrução de Seus anjos e para a alegria daqueles que já foram salvos. Como foi decretado por toda a eternidade que Cornélio deveria ser um centurião comissionado por César à Cesareia; que deveria ser um homem de mente aberta ao Antigo Testamento e ao templo; que deveria começar a orar e, às vezes, jejuar para que melhor ore; e deveria sempre esperar para ver o que deve fazer; tudo isso estava escrito no livro de Sua memória a respeito de Cornélio. E, enquanto o tempo passava, o volume-memorial de Cornélio crescia até que nele foi escrito como Pedro veio a ele; como foi batizado; como finalizou o seu curso e manteve a fé, primeiro em Cesaria e depois em Roma, até que lhe foi dito que, como ele já havia sido fiel a respeito de algumas coisas em Cesareia, que o deixasse vir acima, onde seu memorial fora escrito, e ele seria colocado sobre doze legiões de anjos[16]. "Pois" diz João Calvino a respeito de Cornélio, "Deus mantém um cuidadoso memorial de todos os Seus servos e, por seguros e determinados passos, Ele os exalta até que venham ao topo."

Agora, o ponto principal é: e o seu memorial e o meu? E as nossas esmolas e orações? Os nossos jejuns e portas fechadas, pois precisamos ter um dia, vez ou outra, sem distrações, concentrados e punindo-nos em oração? Já houve alegria no céu a respeito de nossas orações e esmolas? Verdadeira alegria nos céus entre os anjos e os santos de Deus? E os rostos e asas desses mensageiros-espíritos brilham enquanto carregam o recente memorial que sobe aos céus para levar suas notícias àqueles que nos amaram na Terra? Oremos mais e demos mais esmolas, se apenas para acrescentar

[16] Especulação do autor baseada no texto de Atos 10.4 (N.R)

alegria aos anjos e santos do Senhor que se lembram de nós e aguardam notícias no céu.

Entretanto, um homem de oração, benevolente e com um memorial no céu, como Cornélio era, tinha ainda muito a aprender. Ele aprenderia ainda as melhores coisas. Ainda tinha que aprender Cristo. E você não tem uma mera ideia sobre as dificuldades que caem sobre a forma do centurião Romano aprender Cristo. Até que leia os Atos dos Apóstolos, uma vez que nem um em mil leem aquele extraordinário livro; não, até que tenha que ensinar aquele extraordinário livro aos outros, você jamais compreenderá por completo o que o centurião passou antes que pudesse tornar-se um completo homem cristão. Sim, e o que os melhores apóstolos de Cristo por si só tiveram que passar antes que tivessem qualquer coisa a ver com uma imundice e besta quadrúpede como Cornélio era para eles. Eram doze horas em Jope no dia posterior à visita do anjo a Cornélio a respeito de seu memorial. E Pedro, como o centurião, estava profundo em preces especiais naquele dia. Agora, ele devia estar jejuando por um bom tempo, bem como orando com mais sinceridade, pois caiu em um desmaio enquanto continuava suas orações. E, enquanto ele deita em seu desmaio, ele sonha, como dizemos; uma visão lhe foi enviada, como a Escritura diz. E, em sua visão, Pedro *"viu o céu aberto, e que descia um vaso, como se fosse um grande lençol atado pelas quatro pontas, e vindo para a terra. No qual havia de todos os animais quadrúpedes e feras e répteis da terra, e aves do céu. E foi-lhe dirigida uma voz: Levanta-te, Pedro, mata e come. Mas Pedro disse: De modo nenhum, Senhor, porque nunca comi coisa alguma comum e imunda. E segunda vez lhe disse a voz: Não faças tu comum ao que Deus purificou"* (At 10.11-15). E o lençol mal havia sido levado aos céus, quando os três homens enviados por Cornélio pararam à porta perguntando se Simão Pedro morava ali. E, quando viu os três homens e ouviu a mensagem de Cornélio, ele imediatamente compreendeu e entendeu a visão dos céus. E a visão era essa. Cornélio e todos os seus soldados, devotos ou não; todos os seus servos de casa; todos os Romanos, bons ou maus; todas as outras nações de homens na face da Terra; todo tipo de homem, de fato, exceto por Pedro e alguns de seus companheiros, estavam unidos em um abominável grupo. E Pedro permanecia acima deles, vigiando-os e cuspindo em todos eles. Todos como nós mes-

Personagens da Bíblia - Novo Testamento.indd 238 13/11/2021 13:16:39

mos. Pois, também agrupamos nações de homens e os jogamos no mesmo lençol impuro. Igrejas inteiras, das quais não sabemos nada além dos maus nomes que lhes demos, também estão em nosso lençol de excomunhão. Todas as outras denominações de cristãos em nossa terra são comuns e imundos para nós. Todo grupo fora do nosso próprio grupo no estado político também. Não temos uma linguagem desdenhosa suficiente com a qual possamos descrever seus perversos meios e seus esquemas egoístas. Eles são animais quadrúpedes e feras e répteis[17]. De fato, há poucos homens vivos, especialmente aqueles que moram perto de nós, que não estão, às vezes, no lençol do nosso desdém; a menos que haja um aqui ou ali da nossa própria família, escola, ou grupo. E eles também vêm sob o nosso desdém e desprezo a partir do momento em que eles têm uma mente, interesses, afeições e ambições próprias. Mudaria todo o seu coração e vida esta noite, se tivesse Pedro e Cornélio em casa com você e os colocasse em seu coração. Seria para o seu memorial diante de Deus se apenas o fizesse. Se você pegasse um guardanapo de quatro pontas ao ir para casa, tinta e caneta na noite do dia do Senhor e escrevesse os nomes das nações, igrejas, comunidades religiosas, congregações, ministros, homens públicos, cidadãos privados, vizinhos, companheiros de adoração — todas as pessoas que vocês desgosta, despreza e não ama, não pode e não irá amar. Junte todos os nomes deles em seu sujo guardanapo, depois olhe ao céu e diga: "Não é assim, Senhor. Não posso falar bem, nem pensar bem, nem ter boas esperanças dessas pessoas. Não posso fazê-lo e não tentarei". Se você agisse dessa forma e libertasse todas as más coisas que estão em seu coração de tal modo como esse, atingiria tal percepção de si mesmo que jamais a esqueceria. E, como recompensa — e não há melhor recompensa —, como Pedro, você um dia poderia dizer: "*Reconheço por verdade que Deus não faz acepção de pessoas*" (At 10.34). Porém, em cada nação, igreja, comunidade religiosa, grupo de homens e entre aqueles que eu costumava pensar como animais quadrúpedes da Terra, as feras selvagens e répteis, Deus tem os que O temem, trabalham corretamente e são aceitos por Ele. E, então, isso iria acima para o memorial diante de Deus, a mudança completa e a nobre alteração que vêm à sua mente e ao seu coração. Pois, você seria inteiramente levado ao encantamen-

[17] Ver Atos 10.12. (N.T.)

to diante de Deus pela misericórdia que não se vangloria, não é protuberante, não pensa mal algum, acredita em todas as coisas e tem esperança em todas as coisas. E agora sustenta fé, esperança e misericórdia; mas o maior desses é a misericórdia.

Tais são algumas das lições que devemos levar para o coração pela história de Cornélio, o centurião Romano.

Personagens da Bíblia - Novo Testamento.indd 241 13/11/2021 13:16:39

C. Êutico

Este Êutico é o pai de todos aqueles que dormem com exortações. E ele bem merece toda a sua fama, pois caiu em sono profundo durante uma exortação do apóstolo Paulo. Não sabemos o quanto há para ser dito em justificação ou atenuação de Êutico em seu sono profundo durante aquele serviço sacramental. Êutico pode ter alimentado seus cavalos vinte e quatro horas antes e dado um xelim para um garoto cuidar deles até que retornasse da mesa de comunhão em Troas. Como um velho amigo meu que costumava fazê-lo, viajado, durante toda a noite, de Glenisla para Dundee, para ser apresentado à Comunhão do senhor M'Cheyne. Depois disso ele andou para casa e pegou seus cavalos do arado em bom tempo na segunda-feira de manhã. Apenas, tenho certeza de que o senhor M'Cheyne nunca precisou descer e trazer meu velho amigo de volta à vida, como Paulo teve que fazer com o finado Êutico. Pois, ele nunca dormiu, tenho certeza, nem durante o sermão do senhor M'Cheyne, nem durante as três mesas vespertinas, não, nem durante o noturno sermão de Daniel Cormick de Kirriemuir, que costumava pregar sermões longos em tais ocasiões, mas nunca uma palavra tão longa como a de São Pedro, Dundee, naqueles dias de pré-ruptura.

O sacro escritor, em muitas de suas palavras, não toma para si o ato de culpar o Apóstolo pelo seu longo sermão naquela noite. Embora ele diga tão enfaticamente e repetidamente que seria imperdoavelmente culpável para qualquer outro pregador. Que culpa, de fato, poderia ser mais imperdoável a qualquer um dos seus pregadores do que aquela pela qual o Apóstolo era culpado naquela noite? À semelhança daquilo jamais foi vista outra vez desde aquela noite. Para guardar seus ouvintes do tempo de acender as velas até que o sol nascesse na manhã seguinte! Matthew Henry gostaria de ter tido os princípios do sermão de Paulo naquela noite. Contudo, a minha ideia é de que Paulo não tinha princípios naquela noite. Minha ideia é de que, assim que as velas foram acesas, ele recitou sua justificativa para a celebração da Ceia do Senhor, como nós agora lemos de sua caneta em 1 Coríntios. Depois, ele entraria na natureza e no final da Santa Ceia, o que levaria algum tempo e exaustão para explicar. Ele então iria divergir para contar às pessoas de Troas a história sem fim de como se tornou um catecúmeno e um comun-

gante por si só primeiro. Ele então seguiria para a mística união que subside entre Jesus Cristo e todos os verdadeiros comungantes, durante as profundas coisas às quais Êutico rapidamente dormiria. Não sei nada tão parecido com a mais rica parte do sermão de Paulo quanto os longos Sermões no Sacramento do nosso Robert Bruce, que o doutor Laidlaw colocou em tão bom inglês e o senhor Ferrier em tão bom buckram para nós outro dia. E, então, mesmo após o acidente com Êutico, Paulo ainda estava tão cheio de motivos e espírito que, inclusive, seguiu com suas falas pós-comunhão até que o sol raiasse nos copos que ainda se mantinham à mesa e nos anciãos que permaneciam aos seus lados, e Paulo ainda despejava seu coração do púlpito.

Agora, não a despeito do exemplo de Paulo, todos os nossos pregadores deveriam, via de regra, serem breves em seus sermões. No excelente retrato de Lutero de um bom pregador, uma das nove virtudes e qualidades de um pregador é que ele deve saber quando parar. Assim ele deveria. Contudo, você não tem ideia do quão rápido o relógio do púlpito corre quando um pregador tem algo ainda em sua mente que deseja dizer. Ao mesmo tempo, os sermões não devem ser cortados conforme a ampulheta. John Howe primeiro atraiu Cromwell pregando por duas horas e então virando a ampulheta para uma terceira hora. E Coleridge, em suas anotações sobre o doutor Donne e um sermão de uma hora e meia de sua pregação em Whitehall, diz: "Compare esta humanidade da divindade da nossa Igreja com os nossos pobres dias. Quando reflito acerca das congregações superlotadas e sobre os milhares que, com intenso interesse vieram àqueles sermões de uma ou duas horas, não posso crer em nenhuma verdadeira progressão, moral ou intelectual, nas mentes de muitos". E, desde que tenho Coleridge descoberto a qualquer custo, não lhe devo negar o que Hazlitt diz sobre a própria pregação de Coleridge: "Foi em janeiro de 1798 que eu acordei, em uma manhã, antes da luz do dia, para andar dez milhas na lama e ouvir a pregação desta celebrada pessoa. Quando lá cheguei, o órgão tocava o centésimo Salmo, e, quando finalizou, o senhor Coleridge surgiu e proferiu o seu texto. E o texto era esse: '*tornou a retirar-se, ele só, para o monte*' (Jo 6.15). Conforme o pregador nos proferia seu texto, sua voz se elevou como uma torrente de destilados perfumes; e, quando ele chegou às duas últimas palavras

do texto, as quais ele pronunciou alta, profunda e distintamente, pareceu para mim, que era então jovem, como se os sons tivessem ecoado das profundidades do coração humano. O pregador, então, se atirou em seu tema como uma águia galanteando com o vento. A mim, eu não poderia ser mais aprazerado se tivesse ouvido a música dos céus. Poesia e filosofia se encontraram, verdade e genialidade se abraçaram, e isso sob a sanção da religião". Agora, um pregador como Coleridge, e um ouvinte como Hazlitt, não devem ter seus tempos diminuídos por todas as ampulhetas e relógios de púlpitos do mundo. Ampulhetas e relógios de púlpitos são feitos para pregadores e ouvintes, e não pregadores e ouvintes feitos para ampulhetas e relógios de púlpitos.

No entanto, outra coisa. Paulo não tinha seu manuscrito diante de si naquela noite e tal circunstância era parcialmente culpável pela grandiosa duração do seu sermão. Vou me atrever a ilustrar aquela noite em Troas por mim mesmo. Quando estou nas circunstâncias de Paulo, isso é, quando tenho uma única oportunidade de pregar em qualquer lugar, eu nunca, em tal ocasião, leio meu sermão em um papel. Apenas profiro o texto da Escritura pelo qual estou vivendo no momento e então falo, com o coração, da forma que me é entregue. Contudo, o perigo de tal pregação é o que Lutero apontou — eu nunca sei quando parar. Tal como Paulo não soube parar naquela noite. E, assim como o próprio Lutero, não raramente, ultrapassou todos os limites. Sem um papel, nem um pregador em cem sabe quando parar. Ele esquece de olhar o relógio até ser tarde demais. Com um papel, e com nada mais a dizer além do que nele está, você para no momento. No entanto, não se restrinja ao papel e, com a sua mente cheia de motivações e o seu coração cheio de sentimentos, você seguirá até a meia-noite. Em casa, vocês ouvintes sabem o que os seus ministros dirão e podem escolher dormir logo que eles proferem seus textos. Entretanto, eles têm muito mais honra quando saem de suas próprias congregações. Portanto, isso é o que você ouve de como ele pregou por tanto tempo e foi tão aproveitado quando longe de casa. Esse é exatamente o caso de Paulo. Se não fosse seu primeiro e único sermão em Troas, era certamente o seu último. O Apóstolo nunca mais veria as pessoas de Troa até o dia do julgamento; e quem deveria julgá-lo se esqueceu completamente da ampulheta e entregou seu coração durante

toda a noite sobre aquela extasiada congregação. Ao mesmo tempo e depois de tudo que é dito, Lutero está certo. Um bom pregador deveria saber quando parar. Em outras palavras, via de regra, especialmente em casa, devemos ser breves.

No entanto, também há dois lados para tudo. E o seu lado é este. Eu nunca vi nenhum de vocês dormirem durante um plebiscito. Não, apesar da fala seguir até a meia-noite. E, ainda, não sei se a oratória de um candidato político e seus amigos é tão melhor que a oratória do púlpito. Mas é isso. Suas próprias paixões ardem na política enquanto vocês são Laodiceanos[18] na religião. Sim, que cuidado seus políticos trabalham em você; sim, que purificação de vocês; sim, que indignação; sim, que medo; sim, que veemente desejo; sim, que zelo; sim, que represália. Tanto que o mais miserável orador na plataforma partidária não terá dificuldades em manter seu sangue alto a noite toda até que ferva. Ao mesmo tempo, francamente admito, poucos pregadores pregam com a paixão, e com as questões em risco, que os políticos, ou mesmo os atores, fazem. Portanto, no todo, o montante desse assunto é este: que, entre tão longos sermões e tão inexpressivos, a culpa grandemente se deita à porta de cada pregador.

E, então, ainda mais que nossos sermões, nossas orações devem ser curtas; isto é, nossas orações públicas. Você pode se estender tanto quanto quiser em segredo, mas não em público, não em família, não no encontro de oração e não no púlpito. Bispo Andrewes, o melhor autor de orações em todo o mundo das orações, não é breve. Sua oração para o primeiro dia da semana ocupa 15 páginas. Sua oração para o segundo dia da semana cobre oito páginas. Suas três orações ao despertar tomam seis páginas. Sua Horometria, cinco páginas. Seus quatro Atos de Depreciação, 11 páginas; e assim segue. No entanto, essas longas orações são impressas em suas *Devoções Privadas* que seus curadores mal poderiam ler, são amassadas até se tornarem polpa junto às lágrimas e ao suor de Andrewes. E não o admiraria, se soubesse de sua história. William Law, por outro lado, era breve e exato em suas devoções privadas. Contudo, para compensar, ele era incomparavelmente metódico,

[18] Maneira como é chamado o povo da cidade de Laodiceia. Ver Apocalipse 3.14-22 (N.R)

simétrico, pontual e concentrado em seus tópicos de orações. Ele era como James Durham, sobre quem William Guthrie disse que nenhum homem na Escócia orou tão brevemente como Durham fez; mas, então, "cada palavra de Durham poderia preencher um *firlot*[19]". Olhe para as breves orações de Paulo também. Cada palavra preencheria um *firlot*. Assim como o centésimo e o décimo nono Salmo. Cada verso daquele salmo é uma oração separada que deve ter sido escrita pelo dono do Pourie Castle. De todo modo, estamos dizendo-o todas as noites em nossos cultos em casa no momento. Temos uma diferente Escritura durante a manhã quando as crianças estão conosco. Todavia, durante a noite, temos apenas um verso do Antigo Testamento, e cada coração na casa é logo preenchido, como um *firlot*, diante de Deus. As orações do Senhor também são breves, pois não são Suas orações, mas compostas por nós e por nossas crianças. Entretanto, Suas devoções privadas são não somente tão longas quanto as do bispo Andrewes, mas são ilegíveis a nós, com Suas lágrimas e o Seu sangue.

E, então, se algum dia ascender para se tornar um autor, torne seus livros breves. Você pode ser um grande autor, e ainda seus livros podem o tempo todo serem bem curtos diante dos outros. Cânticos é um livro curto. Assim como o Salmo. Assim como o Evangelho de João. A Epístola aos Romanos também o é. E as *Confissões*. Também a *Divina Comédia*. E a *Imitação de Cristo*. *O Peregrino* também, bem como a *Graça Abundante*. O Irmão Lawrence, em *Praticando a presença de Deus* é tão breve que lhe custará apenas quatro pence. Tive a oportunidade, um momento atrás, de mencionar William Guthrie. John Owen disse, puxando uma dourada cópia de *O grande interesse do cristão* do seu bolso: "Tomo aquele autor como uma das maiores divindades que já escreveu. Seu livro é o meu *vade mecum*. Carrego-o sempre comigo. Tenho escrito diversos fólios, mas há mais divindade neste pequeno livro do que neles todos". "Estou finalizando Guthrie", disse Chalmers, "o qual penso ser o melhor livro que já li". E eu mesmo li todo Guthrie na bela nova edição de Melrose outro dia entre Edimburgo e Londres. Todos os grandes autores têm sido como Guthrie e, como os melhores pregadores de Lutero, todos sabem quando parar. Deixe

[19] Antiga unidade de medida escocesa utilizada para medir grãos. Um firlot equivale a cerca de 35 litros. (N.R.)

todos os jovens que seriam grandes autores escrever e imitar todos os livros que sinalizei acima. E, embora esse não seja um livro curto, e não pudesse ser, deixe-os lerem o novo livro do professor Saintbury, do qual pego emprestado este último conselho: "Phrynichus é redundante e tagarela; pois quando lhe foi aberta a oportunidade de finalizar completamente o tópico, em não uma quinta parte de sua duração, dizendo coisas fora de hora, ele o prolongou a um ingovernável volume."

Agora, depois de tudo isso sobre pregação, oração e autorias, Êutico não caiu da janela por nada se aprendermos por sua queda algo dessas valiosas lições.

Personagens da Bíblia - Novo Testamento.indd 249 13/11/2021 13:16:39

Cl. Félix

Nossas autoridades originais da vida de Félix são Lucas, nos Atos dos Apóstolos, Josefo nas *Antiguidades* e na *Guerra dos Judeus*, e Tácito nos *Annals of the Romans*. Lucas nos dá um dos mais ilustrativos capítulos sobre Félix; mas ele se abstém, tal como a Bíblia, de julgar Félix antes da hora. Josefo é ilustrativo o suficiente a respeito de Félix, mas não temos certeza nem dos fatos dele, nem de seus julgamentos. Não podemos também ir muito longe a favor ou contra qualquer homem na palavra de tal testemunha como Josefo. No entanto, Tácito marca a testa de Félix de modo que somente sua caneta poderia ter feito. Tácito, sendo como é, antecipou o grande dia do julgamento em si pela forma que escreveu sobre Félix. Félix deu início à sua vida como um escravo e a terminou como um rei. Contudo, como Tácito diz, havia um coração escravo sob os trajes reais de Félix o tempo todo. Todos os segredos maus que se escondem na consciência de Félix nós desconhecemos; mas temos apenas excessivos depoimentos do quão selvagem, quão traiçoeiro e quão embebido em sangue toda a vida de Félix tem sido. Lucas chama Drusilla a esposa de Félix. Drusilla era uma esposa, mas não a de Félix. Drusilla ainda era uma jovem mulher, porém já passara por perversidade suficiente para que a tenhamos como uma das piores mulheres em toda a história da humanidade. Paulo mentia na prisão esperando pelo seu julgamento no tribunal de Félix, quando, muito provavelmente para satisfazer a criminosa curiosidade de Drusilla sobre Paulo e sobre o Mestre de Paulo, Félix o convocou para ouvir o que ele tinha a dizer por si mesmo e por seu Mestre. A forma que a discussão foi aberta e como Paulo conduziu o seu discurso nos é desconhecida. Porém sabemos que, enquanto Paulo continuou a tratar da justiça, temperança e do juízo vindouro, Félix vacilou e respondeu: *"Por agora vai-te, e em tendo oportunidade te chamarei"* (Atos 24.25).

"Os ouvidos das nossas audiências devem inicialmente ser pacificados", diz Quintiliano em sua *Instituição Oratória*. E Dante, contudo, toma emprestado aquele fino livro quando diz a todos os oradores públicos em seu Banquete que eles devem sempre dar início cativando a benevolência de seus ouvintes. Agora, como Paulo conduziu o apaziguamento aos ouvidos hostis de Félix naquele dia e cativou o seu rígido coração, não sabemos. Entretanto, que

o grande pregador obteve sucesso em ser ouvido por Félix é certo. E não foi nem uma curta ou hostil audiência que Félix proporcionou a Paulo naquele dia. Félix sentou-se paralisado em silêncio enquanto Paulo permanecia de pé em frente a ele e imergiu a faca de dois gumes das leis sagradas de Deus em sua culpada consciência, até que o rígido réprobo não se pudesse comandar. Selo maior nunca foi dado ao poder de pregação de Paulo como quando Félix se chocou e não pôde manter-se sob as palavras do Apóstolo. E um maior encorajamento não poderia ser dado a todos os verdadeiros pregadores além do que a cena no palácio de Cesareia lhes deu. Que aliado, não visto porém onipotente, todos os verdadeiros pregadores têm na consciência de seus ouvintes! "A consciência", diz o príncipe dos sermões de exposições Puritanas, "é o que um focinho é para um urso, uma parte sensível para amansá-lo. A consciência é extremamente sensível à fúria de Deus. E o fogo do inferno por si só não poderia ter tanto efeito sobre a alma senão neste canto."

Ó, consciência! Quem resiste ao teu poder!
Suporta tuas queixas e agonias por uma hora!
Pedra, gota, o que quer que seja
Terrível de sentir são apenas brinquedos para isso.
Sem prazeres, riquezas, honras, amigos podem dizer
Como te dar felicidade; tu és como o inferno.

Se Félix tivesse se mantido quieto por mais algum tempo, Paulo prosseguiria dizendo-lhe como conseguir alívio para o inferno que começava a queimar em seu peito. No entanto, suspeito de Drusilla naquele momento. Não consigo superar minhas suspeitas de que foi ela quem, de repente, interrompeu o discurso de Paulo e o mandou de volta para sua prisão. Não li que Drusilla tremeu. Minha crença sobre o casal é que, se ela não tivesse sentado ao lado de Félix naquele dia, ele teria sido batizado e Paulo libertado antes que o sol se pusesse. Contudo, Drusilla e suas irmãs levaram muitos feridos para suas sepulturas. Muitos homens fortes foram mortos por eles. A casa deles é o caminho para o inferno, e seus passos descem para as câmaras da morte.

"Vá agora", disse Félix a Paulo, "quando eu tiver um tempo conveniente, vou chamá-lo". Félix nunca se sentou à mesa da comunhão. Contudo, muitos de nós aqui esta noite que sentamos àquela mesa hoje, na verdade, dissemos as próprias palavras de Félix hoje a Deus e às nossas próprias consciências. Muitos de nós trememos à mesa, porém nos recuperamos com esta resolução — que nos arrependeríamos e corrigiríamos nossos caminhos em outro momento. Mais gestos de ação e mais destinatários foram silenciados e esquecidos por conta de um arrependimento adiado do que por qualquer outra coisa. Félix não pretendia, de fato, calar a boca de Paulo para sempre. Ele não intencionava comparecer ao tribunal de Deus da forma que estava naquele dia. E não mais o fazemos. Honestamente, intencionamos viver corretamente e com temperança — depois de algum tempo. Quando estamos em outras circunstâncias. Quando temos outras companhias. Quando formamos outras e melhores relações. Após aquela feliz alteração em nossa vida pela qual ansiamos, você nos encontrará como homens muito diferentes. Quando eu for velho. Não tão velho. Entretanto, quando eu estiver, de alguma forma, mais velho e muito menos ocupado. Terei então tempo para fazer uma oração secreta. Terei então, em minha mesa e perto de minha cabeceira, alguns daqueles livros que meu pastor tantas vezes me pediu para comprar e ler na época da comunhão. Atenderei então a Deus e à minha própria alma. Pobre criatura que se engana! A crueldade e a impureza mataram seus milhares; mas uma vida como a sua, uma vida simplesmente adiando o arrependimento e a reforma matou dezenas de milhares.

Mas Félix, afinal, cumpriu sua palavra até então. Félix realmente chamou Paulo outra vez, e não uma nem duas vezes, mas com frequência, e conversou com ele no palácio. Porém, foi quase melhor que não o tivesse feito, pois era sempre com um motivo ruim em mente. Não foi para ouvir o discurso interrompido de Paulo que Félix mandou chamá-lo. O escritor sagrado é capaz de nos dizer qual foi exatamente o motivo secreto de Félix em dar tantas vezes uma audiência ao Apóstolo. "E*sperando ao mesmo tempo que Paulo lhe desse dinheiro, para que o soltasse; pelo que também muitas vezes o mandava chamar, e falava com ele.*

Mas, passados dois anos, Félix teve por sucessor a Pórcio Festo; e, querendo Félix comprazer aos judeus, deixou a Paulo preso."

(At 24.26-27) E é porque nossos motivos para vir à igreja são tão mistos que os anos que nos permitiram a salvação passam até que alguém mais ocupe nosso banco, e a pregação da salvação para sempre chegou ao fim que nos diz respeito.

Púlpitos e domingos; tristeza perseguindo o pecado;
Aflições classificadas; angústia de todos os tamanhos;
Sem nossa vergonha; dentro de nossas consciências;
No entanto, todas essas cercas, e toda a sua gama,
Um pecado secreto astuto vai embora.[20]

Conheci um homem que veio a uma igreja por conta do deslize de uma garota; outro, como um trampolim, veio em favor de algum grande homem; outro pela vantagem de sua loja; e outro pela chance de um tapete, uma corrente e uma alça esperada para o seu nome, e assim por diante. Félix sentou-se sob a pregação de Paulo porque suas despesas domésticas na Cesareia eram tão grandes, seus recursos tão baixos e suas dívidas tão pesadas. E porque lhe disseram que Paulo tinha amigos ricos o suficiente para pagarem qualquer preço por sua libertação. E quem poderia prever o resultado dos cálculos de Félix, caso César não tivesse tão repentinamente enviado Félix a Roma para prestar contas de sua mordomia; e tudo isso, infelizmente, antes que os amigos ricos de Paulo tivessem tempo de se apresentar. Muitos que dormem no pó da terra devem ressuscitar; alguns para a vida eterna, outros para a vergonha e o desprezo eterno.

É como se o ar puro do céu se afastasse da frequência de Félix à igreja nesta questão de motivo e se voltasse a Paulo. Pois, quando a mensagem real de convocação a Paulo ao palácio lhe foi entregue em sua prisão, qual você acha que foi o primeiro pensamento de Paulo? Ele era um grande homem. Paulo era um homem nobre. Um homem verdadeiro e de coração puro. Paulo nunca pensou em si mesmo. Nunca disse a si mesmo como tudo isso poderia afetar sua libertação e sua liberdade. Por mais queridas e doces que a

[20] Referência ao poema "Sin (I)", de George Herbert. (N.T.)

libertação e a liberdade lhe fossem, essas coisas nunca vieram à sua mente naquele dia. Somente Félix e Drusilla vieram, especialmente Drusilla. Pois Drusilla era judia; filha de Abraão; e o desejo do coração de Paulo e oração a Deus por muito tempo foi para que Drusilla pudesse ser salva. E aqui, nesta oportunidade para ele, estava a resposta à sua oração! E assim foi que, durante todo o caminho de sua prisão ao palácio dela, Paulo pensava apenas naquele casal perverso e miserável, com sua temerosa procura de julgamento. Até que, com o coração cheio de tudo isso, enquanto Paulo era levado à sala de presença, Félix virou-se para Drusilla e, apontando para Paulo, praticamente disse a ela:

A testa deste homem é como uma folha de título,
Prediz a natureza de um trágico volume!
Ele treme, e a brancura em sua bochecha
É mais apta que sua língua para contar sua missão!
Mesmo tal homem
Desenhou a cortina de Príamo na calada da noite.

Foi a pureza dos motivos de Paulo que deu às suas palavras, e toda a sua aparência e maneira, o poder dos últimos dias quando se levantou e falou diante de Félix. Os olhos de Paulo eram únicos naquele momento em que todo o palácio foi preenchido para Félix como se fosse com a luz do próprio grande trono branco. Nenhum outro homem sabe, com alguma ou toda certeza, as motivações de seu vizinho. Ao mesmo tempo, passei a pensar que a pureza dos motivos de um pregador tem muito a ver com o seu sucesso. Nem sempre, talvez; porém frequentemente o suficiente para torná-la uma boa regra para todos nós que somos, ou devemos ser, pregadores. Por exemplo, falando de dois pregadores muito bem-sucedidos que recentemente saíram para prestar contas e colher sua recompensa — Moody e Spurgeon. Sempre atribuí o seu imenso e duradouro sucesso à simplicidade dos seus olhos e à transparência dos seus motivos. Portanto, estou sempre orientando jovens probacionários que pregam em um espaço vazio que leiam o sermão do doutor Newman, intitulado "A Salvação do ouvinte, o motivo do pregador". Sempre lhes digo que este chamado desejado, se for para ser um chamado

de Cristo, estará, em grande parte, em seu motivo naquele dia. Se o pregador faz a congregação desocupada tremer como Félix até eles se esquecerem, esse é o pregador para eles, e esse é o povo para ele. Que todos os estagiários do púlpito estudem a nobre palestra desse mesmo grande escritor, intitulada "Pregação Universitária", e eles vão me agradecer por esta instrução todos os seus dias.

E, agora, para concluir. Não consigo imaginar nenhuma outra noite, em todo o ano, tão conveniente como a noite após um dia de comunhão. Não consigo imaginar nenhuma noite em todo o ano tão aceitável a Cristo e tão bem-vinda ao Seu pai. Nenhum dia e nenhuma noite em que nosso Redentor deseje tanto ver o trabalho de Sua alma. Nenhuma noite em que Ele sinta tanta alegria em ver um pecador arrependendo-se ou um santo voltando. É uma noite especial para iniciantes e é famosa pela restauração das almas dos apóstatas. Esta é a noite, portanto, para todos nós datarmos. Foi naquele dia, naquela noite, quando tivemos Félix, você dirá todos os seus dias na Terra. Meu Senhor me encontrou, você dirá, naquela casa d'Ele e naquela noite d'Ele. Venha, portanto, e faça um novo começo no local. Venha e haverá uma alegria no céu esta noite que não haverá senão para você. Ó! Venha, e que esta casa tenha tal honra no céu daqui em diante, porque este homem e aquele homem nasceram aqui. E, ao dizer isso, não sou eu quem digo. O próprio Jesus Cristo o destaca de toda a congregação e lhe diz, como se estivesse sozinho nesta casa: "Venha! Venha", Ele diz, "e vamos raciocinar juntos". E se você é muito Félix e muito Drusilla; se a sua injustiça, sua intemperança e sua temerosa espera do julgamento são tão terríveis quanto as deles; "*Ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a branca lã.*"*(Is 1.18)* Quem, portanto, nesta noite de comunhão, será apresentado como o bravo homem em Bunyan e dirá àquele que tem o livro, a caneta e o chifre de tinta em sua mão: "Anote meu nome, senhor!" Ao que uma voz muito agradável foi ouvida de dentro, mesmo daqueles que andaram no topo do palácio do rei, dizendo:

Entre, entre,
Glória eterna deverás ganhar.

Então ele entrou e estava com as mesmas vestes com que estavam vestidos. Então Cristão sorriu e disse: Acho que realmente sei o verdadeiro significado para mim desta grande visão, e a verdadeira intenção desta grande Escritura para mim.

CII. Festo

Uma única palavra às vezes imortaliza um homem. "Eu sou o guardião do meu irmão?", foi tudo o que Caim disse. "E o que você vai me dar?", foi tudo o que Judas disse. Uma de suas próprias palavras, às vezes, sem querer, resumirá toda a vida passada de um homem. Um homem, às vezes, descobrirá para nós o seu coração mais profundo, e selará, sobre si mesmo, seu próprio destino eterno, apenas com uma de suas palavras proferidas. *"Porque por tuas palavras serás justificado, e por tuas palavras serás condenado"* (Mt 12.37). E, como Paulo falava assim por si mesmo, *"disse Festo em alta voz: Estás louco, Paulo; as muitas letras te fazem delirar"* (At 26.24). Com aquela única palavra, Festo, desde então, é conhecido por nós tão bem como se o próprio Tácito tivesse escrito um capítulo inteiro sobre Festo. Basta: Festo era aquele procurador romano que dizia em voz alta que Paulo estava fora de si. Essa única palavra, com a sua entonação alta, coloca Festo suficientemente diante de nós.

Seu sempre atencioso e vigilante Senhor cuidou de preparar Seus apóstolos também para tal insulto. O discípulo não está acima do seu mestre, nem o servo acima do seu Senhor. Se chamaram o Mestre da casa de Belzebu, quanto mais chamarão aos que são da sua casa! E a explosão barulhenta e imprópria de Festo teria aturdido Paulo muito mais do que o fez, se ele não tivesse lembrado, naquele momento, que exatamente essa mesma coisa havia sido dita também sobre o seu Mestre. E isso não por pagãos como Pilatos e Festo, mas por aqueles a quem os Evangelhos chamam de Seus amigos. *"E, quando os seus ouviram isto, saíram para o prender; porque diziam: Está fora de si"* (Mc 3.21). E muitos dos judeus, assim que ouviram Seu sermão sobre o Bom Pastor, de todos os Seus sermões, não tinham mais nada a dizer sobre o Pregador além disso: *"Tem demônio, e está fora de si; por que o ouvis?"* (Jo 10.20).

Primento, então, quanto à loucura do nosso próprio Mestre. É claro e indiscutível que, ou Ele estava louco, ou foram eles quem O insultaram. Porque Ele não amou nada do que eles amavam. Ele não odiou nada do que eles odiavam. Não temeu nada do que eles temiam. Nascimento, riqueza, posição e coisas semelhantes, sem as quais outros homens não podem erguer a cabeça; de tudo isso, Ele se esvaziou e tornou-se sem reputação. E, para completar

o contraste e a antipatia, as coisas que todos os outros homens desprezam e lamentam, Ele declara serem as únicas bem-aventuradas. Mansidão sob insultos e injúrias, paciência em meio a perseguições, pobreza de espírito, humildade de espírito, prontidão para servir em vez de sentar-se em honra e comer — essas são as únicas coisas que têm louvor e recompensa do Mestre de Paulo. As coisas, em suma, morreríamos quase assim que as tivéssemos por nossa parte. E as coisas que quase não viveríamos em absoluto ou não possuiríamos, ou esperaríamos um dia possuir, Jesus Cristo absolutamente não se importou com elas. Realmente não. Não era de se admirar que Seus vizinhos e parentes expressassem suas condolências com Sua mãe, que havia dado à luz um filho dessa forma. Não era de se admirar que eles incessantemente trabalhassem com Seus irmãos, até que também disseram: Sim; Ele deve estar fora de Si; deixe-nos ir e segurá-lo.

Paulo chegou tão perto da loucura do seu Mestre quanto qualquer homem já o fez, ou fará neste mundo. Pois o que fez com que Festo irrompesse daquela forma tão indecente foi que Paulo tanto falou quanto agiu sobre a verdade absoluta e eterna das coisas sobre as quais falamos com a respiração suspensa, e apenas fraca e inofensivamente fingindo acreditar. Paulo contava aos seus auditores reais o que ele nunca se cansava de contar; sua conversão imerecida, inesperada e incomparável. Seu modo de vida antes de sua conversão também, quando ele colocou essa mesma palavra na boca de Festo. "Eu estava extremamente 'louco'", disse ele, "contra os santos". E *"Ao meio-dia, ó rei"*, ele disse, *"vi no caminho uma luz do céu, que excedia o esplendor do sol, cuja claridade me envolveu a mim e aos que iam comigo. E [...] ouvi uma voz que me falava, e em língua hebraica"* (Atos 26.13-14) — e assim por diante, até Festo interrompê-lo, como lemos. Agora, se tivesse passado pela metade da experiência de Paulo, também o teríamos acusado de estar fora de si. Ter mãos tão ensanguentadas; ter realizado tal conversão; ter tido, vez após vez, tais visões e revelações do Senhor; e, especialmente, por ter tido tais experiências e realizações na vida divina — certamente, para nós, você estaria fora de si. Tê-lo visto realmente e em tudo contando as coisas, suas melhores coisas, suas próprias virtudes e muitas graças, como se fossem apenas esterco, para que pudesse ganhar a Cristo; por tê-lo visto continuamente crucificado

com Cristo; o que mais poderíamos ter feito de você? De que outra forma poderíamos ter nos defendido contra você, se não o chamando de louco?

No entanto, Paulo teve mais de uma experiência que o fez parecer louco para outros homens. E outra dessas experiências foi sua incomparável percepção do pecado. A pecaminosidade de Paulo em seu próprio coração, quando ele ficava sozinho por um instante com ele, sempre o deixava próximo à distração. Assim como a visão do fantasma levou Hamlet à loucura, a visão do pecado e da morte levou Paulo. E não apenas ele, mas não menos do que o nosso próprio Senhor. Estava quase ao lado do nosso Senhor; Ele mesmo foi uma vez com a visão, com a aproximação e com o contato do pecado. Atenuamos as palavras terríveis e dizemos que Ele estava profundamente surpreso e muito pesado. Porém era muito mais além disso. Um terror pelo pecado, um horror e uma aversão ao pecado apoderou-se da alma do nosso Senhor quando Ele estava prestes a ser feito pecado, até que O levou além de toda experiência e imaginação dos homens mortais. E o servo, em sua medida, também nisso era como seu Mestre. Pois, sempre que os olhos de Paulo eram abertos novamente para ver a pecaminosidade do seu próprio pecado, havia apenas uma outra coisa no céu ou na Terra que impedia seu cérebro de girar em seu globo distraído. E a visão daquela outra coisa só fez com que seu cérebro girasse ainda mais. E assim tem frequentemente acontecido com homens muito menores do que Paulo. Quando nós mesmos vemos o pecado; mesmo uma visão superficial do pecado como Deus, em Sua misericórdia, às vezes nos dá; tanto o corpo quanto a alma cambaleiam e cambaleiam até que Ele tenha que nos segurar com a Sua mão. E se não houvesse uma fonte cheia de outra coisa que não fosse água de rosas, haveria mais pessoas na lagoa do que a mãe dos filhos de Cristão. Que loucura por causa da pecaminosidade do pecado a igreja dos santos de Deus seria se não fosse pelo Seu próprio sangue! E isso continua com Paulo até que ele adquire uma doutrina sobre si mesmo e o pecado, de modo que ele não a pode pregar com muita frequência para grandes pecadores como ele. Com seu coração de textura e sensibilidade tão requintadas, e continuamente transformado em um campo de batalha tão terrível, não é de se admirar que às vezes Paulo fosse simplesmente louco. E por que deveria ser tão

difícil acreditar que pode haver homens, mesmo nesta escória de tempo, que ainda são modelos da mesma coisa para Deus e para si mesmos, e para santos e anjos? Além de si, isto é, com o domínio e a poluição do pecado. Não havia um provérbio nas escolas antigas que abordasse com alguma pungência esse assunto? Está em latim e não posso pegá-lo emprestado no momento. Mas tenho certeza de que há um ditado em algum lugar sobre um grande experimento e uma grande exposição sendo realizada sobre um assunto insignificante e sem valor.

Sou velho o suficiente para me lembrar da época em que a imprensa universal de Londres, liderada por *Punch* e pela *Saturday Review*, semana após semana, zombava, pisoteava, gritava como louco e tentava silenciar o jovem Spurgeon, da mesma forma que Festo tentou pisotear e silenciar Paulo. Entretanto, Punch sobreviveu para prestar uma bela homenagem ao túmulo de Spurgeon. Era verdade para Paulo e para Spurgeon, e será verdade, em sua medida, para todos os ministros que pensam da mesma forma, tal qual para todos os homens verdadeiramente cristãos, o que o velho Matthew Mead diz em seu livro "*O quase cristão*". "Se" diz o velho Matthew, "a pregação de Cristo é loucura para o mundo, então não é de se admirar que os discípulos de Cristo sejam loucos para o mundo. Pois, de acordo com o Evangelho, um homem deve morrer para viver; deve estar vazio quem estaria cheio; deve estar perdido quem será encontrado; não deve ter nada quem deseja todas as coisas; deve ser cego quem iria ver; deve ser condenado quem será redimido. Ele não é um verdadeiro cristão." Acrescenta Mead, "quem não é o tolo do mundo." E, mesmo assim, não! Não estou louco, nobre Festo; mas fale palavras de verdade e sobriedade.

Personagens da Bíblia - Novo Testamento.indd 263 13/11/2021 13:16:39

CIII. Rei Agripa

O rei Agripa era neto de Herodes, o Grande, e havia subido ao trono destruído dos seus pais; ou melhor, ele havia conseguido lascas daquele trono que César permitiu que erigisse. Agripa era um rei, mas apenas em nome. Os judeus, como eles mesmos disseram uma vez, não tinham rei senão César. Ao mesmo tempo, César às vezes, por razões de estado, estabelecia reis falsos sobre certas partes do seu grande império. E Agripa foi um desses simulacros soberanos. Berenice, que aqui encontra-se sentada ao lado de Agripa, era sua irmã. Se mergulhar fundo o suficiente na sexta sátira de Juvenal, descobrirá que Berenice foi mais elaborada naquela peça pungente. Quanto a nós, olharemos em silêncio para Berenice, como faz a Sagrada Escritura, e depois a deixaremos de lado. Porém dê uma boa olhada em seu irmão Agripa. Olhe bem para o rei Agripa, pois ele é o último rei dos judeus que você verá. Houve uma longa linha de reis judeus desde Saul, Davi e Salomão, mas esse é o último deles agora. Os judeus não devem mais ter nem a sombra de um rei. Eles devem ter apenas César, até que deixem de existir. Que cena! Festo, Agripa, Berenice e todo o lugar cheio de soldados romanos e civis, com Paulo acorrentado, como uma espécie de show de férias e diversão para todos eles. Que companhia! Que providência! Que ironia da providência! *"É permitido que te defendas"* (At 26.1), disse o rei ao prisioneiro. E o prisioneiro, após falar por si mesmo, foi conduzido de volta à sua cela para aguardar o resultado do seu apelo a César. Com grande pompa e tudo, o antigo trono de Davi e Salomão é visto desmoronando até o último pó diante dos nossos olhos. Enquanto, amarrado e tudo, Paulo está diante de Agripa estendendo não apenas a sua própria mão, mas a mão do próprio Deus de israel, para o rei Agripa, para a sua irmã Berenice e para a toda a decaída, dispersa e escravizada casa de Israel. Tanto que, quando Paulo foi levado de volta à sua prisão naquele dia, a condenação de Israel foi selada para sempre. Estamos agora diante de uma das cenas mais solenes que já se viu em toda a história da humanidade.

Foi a história maravilhosa da conversão de Paulo e aquela história contada por ele mesmo que impressionou profundamente o rei Agripa e a sua irmã Berenice em Cesareia naquele dia. Repetidamente, temos a maravilhosa história de Paulo fresca em seu próprio cora-

ção. A história era nova e cheia de novas maravilhas para ele mesmo, toda vez que a contava. E nunca deixou de causar uma impressão imensa em todos os tipos de pessoas; como, de fato, acontece até hoje. E não é de admirar. Pois basta olhar para ele e ouvi-lo. *"Quanto à minha vida"*, disse Paulo, estendendo a mão com a corrente, *"todos os judeus a conhecem. Bem tinha eu imaginado que contra o nome de Jesus Nazareno devia eu praticar muitos atos"* (At 26.4,9). Então, como ele fez essas coisas, e como ele ainda as fazia, quando uma voz do céu o atingiu e disse: *"Saulo, Saulo, eu sou Jesus, a quem tu persegues"* (At 26.15). E assim por diante, com sua história maravilhosa, até que Festo só conseguiu livrar-se do encanto gritando que Paulo estava louco. E até Agripa, que conhecia todos esses assuntos muito melhor do que Festo os conhecia, confessou abertamente que, de sua parte, ele acreditava em cada palavra da conversão de Paulo; e, de fato, quase naquele momento sentiu como se estivesse prestes a se converter. *"Por pouco me queres persuadir a que me faça cristão!"* (At 26.28), confessou o rei Agripa. E até hoje nada é tão convincente para nossos corações como a história de uma experiência pessoal na religião. Tanto que, sem esse elemento tão persuasivo, de alguma forma ou em algum lugar em sua pregação, tudo o que qualquer pregador diz ficará aquém de seu poder mais seguro. Mesmo que seu testemunho nem sempre seja transmitido naquela forma autobiográfica e dramática em que Paulo sempre conta sua história; no entanto, a menos que haja algo tanto da convicção quanto da paixão de uma experiência pessoal, tanto o púlpito quanto a caneta estarão muito aquém de seu poder mais completo e persuasivo. A menos que em cada sermão e em cada oração o pregador diga com o salmista: *"Vinde, e ouvi, todos os que temeis a Deus, e eu contarei o que ele tem feito à minha alma"* (Sl 66.16); a menos que se ouça alguma batida do coração como essa, nossos sermões e nossas orações serão mornos; nem frios, nem quentes. "Preguei o pecado com muito bom senso", diz John Bunyan. Que é apenas o seu antigo inglês excelente para grande experiência, grande sentimento e, de fato, grande paixão. E até hoje sentimos as ondas ainda não gastas da paixão do púlpito de Bunyan batendo como um trovão nas costas rochosas de sua *Graça Abundante* e de sua *Guerra Santa*. E, assim como esta narração da experiência pessoal de Paulo foi quase a conversão de Agripa; e assim como esta e outras narrações semelhantes da experiência de Paulo foram não apenas quase, mas totalmente a conversão de Lu-

tero; então, assim como a experiência de Lutero foi a conversão de Bunyan e a experiência de Bunyan; e sua narração incomparável de sua conversão e minha; assim será sempre. "Os criteriosos gostam de originais", diz um autor anônimo. Então eles são. E todos nós estamos entre os criteriosos a esse respeito. E assim são autobiografias originais, diários e narrações dramáticas: Salmos de Davi, Confissões de Agostinho, Sermões de Lutero, Devoções Privadas de Andrewes, Graça Abundante de Bunyan, Fraser, Halyburton, Boston, Spurgeon e outros semelhantes são sempre tão interessantes, perenemente popular e tão fecundo, tanto na conversão na época quanto na edificação e na santificação por muito tempo depois. Que todos os nossos pregadores estendam suas próprias mãos, e não as de outro homem; e que eles respondam por si mesmos em seus próprios púlpitos e por seu próprio povo; e, quer tenham as mãos amarradas ou livres — "Muitas vezes fui ao púlpito acorrentado", diz John Bunyan — Felix, Festus, Agrippa e Berenice entre seus ouvintes serão compelidos, cada um à sua maneira, a confessar a verdade, a autoridade e o poder de todos esses pregadores de uma experiência original e apaixonadamente vivida.

"Os ouvidos de nosso público devem primeiro ser acalmados", diz Quintilian, aquele grande mestre da oratória antiga. E Dante apenas toma emprestado daquele velho mestre quando ele adverte todos os oradores públicos que devem sempre começar esforçando-se para levar cativa a boa vontade de seus ouvintes. Ora, nunca podemos entrar numa sinagoga judaica, nem ficar ao lado dele no tribunal, nem passar por ele enquanto prega na esquina, sem ver e ouvir Paulo praticando a *captatio benevolentioe*[21] das antigas escolas oratórias. E isso não porque ele alguma vez tivesse ido a essas escolas para aprender a sua grande arte, mas simplesmente devido ao seu próprio instinto oratório, cortesia inata e requinte de sentimento. Nenhuma grande urbanidade e nenhuma educação tão boa pode ser encontrada em qualquer lugar em toda a eloquência da Grécia e de Roma. Foi sua cortesia cristã perfeita para com todos os homens, levada junto à sua maciça mentalidade, sua mensagem dominadora e suas experiências incomparáveis — foi tudo isso tomado em conjunto que elevou Paulo ao topo brilhante da eloquência universal. Festo, recém-chegado

[21] Expressão da retórica latina que significa literalmente "conquista da benevolência", muito difundida em todas as literaturas românicas.

dos círculos mais refinados da metrópole do mundo, comportava-se como um rude ao lado de seu prisioneiro. O único cavalheiro perfeito em toda aquela casa naquele dia estava acorrentado, e todos os maus modos e toda a insolência sentaram-se no assento de César. Vamos todos, principalmente os ministros, ter como objetivo ser cavalheiros como Paulo. No púlpito, no Presbitério e na Assembleia Geral; sim, e mesmo que estejamos no tribunal da Assembleia Geral, como Paulo tantas vezes estava; vamos nos comportar lá tal qual ele, na medida em que nosso temperamento natural e refinamento sobrenatural de temperamento vão nos apoiar nisso. Aprendamos a dizer, com efeito: *"Tenho-me por feliz, ó rei Agripa, de que perante ti me haja hoje de defender. Mormente sabendo eu que tens conhecimento de todos os costumes e questões que há entre os judeus; por isso te rogo que me ouças com paciência"* (At 26.2-3). E, quando Festus nos atacar com seu abuso de mente grosseira, aprenderemos a dizer com todo o domínio: *"Não deliro, ó potentíssimo Festo"* (At 26.25). Ou, muito melhor ainda, vamos ficar calados. Passemos em silêncio por Festo e sua brutalidade a Agripa e Berenice, e digamos a eles: *"Prouvera a Deus que, ou por pouco ou por muito, não somente tu, mas também todos quantos hoje me estão ouvindo, se tornassem tais qual eu sou, exceto estas cadeias"* (At 26.29). Estendendo as mãos, "exceto estas cadeias". Linda e nobre, além de toda arte grega e latina. Existe um toque assim novamente no mundo? Que coração! Que ternura! Que delicadeza de sentimento! Quanto ouro não daríamos por um único elo daquelas ligações de ferro naquele dia!

No entanto, Paulo, com todo o seu fascínio, não deve ter permissão para desviar nossa atenção de Agripa. E isso porque Agripa tem lições para nos ensinar esta noite que o próprio Paulo, com toda sua eloquência, e mesmo com sua própria conversão maravilhosa, não é capaz de nos ensinar. E foi assim que Paulo se agarrou a Agripa e não o deixou ir. Foi assim que Paulo se dirigiu ele: então passou por Festo e todo o resto de sua audiência e falou com Agripa com muita franqueza e poder. E Agripa sentiu todo o poder de Paulo, até que ele confessou abertamente que o sentia. Tanto que, quando Festo se esqueceu de si mesmo e irrompeu sobre Paulo de maneira indecente, Agripa se interpôs e disse: "Não apenas Paulo está falando palavras de verdade e sobriedade, mas ele praticamente persuadiu a mim e minha irmã a ficar do lado dele e ser batizado." Contudo, antes de eu

entrar nisso, o que vocês acham dessa cena? Aplicando seu próprio bom senso e sua própria imaginação a toda essa cena, o que vocês dizem sobre isso? Sobre o discurso de Agripa, quero dizer. Agripa falava irônica e debochadamente quando disse que Paulo quase o persuadiu a ser cristão? Ou ele honesta e sinceramente quis dizê-lo? Existe uma divisão de opinião sobre isso. Ele quis dizer que o rei Agripa como era convidado de Festo e irmão de Berenice estava a um fio de cabelo de lançar sua sorte com Paulo e com o Senhor e Salvador de Paulo? Eu, pelo menos, acredito que Agripa foi inteiramente honesto, verdadeiro e sem qualquer malícia no que disse. E que Paulo e Agripa estavam tão perto de apertar as mãos de Festo e de toda a corte naquele momento; tão perto que o fato de não terem feito isso no local torna aquele um dos momentos mais trágicos em todo o mundo. Um momento trágico apenas inferior ao que você perpetrará esta noite, se sentir o que Agripa sentiu, dizer o que Agripa disse, e então ir embora e fazer o que Agripa fez. "Quase" é certamente a palavra mais trágica que já se ouviu falar na terra ou no inferno. E, no entanto, tanto a terra quanto o inferno estão cheios disso. Quase! Quase! Quase! Um atleta corre para o prêmio e quase encosta na trave. Um atirador atira no alvo e ele quase o acerta. Um corredor salta para salvar sua vida sobre uma inundação estrondosa, e ele quase abre o abismo. Um navio está quase dentro do porto quando a tempestade fatal o atinge de repente, até que ele afunda. As cinco tolas virgens estavam quase à tempo. E Agripa e Berenice quase foram batizados, e assim seus nomes quase entraram na Igreja de Cristo. E assim é com alguns de vocês esta noite. Alguns que não estavam, quase estavam, à mesa do Senhor hoje. Você pretendia estar nisso uma vez. Você quase foi persuadido no último período de comunhão. Agora, desça e pergunte a Agripa e Berenice o que fariam se estivessem de volta em sua casa esta noite. Eles tiveram a experiência que você está passando agora e sabem como isso termina. Mas se você descobrir que entre você e eles existe um grande abismo; de modo que aqueles que desejam passar por eles não podem voltar com sua experiência para você. Nesse caso, eu mesmo tive uma experiência não muito diferente da deles, e direi a você com toda a clareza, sinceridade, ansiedade e amor o que acho que você deve fazer esta noite. Não durma; não, nem mesmo vá para casa, até que seu nome tenha sido anotado para a próxima mesa do Senhor.

CIV. Lucas o amado médico

Nós temos em nosso Novo Testamento dois dos livros mais importantes da prática escrita do amado médico de Paulo. E se o estilo é importante nas Escrituras Sagradas, então, por causa do grande afeto de Paulo por seu médico fiel e pelos seus próprios escritos sagrados, sentimos uma grande simpatia por Lucas e devemos a ele uma dívida muito profunda. Para começar, Lucas era o que descreveremos em nosso dia como um aluno muito laborioso e consciencioso, bem como muito cuidadoso e habilidoso escritor. Lucas nos confia imediatamente e nos confidencia que o que o fez pensar em colocar a caneta no papel foi sua profunda insatisfação com tudo o que até então havia sido escrito sobre o nascimento, a infância, a vida pública, o ensino, a pregação, a morte, a ressurreição e ascensão de nosso Senhor. E então, de uma forma profissional correta, esse evangelista se empenha na grande tarefa que empreendeu com tão nobre ambição. Lucas não nos deu o que não lhe custou. Ele não se sentou à sua mesa antes de fazer inúmeras viagens em busca de todos os materiais possíveis. Ele não poupou nenhum tempo, nem dificuldade, nem despesa na coleta de suas contribuições de ouro para o nosso Novo Testamento. O próprio Lucas nunca vira Jesus Cristo em carne, tanto quanto nós sabemos, e os homens e mulheres que o viram e ouviram quando Ele estava na terra ficavam cada vez mais escassos a cada dia. Maliciosa, a morte estava diminuindo rapidamente as fileiras daqueles que haviam visto e lidado com a Palavra de vida, até que Lucas não tivesse um minuto de sobra se fosse interrogar aqueles que realmente viram seu Senhor com seus próprios olhos. José, Maria, Tiago, Simão e Judas, suas irmãs, seus parentes e Seus doze discípulos — tantos deles que ainda estavam em vida —, Lucas expôs e procurou todos antes de se sentar para escrever seu Evangelho. Especialmente Maria. Ela abriu seu coração para Lucas de uma maneira que nunca havia aberto para qualquer outra pessoa. O que foi, eu me pergunto, que abriu o coração de Maria, por tanto tempo selado, a este evangelista? Será que a velhice estava chegando rapidamente na mais favorecida entre as mulheres? Será que ela estava com medo de que morresse de repente qualquer dia com todas essas coisas ainda escondidas em seu coração? Foi isso que ela estava cansada de tolerar e não podia ficar guardado? Foram as palavras dele em seu coração como um fogo ardente encerrado

em seus ossos? Suas palavras eram conhecidas apenas por Deus, pelo Filho d'Ele, Gabriel, José e por ela mesma. Ou foi o grande nome de Paulo, juntamente com algumas de suas grandes epístolas sobre seu filho, que por último destrancou o baú de tesouro do coração de Maria e a abriu, cheia e livre, para o amado médico e secretário substituto de Paulo? Fosse o que fosse, ou como ele conseguiu, temos no Evangelho de Lucas, como em nenhum outro lugar, o todo até agora oculto da história do casamento de Maria, da anunciação de Gabriel, a visita da Virgem a Zacarias e Isabel e também o *Magnificat* de Maria. E tudo para cima e para baixo do seu grande Evangelho e seu suplemento tão inestimável, temos, em cada página dele, novas e abundantes provas da produção e habilidade de Lucas, bem como de sua absorção de amor, primeiro por nosso Senhor e depois por Paulo. Seus prefácios característicos já preparam os leitores para seus novos e inestimáveis materiais, bem como por uma ordem e um acabamento em seus livros de um tipo notável. Há uma autoridade, uma presença de poder e, de fato, uma sensação de alegria em dois prefácios de Lucas, que apenas um descobridor da verdade nova e mais importante e um escritor de habilidade de primeira linha é sempre capaz de transmitir. Investigação exaustiva, escrupulosa precisão, o trabalho mais hábil e cuidadoso, a instrução mais exaltada e a edificação mais segura e frutífera — sim, o estilo é importante.

Tal é a habilidade literária de Lucas, por assim dizer, que ele nos faz ver por nós mesmos, no próprio versículo dos Atos, onde seus materiais deixam de ser tantas coleções e resumos de memorandos quanto lembranças de outros homens. Com o sexto verso do capítulo 20, esse livro notável de uma só vez se torna autobiográfico de Lucas, bem como gráfico biográfico de Paulo. Poderia qualquer coisa ser mais reconfortante ou mais interessante do que ser capaz de colocar o seu dedo no próprio versículo onde termina a terceira pessoa do singular e a primeira pessoa plural começa? Sentimos como se estivéssemos olhando por cima do ombro de Lucas enquanto ele escrevia. Sentimos como se víssemos a mesma ousadia divina naquele momento de tomar posse sua caneta que marca com tão peculiar poder e autoridade a abertura de seu Evangelho. Paulo era como César, e como nosso próprio Richard Baxter a esse respeito, e continuou realizando os trabalhos mais

hercúleos, se não em realidade e doença contínua, então com a doença mais avassaladora a cada momento ameaçando-o e, não raramente, subitamente prostrando-o. E já que a dele era, fora de vista, a vida mais valiosa que estava sendo gasta na face da terra, não admira que as igrejas insistiram que o apóstolo não deveria mais fazer suas viagens sozinho. E, portanto, primeiro um diácono o acompanhou e depois outro, até que fosse considerado indispensável que também tivesse um médico sempre junto. E, em toda a Igreja de Cristo, naquele dia, um diácono melhor para Paulo e um médico melhor não poderiam ter sido selecionados do que apenas o Lucas de quem agora estamos noivos. "Só se lembre," Paulo protestaria com o jovem estudioso e estudante de medicina, "lembre-se bem do que nosso Mestre disse sobre si mesmo em uma ocasião semelhante, — as raposas têm buracos e os pássaros do ar têm ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça". Lucas já era um homem culto e teve sua resposta pronta, e isso fora da Escritura Sagrada também. "*Não me instes para que te abandone, e deixe de seguir-te; porque aonde quer que tu fores irei eu, e onde quer que pousares, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus; onde quer que morreres morrerei eu, e ali serei sepultada. Faça-me assim o Senhor, e outro tanto, se outra coisa que não seja a morte me separar de ti*" (Rt 1.16-17). Até ao esperar seu martírio em Roma Paulo é capaz de escrever assim para Timóteo: "Estou pronto para ser oferecido, e a hora da minha partida esta nas mãos. Demas me abandonou, tendo amado este mundo presente, e partiu em Tessalônica. Mas Lucas, e apenas Lucas, está comigo". "Honrar um médico," diz o Filho de Sirach, "com toda a honra que lhe é devida. Do Altíssimo vem a cura, porque o Senhor o criou. E o curador deve receber honra do rei. A habilidade do médico deve exaltar sua cabeça, e na presença de grandes homens ele será admirado". Lucas decorou o capítulo inteiro, até que, pela graça de Deus, ele teve tudo cumprido em si mesmo, como o amado médico de Paulo e nosso amado terceiro evangelista.

As aulas, tanto literárias quanto religiosas, se oferecem a nós antes de trazermos nosso breve estudo do médico de Paulo para um fim. Mas principalmente as religiosas. Eu não sei se existe qualquer classe de homens em nossos dias, talvez os pastores da religião, que

têm tanto em seu poder, de certa forma, como nossos homens médicos. Considere um jovem médico que acabou de se estabelecer em uma cidade do interior ou em um distrito do país e que é um evento de interesse e oportunidade. Isto é, dificilmente perdendo para o estabelecimento de um bom pastor. Que tipo de homem, eu pergunto, ele é? E que lugar ele ocupará entre nós? Isso será ansiosamente questionado. E se ele imediatamente se liga à Igreja, se ele imediatamente se tornar um Professor da escola sabatina, diácono, presbítero, abstêmio e assim por diante, então como Jesus o filho de Sirach, diz, esse médico será homenageado com toda a honra devido a ele e na presença de todos os homens bons, será tido em consideração. E além de seu estudo e imitação do amado médico de Paulo, todo jovem médico tem sempre ao seu lado a Autobiografia, a *Religio Medici*, daquele grande escritor e grande honra para a profissão médica, o senhor Thomas Browne. E, não apenas sua obra-prima inimitável, mas todos os seus fascinantes livros, farão parte de uma estante rara na biblioteca de qualquer jovem médico. Se Sir Thomas Browne é um deleite incessante para homens de letras como Johnson, Coleridge, Carlyle, Hazlitt e Pater, que deleite para toda a vida e vantagem seria para aqueles que são de sua tão amada profissão, se eles são apenas de sua fé e esperança ainda mais amadas. É delicioso ler sobre as cidades da Inglaterra competindo e disputando para saber qual delas deveria ter jovem Browne para se estabelecer e praticar entre eles: tais eram as suas realizações e tal era seu caráter em seus dias de estudante e em sua primeira vida profissional, e tal era a amplitude e riqueza de sua mente, tomada junto com a pureza e a piedade de seu coração e de seu caráter. A pureza, piedade e verdadeira popularidade estão abertas a todo jovem médico em todos os lugares. “Do Altíssimo vem a cura, pois o Senhor criou o curador. A habilidade do médico exaltará sua cabeça, e na presença de todos os homens ele será tido em admiração”, diz o filho sábio de Sirach.









CV. Onesíforo

Personagens da Bíblia - Novo Testamento.indd 276 13/11/2021 13:16:40

Onesíforo era um ancião na Igreja de Éfeso e um ancião melhor nunca houve lá. Paulo está apenas tomando o retrato de Onesíforo quando diz que um ancião deve ser irrepreensível, vigilante, sóbrio, humilde, dado à hospitalidade, aquele que governa bem sua própria casa, tendo seus filhos em sujeição com toda a gravidade; além disso, ele deve ter um bom relatório dos que estão de fora. Ao todo, uma semelhança impressionante de um homem raro e notável. Paulo foi pastor de Onesíforo por três anos, foram três anos de grande trabalho e grandes sofrimentos da parte de Paulo, e você passa a conhecer bem os mais velhos em três anos como os três anos de Paulo em Éfeso. O escritor sagrado forneceu seus leitores com o discurso de despedida de Paulo aos anciãos de Éfeso. "Você sabe", disse ele, "desde o primeiro dia em que vim para a Ásia, depois como tenho estado com você em todas as estações. Portanto, observe e lembre-se, que pelo espaço de três anos eu não deixei de avisar a cada um de vocês, noite e dia, com lágrimas. E agora, irmãos, eu os recomendo a Deus e à palavra de Sua graça, capaz de edificar e dar uma herança entre todos os que são santificados". E a partir disso ele passa a nos dar a grande cena à beira-mar, quando Onesíforo caiu no pescoço de Paulo e não pôde ser arrancado dali até que o navio quase tivesse partido sem ele. Onesíforo lamentou, acima de tudo, as palavras que Paulo disse, que ele deveria não ver mais seu rosto. E, não admira a tristeza inconsolável de Onesíforo, uma vez que é uma lei universal e absoluta que você ama um homem e não pode se separar dele apenas na medida em que você o amou, lhe fez bem e sofreu por sua causa no passado. Todos os anciãos em Éfeso amavam Paulo e tinham boas razões para amá-lo, mas todos juntos não amavam Paulo como Onesíforo. Pois, foi ele, mais do que todos os seus colegas no presbítero de Éfeso, que manteve o apóstolo vivo durante aqueles três anos de tantas tentações e tantas lágrimas. Muitas e muitas vezes, Paulo teria desmaiado completamente se não fosse por Onesíforo. Foi naqueles comoventes anos dele em Éfeso que Paulo estava pensando quando disse a Timóteo que um ancião deve ser vigilante e hospitaleiro, não um novato. Quer dizer, Onesíforo nunca perdeu Paulo de vista, nem de dia, nem de noite, todos aqueles três anos. "Noite e dia com lágrimas", é o próprio Paulo resumindo seus três anos de ministério em Éfeso. Mas, então, Onesíforo sempre secou as lágrimas mais

rápido do que Paulo derramou, tal era sua vigilância extraordinária e hospitalidade para com ele. Muitas foram as noites em que após um dia cansativo e então uma ceia refrescante, Onesíforo daria este salmo bem selecionado em culto familiar:

Quem semeia em lágrimas, uma época de colheita
De alegria, eles devem.
Aquele homem que, carregando semente preciosa,
Ao sair lamenta,
Ele, sem dúvida, trazendo de volta seus feixes,
A alegria retornará.

Foi daquelas muitas ceias de sábado à noite que Paulo se lembrou e escreveu a Timóteo em sua segunda epístola: "Quantas vezes Onesíforo me revigorou e em quantas coisas ele ministrou a mim em Éfeso".

Agora, antes de deixarmos Éfeso e irmos para Roma com Onesíforo, há uma lição e um exemplo aqui, tanto para os pregadores que desejam imitar Paulo, quanto para os mais velhos que desejam imitar Onesíforo. Todos os nossos pregadores têm suas próprias lágrimas e tentações como o apóstolo. Todos os homens, de fato, têm suas próprias tentações e lágrimas, mas são os pregadores que temos agora em mãos. Eles, além das lágrimas e das tentações que compartilham com todos os outros homens, têm suas próprias e peculiares que levam a toda a vigilância de Onesíforo para descobrir e toda a sua hospitalidade para aliviar. Mas com tudo isso, nenhuma dessas coisas deve mover nossos pastores. Eles não devem deixar nenhuma dessas coisas os moverem além de para trabalhar mais e melhor. Eles não devem deixar o elogio dos homens, nem qualquer coisa que o homem possa fazer por eles, ser importante para eles. Nada deve ser realmente querido aos nossos pastores além terminar seu curso e seu ministério, que recebem do Senhor Jesus, com alegria. Ao mesmo tempo, sempre há muito escopo para Onesíforo, e para toda a sua vigilância, ao lado desses ministérios. Não me lembro de estar, em tantas palavras, na ordenação de nossos juramentos anciãos que eles devem sempre refrescar o coração de seu

Personagens da Bíblia - Novo Testamento.indd 278 13/11/2021 13:16:40

ministro quando quiserem. Mas Onesíforo fez isso por sua própria vigilância de amor, nunca pensando se estava em seu juramento de ordenação ou não. E eu mesmo tenho sido tão bem cuidado como sempre foi Paulo, e muito melhor. Sempre tive eu mesmo, anciãos que, com todas as suas ocupações e preocupações, nunca me deixaram fora de suas mentes vigilantes e corações hospitaleiros. Eu poderia lhe dar seus nomes, e sou tentado a fazê-lo, a fim de dar sentido e autoridade ao que estou agora dizendo. Mas atrevo-me a dizer que todos vocês sabem os nomes desses anciãos. Para anciãos como Onesíforo, não se contentavam em refrescar apenas o coração do pregador; eles cumprem seu ofício sagrado para todo o rebanho sobre o que o Espírito Santo os fez supervisores. O mundo inteiro sabe o nome de Onesíforo e, mesmo em nossos dias tão pouco apostólicos, a casa dele ainda se mantém vigilante e hospitaleira.

Mas tudo isso aconteceu anos e anos atrás. E a esta altura as coisas chegaram a essa passagem com Paulo, que agora está pronto para ser oferecido, e o tempo de sua partida está próximo. Em outras palavras, o apóstolo está prestes a ser levado perante Nero pela segunda vez e todos sabem o que isso significa. Agora, fora dessas circunstâncias, Paulo escreveu estas belas palavras a Timóteo: "Quando Onesíforo chegou em Roma, e estava lá, ele me procurou com toda a maior diligência e sabia que eu estava acorrentado, até que finalmente ele me encontrou". Agora, existem duas interpretações para essas palavras, e você é livre para tomar qualquer uma delas que melhor se recomendem a você. O que acha? Como você é levado a ler esta passagem sobre Onesíforo e sua visita à Roma? Você acha que seria isso? Que Onesíforo, sendo um homem de negócios, tinha alguma missão mercantil para Roma? E então, depois que suas mãos estavam livres daquele assunto e ele pensou que gostaria de ver seu antigo pastor antes que ele voltasse para casa em Éfeso? Ou seu coração se revolta com aquela pobre, mesquinha e desprezível interpretação? Você defende isto: que foi algo muito melhor do que a melhor missão de negócios que trouxe Onesíforo todo o caminho tempestuoso da Ásia à Itália? Não foi mais uma vez para ver seu querido amigo na terra com quem tantas vezes negociou os grandes negócios da alma até que ele tivesse, neste momento, um grande tesouro acumulado no céu? Se algum de vocês deve sua própria alma, ou as almas de seus filhos, a qualquer pastor, que lhe

dê o direito de interpretar essa passagem para nós, e dizer se era um negócio, religião, dinheiro ou amor, que trouxe Onesíforo a Roma perto do fim da segunda prisão. Como todos os outros intérpretes, você entenderá Onesíforo apenas de acordo com o que você mesmo teria feito se estivesse em seu lugar. O que quer que tenha trazido Onesíforo de Éfeso para Roma, não temos nenhuma dúvida sobre o que ele fez antes de deixar Roma e retornar para Éfeso. Paulo pode ser o maior dos apóstolos de Onesíforo, e pode ser tudo isso e muito mais para você e para mim, mas ele era apenas o "Número Fulano de Tal" para o soldado que estava acorrentado noite e dia à mão direita de Paulo. Você não teria conhecido ele de qualquer condenado incognoscível em nossos próprios acordos penais, era simplesmente "Número 5" ou "Número 50" ou "Número 500" ou algum número assim. De um quartel-prisão para outro, Onesíforo procurou Paulo dia após dia, semana após semana, muitas vezes insultado, ameaçado, mal usado, preso e detido, até que só foi libertado após grande sofrimento e grandes despesas. Até que, finalmente, seus braços estavam em volta ao pescoço de Paulo e os dois velhos estavam se beijando e chorando para o espanto de todos os prisioneiros que viram a cena. Que coração nobre Onesiphorus! Nós nos curvamos diante de ti. Que carvão de amor sagrado deve ter queimado em teu seio santo! Ensinou a todos uma lição muito necessária esta noite. Pois, também temos amigos e especialmente no ministério, cujas costas estão muitas vezes na parede, cujos nomes muitas vezes estão sob uma nuvem e que estão abandonados todos os homens que deveriam ter apoiado. Que todos possamos vir a ser do seu vigilante uma família hospitaleira! Que todos nós possamos ter a sua vida inteira e insaciável lealdade a todos aqueles que sofrem por causa da justiça!

Mas agora, meus irmãos, com tudo isso, vamos cuidar muito bem para que o calor de nossos sentimentos presentes sobre Onesíforo não se evapore. Não vamos apenas admirá-lo e exaltá-lo, mas vamos imitá-lo imediatamente. Vamos, como ele, buscar, com toda diligência aqueles que precisam e, principalmente, que merecem nossa simpatia e nosso apoio, suporte. Pastores especialmente. Vamos escrever-lhes uma carta de condolências, fazer uma visita de simpatia, enviar-lhes um presente de simpatia. Vamos, de tais modos como estes, revigorá-los sob suas correntes. Deixe-nos

fazê-los sentir que não são tão esquecidos ou tão abandonados quanto pensam que são. E isso também. Como Onesíforo, também vamos criar nossos filhos para a mesma vida de amor. Vamos, às vezes, levá-los conosco quando fazemos o bem. Deixe-os provar cedo a doçura de fazer o bem. E, especialmente, a doçura e a recompensa de fazer o bem aos sofredores e desmaiados na família da fé. Deixe-nos os levar para visitar alguma velha alma piedosa e solitária que orará as bênçãos dos dias de hoje e do último dia em nossa e em suas cabeças, como Paulo aqui faz. Mande seus filhos ao Hospital Infantil nas tardes de sábado com livros e flores. Mande os mais velhos à Enfermaria e ao Hospital Incurável com os mesmos e outros presentes. E vá você para a prisão como Onesíforo em Roma. E faça isso de uma vez, antes que tudo sobre Paulo e Onesíforo evapore do seu coração e deixe mais difícil do que antes. Pois, se tudo evaporasse do seu coração, teria sido melhor você nunca ter ouvido o nome nobre do ancião. Temos visto esta noite Onesíforo em Éfeso e em Roma, e todos nós o veremos pelo menos mais uma vez; apenas não neste mundo. Devemos todos vê-lo novamente, mas não antes de "aquele dia", como Paulo diz no texto. Tivemos muito pouco tempo para dar a ele e a nós mesmos esta noite, mas não haverá tanta pressa "naquele dia". Por isso será um longo dia. Uma imensa quantidade de negócios divinos terá que ser realizada. Você acha que as contas de todo mundo poderiam ser passadas em um dia como os dias contados até agora? O próprio Deus Onipotente não será capaz de fazer isso em um dia de doze horas. Nem em vinte e quatro horas. E você pode estar certo que Ele não se levantará nem uma vez de Seu grande trono branco até que Ele seja justificado em todos os seus julgamentos. Haverá abundância de horas nesse dia. Haverá toda a eternidade à qual recorrer para compensar esse dia. O sol vai parar assim que ele estiver bem alto e não vai se pôr até que a última ação de misericórdia feita na terra for buscada e sua recompensa transbordada. No despeito de si mesma, sua mão esquerda saberá, nesse dia, tudo que sua mão direita escondeu dele neste mundo: em Éfeso, em Roma e em Edimburgo. Fui levado há alguns momentos para falar a título de ilustração de alguns de nossos próprios Onesíforo-anciãos. E um deles, que muitas vezes atualizava seus ministros, costumava sentar-se lá na galeria da frente. Ainda o vejo enquanto falo. Foi o querido Donald Beith. Ele terá uma surpresa nesse dia. Ele também será descoberto. Não, eu mes-

mo o descobri antes desse dia. E já que ele não está aqui para negar, vou lhe contar. Isso será dito em sua audiência e você vai dizer que já ouviu isso antes em seu tempo aceito e em seu dia de Salvação. Mais de uma noite escura, meu grande amigo enviou seu servo para Fountainbridge para subir uma escada escura, onde uma velha alma piedosa vivia sem comida, roupas ou carvão. O servo tinha ordens estritas para arrumar os pacotes pesados contra a porta, e depois bater e bater até ouvir o velho surdo aleijado rastejando em direção à porta, quando ele deveria escapar escada abaixo e sair para a noite escura como um ladrão foge de um detetive. Donald Beith era um astuto e velho advogado, mas eu o descobri, e você verá com seus próprios olhos, para sua consternação. Que dia de surpresas será! Que dia de salto de todos os tipos de segredos para a luz eterna! Não é de se admirar que Paulo tantas vezes o chame de "aquele dia" e o "dia de Cristo", e muitos outros grandes nomes semelhantes. Que surpresa, surpresa após surpresa, Paulo e Onesíforo chegam nesse dia e todos os homens furtivos e bastidores gostam de Donald Beith. Eu acho que vejo Paulo, Onesíforo, Donald Beith, e seu Amigo de Fountainbridge, todos nos pescoços um do outro nesse dia, com seu Salvador sorrindo para eles ao ver o trabalho de Sua alma neles e proclamando que Ele está satisfeito. Ó! meu Deus, que eu esteja entre eles nesse dia; tanto eu como todos aqueles que me deste! O Senhor me conceda também para que eu e eles possamos encontrar misericórdia do Senhor nesse dia!

Personagens da Bíblia - Novo Testamento.indd 283 13/11/2021 13:16:40

CVI. Alexandre o latoeiro

Existem algumas questões mais interessantes e importantes dos estudos do Novo Testamento e santificação do Novo Testamento, relacionadas com Alexandre, o latoeiro de Éfeso. E a primeira dessas questões é esta: temos, em nosso presente texto, as mesmas e idênticas palavras que Paulo escreveu em seu pergaminho para Timóteo? Temos as expressões literais e exatas, e discriminações de expressões que Paulo tão diligentemente empregou? Nós conseguimos os próprios humores e tempos, tanto na gramática quanto na moral, que estavam na mente e no coração no momento em que escreveu esses dois versos tão difíceis sobre Alexandre? Essa é uma pergunta muito interessante, importante e, de fato, indispensável. Apenas, a resolução dessa questão deve ser deixada nas mãos de quem, sozinho, é capaz de lidar com tais questões. Mas, entretanto, uma pergunta e uma lição da maior importância que enfrentamos se impõe aos iletrados e ignorantes de nós. Esta pergunta e lição são isto: suponha que Paulo pensou, sentiu e escreveu sobre Alexandre como nossa versão literalmente lê, o que devemos fazer? Somos livres para seguir Paulo e fazer o que ele aqui faz? Somos livres para execrar e denunciar os homens maus e entregá-los para serem recompensados de acordo com suas obras? Somos livres e é nosso dever maldizer os julgamentos de Deus sobre aqueles que nos fazem muito mal e que resistem à obra de Deus que foi entregue em nossas mãos? Toda uma controvérsia dos estudos e da moral do Novo Testamento surgiram em torno deste texto a respeito de Alexandre, o latoeiro. Mas, pegando o texto exatamente como ele foi colocado em nossas mãos esta noite, o que somos capazes de fazer? O que conseguiremos tirar desta noite para a nossa orientação amanhã e para cada dia que vivemos na terra?

A primeira vez que encontramos Alexandre, ele é um judeu de Éfeso e astuto orador para uma multidão agitada. Na próxima vez que nos encontramos com Alexandre, ele pensava ser do seu interesse ser batizado e visto abertamente ao lado de Paulo. Mas isso não acabou sendo tão útil para o latoeiro como esperava e é assim que ele é descoberto a seguir por nós como tendo feito o naufrágio completo da fé e de uma boa consciência. E, então, como nenhum homem é assim implacável com você como um renegado completo de você, não havia homem, entre os muitos inimigos de Paulo, que

tanto o odiavam, e então o caçaram, como apenas esse Alexandre, o latoeiro.

Para voltar ao seu início, Alexandre teve a tentação de que ele era preparado por natureza para ser muito mais do que um mero latoeiro, pois era muito inteligente e cativante com suas palavras. A menos que você seja um homem de coração muito único e uma consciência muito sã, é grande tentação para você poder, em um momento de comoção pública, falar de modo a influenciar a multidão oscilante e comandar seus aplausos e seu apoio. Você cresce em uma onda de popularidade tal e faz uso dela para o seu principal fim na vida. Muitos foram os discursos inteligentes que o latoeiro fez durante seus dias de batismo também; os cristãos apresentando-o para falar, enquanto os judeus não o faziam quando ele era um deles. Mas, o vento trabalhando em volta e se posicionando fortemente em outra direção, o próprio latoeiro também instantaneamente obedecia à lei do galo do tempo que havia feito com suas próprias mãos e tinha prendido no telhado de sua oficina; pois, como sua criatura de cobre fez, assim o fez ele diante dos céus variáveis daqueles dias agitados. E é assim que, quando Paulo está prestes a se afastar de todos os seus falsos amigos e todos os seus inimigos implacáveis da mesma forma, o apóstolo escreve esta advertência muito necessária para seus jovens e sucessores inexperientes, e diz: "*Alexandre, o latoeiro, causou-me muitos males; o Senhor lhe pague segundo as suas obras. Tu, guarda-te também dele, porque resistiu muito às nossas palavras*" (2 Tm 4.14-15). Alexandre fez Paulo e sua apostólica trabalharem muito mal e isso não por ignorância e fanatismo, mas por pura malícia absoluta. Às vezes, a malícia é comprada e vendida no mercado aberto. Às vezes, um homem precisa de dinheiro e ele vai escrever cartas ou fazer discursos para você, desde que você pague melhor. Mas a malícia genuína é um artigo diferente disso. Não há como chegar ao fundo de uma malícia real, original e inestimável. Seu fundo não está aqui. Seu o fundo está no poço sem fundo. A menos que Alexandre se defina, não, a menos que Deus leve Alexandre a buscar em seu próprio coração as raízes de sua malícia contra Paulo, nenhum outro homem pode chegar perto de compreender ou acreditar na profundidade, na força e na malignidade da má vontade de Alexandre. Ao mesmo tempo, Paulo e o outros apóstolos não podiam deixar de ver tão claro quanto o dia, e

todos os dias, a má vontade de Alexandre e a malignidade dela, imposta à sua dolorosa experiência contínua. Alexandre seguia Paulo aonde quer que ele fosse envenenando as mentes e corações de todos os homens a quem sua língua ou caneta tinham acesso. Uma de nossas últimas e melhores autoridades pensam que Alexandre até seguiu Paulo para Roma e fez o possível para envenenar Nero e sua corte ainda mais contra ele. Mas, se ele fez aquela viagem maliciosa e supérflua ou não, Alexandre certamente fez Paulo, seu bom nome e sua obra divina todo o mal que seus grandes dons de fala e caneta podiam servir. Não era de se admirar que a constante presença de Alexandre e sua malícia implacável e insone eram uma prova quase grande demais para Paulo suportar. Tão estudadas, sistemáticas e persistentes foram as palavras e atos malignos de Alexandre.

Agora, certamente não pode haver dúvida quanto ao dever de Paulo para com Timóteo nesse caso. Paulo estaria pecando, tanto contra Timóteo quanto contra o Evangelho, se ele não tivesse levado este e o advertido contra a malignidade de Alexandre. É verdade que Timóteo ainda não havia sofrido como Paulo com o latoeiro. Alexandre ainda não havia seguido o seguido e envenenado os poços em todos os lugares contra ele. Mas para preparar Timóteo para o que ele poderia esperar, e seria certo de encontrar, Paulo disse-lhe, com toda a clareza e toda dor, o que sua experiência de Alexandre e sua malícia tinha sido. Agora o que você diz? O que você faz? Suponha que um homem como Alexandre, o latoeiro, tenha surgido em sua comunidade e esteja fazendo o mesmo trabalho novamente, sob os seus olhos todos os dias, o que você faz nesse caso? Você se contenta em desprezar e detestar em seu coração o homem que faz o mal? Não deveria preferir pegar algumas de suas cartas e discursos mais perversos e apontar para as grandes lições que se acumulam em tais coisas? Malícia e deturpação são menos importantes apontar em um jovem entrando na vida do que gramática ruim e composição desleixada? Existem estudos em pura malignidade todos os dias, assim como os estudos de estilo; e um professor de moral deve tratar um tipo como um professor de letras sempre trata o outro. Por que devemos ser tão cuidadosos em apontar solecismos e composições descuidadas aos nossos jovens e passarmos batido por malícia estudada, deturpação, perversão e supressão da verdade? E a malícia, também, que não é limitada e localizada em

seu alcance como era a malícia de Alexandre em seus dias, mas que tem todos os recursos de civilização em nossos dias para espalhá-la no exterior. E recursos também tais que Alexandre e sua semente podem fazer seu trabalho perverso em nossos dias fora de vista e ninguém sabe quem eles são até o dia do julgamento.

Mas, de longe, nossa lição mais importante de Paulo e Alexandre ainda está por vir. Apenas, essa lição nos leva de volta à questão anterior. Paulo sentiu em seu coração, entreteve e expressou a Timóteo toda a raiva e ressentimento que é expresso no texto? Paulo realmente disse: "*O Senhor lhe pague segundo as suas obras.*" (2Tm 4.14) Se ele fez ou não, isso não faz diferença para nós. Mesmo que o fizesse, nunca devemos fazê-lo. Se outro Alexandre surgisse em nossos dias, sim, e fizesse todo o mal para nós e ao nosso trabalho, nunca devemos dizer o que Paulo é feito aqui para dizer. Paulo foi colocado por Alexandre no último julgamento e na mais dolorosa tentação de um coração apostólico e santificado. E é a última espada de dois gumes que perfura a divisão da alma e do espírito em nós, não para perdoar o insulto e as injúrias feitas a nós mesmos, mas perdoar a Alexandre por tudo isso quando ele faz isso para a Igreja de Cristo. O próprio Cristo terá que ser formado em você e terá que viver em você, pensar, sentir e escrever em você, antes que seja capaz de amar aquele homem mau e de lhe fazer o bem. Mas quando Jesus Cristo verdadeiramente habita em você, então nenhuma maldição e nenhuma vingança; nada além de bons votos e boas palavras, jamais escaparão de seus lábios ou de sua caneta. É por isso que homens maus como Alexandre vivem entre nós. Dos homens, isto é, que não seriam tentados por qualquer prova menos espiritual do que raiva e ressentimento contra os inimigos, são enviados para escola, não para Davi em seu leito de morte, nem para Paulo em sua prisão, mas para Jesus Cristo em Sua Cruz. Quem, quando foi injuriado, não o injuriou novamente; quando Ele sofreu, não ameaçou; deixando-nos um exemplo, que devemos seguir. Certa vez, perguntei a um amigo meu que havia sido submetido a mais injúrias do que qualquer outro homem de sua terra e dia, como ele pensava, se outro o homem que havia sofrido ainda mais injúrias poderia continuar com seu trabalho público sob tal uso diabólico. "Oh! disse ele, "Fulano sempre vive na *facie eternitatis*". E nada além da proximidade da eternidade, e ainda nada além

do elogio ou da culpa de tais homens como Alexander; nada, a não ser a presença constante de coisas como essas poderia apoiar Paulo e manter seu coração quieto e doce sob a malícia e maus-tratos de um homem tão perverso como o latoeiro. O rosto da eternidade e a proximidade da eternidade o fará. O rosto e a proximidade dela, a face e a proximidade do Senhor da eternidade, isso bastará.

Se, então, isso é alguma corrupção no texto, como os estudiosos chamam; ou alguma corrupção remanescente no coração de Paulo, como ele mesmo chamou, eu não sei. Mas o que sei é que é a essência, a concentração e o núcleo de toda corrupção em meu coração, quando detecto novamente eu mesmo odiando este homem e aquele homem pelo amor de Deus. Muito após eu ser capaz de perdoar esse homem e aquele homem pelo que ele disse ou fez contra mim, sou compelido a gritar: "Desventurado homem que sou!" tão frequentemente quanto desprezo e detesto, ou desejo de ouvir sobre a mágoa de Alexandre, ou de qualquer um de seus descendentes generalizados. Devo nem mesmo me permitir dizer: A vingança é minha, retribuirei, diz o Senhor. Não, devo antes dizer: "Deixe Vossa vingança recair sobre mim. Porque eu sou uma decepção para a ambição de Alexandre. Eu tenho sido uma provocação e uma ofensa a ele de muitas maneiras. Ele tropeçou e quebrou comigo. Não estou isento de culpa por seu naufrágio de fé e boa consciência". William Law teria orado ainda mais por ele tarde todas as noites, de acordo com a prática ao longo da vida desse grande homem: "Se você orar para um homem com bastante frequência, fervor e suficientemente em segredo, não poderá deixar de amar aquele homem, mesmo que fosse Alexandre, o latoeiro. Podem ser os filhos de seu Pai que está nos céus; pois Ele fez Seu sol levantar-se sobre maus e bons, e faz chover sobre justos e injustos".

Mas todas as questões de corrupções no texto, e no coração de Paulo, vemos parte de Paulo quando está indiscutivelmente no seu auge e no seu melhor. E ele está em seu ponto mais alto e melhor no versículo seguinte a seus dois versos infelizes sobre Alexandre. "*Ninguém me assistiu na minha primeira defesa, antes todos me desampararam. Que isto lhes não seja imputado*" (2Tm 4.16). Paulo está em seu melhor nisso; pois não é Paulo quem diz isso, mas é Ele falando em Paulo que, quando também foi abandonado, disse: "*Pai, perdoa-lhes*" (LC 23.34). "Eu sou crucificado com Cristo", diz

Paulo quando está no seu melhor. *"No entanto, eu vivo: ainda não eu, mas Cristo vive em mim: vive em mim* e perdoa Alexandre, o latoeiro, em mim: *e a vida que agora vivo na carne, vivo pela fé do Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim."* (Gl 2.19-20)

Personagens da Bíblia - Novo Testamento.indd 291 13/11/2021 13:16:40

CVII. Paulo estudante

Paulo não nasceu na Terra Sagrada como Jesus Cristo, Pedro, Tiago ou João. Mas tinha orgulho de sua terra natal, como deveria ser, pois Tarso era uma grande cidade, entre as maiores. Assim como Atenas, Corinto, Éfeso. Mas Tarso, em certos aspectos, era ainda maior que essas. Jerusalém ficava sozinha, assim como Roma, enquanto Tarso era marcada como a Metrópole do Leste e sua fama não era disputada. Uma imensa indústria foi desenvolvida nas oficinas da cidade e grandes importações e exportações eram feitas nos portos. Os célebres homens de Tarso eram fabricantes e comerciantes; eram homens educados e de condutas refinadas. Porém, o pai de Saulo não era um dos célebres homens de Tarso. Ele era da dispersão hebraica e vivia com o suor de seu trabalho naquela cidade industrial grega. Portanto, seu filho Saulo conhecia muito melhor as indústrias do que as escolas ou universidades. Saulo de Tarso era nascido com talheres de prata tanto quanto Jesus de Nazaré, seu futuro mestre. Era uma das leis notáveis daquele povo notável que era esperado que cada pai fosse realmente obrigado a enviar seu primeiro filho a uma escola e só depois a uma oficina. Ricos e pobres se reuniam na mesma escola; e ricos e pobres, semelhantemente, iam da escola para um ofício honesto. Rabino José virava o moinho. Rabino Judas era padeiro. E, podemos acrescentar, Pedro e João. E assim por diante: lenhadores, costureiros de couro, ferreiros e carpinteiros. Foi assim, portanto, que Paulo mostrou as mãos ao púlpito e, diante da cela do prisioneiro, disse: "Essas mãos, como vê, estão cheias de calos e cicatrizes, pois desde sempre ministram minhas necessidades, e daqueles que dependiam de mim".

Saulo de Tarso, assim como Timóteo de Listra, conhecia as Escrituras Sagradas desde criança. Desse modo, sem dúvidas, foi encontrado após sua morte entre seus velhos pergaminhos, uma Tabela de Regras e Regulamentos para sua conduta na faculdade em Jerusalém, tão boas quanto as Regras de William Law para sua conduta na faculdade em Cambridge; regras melhores não haveriam. Mas há uma possibilidade nos dias de estudante de Saulo em Jerusalém que faz nosso coração bater forte só de pensar. "E a criança cresceu", lemos em uma biografia contemporânea, "e fortaleceu-se em espírito, repleta de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele. Agora seus pais iam a Jerusalém todos os anos no banquete

da páscoa judaica. Quando ele tinha doze anos, foram para Jerusalém depois do costumeiro banquete e, depois de três dias, encontraram-no no templo, sentado em meio aos mestres, ouvindo-os e fazendo perguntas". Gamaliel quase certamente era um desses fantásticos mestres; e quem o levou, um dos melhores estudantes, ao templo para explicar a páscoa naquele dia? E o jovem carpinteiro de Nazaré e o jovem tecelão de Tarso trocaram olhares de simpatia e apertos de mão de amor naquele dia ao portão do templo? Eu acredito que assim o fizeram. "Há providências desse tipo na Mente Divina?" Perguntou um de seus estudantes ao Rabino Duncan um dia. "Sim e Não", foi a resposta do velho mestre.

A primeira instrução, como penso, destinada a nós de um aluno de Saulo é isto: que as melhores mentes de cada geração devem estudar para o ministério cristão. Talvez a mais refinada das mentes que nasceu perante os homens desde o início do mundo entrou nos estudos de teologia do Antigo Testamento quando Saulo de Tarso sentou-se aos pés de Gamaliel. E a mente madura e veloz de Saulo será necessária agora. Pois, um trabalho estava diante daquele menino tecelão de Tarso, perdendo apenas para o trabalho que estava diante daquele menino carpinteiro de Nazaré, embora em segundo lugar por um intervalo infinito. Ao mesmo tempo, não havia outro trabalho predestinado a um mero mortal que fosse igual ao trabalho pré-ordenado deste menino tecelão. Pois, até depois de o Cordeiro de Deus dizer qual Sua tarefa — estava finalizada! Quão inacabado e incompleto seria o nosso Novo Testamento se não fosse pela vida e pelo trabalho do Apóstolo Paulo. Havia uma harmonia pré-estabelecida por toda a eternidade entre o trabalho de Jesus Cristo e a mente e o coração de Paulo, Seu apóstolo. Nenhum outro sujeito no mundo todo, a não ser a Pessoa Divina e o trabalho redentor de Jesus Cristo, poderia ter proporcionado uma saída, uma oportunidade e um escopo tão adequado para a mente magnífica de Paulo. Enquanto que, por outro lado, a lei de Deus e a cruz de Cristo seriam até hoje um mistério semirrevelado se não fosse a revelação de Deus por Seu filho Paulo e se não fosse pela capacidade intelectual e espiritual de Paulo em receber essa revelação, expô-la e pregá-la. Todo aquele que lera a Epístola de Paulo com os olhos focados em seu entendimento da luz, e com seu coração em chamas, deve ter exclamado continuamente: "Que

presente para um homem é uma mente ideal, e totalmente dada a Jesus Cristo!". Deixemos nossas melhores mentes devotarem-se ao estudo da cristandade então. Outro sujeito pode, ou não, estar exausto, outros chamados podem, ou não, estar superlotados, mas há bastante espaço na vocação mais importante de todas, e há um interesse cada vez mais aberto e cada vez mais profundo nisso. Não é uma surpresa, então, que é uma tradição universitária, na Escócia, que as mais refinadas mentes entrem, desde sempre, na *Divinity Hall*. As outras caminhadas e vocações da vida humana irão recompensar e precisam das melhores mentes, mas é preciso que deixem o serviço de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo ser preenchido primeiro. Para anotar a Ilíada, o Simpósio ou a Comédia; para construir e administrar um império; para comandar uma batalha pela liberdade por mar ou por terra; para criar e legar negócios excelentes e enriquecedores; conduzir um jornal influente; para ser reitor de uma grande universidade, e assim por diante — esses são grandes serviços feitos pela nossa geração quando temos o talento, o caráter e a oportunidade de fazê-los. Mas para ser mestre como Paulo; para anotar, ilustrar e trazer de volta para a casa de dez mil leitores, os gálatas, os Romanos ou Colossenses; para ter olhos para ver o que Israel pode fazer e a paciência e coragem de liderar uma igreja de modo que tudo aconteça; para alimentar a mente e o coração de uma congregação do povo de Deus e depois partir para ter com Cristo — deixemos que as maiores mentes e os corações mais ricos e profundos em cada nova geração percebam, enquanto são jovens, e digam: "Senhor Jesus, o que tens para a minha vida e quais talentos Tu me confiastes?".

E, então, o melhor de todos os chamados sendo escolhido, melhor será sua mente, e quanto melhor for seu coração maior será o lucro em empregar a própria palavra de Paulo sobre si mesmo, isso será feito pelo verdadeiro aluno. Por um lado, quanto melhor sua mente mais trabalhador, via de regra, o estudante da divindade será. E a mais absoluta produção neste departamento supremo de estudo é simplesmente imperativa e indispensável. Um estudante nada produtivo de divindade deve ser expulso do *Hall* assim que é descoberto se intrometendo nele. Com fome de seus livros e com votos e juramentos de trabalho para o céu, o jovem Saulo partiu de Tarso para Jerusalém! Nossos melhores alunos vêm até nossos

assentos de divindade com corações emocionados e agradecidos, e são apenas os que têm tal coração que podem entrar na mente, no coração e na imaginação de Saulo enquanto ele desceu das Oliveiras, entrou em Jerusalém e viu seu nome finalmente escrito em no rol de Gamaliel dos filhos dos profetas. Gamaliel não teria problemas com Saulo, a menos que fosse para lhe fornecer livros e responder às suas perguntas. "Em toda a minha experiência, nunca tive um estudioso como Saulo de Tarso", Gamaliel costumava dizer. E os colegas de classe de Saulo diriam todos os dias que ajuda e que proteção era estar ao lado de Saulo. "Entramos na classe do regente aquele ano", escreve James Melville em seu delicioso diário: "e ele assumiu a obra de Aristóteles, 'Lógica', conosco. Ele tinha um menino que o servia em seus aposentos, chamado David Eli Stone, que, entre trinta e seis acadêmicos tantos éramos na classe, era de longe o melhor. Este menino que ele fez esperar por mim e conversar comigo, foi bom para mim, pois seu gênio e seu julgamento passou do meu. Na multiplicação de proposições, na conversão de silogismos, no *pons asinorum*, etc., ele era tão versado quanto eu ao contar meus dedos. Isso, eu considero uma causa especial de agradecimento". E o jovem Saulo de Tarso seria apenas mais um David Elistone na escola de Gamaliel. E você, estudante de divindade de Edimburgo, deve ser tão produtivo e bem-sucedido quanto Saulo foi em Jerusalém, ou Elistone em St. Andrews. Tem muito mais razão. Tem professores muito melhores, e uma perspectiva muito melhor, do que Saulo jamais teve. Você não está eternamente pré-ordenado, de fato, a escrever a Epístola aos Romanos ou Epístola aos Efésios. Mas você é escolhido, chamado e matriculado para fazer a segunda melhor coisa. É chamado para dominar essas obras-primas de Paulo, de modo a viver experimentalmente sobre todas elas sua vida de estudante e então, deve ensiná-las e pregá-las ao seu povo e melhorar todo o seu púlpito e vida pastoral. Deve trabalhar com as mãos, se for preciso; você deve vender sua cama, se necessário, como Coleridge ordena, para comprar Calvino nos Romanos, Lutero nos Gálatas, Goodwin nos Efésios, Davenant nos Colossenses, Hooker na Justificação e "a palavra final do assunto", o *Evangelho da Santificação de Marshall*; e deve economizar suas horas inestimáveis e irrecuperáveis para tais estudos, assim como comparecer no dia da avaliação de um estudante de divindade. Deve alimentar o seu povo, quando os tiver comprometido com Cristo para vosso

encargo, com o mais fino do trigo. E irá se aprimorando ao longo da vida até que seu povo orgulhoso se glorie em Deus sobre você, assim como o orgulhoso povo de Anwoth se gabava do grande gênio, grande erudito, teólogo, pregador e pastor, Mestre Samuel Rutherford. "Dê atenção à leitura", era a antiga reminiscência de Paulo em seus dias de estudante, na forma de um conselho ao jovem Timóteo. "Paulo não perdeu seu deleite com os livros, mesmo quando estava próximo da morte", diz Calvino. E eu mesmo devo tanto aos bons livros que não posso me conter neste assunto enquanto tiver um único aluno sentado diante de mim. Tive mil vezes a experiência de ler os bons livros de Thomas Boston. "Eu dobrava meus livros. Após estudar seriamente eles, senti meu coração começar a ficar melhor. Sempre penso que minha saúde e meu coração estão melhores à medida que leio meus livros." Mas você pode me corrigir e dizer que Paulo não poderia ler os grandes livros que Thomas Boston aplicou para sua própria Salvação e para a Salvação de seu povo em Simprin e Ettrick. Bem, então, mais ainda, use a sua Bíblia pura como Paulo e Timóteo fizeram e seu lucro, como o lucro deles, em breve aparecerá para todos. Usando sua Bíblia, seu lucro logo aparecerá no seu estilo, tanto falado quanto escrito. Aparecerá na imponência das Escrituras e na sagrada ordem de suas orações no púlpito também. Aparecerá na força, na profundidade e na espiritualidade, a experimentação e o frescor perene de seu ensino e de sua pregação. "Paulo conhecia seu Antigo Testamento tão bem", diz Dean Farrar em sua esplêndida obra "Vida de São Paulo", "que suas sentenças são constantemente moldadas por seus ritmos e seus pensamentos são incessantemente coloridos por suas expressões".

Mas, o tempo todo — e nos assusta e confunde ouvir isso —, Saulo estava vivendo na ignorância e na incredulidade. São suas próprias palavras de remorso, escritas por sua própria caneta muito tempo depois: ignorância e descrença. A melhor das mentes, a melhor educação, produção sem sono, a vida sem culpa e tudo o mais: com tudo isso, os antigos apóstolos estremecem ao olhar para trás em seus dias de estudante de ignorância e descrença. O que ele quer dizer com isso? Estranho que seja, e é bom todos nós pensarmos nisso, ele nos declara, em todas as suas páginas autobiográficas, que todo o tempo em que ele se sentou aos pés de Gamaliel, e por muitos anos desastrosos depois disso, estava na mais absoluta

e dolorosa ignorância da lei de Deus. Mas isso só aumenta nosso espanto absoluto. Pois, não era a lei de Deus que Gamaliel abriu sua escola para lecionar? O que diabos, pergunto de novo, Paulo pode querer dizer? Você tem alguma ideia do que o apóstolo quer dizer quando fala, com tal vergonha e tanto remorso ao longo da vida, que, em todos os seus dias em Jerusalém e Gamaliel, estava cego e morto em sua ignorância da lei de Deus? O que pode, talvez, nos ajudar a uma compreensão do que significa, é se tentarmos montar e ficar ao lado dele nas alturas resplandecentes de seu exaltado apostolado e, então, olhemos para trás, em seus dias de estudante e fariseu em Jerusalém. Pois, foi apenas na lei de Deus que Paulo depois se tornou tal mestre. Era apenas a completa abolição de sua ignorância da lei de Deus que o colocava tão acima até mesmo do pilar-apóstolos, em sua ignorância remanescente. Era apenas a lei de Deus que ele raciocinou e debateu com eles, bem como ensinou e pregou com um sucesso incomparável em todas as sinagogas de Damasco a Roma. Era seu tratamento incomparável da lei de Deus que primeiro se revelou a ele e à arrebatada Igreja de Cristo, a teologia única do genial apóstolo filosófico e toda a originalidade, profundidade, abrangência e apreensão de sua mente incomparável. Um mundo absolutamente novo de coisas foi aberto para a Igreja Apostólica quando Paulo voltou da Arábia com a revelação completa da Lei e o Evangelho em sua mente, coração e imaginação. Era em Paulo, e na lei de Deus na pregação de Paulo, que nosso Senhor disse quando o levou para a Arábia: "*Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora. Porém, quando Ele, o Espírito da verdade, vier, irá guiá-lo em toda a verdade*" (Jo 16.12-13a) E então, depois desses três anos lendo, meditando, orando, descobrindo a lei, descobrindo a si mesmo e descobrindo Cristo, Paulo voltou a Damasco, carregando em sua mente e em seu coração os mínimos detalhes da doutrina do Novo Testamento, com gritos de graça! graça! até ele. Era a mente imperial de Paulo, alada como estava, com sua maravilhosa imaginação, que primeiro varreu, cheia de olhos, toda a história do Antigo Testamento e viu, de baixo para cima e de cima para baixo, todo o mistério oculto das economias do Antigo Testamento, desde a criação do primeiro Adão até a descida do segundo Adão pela justa mão de Deus. "Eu, o primeiro dos homens mortais, pensei os pensamentos do Criador depois d'Ele ", exclamou o grande descobridor astronômico quando caiu de joelhos

em seu observatório. E o ótimo descobridor de todo o mistério de Deus, na Lei e no Evangelho, deve ter, muitas vezes, caído e proferido a mesma exclamação. Suas revelações, descobertas, realizações e experiências são preservadas para nós em um Novo Testamento tão profundo, axiomático e muito esclarecedor, de proposições, ilustrações e expressões autobiográficas como estas: "A lei *entrou para que a ofensa pudesse abundar. Pela lei vem o conhecimento do pecado. A lei opera a ira. Sem ela, o pecado estava morto. Eu estava vivo sem a lei uma vez. Estou vendido sob o pecado. A lei é nosso mestre-escola para nos conduzir a Cristo. Pelas obras dela, nenhuma carne será justificada. Mas agora não somos mais sob a lei, mas sob a graça.*" (Rm 5.20, Rm 3.20, Rm 4.15, Rm 7.8, Gl 3.24, Gl 2.16). E assim por diante, através de todos os Gálatas e Romanos, e, na verdade, em todas as epístolas. Sim, senhores, vocês podem estar esta noite com ignorância absoluta de tudo isso como o apóstolo uma vez esteve; mas, eu lhes digo, ainda reside escopo e oportunidade em tudo isso para as suas mais eruditas, mais lógicas e mais filosóficas mentes, e para sua mais eloquente, impressionante e prevalecente pregação, até que vocês ascendem por si mesmos e, em seguida, liderem seu povo até este ápice de ouro do apóstolo sobre a lei, sobre Cristo e concernente a si mesmo em Cristo — este clímax dourado: "*Pois eu através a lei morreu para a lei, a fim de viver para Deus. Estou crucificado com Cristo: não obstante, eu vivo; ainda não eu, mas Cristo vive em mim: e a vida que eu agora vivo na carne vivo pela fé do filho de Deus, que me amou e me deu Ele mesmo para mim.*" (Gl 2.19-20)

CVIII. Paulo preso por Jesus Cristo

Na primeira vez que vemos Saulo de Tarso, ele está silenciosamente consentindo com a morte. Porque o feroz jovem fariseu não teve um papel muito mais ativo no martírio de Estevão, não sabemos; só podemos adivinhar. Que um jovem fanático do temperamento de Saulo tenha se contentado em ficar quieto naquele dia e apenas manter as roupas das testemunhas que apedrejaram Estêvão, faze-nos perguntar o que isso significava. No entanto, começando com seu consentimento silencioso à morte de Estêvão, Saulo logo continuou planejando e perpetuando as ações mais terríveis por sua própria conta. "Quanto a Saulo, ele destruiu a Igreja entrando em todas as casas e trazendo os homens e mulheres e os colocando na prisão. O que também fiz em Jerusalém; e muitos dos santos que eu fechei na prisão, os puni frequentemente em cada sinagoga e os compeli a blasfemar. Além da medida, eu persegui a Igreja de Deus e a desperdicei. Eu era um blasfemador, um perseguidor, e era prejudicial." E foi assim que Saulo realmente foi ao sumo sacerdote em Jerusalém, e desejava cartas a Damasco, às sinagogas, que se ele tivesse encontrado uma maneira, fossem eles homens ou mulheres, ele poderia trazê-los com destino a Jerusalém. E, consequentemente, nessa missão, do portão de Damasco para Jerusalém, ele cavalgou com um bando de policiais do templo atrás dele. Além de Getsêmani, além do Calvário, onde ele balançou sua lança na face do Crucificado e chorou, Aha, aha! Vós enganador! e postado em expirar ameaças e massacres contra os discípulos do Senhor.

"Cinge Tua espada sobre Tua coxa, ó Poderoso, com Tua glória e Tua majestade. Tuas flechas são afiadas nos corações dos inimigos do rei, pelo que as pessoas caem sob Ti!" (Sl 45.3,5). E assim foi que, enquanto Saulo viajava e se aproximava de Damasco, de repente, brilhou sobre ele uma grande luz do céu. Ele caiu por terra e ouviram uma voz que lhe dizia: "Saulo, Saulo, por que me persegues?" Os olhos dele eram como uma chama de fogo e Sua voz como o som de muitas águas. De Sua boca saía uma espada afiada de dois gumes e seu semblante era como o brilho do sol em sua força. Levanta-te, vai à cidade, e ser-te-á dito o que tu deverás fazer. E Saulo se levantou da terra, e eles o levaram pela mão e trouxeram-no para Damasco. Ele ficou três dias sem ver, não comia nem bebia. Ana-

nias entrou na casa onde Saulo estava deitado e, colocando as mãos sobre ele, disse: "Irmão Saulo, o Senhor e Jesus, que apareceram no caminho por onde veio, me enviaram para que recebas a sua vista e ser cheio do Espírito Santo". E imediatamente caiu de seu olhos, como se fossem escamas, e ele imediatamente viu, se levantou, e foi batizado. "Saulo de Tarso, eu lhe batizo em nome do Pai e do Filho, e do Espírito Santo". E houve grande alegria na presença dos anjos de Deus sobre a conversão e o batismo de Saulo de Tarso. Agora, é a rapidez da conversão de Saulo que seria a primeira coisa que nos chama a atenção. Foi literalmente, e em suas próprias palavras, uma "apreensão". "De repente", é sua própria palavra sobre isso, sempre que ele nos diz repetidamente a história sempre nova de sua conversão. Todo o assunto da conversão é um ótimo estudo para aqueles que estão pessoalmente interessados no supremo de todas as experiências dos seres humanos. Existe uma mão divina em cada conversão; existe Soberania nisso; ocorrendo dentro de um homem, há, ao mesmo tempo, tal mistério e uma importância tão transcendente que não há nada, na face da Terra, que se compare a uma conversão. E, então, existem tantos tipos de conversão. Tantos modos, ocasiões e circunstâncias. Algumas conversões são tão repentinas, inesperadas e completas quanto as de Saulo foram; e algumas são a própria lentidão. Outras são tais que o próprio momento e lugar podem ser apontados posteriormente; enquanto outros homens estão todos os seus dias sujeitos a dúvidas só porque a mudança veio tão fácil que não foi possível observá-la. Eles nasceram do Espírito antes de poderem distinguir o bem do mal, ou discernir entre sua mão direita e sua mão esquerda. Um bom sermão será a ocasião de uma conversão, um bom livro de outro e uma palavra sábia falada no devido tempo de outro. Ouvindo um hino cantado, como foi o caso numa noite de sábado nesta mesma casa; ouvir um verso lido, como foi o caso de Santo Agostinho. Só procurar um pouco numa árvore seca fará isso às vezes, como foi o caso com o irmão Lawrence. Esperançoso, viu Fiéis reduzidos a cinzas; Christiana lembrou-se de todas as carruagens rudes para ela e o marido; e Misericórdia chegou bem a tempo de ver Christiana fazendo as malas. Suas conversões vieram para o doutor Donne e para o doutor Chalmers muito após serem pastores e, depois de sua conversão, quase tarde demais, aqueles dois grandes homens tornaram-se os maiores pregadores de seus dias. Um homem de negó-

cios estará em seu caminho para o escritório na segunda de manhã e ele poderia deixar você ver até hoje a mesma vitrine, passando pela qual, na Princes Street, ele foi preso. "Eu estava noivo e ela morreu", disse um jovem comunicante para mim em uma ocasião. "Foi a grosseria da minha patroa", disse uma criada. Assim como estou escrevendo estas linhas, esta carta me chegou: "Quando o Senhor abriu meus olhos, a visão que eu vi me quebrou completamente. Tentei trabalhar direito, até que virou a tarefa mais difícil que já tentei. Mas não cederia até que Ele me levasse pela gola do casaco e me segurasse sobre o inferno. Oh! senhor, foi uma época terrível! Meu senso de pecado me deixou meio louco. Mas continuei derramando meu coração em oração!". E então meu correspondente passa a me dizer o nome do livro feito como bênção para ele. Então, ele pede que seus erros de grafia sejam perdoados e assina-se como titular de um cargo na Igreja de um de meus amigos. Mas você irá repassar por si mesmos todos os casos de conversão de que já ouviu falar, ou leu sobre, e verá por si mesmo o quão cheio de todos os tipos de individualidade, variedade e intensidade de interesse é o trabalho de conversão, assim como Misericórdia em "*O Peregrino*", você se apaixonará pelo seu.

Alguns homens adiam a conversão porque não têm noção do pecado. Mas olhe para Saul. Que senso de pecado ele tinha? Nem um átomo. Ele era um velho e um Apóstolo maduro para o céu antes que seu pleno senso de pecado voltasse para ele. Não estava gemendo o sétimo dos romanos quando galopava no topo de sua velocidade em seu caminho para Damasco. Uma sensibilidade para o pecado tão primorosa e tão espiritual como a do apóstolo nunca veio a qualquer homem a não ser após longos anos de mais sagrada vida. Para noventa e nove em cem, mesmo de homens verdadeiramente convertidos, nunca vem. Como poderia? Ao mesmo tempo, quem sabe? Sua conversão, tanto em sua presente insensibilidade quanto em sua espiritualidade subsequente, pode ser do mesmo tipo que a de Paulo, se você apenas se submeter imediatamente a isso. Aceite sua conversão oferecida, vá para casa e aja imediatamente sobre ela, e confie no Espírito Santo para o seu senso de pecado. E se você pertence à mesma semente mental, moral e espiritual que Paulo de Israel, seu senso de pecado, ainda assim, virá a você com uma vingança. E, uma vez que comece a vir, nunca irá parar, até

que você quase será levado para fora de si com isso. Por outro lado, sua conversão pode não ser de partir o coração. Você pode não ser segurado no inferno aberto pela gola do casaco como meu amigo que soletra mal; sua experiência pode ser como a de Lídia. Como a dela, a sua conversão pode invadir seu coração em uma noite, numa reunião de oração, — seja de qualquer tipo que seja, aceite quando e onde for oferecido a você. E se a sua conversão for do tipo certo e mantiver você no devido tempo e devida ordem, obtenha seu ajuste e parte adequada dessa graça salvadora, da qual você diz que está tão completamente vazio esta noite.

Mas não apenas Saulo não tinha nenhum senso de pecado para prepará-lo para sua conversão: não teve preparação nem aptidão para sua conversão, de qualquer espécie. Não trouxe nada em suas mãos. Veio exatamente como estava. Não tinha nenhum fundamento. Pobre, miserável, cego; visão, riquezas, cura da mente. Leia sua história três vezes contada e veja se há alguma lição mais clara, ou mais direcionada para você em tudo isso, do que apenas o inesperado, o despreparo e a plenitude no local da conversão de Saulo. Com sua fé instantânea e plena, sua confiança infantil, sua total segurança e sua pronta e inquestionável obediência. Sim, é apenas a soberania absoluta, rapidez surpreendente, total despreparo, indignidade total e plenitude gloriosa da conversão de Saulo que, em conjunto, torna-o um estudo e, em alguns aspectos, um modelo de conversão para você e para mim.

Há outra lição que nos foi contada três vezes, como se para ter certeza de que não devemos perder nem confundir. Saulo obteve sua conversão dessa derrota no caminho para Damasco, enquanto todos os seus companheiros só tiveram alguns hematomas, e o transtorno completo de sua missão fora disso. Os oficiais do templo tiveram cada um sua própria história para contar quando retornaram sem nenhum prisioneiro a Jerusalém: nenhum deles precisava ser conduzido pela mão para Damasco e nenhum deles foi batizado por Ananias, mas Saulo apenas. Tudo isso escrito para o nosso aprendizado. Pois, a mesma coisa acontecerá aqui esta noite. Um será Saulo de novo e aqueles que estão sentados ao lado dele serão os seus companheiros novamente. Alguém irá direto para casa após este serviço e nunca terá a conversão repentina e inesperada de Saulo fora de sua mente, sendo um padrão tão divino sua própria

conversão. "*E os que estavam comigo, viram de fato a luz, e ficaram atemorizados, mas não ouviram a voz daquele que falava comigo. E eu disse: O que farei, Senhor? E o Senhor disse-me: Levanta-te e vai a Damasco, e lá te será dito todas as coisas que te é ordenado fazer*". (At 22.9-10)

"É uma armadilha preparada para nós" disse Ananias. "*Senhor*", disse ele, "*já ouvi de muitos destes homens, quanto mal ele fez aos Teus santos em Jerusalém. E como ele veio aqui com autoridade para ligar todos os que invocam o Teu nome. É uma armadilha preparada para a nossa destruição*" (At 9.13-14). "*Vai à rua chamada Direita*" (At 9.11), disse o Senhor, "e se tu não o encontrares em oração, então é uma armadilha porque tu a temes." A marca da conversão de Saulo, que silenciou Ananias, foi essa que Saul tinha três dias e três noites em jejum e oração, sem cessar. "*Eis que ele está orando*" (At 9.11), disse Cristo, orgulhoso da perfeição e do sucesso da conversão de Saulo. Jesus Cristo, com Seus olhos como uma chama de fogo, definiu que marca secreta na sua conversão e na minha? Ele aponta você para os Seus anjos e santos simpatizantes no céu esta noite, como Ele apontou Saulo e para Ananias? Como sua conversão resiste ao teste da oração secreta? "*Eis que ele está orando*" (At 9.11), disse Cristo. E oração incessante, tanto por si como por todos os seus convertidos, permaneceu para ser a marca, o símbolo e o selo de Paulo até o fim de seus dias.

O melhor expositor, de longe, que já levou as epístolas de Paulo ao púlpito, disse que o apóstolo nunca caiu em uma única inconsistência após sua conversão. Agora, com toda a submissão, não posso aceitar isso, mesmo sobre Paulo, mais do que eu poderia aceitar sobre qualquer outro homem que já foi convertido. Que nunca caiu em uma única inconsistência só poderia ser dito sobre um homem; e nunca falamos sobre Sua conversão. Mas, o próprio fato de que o mais profundo pregador disse isso sobre Paulo mostra-nos que esplêndida, completa e consistente a conversão de Paulo deve ter sido. Como deve ter sido meticuloso na época; e quão sagrado em toda a maneira de andar e de conversação Paulo deve ter vivido. Falando aqui por mim, e não me aventurando a falar por nenhum de vocês, quando leio algo como isso, e uma coisa dita por um mestre em Israel como era quem disse isso, e então olhar para minha própria vida à luz de buscar isso, eu sinto como se nunca pudesse

ter me convertido de fato até agora. A menos que isso também seja uma marca certa de uma verdadeira conversão, que vi ser registrada com incomparável poder por esse mesmo mestre em Israel — que é uma marca certa de uma verdadeira conversão, que nenhum homem jamais entende o que a inconsistência realmente é até que ele seja convertido. Estar totalmente isento de ofensas, como Paulo disse de si mesmo; ser totalmente consistente em tudo era uma das marcas da conversão de Paulo. Mas, então, me sentir cheio aos lábios de ofensa: ver e me sentir o homem mais incoerente de todos é, por esta mesma alta autoridade, oferecido a mim como uma marca de minha conversão, tão boas para mim quanto as magníficas marcas de Paulo foram para ele. "A desproporção de homem" é uma das passagens mais prostradas de Pascal; e a ofensiva, a inconsistência e desproporção do meu coração e da minha vida são as mais prostradas de todas as minhas experiências. Na verdade, nada nunca me prostrou, para ser chamado de prostração, como essas experiências. Ao mesmo tempo, afinal, a verdade em seu fundo mais profundo é esta. Que ambas as coisas são verdadeiras para Paulo e para sua conversão. Paulo estava em um e no mesmo momento, e em um e na mesma matéria, tanto a mais consistente, quanto a mais inconsistente de todas dos convertidos de Cristo. Ele era o mais inocente e o mais culpado; o mais proporcional e o mais desproporcional de todos os homens cristãos. Tal era a santidade de sua vida e tal era a espiritualidade de sua mente e coração. E ambas experiências, tomadas em conjunto, combinam-se para constituir a mais completa e abrangente marca de uma conversão perfeita. Agora, tudo isso, e muito mais do que tudo isso, combinam-se para tornar a conversão de Paulo a mais importante e a mais maravilhosa conversão em todo o mundo. E, ainda assim, não. Há uma outra conversão, há muito tempo de Paulo, que será, para você e para mim, por toda a eternidade, bastante eclipsar em relação à conversão de Paulo, e irá, até mesmo, lançá-la nas sombras.

Personagens da Bíblia - Novo Testamento.indd 307 13/11/2021 13:16:40

CIX. Paulo na Arábia

Tão logo Paulo foi batizado por Ananias, ele imediatamente partiu para a Arábia, em vez de voltar para sua casa em Jerusalém. Viera para Damasco com cavalos e servos como um príncipe, mas partiu sozinho para a Arábia como Jacó, com sua equipe. Enfim, tudo o que ele levou consigo foram seus pergaminhos e algumas compras que fizera na rua chamada "direita". Alguns daqueles simples instrumentos que os fazedores de tendas usam quando precisam ministrar às suas próprias necessidades eram tudo o que Paulo levava ao começar, da porta de Ananias, sua longa e solitária viagem à Arábia.

O que levou Paulo tão imediatamente a um lugar tão longe quanto a Arábia, isso nós só podemos adivinhar. Se fosse simplesmente uma reclusão completa que ele estava procurando, certamente poderia ter garantido essa reclusão muito mais perto de casa. Mas, de alguma maneira, Sinai parece ter atraído Paulo para sua terrível solidão com uma irresistível atração e força. Pode ter sido um desejo antigo dele, formado aos pés de Gamaliel, algum dia para ver o Monte de Deus com seus próprios olhos. Ele pode ter dito a si mesmo que deveria esconder-se de uma vez naquela fenda antes de se sentar para o trabalho de sua vida no assento de Moisés. "Eu preciso ver Roma", ele disse ao fim de sua vida. "Preciso ver Sinai", ele também disse no início de sua vida. E, assim que foi batizado na casa de Ananias em Damasco, Paulo imediatamente partiu para a Arábia.

Olhe para aquela fraca presença corporal. Mas, ao mesmo tempo, não o julgue por sua aparência externa, pois ele carrega Agostinho, Lutero, Calvino e Knox em seus lombos fecundos. Naquele estranho solitário que você está olhando agora, e em sua semente, todas as famílias da terra serão abençoadas. Olhe em seus olhos compreensivos à medida que começam a ser iluminados. Olhe para ele com o coração todo ligado, incendiado. Veja-o enquanto ele desenrola seus pergaminhos em cada poço de beira de estrada e bebe do riacho pelo caminho. Sua palavra é mais para mim do que meu alimento necessário, e seu amor é melhor que o vinho!

Que anos foram aqueles três que Paulo passou na Arábia! Nenhum outro senhor recebeu um dos seus novamente com tal usura como quando Paulo entrou na Arábia com Moisés, os profetas e os

salmos em sua mochila, e voltou de Damasco com os Romanos, os Efésios e os Colossenses em sua boca e em seu coração. Que livro incomparável espera para ser escrito naqueles três anos imortais na Arábia! Após aqueles 30 anos de preparação em Nazaré, não sobrou outra oportunidade para qualquer pena santificada, como aqueles três anos de revelação na Arábia. Apenas vai exigir tudo o que está dentro de um escritor ao estilo de Paulo, para prepará-lo para seu esplêndido empreendimento. Vai exigir, e isso retribuirá, todo o seu aprendizado, todo o seu intelecto, toda a sua imaginação, toda sua pecaminosidade e toda a sua salvação. Apenas para nos dar um único sábado fora dos 150 sábados no Sinai — que revelação para nós isso seria! Seria algo assim, apenas mil vezes melhor. Quando, pela primeira vez, você se apaixonou; quando, pela primeira vez, seu coração cativado o fez como as carruagens de Ammi-nadib[22]; o mundo inteiro estava cheio de um nome para você. Não havia nenhum outro nome para você em todo o mundo. Cada pássaro cantou esse nome. Cada rocha ecoou com esse nome. Você escreveu esse nome em todos os lugares. Você lê esse nome em todos os lugares. Amou todos e tudo por causa desse nome. Era algo assim entre Paulo e Jesus Cristo. Só que era muito melhor na época de Paulo e Jesus Cristo, e foi muito mais duradouro com eles do que com você. Lutero, que era um amante quase tão grande de Jesus Cristo quanto Paulo, tem isso repetidamente sobre Paulo e Jesus Cristo. "Jesus Cristo nunca saiu da boca de Paulo. Na verdade, não há nada nem ninguém, agora e sempre, na boca de Paulo a não ser Jesus Cristo e Sua cruz." Isso é literalmente verdade. Afinal, tão frequentemente quanto Paulo abre seu Moisés na Arábia e encontra o lugar que está procurando, ele não pode ver o lugar quando o encontrou para Jesus Cristo. Jesus Cristo está entre Paulo e tudo. Para Paulo, ler, meditar e orar é Jesus Cristo. Tanto é assim que, quando ele encontra o lugar no primeiro verso do Gênesis, ele imediatamente vai com a palavra e exclama até que todos os árabes em torno possam ouvir seu êxtase, o mistério! Ele exclama, que do começo do mundo foi escondido em Deus, que criou todas as coisas por Jesus Cristo. E com isso: "*Haja luz!*" (Gn 1.3). Por Deus, ele exclama novamente, quem ordenou que a luz brilhasse nas trevas, brilhou em nossos corações no rosto de Jesus Cristo. E será que Adão explodiu

[22] Esta é uma transliteração da expressão hebraica presente em Ct 6.12 (N.R.T.).

em sua doxologia de noivo — *"Isso agora é osso do meu osso e carne da minha carne!"* (Gn 2:23) — do que Paulo adiciona instantaneamente, Um homem! Mas eu falo sobre Cristo e Sua Igreja. E antes que ele deixasse o primeiro Adão, obteve tal revelação do segundo Adão que os coríntios tiveram muitas gloriosas manhãs de sábado nos dois "Adões" da Arábia muito depois. E, novamente, assim que Deus fala em aliança com Abraão sobre sua semente, então Paulo imediatamente anota que Ele diz não às sementes comuns, mas como *a* semente, que é Cristo. Mas, em tudo que Moisés escreveu, não havia nada que Paulo gastasse tanto tempo e força como sobre o concernente ao pai dos fiéis — que Abraão acreditava no Senhor, e isso foi imputado a ele pela justiça. Agora, disse Paulo, raciocinando para si mesmo sobre essa revelação, então raciocinando para nós: não foi escrito por causa de Abraão apenas, mas por nossa causa também, a quem será imputado, se crermos naquele que ressuscitou Jesus, nosso Senhor, dos mortos; que foi entregue por nossas ofensas e ressuscitado para nossa justificativa. E assim por diante, ter passado um único sábado com Paulo no Sinai teria sido quase tão bom quanto caminhar naquela hora da noite para Emmaus. Assim, Paulo descobriu o Filho de Deus na Arábia: então teve o Filho de Deus revelado a ele em Adão, em Abraão, em Moisés, em Davi e em Isaías, mas, e o que é o melhor de tudo, no próprio Paulo.

Então veio o primeiro dia de jejum de Paulo na Arábia. Ele nunca saiu dos salmos naqueles dias que ele observou Sinai tão solenemente. Até que seu Davi estava como o Lutero de John Bunyan, tão velho que estava despedaçando-se se o virasse. Mas ele sempre o folheava em tais épocas sacramentais, até que voltou àquele grande salmo de autoexame, onde o encontrou escrito a respeito de si mesmo: "*Estas coisas fizeste, e eu me calei. Porém pensei que eu fosse totalmente tal como tu. Mas eu te reprovarei, e ponha-os em ordem diante de ti"* (Sl 50:21). E assim foi, pois lá estavam eles, colocados em ordem diante dele, e passaram em ordem diante dele e de Deus. As almas de todos os homens, mulheres e crianças que ele arrastou para a prisão e obrigou a blasfemar e matou à espada. Então, quando se escondeu na rocha fendida — como o Nome do Senhor surgia em sua mente, e como Moisés também, ele se apressava e abaixava a cabeça para o chão e dizia: "Toma-me por um de Teu povo." E Deus revelou novamente Seu Filho em Paulo, de uma

forma e em um grau que não é possível para Paulo dizer a tais leitores impenitentes e despreocupados como nós somos. Então, muito acima daqueles terríveis pecados de sua juventude, havia a agonia absolutamente indescritível que veio sobre Paulo da restante cobiça e consequente malícia de seu coração, e como seu coração estava cada vez mais abatido sob a crescente e penetrante espiritualidade da santa lei de Deus. Uma agonia que às vezes ameaçava deixar Paulo completamente fora de si. Nas rochas do Sinai, os pastores às vezes vinham com o mesmo suor de sangue que os jardineiros tinham no Jardim do Getsêmani. Pois era na Arábia e estava sob o Monte de Deus, aquele chifre de tinta apostólico de Paulo foi primeiro preenchido com aquela tinta de Deus, com o qual ele muito tempo depois escreveu que tão pouco entendia sua escrita, que chamamos de Sétimo dos Romanos. Escrita pouco compreendida; e com razão! O apóstolo voltou da Arábia para Damasco, após três anos de ausência, absolutamente carregado com todos os tipos de doutrinas, direções e exemplos para nós e para a nossa Salvação, se apenas os entendêssemos e recebêssemos. Instruções e exemplos dos quais este é um dos primeiros. Essa solidão, a mais completa e não curta solidão, era a única coisa que Paulo determinou a garantir para si mesmo imediatamente após sua conversão e seu batismo. E temos um exemplo ainda melhor de tudo isso do que até mesmo Paulo. Pois, com Seus 30 anos não invadidos, mal era aquele "glorioso eremita" batizado; então Ele foi embora e levou 40 dias para Si mesmo antes de começar Sua vida pública. "Um dia" — acontecimentos a respeito d'Ele, um de Seus servos que amava a reclusão também, e colocava isso para algum propósito —

"Um dia depois caminhou sozinho, o Espírito guiando,
E seus pensamentos profundos, para melhor conversar
Com solidão; até longe do rastro do homem,
O pensamento seguindo o pensamento, e passo a passo conduzido,
Ele entrou agora na fronteira com o deserto selvagem,
E, com tons escuros e rochas ao redor,
Suas sagradas meditações assim prosseguidas."

E assim é que a Sagrada Escritura está em toda parte tão cheia de separação e solidão: de alojamentos no deserto e de portas fe-

chadas na cidade, de madrugadas e vigílias noturnas solitárias, dos dias de sábado e feriados, e todos os asilos de retiro espiritual.

Descendo para a Gehenna e subindo ao trono,
Ele viaja mais rápido, quem viaja sozinho.

Mas a principal razão do apóstolo para nos falar sobre a Arábia é esta: provar para nós, e para nos impressionar, que não eram cidades, faculdades e livros que fizeram dele o que se tornou na época. Foi o próprio Deus quem fez Paulo, o apóstolo, ele foi feito. "*Eu não conferi carne e sangue*" (Gl 1.16), ele protesta. Ele tinha livros de fato, como vimos, sempre teve. Tinha o melhor dos livros, sempre teve. Mas até mesmo Moisés, Davi e Isaías são apenas carne e sangue comparados a Deus. Até a Graça em si é apenas carne e sangue comparada a Cristo, diz Thomas Shepard. E Paulo é cuidadoso e exato, acima tudo, para deixar claro para nós que não foi só o próprio Deus que imediata e conclusivamente revelou Seu Filho em Paulo; mas também que era o Seu Filho que Deus revelou. Jesus Cristo se revelou a Paulo já no portão de Damasco, mas a revelação de Deus de Seu Filho na Arábia foi uma revelação de muito mais do que Jesus Cristo a quem Paulo estava perseguindo. Pois este na Arábia é o Filho Eterno e coigual de Deus. E isso não apenas feito carne e feito pecado: não apenas como crucificado, ressuscitado, exaltado e glorificado; mas como Ele tinha sido antes de tudo isso, e durante tudo isso, e após tudo isso. Foi o Filho Essencial e Eterno de Deus: foi o mais profundo, mais completo e a revelação mais culminante possível de Seu Filho unigênito; aquele Deus, em tamanha graça e verdade, feito em Paulo na Arábia.

Em mim, diz Paulo, na minha mente mais profunda e no meu coração mais profundo: na minha própria alma e força mais íntima. E foi assim que Paulo pagou duas mil revelações, além de uma infinidade de revelações menores que surgiram daquelas duas que marcaram época e que tanto as aperfeiçoaram quanto as aplicaram. Aquela revelação grandiosa e marcante feita no caminho para Damasco, e feita imediatamente por Jesus Cristo, a quem Paulo naquele momento perseguia. Uma revelação divinamente adequada a todas

as circunstâncias. Uma revelação exterior, que prende, que domina, tomando posse de todos os sentidos corporais perseguidores, e assim cercando e apreendendo todos os passes em sua alma. O outro, feito dentro e sobre a alma pura e nua de Paulo, e completamente separada do emprego de seus sentidos em sua alma. Uma revelação impossível para descrever adequadamente. Uma revelação feita por Seu Filho, mais interiormente, mais profunda, mais penetrante, mais possuidora da alma: a maior ampliação da alma, mais edificante e mais sustentadora, mais segura, mais satisfatório, mais santificante; intelectual, espiritual, experimental, evangélica; renovada e totalmente transformadora: cheia de verdade, cheia de amor, cheia de segurança, cheia de santidade, cheia da paz de Deus, que excede todo o entendimento. Jesus de Nazaré apareceu a Saulo, o perseguidor, como já havia aparecido a Maria Madalena, e para os dez discípulos, e para Tomé. Mas Deus Pai revelou Seu Filho no apóstolo Paulo, como Ele nunca o revelou antes, e como Ele nunca havia revelado desde então para homem mortal. Quer dizer, com uma plenitude e com uma finalização, que tornou todas as revelações subsequentes de Deus sobre Seu Filho, apenas superficiais e parciais, ocasionais e intermitentes. Não que precise ser assim. Não que deva ser assim. Afinal, se nós apenas nos entregarmos a Deus e a Seu Filho, como Paulo se entregou, nós também, sem dúvida, em breve colheremos nossa recompensa. A apreensão e a compreensão de Paulo do Filho de Deus e o serviço de Paulo ao Filho de Deus permaneceram, até hoje, de longe, a primeira, a melhor, a mais completa, a mais final e a mais frutífera revelação de Seu Filho que o Deus Todo-Poderoso já fez em qualquer um dos filhos dos homens.

Personagens da Bíblia - Novo Testamento.indd 314 13/11/2021 13:16:41









CX. Paulo visita Jerusalém para ver Pedro

Mas coloque-se você no lugar de Paulo. Suponha que nasceu em Tarso, foi levado aos pés de Gamaliel em Jerusalém e manteve as roupas dos carrascos de Estêvão. Pense em você como um blasfemador, perseguidor e injurioso. Então se imagine apreendido por Cristo Jesus, conduzido pelo Espírito para o deserto da Arábia e voltando com todos os seus ossos queimando dentro de você para pregar Jesus Cristo, e Ele crucificado. Mas, o tempo todo, você nunca viu seu Mestre em carne, como Seus 12 discípulos O viram. Ele esteve por 30 anos com sua mãe, suas irmãs e irmãos na Galileia. Então Ele esteve por três anos com os 12 e os 70. Mas Paulo nasceu fora do tempo. E foi assim que subiu para Jerusalém para ver Pedro. Paulo tinha um grande desejo de ver Pedro e falar sobre tudo isso antes de começar sua pregação. E você teria o mesmo ótimo desejo, e eu também.

Ao mesmo tempo, mesmo com a perspectiva de ver Pedro, deve ter exigido muita coragem da parte de Paulo para enfrentar a Judeia e Jerusalém novamente. Para enfrentar as viúvas e órfãos dos homens que ele matou nos dias de sua ignorância e descrença. As próprias ruas de Jerusalém ainda estavam molhadas com aquele sangue inocente. Liderado por Pedro, Paulo sentou-se à mesa do mesmo Senhor e comeu o mesmo pão e bebeu o mesmo vinho, com velhos e jovens comungantes, que ainda não haviam tirado suas vestes de luto por causa de Paulo. "*Entregue-me da culpa de sangue, ó Deus, ó Deus da minha salvação. Então vou ensinar aos transgressores Teus caminhos. Faça o bem em Tua boa vontade a Sião; construir tuas paredes de Jerusalém*" (Sl 50.13-16). E foi assim que, até o fim de seus dias, Paulo foi sempre fazendo cobranças para aqueles mesmos pobres santos que estavam em Jerusalém. Paulo teria aposentado cada um deles de seu próprio bolso se fosse capaz. Mas como poderia fazer isso com uma agulha e uma tesoura? E assim foi que ele implorou incessantemente pelas famílias sem pai que ele havia feito órfãs na Judeia e em Jerusalém. E foi assim que, até o fim de seus dias, Paulo foi sempre fazendo cobranças para aqueles mesmos pobres santos que estavam em Jerusalém. Agora, se algum de vocês já fez alguma mulher viúva, ou qualquer criança órfã, ou fez qualquer coisa que desse um remorso desse tipo, não fuja do país. Você não pode fazer isso e não precisa tentar. Permaneça onde está.

Volte para o lugar. Volte sempre na imaginação, senão fisicamente. Faça o máximo que puder para reparar o irreparável que fez há muito tempo. E, quando não puder resgatar aquele terrível dano, entregue-o Àquele que pode redimir tanto você quanto o próximo. E diga-lhe continuamente: "Conta-me como um parceiro Teu. E coloca isso também na minha conta."

"Para ver Pedro", diz nossa versão autorizada. "Para visitar Pedro", a versão revisada é feita para dizer. E, ainda, para ajudar a todos aqueles que reconhecem claudicação, a margem revisada é feita para dizer "para se familiarizar com Pedro". Mas Paulo não teria ido tão longe, pelo menos naquela época, para ver Pedro ou qualquer outro. Qualquer outro, exceto o Mestre de Pedro. Mas para vê-lo mesmo uma vez, como Ele era na carne, Paulo teria ido de Damasco para Jerusalém em suas mãos e seus joelhos, "*Subi a Jerusalém para a história de Pedro*", é o que Paulo realmente diz. Todavia não é uma boa tradução. Mas é muito melhor uma ruim do que uma totalmente sem sentido de tal texto. "Entrevistar Pedro" não é uma boa também, mas transmite exatamente o significado de Paulo. Os grandes historiadores gregos empregam uma palavra muito idêntica de Paulo quando eles contam a seus leitores o esforço que eles tiveram para conseguir informações de primeira mão antes de começarem a escrever seus livros. "Eu fui até interrogar Pedro sobre o nosso Senhor", seria uma tradução difícil, de fato, mas seria muito melhor do que dizer debilmente "para ver Pedro", que positivamente esconde de seus leitores qual era a verdadeira missão de Paulo em Jerusalém.

Se Landor tivesse sido levado a transformar seu belo gênio dramático e sua bolsa de estudos para assuntos bíblicos, ele teria, com certeza, nos dado as conversas que ocorreram por 15 dias entre Pedro e Paulo. O Epiteto e Sêneca de Landor, seu Diógenes e Platão, seu Melanchthon e Calvino, seu Galileu, Milton e um dominicano, e seus Dante e Beatriz, estão todos entre suas obras-primas. Mas seu Paulo e Pedro, e seu Paulo e Tiago, o irmão de nosso Senhor, e especialmente seu Paulo e a mãe de nosso Senhor teriam eclipsado completamente suas composições mais clássicas. Afinal, Pedro estava sempre pronto para falar, a todos os que chegavam, apenas sobre seu Mestre. E nunca antes nem depois Pedro teve um ouvinte tão faminto como apenas o seu presente visitante e interro-

gador da Arábia e Damasco. Pedro começa por contar a Paulo sobre aquele dia em que seu irmão André irrompeu em cima dele sobre o Messias. Naquele dia, apenas o segundo depois dele, no Lago de Genesaré. E então a festa do publicano Mateus, e assim por diante, até que Pedro em breve viu o que Paulo tinha vindo de tão longe para ouvir. Ele continuou com o bom samaritano, a moeda de prata perdida, a ovelha perdida e o filho perdido. Por 15 dias e 15 noites isso continuou até que os dois homens prostrados tiraram os sapatos dos pés quando entraram no Jardim do Getsêmani. E ambos no canto do galo e no Calvário, Pedro e Paulo choraram tanto que Maria ela mesma, e Maria Madalena, não choraram assim. Agora, apenas confie em mim e diga-me o que você teria perguntado a Pedro sobre seu Mestre.

Você não teria perguntado nada? Até onde você iria esta noite para ter uma entrevista com Pedro? Honestamente, você tem alguma curiosidade sobre Jesus Cristo, seja porque Ele está no Céu agora, ou como Ele estava na terra então? Real e verdadeiramente, já pensou sobre Ele, e O imaginou, e o que Ele está dizendo e fazendo? Ou você gosta de John Bunyan, que nunca pensou se havia um Cristo ou não? Se você puder dizer-me duas ou três das perguntas que você teria feito a Pedro, eu diria em troca apenas quem e o que você é; apenas como você está esta noite para Jesus Cristo, e como Ele está para você: e o que Ele pensa, diz e pretende quanto a você. Então, se Maria, a mãe de nosso Senhor, ainda estava neste mundo, é certo para mim que Paulo a viu na casa de Tiago, beijou sua mão e chamou-a de bem-aventurada. Você pode estar certo de que Maria não permaneceu muito tempo longe da casa de Tiago após sua conversão. Foi ótimo ter um hóspede que era o discípulo a quem Jesus amava, até que seu próprio Filho de coração lento acreditava. Mas eu coloquei para vocês, mães em Israel, para se colocarem na casa de Maria naqueles dias e para dizer se vocês teriam sido encontradas em qualquer lugar, naquela época, que não fosse na casa de seu próprio filho crente. E o que mais certo do que Deus, aqui novamente, revelou Seu Filho a Paulo a partir do coração escondido de Maria há muito tempo. "Eu tenho a garantia mais perfeita e em primeira mão de todas essas coisas daqueles que foram testemunhas oculares e pregadores da Palavra", diz o médico e secretário particular de Paulo. Em nenhum lugar, de qualquer forma, no mundo

inteiro, poderia aquela mulher milagrosa e carregada de mistério ter encontrado tal outro coração como o de Paulo, no qual poderia derramar tudo o que foi selado por tanto tempo em seu coração escondido. "Quer estivéssemos no corpo, ou fora do corpo, como ela me contou sobre Nazaré, e como contei a ela sobre Damasco e a Arábia, não posso dizer: só Deus sabe".

"Do ponto de vista do Antigo Testamento", diz Bengel do seu jeito impressionante e sugestivo, "o progresso é feito do conhecimento de Cristo para o conhecimento de Jesus. Do ponto de vista do Novo Testamento, o progresso é feito do conhecimento de Jesus para o conhecimento de Cristo". E nós já não vimos como o progresso de Paulo foi feito? O progresso de Paulo foi feito a partir do conhecimento de Jesus de Nazaré ressuscitado dos mortos, para o conhecimento do Filho de Deus; e então do conhecimento de ambos de volta ao conhecimento do Santo Menino Jesus e do Santo Homem Jesus, como era conhecido a sua mãe, a Tiago, seu irmão, e a Pedro, seu discípulo tão íntimo. Paulo voltou "para Jesus", como às vezes se diz; mas, quando voltou, pegou de volta com ele todo o conhecimento do Filho de Deus que ele colocou em suas Epístolas, sim, e muito mais do que os leitores de suas Epístolas conseguiram receber. E o jeito de Deus com Paulo é o melhor jeito dele conosco também. Você nunca vai ler os Quatro Evangelhos com verdadeira compreensão intelectual e com verdadeira apreciação espiritual até que tenha lido, compreendido e apreciado as Epístolas de Paulo primeiro. Mas, depois de ter o Filho de Deus revelado em você por meio das Epístolas, você estará preparado para tudo que Mateus, Marcos, Lucas e João têm a lhe dizer sobre a Palavra, que se fez carne em seus dias. A mão de Paulo segura a verdadeira chave para todos os mistérios escondidos nos profetas, nos salmos e nos Evangelhos. Leve de volta Paulo com você, e todas as profecias, todos os tipos do Antigo Testamento e todas as obras maravilhosas de Deus no Novo Testamento — a concepção sem pecado de Seu Filho, Seus milagres, Seu ensino e pregação, Sua agonia no jardim, Sua morte na cruz e Sua ressurreição e ascensão — todos cairão em seus lugares naturais e necessários. Está na mesma ordem em que as grandes coisas de Deus foram reveladas a Paulo, e apreendidas por Paulo, e assim serão melhor reveladas a nós, e melhor apreendidas por nós. Primeiro nossa conversão; e então a doutrina paulina, patrística e

puritana do Filho de Deus; e então tudo isso levado de volta por nós para a vida terrena de nosso Bendito Senhor, como nos é dito pelos quatro evangelistas. Damasco, Arábia, Jerusalém — este em nossos dias também é o progresso guiado por Deus, onde os verdadeiros sucessores do apóstolo Paulo ainda estão viajando, em sua experiência espiritual e em seus estudos evangélicos.

CXI. Paulo pregador

Quando aprouve a Deus revelar a cruz de Cristo em Paulo, a partir daquele dia a cruz de Cristo era o Evangelho especial, peculiar e exclusivo de Paulo. A cruz de Cristo é "meu Evangelho", Paulo orgulhosa e constantemente afirma, em face de todos os chegados. A cruz de Cristo, declara ele, é o único Evangelho que ele prega, que ele sempre pregou e que só ele prega. A cruz de Cristo foi proveitosa para Paulo pela doutrina, pela repreensão, correção e instrução na justiça: e nada mais era de interesse real ou lucrativo para Paulo. A cruz de Cristo era o alfa e o ômega, o começo, o meio e o fim de toda a sua pregação. Paulo desenhou todas as suas doutrinas, e todas as suas instruções e reprovações da cruz de Cristo. Ele desenhou suas profundas e pungentes doutrinas da pecaminosidade do pecado e a consequente miséria do homem a partir dela. Ele viu e sentiu tudo isso em si mesmo e em todo o mundo; mas a cruz de Cristo deu uma nova profundidade e uma nova pungência para ele. Desenhou suas doutrinas incomparavelmente magníficas de Graça de Deus e o amor de Cristo em Sua cruz: essas doutrinas na pregação que ele irrompe em tais doxologias arrebatadoras. Toda a vida de fé também, em toda a sua multiplicidade, sua universalidade e sua própria certeza plena de vida eterna — tudo isso, e muito mais do que tudo isso, Paulo, por seu esplêndido gênio, e tão esplendidamente santificado e inspirado, tirou da cruz de Cristo. Tire-a de Paulo, e ele é tão fraco quanto qualquer outro homem. Paulo não tem mais nada para pregar se você tirar dele a cruz de Cristo. Sua boca estará fechada. Seu púlpito estará em ruínas. Seu braço estará quebrado. Ele é o mais miserável de todos os homens. Mas deixe Deus revelar a cruz de Cristo em Paulo e, imediatamente, ele pode fazer e suportar todas as coisas. Paulo é doravante devedor tanto aos gregos quanto aos bárbaros; tanto para o sábio, quanto para o insensato. Uma vez que revele a cruz de Cristo em Paulo, você depositará nele uma necessidade para toda a vida. Sim, ai dele, para sempre, se não pregar o Evangelho da cruz de Cristo.

Não pregamos a nós mesmos, Paulo afirma com uma boa consciência em outro sermão dele. E ainda, ao mesmo tempo, ele se apresenta em quase todos os sermões que prega. Paulo simplesmente não pode pregar a cruz de Cristo como deve sem ousada-

mente se apresentar, como o melhor padrão e a melhor prova do que ela pode fazer. A salvação de Paulo — a absoluta graciosidade da Salvação de Paulo e sua absoluta certeza dela — essas coisas são as marcas infalíveis de sua autenticidade, que ele imprime em cada Epístola. A cruz de Cristo e a salvação de Paulo por meio dessa cruz são os dois tópicos constantes e complementares de seu púlpito; eles são apenas os dois lados do escudo da Salvação de Paulo. O mais lindo pregador inglês da geração passada nos disse que sua conversão foi tão profunda e tão duradoura que o fez descansar para sempre no pensamento de dois, e de apenas dois absolutos seres luminosamente autoevidentes: ele mesmo e seu Criador. E assim foi sua conversão também. Contudo, no caso de Paulo, não foi tanto seu Criador que era tão luminosamente evidente, era muito mais seu Redentor. E assim foi que, na pregação de Paulo, sempre estiveram presentes aqueles dois assuntos luminosamente autoevidentes, o pecado de Paulo e a cruz de Cristo: Paulo, o chefe dos pecadores, e Jesus Cristo crucificado. E assim é que Paulo é tão profundo e tão experimental, a pregação nos satisfaz. E também é só isso que nos satisfaz. Quando estamos sofrendo com alguma doença secreta, nosso médico vem e zomba de toda a nossa miséria; se ele trata nossa ferida mortal como toda imaginação; se nos repreende e abusa de nós como se tudo fosse melancolia — nossos corações conhecem sua própria amargura. Mas, se cairmos nas mãos de um homem sábio e um médico competente e hábil, ele imediatamente considera toda a seriedade de nosso caso. Antes de abrirmos nossa boca sobre nós mesmos, ele já havia colocado sua mão em nossa ferida, e nos disse: você está doente de morte, de fato. Toda a sua cabeça está doente e todo o seu coração está desfalecido. E já sentimos que existe esperança. De qualquer forma, não devemos morrer sob a loucura de um charlatão. E Paulo é o mais distante de todos os nossos médicos de um charlatão. Paulo rasga toda a escuridão de segredos de nossas consciências e todas as podridões ocultas de nossos corações, até ele ser o único pregador de todos os pregadores para nós. E é o Evangelho de todos os Evangelhos. De qualquer forma, falando por mim mesmo, tão frequentemente quanto meu próprio pecado e miséria, impossíveis de dizer, novamente se fechem sobre mim até que meu coração partido grite, Oh, o mais miserável dos homens que eu sou! Paulo está instantaneamente ao meu lado com a cruz de Cristo e com seu próprio caso,

dizendo para trazer de volta minha vida para mim. A prescrição de Paulo, como os médicos chamam isso, nunca me falha. Nunca. Até 70 vezes 7, a cada dia mortal meu, o espanto e a miséria de minha pecaminosidade oprimem-me, Paulo mal apresenta para mim Jesus Cristo e Ele crucificado, que uma grande luz incide sobre meu espanto e um grande alívio para minha miséria. É uma luz escura. É uma luz terrível. Uma luz como uma espada desembainhada. Mas é leve, onde nenhuma outra luz do céu ou da terra poderia dar um raio para mim. Na cruz, antes da cruz, sob a cruz estou reconciliado com Deus, e Deus está reconciliado comigo. Estou reconciliado com você também, e você comigo. Todos escritos à mão no Céu, na terra e no Inferno, que eram tão amargos contra mim, são todos apagados por Seu sangue. Todas as minhas injustiças com você, todos os meus ferimentos, todos as minhas animosidades, antipatias, alienações, retaliações, desgostos e aversões, todos são arrancados do meu coração pela cruz de Cristo. Pois estou morto para mim mesmo pela cruz de Cristo. A única causa de todos os meus indescritíveis pecados e misérias sou eu mesmo; eu mesmo estou morto para sempre pela cruz de Cristo. Meu amor próprio, minha vontade própria, minha busca própria, minha satisfação própria; eles estão todos mortos; ou o que é tão bom: eles receberam seu golpe mortal pela cruz de Cristo. Eu sou crucificado com Cristo, não obstante, eu vivo; todavia, não eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que vivo agora na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim. Só ele é o "divino correto" que pode pregar esta fé do Filho de Deus corretamente, diz Lutero. Ele é um "pregador correto" que pode distinguir, primeiro para si mesmo, então para o seu povo, a fé da lei e a graça das obras, diz o reformador. Agora Paulo era um verdadeiro divino, e ele foi o primeiro pai e precursor de tudo isso. E apenas quando ele está aplicando todos os seus poderes estupendos para pregar aquela sua doutrina mais divina, nossa melhor obediência, se oferecida na menor medida para a nossa Salvação, torna-se um abandono completo e uma negação fatal da cruz de Cristo. Alguns homens vão começar com isso e vão protestar e debater contra. O mesmo fez Paulo, enquanto ele ainda estava vivo, e guardou as roupas daqueles que apedrejaram Estêvão. E eu também por muito tempo. Mas agora a maior e melhor de todas as doutrinas da graça de Paulo, tão frequentemente quanto apareço em Abraão, e em sua flor e fruto em Paulo e em

Lutero, faz meu coração cantar e dançar dentro de mim. E isso vem de Deus para a minha Salvação mil vezes diariamente. Por que essa bendita doutrina era tão pregada por algum direito divino para mim? Por que eu estava demorando tanto tempo em aprender e pregar esse primeiro princípio da doutrina de Cristo? E por que volto com tanta frequência até hoje a Moisés e a mim mesmo? "*Eu tenho um desejo de partir e estar com Cristo*" (Fp 1.23), diz Paulo aos filipenses. E eu também. Mas, diante de Deus, não minto. Ele é minha testemunha, que eu imploro a Ele todos os dias sobre esse assunto e sobre pouco além disso. Eu imploro a Ele a cada hora do dia para poder ser poupado por mais alguns anos ainda, a fim de crescer, como nunca cresci, nesta mesma fé do Filho de Deus. Na fé que justifica o ímpio e santifica o pecador, e traz amor, paz, alegria, esperança e plena certeza de vida eterna para minha alma. E pregar tudo isso como ainda não o preguei: então você talvez tiraria meu epitáfio de Lutero sobre os Gálatas e escreveria esta frase sobre mim: "Venha e vejam, todos vocês que passam, pois aqui jaz um divino correto". Por que esse epitáfio é tão raramente lido em alguns de nossos cemitérios devido aos nossos pregadores? Por que há tão poucos teólogos tão certos na Escócia a ponto de satisfazer Paulo e Lutero? Por que há tão poucos de nossos jovens pregadores que fazem a determinação de Paulo e permanecem para isso? Sempre que penso nessa grande determinação dele, lembro-me do sermão imortal de Hooker sobre a justificação. Hooker, nesse assunto, era um certo divino paulino e luterano. E o que aquele mestre em Israel, e aquele igual mestre de estilo inglês, diz-nos sobre este ponto? Todo pregador de Cristo, com fé na Sua cruz, deve ter esta passagem impressa indelevelmente em seu coração. "Cristo tem justiça merecida para todos os que se encontram n'Ele. E n'Ele Deus nos encontra, se somos fiéis; porque pela fé somos incorporados n'Ele. Então, embora sejamos em nós mesmos muito pecadores e injustos, ainda o homem em si mesmo ímpio, cheio de iniquidade, cheio de pecado; ele sendo encontrado em Cristo através da fé, e tendo o seu pecado em ódio através do arrependimento, Deus o viu com um gracioso olho; afaste seu pecado não o imputando; afaste a punição perdoando; e aceite-o em Cristo Jesus, tão perfeitamente justo, como se ele tivesse cumprido tudo o que lhe é ordenado na lei; devo dizer, mais perfeitamente justo do que se ele mesmo tivesse cumprimento de toda a lei? Devo considerar o que digo, mas o apóstolo

diz: '*Porque aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós, para que fôssemos feitos justiça de Deus nele*' (2Co 5.21). Assim estamos à vista de Deus Pai, assim como o mesmo Filho de Deus é nossa sabedoria e nosso conforto: nós não nos preocupamos com nenhum conhecimento no mundo, só com este: o homem pecou e Deus sofreu: naquele, Deus fez para si mesmo o pecado dos homens, e que os homens façam justiça de Deus".

CXII. Paulo como pastor

Em sua árdua produção para Teófilo e para nós, Lucas nos forneceu um extrato de minuto, por assim dizer, copiado dos cadernos de sessões de Éfeso. Paulo fora o pregador e moderador da sessão de diáconos de Éfeso para três anos que nunca serão esquecidos. Mas ele já está longe há algum tempo pregando o Evangelho e montando igrejas em outros lugares, e outro ancião de experiência e autoridade tem todo esse tempo sentado na cadeira de Éfeso que o apóstolo costumava ocupar com tal autoridade e aceitação. Mas Paulo agora está chegando perto do fim de sua vida. Ele sabe disso, e tem um grande desejo e um anseio mais natural, que é ver seus antigos colegas em Éfeso mais uma vez antes de ele estar com Cristo. E assim é que, a seu pedido especial, uma reunião *in hunc effectum* da sessão de diáconos foi convocada, um extrato de minuto do qual é para ser lido pelos curiosos até hoje no capítulo 20 dos Atos dos Apóstolos. Agora, com esse pequeno papel de valor inestimável de Lucas, aprendemos que, a sessão sendo constituída, Paulo imediatamente aproveitou a ocasião para revisar aqueles longos últimos três anos que ele passou em sua cidade e sentou-se à frente de seu Tribunal. Paulo deu três dos melhores anos de sua vida a Éfeso, e foi natural que ele aproveitasse a ocasião para repassar esses três anos e olhar para algumas das lições que deixaram para trás, tanto para ele como para seus sucessores no presbitério de Éfeso. E isso é uma boa lição que esse primeiro dos historiadores da Igreja, com uma obra literária tão admirável e com tal produção santificada, aqui nos forneceu. Paulo nunca falou melhor. Paulo simplesmente se supera. Existe toda aquela imponência que nunca o abandona. Existe toda aquela majestade que Paulo carrega com ele em todos os tempos e em todos os lugares. Tudo unido a uma humildade, uma intimidade e uma confidência que levam sempre cativo a Paulo os corações de todos os homens. Paulo é simplesmente inacessível em uma cena como essa. Paulo não tem igual nas questões e nas maneiras do coração. Paulo é quase seu Mestre de novo nesses assuntos e maneiras do coração, tanto assim que, quando estava tudo acabado, não é de se admirar que todos eles choraram doloridos e caíram no pescoço de Paulo, e beijaram-no, entristecendo-se acima de tudo pelas palavras que ele disse, que eles não deveriam mais ver seu rosto. Em nenhuma outra passagem em toda a vida de Paulo por Lucas, ou mesmo em todas as suas próprias epístolas, vemos o

amigo acabado e o pastor perfeito como neste *sederunt*, por assim dizer, da sessão de diáconos de Éfeso. Este *sederunt* é algo que cada pregador e todos os presbíteros podem até hoje ver a si mesmos e perceber que tipo de presbíteros eles são ou não.

"Servindo ao Senhor", diz Paulo sobre aqueles três anos. E Paulo sempre começa com a mesma coisa. Ele começa cada sermão e epístola com "servir ao Senhor". "Eu, Paulo, o servo do Senhor, sou sua saudação e selo em cada epístola dele". E daí sua imponência, sua alta seriedade e, portanto, sua humildade incomparável, sua esmagadora autoridade e toda a sua vida pastoral. Não: os presbíteros de Éfeso não precisavam ser lembrados de que Paulo não havia gasto esses três anos servindo e satisfazendo-os. Eles obtiveram um serviço esplêndido de Paulo, tanto para eles quanto para suas famílias, mas tudo isso foi porque Paulo não pensou neles de forma alguma, mas apenas em seu Mestre. Havia um orgulho colossal em Paulo e, ao mesmo tempo, uma humildade prostrada, de tal forma que eles nunca viram qualquer coisa parecida em qualquer outro homem; uma submissão e uma autoentrega a todos os homens, de tal forma que, conforme esses três anos se passaram, ensinou a todos os homens ensináveis entre eles muito mais por seu próprio caráter e conduta do que todas as suas inspiradas pregações. Se Paulo tivesse perdoado e esquecido aqueles infelizes mal-entendidos e autoafirmações que surgiram entre os melhores ministros e anciãos, eles não se perdoariam ou se esqueceriam por aqueles dias, ou por sua parte neles. E assim foi quando Paulo disse estas palavras: "Servindo ao Senhor", aqueles que conheciam Paulo melhor foram os primeiros a dizer que isso era tudo verdade. Agora que tudo já era passado, todos viram e admitiram a si próprios, e uns aos outros, como neste assunto disputado e naquele, Paulo não tinha nem a si mesmo nem a eles, mas somente ao Senhor.

Não vemos, à primeira vista, exatamente por que Paulo deveria estar tão dolorido, sensível e tão cheio de escrupulosidade sobre questões de dinheiro. Mas ele tinha apenas uma causa boa demais para dizer tudo o que ele disse e fazer tudo o que ele fez naquele assunto que era a raiz de todo mal. Foi uma das muitas calúnias mais abomináveis que seus inimigos de coração sórdido circulavam contra Paulo, que, o tempo todo, ele estava forrando o próprio ninho. Ele está coletando dinheiro, eles disseram, de todas as suas chama-

das igrejas e está furtivamente acumulando uma fortuna para si e para sua família em Tarso e Jerusalém. Vocês todos sabem como certos escândalos seguem homens eminentes e bem-sucedidos como sua sombra segue uma substância sólida. Temos vergonha até hoje de ver Paulo compelido a defender seu apostolado e a si mesmo de tais línguas e tais canetas; de tais sussurros e tais malcriados. E ainda não. Nós não perdemos explosões como essa por qualquer coisa, ou nunca teríamos conhecido Paulo; e se o amou, ou acreditou nele e em seu evangelho, como nós, não estivemos presentes naquela mesa ao lado daqueles homens que viram Paulo com todos os seus olhos dia e noite durante três anos. "Eu os desafio!", ele exclamou, enquanto se levantava indignado e estendeu as mãos calejadas, "eu os desafio a negar. Eu não cobicei a prata, o ouro ou as roupas de nenhum homem. Sim, vocês mesmos sabem que estas mãos" — e quando ele as ergueu, os anciãos reunidos viram uma língua da verdade em cada costura e cicatriz que os cobria — "estas mãos têm ministrado a todas as minhas necessidades próprias e para aqueles que estavam comigo. Mãos nobres de um coração nobre!"

Se seu estipêndio apostólico estivesse em seu poder para reduzi-lo ou aumentá-lo; tinha um fundo para sua velhice, ou um legado para sua irmã e seu filho à mente de Paulo; então, nesse caso, ele pode ter ficado tentado em conter algumas coisas em sua pregação e a apresentar algumas outras coisas. Ao mesmo tempo, embora considerações de dinheiro não tivessem nada a ver com isso, algumas outras coisas sem dúvida tinham. Para mim é tão claro quanto qualquer coisa pode ser, que o apóstolo havia sido tentado e até mesmo comandado por aqueles mesmos homens sentados lá, para evitar algumas coisas de sua pregação que ele estava acostumado a apresentar. Paulo nunca teria dito o que disse naquela hora de partir o coração, e ele nunca teria dito isso com o coração de derreter ênfase, a menos que estivesse falando direto ao ponto. Era tudo passado agora. Ele nunca mais agradaria ou desagradaria a qualquer um daqueles mais velhos, ou qualquer uma de suas esposas ou filhos. E é assim que ele retorna sobre suas tentações passadas, e com uma boa consciência para com a verdade, diz-lhes que podem levar com segurança tudo o que já lhes ensinou e construiu; pois ele não escondeu nada que havia sido cometido ao seu ministério entre eles, nem, por outro lado, acrescentou nada. "Não reteve

nada que fosse lucrativo para você. Eu evitei não declarar a você todo o conselho de Deus". Nele também há um copo erguido para todos os ministros e todas as congregações nas quais ver e examinar a si mesmos, e a todas as suas relações passadas e rápidas entre si.

"E com toda a humildade de espírito." Humildade evangélica, como Jonathan Edwards trata tão esplendidamente, colocada no fundo como uma pedra fundamental sob todas as realizações de Paulo como santo de Deus e como apóstolo de Jesus Cristo. O Mestre de Paulo tomou as devidas precauções no início do apostolado que deveria ser durante todo o tempo, e até o fim, o homem mais humilde de todo o mundo. Por aquele espinho terrível em sua carne; por uma consciência cheia de más memórias de remorso; bem como por incessantes provas, perseguições e sofrimentos de todos os tipos concebíveis. Paulo foi feito e mantido o mais humilde de todos os homens humildes. Como todos os nossos pregadores e pastores ainda são, ou deveriam ser. Para eles também têm cada um seu próprio espinho em sua própria carne, sua própria curva em sua própria sorte, sua própria espada de Deus em seu próprio coração e consciência. Se isso fosse nada mais que seu trabalho diário, seria o trabalho mais humilhante e doloroso em todo o mundo. Todos os outros chamados podem ser cumpridos e estabelecidos; poderia recompensar e poderia trazer orgulho para aqueles que os seguem com todas as suas forças; mas nunca neste mundo do ministério cristão. E não apenas suas derrotas e decepções entre seu povo; mas, ainda mais, as coisas em um ministro a si mesmo que explica e justifica todas essas derrotas e decepções — todas que fazem todo o seu ministério entrar em colapso e cair em seu coração continuamente, como uma casa construída na areia. Quaisquer outros dons e graças podem faltar a um ministro, mas é impossível faltar humildade. Com toda humildade de espírito, diz Paulo aos anciãos de Éfeso reunidos. Humildade de todos os tipos, ele quer dizer; extraída de todas as experiências e mostrada a todos os tipos de pessoas. Até, tanto para uma vestimenta de ofício quanto para uma graça de caráter, um ministro está vestido da cabeça aos pés com humildade espiritual e evangélica.

"E, de casa em casa, avisando todas as noites e dias com lágrimas." Toda a cidade de Éfeso era a paróquia de Paulo. E nem uma vez em um ano inteiro, como o mais diligente de nós, todos os dias

e todas as noites, Paulo estava em cada casa. Paulo nunca esteve em sua cama. Ele não demorou tanto para comer. Como suas pessoas em Anwoth disseram sobre Samuel Rutherford, Paulo estava sempre trabalhando com suas mãos, sempre trabalhando com sua mente, sempre pregando, sempre visitando. "Em todas as estações", são as próprias palavras invejáveis de Paulo. Em casamentos, batismos, festas, nos funerais, nos banhos e nos mercados. Agora, na casa de uma velha adega e depois no sótão de um pobre estudante. Alguns homens encontram tempo para tudo. Eles parecem conseguir fabricar o tempo exatamente como precisam. O sol, a lua e as estrelas ficam paradas para que alguns homens possam ter tempo suficiente para terminar seu trabalho. É para esses homens que o sol e a lua são criados e mantidos em seus lugares; eles recebem suas ordenanças de tais homens. Paulo, suponho, é o único pregador que já viveu que poderia ter lido o pastor reformado Richard Baxter sem enlouquecer com remorso e com temerosa procura de julgamento. "Outra parte é ter um cuidado especial com cada membro do nosso rebanho. Devemos trabalhar para nos familiarizarmos com todo o nosso povo. Para saber todas as suas inclinações e conversas, pois, se sabemos não o temperamento ou a doença, provavelmente iremos provar, mas sem sucesso médico. Um ministro não serve apenas para pregar em público. Uma palavra oportuna e conselhos prudentes farão um bem que muitos sermões não farão. Veja se eles têm algum livro lucrativo comovente além da Bíblia em cada família; e se não o tiverem, podemos persuadi-los a comprar alguma pequena peça de grande utilidade. Se não conseguem comprá-los, dê-lhes alguns. Se não puder, peça a um cavalheiro, ou a outro homem rico disposto a fazer o bem, para fazê-lo. Outra parte reside em visitar os doentes e ajudá-los a se preparar para uma vida mais frutífera ou uma feliz morte". Existem poucas coisas na história ministerial que fazem meu coração sangrar como a tragédia da violação de Jonathan Edwards com sua congregação e então o banimento de sua congregação. E eu nunca vou conseguir superar que, apesar de tudo, se Edwards tivesse sido um pastor como Paulo, aquele terrível naufrágio nunca poderia ocorrer. E, ainda assim, devo confessar francamente, essa explicação não satisfaz todos os casos, mesmo em minha própria experiência. Pois alguns dos melhores pastores que eu conheço foram as vítimas da mais cruel traição e ingratidão, e de algumas de suas pessoas mais queridas. Até o apóstolo Pedro confessa que encontrou algumas coi-

sas nas epístolas de Paulo difíceis de ser compreendidas. E eu também. E não nos Romanos e nos Colossenses apenas, mas quase mais neste discurso dele na sessão de diáconos. Eu posso entendê-lo, mesmo que não possa competir com ele, em seu púlpito incomparável e trabalho pastoral. Eu mesmo vou, de certa forma, pregando o arrependimento para Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo. Mas Paulo me prostrou absolutamente e me pisoteia até a morte quando se levanta entre os mais velhos e diáconos, dizendo: "Eu o levo para registrar neste dia que estou puro do sangue de todos os homens!". Não acho seu arrebatamento ao terceiro céu difícil de ser compreendido, nem suas revelações e inspirações, nem seu espinho na carne, nem qualquer uma de suas doutrinas de Adão, ou de Cristo, ou da eleição, ou da justificação, da santificação, ou da final perseverança dos santos. Não é nenhuma dessas coisas que sou tentado a lutar. Mas absolutamente passa da minha imaginação como um fazedor de tendas com mãos cheias de vontade, com 12h em seu dia, ou faça 18h, e com sete dias em sua semana; um homem mortal, e ainda não glorificado e, de fato, longe de ser santificado, poderia olhar todos os seus mais velhos, e todas as suas esposas, e todos os seus filhos e filhas no rosto, e poderia dizer aquelas palavras terríveis sobre seu sangue. Jesus Cristo, que terminou a obra que Lhe foi dada, nunca disse mais do que isso. A única coisa que ouvi chegar perto foi quando um ministro das Terras Altas estava deixando sua paróquia, e disse do púlpito, em seu sermão de despedida, que tomou todo o seu povo para testemunhar que ele havia falado, não apenas do púlpito, mas pessoalmente, e em particular, a cada um de seu povo sobre o estado de suas almas. Ao todo, Paulo era um pregador e um pastor, e um tal santo, que não posso culpá-los por pensar naqueles dias que ele não devia ser nada menos do que o próprio Espírito Santo, que havia sido prometido por Cristo para vir. Tal era o caráter de Paulo, e tal era seu trabalho, e tal era seu sucesso, tanto como pregador quanto como pastor. Com tudo isso, e depois de tudo o que foi dito, ainda estou deslumbrado e absolutamente fascinado com o trabalho pastoral de Paulo. Não consigo tirar o trabalho pastoral de Paulo da minha mente. Não consigo tirar isso da minha imaginação. Não consigo tirar isso da minha consciência, não consigo tirar isso do meu coração. Acima de todas as suas descobertas, quando o professor Ramsay vai para o leste para cavar para Paulo em Éfeso, eu gostaria que ele conseguisse distinguir o livro de visitação pastoral de Paulo. E com ele a chave para essas cifras

e taquigrafias sobre o que ele disse e o que fez nesta casa e naquela, dia e noite com lágrimas. As horas que ele deu a ele, sua divisão do dia e da noite, os salmos que ele lia e revelava de casa em casa, as casas que o fizeram chorar, e as casas que o enviaram de volta para sua tenda cantando. Paulo fez uma regra para ler, expor e orar, em cada casa e em cada visita? Ele mandou recado pelo diácono do distrito que ele estava chegando? Ou ele apenas, em nosso jeito desordenado, começou e apareceu aqui e lá, e surgiu em sua mina superlotada? Até o erudito professor se depara com o caderno particular de Paulo. Para mim, continuarei a interpretar o discurso de despedida de Paulo na sessão do diácono de Éfeso com alguma liberalidade. O apóstolo não quer realmente que eu entenda que ele sempre foi chorando, catequizando, expondo e sempre em seus joelhos nas casas de Éfeso. Não; Paulo era Paulo em todas as partes de seu trabalho pastoral, bem como em tudo o mais. Paulo é o último orador a interpretar em uma forma de madeira, muito menos em forma de ferro fundido. Paulo, você pode estar certo disso, foi bastante contente alguns dias apenas por ter acenado com a mão na janela e por ter saudado este e aquele homem na rua, e ter sido saudado em troca este e aquele menino de escola cavalheiresco com sua mochila nas costas. Paulo costumava aparecer, como dizemos, não para amaldiçoar o tempo ou para apurar os casamentos que se aproximam, como o ministro de William Law, mas, ao mesmo tempo, alegrar-se com o noivo e a noiva, e estabelecer a data exata em seu diário, para ter certeza de estar no local em tempo hábil e em seu melhor traje. Se você é um pastor, e se suas visitas para cima e para baixo entre seu povo ajudam a manter suas amizades em reparo; para reacender e abanar o linho fumegante de amor fraternal; se suas visitas operam para a cimentação e a estabilidade do congregação; então isso já é mais da metade de todo o fim de seu ministério, tanto púlpito como pastoral, realizado. E, com toda a sua pregação e com todo o seu trabalho pastoral realizado como o de Paulo, na intenção e na indústria pelo menos, você também será capaz, com grande humildade, bem como com grande garantia de fé, de dizer adeus ao seu povo e à sua sessão de diáconos, dizendo: "E agora, irmãos, eu os recomendo a Deus e à palavra de Seu graça, capaz de edificá-los e dar-lhes uma herança entre todos aqueles que são santificados."

CXIII. Paulo polemista

"*Ai de mim, minha mãe, por dar à luz um homem de contendas e contendas para toda a terra*" (Jr 15.10), queixou-se o triste profeta. E o apóstolo, agora, diante de nós, poderia ter feito a mesma reclamação, e com muito mais causa. Para Paulo, do início ao fim de seu apostolado, simplesmente mergulhou em um redemoinho perfeito de todos os tipos de contendas e controvérsias. Onde quer que Paulo fosse enviado para pregar, norte, sul, leste e oeste, ali estavam os seus perseguidores. Até, o que Jeremias exclamou um tanto apaixonadamente e um tanto hiperbólicamente relacionado a si mesmo, tornou-se literalmente verdadeiro no caso de Paulo. Para Paulo, sem qualquer exagero, foi feito nada menos que um homem de contendas para toda a terra.

Mas, então, isso deve ser sempre mantido em mente, que Paulo teve um esplêndido equipamento, tanto por natureza como pela graça, para sua vida apostólica. Paulo começou a enfrentar aquela vida de tentação, quase crucificado e completamente morto para si mesmo, como qualquer homem pode esperar estar nesta vida mortal. É o nosso amor-próprio incurável que é a raiz amarga de todas as nossas controvérsias, sejam essas controvérsias conduzidas pela língua ou pela caneta, ou pela espada. Uma vez que matamos nosso amor-próprio incurável, e uma vez que plantamos o amor de Deus e o amor ao próximo, e você já tem como tão bom quanto transformar nossas espadas em arados e nossas lanças em ganchos de poda. São nossa egolatria e nosso autoengrandecimento; nossa ganância e nosso orgulho, intolerância e desprezo por todos os outros homens a única causa de todas as nossas contendas e controvérsias. Agora, olhem para Paulo. Vocês não podem ler as Epístolas de Paulo sem serem constantemente cativados pela genialidade extraordinária, cortesia, humildade, simplicidade e bondade amorosa dele. O apóstolo Paulo, foi dito à custa de um certo anacronismo e anomalia de fala, foi o melhor cavalheiro que já viveu. E, se tomarmos ambos, a etimologia e o antigo uso em inglês desse termo, então podemos ficar como uma descrição mais sucinta e mais expressiva do apóstolo. Coleridge diz que, embora Lutero não fosse tão perfeito cavalheiro como Paulo, o reformador era quase tão grande homem de gênio. E Lutero nos dá um gostinho de sua genialidade,

e de seu cavalheirismo também, no que ele diz tantas vezes sobre Paulo. Lutero está sempre dizendo coisas como isto sobre o apóstolo: "Ele era gentil, tratável e fácil de lidar em toda a sua vida. Paulo era doce, gentil, cortês e de fala mansa. Poderia piscar nas falhas de outros homens, ou então as expor da melhor maneira. Poderia estar bem contente em ceder seu próprio caminho e dar lugar e honra a todos os outros homens; mesmo para os perversos e intratáveis. Em suma, o infalível cavalheirismo é seu caráter constante em todas as emergências de sua vida extraordinária". Assim fala de Paulo um dos homens mais parecidos com Paulo do mundo moderno. E um cavalheiro inglês, se é que houve um, disse de Paulo em mais de um sermão inimitável: "Não há um desses refinamentos e delícias de sentimento, que são o resultado da civilização avançada, nem qualquer uma daquelas propriedades e embelezamentos de conduta em que o intelecto cultivado deleita, mas Paulo é um padrão disso. E isso, no meio de uma assembleia de outras excelências sobrenaturais, é a característica investidura de apóstolos e santo".

Agora, tudo o que surgiu, para começar, fora do personagem finamente composto de nascimento. Depois de Maria, a mãe de Paulo certamente deve ter sido a mais abençoada das mulheres. Então, após seu nascimento em Tarso, houve seu nascimento do alto. Então, com tudo isso, houve a escola ao longo da vida que Paulo se colocou em meio às provações e tentações sem fim, contendas e controvérsias de sua vida apostólica. Por todos esses notáveis, Paulo veio mais e mais a ser aquela graça inigualável de sentimento de camaradagem com todos os outros homens, e aquele temperamento nobre de acomodação e adaptação a todos os outros homens, em que ele se destaca e é incomparável, à frente de todos os santos de Deus. Inigualável. Pois assim que Paulo entra na mesma sala com você, então, naquele momento, você sente um feitiço tomar-lhe conta. Você não sabe o que exatamente aconteceu, mas se sente doce, fortalecido e feliz. É Paulo. Você nunca esteve na presença dele antes e, portanto, seus sentimentos atuais são tão novos para você. Para sempre vocês estão juntos: o tempo todo que ele fala com você, e escreve para você, e até debate e contende com você, Paulo vê tudo com os seus olhos, ouve tudo com seus ouvidos e tudo sente com seus sentimentos. Foi isso que levou todos os homens ao chão com Paulo. Foi isso que o tornou tal pregador, tal pastor, tal amigo,

sim, e tal inimigo. Você poderia não ter resistido a Paulo. Não poderia ter excluído Paulo do seu coração, com todos os seus preconceitos em relação a ele e com toda a sua determinação de nunca gostar nem nunca ceder a ele. Algo como o que Jesus Cristo foi para Paulo, que este era para todos os homens. Você não poderia deixar de se entregar a Paulo, ele então se entregou a você. Orígenes nos diz que havia alguns homens na igreja primitiva, então levado cativo pelo apóstolo que eles realmente acreditavam que Paulo era o próprio Consolador residente em carne que entrou em seus corações. E Orígenes confessa ter tido um certo sentimento de solidariedade com aqueles hereges.

Agora, meus irmãos, vamos entrar em tudo isso para nós mesmos. Pois, aqui também, é a velha história, deixe um homem examinar a si mesmo. Bem, Paulo já nasceu um cavalheiro. Agora, se você ainda não nasceu assim, eu ouvi dizer que a Graça fará o mais improvável dos homens ser um cavalheiro. Eu não nego; apenas devo dizer que nunca soube de um caso disso. Tertuliano tem um ditado que diz que alguns homens são tão bons quanto os homens cristãos, apenas pelo nascimento de sua mãe. Agora Paulo era um desses homens felizes. Ele nasceu com um coração grande e terno, e a Graça Divina havia feito tudo isso em suas mãos de antemão. Perseguidor e tudo, havia, o tempo todo, a formação do cavalheiro cristão mais perfeito de toda a Cristandade em Paulo. Agora, você às vezes se encontrará com homens da nobreza de Paulo geração e criação nobre entre nós. Não com muita frequência, mas às vezes. Deus não se deixou totalmente sem uma testemunha, mesmo entre nós mesmos. Homens com quem você não consegue brigar, mesmo quando tenta. Homens que têm sempre uma aparência suave e um toque suave na resposta. Homens que, quando você é rude com eles, são ainda mais cavalheiros com você. Homens com quem você pode ser tão obstinado quanto quiser, mas são necessários dois para brigar; e, afinal, você é apenas um. Agora, se algum de vocês tem algo original raro, bendito seja a Deus por isso cada dia, e abençoe todos os homens ao seu redor com isso diariamente. Pois não há maior bênção aos homens e glória a Deus em toda essa vida fechada e alienada. Mas, por outro lado, se você não é naturalmente um cavalheiro cristão, e ainda verdadeiramente deseja ser tal, então, saiba disto: que Deus se superou ao se preparar e adequar esta

vida presente para a sua transformação do que você é e o que você deseja ser. Eu não disse que o Espírito Santo não poderia fazer você se comportar como um cavalheiro cristão, tanto em casa quanto no exterior. Disse apenas que ainda não a conhecia.

Você já leu aquele clássico inglês completamente sobreposto, *Paley's Horoe Paulioe*? Nesse exemplo incomparável de raciocínio, o arquidiácono tem uma expressão e uma bela passagem sobre a "conduta complacente" de Paulo. E esse mestre da caneta nos deu nesse epíteto uma feliz descrição do apóstolo. Para todo mundo que já leu sobre Paulo, sabe isso sobre ele, que alguns dos maiores sofrimentos de sua vida saltaram para ele apenas fora de sua conduta acomodatícia muito nobremente. Paulo lançou suas pérolas antes dos porcos. A doce e bela submissão de Paulo em todos os assuntos que tocaram suas próprias opiniões ou suas próprias práticas, tomadas junto de sua vontade de ferro que não era sua própria; essas duas coisas devem ser tomadas em conjunto para conhecê-lo. Lutero, aquele gênio evangélico quase igual ao próprio Paulo, atinge toda a questão aqui de uma maneira que o teria encantado. "Se duas cabras se encontram em um estreito caminho acima de um pedaço de água, o que elas fazem", pergunta Lutero. "Elas não podem virar para trás e não podem passar uma pelo outra; não há um centímetro de espaço livre. Se elas se chocassem, ambas cairiam na água abaixo e seriam afogadas. O que, então, elas farão, você acha? O que você faria? A natureza ensinou uma cabra a se deitar e deixar a outra passar por cima dela, então ambas chegam ao final do dia sãs e salvas". Agora, Paulo sempre foi encontrando cabras em saliências estreitas de rocha com o mar abaixo. E você também, e eu também. E Deus ordena para você e para mim que nos encontremos nesse estreito portão e naquele caminho estreito, e logo abaixo de nós está o poço sem fundo, você poderia deitar-se e deixar-me passar por cima do seu corpo prostrado, então ambos seremos salvos?

"*Acima de tudo, o servo do Senhor não deve se esforçar*" (2Tm 2.24). Então disse o idoso apóstolo Timóteo, fazendo o possível para colocar uma velha cabeça nos ombros de um jovem. E eu suponho que todo velho pastor que aprendeu alguma coisa na escola da vida diga a mesma coisa, especialmente a cada jovem pregador. "Não debata", disse o maior debatedor de sua época, e um dos debatedores

mais magistrais de toda a literatura. “Em hipótese alguma”, disse ele, “entrar em qualquer disputa com ninguém, e especialmente sobre as verdades da salvação. Dê a todos os homens toda ajuda para sua salvação, a não ser o de debater com eles sobre isso”. E, segundo a minha experiência, William Law está totalmente certo. Muito melhor que um homem seja comprovadamente errado nesta e naquela opinião dele do que tentar contradizê-lo e debater com ele fora disso. Você não pode fazer isso. Muito melhor um homem ser comprovadamente ignorante nisso do que ele estar com raiva e ressentido com você, todos os seus dias, como nove em cada dez homens corrigidos e contraditórios irão certamente ficar. Você nunca definirá a opinião de um homem certo se começar ferindo seu orgulho e cruzando seu temperamento. “Cruze um pecador e você terá um demônio”, disse Thomas Shepard. Isso pode ser um pouco forte, mas poucos homens são exatamente anjos por algum tempo após serem cruzados, contraditórios e corrigidos. Eles se juntam ao seu ídolo, deixe-os em paz. Oh, mas você diz: fulano de tal não vai deixá-lo sozinho, bem, meu argumento não é esse, mas isto: deixe-o sozinho. “Eles dizem. O que eles dizem? Deixe-os dizer”. Não diga nem mesmo tanto quanto Paulo disse. Não diga que seu julgamento é justo. Santa Teresa não é uma das damas de nossa aliança escocesa, mas é o que ela diz sobre o assunto em questão: “O não nos desculpar é uma qualidade perfeita e de grande mérito. É uma marca da mais profunda e verdadeira humildade de nos vermos condenados sem justa causa, e de sermos silenciosos sob ela. É uma imitação muito nobre de nosso Senhor. Que tal ser culpado por todos os homens, se apenas ficarmos irrepreensíveis diante de Ti!”.

“Não fazer nada por preconceito ou parcialidade”, diz o apóstolo, ainda insistindo no mesmo assunto. Agora, para estar absolutamente livre de preconceitos e parcialidade, temo eu, não é possível para qualquer um de nós nesta vida. Mas devemos aprender a trabalhar e orar para sermos libertos do domínio daqueles iníquos temperamentos, tanto quanto podem ser. Esta passagem tem 25 séculos de idade, mas pode ter sido escrita em Londres ou Edimburgo ontem. “Sem garantias, não promessas de qualquer uma das partes, poderiam ganhar crédito com a outra. As mais razoáveis propostas vindas de um oponente foram recebidas, não com franqueza, mas com suspeita. Nenhum artifício foi considerado desonroso pelo

qual um ponto pudesse ser carregado. Cada recomendação de medidas moderadas foi considerada uma marca de covardia ou de falta de sinceridade. Ele só era considerado um homem completamente seguro, cuja violência era cega e sem limites; e aqueles que se esforçaram para seguir um caminho intermediário não foram poupados por nenhum dos lados". Todos poderíamos definir os nomes de homens vivos, sim, e de homens cristãos também, em oposição a cada linha daquela terrível acusação. Mas o desígnio do grande historiador ao publicar essa passagem, bem como meu desígnio ao pregá-lo, é colocar diante de você e de mim mesmo, de todas as maneiras possíveis, a maldade e a vergonha de tal estado de coisas. Deus está nos ajudando a purificar nossos corações de todo preconceito e parcialidade. O melhor jornal político e literário já publicado neste país por muitos anos considerou um estadista da última geração como um modelo de todos os públicos, virtudes e graça pessoal. Tudo o que era nobre, tudo o que era grandioso e imponente, tudo o que era verdadeiramente cristão estava reunido naquele pastor da Coroa. Mas uma crise veio quando aquele estadista até então incomparável viu ser seu dever tomar um determinado passo na vida pública. E, naquele dia fatal, nada que ele disse ou fez estava certo. Tudo nele, e tudo em sua festa, era tão ruim quanto poderia ser. Todos falaram contra ele no Parlamento, ou na plataforma, ou na imprensa, onde tantos Burkes voltaram à vida. Eloquente, estadista, irrespondível foram apenas três dos epítetos elogiosos que lemos em cada artigo. Se algum escritor ou palestrante tivesse uma única palavra a dizer sobre aquele ídolo caído e por sua política, eles eram trapaceiros ou tolos. Era uma aula semanal. E não poucos de nós aprenderam a lição. Na verdade, foi escrito tão grande que ninguém poderia sentir falta de aprender. Era como se tivesse sido impresso no cabeçalho de cada página — todos vocês que veriam preconceito e parcialidade, leiam o que está escrito a seguir. Falando sobre todo esse assunto por mim mesmo, tenho uma grande dívida para com os regentes daquele diário, e para Butler e para Bengel. Para Butler todos os dias por este ótimo dizer seu: "Vamos nos lembrar de que diferimos tanto dos outros homens quanto eles diferem de nós". E a Bengel por isto — *non sine scientia, necessitate, amore*: não entre em controvérsia sem conhecimento, nem sem necessidade, nem sem amor.









CXIV. Paulo um homem de oração

Intelectualmente e também espiritualmente, tanto como teólogo quanto como santo, Paulo está no seu melhor em suas orações. A plena majestade do apóstolo e sua mente magnífica não são reveladas a nós em nenhum lugar como em suas orações. Depois que Paulo levou seus leitores mais crentes e mais adorados tão alto quanto eles conseguem subir, o próprio Paulo ainda sobe cada vez mais alto em suas orações. Deixa o mais sáfico dos santos muito abaixo dele enquanto voa para o terceiro céu de êxtase, revelação e adoração. Paulo é levado tão alto no Paraíso em suas orações, que, quando retorna ao corpo, ele não é capaz de dizer metade das coisas que viu e ouviu na presença de Deus. Um ótimo teólogo, que também é um grande escritor devocional, alertou seus leitores contra os perigos de uma devoção não teológica. Agora, as grandes orações de Paulo são os melhores exemplos possíveis de uma devoção teológica e cristológica até o âmago. Em Efésios e Colossenses especialmente, a adoração dele arde até o Céu como o incenso ascendente de uma grande fogueira. As adorações de Paulo nessas duas epístolas soberbas revelam-se especialmente para nós, como nenhuma outra coisa da composição de Paulo nos revela, toda a força intelectual e todo esplendor espiritual do entendimento santificado de Paulo. Podem ter existido um ou dois intelectos tão grandes quanto os de Paulo em algumas das dispensações circundantes do paganismo; mas aqueles homens muito talentosos não tinham os privilégios de Paulo, oportunidades e pontos de venda. Deus não revelou Seu Filho nesses homens. E assim foi que suas belas mentes nunca tiveram plena justiça feita a eles nesta vida. Mas em Jesus Cristo, e n'Ele ascendeu e glorificou, a profunda mente de Paulo tinha um alcance ilimitado e uma satisfação ilimitada. A verdade é que, além das melhores adorações e doxologias do apóstolo Paulo, a alma do homem nunca se levantará desse lado, as adorações e doxologias da própria visão beatífica.

Agora, meus irmãos, há uma lição aqui da maior importância e a primeira fecundidade para você e para mim. E essa lição é esta: vamos colocar nossa mais profunda cristologia em nossas orações. Uma razão pela qual tantas de nossas orações, tanto em público quanto em privado, são tão secas, frias e cheias de repetição, é porque há tão pouca cristologia neles; tão pouco da Escri-

tura do testamento, isto é. Não quero dizer que haja muito pouca linguagem em nossas orações no Novo Testamento; mas há muito pouca, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, que meditou, compreendeu, acreditou, percebeu e sentiu. É muito pouca substância da Escritura, força da Escritura, profundidade da Escritura e altura da Escritura em nossas orações. Foi isso que levou o doutor Thomas Goodwin, de longe o mais principesco pregador do púlpito puritano, para aconselhar os estudantes de divindade de Oxford a "engrossar" tanto suas devoções a Deus quanto suas exortações a seu povo, com a doutrina apostólica. Agora, mesmo que você não possua livros de alunos de doutrina apostólica, você possui o próprio apóstolo em suas epístolas, e eu o desafio a ler suas epístolas com o entendimento e o coração, e não ser arrastado, como seu escritor, para a adoração mais extática e arrebatadora. Vocês nunca serão capazes de ler dessa forma as partes doutrinárias dos Romanos, e os Efésios e Colossenses, ou, na verdade, qualquer uma das Epístolas de Paulo, sem ser agora completamente derretidos e quebrados, e agora completamente presos no Paraíso, até que sejam como Paulo. Se suas orações até agora foram cansativas para si mesmos e para todos os homens que tiveram a ver com vocês, e para o próprio ouvinte de oração, coloquem as grandes Epístolas de Paulo na compreensão, imaginação e no coração de vocês daqui em diante; e em seus corações e bocas surgirão doxologias e adorações tão seráficas e aceitáveis quanto as próprias doxologias e adorações em suas maiores epístolas.

As incessantes orações de Paulo nos impressionam imensamente. Em suas próprias palavras bem conhecidas sobre si mesmo, Paulo estava "*orando sempre com todos oração e súplica no espírito*" (Ef 6.18). Agora, isso, lido literalmente, pode muito bem olhar para nós como a linguagem de um homem levado ao exagero e extravagância absolutos sobre a oração. Mas não é assim. Tudo isso era literalmente verdade em relação a Paulo, que confessou o pecado por si mesmo e intercedeu por outros homens; ele também adorava e estourou em doxologias, literalmente sem cessar. Você já empregou uma relojoaria em sua vida devocional? Como o verdadeiro relojoeiro que era, Paulo apresentou todos os dias de sua vida com louvor e oração. "Quando acordo, ainda estou contigo!", ele exclamou ao acordar. Ele tinha adormecido na noite passada cheio

de louvor e oração, e pela manhã apenas começou de novo de onde havia parado na noite anterior. Como diz Agostinho, Paulo trouxe a palavra para a bacia de água todas as manhãs e todas as noites, e fez isso um sacramento. "Lave-me", disse ele, "e ficarei mais branco do que a neve". "Tua Palavra" — ele se lembrou disso também de Jó — "é mais para mim do que minha comida necessária." E então, com o passar do dia, cada instrumento que ele pegou em suas mãos foi oratória para Paulo. Como seu Divino Mestre, tudo era para Paulo uma parábola do Reino dos Céus. Tudo para Paulo era outra chamada a oração e louvor. Até que literalmente, e sem nenhum exagero ou hipérbole de qualquer forma, Paulo orava e cantava louvores incessantemente. Até que esteja tão velho quanto ele, você não terá ideia da grande liberdade, da variedade rica, do recurso inesgotável, da gama completa e da recompensa que há na oração. Que válvula de escape para a sua mente maior, e para o seu coração mais profundo, e para a sua individualidade mais rica e madura. Em vez da vida de oração ser uma monotonia e um cansaço, como pensamos, simplesmente não há exercício do corpo, e não operação da mente, e nenhuma afeição do coração, por um momento para comparar com a oração, por interesse e por variedade, por frescor, por elasticidade e para todo tipo de recompensa, saída intelectual e espiritual. Às vezes eu falo a você sobre o bispo Andrewes, e faço isso porque seu *Private Devotions* é de longe o melhor livro desse tipo em todo o mundo. Também porque nunca está fora de minha própria mão; e, naturalmente, também gostaria que nunca saísse do seu controle. E tudo isso porque Andrewes é um homem segundo o coração de Paulo, pelo frescor, pela plenitude e riqueza de suas orações. Andrewes tem uma meditação para todos os dias da semana, uma adoração, uma confissão de fé, uma confissão de pecado, uma súplica, uma intercessão e uma ação de graças, atos de louvor, atos de depreciação, atos de súplica e assim por diante. Então ele tem uma Horologia, composta exclusivamente fora da Sagrada Escritura, para cada hora do dia e da noite. E muito mais do mesmo tipo além disso. Que rica, frutífera, nobre, intelectual e espiritual é a vida que Paulo garantiu a si mesmo, apenas por seus hábitos e suas horas de meditação e oração. Como Andrewes também garantiu em sua medida. E muitos mais que se entregaram à oração como Paulo e Andrewes. E só porque, com tudo isso, não vamos aprender a orar, que deserto todos nós fazemos esta vida ser

para nós mesmos, até que deitam cansados nisso, e morrem, e são enterrados nela. Senhor, ensina-nos a orar!

Agora, assim como Paulo orou sempre e sem cessar, assim faremos, se tomarmos Paulo para nosso mestre em divindade e em devoção; e, como Paulo, continuamos a fazer de Jesus Cristo nossa expiação contínua por nossos pecados e nossa santificação contínua de nossa pecaminosidade. Se conhecermos o pecado de forma correta, e Cristo em tudo, então esta será a prova de que o fazemos — vamos orar por perdão e para um coração santo, literalmente, sem cessar. Como pode qualquer homem cessar, por um único momento, de arrependimento e oração que tem um coração cheio de pecado em seu seio, e aquele coração batendo em sua pecaminosidade em seu corpo e em cada momento do dia e da noite? Esse homem nunca vai deixar de orar até ter cessado de pecar, assim como Paulo não cessou. Com coração incessantemente pecaminoso dentro dele, há tantos homens e tantas coisas ao seu redor constantemente exasperando seu coração. Todos vocês devem saber disso. Está tão cercado de homens que você não pode encontrar na rua, ou ouvir ou ver seus próprios nomes, mas certamente deve, no local, fugir para Cristo para perdoar, curar e esconder a si. Esses homens podem nunca ter machucado um fio de cabelo de sua cabeça; eles nunca vão suspeitar da tentação que são para você; mas tal é a malícia enraizada e indelével de seu coração em relação a eles, que, enquanto você e eles vivem neste mundo, terá que orar por si mesmo e por eles sem cessar. Quando você parar de orar por aqueles homens, naquele momento começará novamente a pecar contra eles; e isso continuamente o leva de volta ao sangue de Cristo tanto para você como para eles. Nunca vai absolver Paulo de ter extravagância e de estar fora de si sobre a oração, até que se iguale e exceda-o na oração incessante, tanto por você como por todos os homens. E irá superá-lo quando tomar seu coração excessivamente pecaminoso em suas mãos, observando seus movimentos de pecado e sua necessidade de redenção o dia todo. Se fosse possível, e por que, em nome de Deus e de sua alma imortal, você não deveria tornar isso possível? Se fosse possível, eu digo, levar seu diário particular amanhã e fazer uma cruz na página sempre que você tem que fugir de seu próprio coração para o sangue de Cristo; então contar o número de cruzes no final do dia — se você fez isso, "sempre" e

"incessantemente", seriam as palavras mais fracas que você poderia usar sobre o seu pecado e seu arrependimento. Na rua do meio-dia amanhã, pararia aquelas marcas tristes em seu livro, em suas refeições você as faria, em negócios, em ligações e em conversas com seus amigos mais sábios, melhores e menos provocadores de pecados. Em seu trabalho, em seu culto familiar, em seu banco de sábado, na própria mesa do Senhor; e, se fosse um pastor, em seu próprio púlpito. "Sempre" e "incessantemente". Paulo não fez exceção e não encontrou quitação dessa guerra. E nem você, até que veja Paulo e compartilhe seu lugar com ele, tão perto dos pés dele e de seu Mestre, que o pecado não chegará. Uma relojoaria para um dia como aquele faria você ler à noite as doutrinas e suas doxologias como você nunca as leu antes.

E serei ousado, específico e pessoal neste ponto, e direi uma coisa de extrema importância para você e para mim: devemos imitar Paulo nisso e dedicar muito mais tempo à oração do que já dedicamos. Eu sou tão certo quanto estou aqui, que o segredo de muitos danos para as nossas almas, e para as almas dos outros, reside na maneira como nos restringimos, morremos de fome e enganamos nossas orações, correndo sobre elas. Oração que vale a pena chamar de oração: uma oração que Deus chamará verdadeira e tratará como oração verdadeira leva muito mais tempo, pelo relógio, do que o homem pensa. Depois de tudo isso, o Espírito Santo tem feito para tornar a verdadeira oração independente dos tempos, dos lugares e de todos os tipos de instrumentos e assistências — contanto que permaneçamos neste mundo não espiritual e não devocional, não teremos sucesso. Cuide para que você não seja muito espiritual no que diz respeito à oração. Cuide-se bem para que não leve a sua Salvação de maneira muito suave e muito barata. Se encontrar a sua vida de oração sempre tão curta, e tão fácil, e tão espiritual, a ponto de ser sem custo, esforço e suor para você, pode confiar nisto: você ainda não começou a orar. Tão certo quanto você se senta aí, e eu fico aqui, é apenas nesta questão de tempo na oração que tantos de nós estamos naufragando em nossas próprias almas e nas almas de outros. Se alguns de nós estivéssemos trancados na prisão como Paulo, acredito que teríamos graça suficiente para nos tornarmos, naquela vida sequestrada, homens de grande e prevalecente oração. E, talvez, quando estivermos suficientemente velhos e libertos

dos negócios, e cansados de passar nossas noites comendo, bebendo e conversando: quando a igreja e o mundo estão cansados de nós e nos deixam em paz, nós ainda podemos encontrar tempo para orar e poder voltar os anos de oração que aqueles vermes comeram.

E agora, para chegar ao último e melhor tipo de todas as orações, a coroa e o fim de todas as orações de Paulo, oração de intercessão. Temos pouca coisa, de fato, do tipo de oração desenhada em qualquer comprimento da pena de Paulo, mas oração por outras pessoas. Se vocês se reunissem e tabulassem por todas as orações de Paulo de todos os tipos, como o doutor Pope fez em seu outro livro, descobririam que todos eles vêm sob o título de saudações, invocações ou bênçãos: intercessão, em resumo, de um tipo ou de outro; com, de vez em quando, uma explosão de doxologia que não pode ser classificada exceto por si mesma. Que consciência tranquila Paulo deve ter tido, e que coração feliz, nesta questão de oração de intercessão, em comparação com a maioria de nós. Quantas crianças, pessoas enfermas e pessoas com o coração partido Deus colocou em nossas mãos, e nunca os trouxemos ao Seu propiciatório. Quão feliz estava Paulo, e quão felizes eram aquelas igrejas que tinham Paulo como pastor. Quão feliz por ser seu companheiro de idade em Éfeso, seu médico, seu filho no Evangelho. Falando do médico de Paulo, devo encerrar com algumas linhas sobre esse assunto, fora dos papéis privados de Sir Thomas Browne, um homem de oração, não indigno de ser nomeado com o próprio apóstolo: "Orar em todos os lugares onde a quietude convida; em qualquer casa, rodovia ou rua; e não conhecer nenhuma rua nesta cidade que não pode testemunhar que não me esqueci de Deus e meu Salvador: e que nenhuma paróquia ou cidade onde eu tenha estado diga o mesmo. Para aproveitar a ocasião de orar ao avistar qualquer igreja que eu vir, ou passar, enquanto cavalgo. Para orar diariamente e particularmente pelos meus pacientes enfermos, e por todas as pessoas enfermas sob cujo cuidado seja assim. E, na entrada da casa do doente para dizer — que a paz e a misericórdia de Deus estejam nesta casa. Após um sermão para fazer uma oração, desejar uma bênção e orar pelo ministro. Ao avistar pessoas para abençoar a Deus por Suas criaturas; para orar pela beleza de suas almas, e que Ele os enriqueceria com a graça interior, para serem responsáveis perante o exterior. Ao avistar pessoas deformadas, orar a Ele

para que lhes envie graças interiores e para enriquecer suas almas e dar-lhes a beleza da ressurreição". Tivesse o senhor Thomas Browne vivido nos dias de Paulo, o apóstolo em oração o classificaria com Lucas e os teriam chamado de seus dois médicos amados. Irmãos, orem por mim, disse Paulo.

Ore por minha alma, disse Arthur também —
Ore por minha alma. Mais coisas são feitas pela oração
Do que este mundo sonha. Portanto, deixe tua voz
Levanta-te como uma fonte para mim noite e dia.
Pois o que os homens são melhores do que ovelhas ou cabras
Isso alimenta uma vida cega dentro do cérebro,
Se, conhecendo a Deus, eles não levantassem as mãos em oração
Tanto para eles como para aqueles que os chamam de amigos?
Pois assim toda a terra redonda é, de todas as maneiras,
Preso por correntes de ouro, aos pés de Deus.

Mas aquela importante questão de tempo volta para mim, e não me deixará ir. Dediquem mais tempo à oração, meus irmãos. Tirem uma hora de cada 24. Ou, se não pode dispensar uma hora, reserve meia hora; ou, se você não sabe o que fazer ou dizer por meia hora, leve um quarto de hora. Leve das 20h às 21h todas as noites, ou das 21h às 22h, ou das 22h às 23h, ou alguma parte disso. E, se você não pode preencher o tempo do seu próprio coração, leve Davi, Paulo ou Andrewes para ajudá-lo e mostrar-lhe como orar em segredo; pois é raro e uma arte difícil, mas absolutamente indispensável.

CXV. Paulo
um homem de fé

A extraordinária concentração da fé de Paulo sobre a Cruz de Cristo é de longe a coisa mais impressionante e notável sobre ele. É dessa forma que esse homem deixa todo o resto de lado para poder firmar sua fé sobre a Cruz de Cristo sozinho — é isso que o torna nosso modelo e mestre em todo esse caso da Cruz de Cristo. Pelo bem dela, Paulo nega a si mesmo diariamente em muitas outras das grandes coisas de Cristo. Que esplêndidas visões d'Ele estão na magnificente cristologia de Paulo! Que vislumbres cativantes e atraentes ele nos dá algumas vezes no terceiro céu! Contudo, nós somos imediatamente chamados de volta de tudo aquilo para sermos crucificados com Cristo. "Tudo tem o seu tempo determinado", diz Paulo. *"Porque nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado"* (1Co 2.2). Uma grande profetização paulina, de fato, a maior que eu conheço, estava acostumado a dizer que existem muitas coisas em nosso Senhor muito mais maravilhosas e gloriosas do que até mesmo Sua Cruz. No entanto, Paulo nunca diz isso. Ou se ele é levado a dizer, instantaneamente se arrepende e diz: *"Mas longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo"* (Gl 6.14a). Como a pomba em sua janela, como o pássaro em sua montanha, mesmo após ele ter sido levado ao terceiro céu, Paulo se apressa em voltar para a Cruz de Cristo. Em algum momento, Paulo estaria para sempre com o Senhor; finalmente se sentaria com Cristo em Seu Reino; estaria em casa nos Céus e não meramente em uma breve visita; ficaria completamente habituado naquele lugar e para sempre na segurança e na glória; Paulo teria então, sem dúvida, tempo e desapego para conceder a outras coisas em Cristo além de Sua Cruz. Todavia, eu não tenho certeza. De qualquer forma, contanto que Paulo seja de carne e osso; contato que ainda seja carnal e convencido sob o pecado; contanto que aquele mensageiro de Satanás ainda o esbofeteava, a Cruz de Cristo com Seu sangue que redimia os pecados é a glória que ultrapassa todo o resto em Cristo para Paulo. O que agarra o meu coração acima de tudo para esse homem é que justo a concentração da experiência, sua fé e sua pregação sobre a Cruz de Cristo.

Outra coisa na fé de Paulo é o modo extraordinário no qual ele se identifica com Cristo quando o mesmo está sobre a Sua Cruz.

Ele e Paulo combinam e são unidos no pecador sucumbindo na árvore amaldiçoada. Isso leva ambos, Paulo e Cristo, a se reunirem na crucificação do último mencionado. Nosso Senhor é apreendido, acusado, condenado e crucificado diante de Deus para Paulo; então Paulo é crucificado diante de Deus em si, e junto de Cristo. Nessa transcendente identificação de Cristo com Paulo, e de Paulo com Cristo, o apóstolo assim trabalha, na força e da maneira do Espírito Santo, para estabelecer para nós em suas gloriosas doutrinas da fiança e substituição de Cristo, a imputação da culpa de Paulo e profanação de Cristo, então a imputação da justiça e da transmissão do Espírito de Cristo para Paulo. Essas grandes doutrinas do Evangelho de Paulo podem ser tão divinas e profundas que seu coração ainda não responde a elas. As palavras tremendamente fortes de Paulo sobre Cristo e Sua Cruz podem surpreendê-lo, mas isso é porque a lei de Deus ainda não entrou em seu coração. Quando ela o fizer, e quando, depois disso, Deus revelar Seu filho, você então se tornará tão paulino em sua teologia e em sua grande linguagem quanto o próprio Lutero. Eu posso muito bem acreditar que a fé tão original, tão poderosa e concentrada na cruz de Paulo espanta e irrita alguns de vocês. Não irrita e espanta nenhum de vocês da mesma forma que em determinado momento espantou e positivamente exasperou o próprio Paulo. Mas agora ele diz: *"Já estou crucificado com Cristo: o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim"* (Gl 2.20). E uma vez que a fé de Paulo está dessa forma concentrada na cruz de Cristo e esse homem assim se identifica com Ele crucificado, tudo na experiência de Paulo — passado, presente e o que ainda está por vir —e tudo que apenas enraíza mais profunda e fortemente a fé de Paulo na cruz de Cristo. Eu muitas vezes me lembro da evidência que o Almirante Dougall deu na investigação na ponte Tay quanto à direção e a força dos ventos que sopram abaixo do vale de Tay. "Árvores não são tão bem preparadas para resistir à pressão de um quartel incomum", disse aquela testemunha observadora. "Uma árvore espalha suas raízes na direção do vento que prevalece." Agora, a fé de Paulo era como uma das árvores do Almirante, pois espalhava continuamente suas raízes na direção da tempestade iminente. A única diferença era que o vento que compelia a fé de Paulo para espalhar suas raízes ao redor da Cruz de Cristo soprava fora do alcance de montanhas terrenas. Era o vento opressor da ira de Deus, que erguia com tamanha fúria a consci-

ência de Paulo sobre sua vida passada. As explosões da ira divina que destruíram os lados sombrios de Sinai atingiram com choques tão fortes contra a fé de Paulo em Cristo, que, como as árvores nos lados varridos pelo vento em Tay, se tornou apenas um motivo para aquele vento tão enraizado e fundado em Cristo crucificado, que mesmo que a chuva caísse, as enchentes inundassem, os ventos soprassem e rasgassem sobre a fé de Paulo, ela não cairia, pois estava presa nas raízes, com cada nova tempestade, mais e mais profundamente na cruz de Cristo.

Abaixo, subitamente fora da vida passada de pecados de Paulo, a mais terrível das tempestades iria, até o fim de seus dias, explodir sobre ele. Você não deve idolatrar esse homem. Não deve totalmente o interpretar mal e persistentemente se equivocar sobre ele, como se Paulo não tivesse sido um homem com paixões como vocês mesmos. Ele foi muito melhor do que vocês ou eu, mas, quanto ao pecado, não há diferença. A grandeza da fé de Paulo; a inigualável concentração e poder identificador de sua fé; tudo que apenas fez a súbita explosão que golpeou sua fé para o mais terrível de suportar. Ó, sim! Você pode dizer que Paulo tinha milhares de coisas atrás de si que varriam culpa, vergonha e tristeza sobre sua cabeça até o dia de sua morte. Os homens, as mulheres e as crianças que ele transportou para a prisão; os lares santos que ele desolou com suas hordas; os martírios que ele instigou, o sangue que nunca neste mundo seria lavado de suas mãos; nestas e em milhares de outras coisas, Paulo era uma criança da ira como os outros. E aquela ira de Deus iria despertar em sua consciência e iria agredi-lo em sua fé, da mesma forma que a ira de Deus agride a sua e a minha fé todos os dias em que vivemos, se, por assim dizer, nós vivemos, afinal. Não, não há diferença. A única diferença é que Paulo sempre encontrou aquela ira crescente com uma fé em Cristo crucificado que nunca foi igualada. *"Porque eu, pela lei, estou morto para a lei"* (Gl 2.19a), ele dizia, ou tentava dizer, toda vez que a lei o agarrava como seu prisioneiro — *"Porque eu, pela lei, estou morto para a lei, para viver para Deus"* (Gl 2.19). Quando os dois ladrões morreram em suas cruzes no Calvário, dali e até depois de seus cadáveres serem queimados no Inferno[23], ainda chegariam para a corte da justiça em Jerusalém reclamações, prantos e acusações contra aqueles dois

[23] Esse trecho está em desacordo com a histórica bíblica, ver Lucas 23.43 (N.R.).

malfeitores de todas as partes da Terra. "Ele roubou meu gado", "Ele assaltou minha casa", "Ele queimou meu celeiro", "Ele assassinou meu filho." Contudo, o juiz iria dizer para todas aquelas acusações tardias que o assassino já estava morto. "Ele já foi crucificado. Ele está além de suas acusações e minhas jurisdição. Já pagou com sua vida por todos os seus atos de roubos e sangue. Sua morte apagou para sempre tudo que pode ser falado ou escrito contra ele." E assim foi com Paulo. Todas as suas perseguições e blasfêmias, com todo o resto de cada tipo de ato maligno que poderia surgir de sua vida passada — tudo isso encontraria Paulo já como um homem morto. Ele foi decapitado, ele terminou para sempre com os juízes e acusadores: venha com o que quiser, com o ponto de vista que desejar, já é tarde demais. Um homem morto não é facilmente envergonhado, e nenhum carcereiro carrega um cadáver para a prisão. Não, o caso de Paulo é melhor do que esse dos ladrões justificados pela morte, pois, no caso de Paulo, dois homens estão mortos pelas transgressões de um homem. E não dois meros homens, mas um deles, o próprio Filho de Deus. Verdadeiramente a lei é magnificada e honrada no caso de Paulo! Mais dez milhões de vezes honrada do que se nunca tivesse sido rompida, uma vez que o próprio Divino Legislador satisfez a lei quebrada e Ele mesmo foi crucificado pelas transgressões de Paulo.

E como foi com o passado dos ladrões e com o de Paulo, assim é com o seu e o meu. Com o meu, de qualquer forma. *"Examine-se, pois, o homem a si mesmo!"* (1Co 11.28a). Paulo continuava dizendo para mim por toda a última semana e ele mesmo me mostrou o caminho. Contudo, de fato, eu não precisei me examinar, nem ter o caminho mostrado a mim. Meu passado, *por si só,* veio até mim como o dos ladrões e o de Paulo, e como aquela noite tempestuosa de Sábado na trilha de Tay. De cada cidade, vilarejo e casa que eu já vivi, o vento soprou e golpeou sobre minha consciência. Fora do meu pastorado, fora da minha vida familiar, fora das minhas amizades íntimas. Pecados de omissão e pecados de comissão. O que eu deveria ter feito e não fiz. O que eu odiava e, no entanto, fiz. A tentação e a provação que eu fui para outros homens. O pecado e a tristeza que eu causei. A provocação e ofensa que eu fiz. A culpa que eu trouxe para o ministério — e milhares de coisas assim. Eu poderia lhe dar os nomes das pessoas e dos lugares, porém você

Personagens da Bíblia - Novo Testamento.indd 356 13/11/2021 13:16:42

não os conheceria. Eu deixei os espaços em branco por essa razão também, para que você os possa preencher com as pessoas, lugares e coisas que o enviam para a mesma mesa em lágrimas. Que tipo de comunhão você teve no último Sábado? Eu não tenho dúvidas que muitos de vocês tiveram uma melhor preparação e Mesa de Comunhão do que eu tive, mesmo que a minha tenha sido de longe a melhor que tive até agora.

Mas a forma peculiar e envolvente com que Paulo fala no texto carrega o segredo de uma grande vitória e uma grande paz. Marquem bem exatamente o que ele diz. Ele não diz que uma vez foi ou que tinha sido crucificado com Cristo, mas que está, *no presente*, assim crucificado. Isso é tanto para se dizer que, contanto que Paulo tenha deixado algum pecado, Cristo será crucificado. Não apenas o pecado do passado desse homem é coletado e colocado sobre Cristo crucificado; mas quase mais do que toda pecaminosidade presente de Paulo chega sobre sua consciência apenas para o encontrar morto para ela e para seus pecados também, tão verdadeira e completamente ele está crucificado com Cristo. É impossível descrever propriamente, ou mesmo com segurança, para uma congregação inteira a experiência de Paulo. Mas aqueles que têm essa abençoada vivência em si não precisam que a descrevam, e seus corações e vidas santas são a melhor prova de sua segurança. Eu tentarei descrever para alguns de vocês o que a sua vida é, e a descrição vai, de alguma forma, confortar e o assegurar acerca disso. Seus corações batem em sua secreta pecaminosidade com cada pulsar, para que você sufoque, seja consumido e morra com a culpa e a poluição de seu coração, a menos que já esteja morto. Sendo dessa forma, mesmo que ninguém acredite ou ache sentido de como pode assim ser, sua pecaminosidade indescritível nunca chega a distância mesmo de escurecer sua mente ou aprisionar sua consciência. E isso é porque ambos estão seguros em Cristo crucificado. Como a consciência de Lutero estava. "A lei não é a senhora da minha consciência", protestou esse fiel semelhante a Paulo e um leão. "Jesus Cristo é Deus Todo-Poderoso, e Ele é o Senhor da minha consciência. Ele é o Senhor da lei também, ambas, quebrada e não quebrada, e Ele a mantém fora da minha consciência ao manter esta continuamente regada com seu sangue pacifista." Novamente, nas palavras de Paulo, o verdadeiro homem que crê está "morto", não só para a lei, mas

também para o pecado, a culpa e a sua própria corrupção. A verdadeira corrupção do coração de um crente não chega em sua mente para produzir uma consciência ruim, mas para encontrar esse crente já crucificado por toda aquela corrupção com Cristo. Quanto a mim, eu não poderia viver um dia, nem a parte de um dia, onde não estivesse crucificado com Ele. Iria adoecer, desfalecer, cair no meio da rua, eu morreria. Venham ao meu lado, meus irmãos! Há espaço em Cristo crucificado para todos nós. Tenho certeza de que vocês vivem uma vida miserável aí embaixo sem Ele. Não é uma vida de cão aí? Venham aqui em cima, para descansarem em paz.

Aprenda a dizer e então diga continuamente até que diga até mesmo em seus sonhos: "Eu sou crucificado com Cristo!" Então você conseguirá trabalhar, comer, beber, sair, deitar e levantar em paz. Será capaz de morrer em paz e de despertar para sempre para Cristo e Sua paz incessante. *"Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a pela fé do Filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim"* (Gl 2.20).

"A si mesmo por *mim,* a si mesmo por *mim!*" Aí está uma fé que com certeza irá satisfazer mesmo Jesus Cristo e irá deixá-Lo livre para fazer algumas de Suas poderosas obras. Se Ele for por toda a Judeia e toda a Galileia, e mesmo cruzasse a Siro-Fenícia, buscando por fé, certamente ali estaria para o agradar por fim. O Filho de Deus *por mim!* Com certeza isso deve ir para o coração de Cristo e o deixar cativo. Nós também iremos dizer isso; eu, de qualquer forma, irei dizer com Paulo, pois, como Deus é minha testemunha, eu sinto com Paulo que nada a não ser esse homem, e ninguém senão Jesus e esse crucificado, poderiam reparar os meus pecados. O Filho de Deus no Calvário, com todo o Céu e todo o Inferno sobre Ele — Ele, e Ele sozinho: Ele e somente o seu sangue podem encontrar e formar a resposta para a culpa e a poluição de meus pecados. Mas Seu sangue, o sangue de Deus — é certamente capaz de proclamar a paz em minha consciência e confortar meu coração: em minha mente preenchida por maldições e meu peito cheio de fogo infernal. "A si mesmo por *mim,* a si mesmo por *mim!*" Pela vergonha, humilhação, o açoite, o cambalear dentre as ruas, os pregos amargos, a lança de partir o coração, a escuridão e morte infernais, tudo coroado por Seu Pai o abandonando — Sim,

este é o deserto dos meus pecados. Isso responde pelos meus pecados. Meus pecados explicam tudo isso e precisam disso tudo, e não se satisfarão com nada além disso tudo. Tudo isso, carregado para mim por meu Mestre, meu Legislador e meu Redentor. Mas é mesmo apenas como Paulo deixou — *"[Ele] me amou, e se entregou a si mesmo por mim"* (Gl 2.20b).

CXVI. Paulo
o chefe dos pecadores

Todos sabem o que os santos mais eminentes das Sagradas Escrituras acham e dizem de sua pecaminosidade. E aqui está o que alguns dos santos mais eminentes que viveram desde os dias das Sagradas Escrituras sentiram e disseram sobre sua própria pecaminosidade excedente também. Para começar com um dos mais santos dentre eles — Samuel Rutherford. "Quando eu olho para a minha pecaminosidade", diz Rutherford, "minha salvação é para mim o maior milagre do meu Salvador. Ele não fez nada nos Céus ou na terra como a minha salvação." E o título da incomparável autobiografia de John Bunyan começa assim: "Graça abundante para John Bunyan, o chefe dos pecadores. Venham e escutem, todos vocês que temem a Deus, e eu declararei o que Ele fez com a minha alma." "Há apenas uma aranha em todo este cômodo?", perguntou o Intérprete. Então os olhos de Cristã marejaram, pois ela era uma mulher de rápida compreensão, e ela disse: "Sim, Senhor, há mais do que uma; sim, e aranhas cujo veneno é muito mais destrutivo do que aquele que está nela." "Minhas filhas", disse Santa Terezinha em seu leito de morte, "não sigam meu exemplo; pois eu fui a mulher mais pecadora do mundo todo." Contudo, o que ela mais residiu quando morreu foi aquele meio versículo: "*Cor contritum— a um coração quebrantado e contrito não desprezarás, ó Deus"* (Sl 51.17b). "Não me confundam", disse Jacob Behmen, "pois meu coração é tão cheio quanto pode segurar de toda a malícia para com vocês e toda má vontade. Meu coração é o próprio monturo do Diabo, e não é um trabalho fácil lutar contra ele em um campo que o favorece. Mas é isso que eu devo fazer, por minha vida toda, até o fim." "Vão embora! Todos vocês, ignorantes e falsos bajuladores", gritou Filipe Néri para eles; "eu não sirvo para nada, senão para fazer o mal." "Quando um homem como eu", diz Lutero, "chega ao conhecimento da praga de seu próprio coração, ele não é apenas miserável — ele é a própria miséria absoluta; não apenas pecador—, ele é o próprio pecado absoluto." "Eu sou feito de pecado", soluçou o bispo Andrewes, até que seu livro de orações particular se tornasse completamente ilegível por conta das lágrimas e suores de seu autor. "Muitas vezes pareceu para mim", diz Jonathan Edwards, "que Deus marcaria minha iniquidade de coração e que meu leito estaria no Inferno." "Eu me sentei ao lado de uma sujeira", diz o Lorde Brodie, "e fiquei enojado com os sapos, insetos e muitas

outras criaturas sujas que vi sufocando ali. Mas o tempo todo o meu próprio coração era uma terra muito pior para mim e muito mais suja do que a que eu me sentava." *"Esta é uma palavra fiel, e digna de toda a aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal"* (1Tm 1.15), diz Paulo. Bem, talvez nosso Salvador nos pare e pergunte se nós contamos ou não o custo de sermos Seus discípulos completos!

Eu posso muito bem acreditar que existem alguns novos iniciantes aqui que estão terrivelmente espantados com tudo isso. Eles foram trazidos positivamente para adorar o apóstolo Paulo, Lutero, Rutherford, Bunyan. E como tais santos de Deus podem escrever coisas tão amargas contra si mesmos, você não consegue entender. Você gostaria de concordar com todos esses homens em todos esses assuntos quanto ao pecado e a pecaminosidade; mas não vê como eles podem honesta e verdadeiramente dizer tais coisas como as de cima sobre si mesmos.

Tolo! Disse minha musa para mim,
Olhe em seu coração e escreva. [24]

Lembre-se dessas duas linhas do verdadeiro poeta. Mesmo que não tenham sido escritas sobre o pecado, elas nunca chegarão à sua completa verdade e mais frutífera aplicação até que sejam levadas para a casa por um pecador que está procurando pela santificação. Sim; olhe bem para o seu coração e encontrará ali a verdadeira explicação de sua perplexidade sobre Paulo, Lutero, Rutherford, Bunyan e todo o resto.

Afinal, seu próprio coração guarda o segredo de você de todo esse assunto. Se você possui algum conhecimento real sobre seu próprio coração, afinal, isso não pode ter possivelmente lhe escapado, isto é, existem coisas dentro dele que são mais chocantes e humilhantes para você encontrar ali. Existem pensamentos em seu coração, sentimentos, desejos, gostos e desgostos; coisas que você teve de esconder e coisas que não pode esconder; coisas que, se

[24] Referência à poesia "Astrophil and Stella 1: Loving in truth, and fain in verse my love to show", de Sir Philip Sidney.

você possui alguma religião, afinal, fazem com que você dobre os seus joelhos e fale com Jesus Cristo todos os dias. Bem, você tem em tudo isso a verdadeira chave para o coração de Paulo e para o de todo o resto. Tanto que, se você avançar como começou, logo estará espantando novos iniciantes com as Escrituras que leu e com os salmos e hinos que escolheu, com as petições que oferecer sempre que estiver ciente; e pode ser que com a autobiografia que você ainda vai escrever para contar a todos aqueles que temem a Deus o que Ele fez com a sua alma. Apenas siga com as lições daquela escola interna e logo espantará todos nós com a paixão que você, assim como Davi e Asafe, irá colocar no mais penitente dos salmos.

"As mais altas chamas são as mais trêmulas", diz Jeremy Taylor. Isso quer dizer que os homens mais santos são os mais cheios de medo santificado, santificada penitência, humildade e amor. E isso tudo é assim por conta de que, quanto mais verdadeira a espiritualidade de mente que qualquer homem possui, mais exótica será a sensibilidade desse homem para o pecado e a excedente pecaminosidade. "Os santos de Deus têm uma visão aguçada demais para sua própria autossatisfação", diz William Guthrie em seu pequeno livro dourado. Assim eles são, pois, quanto mais santos os homens se tornam na vista e estima de Deus, mais horríveis e desamparados se tornam para si mesmos. Assim é a visão cada vez mais aguçada deles para com a sua própria pecaminosidade restante. Mesmo quando Deus está prestes a transformá-los para Ele mesmo, pois eles assim o agradam, nesse mesmo momento eles sentem que nunca estiveram tão próximos de serem completos rejeitados. Quando todos os outros homens estão adorando-os por sua santidade e corretamente o fazendo, esses santos de Deus estão rangendo os dentes às diabruras que ainda estão passando pelos seus corações.

Eles se odeiam ainda mais quando você os ama. Amaldiçoam-se quando você os abençoa. Quanto mais os exalta e os louva, mais eles se deitam com os rostos afundados na terra. Quando os enche de honrarias e elogios, eles os queimam e os derretem com suas lágrimas. Todo o topo é água, e seus olhos são uma fonte de lágrimas no instante em que Deus está se erguendo em compaixão e recompensa, para secar seus rostos para sempre.

E é a visão de Deus que faz isso. É a visão de Jesus Cristo que faz isso. A lei santa de Deus sobre o amor ao entrar em nossos co-

rações cada vez com mais profundidade que faz isso. É quando eu agarro meu próprio coração, com toda a sua maldade e egoísmo; com toda sua falsidade, dissimulação, inveja, ciúmes, rancor e malevolência, e o deixo ao lado do coração santo do meu Senhor — é o que isso faz. É então que eu me sento ao lado de uma sujeira com o pobre Lorde Brodie. É então que minha Bíblia da meia-noite começa a se abrir em lugares incomuns e eu começo a fazer amizade com pessoas incomuns. É então que eu busco pelo livro de Jó, veja, não mais por sua incomparável dialética e nobre literatura. Todas essas coisas, como Halyburton diz, agora se tornaram comparativamente desagradáveis para mim. Ou, senão desagradáveis, então sem gosto ou insípida, como o próprio Jó diz sobre a clara de um ovo. Não: minha alma se volta em sua agonia de dor e vergonha, e busca por uma fala para si em tais passagens consumadas como estas: *"Com o ouvir dos meus ouvidos ouvi, mas agora te vêem os meus olhos. Por isso me abomino e me arrependo no pó e na cinza. Eis que sou vil; que te responderia eu? A minha mão ponho à boca"* (Jó 42.5-6; 40.4). E, a partir daí, minha Bíblia começa a se abrir nos lugares corretos para mim, em Davi, Asafe, Esdras, Daniel, Pedro, Paulo e assim por diante, todos os homens semelhantes a Paulo até os meus dias. Assim chegam aqueles autores que são clássicos para mim agora e não são efemérides na religião ou literatura que eu costumava gastar meu tempo e dinheiro quando era um principiante; meus verdadeiros clássicos são aqueles homens magistrais que olham para seus corações e então escrevem para o meu coração. É a visão de Deus que os fez os escritores que são, e é a mesma visão que está, ao mesmo tempo, fazendo-me um leitor que, também, tardiamente, estou começando a ser. É a visão de Deus que faz isso, até minha pecaminosidade tomar tamanha espiritualidade profunda, alta exclusividade, oculta sigilosidade, que eu possa encontrar a fala adequada para tudo aquilo que está em mim apenas em Davi e em seus grandes salmos. Dessa forma: *"Contra ti, contra ti somente pequei, e fiz o que é mal à tua vista. Os sacrifícios para Deus são o espírito quebrantado; a um coração quebrantado e contrito não desprezarás, ó Deus.Cria em mim, ó Deus, um coração puro, e renova em mim um espírito reto"* (Sl 51.4a, 17, 10).

Foi seu próprio pecado; ou para dizer mais exatamente, foi sua própria pecaminosidade que assim humilhou Rutherford, Bunyan,

Christiana e Terezinha, e lhes quebrantou o coração. Nada, afinal, humilha; nada realmente toca o coração de pessoas como eles; apenas a pecaminosidade interna de seus próprios corações. Nós, tolos de coração raso, iríamos pensar e dizer que foi um grande crime ou um escândalo aberto em que aqueles homens e mulheres santos haviam caído. Ó, não! Não havia pessoas na época deles de um nome tão inocente quanto o deles. Um deles mesmo costumava dizer que não era "tão humilhante e de partir o coração ser como uma besta algumas vezes, do que ser como o Diabo. Mas ser ambos!", ele gritava em sua dupla agonia. As coisas deste mundo que tanto humilham os outros homens não trazem mais nada do que um rubor momentâneo para homens como Rutherford e mulheres como Terezinha. Apenas supere as coisas que o humilharam e envergonharam na vida terrena e suas circunstâncias; então passe para a classificação de Deus e dos santos, e você entrará em uma carreira de humilhação que murchará completamente as coisas que o envergonham agora, até que esqueça que elas existiram. Agora, o que eu estou dizendo é que o pecado, sozinho, verdadeiramente humilha um santo, mesmo quando a santidade sozinha o exalta. Foi o pecado, e especialmente a pecaminosidade, que fez aqueles grandes santos chorarem no passado.

Um vidente grego estava uma vez lendo as mãos e o rosto de Sócrates para discernir seu verdadeiro caráter e advertir o povo de Atenas de suas reais intenções. Enquanto continuava, este assustou toda a assembleia ao pronunciar que Sócrates era o homem mais incontinente e libidinoso de toda a cidade; o maior extorsionário e ladrão; e coisas ainda piores do que essas. Quando a multidão enfurecida estava prestes a cair sobre o adivinho e o rasgar em pedaços por dizer tais coisas sobre seu maior santo, o próprio Sócrates veio adiante, restringiu a ira deles e confessou abertamente, dizendo: "Vocês, homens de Atenas, deixem este homem que diz a verdade em paz e não o machuquem. Ele não disse nada errado sobre mim, pois não há nenhum homem entre todos vocês que é por natureza mais predisposto a todas essas coisas malignas do que eu sou." E com isso ele aquietou, ensinou e acalmou a cidade inteira. Agora, novamente Sócrates é apóstolo dispensado de Deus e pregador para o povo grego, pois ele estava ensinando-lhes que, para começar, não há diferença entre nós. Nossos corações são por natureza

todos igualmente malignos. Mas isso, como os estoicos ensinaram, através de qualquer vício que está igualmente em nós, não é igualmente existente em todos nós.

Assim como ele que conhece seu próprio coração irá medir seu próprio valor a partir desse, e não pela valorização das ruas ou dos mercados; também aqueles homens mais nobres em todas as terras e repartições são aqueles que conhecem a si mesmos e que, a partir de tal conhecimento, se mantêm sob Deus e esperam n'Ele, até que obtenham n'Ele um bom momento para um coração, uma mente e uma vida inocente.

No entanto, outro uso para esse solene assunto é para o conforto do verdadeiro povo de Deus. É para deixar que vejam que não estão sozinhos, e não é algo estranho o que tem acontecido com eles e tudo que têm passado. Quanto a mim, quando escuto Paulo dizendo aquilo no texto, assim como Lutero, Rutherford, Bunyan, Andrewes, Edwards e Brodie, é como se eu estivesse com o peregrino de Bunyan no vale da sombra da morte. "Quase no meio do vale, percebi a boca do Inferno, estava firmemente ao lado da estrada e sempre e sem demora com chama e fumaça, com fagulhas e barulhos, os quais saiam dali em tamanha abundância que Cristão disse: 'O que hei de fazer?'"[25] Uma coisa que eu não faria seria escorregar. Logo quando ele foi para a boca do poço ardente, um dos maldosos ficou atrás dele e o seguiu suavemente, sussurrando e sugerindo muitas blasfêmias para esse rapaz, as quais ele realmente achou estarem vindo de sua própria mente. Isso colocou Cristão em algo que ele nunca tinha passado antes, mesmo que ele pudesse ter evitado, ele não o teria feito, contudo, o homem não tinha discrição, nem para parar de ouvir ou para saber de onde essas blasfêmias vinham. E aqui chega o nosso ponto. Quando Cristão viajou nessa condição desconsolada por algum tempo considerável, ele estar escutando a voz de um homem, como se o estivesse seguindo, dizendo: *"Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque tu estás comigo"* (Sl 23.4a). Então Cristão ficou feliz por estes motivos: primeiro, pois, a partir daquelas palavras, ele entendeu que alguém que também temia a Deus estava no vale assim como ele. Segundo, pois percebeu que Deus estava consigo, mesmo

[25] Citação do livro "O Peregrino", de John Bunyan, nossa tradução (N.T.).

naquela escuridão e estado desesperador; “e por que não”, pensou ele, “comigo?” mesmo com aquele impedimento que frequenta o local, eu não consigo perceber. Terceiro, pois ele esperava ter companhia pouco a pouco. Então ele continuou e chamou aquele que estava atrás de si, mas ele não sabia o que responder, pois também achou que estava sozinho. Porém, pouco a pouco, o dia nasceu. Então disse Cristão: “Ele transformou a sombra da morte na manhã.”

CXVII. O espinho na carne de Paulo

As circunstâncias com Paulo eram estas. Para prepará-lo para seu grande trabalho apostólico, ele fora dotado com os mais extraordinários dons mentais. Paulo era um homem de uma genialidade de classificação muito importante. Para a minha mente, nenhum homem que eu conheço, sagrado ou profano, é digno por um momento de ficar na mesma classificação intelectual e espiritual que Paulo. E então nada exalta um homem, sagrado ou profano, em sua própria estima como um grande intelecto. Um intelecto imponente é talvez a maior tentação que pode ser colocada sobre qualquer homem mortal. Então, os privilégios e promoções inigualáveis acrescentados a tudo isso no caso de Paulo se combinaram para tornar sua tentação à vanglória a mais terrível tentação que já foi colocada sobre qualquer ser humano — a menos que nós chamemos Jesus Cristo de ser humano. Mas, focando em Paulo, sua eleição dentre todos os homens viventes para o maior serviço e a maior recompensa, que é a recompensa do próprio Jesus Cristo; sua conversão milagrosa; suas honras e privilégios inigualáveis após sua conversão estão muito acima de todos os grandes Apóstolos juntos; seus trabalhos mais abundantes do que o de todos eles e seus sucessos transcendentes— tudo isso era o suficiente, conforme a própria admissão e confissão de Paulo um pouco mais tarde, para o exaltar acima da média. Recebidas e empregadas corretamente, todas essas coisas deveriam apenas ter feito Paulo o homem mais humilde e simples dentre todos os homens.

Mas o próprio fato de que Ele que conhecia Seu servo por dentro e através dele viu que seria absolutamente necessário balancear os talentos e privilégios de Seu servo com tais espinhos e esbofeteadas é uma lição certeira para nós de que o mais humilde dos santos não está seguro do orgulho, nem o homem mais piedosamente orientado está acima, perigosamente se deleitando na glória desta terra. Em suma, de longe o melhor santo então vivo na face da Terra era apenas metade santificado, e seu Mestre Divino viu que esse era o caso e tomou as providências adequadas.

Agora, o que realmente era aquele espinho na carne de Paulo, ninguém sabe. Suposições e especulações sem fim se aventuraram sobre isso, mas nenhum resultado real. Os Pais e homens da Idade Média em sua maior parte diziam que o espinho de Paulo era

algo carnal, enquanto o grande corpo dos comentaristas protestantes e evangélicos se seguram na ideia de que deve ter sido algo completamente espiritual e experimental. Crisóstomo pensou ter visto Himeneu e Alexandre ali. Enquanto Calvino entendia como o empalação vitalício do homem interior de Paulo sobre todos os tipos de problemas e provações. Mosheim novamente tinha certeza que eram as posições de todo o remorso perpétuo dos primeiros dias de Paulo; e assim por diante. Em nossos dias, a interpretação tomou uma linha de raciocínio própria sobre o assunto. Lightfoot acredita fortemente que era epilepsia. E, enquanto Dean Farrar admite haver algo para ser dito quanto à epilepsia, ele decide no geral pela oftalmia. Então o professor Ramsay, o último e, em seu próprio campo, um dos melhores comentarista de Paulo, não tem dúvidas, afinal, que foi uma febre ardente, como era tão frequente naquela época na Ásia Menor. O que quer que seu espinho realmente fosse, nós somos deixados sem dúvidas de o que Paulo fez com este. E somos deixados da mesma forma quanto ao que a mente e vontade de seu Mestre estavam querendo. Então tudo nos leva para esta magnífica decisão do apóstolo: *"De boa vontade, pois, me gloriarei nas minhas fraquezas, para que em mim habite o poder de Cristo"* (2Co 12.9b). Um esplêndido parêntesis em um esplêndido argumento. Um capítulo autobiográfico do mais instrutivo e impressionante, e de todos os tipos de proveito e deleite, para ler e se lembrar.

Agora, enquanto isso será o menos produtivo de todos os nossos estudos em procurar descobrir o que exatamente o espinho secreto de Paulo era; por outro lado, será um dos mais frutíferos e recompensadores de todos os nossos melhores estudos, ambos para nós mesmos e também para as Sagradas Escrituras, se nós conseguirmos descobrir o que o nosso próprio espinho é e então fazermos bom uso deste. Para ser informado até mesmo por si, apenas que o espinho de Paulo, na verdade, não nos traria um átomo de benefício real. Contudo, se eu tenho um espinho em minha própria carne, e se eu sei o que ele é, o motivo de estar ali e o que devo fazer com ele — isso será uma das descobertas mais divinas neste mundo para mim; será a salvação da minha própria alma. Esqueça dos comentaristas no espinho de Paulo; até o melhor deles, para que estes não tirem sua atenção de seu próprio espinho. Seja seu próprio comentarista em todos esses assuntos. Seja, especialmen-

te, seu próprio investigador do espinho. O que é, então, que tanto o tortura e inflama em si, até que sua vida se torne absolutamente intolerável? O que o faz implorar ao Senhor três vezes e sem cessar, para isso ser tirado de você? Conte-me, então eu lhe contarei sobre o espinho de Paulo.

"Ó, não!", você exclama para mim, não eram seus olhos doloridos. Não eram suas terríveis dores de cabeça. Não eram nem mesmo seus frequentes adoecimentos. "Ó, querido, não", você diz novamente. Milhares de anos com as mais intensas enxaquecas não o teriam deixado tão para baixo e desamparado; elas não teriam assim tomado o sangue de suas bochechas e rompido todo o seu interesse e firmeza na vida, lançando-o de joelhos continuamente, como essa coisa fez com você tão misteriosamente, mas com tamanha garantia evidente que você mesmo caiu na mesma barreira de espinhos com Paulo. Você não pode ser absoluta e comprovadamente certo, você admite, que não era epilepsia, oftalmia ou uma febre forte em Paulo. No entanto, você protesta contra nós, como se estivéssemos roubando esse apóstolo de você, como se fosse olhos doloridos, uma dor de cabeça ou algo do tipo, então Paulo não era o homem que até agora você acreditava ser. Todavia, você não deixará todo o mundo, culto ou ignorante, tomar Paulo de si. Quase também como se tomar seu Mestre! Não! Você rompe com Bunyan, Paulo era aquele rouxinol que canta sua música de Deus para você, pois seu peito estava o tempo todo pressionado contra o espinho.

Você não consegue cantar como ele, mas não encontrou nenhum homem que segue a canção de Paulo com mais conhecimento e deleite do que você; e, portanto, você raciocina que tem o mesmo espinho de Paulo colocado por Deus em seu peito.

Você fala tão convincentemente e com tamanha nota de garantia sobre isso, que quase nos persuade que realmente descobriu a charada. Apenas você é quase tão misterioso sobre todo esse assunto quanto o próprio Paulo era. Existem algumas coisas, você diz, que devem continuar como mistérios, até cada homem descobri-las por si só. Nenhum homem sequer descobriu e expôs o espinho de Paulo para você, e você nunca irá abrir seu próprio espinho para qualquer homem que ainda não sofreu de um e, assim, descobriu o seu próprio. Você apenas espera até que seu peito esteja com seu espinho também; então, pelo nosso canto, saberá o que também

aconteceu conosco. Quando assim cantamos, ou escutamos a tal melodia, você nos recrutará com Paulo e com si mesmo entre aqueles que tiveram visões e revelações do Senhor. Ó, não! Você sorri para a nossa inocência e nos diz: Não veem que a graça e força de Cristo não está prescrita em qualquer outro lugar nas Sagradas Escrituras para a epilepsia ou oftalmia? Lucas estava ali com seus bálsamos, suas mudanças de ar, seus descansos em um lugar deserto, pois todos esses alimentam o apóstolo. Não veem, você nos pergunta, que essa prescrição proclama a doença; a própria medicina mais da metade descobre a doença. Ferro, um pouco de vinho, repouso, comida nutritiva, um mês de banhos entre as montanhas; essas coisas iriam curar os comentaristas. Mas a Graça e a força de Cristo estão reservadas para outros espinhos mais distintos os quais Lucas não conseguiria extrair ou mesmo aliviar.

Não é de se espantar que a maioria dos homens estudados tenha estado nos limites de sua inteligência quanto ao espinho de Paulo. Não os culpe, uma vez que o próprio apóstolo cometeu tal equívoco profundo sobre seu próprio espinho. Com toda sua clareza de intelecto e discernimento espiritual, Paulo estava tão confuso quanto a seu espinho como se ele fosse um comentarista da Idade das Trevas. Se eu posso assim dizer, com meu insuperável respeito pelo grande apóstolo, ele se comportou como um de seus próprios principiantes quando seu próprio espinho chegou veio de Cristo pela primeira vez. Naquele momento, ele deveria ter sido um professor, mas ainda precisava ser ensinado quais eram os primeiros princípios da religião pessoal e precisava de leite, não de uma forte carne. Pois mal o sangramento interno começou em Paulo; mal ele começou a perder seu descanso noturno por conta da dor; mal seu coração começou a se afundar dentro de si, e ele caiu em oração com toda a sua tão conhecida importunação para que todo esse espinho pudesse ser retirado imediatamente. Ele era o maior dos apóstolos; conselheiro quase do próprio Deus como ele era; o discernimento, fé e paciência de Paulo falharam completamente com ele quando esse espinho começou seu trabalho santificador dentro dele. Você nunca cometeu um erro maior que o de Paulo. Com todo o seu conhecimento mental ostentado de Cristo, não havia um catecúmeno em Corinto ou em Filipos com uma criança mais fértil em si do que o assim chamado grande apóstolo era quando seu espinho

chegou em sua carne. Pois apenas escute quão envergonhada sua confissão, um tempo depois, foi para o que ele fez. Sem sequer perguntar para seu Mestre ou para si mesmo porque aquele espinho tinha sido enviado para si; sem sequer buscar em seu coração pela certa explicação e clara justificativa, ele instantaneamente pediu que este fosse removido. Ele agiu como se seu Mestre não tivesse prestado atenção para o que aconteceu com Seu servo. Ele se comportou como se seu espinho tivesse chegado para si como um mero capricho de Cristo. "Isso", ele disse três vezes, "É tanta dor pura e sem propósito. Isso é um sofrimento completamente gratuito que Tu deixaste cair sobre mim. Deixa esse espinho partir de mim", ele exclamou, "e eu irei retornar para minha fé, meu amor e minhas obras para Ti e Teu povo; mas não de outra forma. Enquanto esse espinho durar e assim me dilacerar, como irei Te servir ou terminar Tuas obras?" Mas seu Senhor compassivamente ignorou e perdoou Paulo em toda a sua descrença, impaciência e cobranças tolas, condescendendo e dizendo a ele: *"A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza"* (2Co 12.9a). *"Senhor, não só os meus pés, mas também as mãos e a cabeça"* (Jo 13.9), disse Pedro em sua pressa. E Paulo, um homem muito mais forte e menos animoso, disse após receber sua resposta e disse mais e mais por todos os seus dias: "Senhor, não apenas em uma parte de minha carne, mas plante aqueles espinhos que salvam a alma em todas as partes que ainda são pecadoras de meu corpo e mente, para que o poder de Cristo possa descansar sobre mim, pois agora, por mais que seja fraco, sou forte. Tornei-me um tolo em minhas reclamações. Eu ainda confundo minha própria salvação mesmo quando ela está na minha porta."

Mas, voltando para a nossa charada e colocando-a novamente para nós mesmos, para assim carregá-la para casa e trabalhar até que encontremos a resposta: o que, então, é aquele espinho na carne de todos os melhores santos de Deus e melhores servos de Cristo— aquele espinho o qual ainda humilha, humilha e os humilha, além de toda glorificação possível em qualquer coisa que são, foram ou podem ser? Humilha o homem mais piedosamente orientado em todo o mundo até a morte e o Inferno, e assim humilha apenas homens assim? O que é isso que Cristo manda para apunhalar Seus melhores servos cada vez mais profundamente a cada dia e para

os empalar e os esbofetear até que existam mais cadáveres do que cristãos vivos e respirando? Então, por outro lado, o que é aquele mesmo espinho, estaca e punho do Diabo que, a cada facada e golpe, puxa para baixo toda a graça de Jesus Cristo no sofredor, até que o santo santificado beija seu espinho e abençoa seu Senhor, e não se separaria com nem um nem o outro por tudo neste mundo? Sansão ofereceu tantos lençóis e trocas de vestimentas para qualquer filisteu que, dentro de sete dias, conseguisse descobrir sua charada. E, depois de John Bunyan ter restabelecido a charada de Sansão para os leitores de sua *Graça Abundante*, ele tinha certeza de que esses lençóis e trocas de vestimentas eram completamente seguras, pois, após as oferecer para eles, ele disse: "Os filisteus não irão me compreender. Contudo, está escrito nas Escrituras, o pai para as crianças irá fazer conhecido em enigmas sagrados as coisas profundas de Deus." Eu lhes dou, portanto, os próximos sete dias e noites, filisteus e o que for, para descobrirem a charada de Paulo. E, como muitos dos filhos da luz devem ter descoberto a única resposta possível nesta noite, aqui irão receber, junto da graça e força de Cristo, uma troca de vestimentas. *"Josué, vestido de vestes sujas, estava diante do anjo. Então respondeu, aos que estavam diante dele, dizendo: Tirai-lhe estas vestes sujas. E a Josué disse: Eis que tenho feito com que passe de ti a tua iniquidade, e te vestirei de vestes finas.E disse eu: Ponham-lhe uma mitra limpa sobre a sua cabeça. E puseram uma mitra limpa sobre a sua cabeça, e vestiram-no das roupas; e o anjo do Senhor estava em pé"* (Zc 3.3-5). Tal recompensa aguarda todos aqueles que assim mergulharem com Paulo para descobrirem sua charada. Sim; tal bela troca de vestimentas os espera com tal bela mitra sobre suas cabeças.









CXVIII. Paulo vendido sob o pecado

Com a mesma frequência que meu atencioso livreiro me envia um novo comentário de "em aprovação" em Romanos, eu imediatamente volto para o sétimo capítulo. E se o comentarista coloca uma pessoa de pouca substância no sétimo capítulo, eu imediatamente fecho o livro. De imediato envio o livro de volta e digo: "Não, obrigado. Esse não é o homem para meu dinheiro suado." Assim como o próprio Paulo teria desdenhosamente enviado de volta o mesmo livro com essa mensagem para seu autor, se eu lhe contar coisas terrenas e você assim me entender mal, como eu irei confiar em você para interpretar minhas coisas celestiais? Não, obrigado, você diz, quando eu envio de volta o livro.

Mas me envie para meus alunos tantos Luteros nos Gálatas quanto puder segurar nas mãos, e tantos Marshalls em Santificação, para que possam um dia ser pregadores atrás do próprio coração de Paulo. Mas não, não aquele líder cego dos cegos.

É um antigo cânone da interpretação que apenas Paulo é seu próprio verdadeiro interpretador. E o verdadeiro aluno irá derrubar esse cânone. *Non, nisi ex ipso Paulo, Paulum potes interpretari*[26]. Isso quer dizer que não há outro possível interpretador de Paulo, em todo o mundo da interpretação, a não ser o próprio Paulo. E eu chego a duas outras regras exegéticas que têm tido os mais profundos resultados no presente texto: "o contexto correto é metade da interpretação." E isso fora do mesmo incomparável interpretador de Paulo — "Se um homem abrisse Paulo, deixe-o fazer isso racionalmente. Deixe-o considerar bem as próprias palavras do apóstolo antes e depois do texto." Agora, quando pegamos Paulo neste presente texto, falando seriamente e não em um gracejo sagrado; então, quando pegamos todo o contexto, conseguimos uma interpretação completamente digna de Paulo; completamente digna da profundidade, força e majestade da Epístola dos Romanos; completamente digna da graça de Deus e do sangue de Jesus Cristo, assim como completamente digna do Espírito Santo. Então, o sétimo dos Romanos se torna para nós, daí em diante, o que certamente é: a mais terrível tragédia em toda a literatura, antiga ou

[26] Frase do latim, significa, em tradução livre: "Não, só se pode traduzir Paulo a partir do próprio Paulo" (N.R.).

moderna, sagrada ou profana. Colo ao lado do sétimo dos Romanos todas as suas tão aclamadas grandes tragédias — seus Macbeths, Hamlets, Lears, Otelos, são todos apenas peças de teatro: barulhentas e furiosas, sem significado algum quando colocadas juntas a essa terrível tragédia de pecado em uma alma sob uma suprema santificação. O sétimo dos Romanos deve sempre ser estampado com letras de sangue. Aqui estão paixões, terror e piedade. Aqui o Céu e o Inferno se encontram, como em nenhum outro lugar; e isso também para sua última luta pela eterna posse daquela alma imortal, até que você tem, de fato, uma tragédia; e ao lado da qual não há outra tragédia. Apenas, como Lutero diz, não dê um vinho tão forte para uma criança que ainda mama.

"Eu vi", diz o doutor Newman, "um garoto de boa vontade, com sinais de uma natureza refinada, ser lançado sobre o mundo sem provisão, incapaz de dizer de onde veio, incapaz de dizer seu local de nascimento ou suas conexões familiares, eu devo concluir que havia algum triste segredo conectado a essa história." E eu ouvi ou li sobre um homem de mente refinada e grande nobreza de natureza que nada poderia obliterar e, além disso, um homem verdadeiramente cristão; eu li ou ouvi sobre tal homem estar sendo mantido em cativeiro por uma tribo canibal cruel e vil na América do Sul ou África Central, eu teria certeza que ele teria uma história para contar que iria atormentar meu coração. Eu não precisaria de uma pena ou tinta para que me contassem a inconsolável agonia do coração daquele homem. Eu poderia imaginá-la eu mesmo, a miséria absoluta daquele cativo. Eu conseguiria vê-lo fazendo tentativas desesperadas de escapar de sua horrível prisão, apenas para ser capturado e arrastado de volta para uma escravidão ainda mais cruel. E, se esse cativo fosse capaz, por alguma secreta e extraordinária providência, de mandar para casa em seu país nada mais do que uma única página de sua terrível vida, dificilmente acreditariam, de tão distante da imaginação dos homens livres em casa que estariam seus clamores incoerentes. Mas tudo isso seria apenas o livro de histórias de um garotinho na escola ao lado dessa lamúria agonizada de um grande santo de Deus vendido sob o pecado. Sim, um grande santo de Deus, pois nenhuma alma dos homens é vendida sob o pecado para tamanha agonia como essa de alguém que não é, o tempo todo, um homem santo e nascido do Céu, quase tão

santo quanto Deus. Esta é a escravidão de espírito em um homem supremamente espiritual: uma escravidão que passa toda a imaginação e banalidade da mente cristã. Você enxerga isso no incrédulo, incompreensível e completamente mal-entendido modo, no qual as explosões de agonia de Paulo às vezes se dão, mesmo por alguns de nossos mestres em Israel.

E não é de se espantar, pois o mais cruel e completo dos cativeiros, a mais desesperadora das escravidões que já se ouviu falar sobre, fica muito aquém de ser vendido sob o pecado.

Há uma profundidade na miséria em ser assim vendido, há um vazio e uma escuridão desesperadora em ser assim vendido: não, há certamente uma admissão autovingativa de justiça em ser assim vendido, que tudo corre para tornar essa a mais completa agonia do escravo que se vendeu. Afinal, ele não foi pego em uma batalha honrosa, ele não foi subitamente surpreendido e arrastado nesse terrível cativeiro contra sua vontade e contra tudo o que ele pôde fazer para resistir. Não, a agonia rangente de seu coração todos os seus dias seria porque ele assim se vendeu. Essa será a mais profunda amargura de seu cálice. Será o rebite mais cruel de suas correntes irritantes. Então, ser vendido sob o pecado! O mais vil, cruel e selvagem chefe que torna a Terra de Deus o Inferno do Diabo para ele e para os outros, não é o pecado. O pecado fez dele o que ele é, e ele fez seus escravos e vítimas o que eles são; mas ambas, sua crueldade e miséria, ficam muito aquém da completa crueldade e miséria do pecado. O pecado poderia trazer adiante 10 mil Infernos como esse e ainda poderia trazer muitos mais. Pecado é pecado. E o verdadeiro santo de Deus sente isso em seu coração dos corações, até que ele mal sinta alguma outra coisa. Até que toda a vida de um verdadeiro santo vendido sob o pecado possa ser feita em sua agonia, você pode ler no sétimo dos Romanos; a menos que tenha tamanha agonia em seu próprio peito que esse texto não surtirá efeito. *"Mas o que aborreço isso faço!"* (Rm 7.15b) Ó, não! Não é uma pessoa sem substância. Não é um artifício estudado da teoria paulina. Não é um jovem fariseu. Ó, não, esse é o próprio Paulo, o idoso. Esse é o próprio santo apóstolo em toda a sua incomparável santidade. Tragédias! Tragédias de ódio e vingança! Se você visse o ódio e a vingança derramados, não na cabeça do inimigo, mas o que eu nunca li em nenhuma das peças de tragédia de vocês, derrama-

da em toda a sua ardência sobre o coração de um homem; se você quiser ver o verdadeiro ódio e a verdadeira vingança, venha para esse teatro do Novo Testamento. Venha para Paulo se busca por um autor trágico. Ou muito melhor, venha para a santidade e mente celestial você mesmo, então terá toda essa agonia promulgada em seu próprio coração; e com isso mais e mais paixão, todos os dias de sua vida nesta odiosa terra. Meus irmãos, se vocês acreditarem em mim, não há nada nos Céus ou na Terra, não há nada em Deus ou nos homens, que na minha juventude eu li mais sobre, ou pensei mais sobre, do que apenas esse texto e seus dois conteúdos. E, se a interpretação acima não é a verdadeira desse texto, então eu devo apenas admitir para vocês nas mesmas palavras de Santo Agostinho: "Eu confesso que eu estou inteiramente na escuridão quanto ao que o apóstolo pretendia quando escreveu este capítulo." Apenas eu acrescentarei isso. A menos que Paulo me contradiga, nem todos seus comentaristas na face da Terra irão sempre me convencer que esse sétimo dos Romanos não é para ser levado a sério, mas, sim, como algo preenchido com as experiências espirituais de uma pessoa de pouca substância.

Agora esta é outra regra certeira de interpretação que tudo o que foi escrito anteriormente assim foi feito para nosso aprendizado, para que nós, através da paciência e conforto das Escrituras pudéssemos ter esperança. E eminentemente para a minha mente o sétimo dos Romanos foi escrito para que aqueles que precisam da maior paciência e do maior conforto e consolação, possam ter tudo isso ali. Se mesmo Paulo foi vendido sob o pecado, se mesmo Paulo, quando escreveu os Romanos, ainda era carnal; se ele que naquele dia tinha dito, feito, pensado e sentido o que não queria se pudesse ter evitado; se ele se odiou pelo que caiu sobre ele e saiu de seu coração mesmo com sua pena inspirada em sua mão; se o pecado ainda habitava nele, até que em sua carne nada de bom habitasse; então, se nos deleitarmos na lei de Deus após o homem interior, como ele fez; mesmo se encontramos outra lei, como encontramos a todo momento, contrariando a lei de nossa mente e nos trazendo em cativeiro para a lei do pecado, até que gritemos sem cessar. Ó, que homem miserável que sou! E, se a todo momento agradecermos Deus através de Jesus Cristo Nosso Senhor e não caminharmos atrás de nossa carne, mas, sim, atrás do Espírito até que não haja,

portanto, condenação para nós — se tudo for assim, eu gostaria que você me dissesse onde eu posso encontrar outro capítulo tão repleto do mais profundo, certo, espiritual e experimental conforto. Eu não o encontrei. Eu não o conheço, mesmo que necessite. Não. Em seu próprio meio maravilhoso, não há uma Escritura mais confortável e esperançosa em todo o Livro de Deus do que essa. E, da minha parte, eu não deixarei nenhum comentarista de nenhuma escola: não, nem mesmo da minha escola, roubar de mim esse mais nobre e mais divinamente adequado, sincero para o meu coração partido. Enquanto eu for vendido sob o pecado, irei continuar a ler continuamente esse capítulo e todos esses contextos dos capítulos para mim, como todos não enviados por uma pessoa sem substância, e sim por um homem feito de pecado, até que ele esteja todos os dias vendido sob o pecado. "Era o ditado de um bom homem, recentemente foi para seu descanso, cuja peregrinação estendida foi de 93 anos, para que ele devesse muitas vezes ter sido engolido pelo desespero, se não fosse pelo sétimo capítulo da epístola de Paulo."

Contudo, e se pelo conforto e consolação de alguns homens, essa mesma Escritura é escrita para avisar e advertir outro? E eu adequadamente o advirto, quantas vezes precisar, não se elogiem por ainda não serem vendidos sob o pecado. Meu irmão, não se gabe por não saber o que é ser vendido sob o pecado e por também não acreditar em Paulo. Um nascido escravo, com um coração e hábitos escravos, nunca reclama que é assim. Ele não conhece nada mais, não conhece nada melhor, não deseja nada mais do que estar na porta de seu mestre. Apenas alguém que nasceu livre e nasceu na nobreza, e um homem que foi levado cativo que grita continuamente: *"Miserável homem que eu sou!"* (Rm 7.24). Os rabinos negaram a pecaminosidade de seus corações pecaminosos tão indignamente quanto qualquer um de vocês possa negar. E eles interpretaram o salmo 66 para seus estudantes da mesma forma que alguns comentaristas interpretam o sétimo dos Romanos.

"Se eu considerar a iniquidade em meu coração apenas, então o Senhor irá passar sobre ela e não a considerará", assim eles ensinam para seus estudantes.

Contudo, para retornar mais uma vez para o incansável conforto desse texto e então encerrar. Não há vergonha e dor em todo este mundo para comparar com as do sétimo dos Romanos, como

vocês não precisam que eu lhes diga, se vocês sentem essa dor e vergonha em seu próprio coração. Contudo, erga sua cabeça, pois é para você, e não para os outros homens, que Deus fala em Seu santo profeta e diz: *"Em lugar da vossa vergonha tereis dupla honra; e em lugar da afronta exultareis na vossa parte; por isso na sua terra possuirão o dobro, e terão perpétua alegria"* (Is 61.7).

Agripa foi trancado em uma prisão cruel e vergonhosa pelo bem de Caio; mas não tardou para que Caio ascendesse ao trono e libertasse seu amigo instantaneamente e conferisse sobre este riquezas e fama. Além disso, Caio presenteou Agripa com uma corrente de ouro com o dobro do peso da de ferro que ele usou na prisão. E assim o imperador de Paulo fez consigo muito tempo atrás. E assim Ele fará em breve com você. Para você, isto é, que está agora vendido sob o pecado pelo bem d'Ele. Logo ouvirá Sua voz dizendo em ira para seus carcereiros na porta da cela e falando quão descontente Ele está com toda a sua aflição. Ele lhe trará adiante com Sua própria mão com uma corrente de salvação ao redor de seu pescoço que o fará esquecer todos os anos tristes de seu cativeiro.

Ele vem para libertar os prisioneiros
Da escravidão de Satanás
Os portões de bronze diante de si explodem,
Os grilhões de ferro se rendem.[27]

[27] Trecho do hino "Hark, the glad sound! The Saviour comes" de Philip Doddridge. Tradução literal (N.T.).









CXIX. A inocuidade de Paulo como um pastor

O próprio Momo não poderia ter encontrado falhas em Paulo. Momo encontrava defeitos em todos, com uma exceção. Contudo, se ele tivesse vivido nos dias de Paulo, o apóstolo certamente teria sido uma segunda exceção para o encontrador de falhas universal, pois Paulo ampliou muito seu ministério; ele assim se entregou por seu ministério; ele assim trabalhou estação após estação em seu ministério e, acima de tudo, ele assim agradou todos os homens em todas as coisas para seu bem à edificação; então seguiu fazendo o bem e não prestando nenhuma ofensa, para que erguesse seu ministério e a si mesmo acima de todos os homens justos e que apontavam defeitos. Tanto que Paulo fica próximo ao nosso Mestre Divino como um modelo para todos os pastores, assim como para todos os outros homens de Deus. E seu próprio ministério e aquele de todos os seus sucessores eram tamanhos na mente de Paulo, que, em cada epístola, ele nos dá algo novo sobre como todos os pastores devem ser para alcançar um ministério inocente, até que eles consigam dar um bom relato sobre seus ministérios, primeiro para as pessoas e então para seu Mestre.

Agora, imediatamente seguindo o texto e pretendendo ilustrá-lo e aplicá-lo, Paulo estabelece um mapa memorável; de fato, é um completo atlas de todo o seu ministério passado. Um atlas moral e espiritual. Não é um atlas de um cartógrafo de todas as paróquias, presbitérios e sínodos nos quais Paulo viveu e trabalhou. É muito mais interessante e rentável para nós do que isso, pois não é nada menos do que um leal panorama de todos os excepcionais estados mentais e paixões de coração que ele e suas congregações sucessivas atravessaram enquanto ele viveu e trabalhou entre eles. O senhor Ferrier, mais tarde, nos deu um mapa excelentemente escalado e mais eloquente da paróquia de Ettrick. Naquela folha impressionante, é-nos apresentada a situação da igreja e do presbitério; as cidades rurais onde todos os anciãos de Thomas Boston viveram, que tinham uma fonte para uma boa causa; as aldeias também, onde ele realizou suas reuniões de oração e assim por diante.

Cada centímetro daquele mapa é um estudo de máxima importância e impressão para todos os pastores paroquiais da Escócia. Todavia, o mapa pastoral de Paulo morde mais profundamente e com dentes mais afiados na consciência de cada pastor do que mes-

mo o mapa mordente de Boston, embora também seja garantido retirar o sangue ordenado. De fato, Paulo não esculpe topograficamente todas as cidades, sinagogas e todos os trabalhos nos quais ele viveu e labutou. No entanto, ele estabelece com a maior arte as latitudes e longitudes de todas as suas provações, tentações e tumultos como um pastor. Em vez de dizer para nós: "Aqui é Filipos, aqui Éfeso e aqui Corinto" e assim por diante, Paulo nos diz: "Aqui havia aflições; aqui, necessidades; e aqui, problemas de todos os lados." Da mesma forma que na paróquia de Thomas Boston havia pilares e cruzes para marcar e registrar, o tempo todo, na Escócia, suas grandes vitórias, vencidas sobre si mesmo e sobre seu povo; assim Paulo coloca isso e aquela grande pedra de lembrança ministerial, e teve essas coisas instrutivas gravadas sobre ela: *"Na pureza, na ciência, na longanimidade, na benignidade, no Espírito Santo, no amor não fingido, na palavra da verdade, no poder de Deus, pelas armas da justiça, à direita e à esquerda"* (2Co 6.6-7). Existem estudiosos capazes e devotos aqui, nesta noite, que esperam ansiosamente para ter uma igreja, um presbitério, um púlpito e um povo próprio. O que você diria para um relaxamento, algum dia, logo após a sessão acabar, para fazer um mapa geográfico real de todos os lugares onde Paulo foi um pregador e um pastor, para distribuir igualmente, naqueles locais sagrados, todas as aflições, necessidades, desesperos, aprisionamentos, tumultos e labutas do texto. Então, do outro lado do local sagrado, a pureza, o conhecimento, a paciência e tais coisas, por todas as quais seu grande precursor e pastor exemplar passou, não tendo oferecido ofensa a nada, mas sempre com um nome honrado. Tal exercício, levado ao coração pelo tempo, iria certamente o ajudar a tomar em mãos algumas das paróquias desconhecidas na Escócia, de modo a torná-las uma Anwoth ou uma Ettrick, ou algo assim. Existem milhares de igrejas absolutamente sem nome na Escócia atualmente, mas, para alguém com quem alguns de vocês ainda podem acabar se casando para sempre, até sua igreja e vocês brilharão juntos por gerações futuras, como a luz do firmamento e todas as estrelas para sempre e sempre. Você ainda tem isso em suas mãos, nesta noite. Mas, em um curto tempo, será tarde demais para vocês também. Vão, meus filhos, no nome e força de Deus, com a maior determinação que tiverem, dar ao seu povo alegre decepção em nada e ofensa em nada, até que seus filhos enterrem sua poeira em seu próprio cemitério,

em meio às lamentações de todo o interior, e escreverão isso sobre sua poeira para vocês serem absolutamente como o Paulo para eles, ambos em sua pregação de Cristo crucificado e em seus adornos nessa doutrina.

"Em tumultos" é a expressão especialmente inserida de Paulo; é seu próprio e maior sentimento, assim como expressiva discrição, por longos períodos e por lugares amplos de sua vida apostólica. "Em tumultos", ele diz com ênfase especial. Agora todos sabemos no que os livros do Novo Testamento e no que os dolorosos capítulos desses livros foram escritos. Contudo, não seria rentável para nós voltar esta noite nos tumultos de Paulo, a menos que fosse para podermos colocar nossos próprios tumultos ao lado dos dele e nos colocar ao lado de Paulo. Bem, então, vamos lá, vamos fazer isso. Venha e vamos falar claramente. O que, então, têm sido alguns dos tumultos, seus e meus, enquanto pastor e pessoas, desde que nos conhecemos pela primeira vez? Foi desestabilização? Foi o governo? Foi algum caso de heresia? Foi o ato declaratório? Foi a união? Foram os hinos, os órgãos ou o coral? Ou foi algo além tão completamente paroquial, insignificante, mesquinho, que ninguém, a não ser você e eu, poderia possivelmente ter feito um tumulto sobre? Quais são seus calmos pensamentos sobre isso e sobre nós nisso, agora que está tudo acabado? Não importa que seja entre mim e você, é certo que alguns homens foram julgados, fora daqueles tumultos, com uma vergonha perpétua sobre suas cabeças. Como, então, nós ficamos nesse assunto de culpa e vergonha? E, com ou sem estar, somos nós homens mais sábios ou melhores hoje por conta daqueles tumultos? Ou, após todas as nossas lições, estamos apenas prontos para outro tumulto e tão mal-preparados para este quanto nunca estivemos? Somos apenas tão mal lidos, de natureza má, preconceituosos, cabeças-quentes e cheios de orgulho e presunção como sempre fomos? O que você acha? O que sente? O que diz? Deve certamente ver agora, quando olha para trás, que esplêndida escola para o caráter e conduta cristãos aqueles tumultos foram adequados e pretendidos por Deus, para você. Bem, como você acha que teria saído daqueles grandes anos naquelas grandes e dispendiosas escolas? Sua índole e seu caráter saíram daqueles terríveis fornos como ouro provado no fogo? Pois todos aqueles tumultos, o que quer que você possa ter feito deles, e eles de você, foram

todos pretendidos para serem meios para um fim muito maior do que o deles. Isso quer dizer que foram todos pretendidos para testar e provar a você e a mim como pastores e homens de Deus, sendo esta a única prova que podemos dar para Deus ou os homens. A prova, isto é, de paciência e pureza de motivação, de conhecimento suficiente, resignação, amor não fingido, palavra da verdade e do poder de Deus. E, para mostrar a todos os homens, como Paulo fez, que nós não recebemos Sua graça em vão; pois, em meio aos nossos maiores tumultos, nós demos a ofensa a nada e em nada nosso ministério foi culpado.

Meus irmãos, vocês não são pastores, Deus seja louvado por isso. Mas vocês deixarão seus pastores lhes contar o que está em seus corações acerca de vocês e acerca deles mesmos, quando eles lerem esse tão orgulhoso capítulo de Paulo. Se todos fossem pastores, eu seguiria em frente para dizer os seus nomes, e vocês concordariam comigo quanto ao capítulo cruel que este é. Imediatamente — que capítulo sem coração! Não foi o bastante para Paulo que ele devesse aproveitar sua própria boa consciência como pastor, mas ele deveria fazer a minha consciência ainda mais miserável do que era antes? Que prazer pode dar a ele derramar toda essa condenação e desdém sobre mim e meu ministério? E, ele não sabia, ele não parou para considerar que estava pisoteando multidões de corações partidos? Eu me pergunto sobre isso em Paulo. Ele deve ter esquecido de todos nós, pobres pastores, que, o tempo todo, iríamos ler seu ministério ostentoso e inocente, apenas para sermos completamente esmagados por ele. Não era do feitio de Paulo se glorificar sobre nós dessa forma. No entanto, vamos nos lembrar e dizer que está tudo certo. Não é por algo assim que seremos pomposos, ou mesmo perturbados, ou algo além de machucados partidos, repletos da mais severa culpa própria. E, portanto, voltaremos sobre as ruínas de nosso ministério com esse capítulo autocondenador em nossas mãos e nos lembraremos dos tumultos que assim feriram a Igreja de Cristo e tantos corações nela, bem como toda a parte imperdoável que tomamos nesses tumultos, que nunca teriam sido o que foram se não estivéssemos neles. Nossas ofensas sem número também em nossos próprios púlpitos. Ó, meus irmãos, as oportunidades que nunca mais voltarão de nossos púlpitos; e a culpa duradoura de Deus, nosso povo e nossas próprias consciências, pelo

nosso mau uso e negligência de nossos púlpitos! Rocha das eras, fenda para pastores! A "conversa não edificante" de nosso pastorado e assim por diante, até que pegamos esse terrível capítulo e o lemos continuamente, deplorando diante de Deus e dos homens, até o dia de nossa morte, por tudo que Paulo foi e nós não somos, e tudo que ele não era e nós somos. Todavia, com tudo aquilo que é para sempre perdido, há uma coisa deixada que iremos fazer diariamente; e uma coisa que Paulo não fez, naquela época, quando escreveu esse orgulhoso capítulo. Nós iremos, diariamente, caminhar entre as ruínas de nosso ministério anterior e diremos sobre ele: *"Das profundezas a ti clamo, ó SENHOR. Se tu, Senhor, observares as iniquidades, Senhor, quem subsistirá? Livra-me dos crimes de sangue, ó Deus, Deus da minha salvação. Então ensinarei aos transgressores os teus caminhos, e os pecadores a ti se converterão"* (Sl 130.1, 3; 51.14a, 13). Sempre haverá isso deixado para nós, e isso é o melhor e o mais adequado para nós do que o mais inocente dos ministérios.

Thomas Goodwin, aquele grande pastor, nos diz que, sempre que ele era tentado a ser elevado e esquecer o temor, ele estava acostumado a retornar e dar uma volta em seu estado não regenerado. Agora, vocês pastores não precisam ir tão longe. Tudo que precisamos fazer é abrir algumas páginas de nossos pergaminhos de comunhão e livros de visitas, e ler de cima a baixo essas dolorosas páginas, com certa consciência, coração e imaginação, que tornarão sempre a elevação e a falta de temor impossíveis para nós.

Vocês não necessitam manter seus defeitos, falhas e ofensas contra nós, pois nunca as esquecemos um dia sequer. Podem certamente nos perdoar, pois nunca iremos neste mundo nos perdoar. Como poderíamos? Nenhum outro homem pode possivelmente ter tal retrospectiva de defeitos, falhas e ofensas como um pastor. É impossível. O sétimo dos Romanos tem sido chamado de a grande tragédia que já foi escrita em grego ou em inglês. Se é assim, alguns dos nossos Pergaminhos de Comunhão e livros de visitas pastorais não estão muito atrás, pois a suprema tragédia de seu próprio ministério infeliz está toda escrita aqui pela mão de cada pastor arrependido. E tais coisas trágicas estão escritas, ou melhor, estão secretamente criptografadas aqui, para erguer pena, medo e terror

para todos os pastores, o bastante para satisfazê-los pelo resto de seus dias na Terra.

Agora, você pode muito bem estar pensando que Paulo não deixou nada para você nesta noite, apenas para os pastores. Bem, leve isso, como se o próprio apóstolo tivesse dito. Ache o mínimo de defeitos possíveis em seus pastores. Culpe-os o mínimo que puder, mesmo quando eles não são totalmente inocentes. Não é bom para você fazer isso e não é bom para seus filhos o ouvirem fazendo. Seja como o tio de Bacon com sua família; repreenda-os em particular e os elogie em público. Isso significa que, se você tem um pastor que irá levar a repreensão, seja em particular ou em público, em suas mãos. Seja cuidadoso para não o humilhar. Tenho certeza de que você nunca o insultaria intencionalmente, não importa o quanto você tenha para demonstrar a ele. Eu admito que essa lição não é literalmente um texto dentro de quatro paredes, mas não fica muito longe disso.

E aqui também está sobre as ofensas e o apontar de defeitos, em um campo muito mais vasto do que meramente um ministério. É muito humilhante, quando uma vez começamos a descobrir, que nossa existência é uma ofensa para tantas pessoas. Nós somos como uma pedra em seu caminho; eles tropeçam em nós e se partem, mesmo quando não conseguem explicar ou justificar o motivo de serem assim; algumas vezes, novamente, nossa ofensividade irá apenas ser facilmente explicada para eles e para nós.

Mas, em outros momentos, eles precisarão ir fundo em seus corações para a real raiz de sua amargura. Então, quando o fizerem, você não estará mais tão perturbado com sua ofensividade para ele, ou com a hostilidade deles para com você. Ao mesmo tempo, caminhe suavemente, enquanto está nesta vida. É algo terrível ser o motivo, culpado ou inocente, da queda e tropeço de outro homem. "Ame para ficar bem fora de vista" era o bordão de mais de um dos grandes santos. E, mesmo que isso não soe de início como grande santidade, é sim. Existem poucas evidências melhores de grande e certa santidade do que apenas "busque obscuridade" por tais motivos como os de cima. Fique fora dos olhares, ouvidos, pés e línguas das pessoas, o máximo que puder e enquanto continuar causando tantos tropeços e quedas dos homens, que ficarão partidos sobre você.

Então, pastores e todos os tipos de homens, nunca se permitam responder novamente, quando forem culpados. Nunca se defendam. Deixem-nos repreender-no, em particular ou em público, o quanto quiserem. Deixe o justo castigá-lo, será uma gentileza, e deixe-o reprová-lo; será um excelente óleo, o qual não romperá sua cabeça. Nunca explique suas intenções, sob quaisquer convites ou demandas. Eles apenas querem discutir, e você tem mais o que fazer. Agora, eu sempre gosto de selar uma lição tão grande como essa com um grande nome. Um grande nome impressiona o ouvinte mais rígido. E eu selarei essa grande lição com um verdadeiro grande nome.

"É uma marca da mais profunda e verdadeira humildade", diz um grande santo, "nos ver condenados sem motivo e ficar em silêncio sobre isso. Ficar em silêncio sob o insulto e o equívoco é uma imitação muito nobre de nosso Senhor. Ó, meu Senhor, quando eu me lembro de quantas formas Tu sofreste calúnias e deturpações, que não merecias de jeito algum, eu não sei onde meus sentidos estão quando eu estou em tamanha pressa para me defender. É possível que eu deva desejar que alguém fale algo bom de mim, ou pense assim, quando tantas coisas ruins foram pensadas e ditas de Ti! O que é isso, Senhor, que nós imaginamos conseguir ao agradar os vermes ou sermos elogiados por coisas tenebrosas! E sobre ser culpado por todos os homens, se apenas nós ficamos ao fim, inocentes diante de Ti!"

CXX. Paulo
um místico evangélico

As duas palavras "místico" e "misterioso" significam, em grande parte, a mesma coisa. Não apenas assim, mas, no início, "místico" e "misterioso" são palavras muito similares. Como duas irmãs do mesmo caule, aquelas duas expressões que florescem de uma e da mesma raiz seminal. Agora, quanto ao misticismo, existem mais tipos de misticismo do que apenas um no mundo. Existe o especulativo, o teosófico, o religioso e assim por diante. Mas para nós há apenas um misticismo real. E esse é o misticismo evangélico do apóstolo Paulo, esse é apenas o profundo mistério da vida espiritual, como aquela vida foi inicialmente criada pelo Espírito Santo em Jesus Cristo e irá para sempre ser possuída por Jesus Cristo em Sua própria vida original; então como ela irá para sempre ser transmitida d'Ele para todos os seus membros místicos.

Agora, para começar, o próprio Cristo é um grande mistério da religiosidade. O Deus Todo-Poderoso nunca designou nem decretou ou executou algo na eternidade ou no tempo, para comparar, por um momento, com o mistério de Cristo. Todos os mistérios da criação — e a criação é tão completa quanto consegue conter todos os tipos de mistérios: todos os mistérios da Graça — e a Graça é completa de seus próprios e adequados mistérios, ainda que todos sejam fáceis e simples de entender se comparados com o mistério insuperável de Cristo. Desde que Cristo foi colocado entre os homens, os melhores intelectuais no mundo começaram a trabalhar em Seu mistério. E, mesmo que não tenha descoberto o bastante para sua própria salvação, todos concordam em nos dizer que existem alturas e profundidades no mistério de Cristo que ultrapassam a descoberta. Cristo, então, essa pessoa tão misteriosa que preenche o Evangelho e as epístolas com Suas maravilhosas palavras e obras — o que nós pensamos de Cristo?

Paulo nos diz em cada epístola sua o que ele pensa de Cristo, e é esse conhecimento profundo, espiritual, experimental e apenas salvador de almas que Paulo tem de Cristo, é isso que nos justifica em o chamar de o primeiro e o melhor de todos os místicos; o evangélico e verdadeiro místico: de fato, o único místico, digno, por um momento, de suportar esse profundo e nobre título.

Quando você ler os melhores livros, terá certeza de chegar continuamente em tais descrições e expressões estranhas como

estas: Cristo místico; Cristo nosso líder místico; Cristo nossa raíz mística, a mística união de Cristo com todos os verdadeiros crentes; a mística identidade de Cristo com todos os verdadeiros crentes — e estranhas expressões semelhantes. Contudo, todas essas profundas doutrinas e expressões do misticismo evangélico já foram encontradas nos locais profundos de Paulo; e, em sua medida, nos lugares profundo de João também; e, por conta desses dois apóstolos, os primeiros dentre todos os homens espirituais, descobriram todos esses assuntos misteriosos e místicos no Mestre. Antes que estejamos cientes de que nós mesmos já somos místicos assim que começamos a ler em João sobre o Pão Vivo e o Vinho Verdadeiro; e em Paulo sobre o Líder da Igreja e Sua morada interior em nós. No entanto, Paulo, depois de sua grande maneira, segue em nos mostrar que Cristo não é o único líder místico que este mundo tão misticamente constituído já viu. Primeiro e último, como aquele grande evangélico e especulativo místico revelou para ele, houve dois líderes místicos sobre a raça humana. O primeiro foi Adão e o segundo é Cristo. "Misticamente falando", diz o mais místico dos Puritanos, "existem apenas dois homens que ficam diante de Deus; o primeiro e o segundo Adão; e esses dois homens públicos possuem todos nós, homens particulares, pendurados em seus grandes cintos." Contudo, a todo momento, acima de Adão e antes dele, e apenas esperando até este ter derrubado sua liderança e todos aqueles que estavam consigo, está o segundo Adão, pronto para restaurar aquilo que Ele não tinha tomado. E Paulo apresenta tudo isso na doutrina, doxologia, nos convites e certezas do Evangelho, ao que a Igreja de Cristo, em sua gratidão a Paulo, lhe deu esse grande nome de seu primeiro e mais místico evangélico. *"E sujeitou todas as coisas a seus pés, e sobre todas as coisas o constituiu como cabeça da igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos"*(Ef 1.22-23). Proclama o grande místico. E novamente: *"Cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, do qual todo o corpo, bem ajustado, e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, faz o aumento do corpo, para sua edificação em amor"* (Ef 4.15b-16). E novamente: "*E ele é a cabeça do corpo; Porque foi do agrado do Pai que toda a plenitude nele habitasse"* (Cl 1.18a-19).

Contudo, enquanto Paulo tinha muitas coisas magníficas para ensinar a nós sobre a liderança mística de Cristo sobre Sua Igreja, ao mesmo tempo, é a mística união de Cristo com cada indivíduo que crê e a união mística de cada indivíduo que crê com Cristo que completam e coroam a doutrina evangélica de Paulo, acendendo sua adoração mais arrebatadora. E tudo isso é assim, pois toda a pregação de Paulo é profundamente experimental. Paulo atravessou tudo o que ele prega. Goodwin, aquele puritano tão místico e evangélico, diz que toda a "linguagem apostólica e primitiva foi uma vez mística e experimental."

Porém, há uma linguagem ainda mais primitiva, experimental e mística do que a apostólica. *"Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim não terá fome, e quem crê em mim nunca terá sede. Este é o pão que desce do céu, para que o que dele comer não morra. Na verdade, na verdade vos digo que, se não comerdes a carne do Filho do homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós mesmos"* (Jo 6.35, 50, 53). Assim como também na tão mística e bela parábola do nosso Senhor do verdadeiro vinho e seus verdadeiros ramos. E então, na geração seguinte, Paulo vai adiante com sua própria experiência profunda de tudo aquilo e com sua testemunha em primeira mão, em tais testemunhos e atestados coroados como estes: *"E vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a pela fé do Filho de Deus"* (Gl 2.20). E, novamente: *"Porque para mim o viver é Cristo, e o morrer é ganho"* (Fp 1.21), e assim por diante em todas as suas epístolas.

Paulo tem, pois, comido a carne e bebido o sangue de Cristo; ele tem sido o pai tão enxertado em Cristo, que possui dentro de si a mesma vida possuída pelo Cristo ressuscitado. A vida idêntica em Cristo glorificado já está em Paulo, em meio a todas as suas corrupções, tentações e tribulações. Existem muitos níveis diferentes daquela vida, para ser honesto, em Cristo e Paulo; mas é o mesmo tipo de vida. Não há um tipo de vida espiritual em Cristo e um completamente diferente em Paulo. A mesma seiva na videira está no ramo. A mesma vida que está na cabeça está nos membros. Mas isso não é tudo. Incrível como isso está longe de ser tudo. As riquezas guardadas em Cristo são absolutamente insondáveis, e Paulo não está feliz em dizer que tem, em seu próprio coração, a idêntica e mesma vida que está no de Cristo: Paulo é ousado o bastante

para dizer que ele, na verdade, tem o próprio Cristo morando em seu coração. Eu — você e eu — temos, em nosso coração, a mesma vida que estava em Adão, com toda a sua poluição e infecção fatal; mas, identificando-nos com Adão como fazemos, ele não realmente mora em nosso coração. Nós ainda herdamos o "patrimônio justo" que ele nos deixou; mas, quanto a mim, espero e acredito que Adão escapou desse patrimônio. De qualquer forma, onde quer que ele habite, não é em nossos corações. Contudo, o segundo Adão é assim constituído para nós e assim somos para Ele, para este poder, da maneira mais real e sem uma forma figurativa, morar em nós. De fato, com toda reverência e entendimento espiritual, deixe ser dito: Cristo não tem escolha; Ele não tem outro lugar para habitar. Se Ele realmente for habitar em algum lugar, deve ser no coração de Paulo, no meu e no seu. Cristo é tão místico e misterioso: Ele é tão diferente de qualquer um no Céu ou na terra; é um mistério tão desconhecido, que possui *três* lugares onde habita. Para começar, Ele é o Filho de Deus e, como o Filho de Deus, habita no Pai; e o Pai, n'Ele. Então, desde Sua encarnação, Ele tem sido o Filho do Homem também. E, como Filho do Homem, e desde sua ascensão e recepção, Ele habita no Céu como um dos santos glorificados de Deus e o líder deles. Contudo, além de ser ambos, o Filho de Deus e do Homem; da união mística de Deus e da Humanidade em Sua Pessoa Divina, Ele também é Cristo. E, como é Cristo, Ele habita em Seu povo e não pode habitar em nenhum outro lugar, no Céu ou na terra, a não ser em Seu povo.

Cristo místico não é feito apenas para a cabeça, mas para a cabeça e para os membros unidos. E como distantes da cabeça os membros não possuem vida; assim, nem distante de Seus membros a cabeça tem algum lugar para habitar. Não, distante de seus membros, a cabeça não tem uma existência real e adequada. De qualquer forma, como Paulo insiste, eles são Sua plenitude, e Ele é completo neles e por eles; assim como eles novamente são completos n'Ele e por Ele. Paulo, você e eu nos penduramos, originalmente e no começo, no cinto místico de Adão e temos que tomar as consequências daquela mística suspensão. Mas agora todos fomos soltos de Adão e nos unimos próxima e inseparavelmente em Cristo. Diante de Deus, todos nos penduramos agora no cinto místico de Cristo. Não, muito melhor e muito mais abençoado do que isso,

Cristo agora habita sob nosso cinto e não pode habitar em nenhum outro lugar. Isso quer dizer, em uma linguagem simples, Ele habita em nossos corações pela fé e amor da nossa parte e pela mística incorporação de Sua parte. *"Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim"* (Gl 2.20a). E, por esse motivo, eu dobro meus joelhos para o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, para Ele poder habitar em seus corações.

Agora, como pode ser procurado, muitas coisas, místicas e outras, seguem disso tudo e irão, para toda a eternidade, seguir disso. Mas pegue uma ou duas coisas que imediatamente seguem disso tudo e então encerre essa reflexão. E, primeiro, a mística união entre Cristo e a alma é tão misteriosa que é um grande mistério mesmo para aqueles que estão envolvidos com este e o compartilham. Como Walter Marshall, um dos maiores doutores nesse mistério, disse: "Sim" diz Marshall em seu *Gospel Mistery,* "mesmo que isso seja revelado claramente nas Sagradas Escrituras, o homem natural ainda não possui olhos para enxergá-lo. E, se Deus nunca o expressar tão clara e apropriadamente, ele ainda pensará que Deus está falando em charadas e parábolas. E eu não duvido, mas ainda continua um enigma, mesmo para muitos homens verdadeiramente divinos, que receberam uma natureza santa de Deus nesse caminho. Pois os próprios apóstolos tiveram o benefício desse mistério muito antes de o Confortador tê-lo descoberto claramente para eles. Eles caminharam em Cristo como o caminho para o Pai, antes de claramente saberem que Ele era o caminho. E o melhor de nós sabe apenas uma parte desse mistério e deve esperar pelo conhecimento perfeito disso em outro mundo". Tão misterioso é esse mistério da religiosidade.

Mas como, perguntam alguns de nós honesta e ansiosamente, como eu irei me tornar tal milagre da Graça divina de ser realmente eu mesmo um membro do corpo místico de Cristo? Apenas comece imediatamente a ser um de Seus membros e a coisa está feita. Suas mãos não ficam ociosas e dizem: "Como faremos algum trabalho?", seus pés não ficam parados e dizem: "Como iremos andar ou correr?" Eles apenas começam a fazer cada um seu próprio trabalho e, no momento que eles assim começam, sua cabeça e coração imediatamente mandam sua virtude para suas mãos e pés. E assim é com a cabeça mística e Seus membros místicos. Apenas comece a ser um de Seus membros e você já é um deles. Acredite

que é um deles e será um deles. Apenas pense em Cristo, fale de Cristo, apoie-se e olhe para Ele. Apenas vá para casa nesta noite e faça aquele ato de amor, confiança, humildade, gentileza fraternal e autonegação em Seu nome, e Cristo já estará habitando e trabalhando em você assim como fez em Paulo. Saulo de Tarso apenas disse, enquanto ele jazia entre as patas de seu cavalo: *"Senhor, que queres que eu faça?"* (At 9.6a) e, a partir desse momento, a coisa estava feita.

Agora, meus irmãos, se eu tive algum sucesso nesta noite em apresentar Paulo como um místico evangélico, isso também irá seguir como um dos muitos frutos de meu argumento. Essa bela palavra "místico" irá, daqui em diante, ser resgatada em todas as suas mentes de todo aquele devaneio, nebulosidade, irrealidade e falta de praticidade com os quais ela foi até então associada por vocês.

"Vigor e eficácia" podem não ter sido associados em muitas mentes com os grandes santos místicos e, no entanto, são a linguagem que é usada acerca deles por uma autoridade que é ninguém menos que o doutor Johnson. Mas apenas olhem para os dois ou três maiores evangélicos e santos místicos vocês mesmos e vejam se o grande crítico e lexicógrafo não está literalmente correto. Onde está o vigor e a eficácia em todo o mundo como estes do apóstolo Paulo? Onde há menos devaneios ou menos nebulosidade do que em Paulo? Que líder dos homens ele foi! Que fundador e comandante de igrejas! Que homem de negócios ele era, e apenas por conta de sua unidade mística com Cristo. Que vida incomparavelmente laboriosa, eficiente e próspera que Paulo viveu! Que mística conversa com o Céu ele manteve, combinada com seus estupendos serviços na terra! Pegue Lutero também. Não há um livro mais misticamente evangélico em toda a literatura do Novo Testamento do que Gálatas de Lutero[28]. E, no entanto, que verdadeiro vigor e eficácia paulinos havia em tudo! E pegue Terezinha e seu místico diácono sempre ao seu lado, João da Cruz. Eu precisaria ser um gênio para escolher as palavras corretas antes de conseguir descrever para vocês aquela incrível capacidade estadista daquela mulher, em vida e caráter.

[28] Aqui, o autor se refere ao comentário sobre o livro de Gálatas escrito por Lutero (N.R.).

Fundando escolas, escolhendo locais, negociando finanças, superintendendo arquitetos, construtores e jardineiros; sempre na cozinha, na sala de aula, no oratório, viajando. Uma mãe em Israel. Uma rainha entre as mais nobres mulheres de todo o mundo. E injustamente, como o doutor Duncan é com William Law, nosso grande místico inglês, Duncan é obrigado a assumir sobre Law que "ele falava sobre a prática como com o som de uma trombeta. Em apelos práticos, Law é um Lutero. Lutero e Law eram Boanerges." E, como o doutor Somerville, nosso vizinho do extremo oeste diz, a partir daquele belo livro de Paulo que eu peguei emprestado o título desta palestra: "A intensidade que caracterizou a vida e experiência religiosa do último general Gordon foi toda devido ao seu misticismo evangélico. Tudo associado ao seu caso também com extraordinária eficiência nos afazeres práticos da vida e no gerenciamento dos homens." Mas por que discutir em tais assuntos remotos e históricos quando nós temos isso tudo em nós? Deixe qualquer homem entre nós carregar Cristo em seu próprio coração; deixe qualquer homem residir em Cristo como o ramo reside na videira; deixe qualquer homem clivar o mais perto de Cristo como um membro de seu corpo cliva de sua cabeça; deixe qualquer homem dizer incessantemente todos os dias e em todas as cruzes e tentações: *"Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim."* (Gl 2.20a); e você terá absolutamente certeza de encontrar aquele homem o mais disposto, ativo, prático e eficiente em todos os tipos de obras cristãs. Em uma palavra, quanto mais evangelicamente místico um homem é, mais cheio de vigor e eficácia aquele homem certamente será.

CXXI. O grande peso e a contínua tristeza do coração de Paulo

A cegueira quase completa de Paulo para as belezas da natureza e para as atrações da arte, assim como sua quase absoluta indiferença aos clássicos locais e cenários da Grécia e de Roma, foi muitas vezes comentada e muitas vezes lamentada. A completa insensibilidade de Paulo foi muitas vezes colocada em severo contraste com o tão louvável amor de nosso Senhor pela natureza. Calvino também não sofreu nenhuma injúria por se sentar o dia todo por seus Institutos e nunca uma vez levantou seus olhos para nos dar uma descrição dos Alpes acima. O príncipe dos comentaristas das Escrituras nunca será perdoado por nunca ter parado em êxtase sobre o nascer e o pôr do sol nas neves eternas. Pascal também chegou sob a mesma condenação, pois não conseguia ver um cenário em lugar algum que era digno de ser imaginado do lado de fora da alma imortal humana. E todos estamos em um desprezar e rejeitar de São Bernardo, pois ele cavalgou um dia inteiro entre as costas do lago de Genebra com seu capuz de monge tão puxado para baixo sobre seus olhos que teve que perguntar ao seu anfitrião, ao pôr do sol, onde aquela famosa água estava, da qual ele tinha escutado tantas pessoas falarem. Agora, eu não irei colocar adiante nenhuma defesa ou desculpa minha para as limitações e insensibilidades de Paulo.

O máximo que tentarei fazer é lhes oferecer alguma explicação possível do grande peso mental e da grande tristeza de coração que fizeram com que Paulo perdesse a aprovação completa de muitos de seus melhores amigos. Como foi possível para ele viajar por aqueles tão famosos cenários, como foi possível viver em cidades tão clássicas e nunca nos dar uma única frase sobre pessoas e lugares, os próprios nomes que fazem nossos corações modernos baterem mais rápido em nossos peitos hoje em dia?

Em vão para mim as montanhas sorridentes brilham,
E o ruivo Febo levanta seu fogo dourado;
Os pássaros em vão se juntam em sua canção amorosa
Os campos alegres retomam seu adorno verdejante.
Essas orelhas, ai de mim! Por outras notas lamentam;
Um objeto diferente esses olhos requerem;

Minha solitária angústia não encontra nenhum coração senão o meu,
E em meu peito as alegrias imperfeitas expiram.[29]

Certo ou errado; elogie Paulo ou o culpe; tente entendê-lo e sinta com e por ele ou não; a coisa é tão clara como o dia, que algum arame entrou na alma de Paulo e um que nunca se separará dali neste mundo. E, até que aquela cabeça de lança irritante, para assim chamá-la, seja removida para sempre da mente e coração de Paulo em outro mundo que não seja este, diga o que quiser para culpá-lo, ele não tem ouvidos para escutar a canção de seus pássaros amorosos, tampouco olhos, apenas para aquela brancura santa que assim mancha de seus olhos o Monte Zalmom e o Mont Blanc. "Mestre", disseram os discípulos despreocupados, "veja a forma daquelas pedras e as construções que estão ali." Mas Ele se virou e disse para os doze: "Eu tenho um batismo a fazer e estou muito tenso até o realizar."

O tamanho imenso daquelas pedras e a escultura requintada de seus capitéis teriam-no interessado em outro momento, mas seu próprio tempo estava próximo agora; tanto que Ele não conseguia ver nada mais, por toda aquela terrível semana, a não ser Getsêmani e seu cálice, o Calvário e sua cruz. E, voltando para Seu grande servo: quando o Mont Blanc estava tão cheio para ele da glória da neve e dos raios de sol em muitas manhãs de Sábado, Calvino costumava ostentar tudo de volta em seu devido lugar com esta citação de Salmos: *"O monte de Deus é como o monte de Basã, um monte elevado como o monte de Basã. Por que saltais, ó montes elevados? Este é o monte que Deus desejou para a sua habitação, e o Senhor habitará nele eternamente"* (Sl 68.15-16), e assim cantando, Calvino subia novamente para o Monte Sião. Cícero diz, em algum lugar, que Platão, Demóstenes, Aristóteles e Sócrates poderiam ter respectivamente se destacado um na província do outro, se não fosse pelo fato de que um desses grandes homens fosse tão absorto em sua própria província. E Paulo poderia ter sido um Heródoto cristão e um Pausânias do Novo Testamento, se não fosse por sua

[29] Trecho da poesia "On The Death Of Richard West" de Thomas Gray, tradução livre (N.T.).

própria e absolutamente absorvente província de pecado e salvação do pecado.

Todos os pensamentos, todas as paixões, todos os deleites;
O que quer que mexa com a forma mortal;
São todos apenas ministros do Amor,
E alimentam Sua sagrada chama.[30]

Entre todas as doxologias pagãs de seus volumosos devotos, a natureza nunca teve um tributo tão nobre pago à sua verdadeira grandeza como Paulo paga a ela, em três versículos de seu imortal oitavo capítulo. Todos os verdadeiros amantes da natureza, isso quer dizer todos os verdadeiros adoradores, não da natureza, mas de Jesus Cristo; saibam de cor e tenham isso profundamente em seus corações, o famoso, mas completamente insondável tributo. Escutem o verdadeiro profeta da natureza, o verdadeiro sacerdote e poeta, o apóstolo Paulo: *"Porque a ardente expectação da criatura espera a manifestação dos filhos de Deus. Porque a criação ficou sujeita à vaidade, não por sua vontade, mas por causa do que a sujeitou, na esperança de que também a mesma criatura será libertada da servidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação geme e está juntamente com dores de parto até agora. E não só ela, mas nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo"* (Rm 8.19-23). Iguale-se a isso, se puder, para um tributo à verdadeira grandeza da natureza. Iguale-se a isso, se puder, com todas as suas coisas sentimentais. Você não pode. Eu o desafio a fazê-lo. Pascal está constantemente dizendo isto: que a maior miséria do homem é a verdadeira medida de sua grandiosidade. Dê-me, portanto, a profunda lamentação de Paulo sobre a escravidão, a vaidade, o gemer, a viagem da natureza; sobre a vergonha, o pecado e a miséria do homem seu mestre. E, então, me dê sua magnífica profecia sobre seu futuro evangélico. Para todos aqueles os quais o *pathos* é profundo por um lado e para todos aqueles que a esperança é magnífica no outro, seu coração

[30] Trecho da poesia "Love", de Samuel Taylor Coleridge, tradução livre (N.T.).

não partido de adorador da natureza é completamente estúpido e morto. Paulo era um homem grande e um apóstolo tão grande do Criador e Redentor, ambos do homem e da natureza, que, em seu presente estado de pecado e miséria, e, por conta disso, como seu Mestre, ele foi um homem de inconsoláveis tristezas. No entanto, bebês de colo irão chorar contra a insensibilidade daquela poderosa mente e poderoso coração; irá chorar com sua insensibilidade e indiferença para aqueles brinquedos e trivialidades que tanto os satisfaziam, como eles tantas vezes nos asseguram. O que quer que seja a verdadeira explicação de sua completa satisfação com a natureza, com a arte, com a viagem e consigo mesmo, essa é sem dúvida a verdadeira explicação do grande peso e contínua tristeza do coração de Paulo. A tremenda catástrofe da queda do homem e a queda de toda a natureza ao seu redor — isso, para Paulo, era tão constante e tão consumidor que não havia alívio ou ajuda para sua terrível dor em seu coração por conta de tudo aquilo. De qualquer forma, não há alívio ou ajuda para ele nas cores da alvorada ou do anoitecer, ou na forma das colinas, na música dos bosques e das águas. Todas essas coisas são confortos miseráveis para o coração partido de Paulo; mas, o mais miserável de tudo, seus confortadores charlatões entre os homens, que confiariam em coisas como essas sobre a profunda e inapelável tristeza de Paulo. "Um homem em agonia", diz John Foster, "tem peculiarmente um direito de não ser zombado pela aplicação de expedientes não adaptados; uma vez que consolos insuficientes serão zombarias e falsos consolos o trairão." Toda a verdade sobre Paulo, acima de todos os homens mortais, é essa. Paulo é tão intensamente religioso em sua mente, coração, imaginação, temperamento e gosto; ele é tão completa e absolutamente divino; ele é um homem e um apóstolo totalmente cristão; ele é tão continuamente consumido com sua fome e sede por justiça; ele é tão cativado, encantado e extasiado com a beleza da santidade que nada mais irá satisfazê-lo, nem a natureza, a arte, uma viagem, os homens ou si mesmo, somente o novo Céu e a nova terra. E até que esse dia chegue e essa estrela se erga no coração de Paulo, o que quer que eu e você possamos fazer, ele continuará a olhar, não para as coisas vistas, mas para as que não são; pois as coisas visíveis são temporárias, mas as que não vemos são eternas. Renan algumas vezes marca de um modo que nos surpreende e nos repreende. "Paulo", diz aquele verdadeiro e maravilhoso escritor,

Personagens da Bíblia - Novo Testamento.indd 404 13/11/2021 13:16:43

"pertence completamente a outro mundo que não o nosso. O Parnaso e o Olimpo de Paulo; seu nascer e pôr do sol; toda a sua Grécia, Roma e Terra Sagrada estão em qualquer outro lugar, e não aqui."

Mas não apenas em meio à natureza, à arte e à viagem, mas em meio a coisas muito melhores do que essas, homens como Paulo são muitas vezes feitos de tristezas e de um coração pesado — "'Ó, olá, caro amigo, onde vai de modo tão carregado?' 'Um modo carregado, de fato. Como nunca pensei que uma pobre criatura seria.' 'Tens esposa e filhos?' 'Sim; mas estou tão sobrecarregado com esse fardo que não consigo sentir prazer neles como uma vez achei que sentia. É como se eu não os tivesse, afinal.'"[31]

Uma passagem ousada, mas certamente nobre. Uma passagem semelhante a Paulo. O apóstolo não tinha nem esposa nem filhos, mas não poderia ter escrito uma passagem melhor que a de John Bunyan acima, mesmo se ele tivesse tido tantos filhos quanto Bunyan teve e os tivesse amado, chorado sobre eles, como apenas John Bunyan poderia chorar e amar. Ao mesmo tempo, teria sido um alívio adicional e um verdadeiro e peculiar suporte para nós ter tido uma passagem imediatamente da própria pena de Paulo sobre o peso do coração que não pode apenas acompanhar a vida familiar, quando um homem da sensibilidade de Paulo e da de John Bunyan é o cabeça da família. Pois a mais nobre lamentação de Paulo sobre a criação exterior é fria, remota e completamente sem aquelas vísceras e misericórdias que teriam sido mexidas em sua ausência nos mais profundos aspectos da vida doméstica. Eu não conheço nada melhor do que a resposta do Peregrino para o senhor Sábio Segundo-o-Mundo; e, algum momento depois, para Caridade. Para Caridade, que, mesmo que como o apóstolo, ela não tinha filhos de seu próprio corpo, ainda como ele, seu amor, imaginação e genialidade para as coisas do coração, tudo a fazia falar conosco como uma mãe em Israel e tudo fazia John Bunyan falar em resposta a ela como um pai. Como Thomas Boston também tem em uma de suas passagens shakespearianas: "O homem nasce chorando, vive reclamando e morre desapontado daquele lado. Tudo é vaidade e aborrecimento de espírito. Mas eu tenho esperado pela Tua salvação, ó Senhor."

[31] Citação do livro "O Peregrino", de John Bunyan. Tradução livre (N.T.).

"Por que os ímpios são geralmente tão alegres?", pergunta Thomas Shepard. Parcialmente, ele responde: "falta-lhes entendimento." Eles podem ser muito eloquentes no cenário, na viagem e na arte, e ainda assim as escamas podem estar sobre seus olhos e a casca sobre suas cabeças o tempo todo para qualquer coisa mais profunda do que a superfície das coisas. "A maioria dos homens", ele afirma, "continuam estranhos totais para si mesmos e para seu verdadeiro estado espiritual, por todos os seus dias." E um pouco depois disso, o mais pungente dos pregadores segue para perguntar porque os verdadeiramente divinos são muitas vezes muito mais tristes e melancólicos que as outras pessoas? E, entre outras respostas profundas, ele se supre e nos supre com esta: "Não é porque eles são divinos demais que são tristes, mas porque não são tão divinos assim. Eles têm Graça o bastante para os trazer dos prazeres casuais e mundanos, mas não o suficiente para os capacitar de viver entre o mundo espiritual e eterno, e para trazer todos os seus confortos daí em diante." A Graça estragou para sempre sua alegria na criatura, mas eles ainda não cresceram tão espiritualmente para viverem sobre Deus e por isso são encontrados tantas vezes pairando em tristeza e insatisfação entre a terra e o Céu. A *Ten Virgins* e o *Zacchaeus* de Thomas Shepard são minas perfeitas da mais profunda e experimental verdade. Lorde Brodie também nos dá seu testemunho no mesmo assunto em seu diário de coração pesado. Brodie não era Paulo, nem Pascal, nem Bunyan, nem mesmo Thomas Shepard, mas ele tinha peso mental e tristeza de coração o suficiente para lhe render um título de ser escutado nesse assunto. "Eu nunca poderia me permitir", ele diz, "uma alegria muito exuberante em nada criado. Mas eu sempre me exercitei para levar tais coisas sobriamente e estar pronto para me entregar." E um homem muito melhor, nosso próprio e querido Halyburton, tem quase a mesma coisa a nos dizer. "O forte poder do pecado que eu encontrei ainda continua em mim, e as perturbações se erguem por isso, não fazem a vida desejável; e uma perspectiva de um final e uma completa libertação pela morte fez com que ela aparentasse ser muito mais elegível."

Mas, voltando antes de encerrarmos o que começamos, isso quer dizer, o verdadeiro lugar da natureza na religião e especialmente na vida cristã. E em vez de lhe oferecer minhas próprias palavras fracas em um assunto tão alto, pegue essa clássica passagem

do diário do pupilo de Thomas Shepard nas coisas da alma, o maior dos homens, como o doutor Duncan é inclinado a pensar, desde Aristóteles. Todos nós sabemos o uso que o nosso Senhor faz da natureza em Sua pregação. Bem, aqui estão alguns exemplos desses usos que Jonathan Edwards também faz da natureza.

"Imediatamente após minha conversão, a excelência de Deus começou a aparecer para mim em tudo — no sol, na lua, nas estrelas, nas águas e em toda a natureza. O Filho de Deus criou este mundo para comunicar para nós, através de certas imagens, Sua própria excelência, para que, quando estivermos deleitados com prados floridos e brisas gentis, possamos ver em tudo aquilo apenas a doce benevolência de Jesus Cristo. Quando presenciamos a perfumada rosa e o alvo lírio, vemos Seu amor e pureza. Assim como as árvores verdejantes e a canção dos pássaros, o que elas são senão emanações de Sua infinita alegria e benignidade? Os rios cristalinos e riachos murmurantes, o que são senão os passos de Seu favor, Graça e beleza? Quando presenciamos o brilho do sol, as bordas douradas das nuvens ao entardecer ou o belo arco-íris abrangendo todo o paraíso, nós apenas presenciamos um pressentimento de Sua glória e bondade. E, sem dúvida, esse é o motivo pelo qual Cristo é chamado de Sol da Justiça, Estrela da Manhã, Rosa de Saron e Lírio do Vale, a macieira entre as árvores do bosque, um pacote de mirra, as ovas e um jovem cervo. Mas vemos a imagem adequada da beleza de Cristo quando vemos a beleza da alma do homem." De longe, a maior mente desde Aristóteles.

Mas, agora que cheguei ao fim, vejo que posso ter poupado tanto a mim como a você, pois nas grandes palavras do nosso Senhor: *"E começaram a alegrar-se"* (Lc 15.24b); e nas grandes palavras do ancião que *"Deus limpará de seus olhos toda a lágrima"* (Ap 21.4a); essas duas Sagradas Escrituras, corretamente entendidas, corretamente imaginadas e corretamente levadas ao coração, irão, por si só, salvar a mim e a você deste longo e supérfluo discurso nesta noite.

CXXII. Paulo o idoso

É calculado que o apóstolo devia estar com 58 ou 64 anos quando escreveu sobre si mesmo para Filemon como Paulo, o idoso. Certas dificuldades algumas vezes se ergueram sobre o texto. Algumas vezes foi perguntado se Paulo teria falado de si mesmo como um homem velho, veja, com 60 ou 63 anos. Contudo, muitas coisas podem chegar para fazer um homem se sentir velho, jovem ou em qualquer outra idade. O tipo de vida que um homem viveu; virtuosa ou viciosa, religiosa ou não religiosa, ociosa ou atarefada, para si mesmo ou para Deus e sua geração, o estado de sua saúde, o estado de sua fortuna, sua vida familiar, suas esperanças desapontadas ou cumpridas na vida e assim por diante. Cícero escreve o seu *Cato* aos 63 anos, e o projeto do grande orador nesse famoso diálogo era para preparar aqueles homens ao seu redor cujos joelhos estavam começando a tremer e as mãos a se abaixar naquele momento da vida. E Cícero segue para fortificar primeiro a si mesmo e então seus leitores, com tais exemplos como aqueles de Platão, que morreu em sua mesa aos 81 anos; e Isócrates, que escreveu um de seus melhores livros aos 94 e que viveu outros cinco anos na fama deste; e Górgias de Leontini, que completou 107 anos, e nunca vadiou em seu amor pelo trabalho, mas morreu deixando seu testemunho em seu leito de morte: "Eu não tenho motivos para culpar a idade avançada", ele disse, "eu mesmo", acrescenta Catão, "dei suporte à lei voconiana aos 65 anos com uma voz intacta e poderosos pulmões." E o melhor de tudo, na idade de 60 anos, Ênio viveu em tamanho coração para suportar nobremente aqueles dois fardos, os quais são, pela maioria dos homens, considerados os maiores — pobreza e idade avançada.

Ênio suportou esses dois fardos com o que parecia para todos os homens ao seu redor a maior boa vontade. Por outro lado, ao anotar o texto, o bispo Lightfoot nos lembra que Roger Bacon reclamava de si aos 53 anos como já sendo um homem velho. E assim também era com Sir Walter Scott, que se lamentava, aos 55 anos, de ser "um velho grisalho." Agora, deve ser admitido que aqueles dois cristãos não chegaram tão bem quando colocados ao lado dos corajosos pagãos. Apenas o doutor Samuel Johnson não deve ser esquecido — beba água, senhor, e viva até os cem anos! E aquele que bebeu água e seguiu lendo o melhor e escrevendo o melhor, até que

publicou sua obra-prima depois de ter 60 anos. A idade avançada de Dante no Banquete começa em 45. Mas, por outro lado, Tácito declara que, se ele tivesse um pé na cova, não se importaria, pois ainda estaria lendo e escrevendo o melhor.

Agora, com todo o seu amor e lealdade a Paulo, e com todo o seu perfeito entendimento de tudo conectado com Paulo, por uma razão ou outra, Lucas falha quase completamente conosco quando a idade avançada de Paulo se aproxima. *"E Paulo ficou dois anos inteiros na sua própria habitação que alugara, e recebia todos quantos vinham vê-lo; Pregando o reino de Deus, e ensinando com toda a liberdade as coisas pertencentes ao Senhor Jesus Cristo, sem impedimento algum"* (At 28.30-31). Essas são as últimas palavras de Lucas para nós sobre Paulo. Eu gostaria de conseguir acreditar que essas belas palavras descreveram os últimos dias do apóstolo até o fim. Mas, quando Lucas, por algum motivo, cai em um silêncio absoluto, as próprias epístolas de Paulo do aprisionamento chegam para nos suprir com tais vislumbres afetantes nos últimos dias do apóstolo, como estes: *"Eu, Paulo, sou o prisioneiro de Jesus Cristo. Pelo qual sou embaixador em cadeias"* (Ef 3.1; 5.20a). *"Não te envergonhes do testemunho de nosso Senhor, nem de mim, que sou prisioneiro seu. Bem sabes isto, que os que estão na Ásia todos se apartaram de mim. O Senhor conceda misericórdia à casa de Onesíforo, porque muitas vezes me recreou, e não se envergonhou das minhas cadeias.* (2Tm 1.8, 15, 16). *"Porque eu já estou sendo oferecido por aspersão de sacrifício, e o tempo da minha partida está próximo. Porque Demas me desamparou, amando o presente século. Só Lucas está comigo. Quando vieres, traze a capa que deixei em Trôade, em casa de Carpo, e os livros, principalmente os pergaminhos"* (2Tm 4.6, 10a, 11a, 13). Com um pé na cova, como Tácito, Paulo ainda está lendo livros e escrevendo pergaminhos. *"Ninguém me assistiu na minha primeira defesa, antes todos me desampararam. Procura vir antes do inverno"* (2Tm 4.16a, 21a). Você vê Paulo desamparado, solitário, frio e sem sua capa, acorrentado a um soldado e esperando em um dos acessos de loucura de Nero por seu martírio. "Bem", Paulo pode dizer, "se nesta vida nós temos esperança apenas em Cristo, nós somos os mais miseráveis dentre os homens." Mas ele tem tamanha âncora no véu que, em meio a todas essas tristes calamidades, com toda a sua idade avançada, ele consegue mandar tais

epístolas de fé, esperança e amor como as de Efésios, Colossenses, Filipenses as Pastorais e Filemom. Comparando a *Odisseia* com a *Ilíada,* Longinus diz: "Se eu falo da idade avançada, é, no entanto, a idade avançada de Homero."

Eu realmente desejo conseguir prevalecer com vocês que não são mais jovens para colocarem de lado, como Butler os implora, seus livros e papéis de mero lazer, para lerem o *Cato* de Cícero e alguns dos outros clássicos antigos, se apenas fizesse esses belos livros servirem por tantas folhas em uma nova leitura das Epístolas do Aprisionamento. É o seu dever sagrado ler uma obra-prima grega ou romana vez ou outra, tais como *Phœdo* ou *Cato,* apenas para se despertar novamente para a imensidade da mudança que chegou neste mundo com a encarnação e ressurreição de nosso Senhor. Que contraste entre a filosofia em seu ápice em Sócrates e Cícero e o Evangelho da nossa salvação sobre a vida eterna nas epístolas que Paulo escreveu em sua idade avançada! Toda a verdade, beleza e nobreza de tais livros como o melhor de Platão e Cícero é necessária para trazer o inimaginável contraste entre este mundo no seu melhor antes de Cristo e os novos Céus e a nova terra que nosso Senhor trouxe para este mundo consigo e deixou para trás. Como essas passagens gloriosas brilham sobre nós após termos acabado de ler *Cato* e até mesmo *Phœdo*. Tais passagens bem conhecidas, mas pouco entendidas são estas: *"Cristo será, tanto agora como sempre, engrandecido no meu corpo, seja pela vida, seja pela morte. Porque para mim o viver é Cristo, e o morrer é ganho. Mas de ambos os lados estou em aperto, tendo desejo de partir, e estar com Cristo, porque isto é ainda muito melhor. Mas a nossa cidade está nos céus, de onde também esperamos o Salvador, Senhor Jesus Cristo, que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso, segundo o seu eficaz poder de sujeitar também a si todas as coisas"* (Fp 1.20b-21, 23; 3.20-21). *"Porque eu já estou sendo oferecido por aspersão de sacrifício, e o tempo da minha partida está próximo.Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vinda"* (2Tm 4.6-8). Que homem foi Paulo! Se não soubéssemos que isso era ele, certamente pensaríamos que era alguém ainda maior que o apóstolo. Real e

verdadeiramente, meus irmãos, seria muito válido se vocês se colocassem em certa despesa e incômodo para ler, veja, as Consolações de Catão para sua idade avançada e então voltassem para os consolos e confortos de Paulo. A menos que, de fato, vocês já tenham lido seu Paulo com tal entendimento, imaginação e sentimento que não precisem da ajuda que Platão e Cícero foram erguidos e preservados até os dias de hoje para lhe dar.

Bem; depois de leituras repetidas de Cato, das Epístolas do Aprisionamento, de *A arte de bem morrer* e de Jeremy Taylor e autores similares para a idade avançada, eu agora lhes direi algumas das reflexões, impressões e conclusões que foram deixadas em minha mente. E pegue primeiro a tão tocante mensagem de Paulo para Timóteo sobre sua capa, seus livros e pergaminhos. Por tudo mais harmoniosamente após termos estado apenas lendo *Cato* sobre mantermos nossa leitura e escrevendo nosso melhor para o final. Temo que você não consiga pousar suas mãos no que Calvino diz sobre os livros de Paulo, então irei copiar a passagem para você: "É evidente, a partir disso", diz o príncipe dos comentaristas, "que o apóstolo não tinha desistido dos estudos mesmo quando estava preparando-se para a morte. Onde estão esses homens então, que acham que fizeram um progresso tão grande que não precisam mais perseverar? Quais de vocês terá a coragem de se comparar com o apóstolo? Ainda mais certamente essa passagem refuta a tolice daqueles que, desprezando os livros e negligenciando todo o estudo, ostentam sua inspiração espiritual." E se eu posso ser ousado o bastante para acrescentar uma palavra depois de Calvino. Eu não sou agora, ai de mim! Um aprendiz nesses assuntos e eu irei, portanto, tomar a ousadia para dizer isso para vocês. Leiam os melhores livros e apenas os melhores, à medida que envelhecem. Sejam mais e mais seletivos, delicados e refinados em seus livros e em suas companhias, conforme a velhice se aproxima e a morte com ela. Eu me pergunto apenas quais livros eram aqueles que Paulo sentia tanta falta em seu aprisionamento e velhice apostólica em Roma. Pode ter sido a *Apologia*. Pode ter sido *Phœdo*. Pode ter sido *Cato*. Não poderia possivelmente ter sido Moisés, Davi, Isaías ou Miqueias. Você pode acreditar nisso, Paulo não esqueceu a sua Bíblia quando estava fazendo as malas em Trôade. Você está muito melhor na questão de livros para sua velhice do que Paulo estava

com a sua Bíblia e tudo. Nunca, então, fique sem o seu Antigo e, especialmente, sem o seu Novo Testamento.

Como Paulo diz sobre a oração, leia seu Novo Testamento sem cessar. Nunca o deixe de lado, a menos que seja para pegar outra carta de Samuel Rutherford ou outra travessia do peregrino no rio; ou, se você tem cabeça o bastante sobrando para isso, outro ótimo capítulo de *Saint's Rest*. Nada mais. Por fim, nada menos pertinente e apropriado para seus anos e perspectivas imediatas. Nada menos nobre. Nada menos digno de si. Nada, afinal, a não ser aqueles verdadeiros clássicos do mundo eterno, de novo e de novo, até que toda a sua alma esteja em uma chama com eles e até seu êxtase nos Céus o agarre com um deles pela mão.

Você deve se lembrar como um grande divino, conforme envelhecia, estava acostumado, por esses e outros motivos, a voltar vez ou outra e dar uma volta em seu estado não regenerado. Como Paulo também estava acostumado a fazer. Pois, conforme ele ficou mais velho e mais santo, ele muitas vezes retornava sobre os pecados de sua juventude. Paulo era como William Taylor, que, quando perguntado por Deus o que Ele escolheria como um presente em sua velhice, respondeu arrependimento sobre a vida. E assim é que, se você leu bem as epístolas da idade avançada de Paulo, irá encontrar muito mais arrependimento sobre a vida em seus últimos anos, do que mesmo em seus anos de imediata conversão e remorso. Você encontra com uma amargura ainda mais profunda do pecado e com ele mesmo, conforme o tempo segue com Paulo; e, então, uma correspondente surpresa quanto à misericórdia de Deus. E vocês farão bem em serem seguidores do apóstolo, do puritano, do presbiteriano, nessa prática de se tornarem pecadores. Voltem, então, deliberadamente e a distância, e deem uma boa olhada no buraco do poço que cavaram para si mesmos e no qual fizeram suas camas no Inferno. E subam da boca daquele poço terrível, para aquela rocha na qual vocês agora estão e vejam se o resultado não será o mesmo que foi em Paulo e naqueles dois pregadores e escritores muito paulinos; vejam se isso não lhes fará odiar o pecado com um ódio mais e mais aperfeiçoado, como também lhes fará desejar novamente, como nunca antes, estarem para sempre com o Senhor.

E não apenas leiam seu melhor, mas também orem seu melhor, e isso literalmente sem cessar. Sim, sem um átomo de exagero

ou hipérbole, sempre e sem cessar. Nem que seja apenas para compensar um pouco antes de morrer para sempre, por suas longas vidas, nas quais encontraram tempo para tudo, menos para a oração, e para todos, menos para Deus. Ou vocês não têm filhos ou netos para compensar para eles também pela negligência de suas almas imortais? E vocês consideraram nesse caso o reconhecido e aceito servo de Deus, Jó? Como com ele sempre foi assim, que, quando os dias dos banquetes de seus filhos chegaram novamente, ele enviou, santificou-os e levantou cedo pela manhã, oferecendo sacrifícios segundo o número de todos eles. Quando você oferta pelos seus filhos, cedo na manhã ou tarde da noite? Pais diferentes possuem hábitos diferentes. Ou, quando você retornar com Paulo e der uma volta em seu estado de não regeneração, você sequer chegou sobre almas mortas que estão agora debaixo do altar e que choram continuamente acerca de você — *"Até quando, ó verdadeiro e santo Dominador, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?"* (Ap 6.10). Ore, ó velho homem imperdoável! Ore sem cessar, por todo o tempo que lhe resta. E quem pode dizer, se Deus virar e se arrepender e mandar embora Sua ira feroz contra você, para que não pereça.

E todos os dias e noites, sobre Paulo, Bunyan, Rutherford, Baxter e similares, pratique, como todos fizeram, sua imaginação e sentimentos sobre Jesus Cristo. Pratique sobre Ele até Ele ser muito mais real para você e muito mais presente do que as melhores daquelas pessoas são, que viveram todos os seus dias na mesma casa que você. Jesus Cristo ou é ou não é. Se Ele não é, então não há nada mais a ser dito. Mas, se Ele é, então deixe de lado todos os outros e pratique a presença d'Ele com você, bem como a sua presença com Ele. Imagine Cristo. Faça imagens a partir daquele esplêndido talento que Deus lhe deu para o propósito de criar imagens para si de Cristo. Crie imagens de si, de seu encontro com Cristo imediatamente após a morte.

Antecipe seu leito de morte, disse Samuel Rutherford. Você já antecipou o seu? Foi antecipando seu leito de morte que foi a conversão e a salvação daquele velho homem para o qual Rutherford mandou a carta. Você antecipa seu primeiro encontro com Cristo? Como você imagina que Ele deve aparentar? Ensaie a cena e deixe sua parte pronta. É apenas para os idosos, que isso seja claramente

entendido, que essas coisas são ditas. Os jovens, os de meia-idade e aqueles que estão ocupados com outras coisas que não são se preparar para encontrar com Cristo e com outros livros do que os citados acima — eles têm muito tempo. Contudo, nem você nem eu. Vamos, de qualquer forma, ficar de pé e em ação. Terezinha sentia um arrepio passar pelo seu corpo toda vez que o relógio badalava no consolo da lareira. O mesmo arrepio, como lhe contaram, que todas as noivas terrenas sentem cada vez que seu lento relógio badala. "Uma hora mais próxima de vê-Lo!", ela exclamava e batia palmas. De pé, todos vocês, idosos, e sejam como ela. De pé, e fiquem prontos. De pé, e revoguem a morte. De pé, para fora de sua escravidão do medo de morrer. De pé, e pratiquem morrer no Senhor, até que ganhem o prêmio. De pé, e leiam Paulo sem cessar e orem sem cessar, até que também fiquem na ponta dos pés com expectativa e completa garantia da fé. Sim, de pé, até que vocês também saúdem Sua repentina vinda e exclamem: *"Amém. Ora vem, Senhor Jesus!"* (Ap 22.20b).

CXXIII. Apolo

A fundação e a nomeação de Alexandria, sua localização incomparável, sua arquitetura bela, a rara sabedoria de seus estadistas, e a esplêndida catolicidade de sua sagrada escolaridade — tudo isso facilmente nos interessa e impressiona. Todas essas coisas, de uma só vez, enriquecem e ilustram o texto. Pois Apolo, embora judeu, nasceu em Alexandria e ali foi educado. As repetidas dispersões do povo judeu acabaram por preencher um quarto de Alexandria com dezenas de milhares de pessoas expatriadas, mas estas eram todas trabalhadoras, empreendedoras e bem-sucedidas. Naquela época, os judeus de Alexandria tinham quase metade da cidade inteira em suas mãos, e os judeus comerciantes, banqueiros e estudiosos de Alexandria eram, em vários aspectos da vida, da mais alta patente. E sem jamais terem abandonado ou esquecido a fé de seus pais, os judeus de Alexandria abriram as suas mentes e a dos seus filhos para que pudessem melhor aprender sobre aquela cidade eminentemente erudita. Apolo, quando ainda era um garoto curioso, seria levado por seu pai à famosa sinagoga em todos os dias de sábado, onde ele veria os setenta anciãos sentados em seus setenta tronos de ouro, e onde ele também assistiria o ondular das distantes bandeiras hasteadas daquela grande congregação que caía de joelhos no mesmo momento em que todos diziam amém. Nos dias de semana, para além dos anátemas ferozes dos escribas fanáticos de Jerusalém, o jovem Apolo seria mandado para a escola, onde aprenderia a ler tanto Homero e Platão, quanto Moisés e Isaías. E nos seus feriados, ele seria levado para fora da cidade em uma caminhada de sete quilômetros de extensão até a ilha do farol, no qual a Septuaginta Sagrada estava recebendo seus toques finais. E como o garoto talentoso passou a ser um estudioso, ele, muitas vezes, trilhava seu caminho na mundialmente renomada Biblioteca de Alexandria, a qual tinha em seu catálogo toda a literatura do mundo antigo, fosse sagrado ou profano; eram não apenas os melhores livros de Israel, mas também os melhores da Grécia, Roma, Egito e Índia.

Não está ao nosso alcance saber exatamente a data de nascimento de Apolo, mas temos quase certeza de que ele era um contemporâneo, e quase certamente condiscípulo, de Fílon, o famoso helenístico hebreu de Alexandria. Nós não possuímos nenhum li-

vro de autoria de Apolo, a não ser que a suposição ousada de Lutero, que diz que Apolo escreveu a Epístola aos Hebreus em sua maturidade, esteja correta. E a não ser, também, que outro palpite esteja correto, o qual aponta que o Livro da Sabedoria foi escrito por Apolo em seus anos em Alexandria. Isso tudo, com certeza, são apenas suposições sobre suas autorias, mas muitas vezes as suposições, dos homens de entendimento e gênio, carregam em si mais verdades que as provas e certezas que satisfazem os homens menos imaginativos e de menos entendimento. Ao mesmo tempo, se formos ter apenas um palpite esclarecedor de que ao menos temos alguma coisa que saiu da pena de Apolo, podemos ter certeza com a vasta obra de Fílon. Estes dois contemporâneos eram tão parecidos que quase podemos transferir a um o que dissemos sobre o outro. Pois sobre Fílon, assim como foi dito a respeito de Apolo *"[ele era] um certo judeu, natural de Alexandria, homem eloquente e poderoso nas Escrituras*" (At 18.24b), então, por outro lado, não é necessário muito esforço para imaginarmos Apolo como o autor de *The Allegories of the Sacred Laws*, *The Theology of Moses* e *The Indictment of Flaccus*.

Paulo não era aquilo que podemos chamar de um pregador eloquente. Os depreciadores do apóstolo costumavam deixá-lo de lado com esse tipo de afirmação desdenhosa. Mas nem os piores inimigos de Apolo poderiam dizer o mesmo dele. Profundidade da mente e fluência na fala nem sempre andam juntas. Elas não andaram juntas em Moisés e Paulo, os dois maiores homens da raça hebraica. Mas Apolo era tão mentalmente profundo quanto um gênio da oratória. Quintiliano, outro contemporâneo de Apolo, tem um bom capítulo sobre esse tema, que diz que um excelente orador é apenas um bom homem com uma boa habilidade de falar. Agora, Apolo satisfaz as duas partes dessa definição. Pois Apolo era primeiro um bom homem, depois um orador habilidoso. Nenhum homem na Igreja Apostólica chegou perto de ser um orador tão habilidoso quanto Apolo foi. E o escritor sagrado foi cuidadoso ao acrescentar que Apolo era "poderoso nas Escrituras". Ao dizer isso, tal escritor sagrado pretende dizer tudo, menos o maior elogio que poderia ser dado a Apolo. Uma mente excelente, sozinha, não é capaz de fazer um homem poderoso nas Escrituras. Um excelente dom da oratória, sozinho, também não é capaz. É a moral e a qua-

lidade espiritual do orador sagrado, quando acrescentadas às suas qualidades intelectuais, que faz um homem manifestar seu poder quando tem a Sagrada Escritura em mãos. O reconhecimento da força de Apolo no púlpito foi o poder de sua convicção e de seu caráter; o poder que tem seu lugar na consciência e no coração de um bom homem, juntamente com o poder de um excelente intelecto e de uma real eloquência. A grande potência de Aristóteles e Quintiliano, combinadas, ainda deixaria Apolo fraco, assim como outros homens, nas coisas de Deus, a não ser que fosse unida àquela força de consciência ardente contra a injustiça, e a um coração flamejante com o amor por toda a verdade e bondade. Apolo ainda tinha muito o que aprender, mas isso é certamente um fundamento nobre para se construir um bom pregador do Evangelho: *"um judeu, natural de Alexandria, homem eloquente e poderoso nas Escrituras"* (At 18.24b); de longe, isto é, como ele entende as Escrituras.

Este era, então, o orador e estudioso Alexandrino que veio a Éfeso em uma missão do Antigo Testamento, imediatamente após Paulo ter deixado aquela cidade. Paulo e Apolo não eram conhecidos um do outro. Eles nunca se conheceram, e mesmo sendo excelentes pregadores, eles não pregavam o mesmo Evangelho. Com toda a sua sabedoria de alexandrino, com toda sua perfeita eloquência e com todo seu conhecimento de Moisés, Isaías e João Batista, Apolo não sabia nada, ou quase nada, de Jesus Cristo. Como Apolo chegou a saber o tanto que sabia, não nos foi contado; mas nós sabemos distintamente que sua sabedoria se limitava com a pregação do batismo de João, o filho de Zacarias e Isabel. Nos deixa perplexos saber o tipo de homem que Apolo era. Um estudante universal, e um amante de todos os tipos de verdades, e especialmente da verdade revelada, deveria ter vivido por tanto tempo na metrópole de sua inteligência, mas não ter passado do ensinamento de João — isso é algo que nos deixa perplexos sobre Apolo. Ao mesmo tempo, devemos lembrar que com toda sua maravilhosa atividade e sucesso, Paulo nunca havia estado tão longe em Alexandria. Se Paulo tivesse pregado sobre Cristo, apenas uma vez, naquela magnífica sinagoga, que belo capítulo teríamos nos Atos dos Apóstolos narrando sobre a conversa de Paulo com Apolo. Mas da maneira como foi, Apolo ainda estava pregando sobre como João havia pregado e batizado, vinte anos antes em Bethabara, para além do Jordão.

As doutrinas e Exortações de João foram pregadas por Apolo com tremenda paixão e impressionabilidade; com a mesma tremenda paixão e impressionabilidade de João; e com uma conduta polida e uma perfeição de estilo com a qual João era um completo estranho. Mas aquela era toda a pregação que Priscila e Áquila ouviram, sábado após sábado, quando Apolo subia ao púlpito de Éfeso. Sábado após sábado, Áquila e Priscila foram até a sinagoga e ouviram Apolo pregando sobre João. E a cada Sábado que retornavam, eles o ouviam com um crescente pesar por ele não ter vindo a Éfeso a tempo de ouvir Paulo pregando sobre Cristo. Semanalmente, foi crescendo um sofrimento por estarem ouvindo aquilo que ouviam, ou melhor, por aquilo que não ouviam, até que, finalmente, foram ter com Apolo, o levaram consigo e lhe declararam mais precisamente o caminho de Deus.

Essa é uma bela passagem, e tão cheia de todos os tipos de lições para estudiosos, jovens pregadores e idosos. E, em primeiro lugar, para idosos e pessoas que já estão adiantadas na vida espiritual. Eu posso ouvir Áquila e Priscila em seu caminho de volta da sinagoga para casa sábado após sábado; ou, ainda, eu posso ouvi-los depois que os seus filhos estão dormindo. Pois esteja certo disso, Áquila e Priscila não discutiam os sermões de Apolo na porta da igreja ou na mesa de jantar. "Foi um bom sermão hoje, pai?", perguntou o jovem Keble . "Todos os sermões são bons, meu filho", respondia o sábio pai. E Áquila era como o velho Keble. Sempre que voltava da igreja, Áquila contava aos seus filhos e filhas sobre Alexandria e seus estudiosos; sobre a septuaginta; sobre o excelente conhecimento e grande eloquência de Apolo; sobre o esforço que havia disposto naquele sermão; sobre seu estilo nobre; sobre sua conduta dominante; e sobre as excelentes lições que poderiam ser aprendidas a partir desses sermões. Então, quando o sábado terminava e eles estavam sozinhos, Áquila e Priscila abriam livremente suas mentes um ao outro sobre aquele jovem pregador. Agora, de que forma teríamos feito se estivéssemos no lugar de Áquila e Priscila? É isso que nós faríamos. Deixaríamos que toda a congregação visse o que pensávamos de Apolo. Mudaríamos a posição do nosso assento. Olharíamos para o relógio. Abaixaríamos nossa cabeça. Cobriríamos nossos olhos com as nossas mãos. Olharíamos para os nossos vizinhos a fim de ver como estavam reagindo àquilo tudo.

Daríamos um sorriso descontente para que todos pudessem ver. E, então, já na porta — "Como vocês gostam dele? Pobre rapaz! Ele não conhece o próprio A B C do Evangelho". E assim seguiríamos, até que chegasse aos ouvidos de Apolo, e até que tivéssemos arruinado nossa influência com ele, e a influência dele conosco e nossos filhos para sempre. Eu nem consigo imaginar como Áquila e Priscila lidaram com isso. Mas eles o fizeram, pois "*o levaram consigo*", diz o escritor sagrado, "*e lhe declararam mais precisamente o caminho de Deus*" (At 18.26b). "Uma mulher simples e velha, se ama a Jesus, pode ser melhor que nosso irmão Boaventura".

Eu admiro tanto os três que realmente não sei qual admiro mais; Áquila e Priscila com sua extraordinária sabedoria, discernimento, coragem e, especialmente, amor; ou Apolo e sua ainda mais extraordinária humildade, modéstia e mente de Cristo. Um estudioso brilhante de Alexandria, um pregador popular e bem sucedido, não entediava ao pregar na sinagoga, era seguido por multidões de admiradores e tinha muitas aprovações de seu ministério entre eles; era um homem famoso demais para ser criticado sobre seu trabalho no púlpito por dois trabalhadores velhos, vestidos em lonas, e ser instruído por estes sobre como pregar e como não pregar — "isso tudo seria engraçado, se não fosse pelo seu atrevimento" é o que eu teria dito caso estivesse no lugar de Apolo. Mas como o verdadeiro alexandrino que era, um verdadeiro pregador e o próximo sucessor de Paulo, Apolo instantaneamente viu com o que e com quem estava lidando diante de Áquila e Priscila. Por um momento, ele sentiu que eles eram seus superiores em diferentes proporções no que dizia respeito aos assuntos do púlpito, e ele fez com que fosse fácil e exitoso para que os dois pudessem dizer o que havia em suas mentes e seus corações. Eu preferiria ter a mente humilde e o coração silencioso de Apolo naquele momento supremo de sua vida do que todas as suas medalhas de ouro, certificados de primeira classe e toda aquela multidão para se beneficiar; o jovem Cristão, nobre e gentil, que Apolo se provou ser naquele momento.

Foram as suas próprias experiências pelo caminho de Deus que habilitou e autorizou Áquila e Priscila a levarem Apolo e ensiná-lo este caminho mais precisamente. Não foi a pregação de Paulo que o fez. Suas próprias experiências, neste caso, vieram antes da pregação de Paulo, acompanhando-a, e veio depois dela. Eles sa-

biam a doutrina de Cristo perfeitamente, porque eles viviam perfeitamente a vida de Cristo. Fabricantes de tendas como eram, e completamente analfabetos, eles receberam, assim que foi escrita, e compreenderam muito bem a Epístola aos Efésios, isso porque eles tinham, já em seu coração, todos aqueles mistérios profundos. Paulo, em sua melhor pregação, apenas disse a Áquila e Priscila, com toda sua autoridade, o que eles certamente já sabiam antes. Todo verdadeiro pregador acaba encontrando a mesma coisa entre seu povo. E todo o bom leitor desse tipo de literatura sabe onde achar ilustrações destas mesmas coisas. Irmão Lawrence, o cozinheiro humilde, instruía os teólogos de sua época sobre a prática da presença de Deus; Jacob Boehme esclareceu a William Law; o velho soldado de Thomas Boston dando ao seu pastor uma dose de "The Marrow"; e os pobres camponeses de Cowper. Mas a passagem clássica está em *Graça Abundante ao Principal dos Pecadores*: "Um dia, a boa providência de Deus me levou até Bedford para que eu exercesse meu chamado; e em uma das ruas daquela cidade eu cheguei até um lugar onde haviam três mulheres pobres sentadas ao pé de uma porta ao sol, falando sobre assuntos de Deus; e estando disposto a ouvir seus discursos, me aproximei para ouvir o que diziam, pois eu também era um conversador em questões religiosas. Mas eu devo dizer que, por mais que ouvisse, não entendia nada; pois elas estavam muito além de mim, fora do meu alcance. Sua conversa era sobre um novo nascimento, o trabalho de Deus em seus corações, e também sobre como estavam convencidas de seu estado miserável por natureza. Elas falaram como Deus as visitou em sua alma através de Seu amor no Senhor Jesus, e com quais palavras e promessas elas foram revigoradas, confortadas e sustentadas contra as tentações do Diabo. E, pensei, elas falam como se a alegria as fizesse falar; elas falam com tanta simpatia à linguagem das Escrituras, e havia tanta presença de Graça em tudo o que diziam, que pareceu a mim que haviam descoberto um novo mundo, como se vivessem sozinhas e não fizessem parte da sua vizinhança. Portanto, eu deveria me ocupar mais vezes indo de novo e de novo até a companhia dessas pessoas pobres, pois eu não poderia estar mais distante. E, presentemente, eu achei dentro de mim duas coisas com as quais eu, às vezes, me maravilhei; uma delas era um coração macio e terno; e a outra era uma grande inclinação da minha mente de constantemente refletir nelas, e em todas as outras coisas boas com as

quais, em qualquer momento, eu li ou escutei". Isso tudo deve ter sido achado no melhor grego alexandrino entre os papéis de Apolo após sua morte. Em melhor grego, ele não poderia ter escrito, nem uma melhor descrição de suas experiências enquanto ele ia e vinha para a casa de Áquila e Priscila em Éfeso. "Por conta disso", continua Bunyan, "minha mente estava tão transformada que parecia uma sanguessuga na veia, ainda implorando, mais, mais".

Eles reclamam que há uma ameaça de escassez de candidatos para o ministério Cristão. Mas isso nunca poderia se dar. Pois onde mais a flor da nossa juventude pode achar um melhor campo para o saber e a eloquência senão em um púlpito evangélico? Que outro tipo de vocação para um homem jovem e talentoso pode se comparar ao da pregação espiritual? Qual outra ocupação pode preencher e satisfazer uma mente pura e um coração nobre, cada vez mais, até o fim da vida? Onde nossa juventude intelectual encontrará uma literatura que se compara à de Jerusalém e Alexandria? E uma esfera de trabalho como a congregação, cheia de pessoas como Áquila e Priscila? Quanto tempo se detém a flor da nossa juventude Escocesa[32] entre duas opiniões? "*Se o Senhor é Deus, segui-o, e se Baal, segui-o*" (1Re 18.21b). "*Escolhei hoje a quem sirvais*" (Js 24.15a). *"Quereis vós também retirar-vos?"* (Jo 6.67b). *"Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna"* (Jo 6.68b).

[32] Alexander Whyte era escocês (N.T.).

CXXIV. Loide e Eunice

Personagens da Bíblia - Novo Testamento.indd 424 13/11/2021 13:16:43

Loide era uma mulher temente a Deus por si mesma, e uma mulher forte e de uma fé sincera. Mas mesmo assim ela cometeu um grande erro ao oferecer sua única filha em casamento a um homem que ainda era um absoluto pagão. Como uma mulher tão boa, como duas mulheres tão boas, puderam cair em tal armadilha, nós podemos apenas supor. Mas, então, podemos palpitar; e podemos muito bem. Pois o amante de Eunice, como tantos dos nossos amantes, começaria a frequentar a sinagoga por causa dela, até que ele fosse quase persuadido a se tornar um prosélito dos portões apenas por causa dela. E, não fosse por alguma influência pagã e opressora o segurando, sob as influências transformadoras do nobre caráter de Loide e da beleza santa de Eunice, ele certamente teria se tornado tudo o que Loide e Eunice oraram tão incessantemente para que ele fosse antes do casamento. Mas deixe Loide apenas dar seu consentimento; deixe Loide entregar sua única e querida filha para se casar com ele; e ela nunca se arrependerá de colocar sua confiança nas mãos dele. E o jovem amante grego não era um trapaceiro de coração falso naquilo que dizia. Ele real e honestamente pretendia, depois de casado, viver uma vida devota de marido. Foi o que ele disse, Loide e Eunice acreditaram, e eu acredito nele. Nós adentramos nisso tudo juntos. Todos nós já tivemos nossas próprias experiências com os auto enganos do coração de um jovem homem. Nós todos vimos e adentramos o suficiente para nos convencermos de que o amante de Eunice era inteiramente honesto e honorável, assim como nós éramos quando ele disse o que pretendia ser e fazer uma vez que estivesse casado. Sim, nós já vimos isso milhares de vezes, até podemos simpatizar, do fundo do nosso coração, com estes três. Isto é, com o ardente e quase consagrado amante grego, e com as duas ainda hesitantes (mas cedendo rapidamente) mulheres hebraicas. Até o momento em que não pôde mais resistir, Loide finalmente deu seu consentimento, há muito resguardado, para aquele casamento complicado. Dessa forma, Eunice, uma filha de Abraão, se casou com um homem ainda pagão; era sua mulher e, ao mesmo tempo, mãe dos seus filhos não circuncidados. E ele se tornou o marido dela, o seu senhor e o pai de seus filhos, este tempo todo permanecendo ainda o homem pagão que sempre havia sido. E não apenas continuou o mesmo pagão que sempre fora, mas, com o passar do tempo, e com sua vida conjugal se tornando uma

possessão familiar e uma experiência desencantadora, ele se afastou de Deus e da religião da família como nunca fizera antes. Nem a bela promessa de Pedro poderia se realizar naquele casamento tão complexo e desigual. A tão bela promessa de Pedro a todas as boas mulheres que se dão conta de como venderam a si mesmas e onde acabaram pousando. "*Semelhantemente, vós, mulheres, sede sujeitas aos vossos próprios maridos; para que também, se alguns não obedecem à palavra, pelo porte de suas mulheres sejam ganhos sem palavra; considerando a vossa vida casta, em temor*" (1Pe 3.1-2). Por uma razão ou outra, aquela promessa tão apropriada nunca foi possível de ser realizada naquele casamento tão mal administrado. Se foi Loide que falhou como sogra da mesma forma que falhou ostensivamente como mãe; ou se foi Eunice que falhou em fazer a sua parte para com a promessa do apóstolo; ou se se deveu ao orgulho e à obstinação do coração pagão de seu marido; qualquer que tenha sido a causa, o pai dos bons filhos de Eunice nunca chegou a caminhar com um coração perfeito antes em sua casa. Ele nunca foi convencido, como certa vez ele prometeu tão solenemente que seria, e naquele momento caloroso, na verdade, quase foi convencido, para as Sagradas Escrituras de sua esposa e para seu Deus e Salvador.

Agora, nove em dez mulheres simplesmente aceitariam o destino de Eunice, e iriam gradualmente sucumbindo ao nível de incredulidade de seus maridos. Mas nem Loide nem Eunice eram mulheres fracas assim. Ao invés disso, e principalmente após o nascimento do pequeno Timóteo, as duas mulheres tementes a Deus se destinaram ainda mais às Escrituras, ainda mais às orações e passaram a levar uma vida mais obediente do que nunca. Elas não repreendiam os dias amorosos de seus maridos por conta de sua consciência acusatória. Tampouco elas impunham seu arrependimento e remorso diante de seu rosto. Mas elas, menos ainda, escondiam da vista dele aquela fé divina e aquela piedade doméstica, que tanto havia sido o esteio delas antes de sequer terem visto o rosto do rapaz, e que, naquele momento, era o único esteio que tinham, uma vez que ele as havia enganado tão fatalmente. E o crescimento diário da criança incircuncisa apenas fazia com que a quebra da lei de Deus contra casamentos mistos, como o deles, fosse mais pungente para os seus corações partidos: como também, a mesma lei de Deus quanto à educação adequada e admoestação

de filhos infelizes tal como seu filho. O confirmado, e agora incorrigível, paganismo do pai da criança, e o constante remorso de seus próprios corações, apenas fizeram com que Loide e Eunice decidissem trabalhar com todas as suas forças a fim de compensar um pouco seu filho inocente pelo grande mal que todos os três haviam lhe causado. E por essas duas mulheres dolorosamente castigadas terem obtido sucesso em tudo, principalmente ao compensar a falta de paternidade espiritual da criança, nós temos o testemunho de Paulo, um testemunho que Timóteo deveria ler com lágrimas e gratidão a Deus. "*Trazendo à memória a fé não fingida que em ti há, a qual habitou primeiro em tua avó Loide, e em tua mãe Eunice, e estou certo de que também habita em ti*" (2Tm 1.5). E foi assim que Timóteo, infeliz o bastante em seu nascimento, e deficiente o suficiente para começar na corrida da vida, foi mais do que compensado através dos trabalhos e das orações de sua mãe e de sua avó, e através da operação benéfica da lei do Novo Testamento, — "*Porque não é judeu o que o é exteriormente, nem é circuncisão a que o é exteriormente na carne. Mas é judeu o que o é no interior, e circuncisão a que é do coração, no espírito, não na letra; cujo louvor não provém dos homens, mas de Deus*" (Rm 2.28-29).

Essa passagem nobre, também em que o apóstolo descreve a Timóteo sua própria educação, é uma passagem clássica para todas as famílias cristãs. "*Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste, e de que foste inteirado, sabendo de quem o tens aprendido, e que desde a tua meninice sabes as sagradas Escrituras, que podem fazer-te sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus. Toda a Escritura é divinamente inspirada, e proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça; para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente instruído para toda a boa obra*" (2Tm 3.14-17). "*Sábio para a salvação*" (2Tm 3.15b). Há um grande volume de história interior para as famílias greco-hebraicas nesses quatro versículos, e nessas quatro palavras, que brilham como uma maçã de ouro em um retrato de prata no coração destes quatro versículos. A consciência pesada do pai grego por nunca ter tentado satisfazer aquelas duas mulheres super confiantes, o que ele tantas vezes solenemente prometeu a elas; sua consciência pesada poderia muitas vezes ter irritado seu temperamento para com elas e para com as Escrituras que estavam sempre sendo lidas. Ele tinha suas

próprias Escrituras; e ele não estava totalmente isento de desculpas para exaltá-los como o fez. Contudo, todas as suas Escrituras, gregas e romanas, não seriam capazes de lhe dar a paz de espírito pelo mal que ele havia causado àquelas duas mulheres. Tampouco Loide e Eunice teriam o conforto e o suporte que tão sofregamente precisavam em outras Escrituras que não fossem os Salmos de Davi, e as promessas dos profetas hebreus. Foi assim com o filho de Loide e Eunice, da mesma forma que foi com outra mãe e esposa que se enganou muito depois. A caligrafia que estava contra nós, que era contrária a nós, está apagada. Essa certeza os escritos platônicos não têm. As páginas de Platão, com toda sua beleza e sabedoria, não apresentam a imagem dessa piedade — Teu sacrifício, ó Senhor, é um coração partido. Nenhum homem canta em Cícero ou Platão — de ti vem minha salvação. Ninguém ouve este chamado vindo desses livros — venham a mim todos vocês que trabalham. Não que aquele fosse o momento do jovem Timóteo entender uma escritura tão profunda e espiritual como essa. Mas estava chegando o momento em que Platão, Cícero, e todo o resto, não satisfariam mais sua alma do que os mesmos satisfizeram a alma do filho de Monica[33]. Mas isso ainda está em um futuro distante e desconhecido. Timóteo ainda estava no primeiro estágio da alma, sobre o qual John Bunyan escreve: "Portanto, apaixonando-me e gostando dessas coisas, voltei-me para a minha Bíblia e comecei a ter um grande prazer em lê-la; mas especialmente com a parte histórica desta. Pois, quanto às Epístolas de Paulo, e semelhantes Escrituras, eu não poderia ir embora sem elas."[34] As Epístolas de Paulo ainda não haviam sido escritas na juventude de Timóteo, e ele não tinha qualquer tentação em desprezá-las. Mas muitas foram as horas deliciosas de Sábado que Loide, sua avó, passou lendo com Timóteo, o seu neto em desenvolvimento, sobre as escrituras favoritas de Bunyan; sobre Abraão, Isaque, Jacó, José, Davi e Salomão. Enquanto ele crescia em sabedoria, ela mostraria ao menino como todos estes grandes homens das Escrituras de sua mãe e avó se tornaram sábios para a salvação. E também quando foram tolos e arriscaram sua salvação. Especialmente Salomão, que era em tudo, menos em

[33] A saber, Agostinho de Hipona, filósofo medieval da patrística, fortemente influenciado por Platão.

[34] *Graça Abundante ao Principal dos Pecadores*, de John Bunyan.

sua salvação, o mais sábio deles. Mal pensava Loide, enquanto persistia com sua ocupação piedosa, que estava assim escrevendo seu nome, de forma tão impressionante, nas páginas imortais de nosso Novo Testamento. Mal pensava ela que nós estaríamos efetivamente lendo sobre ela, sobre sua filha Eunice e sobre seu neto Timóteo, nesta tão distante ilha no oceano. Mal pensava aquela santa e castigada que muitos de nós nesta congregação levaríamos os aprendizados de sua casa para a nossa própria. Grande e maravilhoso és Teu trabalho, Senhor Deus Todo Poderoso: justos e verdadeiros são os Teus caminhos, Rei dos Santos.

Há um grito agudo em relação a isso, que muitas vezes vem ao meu próprio coração através de um dos Salmos hebraicos de Loide. E tal grito proferido pelo coração é este, "*Quando virás a mim? Andarei em minha casa com um coração sincero*" (Sl 101.2b). Eu conheço o homem que primeiramente proferiu este grito a Deus[35]. Eu vejo sua casa da mesma forma com que vejo a minha própria. E mais do que isso, eu o vejo antes de ter sua casa. Eu vejo, ouço, e compartilho de todos os seus sonhos santos, de suas grandes esperanças, seus votos solenes, em todos os seus protestos e resoluções. Eu faço deles todos os meus próprios, e muito além disso. Mas logo que aquele noivo hebreu cultivou a cobiça em seu coração, ele tornou-se um marido ainda pior que o de Eunice, e um pai ainda pior que o de Timóteo. E agora ele está tão obstruído por sua conduta mal desempenhada enquanto marido e pai, que, miserável como é, está todos os dias fazendo e dizendo coisas que não deveria; fazendo e dizendo coisas que o levam ao desespero absoluto. Nenhuma mudança que ele tenta prospera. Tudo parece estar contra ele em sua vida familiar. E também em qualquer outro lugar. Até que nós chegamos a este seu grito de partir o coração, em nosso centésimo primeiro Salmo. Assim como o marido de Eunice e o pai de Timóteo gritariam por todos os seus dias, ele havia começado a se ver como um marido e um pai através das lentes das Sagradas Escrituras de sua esposa. Pois essas escrituras, enquanto sagradas em tudo, são tão sagradas quanto em suas incessantes e inexoráveis demandas que fazem a todos os maridos, pais e mestres que as leem. Quão difícil, mas celestialmente bom, é olhar continuamente para nós mesmos e nossos familiares através das lentes de Deus,

[35] A saber, aqui se trata de Davi.

que está neste momento brilhando diante de nós e nos vendo! O quão sábios para a salvação nós poderíamos fazer de nós mesmos e dos nossos familiares, caso colocássemos em nossos corações, e praticássemos em nossas vidas as lições que temos nessas escrituras de Deus sobre a família esta noite. E seria excelente começar esta noite com todos aqueles entre nós que, honestamente, estão se perguntando diante de Deus, em quais coisas, denominando-as, decepcionamos profundamente aqueles que antes confiavam em nós. Em quais coisas, e, denominando-as, nós nos tornamos uma vergonha para com nossos votos de casamento e honestidade, e ao mesmo tempo, da nossa generosidade e intenções. Nos acostumarmos a fazer indagações como estas, fará com que sempre as façamos — isso nos ensinará a humildade em casa, e este é o início da mudança. Isso também nos ensinará a paciência, a qual é muito necessária em casa. E isto fará com que nosso coração estime para com aqueles que são infelizes vivendo sob o mesmo teto que nós, e que nos tomam como os únicos pais e maridos que sempre terão nesse mundo.

Ó você que está repleto de promessas, votos e boas intenções! Você que não pode escutar a severa verdade de Deus nesta noite com paciência, você está tão ardente de sonhos sobre um lar de amor, honra e religião, a que a tua casa lar deveria ser! Comece, eu te suplico, esta noite, a fazer de você mesmo o que é necessário para fazer teu lar feliz. É bem mais fácil, acredite, começar com todas essas coisas boas antes do casamento do que depois. Eu posso te dizer isso melhor do que ninguém. Mas se você não acredita em mim, acredite em Loide e Eunice. Pois eles vieram aqui nesta noite para lhe alertar contra um casamento atrapalhado como o deles. "*Não vos prendais a um jugo desigual*" (2Co 6.14a). Tanto a avó quanto a mãe vieram aqui nesta noite para implorar a você com toda sua experiência e autoridade.

Mas quaisquer que sejam os outros homens e mulheres, jovens ou velhos, estes devem fazer, eu, enquanto o presente pregador, o faria mesmo que sozinho, — "*Cantarei a misericórdia e o juízo; a ti, SENHOR, cantarei. Portar-me-ei com inteligência no caminho reto. Quando virás a mim? Andarei em minha casa com um coração sincero*" (Sl 101.1-2). Eu retornarei muitas vezes aos dias da minha juventude. Eu retornarei muitas vezes aos dias em que meu

coração era caloroso, nas minhas tantas orações sobre este assunto e nos meus incontáveis votos. Eu direi ao meu coração todos os passos pelos quais Tu me conduziste até este presente momento. Eu direi, "*eu e a minha casa serviremos ao Senhor*" (Js 24.15b). Farei ainda outra coisa; manterei meu coração quebrantado diante de Ti, e diante da minha casa todos os meus dias. Eu me vestirei com o traje da humildade enquanto estiver dentro e fora da minha casa. "*Põe, ó Senhor, uma guarda à minha boca; guarda a porta dos meus lábios*" (Sl 141.3). Eu não provocarei a ira dos meus filhos . Eu os repreenderei em particular, e os elogiarei em público. Tomarei todas as suas falhas como se as tivessem herdado do pai; e tomarei todos os seus acertos como vindos de sua mãe e do Pai do céu. Os pecados dos meus filhos deverão sempre ser o mais doloroso castigo de seu pai nas mãos de Deus, e os presentes e graças deverão ser sempre seu ornamento de maior renome. "*Quando virás a mim?*" (Sl 101.2b).

CXXV. Timóteo criança

Aconteceu mais ou menos assim: não seria algo muito diferente do que se em uma de nossas famílias escocesas houvesse um pai que não é um membro da igreja, e o pastor é tão rigoroso que não batizará a criança para a mãe. Neste caso, a avó e a mãe diriam uma à outra — "Muito bem, seja como for, devemos nos atentar para que, se nosso filho quiser a cerimônia externa, ele terá suas necessidades mais do que compensadas na substância interna. O que ele não recebeu pela mera aspersão com água, se pudermos ajudá-lo, terá mais do que compensado pelo Espírito Santo. Pois nós não daremos descanso a Deus até que Ele seja muito mais misericordioso com a nossa criança inocente do que o nosso cruel pastor fora." E assim foi. Até o extremo paganismo do pai de Timóteo foi melhor para seu filho não circuncisado do que se este pai grego tivesse sido um pai cristão, assim como a maioria dos nossos pais são. Pois justamente pela falta de crença do pai, a fé da avó de da mãe se tornou muito mais sincera, devota e persistente. A mancha que todos os três trouxeram sobre aquela criança inocente pesava tanto no coração da mãe e da avó, que elas não puderam descansar até que viram aquela mancha mais do que removida pela lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo.

Com aquela fé sincera, as duas mulheres solitárias se propuseram a trazer seu pequeno filho sem pai para a doutrina e admoestação do Senhor . E elas tiveram sucesso, assim como todas as mulheres de fé sincera tiveram. E as mulheres sinceras como elas sempre tiveram sucesso, e sempre terão, até que recebam sua última recompensa de Deus. Tais mulheres, tais mães em Israel, como Hannah, Isabel, Maria, Monica, a mãe de Halyburton[36], a mãe de Wesley[37], a mãe dos filhos de Jonathan Edwards, a mãe dos filhos de Thomas Boston e tantas outras mães. Em todas essas mães havia aquela fé sincera. A fé sincera que tinham, primeiro em Deus, depois em seus filhos. Pois, sem falar em Deus, é este tipo de fé, e somente este tipo de fé, que apodera-se do coração de uma criança. Você não pode fingir sua fé diante de seus filhos. Mesmo enquan-

[36] Thomas Halyburton, reverendo importante anglicano na Escócia.

[37] Clérigo anglicano e teólogo arminiano cristão britânico, líder precursor do movimento metodista.

to eles ainda são crianças, eles descobrirão, para sua grande dor e vergonha, que sua mãe finge. Você pode ter sucesso ao fingir sua fé diante de qualquer pessoa, mas não diante de seu filho. Você deve andar com uma fé sincera e um coração puro em sua casa, se você tiver os olhos de um filho postos em você assim como Loide e Eunice tinham. Independentemente do que os maridos façam, deixe todas as esposas e mães viverem uma vida como a de Loide e Eunice, e elas serão recompensadas. A este ponto, neste momento vago, eu fui levado a fazer uma antiga e favorita citação que tenho em mãos, a qual sempre tem algo pertinente sobre essa questão. *"Antes de mais nada, não deixe que as conversas a conversa da criança com a aia seja não gramatical."* Ele está discutindo sobre a melhor maneira de se educar um orador. *"Crisipo*[38] *desejava que todas as aias fossem, se possível, mulheres com alguma liberalidade de educação. Pois é a aia quem o futuro orador ouve falar pela primeira vez, e são as suas palavras e sotaques desta que ele primeiro imita. Somos tenazes por natureza naquilo que embebemos em nossa infância, assim como o sabor com que perfumamos nossos tonéis quando são novos, permanece neles até o fim."*[39] Com algumas mudanças e substituições, nós temos Loide e Eunice neste primeiro livro de Quintiliano, e sua primeira educação ao futuro apóstolo.

Não é à toa, e você pode contar com isso, que Paulo deu à Loide e Eunice um belo certificado de primeira classe pelos seus excelentes métodos, e pelo seu sucesso marcante ao ensinar Timóteo a ler e, para além disso, compreender as Sagradas Escrituras. Paulo sempre, e para todos, escrevia e falava como o cavalheiro que era. Mas estes não eram só mais alguns meros elogios e cortesias que o apóstolo idoso fez àquelas duas mulheres que ensinavam a Bíblia. Há uma descrição estudada, bem como todo o seu próprio calor, no que Paulo aqui diz a Timóteo sobre os métodos sábios e meticulosos que Lois e Eunice levaram consigo nas Sagradas Escrituras. Há uma descrição cuidadosa, assim como todo o calor de seu coração, no que Paulo aqui diz a Timóteo sobre os métodos sábios e meticulosos que Lois e Eunice encaminharam o rapaz nas Sagradas Escrituras. É de suas leituras iniciais das Sagradas Escrituras em casa

[38] Crisipo de Solo, filósofo helenístico da corrente de pensamento estoica.

[39] *Instituição Oratória*, de Quintiliano.

que Paulo lembra a Timóteo quando o exorta a dividir a palavra da verdade corretamente, tanto com sua própria família, quanto em seu catecumenato[40], e em seu púlpito. Eu vejo Loide montando seu espetáculo uma hora antes de chamar Timóteo do parquinho. Eu a assisto enquanto ela escolhe com muito cuidado qual é a passagem apropriada para ler junto com o garoto. Eu a admiro conforme ela lê e relê a passagem para si mesma, a fim de ter certeza que realmente a entendeu por si mesma. Depois disso ela elabora, e as experimenta de joelhos, dois ou três pedidos apropriados para o filho repetir depois dela, e no qual ele deverá dizer seu mais sincero e inteligente "amém". Há muita coisa que é cheia de repreensão e instrução para nós na mansão de Ettrick. Mas não há nada mais cheio de repreensão e instrução do que o modo como Thomas Boston preparou a si mesmo para o culto familiar antes de tocar a campainha. E as consequências e recompensas são lembradas por ele de novo e de novo em suas preces de agradecimento diárias: como, após tal preparação, muitas vezes ele recebia luz, conforto, força e orientação para si mesmo, como também para sua família, fora do "exercício". "Lembre-se dos sábios métodos de Loide e Eunice", disse Paulo a Timóteo, "quando você estiver em seu próprio culto familiar, bem como quando estiver liderando uma congregação".

Mas com todas essas excelentes preparações, a grande mudança ainda estava por vir para Timóteo. "Criança como Timóteo era," diz Thomas Goodwin, "ele ainda não era convertido." Timóteo foi pego por Paulo para que se finalizasse o trabalho que Loide e Eunice começaram tão bem. Há uma grande lição aqui, e um grande conforto. Uma grande lição, pois existem muitos jovens exatamente como Timóteo. E como Timóteo eles jovens são ricamente talentosos, bem instruídos, religiosamente, e em vários outros aspectos, educados. E assim como Timóteo, eles receberam tudo que duas gerações de mães com uma fé sincera podem fazer por eles. E mesmo assim, eles mesmos não deram o grande passo. E isso continuará até que um dia, finalmente, a Graça recaia sobre eles, da mesma forma que um dia a Graça recaiu sobre Timóteo. Um novo pastor sobre o púlpito; um habilidoso e imperativo evangelista, como Moody, ou Drummond, ou Kelman, ou M'Neill, ou George Clarke, ou Mackay, visita a cidade e se dirige justamente a esses jovens; ou eles são guiados a ler o livro certo

[40] Processo de formação cristã que antecede o batismo, a fim de preparar o fiel.

no momento certo; ou uma especial e pessoal entrega da Providência Divina é feita a eles. Até que, em um dia, uma hora, um momento, a fruta requintada, que por tanto tempo amadureceu lentamente, cai com apenas um toque na cesta do lavrador. Um dia, Paulo vem até Listra e prega, e Timóteo é convertido no ato. Segurem seus corações, Loide e Eunice, segurem seus corações. *"Porque a visão é ainda para o tempo determinado, mas se apressa para o fim, e não enganará; se tardar, espera-o, porque certamente virá, não tardará."* (Hc 2.3) *"Sede pois, irmãos, pacientes até à vinda do Senhor. Eis que o lavrador espera o precioso fruto da terra, aguardando-o com paciência, até que receba a chuva temporã e serôdia. Sede vós também pacientes, fortalecei os vossos corações; porque já a vinda do Senhor está próxima"* (Tg 5.7-8).

Ao mesmo tempo, enquanto eu me regozijo por Paulo ter Timóteo como seu filho espiritual, eu não posso deixar de me sentir terno por Loide e Eunice também. Especialmente por Eunice, pois ela não teve a bênção de Deus para aguentar o suficiente para ver o segundo nascimento de seu filho, bom como fez no primeiro. Falando por mim mesmo, eu valorizaria, acima de tudo, que Deus me desse nesse mundo a chance de ver todos os meus filhos convertidos verdadeiramente como Timóteo. E eu ficaria feliz em receber a conversão deles através de qualquer instrumento que agrade a Deus empregar. Um novo pastor; um evangelista de passagem; um bom livro; uma entrega familiar ou pessoal da Providência; ou qualquer outra coisa. Mas ó! Se agradar a Deus, deixe-me converter a alma de todos os meus filhos eu mesmo! Deixe que eles digam nos dias vindouros — "Foi meu pai quem o fez" Isso certamente faria meu cálice transbordar . E eu não perderei as esperanças para com isso. Por que em algum momento eu deveria duvidar? Pois Ele é um Deus que se deleita ao fazer o cálice de um homem transbordar, neste sentido e em vários outros. Ao mesmo tempo, enquanto eu sinto a mais comovente simpatia por Loide e Eunice, pela perda da alma de Timóteo para Paulo, há uma dúvida que rasteja pela minha consciência acerca disso. Com uma excelente leitura Bíblica com ele, elas podem não ter lidado próximo o suficiente com o próprio coração e mente de Timóteo. *"As sagradas Escrituras, que podem fazer-te sábio para a salvação"* (2Tm 3.15a), é a profunda e, penso eu, significantemente colocada, expressão do apóstolo. Eu não sei o

porquê disso, mas não consigo deixar essa dúvida escapar de minha consciência: No fim das contas, Loide e Eunice fizeram tudo o que deveriam para tornar Timóteo sábio para a salvação? Elas fizeram tudo o que deveriam ter feito para trazer a salvação para a consciência, mente, coração e imaginação de seu pequeno pupilo? Eu reconheço, e muito, o treinamento de Timóteo por Loide e Eunice. Mas, de algum modo, elas não terem conseguido a total homologação que Deus destinou a elas ao treinarem Timóteo, faz com que eu duvide, afinal, se elas estavam realmente preparadas, quando treinaram Timóteo, para esta homologação. *"Sábio para a salvação"* (2Tm 3.15a). Agora, diga-me, você acha que Eunice pegou seu filho Timóteo e o mostrou, até que ficasse claro, o que seria para ambos ser salvo, e o que seria para ambos a perdição? E ela o fazia com toda sua ternura e amorosidade? Ele via por si mesma, e mostrava a ele, como os tons daquela vozinha, que ecoava pela casa, e como aqueles pequenos olhares e ações eram justamente as coisas para as quais a salvação havia sido enviada? Ela mostrou a ele como o santo nome "Jesus" havia chegado até a casa deles, e falou de salvação para os idosos e jovens dentro daquelas paredes? Eu posso estar bem errado, e posso estar fazendo uma grande injustiça com Loide e Eunice com tudo isso, mas eu não estou inescrupuloso de que elas poderiam ter tido a salvação completa de Timóteo pelos seus próprios esforços, caso tivessem deixado completamente claro e convincente, para a criança atenciosa, o que "sábio para a salvação" seria no caso delas e no caso dele. De qualquer forma, mesmo que eu esteja errado em minha leitura sobre o caso, agora isso não importa mais a elas. Essa desconcertante leitura de tal caso poderia ser abençoada ao fazer alguns de nós, de algum modo, olhar mais cautelosa e conscientemente para o caso dos nossos próprios lares, mais do que já tínhamos olhado. Ou seja, estamos sendo, ao mesmo tempo, lúcidos e francos o suficiente, atraindo e conquistando o suficiente nossos filhos? Não deixe suspeitas, não deixe dúvidas naquela direção não tratada, meu irmão. Não deixe pedra sobre pedra ao buscar a salvação de seus filhos. Vá até a raiz da questão com eles. Vá até a raiz da palavra. Faça com que eles entendam completamente, tanto a palavra quanto o assunto, a salvação. Faça com que eles a vejam. Faça com que eles a sintam. Faça com que eles admitam, e te confessem, que você fez com que eles a sentissem e vissem. Sentissem e vissem o que seria se perder; e o que seria ser salvo. E, então, você o

terá feito com toda a sua habilidade, e com muita oração, tanto com eles quanto para eles, vai haver uma menor possibilidade de uma vagante como Paulo vir e pagar para ele aquela que seria a joia mais doce em toda a sua coroa celestial. Vamos, meus irmãos, sejamos sábios para a nossa própria salvação e para a dos nossos filhos, para que nós possamos dizer ao nosso Deus no grande dia — *"Eis-me aqui, com os filhos que me deu o Senhor"* (Is 8.18a).









CXXVI. Timóteo um jovem pastor

Chegamos nessa noite a Timóteo enquanto um jovem pastor. E por mais que vocês mesmos não sejam pastores, ouvir sobre como pastores como Paulo e Timóteo, e seus verdadeiros sucessores, são feitos, pode os interessar; como eles se inventaram; e como essa autorrealização deles ainda permanece enquanto vivem e trabalham entre vocês.

"Persiste em ler, exortar e ensinar, até que eu vá" (1Tm 4.13). Essa é uma exortação excepcional de Paulo a Timóteo. Agora, se essas palavras fossem endereçadas por um pastor experiente a um iniciante, nos dias de hoje, algo assim seria universalmente entendido: "Dedique-se aos seus estudos. Sempre estude. Odeie qualquer momento que seja roubado dos seus estudos. Nunca se sente sem um livro e uma pena em suas mãos. E nunca deixe que este livro seja efêmero, impertinente ou improdutivo. Você não tem tempo. Você não tem dinheiro. Não leia nada que não seja o melhor, tanto em religião, quanto em letras e qualquer outro assunto. Seja como John Milton em sua nobre juventude, seja seletivo e diligente com a sua leitura."

Mas existe outra interpretação dessas palavras, uma com bastante autoridade também. "Ler", na época de Timóteo, — como o texto é por vezes interpretado — significaria a ele o que, ultimamente, é considerada uma pregação expositiva ou um "sermão", como se diz na Escócia. Timóteo é exortado a ler a autobiografia de Neemias e imitar aquele grande reformador e seus grandes colegas em seu exegético e homilético modo de lidar com a Lei de Deus. Os pregadores da época de Neemias, e ele nos conta em suas Memórias, subiam em um púlpito de madeira, liam distintamente a Lei de Deus e davam-as um sentido, o que fazia com que as pessoas entendessem a leitura. E isso, muitos exegetas nos asseguram, é o "ler" no qual Timóteo foi instruído a se dedicar. Se essa é a verdadeira interpretação do texto ou não, o fato é que o método de Neemias em lidar com a Escritura Sagrada foi seguido por todos os seus sucessores de púlpito, tanto na época da Bíblia quanto na história Eclesiástica. Para começar, o método de Neemias também era o método do Nosso Senhor, e muitas vezes os livros eram entregues por Ele ao pastor da sinagoga nos dias de Sábado. E dos Atos nós aprendemos que esse também era o método universal dos

apóstolos. Tanto os pais gregos quanto os latinos seguiram o mesmo método escriturístico; os sermões expositivos de Crisóstomo e Agostinho existem até hoje. Calvino também subiu em um púlpito de madeira, leu a distintamente a Palavra de Deus e fez com que o povo de Genebra entendesse a leitura, assim como ele ainda nos faz entender a leitura sempre que consultamos seus comentários incomparáveis. E esta mesma mão-de-obra amorosa e recompensadora deste método de trabalhar no púlpito fez do Puritanismo e do Presbiterianismo as duas maiores escolas de pregadores e pessoas que a Igreja de Cristo jamais viu. Ao mesmo tempo, e porque aceito inteiramente a interpretação oficial, posso dizer que meu coração tem uma diligente inclinação pessoal a Crisóstomo e Calvin. Essas duas principais autoridades entendem que Paulo aconselhou Timóteo não tanto sobre seu trabalho no púlpito, mas sobre sua própria dedicação e devoção à Palavra de Deus. Calvin, acima de todos os homens, tinha orelhas com as quais ouvir. E aquele mestre em Israel ouve por acaso Paulo dizendo a Timóteo algo do tipo: "Leia distintamente e exorte convincentemente em seu púlpito, mas acima de tudo isso, deixe a Palavra de Deus habitar ricamente em si mesmo. Mesmo você conhecendo as Escrituras Sagradas desde criança, continua chamando-as constantemente à sua mente através de suas sistemáticas e assíduas leituras e meditações. *"Fazendo isto, te salvarás, tanto a ti mesmo como aos que te ouvem"* (1Tm 4.16b). "O que eu devo e essas duas Epístolas a Timóteo", confessa Calvino, "nem pode ser dito".

"*Maneja bem a palavra da verdade*" (2Tm 2.15b); este é outro golpe de mestre de Paulo nessas Epístolas majestosas. E esse golpe de mestre do apóstolo serve para instaurar outras vantagens para uma exposição consecutiva e compreensiva das Escrituras Sagradas. Na verdadeira pregação expositiva, a divisão correta de toda a Palavra da Verdade é amplamente deixada para o próprio Espírito da Verdade. Em nenhum outro método é possível, a nenhum pregador, dividir corretamente todo o corpo consecutivo e cumulativo das doutrinas e deveres, bem como os privilégios e confortos contidos nas Escrituras Sagradas. Há uma multiplicidade de doutrinas, reprovações, correções e instruções em justiça, que o pastor que prega a partir de textos separados e desconectados nunca será capaz de dividir com seu povo, mesmo quando se trata de um bom

pregador. E mesmo quando tal pregador chega a algumas dessas instruções e correções que seu povo precisa, seu método inconsequente de pregação certamente tentará alguns de seus ouvintes a definir suas palavras menos para a perfeição maravilhosa, particular e individual, da Sagrada Escritura, do que para alguma idiossincrasia do pregador; ou, pode ser, para alguma animosidade pessoal daquele que ouve. A absurda mudança de animosidade e intenções pessoais nem sempre podem ser evitadas pelo melhor dos métodos de trabalho em púlpito; mas a pregação que consecutivamente alcança o ponto e toda a perfeição da Palavra de Deus melhor atenderá e silenciará aquela vaidade da mente e a rebelião do coração entre os nossos ouvintes. Todo o ouvinte de coração humilde deve muitas vezes ter sentido e manifestado o poder divino com alguma repreensão que levou para casa, quando, repentina e inesperadamente, esta saltou sobre ele das profundezas de alguma passagem, até então esquecida e inesperada, da multiforme Palavra de Deus.

Outro modo de dividir toda a Palavra da Verdade é mais excelentemente estabelecido por Jeremy Taylor em um de seus encargos de ouro ao seu clero: "Não gaste os seus sermões em coisas gerais e indefinidas. Não gaste o seu tempo e força com exortações para seu povo receber a Cristo, se unir a Cristo, e coisas com um significado irrestrito e indefinido. Mas divida corretamente a doutrina de Cristo. Diga ao seu povo, em cada dever, quais são as medidas, quais são as circunstâncias, quais são os instrumentos e quais são as particularidades e orientações minuciosas de cada conselho geral. Pois o geral que não é explicado enche a mente do povo com noções vazias, e suas bocas com perpétuo falar inteligível, enquanto seus corações permanecem vazios e indefinidos a eles mesmos. Sim, ó líder sábio de coração e com ouro na boca. Nós precisaríamos de toda tua leitura oceânica, todo teu intelecto amplo, toda tua eloquência esplêndida e toda tua devoção incessante, a fim de ficarmos à vista de teus grandes conselhos. E, meu irmão, com o melhor dos métodos, quanto ainda resta ao pastor fazer? Que habilidade, estudo, coragem, sabedoria e amor é certamente necessário para se dividir a Palavra da Verdade, Sábado após Sábado, para todas as idades, entendimentos, circunstâncias e experiências de uma congregação ouvinte? Que insone, multifacetado, talentoso, que raça

de homens experientes os pregadores da Palavra de Deus precisariam ser!

E, então, se o apóstolo disse uma vez, ele o dirá cinquenta e cinco: "Evite a controvérsia, como um poço sem fundo, no púlpito" Richard Baxter será certamente ouvido nesse assunto. "Outro fatal obstáculo para uma caminhada e conversação celestial é a nossa frequente disputa sobre verdades inferiores. Um espírito discutidor é um verdadeiro sinal de um espírito não santificado. Eles, geralmente, são homens menos familiarizados com a vida celestial e são os mais violentos disputantes sobre as coisas circunstanciais da religião. Sim, ainda que vocês estivessem certos de que suas opiniões fossem verdadeiras, ainda assim, quando o maior de seu zelo se volta para essas coisas, a vida da graça logo se decai por dentro. Deixe que toda verdade segura tenha sua devida proporção, e estou confiante de que a centésima parte de nosso tempo e argumentação não seria gasta como é gasta. Eu poderia desejar que todos vocês fossem homens de entendimento e habilidade para defender toda a Verdade de Deus; mas, ainda assim, eu teria a verdade mais importante para ser principalmente estudada, e nenhuma verdade para sustentar o pensamento da eternidade. Os pontos menos controversos são geralmente os mais pesados e de uso mais necessário e frequente para nossas almas."

Mas enquanto nós traçamos nosso caminho através dessas incisivas e pungentes Epístolas, o que o apóstolo possivelmente quis ao destinar um jovem pastor com a saúde frágil de Timóteo para trabalhar em seu púlpito com os deveres pastorais *"a tempo e fora de tempo"* (2Tm 4.2a)? E assim o destinando, sob as mais tremendas imprecações; até começarmos a suspeitar que não era tanto a má saúde de Timóteo, mas algo muito pior, que Paulo tinha em seus olhos o tempo todo. Não seria porque um dos pecados assediadores do chamado pastoral já estava cravado sobre toda a Igreja Apostólica? Quase parece que sim. "Pedimos desculpas pela nossa preguiça", diz um dos mais indolentes dos pastores. Seja como for; deixe que todos os pastores, tanto os que são inclinados à preguiça, quanto aqueles que realmente tem uma saúde frágil e, especialmente, todos os jovens pastores, leiam a autobiografia dos dois mais enfermos, mas ao mesmo tempo dos dois mais resolutamente indolentes de todos os pastores Puritanos e Presbiterianos: o *Re-*

liquioe Baxterianoe, e o *Memoirs*, ambos de Thomas Boston, este último editado por um jovem pastor nosso que não é preguiçoso nem enfermo.

Com toda sua doença, qualquer que fosse, Timóteo nunca tocou em vinho, nem por estímulo ou força, o que fez de Timóteo um abstêmio severo. Quer isso fosse um exemplo de abnegação de um dos grandes santos das Escrituras de sua mãe, ou as terríveis quedas de alguns desses santos, nós não sabemos. Nós apenas encontramos o velho apóstolo interpondo-se e recomendando a Timóteo que desse uma relaxada em suas regras e tomasse um pouco de vinho às vezes. Agora, eu não interferiria caso algum velho pastor, ou qualquer médico capaz e devoto, dissesse a algum jovem pastor que eu conhecesse o que Paulo disse a Timóteo sobre sua saúde e sua inabilidade para o trabalho a não ser que começasse a tomar vinho. Mas, de minha parte, nos dias de hoje, eu me certificaria de que qualquer jovem enfermo amigo meu tivesse tentado alguns outros expedientes antes de se dedicar ao último de todos. Eu daria o meu melhor para que ele mantivesse uma rotina de horários cedo, tanto de manhã quanto à noite. E se eu obtivesse a atenção em alguma de suas sessões eu imploraria para que deixassem o jovem pastor tirar um Sábado de folga a cada cinco ou seis Sábados. E também para que ele recebesse férias generosas todos os verões. Mas, acima de tudo, eu o encarregaria, diante de Deus, a não deixar de lado suas preparações para o Sábado até este dia à noite. Pois tenho visto muito mais desgraça operada na congregação por este último mau hábito do que vi operada até pela bebida mais forte. Um amor real pelos nossos livros, um amor real por nossos pupilos e um amor real pelo nosso povo, tudo isso é bem melhor aos nossos pastores, e à nossa saúde frágil, do que o melhor dos vinhos.

"Ninguém despreze a tua mocidade; mas sê o exemplo dos fiéis, na palavra" (1Tm 4.12a). Pascal fez "a desproporção do homem" o provérbio mais alto em sua literatura. E Richard Baxter fez da mesma palavra uma flecha farpada na consciência de todos os seus leitores ministeriais. "A desproporção", isto é, entre nosso cargo e as caminhadas e conversas em nosso cargo. Eu suponho que não haja um pastor sequer na face da Terra que não tenha rangido os dentes a si mesmo enquanto retornava para casa após uma conversa em que demonstrou tamanha desproporção ao seu cargo, e

acabou fazendo um grande escândalo. Nossos jovens pastores não têm Taylor, nem Baxter, nem Boston, nem tamanho mestre em comportamento ministerial; mas, como Behman diz, eles têm a si mesmos. E se eles começarem cedo a examinar a si mesmos neste quesito, eles logo, e sem livros, virarão grandes exemplos e grandes autoridades em qualquer comportamento ministerial. Não deixe que nenhum homem despreze a juventude e muito menos a idade de qualquer pastor por causa de seu caráter desproporcional e sua conversa desedificadora.

E, *"Tem cuidado de ti mesmo"* (1Tm 4.16a), é tudo isso que dissemos em outras palavras. Preste atenção, de fato, à tua doutrina, mas antes e depois, preste atenção a ti mesmo. Fixe tua melhor e mais focada atenção em si mesmo. Esse é o principal dever de um pastor. Não proponha a si mesmo como um padrão para o seu povo. Apenas faça de ti mesmo um padrão perfeito para eles. Pois aquele pastor que constantemente presta atenção em seu andar e falar; ao pregar cada vez melhor a cada Sábado; no cumprimento de seu pastorado a tempo e fora de tempo; ao manter a paz na controvérsia; e uma vida inteira de fé e orações secretas; Deus mesmo verá nessas ações um pastor apostólico que será celebrado tanto como um padrão de pastor quanto de homem; diante do seu povo, e diante de seus companheiros pastores. Tudo isso, pela Graça de Deus, será alcançado por qualquer pastor que destine a si mesmo alcançar isso tudo, ainda que sua estante de livros seja tão pobremente mobiliada quanto a de Thomas Boston. Ao mesmo tempo, vocês, pessoas afortunadas, as quais têm as estantes de Natal e Ano Novo cheias com os melhores livros, e o melhor de tudo, vocês deveriam examinar a todos os jovens e pobres pastores que conhecem, e deveriam ver se, com as Epístolas Pastorais, eles têm o melhor comentário, de um pastor Escocês, pelo menos, que escreveu nessas Epístolas; melhor que Crisóstomo ou Calvino; eu falo do *Memoirs*, de Thomas Boston como um ministro paroquial. Este livro de ouro dos pastores escoceses está cheio de coisas como essa: "A carruagem desajeitada de alguns ministros em Nithsdale foi muito humilhante para mim. Como também o encontro com um pastor vizinho, sua conversa tola me proporcionou grandes reflexões sobre a conversa nada edificante dos pastores, e a minha própria entre outras, como uma grande causa do fracasso do Evangelho em nossas mãos."

Timóteo, assim como todos os pastores hoje em dia, poderia muito bem ter escrito essas suas Epístolas terríveis, e dizer sobre elas: — "Quem é suficiente para essas coisas? Pois nenhum mero homem é suficiente para coisas tão altas como essas. Nenhum mortal é suficiente para um ministério santo como esse. Mas não é esperado que um mero e mortal humano seja o suficiente. Você não deve ir mais longe ainda e pensar que o próprio apóstolo era suficiente para metade dos encargos que ele escreveu, quase como uma maldição, a Timóteo. Paulo, esteja certo disso, desceu sua pena de novo e de novo na composição dessas duas Epístolas pastorais, e trouxe a si mesmo de joelhos para que, diante do sangue de Cristo, ele pudesse terminar aquilo que começou a escrever. E essas duas Epístolas, repletas de um remorso ministerial, foram postas hoje em nossas mãos, não para nos sentenciar à aflição e à autodestruição, mas, antes, para nos chamar para fora de nossas camas todas as segundas-feiras de manhã, para darmos uma atenção cada vez melhor à leitura dos nossos melhores livros e aos nossos escritos relacionados a eles. Para nossa visita aos enfermos à tarde, e a todo nosso andar e falar durante todo o dia, durante toda a semana, e todas as semanas, até que alguém Maior do que Paulo venha. E, mais do que isso, essas Epístolas pastorais não são escritas apenas para nós que somos pastores, mas para todos que quiserem ler essas Epístolas ponderarem e orarem sobre elas continuamente, de modo que você sempre terá diante de si o preço pelo qual um pastor do Novo Testamento é feito. Isso também o ensinará a valorizar corretamente um pastor quando este for confiado a você, até que ele aperfeiçoe o ministério entre vocês e salve não só a si mesmo, mas todos que tiverem ouvidos para ouvi-lo.









Parábolas

Personagens da Bíblia - Novo Testamento.indd 449 13/11/2021 13:16:44

I. O semeador que foi semear

Não apenas em Jerusalém, na Páscoa, mas em Nazaré, nos dias sem trabalho, nós podemos acreditar que algo assim acontecia às vezes. *"Filho, por que fizeste assim para conosco? Eis que teu pai e eu ansiosos te procurávamos"* (Lc 2.48b). Mas Ele responderia à Sua mãe: — *"Por que é que me procuráveis? Não sabeis que me convém tratar dos negócios de meu Pai?"* (Lc 2.49). E assim Sua mãe falaria a Ele, e Ele responderia a ela quando, tão frequentemente, ela O buscava entre seus parentes e conhecidos; enquanto, a todo momento, Ele estava nos campos; uma vez com o lavrador, outra com o semeador, outra com o ceifeiro e outra com o agricultor que, com seu leque em mãos, estava purgando todo o chão. E conforme Ele falava com o lavrador, com o semeador, com o ceifeiro, o Espírito de toda a verdade desceria ao Seu coração, e O diria que todos aquela lavoura que Ele observava tão atentamente estava em todos esses processos e operações, não muito diferente do Reino dos Céus e todos os seus processos, operações e experiências. Até que, enquanto andava e meditava, Ele atrairia para Si mesmo múltiplas semelhanças entre natureza e Graça; entre a lavoura da fazenda e a lavoura do púlpito; quando Ele colocaria todas as Suas meditações em Sua mente e coração, até nós vermos e ouvirmos tudo saindo de Sua mente e coração nos ensinamentos e na pregação do texto.

E, portanto, nada é mais adequado do que Ele ter liderado Seus discípulos até o litoral naquele dia por um caminho que era bem conhecido por Ele. Um caminho que Ele por muito tempo havia andado para assistir o trabalho dos agricultores a quem aquele campo pertencia. E era agora a estação de plantações do ano. Enquanto o semeador semeava naquele dia, algumas sementes caíram debaixo dos pés dos doze discípulos, enquanto pássaros famintos desciam e devoravam cestas inteiras das melhores sementes. E assim que Nosso Senhor se sentou à beira-mar e apontou para seus discípulos o campo que haviam acabado de passar. Ele não apenas recapitulou aos seus pensamentos o que eles tinham acabado de ver, mas Ele também os disse tudo o que Ele havia acabado de ver acontecer no mesmo campo, ano sim, ano não, por muitos dias de primavera e colheitas, quando Sua mãe não conseguia descobrir aonde estava, ou o que estava fazendo. Mas todas as Suas observa-

ções e meditações agora produzem seus frutos cem vezes maiores neste excelente sermão, cheio de todos os tipos de instrução e ilustração, todas tiradas daquele campo que haviam acabado de deixar para trás. Então, a pedido de Seus discípulos, Nosso Senhor explicou Seu enigma caseiro sobre o semeador e suas sementes, até que temos tanto o enigma quanto sua explicação em nossas mãos esta noite, nesta ilha tão distante no mar.

"A semente é a palavra de Deus" (Lc 8.11b), disse Nosso Senhor. Isso quer dizer que todo verdadeiro pregador semeia a Palavra de Deus com as duas mãos, e ele não semeia nada além da Palavra de Deus. O verdadeiro pregador não deve colocar nada em sua cesta de sementes, toda manhã de Sábado, além da pura e inalterada Palavra de Deus. O púlpito Cristão está destinado apenas a um serviço: e este soberano serviço é o de plantar a semente de Deus nas mentes, nos corações e na vida dos homens. A plataforma e o prelo estão montados na Providência de Deus para a difusão da semeadura de Sua mente e também, mas o púlpito evangélico tem uma exclusividade e uma santificação completamente peculiares a si mesmo. Tem seis dias em que deves ler e escrever história, biografia, filosofia, poesia, jornal, romance, mas este Dia o Senhor fez[41]. E Ele o fez especialmente santificado e reservado para a semeação intelectual e espiritual que brota, e somente ela brota, para a vida eterna.

"Um semeador saiu a semear a sua semente e, quando semeava, caiu alguma junto do caminho" (Lc 8.5a). *"Ouvindo alguém a palavra do reino, e não a entendendo"* (Mt 13.19a). Nosso Senhor era um homem de entendimento. E todos os Seus pastores, até hoje, que devem ser de qualquer benefício real e permanente ao seu povo, precisam antes fazerem de si mesmos homens de entendimento, e só então fazerem o mesmo ao seu povo. E se o povo não entende, os principais culpados são os seus pastores. Há pessoas em todas as congregações, no entanto, que nem nosso próprio Senhor poderia fazer ser um homem de entendimento: ao mesmo tempo, são os pastores quem têm a maior culpa pelo seu povo permanecer estúpido em seu intelecto e obscuro em seu coração. *"Entendes tu o que lês?"* (At 8.30b) disse Filipe, uma vez diácono, agora evangelista,

[41] Neste caso, o sétimo dia, o Sábado.

para o tesoureiro sombrio da Rainha Candace. *"Como poderei entender, se alguém não me ensinar?"* (At 8.31a). Respondeu o sábio homem do Leste. E Filipe subiu na carruagem e plantou a semente do Reino dos Céus no entendimento e no coração daquele sombrio, mas formosamente convertido pela cruz de Cristo. E o primeiro dever de todo o ministro é fazer de seu púlpito aquela carruagem da Etiópia. O primeiro dever de todo o ocupante do púlpito é semear a Palavra de Deus e somente a Palavra de Deus, e o segundo é observar se as pessoas entenderam aquilo que leram e ouviram. *"E Esdras, o escriba, estava sobre um púlpito de madeira, que fizeram para aquele fim; e Esdras abriu o livro perante à vista de todo o povo; porque estava acima de todo o povo; e, abrindo-o ele, todo o povo se pôs em pé. E leram no livro, na lei de Deus; e declarando, e explicando o sentido, faziam que, lendo, se entendesse"* (Ne 8.4a-5,8) — aquela leitura era tão distinta, e tão cheia de entendimento, que produziu cem vezes mais frutos em alguns daqueles ouvintes. Uma das últimas coisas que Sir Thomas Grainger Stewart disse a mim em seu leito de morte foi: — "Às vezes, tente fazê-los entender o salmo antes de os convidar a cantá-los, pois, em meu tempo, muitas vezes os cantamos sem saber seu significado." Este foi um sábio conselho, dado em uma hora solene. Mas, então, não há dever maior no púlpito do que apenas dizer a palavra de entendimento certa no momento certo, e num palavras de mais, nem de menos. O doutor Davidson de Aberdeen foi o melhor pastor de poucas palavras em explicações e direções que eu já estive junto. Ele dizia apenas uma palavra pesada, em seu próprio jeito pesado, e todos nós cantávamos em West Church, como Paulo os fez cantar na Igreja de Coríntios, com entendimento e com espírito.

"Ouvindo alguém a palavra do reino, e não a entendendo, vem o maligno, e arrebata o que foi semeado no seu coração" (Mt 13.19a). Há uma casa em que eu estou às vezes na hora dos cultos familiares. Nesta casa, depois do salmo, da Escritura e da oração, o chefe da casa permanece de joelhos por, digamos, cinco ou seis segundos depois que ele profere o "amém". Então ele se levanta, devagar e reverentemente, como se ainda estivesse na presença do Rei, com seus olhos e sua aparência repleta de um medo e um amor santos. E eu percebi que todos os seus filhos aprenderam a fazer como seu pai. E eu tenho ouvido repetidamente que seus convidados repa-

ram em seus hábitos reverenciais, e eu os tenho ouvido confessar que voltam para casa repreendidos, como muitas vezes eu voltei repreendido e instruído. Há outra casa que eu frequento às vezes que é o extremo oposto desta. Eles têm o culto familiar também, mas antes mesmo que diga amém, o líder da casa já está de pé e dando ordens para que seus servos façam isso ou aquilo. Ele, evidentemente, estava pensando nas ordens em todo o momento da oração. Deve ter sido em uma casa ou sinagoga como essa em que nosso Senhor viu o Maligno vindo e levando consigo as sementes que foram plantadas no coração dos adoradores. Eu acho que já devo ter dito a vocês sobre uma noite de Sábado que eu passei, há muito tempo, em uma casa de fazenda entre os Grampians. Antes do culto familiar, o idoso fazendeiro leu para mim um livro de notas que ele tinha feito dos sermões de doutor John Duncan quando ambos ainda eram jovens. Depois do culto, eu me levantei primeiro e disse: — "Deixe-nos ouvir um pouco mais dessas deliciosas notas." "Queira me perdoar", disse meu amigo, "mas nós todos acendemos nossas velas imediatamente após o culto". O maligno foi prevenido e enganado todas as noites naquele lugar, e ele foi impedido e enganado nas casas de todas as crianças que foram criadas naquela rara casa de fazenda entre os Grampians.

E, então, os lugares pedregosos são aqueles em que se ouve a palavra com alegria, mas onde a mesma não enraíza. Eu não conheço nenhuma congregação, em nenhum outro lugar, que ouça a Palavra de Deus com tanta alegria quanto esta congregação. Como por exemplo, no último verão, em todas as segundas-feiras, eu recebi cartas cheias de alegria sobre a pregação que havia sido feita neste púlpito. E quando voltava para casa, em todas as casas, de todas as ruas, eu recebia saudações de alegria pela pregação do último sermão de doutor George Adam Smith, O texto do Professor havia sido este, — "Senhor, nos ensine a orar." Isso foi há três semanas atrás, e a semente já teve tempo o suficiente para se enraizar. E eu fui enviado esta noite para perguntar a você se aquela audiência tão contente naquela noite de Sábado chegou, no seu caso, a dar algum fruto. Você tem orado mais nessas últimas três semanas? Você tem estado mais frequente e longamente de joelhos? Você tem sido igual a mãe de Halyburton — você tem orado mais, tanto para quanto com seu filho, nessas três semanas? Eu não ouvi o ser-

mão, e eu não tive ninguém para me dizer muito sobre isso, além disso — Oh, a eloquência e o deleite disso! Mas alguns de vocês ouviram, e a demanda de Deus a você esta noite é, — quais foram os resultados em seu coração, em seu temperamento, em seu andar e conversar, em seu caráter? Ou está escrito sobre você no Céu desde aquela noite de Sábado, — "Este é o que ouve os sermões com aplausos, mas nunca o enraíza em si mesmo. Este é o que pensa que os sermões providos por Deus e pelo homem para que ele o louve ou censure do modo que lhe convier. E, então, para evitar que Seus ministérios sejam inchados por elogios ociosos como os seus, Deus diz a eles — "*Quanto a ti, ó filho do homem, os filhos do teu povo falam de ti junto às paredes e nas portas das casas. E eles vêm a ti, como o povo costumava vir, e se assentam diante de ti, como meu povo, e ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra. E eis que tu és para eles como uma canção de amores, de quem tem voz suave, e que bem tange; porque ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra. Mas, quando vier isto (eis que está para vir), então saberão que houve no meio deles um profeta*" (Ez 33.30a- 31a, 32-33).

E aquele que recebe a semente entre espinhos é aquele cujo terá a Palavra de Deus simplesmente sufocada, até que se torne infrutífera. Existe muito espaço, seiva e força em qualquer campo; e até que o chão esteja limpo de todas as outras coisas, a seiva e a força que deveria fazer crescer a semente ficarão ébrias pelos espinhos e arbustos. Você entende, meu irmão? Você apenas tem muito pouco tempo, força, mente, coração, sentimento, paixão e emoção, e se você os gastar todos, ou boa parte deles, em outras coisas, você terá este tipo de semente, ainda que você tenha muitas sementes. Os espinhos nos campos de seus corações são algo como contenções, controvérsias, debates e querelas. Tudo isso são canteiros de espinhos que não só fazem com que sua alma morra de fome, mas também a dilacera enquanto caminha por ela. E não só os espinhos, mas até mesmo as coisas boas em seus próprios lugares, se elas estiverem junto à sua plantação, te deixarão com pouco pão para você e seus filhos, e umas poucas sementes para a próxima primavera. Até mesmo roseiras, pés de groselha, canteiros de todas as ervas de gosto e cheiro doce, têm seu próprio lugar no jardim; mas você deve ter as sementes em seu campo. As sementes são o esteio da sua vida. Depois das sementes, estão as flores e os frutos; não antes. Depois

que sua alma estiver no caminho da salvação, então vêm as outras coisas; mas primeiro a salvação. *"Mas os cuidados deste mundo, e os enganos das riquezas e as ambições de outras coisas, entrando, sufocam a palavra, e fica infrutífera"* (Mc 4.19).

Nós estamos em débito com Lucas por muitas coisas que não teríamos, mas principalmente por seu cuidado peculiar, seu trabalho, sua exatidão como um escritor sagrado. E ele nos relata um caso contrário não revelado da Palavra do nosso Senhor sobre um bom chão, que é uma lição para nós todos nesta noite. *"E a que caiu em boa terra, esses são os que, ouvindo a palavra, a conservam num coração honesto e bom, e dão fruto com perseverança"* (Lc 8.15). Um coração honesto. Bem, há os corações que são honestos e os que são desonestos em todas as congregações. O coração honesto é aquele do ouvinte que veio aqui, nesta noite, com uma boa intenção. O motivo de ele estar aqui é um motivo honesto. Essa é a casa de Deus, e o ouvinte honesto veio aqui nesta noite para ouvir o que Deus tem para dizer a ele. Seu olho é único, e toda esta casa se iluminou para ele hoje. Esta noite, ele já ouviu as palavras que guardará para amanhã: para deitá-las em seu coração e para as praticar em sua vida. Ele é um homem honesto, e Deus lidará honestamente com ele. Mas existem os outros, e isso é algo a se temer, em todas as congregações. Eles estão nas congregações do nosso Senhor, e também nesta. Ouvintes da Palavra com corações desonestos. Eles estão na casa de Deus, mas não estão aqui para conhecer a Deus ou entender, guardar e manter, Sua Palavra. Eles estão aqui para verem e serem vistos. Eles estão aqui para encontrar com alguém que deve ser encontrado aqui. Eles amam música, e eles estão aqui porque a música é boa. Ou eles têm algum motivo mais material; seus ofícios ou suas lojas os trouxeram aqui. Agora, quando o Espírito de Deus disser, "Tu és o homem! Admita. Confesse de onde está sentado. Receba esta palavra com um coração bom e honesto e diga 'Realmente, o Senhor está neste lugar, e eu não sabia'. Diga que esta não é outra senão a casa de Deus, e estes são os portões do Paraíso. Diga que Deus foi encontrado por um homem, de qualquer tipo, que não veio até aqui nesta noite para procurá-Lo. E venha desta noite em diante com o mesmo bom e honesto coração com o qual você foi criado, e você também viverá para colher frutos trinta vezes maiores, talvez sessenta vezes maiores, e até mesmo cem vezes maiores.









II. O homem que plantou boas sementes em seu campo, mas seu inimigo veio e plantou joio entre o trigo

O Filho do Homem vivia de maneira humilde em Nazaré até que Ele tivesse quase trinta anos de idade, crescendo em sabedoria todos os dias, e salvando todos os dias a Si mesmo —

"E se a Terra
fosse apenas uma sobra do Paraíso, e das coisas que lá existem
Cada uma como, mais do que na Terra são pensadas?"

E um dia, em Sua caminhada solitária e meditativa, Ele veio a um campo onde folhas de joio brotavam entre as folhas de trigo. Quando encontrou o agricultor, Ele disse: *"Por que tem, então, joio?"* (Mt 13.27b). *"Um inimigo é quem fez isso"* (Mt 13.28a), disse o agricultor de coração partido. *"Mas, dormindo os homens, veio o seu inimigo, e semeou joio no meio do trigo, e retirou-se"* (Mt 13.25). Este foi um ato muito diabólico. A malícia diabólica e a covardia, quando juntas, não se pode fazer mais nada. Aquele inimigo invejou com toda a maldade de seu coração o campo bem lavrado, bem capinado, bem plantado e bem colhido do agricultor, até que ele disse a si mesmo "Verdadeiramente a escuridão deve me cobrir". E quando a noite caiu, ele encheu sua cesta de sementes, e, coberto pela noite, plantou sua semente diabólica pelo campo inteiro. E quando nosso Senhor olhou para o campo de trigo completamente destruído pelo joio, Ele pegou tanto o campo quanto a fé e paciência do agricultor e os colocou neste Seu sermão imortal. E aqui estamos nós, nesta noite, também aprendendo lições necessárias sobre nossos campos com joio plantado: aprendendo a mesma fé e paciência, que tanto impressionou e satisfez nosso Senhor, do dolorosamente provado agricultor. E no fim do mundo, quando a ele for falado de nós, como nós temos falado dele, o agricultor dirá: "Valeu a pena mil campos de trigo para que se fosse ensinado um pouco de paciência e longanimidade, isso até para os corações ansiosos e impacientes." Pois o que aquele agricultor não sabia sobre o seu campo quando ele se portou tão sabiamente para com o mesmo, ele saberá quando a colheita for feita no fim do mundo, e quando os ceifadores forem os anjos.

Então Jesus mandou a multidão embora e entrou dentro da casa; e Seus discípulos vieram Consigo, dizendo: "Conte a nós a parábola do joio no campo". E Ele os deu a interpretação de Sua parábola, que foi a mais autoritária e abrangente de todas as interpretações, desde aquele tempo até o fim do mundo. Ao mesmo tempo, em e sob esta Sua interpretação, existem interpretações e aplicações ocasionais, provisórias e contemporâneas dessa parábola, que são feitas por cada leitor, de acordo com suas próprias circunstâncias e experiências. Eu não tomarei o tempo de vocês, portanto, com a controvérsia Donatista dos tempos de Agostinho; nem com a grande luta pela tolerância e liberdade de pensamento registrada para sempre na Areopagítica[42], com tantos argumentos nobres. Sem dúvida ainda surgirão novos debates donatistas, e novas demandas por tolerância de opinião, mesmo de opinião errônea, e com isso, novos apelos para a máxima cautela, fé e paciência, especialmente nas censuras da Igreja, e na disciplina da Igreja. Ocasiões surgirão e baterão à porta, e nós devemos estar preparados, tanto em conhecimento quanto em temperamento, para fazermos nossa parte em relação a eles, assim como o agricultor em seu campo. Ocasiões e oportunidades para a descrição, a paciência e a fé deste agricultor de coração sábio, serão memoráveis quando enviadas a nós para as imitarmos e repetirmos.

Ocasiões sempre surgiram no passado e sempre surgirão no futuro, quando o alerta for dado a novas descobertas, novas opiniões, novas declarações de homens que estão sob nossa jurisdição, como os joios que estavam sob a jurisdição dos servos na parábola. Agora, por qual outro propósito vocês acham que esta parábola nos foi contada por nosso Mestre, senão para nos impor paciência, cautela e confiança na verdade, e nos liberar de todo o pânico, toda precipitação e toda a execução repentina de nossos medos? Esta é uma parábola muito bela. Mais do que qualquer outra. Muito linda. Muito surpreendente também. Muito cativante para nós. Pois mesmo quando nosso campo de trigo estiver, inegavelmente, coberto por joio, o agricultor sábio ainda segurará nas mãos de seus servos indignados e devotos. Mesmo quando, demonstrada, admitida, escandalosa e diabolicamente, um inimigo tiver feito isso, — "Não!", disse o mestre a si mesmo, bem como para seus servos, — "Não!

[42] Areopagítica — Discurso sobre a liberdade de expressão, livro de John Milton.

Tenham paciência. Deixe os joios quietos. Deixe que ambos cresçam juntos até o momento da colheita, e então eu mesmo darei as instruções aos ceifadores.

Meus amigos, se ninguém além do nosso Senhor dissesse isso, ou qualquer coisa como essa, na presença de quaisquer instâncias, reais ou supostas, dos joios, o que nós diríamos a ele e sobre ele? Eu não irei, por reverência, repetir o que nós diríamos. Mas se nosso Senhor Divino efetivamente declarasse essas grandes e lindas palavras, repletas de calma, paciência, tolerância e resistência; resistência até contra o mal, — não devemos levar a sério Suas palavras maravilhosas e aplicá-las com humildade e fé, onde for possível; mesmo que seja uma exagero de segurança; e deixar para Ele, quando pudermos, dar as Suas próprias ordens sobre o Seu próprio campo no fim do mundo? E, se deixarmos para ele, será um espetáculo ver, naquele dia, como ele justificará nossa paciência e Sua própria parábola.

Olhe para trás por um momento ao que Ele mesmo chama de um dos "escândalos" de Seu Reino, e você será fortalecido na tolerância de muitas coisas desse tipo que virão. Todo mundo já ouviu sobre o escândalo de Galileu, para a vergonha da Igreja de sua época. E nós não estamos isentos de próprios escândalos da nossa época. O mais alto dignitário na Igreja da Inglaterra, há não muito tempo, foi quase arrancado, assim como o joio, ele e seus escritos. Enquanto que, agora, ele está onde está por um clamor universal. No brilhante discurso de quatro dias de Fitzjames Stephen perante o Tribunal de Arcos, aquele conselho culto e eloquente, disse: — "Meu senhor, quantas diferenças sempre existiram na Igreja. Eu deveria argumentar a favor do lado acusado, um dos nomes mais altos de toda a Igreja da Inglaterra. Hooker foi acusado, neste dia, por subverter a autoridade das Escrituras. Cudworth foi chamado de ateu. A vida de Tillotson foi amargurada por perseguições. O bispo Burnet, cujo trabalho tornou-se depois um livro teológico, foi efetivamente censurado duas vezes para Convocações menores... Meu Senhor, uma parte que vê a história, a crítica, a ciência, aceita esses resultados com orgulho, com franqueza, enquanto a outra parte treme diante deles. Uma das partes diria a Hooker que diminuir a dignidade dessas coisas é prejudicar até mesmo o próprio Deus, que tem sido essa Luz que nenhum homem pode se aproximar, e que envia a nós essas luzes menores como faíscas, parecendo, até agora, a fonte brilhante da qual elas sur-

giram" Eu não citarei o que Stephen disse sobre a outra parte, mas ele quis dizer: "Isso, meu Senhor, é o real alcance, a propensão e o projeto dessa perseguição, e isso, como eu disse anteriormente, é uma explicação, não uma justificação."

E alguém melhor que Fitzjames Stephen, a própria boca de ouro da Igreja Inglesa, diz em *Discourse of the Liberty of Prophesying*[43]: — "Deixe todos os erros serem tão zelosamente suprimidos quanto possam ser: mas deixe que seja feito por meios e ferramentas que sejam apropriadas para sua supressão; pela pregação e disputa, pela caridade e doçura, pela santidade da vida, pela assiduidade da exortação, pela Palavra de Deus e pela oração. Pois esses são os mais naturais, mais prudentes, mais apaziguadores, e mais efetivos meios e instrumentos para a supressão de um erro. Apenas não deixe os homens chamarem de heresia todas as opiniões que os desagradam. E se os homens a chamarem disso, eu convido à indiferença, não há ajuda para mim; eu preciso suportar isso como conseguir. E eu não estou sem remédios, mais minha paciência me ajudará, e eu tomarei meu rumo."

E sobre o mesmo assunto, alguém maior que Stephan e Taylor disse:

Não deixe as pessoas serem tão rápidas ao julgar,
Como aquele que avalia as folhas no campo,
Ou antes que o milho esteja maduro. Pois eu vi
A coroa de espinhos rudemente durante todo o inverno,
E depois carregue a rosa acima:
E lata, que todo o caminho através do mar
Correu em linha reta e veloz, pereceu no final
Até a boca do paraíso.

Mas isso tudo só provocará a retaliação de alguns de vocês para comigo e para com a exigência, — Você realmente quer dizer que fulano e sicrano devem ser tolerados onde quer que estejam? Eu não responderei isso que colocaste com tanta paixão; eu não

[43] Livro por Jeremy Taylor.

vou debater com você, mas sim ensinar aos ensináveis entre vocês um pouco do que eu tenho ensinado a mim mesmo. Nem também naquilo que eu agi quando, mais de uma vez, tive a oportunidade, e provei que este é um ensinamento verdadeiro e confiável, e nunca me arrependi disso. E, ao invés de debater isso, você receberá isso, agirá sobre isso e viverá para provar que é verdade. Agora, com tudo isso, eu não saí do meu caminho esta noite para buscar esta parábola maravilhosa, e sua interpretação tão oportuna. Nenhuma polegada. Pois ela me deixou bem no meio do caminho para com você. E tudo o que eu poderia examinar, cogitar, dar voltas, e olhar muito claramente, e até mesmo tentar escapar dela — eu não poderia ter feito nada senão dizer tudo que disse. Mas o dia irá declarar tanto a verdade eterna quanto a verdade do presente sobre essa parábola do trigo e do joio. Neste dia, Ele, que pregou essa parábola, vai peneirar e queimar todas as falsas interpretações dela, e a minha entre todas. Então, talvez eu e você sejamos julgados mais terna e piedosamente por Ele do que nos dias em que tantas vezes julgamos os erros dos outros homens!

O campo cheio de letras, também, é mais ou menos como este campo emaranhado do agricultor. Você raramente pode chegar à verdade pura impressa. Com dificuldade, você pode conseguir um livro do passado, e muito mais uma revista, ou um diário, ou um jornal do dia, que não seja todo semeado com a cesta de sementes do próprio autor; tudo semeado, ora com parcialidade, ora com antipatia. Este campo na Galileia foi um estudo de malícia para o nosso Senhor: e há muitos campos ao redor de nós com o mesmo espetáculo nauseante. Você é um escritor público; e são tantos os interesses, ambições, objetivos e competições; e há tanta malícia, às vezes, em seu próprio coração cheio de joio, que nós não podemos tirar de você a verdade nua e real sobre aquela causa ou homem. Você simplesmente não nos deixa obter a verdade real, inalterada, sem verniz e intocada. E, além disso, são tantos os recursos e ferramentas da civilização dos nossos tempos, que você pode plantar sua semente do mal coberto pelo anonimato, e o seu melhor amigo jamais saberá qual mão o apunhalou no escuro. Você está revisando um livro com a língua ou com a caneta. O autor não é apreciado por você, ou pelo seu grupo, ou pelo seu empregado; ou, você mesmo é um autor, e o escritor do livro diante de você fugiu com a sua po-

pularidade e seus lucros. Você precisaria ser um santo para revisar seu novo livro corretamente. Você precisaria ser um anjo para falar sobre ele e seu livro em seu jornal, o que gostaria que ele dissesse de você e seu livro no jornal dele. E, na verdade, considerando o que esse mundo é, e como o coração humano é, há muito mais santidade angelical nele do que você esperaria ver, a menos que você estivesse realmente procurando por ela. Mas escrever de forma justa, escrever com verdade e amor, ou não, não nos resta escolha. Nós devemos agir como o sábio agricultor; nós precisamos tomar nossa história, nossa biografia, nossa política, nossa arte, nossa lei, nossa crítica e nosso jornal da manhã e da noite como o que eles são — joio e tudo. Para que, se proibirmos o joio de entrar em nossa casa, não excluamos a verdade e o amor com ele. Deixe-os crescer juntos até o momento da colheita; e, entretanto, faça de todos eles meios desta e daquela Graça para você. Em um de seus artigos mais nobres, o doutor Newman justifica o estudo dos grandes clássicos do grego, latim e inglês — apesar das cestas cheias de impurezas que são semeadas de forma difundida em alguns deles. E o velho estudioso e santo argumenta que no interesse da verdadeira pureza da mente e do coração, que às vezes tememos, são logo cedo envenenadas nesses campos brilhantes. E agora, antes de deixar este ponto, eu adicionarei isto — eu não sou um autor, nem um jornalista, mas um pregador, e eu, portanto, adicionarei isto — que ele é um pregador feliz que viveu por muitas épocas de tentação, e nunca plantou algum joio de seu gênio, e de sua própria mente parcial, em suas pregações, e tampouco em suas orações. E eu, por exemplo, não sou um pregador feliz. Thomas Boston costumava dizer que, de todos os homens que precisavam da imputação da justiça geral de Cristo, pregadores e pastores eram esses homens.

E, então, para chegarmos tão perto de nós mesmos do que já estamos. Tamanha é a versatilidade, espiritualidade e interioridade das palavras do nosso Senhor nessa maravilhosa parábola, que se aplicam com grande suporte e conforto nos corações de todo homem pecador, também sobre sua própria santificação onisciente. O coração de um grande pecador, sobre uma grande santificação, é o campo dos campos. Todos os outros campos não são nada além de parábolas do seu próprio. E em nada mais do que em Satanás e sua satânica cesta de sementes. E o pior de tudo, o mais triste de

tudo, é que a semente satânica é a maior parcela de todo o campo. Pois, para começar, aquela semente venenosa foi, de alguma forma, introduzida, e já estava profundamente enterrada no solo muito original da alma; e tão introduzida, tão enraizada, que nem o melhor dos agricultores deste mundo seria capaz de retirá-la do solo da alma. É como se essas ervas venenosas nos melhores campos aborrecessem o coração do agricultor. Deixe-o arar e gradar de novo e de novo; deixe-o mudar a semente, deixe-o alternar sua colheita; com tudo o que ele pode fazer, há sempre a coisa maldita chegando, sufocando o trigo, tomando da chuva e do sol do trigo, e zombando de tudo que o agricultor e seus servos podem fazer; mortificando e quebrando seu coração. Mas aqui também — e é surpreendente ler isso, — nosso Senhor nos avisa sobre a paciência. Por que ele não limpa o chão bom e honesto com uma única palavra de Sua boca, Ele mesmo sabe. Mas para que Ele não fale a palavra, e assim limpe o solo, todos os Seus melhores santos aprenderam com seu amargo sofrimento e a seu doloroso custo. E entre todos os conselhos e confortos, Ele fala aos nossos corações torturados pelo joio, este lindo, e até impressionante, conselho que é ouvido em e sobre todos eles: "Seja paciente com tua própria santificação, como com outras coisas, até eu retornar. *"Eis que o lavrador espera o precioso fruto da terra"* (Tg 5.7a). *"Sede vós também pacientes, fortalecei os vossos corações; porque já a vinda do Senhor está próxima"* (Tg 5.8). *"Mandará o Filho do homem os seus anjos, e eles colherão do seu reino tudo o que causa escândalo, e os que cometem iniquidade"* (Mt 13.41). *"Então os justos resplandecerão como o sol, no reino de seu Pai. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça"* (Mt 13.43).

III. O homem que pegou um grão de semente de mostarda e o plantou em seu campo

As parábolas do nosso Senhor são todas aplicações daquilo que podemos chamar de Princípio Sacramental. O que significa que nosso Senhor pega algo da natureza e faz disso uma lição e um meio para a Graça. "O Reino dos Céus é desse jeito", Ele disse, quando muitas vezes viu o campo de trigo repleto de joio; ou um vinhedo em que um agricultor trabalha; ou uma ovelha perdida; ou um filho pródigo; ou a procissão de um casamento; ou algumas crianças brincando de casamentos e funerais em meio ao mercado. Nosso Senhor viveu no Paraíso: Ele teve toda sua conversa, completamente, no Céu: toda Sua mente, coração e vida estavam absortos no Paraíso, isso tudo que Ele viu na Terra, de uma forma ou outra, falou com ele sobre o Paraíso, e, assim, Ele foi suprido com seus textos diários, sermões e parábolas sobre o Paraíso. Há aqueles homens que são cheios de olhos, como dizem as Escrituras. Há aqueles que são cheios de olhos, por dentro e por fora. Agora, nosso Senhor era um desses homens, e o principal deles. Ele era cheio de olhos para a natureza e para além dela. Ele tinha uma extraordinária e incomparável unção do Deus Santo . E era assim que Ele descobria o Reino dos Céus em qualquer lugar e em qualquer coisa. Ainda quando criança, Ele tinha seus olhos profundos e limpos em Sua mente, imaginação e coração. E quando criança, muitas vezes ele deve ter plantado a menor das sementes no jardim de José, e deve ter assistido a semente de mostarda brotando até se tornar uma grande árvore. E com que deleite Ele deveria ver os pássaros construindo seus ninhos nos galhos de Sua própria árvore de mostarda. E como Ele deveria alimentá-los, e também seus filhotes, com as migalhas que caíam da mesa de Sua mãe. E conforme ele crescia em sabedoria e estatura, Ele viria a enxergar a mesma árvore de mostarda como outra parábola da casa e dos negócios de Seu Pai. Ou, como diríamos em nossa maneira erudita, Ele veria naquela árvore de mostarda outra ilustração daquele Princípio Sacramental que sempre esteve presente com Ele.

Agora, não foi o tamanho monumental da árvore de mostarda que prendeu a imaginação do nosso Senhor. Foi, antes, a extraordinária pequenez de sua semente. E foi um momento muito frutífero para nós quando a semente caiu primeiro na mente e no coração do nosso Senhor. Pois, imediatamente, brotou daquela pequenina

semente esta pequena e requintada parábola. Esta pequena parábola, tão requintadamente bonita nesta literatura, e tão inexplicavelmente rica em suas aplicações e realizações, em direções que não acabam.

Para começar, o Reino dos Céus na época do Antigo Testamento era como um grão de mostarda em sua pequenez original, e então finalmente se tornara uma grande árvore. Pegue a primeira de todas as sementes de mostarda do Reino dos Céus nessa terra, — o chamado de Abraão. O que poderia ter sido uma semente menor, naquela época, do que a emigração do filho de Terá da Ur dos Caldeus para a terra dos Cananeus? Novamente, o que poderia ser uma semente menor do que aquela arca de juncos, manchada de limo e piche, e escondida entre as bandeiras à beira do rio? E, então, de onde seria menos provável de brotar todos os salmos, hinos e músicas espirituais da Igreja de Deus do que daqueles pequenos fragmentos da salmodia sagrada que um jovem pastor cantou para suas poucas ovelhas nas planícies de Belém? E, voltando às instituições e ordenanças do Antigo Testamento, o que seria mais parecido com uma árvore de mostarda do que aquelas poucas gotas de sangue, aspergidas à meia noite, tão furtivamente nas vergas e nas ombreiras daquelas cabanas de escravos na terra do Egito? E, ainda, todos os dias de Páscoa em Israel, e todos os nossos próprios dias de comunhão na Igreja de Cristo, e a ceia do Cordeiro na casa de Seu Pai, tudo isso brotou, e ainda brota, daquela pequena semente de mostarda. E, do mesmo modo, todos os nossos salões divinos tiveram seu começo com a escola que Samuel construiu na pequena propriedade de seu pai em Raamá. Nossa própria Oxford, Cambridge, Edimburgo, Aberdeen, e tantas outras escolas dos profetas, têm todas as suas longas raízes na pequena semente de mostarda de Samuel. Também quando os carpinteiros de Jerusalém fizeram um púlpito de madeira para Esdras e seus colegas, de onde eles leram o livro da Lei distintamente, o deram um sentido, e fizeram com que o povo entendesse a leitura. Lá você tem a primeira pequena semente pela qual milhares de púlpitos brotaram até nossos dias, e brotarão até o fim dos tempos evangélicos. Nosso próprio Senhor esteve em cima de um púlpito da mesma madeira; assim como Paulo, Crisóstomo, Agostinho, Calvino, Thomas Goodwin,

Matthew Henry e muitos dos pregadores da Palavra de Deus que nenhum homem consegue numerar.

Nosso Senhor, você pode contar com isso, tem todas essas instâncias do Antigo Testamento nos olhos de Sua mente quando Ele conta a Seus discípulos essa tão pequena, encantadora e instrutiva parábola. Mas sempre se lembrando de Sua própria semente de mostarda inicial, e sempre prevendo o que estava diante dele, e diante de todo o mundo através dele, nosso Senhor deve sempre ter olhado a Si mesmo como a mais linda semente de mostarda que já havia sido plantada. Você veria com seus próprios olhos a mais bela semente de mostarda que já havia sido plantada neste mundo? Venha e veja aquela Coisa Santa que fica na manjedoura de Belém, porque não havia nenhum quarto disponível. E, então, que semente do mesmo tipo foi o chamado dos doze discípulos, e a conversão de Saulo de Tarso, Agostinho, Lutero, Wesley, Chalmers, e General Booth. A primeira missão de Paulo aos Gentios também, e os primeiros missionários que aportaram em nossas praias, a primeira prensa de impressão, a primeira viagem do *Mayflower*, e assim por diante.

Mas é hora de nos voltarmos a nós mesmos. E entre nós mesmo a parábola da pequena semente de mostarda é eminentemente uma parábola para todos os pais. Pois toda a pequena palavra que os pais dizem para suas crianças: toda a pequena ação de um pai vista pelo seu filho: toda a pequena atitude e movimento: todo o olhar de relance, e qualquer tom de sua voz — são todas pequenas sementes de mostarda plantadas no jardim da mente e coração do seu filho. Todas as pequenas lições das Escrituras aprendidas juntos: cada pequena oração feita juntos: e, especialmente, quando estão sem a sós juntos: toda palavra ocasional para se explicar, para deixar interessante, as pequenas lições e orações de seu filho, toda sábia palavra dita ao seu filho sobre seu próprio Salvador — toda a pequena semente que cair derrubada pelas mãos dos pais ainda irá brotar, para a eterna surpresa e colheita deles. Deixe, então, que todos os pais, todas as aias, todos os tutores, professores e quem quer que fique junto com as crianças em casa, guarde bem esta pequena parábola na imaginação e no coração delas. Não deixe que elas menosprezem o dia dos pequenos. Deixe-os ter uma fé grande, e uma grande certeza desta fé, em pequenas coisas como essas. As crianças, deixe que tenham uma grande fé n'Ele, e em Sua sabedoria,

em Seu amor, em Sua fidelidade, que está continuamente, tanto na natureza quanto na Graça, dobrando as maiores árvores nas menores sementes. E mais do que nunca, como Ele dobra o futuro de seus filhos em seus pequenos atos de fé, oração, amor, sabedoria, paciência e esperança feitos em casa. Não despreze, pois há nisto uma grande árvore. Uma grande, perfumada e frutífera árvore, a qual você um dia sentará em baixo e se regozijará de sua proteção e de seus frutos.

Bem antes de seu filho estar preparado para ler Butler por si mesmo, ele será uma ilustração diária para você do grande princípio dos atos, hábitos e caráter de Butler. Um pequeno ato errado, outro ato do mesmo tipo, e outro, outro, outro e outro, e todos eles tão pequenos, que nem cem olhos de pais conseguiriam, a coisa é tão infinitamente pequena, e a própria criança ainda é tão pequena. Mas oh! O tremendo e irreparável descuido para você e para ele! Leia Butler por si mesmo até que você saiba este sábio inglês de cor. E assim que seu filho for capaz de ler os melhores livros de seu pai, compre um bom Butler para ele mesmo; e, algum dia, quando vocês estiverem em uma longa caminhada de feriado, tenha uma boa conversa com ele sobre aquele grande professor, tanto ouvindo a ideia seu filho quanto dando a sua própria ideia em troca, sobre aquele grande homem.

A gênesis da tentação fatal de Tomás de Kempis é outra instância da semente de mostarda. Um pensamento maligno; a mais pequena semente de um pensamento maligno, de alguma forma, plantada em nossa mente. Em milhares de maneiras imprevistas, essas pequenas sementes estão sendo plantadas em nossas mentes. E se for deixado que elas entrem em nossas mentes; se elas entreterem nossas mentes por um momento sequer; pensamentos malignos, especialmente se forem de certo tipo, vão imediatamente espalhar a si mesmos em nossa imaginação, e irão colorir, inflamar, intoxicar tanto nossa imaginação, que nossas vontades, e mesmo nossas consciências, serão completamente levadas cativas antes que estejamos conscientes, até que outro trabalho mortal seja terminado no corpo e na alma. “Um pensamento”, diz o antigo Santo, “e então a imaginação, o deleite, a consciência e então nossa alma é vendida por nada”. O Reino do Inferno também é como um grão de mostarda, no qual, quando está crescida, todos os pássaros obs-

cenos do fundo do poço vão procriar em seus galhos. Como o hino das crianças diz, muito antes que elas entendam:

Então nossos pequenos erros
Levam nossa alma embora,
Do caminho da virtude
Longe do pecado para se perder[44].

Mas, abençoadamente, existe um outro lado disso tudo. Há uma gênese e uma genealogia de coisas que são mais alegres para se permanecer do que estas. Um pequeno pensamento de bondade, de verdade e de amor serão plantados no jardim da alma. Um pensamento, ao que parece, de Deus, de Jesus Cristo, do Paraíso, bem regado e recebendo o brilho do Espírito de Deus. E então este pequeno pensamento vai abrir e se espalhar em visões de beleza que irão santificar e fortificar a alma, até que o jovem soldado de Jesus Cristo dará um passo para frente e dirá como o bravo homem em John Bunyan : — "Anote meu nome, senhor! Quando as sentinelas celestes estiverem vendo isso, eles elevarão suas canções sobre ele, e eu cantarei:

Venha, venha,
Glória eterna, tu deverás vencer!"[45]

E tudo isso veio de uma pequena semente de mostarda de um bom pensamento plantado em um bom e honesto coração.

E assim seguirá, em milhares de regiões da religião e da vida. Mas eu encerrarei com o que irá para casa com todos nós — como fazer nossa própria casa feliz. Pois qual é o real segredo de uma casa feliz: um lar feliz para toda a vida? O que senão pequenas sementes de mostarda de amor e gentileza? O que senão pequenos

44 Poema *"Little Things"*, de Julia Carney.

45 *"The Pilgrim's Progress"*, do autor citado.

atos, hábitos, e então uma grande erva de caráter? Um pequeno ato de premeditação. Um pequeno ato de respeito. Um pequeno ato de reverência. Um pequeno ato de honra. Um sorriso. Um olhar de relance. Uma palavra de tato. Uma palavra de reconhecimento. Uma palavra de elogio. Uma palavra de amor. Um pequeno presente. Uma pequena flor em um pequeno copo d'água. E muitas outras coisas pequenas demais para se colocar em um sermão para homens crescidos.

Com sorrisos de paz e olhares de amor
Luz em nossa moradia nós devemos fazer,
Lance um tipo de bom humor brilhante lá,
E faça tudo isso pelo amor de Jesus.

Pequenos atos de gentileza,
Pequenos atos de Amor,
Ajudam a fazer o lar feliz
Como o paraíso acima.









IV. O homem que lançou a semente no chão e, sem que ele soubesse como, ela cresceu

Doutor Bruce é, de longe, o melhor expositor desta requintada parábola. Doutor Bruce é sempre ele mesmo. Isto é, ele é sempre autobiográfico, experimental, científico, masculino, de osso e sangue, sempre forte e satisfatório. "A capacidade de um homem", ele diz, "de expor porções particulares da Escritura depende amplamente de suas experiências religiosas. Pois aqui é válido, como em outras esferas, que só encontremos o que trazemos. O caso é do próprio escritor. E, portanto, a parábola a ser estudada foi para ele, durante muitos anos, seu objeto favorito de pensamento, e uma fonte frutífera de conforto. Visto como uma repetição parabólica pelo conselho dos Salmos, — Espere, eu digo, no Senhor" O livro de doutor Bruce das Parábolas é, na minha opinião, seu melhor livro. E, então, a requintada parábola que se abre diante de nós mostra doutor Bruce, creio eu, em seu melhor. Tanto faz se há qualquer coisa da natureza de colheita em você esta noite, vamos deixar bem claro que doutor Bruce foi o homem que primeiro lançou a semente no chão, mas que dormiu antes da semente brotar em você e em mim.

Ao mesmo tempo, a originalidade, o frescor e a força da exposição de doutor Bruce estão completamente voltadas para a originalidade, frescor e força parábola que ele expõe com tanta excelência. Vocês me dizem, às vezes, que não sabem o que é o estilo. Nunca foram ensinados, vocês reclamam, a reconhecer o estilo quando o veem. E vocês me pedem para nunca passar pelo que eu chamaria de estilo real sem fazer uma pausa e avisá-los para prestar atenção. Bem, aprendam essa parábola de cor, e a repitam a si mesmos até que sintam todo o seu gosto em suas bocas, e até que vocês vomitem de suas bocas tudo do tipo escrito que não seja natural, fresco e forte: tudo que não seja nobre, lindo, cheio de Graça e verdade, como essa parábola. *"Porque a terra por si mesma frutifica, primeiro a erva, depois a espiga, por último o grão cheio na espiga"* (Mc 4.28), uma criança deve ter dito. E Ele quem disse, dez como que todos nós parecêssemos crianças, com naturalidade, simplicidade e verdade, tanto da natureza quanto da Graça, de suas palavras. O estilo é o homem.

Se nós apenas tivéssemos olhos para ver, não há nem um pouco dos ensinamentos e pregações do nosso Senhor que seja bio-

gráfico, e experimental, e consequentemente da natureza de seu testemunho pessoal. Pois, em tudo o que Ele passou, Ele passou porque foi ordenado a ser o Primogênito entre muitos irmãos. Ele foi, em todos os pontos, colocado em uma escola, e ensinado, e treinado, de menos para mais, assim como nós. Ele foi conduzido a ser, ao mesmo tempo, o Líder e o Precursor de todo um corpo de crentes. Até que Ele seja capaz, a cada novo passo em Seu caminho em direção ao céu, de se virar e nos dizer: — *"Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará em trevas, mas terá a luz da vida"* (Jo 8.12). Eu gosto de procurar pelas pegadas no nosso próprio Senhor em todos os seus sermões, e o que eu procuro eu quase sempre encontro. Como aqui. Pois, como em muitos dos Seus sermões, e como em muitas das parábolas que ilustram Seus sermões, esta parábola, penso eu, tem seu primeiro cumprimento em nosso próprio Senhor. A semente do Reino também foi lançada no bom solo da Sua mente e de seu coração, e isso de uma criança. E a semente que Maria e José, e os doutores no templo, e os anciãos da sinagoga, lançaram no solo bom, cresceu, sem que eles soubessem como. Até que, quando a foice foi colocada pela primeira vez, havia já uma grande colheita de Graça e verdade que eles nem sabiam o que fazer com tal. Sim. Estava n'Ele também: havia a primeira folha. Pois não havia ele crescido diante deles como uma tenra planta? E Ele não era sujeito a eles como uma pequena criança no Senhor? E não foi assim que o Espírito do Senhor descansou sobre Ele, sem que eles soubessem como, até que ele estivesse prestes a fazer trinta anos de idade? Matthew Henry vê nosso Lorde mesmo nessa parábola, e eu estou feliz por ter este grande semblante do comentarista habitando, como eu amo muito habitar, neste deleitoso lado desta deleitosa Escritura.

E o que era a verdade do Santo Jesus Criança será verdade, em sua medida, para as suas e as minhas crianças. E se o Deus Pai submeteu Seu Filho para Sua divina Lei de crescimento gradual, lento aumento e amadurecimento imperceptível, então nós não devemos ter a má vontade de submeter tanto nós mesmos quanto nossos filhos para a mesma ordenança divina. Nós não devemos nos atormentar com muita solicitude a ansiedade sobre nossas crianças. Não devemos procurar por cabeças maduras em ombros jovens. Nós não devemos impulsionar a foice no mesmo dia em

que plantamos a semente. Não devemos esperar que nossos filhos alcancem a estatura de um homem perfeito de um momento para o outro, mais do que nós mesmos. Nós não éramos padrões perfeitos em suas idades mais do que eles são. E nós não éramos de jeito nenhum mais profundos na vida divina do que somos hoje. Nós também fomos primeiro a erva, depois a espiga e por último o grão cheio na espiga. Nós realmente não devemos amargar as nossas vidas, e a dos nossos filhos, porque eles ainda não estão correspondendo aos nossos moldes, e não estão formados ainda em todo nosso modo de vida e doutrina. Nós não devemos demandar que eles se sentem à noite toda e leiam nossos autores favoritos. Eles ainda são jovens, e têm seus próprios autores favoritos. É o suficiente se, digamos, daqui trinta ou quarenta anos, eles alcancem sua virilidade intelectual e espiritual. É o suficiente se, quando nós não estivermos mais aqui para aproveitas as obras-primas com eles, eles acabem descobrindo o tesouro escondido, digamos, de *Letters*, de Rutherford; *Saving Interest,* de William Guthrie; *Saint's Rest*, de Baxter; *Gospel Mystery*, de Marshall; e os tratados imortais de William Law; e terminem todas as noites com *Private Devotions*, do bispo Andrewes. Ao mesmo tempo, quando terminarmos com estes nossos grandes guias, e estivermos distribuindo nossos tesouros mais selecionados aos nossos filhos, escreveremos os seus nomes abaixo dos nossos em nossas cópias favoritas, e deixaremos a Deus ver que eles, um dia, escreverão os nomes de seus próprios filhos nas mesmas reverenciadas páginas. Foi logo após Ele ter trinta anos de idade que nós vimos o próprio Filho de Deus passando noites inteiras em orações secretas. Portanto, seja paciente, irmão. *"Eis que o lavrador espera o precioso fruto da terra, aguardando-o com paciência, até que receba a chuva temporã e serôdia. Sede vós também pacientes, fortalecei os vossos corações; porque já a vinda do Senhor está próxima"* (Tg 5.7b-8). Seja muito agradecido pelos pequenos sinais de Graça no seu filho. Não despreze as pequenas coisas. Olhe para aquela erva verde no campo da primavera, roubando seu caminho timidamente por entre os torrões e pedras que a obstruem, erguendo suas mãos para receber o sol e a chuva. E olha do mesmo modo para o seu lar, e seja agradecido. Pois, também em seu lar há primeiro a erva, depois a espiga e por último o grão cheio na espiga. Pode ser que você não viva para ver. Você provavelmente terá adormecido antes de o ver. Mas você será despertado para ver

isso. E não haverá visão mais doce do que a da doce manhã em que você verá que a semente que você plantou na terra finalmente se tornou uma espiga completa no Paraíso. Sim, no Reino de Deus. Pois quando o fruto é produzido, Ele imediatamente o corta com a foice, porque a colheita chegou.

E, então, que parábola que sustenta o coração é essa para todos os pastores ansiosos. Ela deveria ser chamada de "a parábola para todos os pais e pastores impacientes"; especialmente pastores. Nosso Senhor é tão inclinado a consolar e confortar seus pastores, que Ele quase nos cambaleia com o que diz sobre a indestrutível paz de espírito de todos os pastores em Sua posse. Para nossa sorte, nosso Senhor, de uma só vez, irá arrancar toda a ansiedade, e a impaciência de seu povo, do coração de Seus pastores. Tanto é assim, que Ele nos sobressalta com o estado de segurança, e quase de total esquecimento durante o sono, que deseja que todos os seus pastores desfrutem. Quão corajoso confortador é Jesus Cristo aos Seus pastores ansiosos! "Lance a semente", Ele diz, "e não se preocupe mais com isso. Plante a semente, e fique seguro para a colheita. Olhe como esse sábio semeador dorme", diz nosso Senhor. Imite-o. Pois assim é o Reino dos Céus. É como se nosso Senhor viesse para dentro dessa casa e dissesse: — "Então é esta congregação. É como se os ministros devessem pregar, manter suas reuniões de oração, ensinar suas classes e visitar os doentes, e então eles deveriam esperar com confiança até o dia em que a semente deveria brotar, sem que eles saibam como." E isso é fato. Nós lançamos a semente da Palavra de Deus na terra, e a terra a pega, isto é, Deus a pega e a faz brotar, nenhum homem sabe como, principalmente os homens que plantaram a semente. "Conforte meus pastores", diz seu Deus. "Fale tu confortavelmente aos meus pastores, e os diga que '*a terra por si mesma frutifica, primeiro a erva, depois a espiga, por último o grão cheio na espiga*" (Mc 4.28). Há um outro lado, é claro, para suplementar tudo isso; mas esse lado é suficiente para um sermão d'Ele, na maneira do nosso Senhor de pregar sobre o Reino.

Descobri por acaso em minha leitura na noite anterior: "Nada excelente", diz Epiteto[46], "É produzido de repente, nem mesmo uma uva ou um figo. Se me dissesses que quer uma uva ou um figo

[46] Filósofo grego helenístico, da corrente de pensamento estóica.

agora, eu te responderia que você não pode o ter; uma uva leva tempo. Deixe florescer primeiro, então será dado o fruto, e só então será colhido. E você poderia ter o fruto da vida e caráter de um homem em apenas um momento? Não espere por isso." E novamente, "os frutos crescem à sua maneira, e somente à sua maneira. Se a semente produz o fruto antes do caule articulado, será um produto do jardim de Adônis. Isto é, algo feito só para mostrar; não tem nenhuma raiz em si mesmo. Você disparou muito cedo, meu amigo. Você arrebatou sua fama antes da sua temporada. Você pensa ser algo, mas não se tornará nada. Deixe as raízes crescerem, então o primeiro pedaço, depois o segundo, o terceiro, e então a fruta seguirá por si mesma." Assim Epiteto ensina o jovem homem em sua sala de aula grega. Deus nunca deixa a Si mesmo sem uma testemunha.

Quando um pecador primeiro define sua salvação, ele já começa a moldar sua foice, amarrar e empilhar seus feixes. Ele promete com confiança a si mesmo e às outras pessoas o pão doce e robusto que comerá imediatamente fora de sua colheita. Mas tanto ele quanto quem está com ele logo perceberá que este não é todo o caminho para o Reino dos Céus. Não todo. No Reino dos Céus, e na santificação de seus sujeitos, é primeiro a erva, depois a espiga e por último o grão cheio na espiga. E às vezes, de fato, isso ameaça como se tivesse todas as ervas no campo e nenhuma espiga. Sim, e muito pior que isso: todas as ervas, com todas as suas promessas, às vezes aparentarão murchar completamente e morrer. "Por que eu estou tão lento ao crescer melhor? Por que meu coração está mau como sempre esteve, e às vezes até pior?", você ora, de certa forma. Você assiste as pregações, agora e depois. Você estuda todas as autoridades em santificação que ouve sobre, ou consegue pôr suas mãos. Mas logo que o seu pecado assediador está novamente sobre você, é o momento em que você cai de novo em sua velha agonia, culpa e vergonha. Ah, meu irmão, o Reino dos Céus, é uma experiência bem diferente da de que uma vez você pensou que pudesse ser. Nas palavras experimentais de nosso Senhor sobre isso, a santificação da alma está primeiro na erva, depois na espiga, e nunca em mais nada neste mundo: nunca será o grão cheio na espiga. Pobre alma, você que pensou que seria o grão cheio na espiga de uma só vez.

Uma excelente e genuína santificação, você deve saber, é o trabalho mais lento do mundo. Não há nada mais lento no Céu ou na

Terra. A coisa é certa, é fato, mas o tempo é longo. É necessário que fosse longo. Precisaria ter certeza, pois oh, sim, senhores, é longo. E isso é tão dolorido e nauseante quanto demorado. Esta é uma verdadeira descrição do nosso catecismo. É descrito como "morte diária". E assim o é. Esse é seu caso, não é? Está morrendo a cada centímetro, não? É como ter uma espada de dois gumes enfiada diariamente no seu coração, e nunca nessa vida poder tirá-la de seu coração. A morte é um processo de dor, de vergonha e de ignomínia. Toda a possível dor e sofrimento, e todas as maneiras de humilhação para o homem mortal, são recolhidas na ideia da morte. Mas nossa morte diária não é completamente uma morte, comparado com a dor, a vergonha e a ignomínia da morte para o pecado. E tudo parece uma estagnação do pecado, às vezes, para alguns homens. Como, por exemplo, para o homem que expostulou: — "Ó, meu Deus, quando mais eu faço, pior eu fico!" E para o homem que cantou primeiro —

E aqueles que desejam servir a Ti melhor,
São os que mais estão conscientes sobre o que há de errado por dentro.

Até que, esteja certo disso, nosso Senhor tem Seus olhos e coração em Seus santos, que estão passando por santificações espirituais quando ele conta esta mais reconfortante parábola de muitas faces. Ele fala primeiro de Si mesmo, e de Seu próprio crescimento em força espiritual, e sabedoria, bem como em todos os modos da perfeição Messiânica. E então ele fala dos pais e de suas crianças, e depois dos pastores e dos seus povos. Mas acima de tudo, Ele fala de todas essas almas eleitas que estão sendo mantidas por todos esses dias sob uma demorada, mas certa, santificação. "Há primeiro a erva da santidade", Ele diz, "depois a espiga, e então o grão cheio na espiga. Mas quando o fruto é produzido, imediatamente Ele o colhe com sua foice, porque a colheita chegou."









V. A mulher que pegou fermento e interiorizou em três medidas de farinha

Sendo o filho primogênito na casa de Sua mãe, caberia ao Santo Menino Jesus realizar a parte estabelecida ao filho mais velho na festa do pães asmos[47]. E assim foi, após José tingir a prateleira e dois batentes da porta com o sangue que estava na bacia, e após toda a família comer apressadamente, cada um, uma porção do cordeiro pascal e um pedaço de pão asmo, que naquele momento, o filho mais velho da casa veio à frente e disse: "Pai, o que quer dizer com este serviço? O que você quer insinuar com sangue, pão sem fermento e ervas amargas?". E José disse: "É a páscoa do Senhor, porque Ele passou pelas casas dos filhos de Israel no Egito, quando feriu os egípcios e libertou nossas casas". E José, Maria, Jesus, Tiago, Simão, Judas, e suas irmãs, todos curvaram suas cabeças e cantaram o centésimo décimo terceiro e o centésimo décimo quarto Salmos. E uma vez por ano, até que o Santo Menino viesse a ter a idade completa do Cristo de Deus: a cada páscoa que vivenciou, Ele entrou mais e mais profundamente nesta grande ordem, tanto ouvindo José, quanto fazendo seus questionamentos. Até que Ele veio a ser mais compreensivo, que todos os seus mestres, sobre a festa do pão ázimo: e entendeu tanto o sangue, como o pão e as ervas amargas, muito melhor que todos os antigos.

Enquanto Ele era uma criança, falava como uma criança, entendia como uma criança e pensava como uma criança. E a *grande pressa* em entender o que os pães ázimos significavam foi o suficiente para sua imaginação, sua mente e seu coração, enquanto Ele ainda era um menino. Mas então, com o passar do tempo, Ele observou Sua mãe em seus afazeres de dona de casa, observou como seu fermento se *espalhava* até que suas três medidas de farinha estivessem todas fermentadas. E enquanto meditava no processo que acontecia sob Seus olhos, Ele veria novamente, no fermento e na farinha, outra parábola sobre o reino de Deus. E Ele guardou o fermento e a farinha em Sua mente, em Sua imaginação e em Seu coração para alguns de Seus futuros sermões. E assim foi, naquele

[47] A Festa dos Pães Asmos era uma festa judaica, ligada intimamente à Páscoa, que comemorava a saída dos israelitas do Egito. A festa durava sete dias. Durante esse período nenhum fermento deveria ser encontrado nas casas israelitas, pois quem desobedecesse a esse mandamento deveria ser tirado da congregação de Israel (N.T.).

grande dia de ensino e pregação, quando Ele se sentou à beira-mar; Já havia dado parábola após parábola, em uma medida que qualquer outro pregador, exceto Ele mesmo, teria se exaurido; mas, continuou tão fresco, interessante e instrutivo como quando começou pela manhã. "Estou cheio de matéria", disse Eliú. "O espírito dentro de mim me constrange. Eu vou falar para que eu possa ser revigorado". E nosso Senhor era como Eliú nisso. Ele já havia, naquele dia, ilustrado e aplicado o reino de Deus por uma longa e esplêndida série de parábolas, Sua mente ainda estava tão cheia de matéria como sempre. E quanto mais Ele tentava colocar o reino de Deus nesta e naquela parábola, mais viu outras coisas naquele reino inesgotável, o qual nenhuma parábola ainda havia sido construída. E assim foi neste ponto, como se ensinasse o povo a manter seus olhos sempre abertos para as suas pregações futuras. O Mestre, de repente, voltou-se para Seus discípulos e perguntou-lhes se algum deles tinha alguma luz para lançar sobre o assunto em questão. Como se Ele estivesse pedindo a alguns deles para ajudar; Ele, com Seu grande assunto, disse-lhes: "Para onde eu irei, assemelha-se ao reino de Deus?". E quando nenhum deles tinha uma palavra a mais a dizer a respeito da interioridade e da ocultação e do poder de assimilação total desse reino, Ele chamou à mente uma antiga reflexão, de Sua própria memória, que veio a Ele um dia ao lado da amassadeira de sua mãe. Ele se lembrou daquele dia, das três medidas de farinha, e a maneira com que Sua mãe transformou aquela refeição crua em pão saudável e saboroso. "E assim é o reino de Deus em alguns aspectos", disse Ele. "É, em alguns aspectos, como o fermento que uma mulher pega e mistura em três medidas de farinha até que tudo fique fermentado". E aqui estamos nós, esta noite, e nesta igreja, de repente transportados de volta para a pequena cozinha de Maria em Nazaré, a fim de aprender lá, mais uma das parábolas de seu Filho sobre o Reino de Deus.

"Cuidado com o fermento dos fariseus", Ele disse aos seus discípulos em uma ocasião. Agora, o que você acha que Ele quis dizer com isso? O que você diria ser o fermento dos fariseus? Eu não sei mais do que você, mas vou te dizer o que penso. Fermento, para começar, é algo que está escondido e no interior, e então funciona interiormente e secretamente, até que atinja seu caminho através de todas as medidas circundantes de farinha. Agora, qual foi o fer-

mento do Fariseus? Deve ter sido algo interior e secreto. E então, a essa altura, já havia percorrido todos os seus corações e caracteres, até eles, os fariseus, estarem empenhados na morte e destruição de nosso Senhor. Bem, um pequeno punhado de fermento que uma mulher pode segurar em sua mão não parece ser muito, nem ter muito poder. Mas espere e veja. E um pouco de autoestima no coração de um jovem não é algo a ser suspeitado ou denunciado, não é? Mas espere e veja. Deixe que o jovem comece sua vida com aquele pouquinho de autoestima em seu coração secreto e, tão certo como ele vive, esta será sua experiência, e a experiência de todos os que se relacionam com ele. Tantas e tão inevitáveis são as oposições, as contradições e as colisões da vida, que se sua auto-estima não é, por meio de todas essas coisas e por meio da graça de Deus cooperando com todas essas coisas, castigada, subjugada e expulsa, então todas essas colisões, correções e contradições irão aumentar ainda mais e provocar sua auto-estima, até que, então, termine seus dias tão cheio de justiça própria, orgulho e dureza de coração, como o próprio Lúcifer. Por outro lado, humildade é um fermento muito bom escondido no coração de um bom homem. Estas são as palavras de um mestre conhecido em Israel, — "A humildade não consiste em ter uma opinião pior, de nós mesmos, do que merecemos, ou em nos rebaixarmos mais do que realmente somos. Mas como toda virtude é fundada na verdade, então a humildade é fundada em um sentido verdadeiro e justo de nossa fraqueza, miséria e pecado. Tanto é assim, que aquele que bem sente e vive neste senso de sua condição, vive na humildade". Ou seja, aquele que com toda razão conhece a si mesmo, tem toda a auto-estima feita em si, para sempre. Não resta em todo o seu interior, uma única parte daquele fermento dos fariseus. Mas aquela seita em Israel era tão contra toda introspecção, que eles evocaram isto: seus doutores da lei denunciaram esse hábito santificado de mente e coração, que os seus estudiosos terminaram crucificando o Senhor da Glória. Para tal montante de vilania e maldade, crescerá como um pouco de fermento de auto-estima em condições adequadas, no coração apto, e deixado adequadamente sozinho. Agora nosso Senhor viu, muito bem, que o mau fermento já estava em ação em Seus doze discípulos. Eu não me responsabilizo por dizer quão longe isso está, em ação, em cada um de vocês. Não vou insistir que sua autoestima está corroendo todo o seu coração e está destruindo toda a sua vida

e caráter. Não vou brigar com você sobre isso. Não vou insistir no que você chama de introspecção, mas, pelo menos, sinto e confesso a verdade de Suas palavras quando meu Senhor diz para mim — Pregador, cuidado! Cuidado para que não tenha discorrido tão bem sobre a humildade para os outros, que você mesmo, por meio de sua auto-estima, possa ser um rejeitado do Reino de Deus. Esteja, meu pregador, com a vela do Senhor continuamente em mãos. — Sonda-me, ó Deus, e conheça meu coração; experimente-me e conheça meu pensamentos: e veja se há algum destes modos perversos em mim, e conduza-me ao caminho eterno!

O apóstolo Paulo também teve isso em uma mesma parábola: "Expurgai, pois, o fermento velho. Não sabeis que um pouco de fermento leveda toda a massa? Portanto, celebremos a festa, não com o fermento velho, nem com o fermento da malícia e da maldade, mas com os pães asmos da sinceridade e da verdade". Agora, o que é a malícia e a maldade? Nós temos visto o que é a autoestima, e como ela funciona até levedar todo o alimento. Mas o que é o fermento da malícia? Você pode ser maduro o bastante para saber sem que o digam. Você pode ter o suficiente disso em você mesmo, e pode sofrer o suficiente disso por outros; mas aqui há novos iniciantes na autoestima e na malícia, e as palavras devem ser corretamente divididas para cada um encontrar o seu caso. Agora, vocês, que são novos na moral e na religiosidade, — o que pensam ser malícia? Por vocês não pode ser expurgada, nem mantida em expurgo, se vocês não souberem o que é quando se depararem com a tal malícia. Bom, a malícia também é como o fermento. Começa bem pequena, tanto que não vale a pena falar sobre, em púlpito digno. Você não gosta de alguém. Nada é tão comum, certamente, quanto isso, "não gostar de alguém". Também, na escola, na faculdade, no escritório, na oficina, em casa, você não gosta de alguém nesses lugares. Bom, essa é a sua primeira dose do fermento da malícia. E seus sentimentos sobre esse alguém, seus pensamentos sobre ele, bem como suas palavras, e ações são como as três medidas de farinha com um pouco de fermento no coração. Você apenas não gosta daquela pessoa — isso é tudo o que você fez. Mas então homens adultos são tão fermentados com isso, o fato de desgostar, que eles passam a odiar uns aos outros. E — "odiar qualquer homem, não significa que você o mataria?". Veja como você está. Veja por qual caminho está caminhando. Está caminhando no

mesmo caminho dos fariseus. Está caminhando para o inferno. E não há mais certo, nem mais curto, nem mais inevitável caminho para o inferno que o ódio, o qual é apenas antipatia, ressentimento e rancor secreto, que veio a ser as três medidas de farinha. Malícia é um sangue ruim, como nós dizemos. É má vontade. É ressentimento. É vingança. À vista de Deus, é como o próprio assassinato; secreto até então, isso pode ter vindo da introspecção nas três medidas de alimento sufocante e introspectivo. E é enquanto esse assassinato, em flagrante, ainda está em seus estágios iniciais de desgosto, antipatia e animosidade, que Paulo implora que você o expulse. Mas para purificá-lo, você deve levar uma vela como esta para o trabalho. Uma vela clara como esta. Você tem um vizinho. Ele pode, alguma vez, ter sido um amigo. Pode nunca suspeitar, mas ainda é um amigo. Pode ser seu amigo o tempo todo. Mas de coração, no fundo, você não é mais seu amigo. Alguma coisa aconteceu com você. Algo que você deve procurar e admitir sobre si mesmo. Algo que por mais humilhante, por mais auto condenante, por mais odioso que seja, você não pode mais ser um homem bom e verdadeiro até que tenha encontrado em si mesmo. Seu amigo esqueceu de você em alguma ocasião. Ou ele preferiu alguma outra pessoa a você. Ou ele tomou seu próprio julgamento e consciência, como guia, em algum assunto em que você tenha lhe demandado como se desse ordens. Ou recebeu alguma promoção, elogio ou recompensa que você não teve humildade e amor o suficiente para engolir. Rastreie o seu coração, meu caro! Céu e inferno dependem de você rastrear seu coração nessa questão. Não. O inferno não depende disso, pois o inferno já possui o seu coração. Aquele calor perverso em seu coração com a menção do nome de tal pessoa, isso é o inferno. Essa escuridão que todos nós vemos em seu próprio olhar, essa é a fumaça de seu tormento já iniciada. Purifique isso, Paulo implora. Ah! É fácil dizer "purgue". Paulo conseguiu purificar-se sozinho, depois de toda a sua pregação mais fervorosa sobre isso? Não, ele não conseguiu. Não mais que você e eu. E foi quando ele acendeu todas as velas que pôde colocar as mãos; e quando, com eles todos, não conseguiu derrubar toda a malícia que ainda estava escondida em seu coração, foi então que seu Mestre teve misericórdia de Seu miserável servo, e disse a ele: "A Minha graça te basta, porque o Meu poder se aperfeiçoa na fraqueza".

E embora a auto-estima farisaica e a malícia diabólica sejam todas as instâncias às quais a parábola de nosso Senhor é aplicada, primeiro por Ele mesmo, e depois por Seu melhor apóstolo, no entanto, a parábola é igualmente verdadeira para todos os outros fermentos do diabo que se insinuam em nossas almas. Um pouco do fermento do orgulho — pense nisso, com ilustrações bem-vindas, para você mesmo. Um pouco do fermento da raiva, um pouco do fermento da suspeita, do ciúme e da inveja — com ilustrações e exemplos tirados de você. Um pouco do fermento da sensualidade — "o mal inconcebível da sensualidade" — como Newman chama isso — com todo um portfólio de ilustrações tiradas de você. Um pensamento sujo, uma sugestão suja, uma insinuação, uma palavra , uma imagem suja; um menino desbocado no parquinho; um homem desbocado na oficina, no escritório, na cabana; uma mulher desbocada na oficina, na cozinha, no campo; um livro sujo, uma fotografia suja na vitrine de uma loja de passagem, — pense bem, com mil ilustrações tiradas de sua própria experiência, e você será mais sábio neste fermento universal da sensualidade que todos os seus professores. Você ainda será um mestre em Israel, você mesmo tão nauseante, mas ao mesmo tempo necessário, sobre autoconhecimento.

É, certamente, muito impressionante descobrir que, embora nosso Senhor diga tão claramente que o reino de Deus é como o fermento, ainda, tanto Ele quanto Seu melhor apóstolo desçam ao reino de Satanás por todos os seus melhores momentos e por todas as suas aplicações mais pungentes de fermento. Eles pareceriam, deixariam a nós mesmos a prática e verificação da parábola em sua aplicação às coisas do reino de Deus. "A que devo compará-lo?" Ele disse aos Seus discípulos. Como quem diz — "descubra mais e melhores instâncias, ilustrações e verificações para vocês mesmos". E seu exemplo, e o exemplo de Paulo, parecem dizer a todos os pregadores — "dê ao seu pessoal uma ou duas ilustrações tiradas de coisas que eles já conhecem bem, e então deixe-os prosseguir com a parábola por si próprios". "Poderia", disse Moisés, "todo o povo do Senhor ser profeta!". E vou deixar esta parábola onde nosso Senhor e Seu apóstolo a deixaram, apenas dizendo sobre isso e sobre você: quem dera todo o povo do Senhor usasse expositores e pregadores, e isso por sua própria observação e experiência!









VI. O homem que encontrou tesouro escondido em um campo

Foram boas histórias como essa, em Seus sermões, que fizeram as pessoas comuns começarem a ouvi-Lo com tanta alegria. Não havia carpintaria, nem um mercadinho de aldeia, em toda a Galileia, onde tais histórias de tesouros não eram contadas com frequência. Histórias do mesmo tipo não são totalmente desconhecidas em nossa própria terra. Mas no Oriente, e até hoje, as grandes descobertas feitas por este homem não são incomuns. Em tempos conturbados, os homens temerosos escondem seus tesouros, às vezes, nas paredes ou sob o chão de suas casas, e, às vezes, enterram em seus jardins e em seus campos. Às vezes acontece que o proprietário morre e deixa seu tesouro secreto totalmente escondido. E então algum homem de sorte chegará naquele tesouro enterrado, algum dia, da maneira mais inesperada e acidental; como um homem de sorte. Ele estava arando, um dia, no campo de seu mestre; ou estava cavando fundo com sua pá e picareta? Quando, de repente, ele cambaleou de alegria ao ver o reluzente objeto que sua relha de arado havia descoberto. Em um momento, seus problemas foram resolvidos. Cobrindo cuidadosamente o ponto brilhante, antes que o sol tivesse tempo de se pôr, ele já havia vendido tudo o que possuía, e tinha feito uma oferta pelo campo que foi entregue a ele, com tudo o que continha, antes de dormir. Todos os livros clássicos do mundo antigo estão cheios de histórias inebriantes como esta. Talvez a mais famosa de todas essas histórias seja a que Tácito nos conta sobre Nero. Como um ousado impostor, enganou o imperador sobre uma imensa mina, cheia de todos os tipos de tesouros preciosos, que se encontrava em uma parte distante de seus domínios. E Nero acreditou na história maluca até se tornar motivo de chacota em todo o mundo. Mas, nesse caso, não era uma brincadeira, esse achado verdadeiro naquele campo da Galileia. Nosso Senhor parece ter conhecido o afortunado lavrador, e ter ouvido sua história feliz de seus próprios lábios encantados. Mas o esboço mais básico, da rica história, é tudo o que a pena de Mateus, aqui, preservou para nós. Nós preferiríamos, muito mais, ouvir todo o sermão que Nosso Senhor pregou a partir do achado daquele homem afortunado, do que possuir todo o seu sulco cheio de ouro e prata. Pois a palavra da boca de nosso Senhor está se tornando mais e melhor para nós do que milhares de peças de ouro e prata. Mas pareceu bom para o Espírito Santo ter a história desse homem contada

para nós da maneira mais curta possível, e então deixar-nos descobrir, por nós mesmos, todas as suas semelhanças celestiais.

Bem, a primeira e fundamental semelhança entre esta parábola e o reino dos céus é certamente esta. Assim como nosso Senhor é o Semeador em outra parábola, e assim como Ele é o Plantador do grão de mostarda em outra, e o Bom Pastor em outra, e o Bom Samaritano em outra, assim Ele é o homem lavrador feliz nesta parábola. E como o campo era o mundo em uma parábola anterior, assim é aqui. E o reino dos céus, diz nosso Senhor, é como um tesouro escondido no campo deste mundo. E o primeiro homem que encontrou o tesouro que estava escondido no campo deste mundo foi o Filho do homem. Todo o mundo sabe que embora Ele fosse rico, por nossa causa tornou-se pobre. Todo o mundo sabe que estando na forma de Deus, Ele se humilhou, se fez sem fama, e tornou-se obediente até a morte, mesmo a morte de cruz. Tudo isso, em conjunto, foi o preço que Ele pagou por este campo e pelo tesouro escondido neste campo. Nosso Senhor comprou este mundo, por assim dizer, por causa das almas eleitas que estavam escondidas nele, até que Ele pudesse dizer, — "Como tu, Pai, deste poder ao teu Filho sobre toda a carne, que Ele dê a vida eterna a todos quantos Lhe deste".

O incomparável Thomas Goodwin[48], — incomparável para mim, de qualquer forma, — diz que Paulo será o segundo homem no céu, o Homem Cristo Jesus sendo o primeiro homem. E todos aqui já devem ter pensado em Paulo assim que esta pequena e excelente parábola foi lida para ele. Pois, se, algum dia, alguém pudesse dizer que todas as letras desta pequena parábola foram cumpridas em alguém e por alguém, esse alguém foi Paulo. Se algum homem, depois de Cristo Jesus, vendeu tudo o que tinha para comprar o campo, esse homem foi o apóstolo. Campo esse, no caso dele, nada menos do que o próprio Jesus Cristo. O próprio Jesus Cristo, com Sua justiça justificadora, manteve em Si mesmo como um tesouro escondido. Este arador tão afortunado no sermão de nosso Senhor vendeu sua pequena cabana em Cafarnaum, com seu pequeno jar-

[48] Thomas Goodwin foi um teólogo e pregador inglês e um importante líder religioso, imposto pelo Parlamento como presidente do Magdalen College, Oxford, em 1650. (N.T.)

Personagens da Bíblia - Novo Testamento.indd 492 13/11/2021 13:16:45

dim cheio de frutas e flores, e com todas as suas vinhas e figueiras, sob as quais ele costumava se sentar depois de terminar seu árduo dia de trabalho. Ele decidiu vender todos aqueles seus bens e deleites preciosos por causa do tesouro que seus olhos, uma vez, avistaram naquele campo enriquecedor e fascinante. E Paulo, da mesma maneira, estava arando em sua tarefa diária, quando, eis que o pé de seu cavalo subitamente sumiu de vista em uma riqueza de riquezas insondáveis, e ele imediatamente contou todas as coisas para vender, exceto perdas, a fim de comprar aquele campo. Sim, é verdade. Se Jesus Cristo foi o primeiro lavrador desta parábola, então, certamente, Paulo foi o segundo.

Mas o reino dos céus é um reino tão rico e variado que existem muitos outros campos com tesouros escondidos, espalhados por todo o campo central. E em alguns desses campos adjacentes, não há nenhum pequeno tesouro ainda escondido e esperando pelo primeiro arador afortunado abri-lo e torná-lo como seu. Vocês não são pastores. Mas não podem deixar de ver que o campo rico e cheio de tesouro é todo púlpito evangélico, com seu pastorado de mesmo caráter se espalhando ao seu redor. Apenas, aqui novamente, um pastor que deseja possuir, ele mesmo, o tesouro escondido de seu púlpito e seu pastorado, deve vender tudo o que tem a fim de comprar esses dois campos cheios de ouro. "Em sua primeira vinda à sua pequena aldeia, Ouranius sentiu-se tão desagradável como em uma prisão, e todos os dias parecia tedioso demais suportar um lugar tão isolado. Ele achava que sua paróquia estava muito cheia de pessoas pobres e más, e que nenhuma delas era adequada para uma conversa de um cavalheiro. Isso o colocou em uma aplicação intensa aos seus estudos. Consequentemente, mantinha-se muito em casa, escrevia notas sobre Homero e Plauto, e às vezes achava difícil ser chamado para orar ao lado da cama de qualquer pobre corpo quando estava no meio de uma das batalhas de Homero". "O senhor Kinchin", diz George Whitefield, "foi ministro de Dummer em Hampshire, e o mais provável a ser escolhido reitor do Corpus Christi College; ele desejava que eu tomasse seu lugar e oficiasse por ele até que o caso fosse decidido. Seguindo o conselho de amigos, parti, e ele veio suprir minha vaga em Oxford. Sua paróquia consistia principalmente de pessoas pobres e analfabetas, meu coração, orgulhoso a princípio, não suportou isso. Eu teria dado todo o mundo para estar de volta à

minha amada Oxford. Mas ao me entregar à oração, e lendo o excelente *Character of Ouranius* do senhor William Law, minha mente se reconciliou com a conversa que o lugar me proporcionou. Eu executei o plano do senhor Kinchin, e, em geral, dividi o dia em três partes: oito horas de estudo e meditação, oito horas de sono e alimentação, e oito horas de leitura, de orações, catequese e visitas à paróquia. O lucro que obtive com esses exercícios foi indescritível. Logo comecei a ficar tão encantado com suas conversas ingênuas quanto antes, com meus amigos de Oxford, e, frequentemente, aprendia tanto com uma visita à tarde quanto com uma semana de estudo. Eu permaneci em Dummer até que uma carta chegou do senhor John Wesley na qual estavam estas palavras: 'Você se pergunta o que deve ter na Geórgia? Comida para comer, roupas para vestir e uma casa para reclinar a cabeça, como o seu Senhor não tinha. E uma coroa de glória que não se desvanece'. Ao ler, meu coração saltou dentro de mim, e isso se ecoou com o chamado".

Como eu estava dizendo, um ministro que desenterrar o tesouro escondido de seu púlpito e campos pastorais deve vender todo o seu tempo e todos os seus gostos; todos os seus pensamentos durante o dia e todos os seus sonhos à noite. Ele deve gastar e ser gasto. Deve ser o servo de todos os homens. Deve se tornar todas as coisas para todos os homens. Não deve ambicionar. Não deve ter opinião própria, mas apenas a opinião de Cristo. Tanto seus livros, como sua mesa e sua cama, devem ir para baixo do martelo. E então, por esse tempo, ele começará a ter o povo com ele, de quem será capaz de dizer — "Qual é a minha esperança, alegria ou coroa de regozijo? Não estão vocês na presença de nosso Senhor Jesus Cristo em Sua vinda?". E então aquele ministro, totalmente rendido, será convocado para a vinda de seu Senhor, não mais para vergonha e desprezo eterno, mas seu Senhor dirá a ele, naquele dia em que Ele fizer suas joias — "Essa joia é sua," seu Senhor dirá: "por aquelas almas que teriam sido perdidas para Mim, mas não foram por seu ministério abnegado". E então, nesse dia, a paróquia mais pobre de toda a Escócia, e o campo missionário mais insignificante de todo o mundo, serão vistos rendendo tesouros que deslumbram os olhos dos homens e anjos ao vê-los. Então, aqueles, que forem sábios no tempo, brilharão como o brilho do firmamento; e aqueles

que levam muitos para a justiça divina, como as estrelas para todo o sempre, também.

E por outro lado, o ministério de tal pastor é o campo todo enriquecedor de seu entendimento e discernimento de pessoas. Um erudito, estudioso, capaz, evangélico, experimental, pregador todos os sábados; e então, durante toda a semana, um pastor assíduo, incansável, sempre atento, amoroso, — que campo cheio de que tesouro para seu povo é tal pastor e tal ministério! Que tesouros, de graça e verdade, estão escondidos ali para as pessoas certas. Sim, e às vezes ele se escondia até de seus melhores funcionários. Pois como alguém pode saber, ou mesmo adivinhar, o que Deus fez para enriquecer a eles e a seus filhos ao preparar e fornecer toda a vida e experiência de seu pastor? Dez mil providências e experiências, pessoais e pastorais, aconteceram por causa deles. Como também seus trabalhos, sempre insones, para sua compreensão e edificação. A metade disso não poderia ser contada, e nem seria acreditada ou compreendida, mesmo se fosse contada. Você vai ouvir falar de um homem em mil; às vezes se encontrará com um homem raro e notável que não vendeu pouco, a fim de se tornar possuidor daquele pastor e de seu ministério. A multidão, em cada congregação, tropeça sem sorte e sem lucro, mesmo entre os campos mais ricos. Mas, aqui e ali, e de vez em quando, outra forma de homem às vezes será encontrada. Um homem, feliz, em mil, enfia sua relha de arado no tesouro daquele púlpito e, em seguida, age de acordo. Um antigo encarregado, desta mesma congregação, me contou, há muito tempo, como recentemente convocou uma conferência de toda a sua família para fazer uma grande escolha e decisão familiar. Ele propôs a sua esposa, seus filhos e suas filhas construir uma casa fora de Edimburgo, com um parque, um jardim, estábulos, e tudo o mais. Ou comprar uma casa em Oklahoma, no extremo oeste, para ficar ainda perto da igreja, e para deixá-lo permanecer na sessão, e para permitir que sua família continuasse sob o ministério do doutor Candlish. E os olhos daquele lavrador feliz de Cafarnaum não brilhavam com lágrimas de maior alegria do que os olhos do velho, quando me disse que havia decidido por uma casa ao alcance do púlpito, ao qual devia sua própria alma e a de seus filhos. E sua esposa estava na classe feminina do doutor Candlish. Coisas assim

não acontecem todos os dias. Mas isso é, em grande parte, porque não há púlpitos todos os dias como o púlpito do doutor Candlish.

E, então, ainda mais por não serem ministros, têm o campo repleto de ouro da sua Bíblia sempre diante de vocês. Se fossem ministros, teriam uma tentação constante em relação à sua Bíblia da qual, como ela é, escapariam completamente. Se vocês fossem pregadores, teriam sido tentados a ler sua Bíblia quase exclusivamente de olho em bons textos. E, é melhor não ler sua Bíblia de forma alguma, do que apenas fazer sermões com ela. "Que palavra dada!" você fala enquanto lê sozinho, e não lê mais naquela noite. "Que consolo!" você diz. "Que salmo!" você diz, e canta durante toda a semana seguinte, e em todos os momentos e em todos os lugares. "Que nome para você é o Nome do seu Deus!". E, como Moisés no Monte, você se apressa, inclina a cabeça e adora, e diz, — "Perdoe nossas iniquidades e nossos pecados, e tome-nos como herança". Moisés não disse — "Que texto para o próximo sábado!". E você também não tem a tentação de dizer isso. Não há nada desse tipo entre você e sua aplicação imediata da rica graça da palavra de Deus às necessidades de sua própria alma. Sim. Que campo é a palavra de Deus! Que campo repleto de graça são os Salmos. E novamente, os Evangelhos. E novamente, as Epístolas. Que ouro maciço está escondido em todos esses vários pontos deste rico campo. Felizes lavradores! Ó, meus irmãos, pesquisem profundamente nas Escrituras. Pois são elas que testificam a vocês, tanto de si mesmos como de seu Salvador.

E então o campo de oração. Ó, o leite e o mel com que cada carroça e sulco daquele campo está cheio! Ele me faz deitar nas pastagens verdes desse campo. Ele me conduziu ao lado de suas águas paradas. E então, ao tesouro escondido. O empreendimento da oração, sua exploração, seus empreendimentos, seus sucessos seguros. Certamente este é o campo em que há uma veia para a prata e um lugar para o ouro fino. O ferro é aqui retirado da terra, e o latão é fundido fora da pedra. As próprias pedras são o lugar das safiras e têm o seu pó de ouro. Não pode ser adquirido com ouro, nem se pesará prata para o preço dele. Este é um campo que não pode ser avaliado com o ouro de Ofir, com o precioso ônix ou a safira. O ouro e o cristal não podem igualá-lo; e sua troca não pode ser por joias de ouro fino. Nenhuma menção deve ser feita de coral

ou de pérolas; pois o preço da oração está acima de rubis. O topázio da Etiópia não será igual. Nem será avaliado com ouro puro. Em verdade vos digo que tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, Ele vo-lo concederá. Até agora nada pedistes em meu nome. Peça e receba, para que sua alegria seja completa.

VII. O comerciante que vendeu tudo o que tinha e comprou uma pérola por um alto preço

Este é um daqueles joalheiros viajantes do Oriente que percorrem o mar e a terra em busca de belas pérolas. Ele nunca está em casa. Está sempre à procura de mais e mais pérolas preciosas. Até que um dia sua longa busca é notavelmente recompensada. Está empenhado em explorar um certo mercado de pedras preciosas, quando de repente seus olhos caem sobre uma pérola como ele nunca imaginou que existisse. Seu grande tamanho, sua forma perfeita, sua beleza primorosa, sua luz deslumbrante — nunca esperava ver tal joia. Determinado a ser dono da grande e preciosa pérola, o comerciante imediatamente vende tudo o que possui e compra, na mesma hora, aquela pérola de grande preço. Recebemos uma palavra bem conhecida do nome honroso que aqui é dado a este comerciante empreendedor. Nosso Senhor o chama de homem de *empório*. E ele é mesmo. Pois passou toda a sua vida na procura das melhores pérolas, até seu empório ser famoso pelo tamanho, beleza e valor de suas pérolas. E seu famoso empório é, agora, mais famoso do que nunca, por causa desta esplêndida compra que fez em sua última jornada empreendedora.

Agora, o mundo dos livros, para começar, não é diferente de um comerciante em busca de belas pérolas. Para cada livro realmente bom que um colecionador de livros, realmente bom, descobre, torna-se uma pérola de grande valor para ele. Até que sua vida de leitura prossiga, ele praticamente vende todos os seus livros anteriores por causa desta e daquela pérola que ele descobriu no curso de sua leitura. Um novo iniciante em livros lê tudo o que encontra. Todo material impresso lhe interessa, e um livro pobre e passageiro irá satisfazê-lo por um tempo, e até mesmo encantá-lo. Mas com o passar do tempo, e conforme o uso de um bom livro, e a real raridade de um livro for revelada a ele, o verdadeiro leitor será encontrado desistindo de todo o seu tempo de leitura, de todas as suas despesas de leitura, para os livros realmente grandiosos e duradouros do mundo, e somente para eles. Como, por exemplo, o doutor Chalmers.

Durante as minhas férias de Natal, tenho renovado a minha familiaridade com a verdadeira pérola de um livro: *As Memórias do doutor Chalmers*, da doutora Hanna. E entre uma infinidade de lições que aprendi e acumulei para mim e para minhas aulas, na-

quela casa do tesouro, a apreciação cada vez maior do doutor Chalmers pelos melhores livros foi uma das melhores lições que aprendi novamente. "Butler fez de mim um cristão", disse Chalmers, um tanto hiperbólicamente, a um de seus primeiros amigos. "Pascal", escreveu a outro amigo, "é mais do que a fama grega e romana". Antes que seus olhos fossem abertos, e antes que seu gosto fosse refinado para distinguir pérola de pasta, Chalmers realmente denunciou John Newton, Richard Baxter e Philip Doddridge, do púlpito, e praticamente proibiu seu povo de lê-los. Mas estava chegando o dia em que este nosso grande comerciante venderia tudo o que possuía para comprar as mesmas pérolas que havia explorado nos dias de sua ignominiosa e culpada ignorância. À medida que continuei lendo, encontrei em seu diário privado tais entradas: "Comecei Richard Baxter, que pretendo fazer minha leitura devocional à noite". "Setembro, 13. — Eu comecei *A Chamada para o Não-convertido*, de Baxter, e pretendo colocá-la em circulação". E escrevendo no mesmo ano para um irmão mais novo dele, ele diz, "Eu considero Baxter e Doddridge como os dois escritores mais impressionantes, e de quem você provavelmente terá a impressão de que a preparação para a eternidade deve ser o principal assunto e preocupação de seu tempo". "Novembro, 11. — Terminei neste dia a leitura dos *Ensaios* de Foster, que li com grande prazer e entusiasmo. Seus pontos de vista profundamente evangélicos são mais adequados para mim. Ó, meu Deus, dá-me plenitude de Cristo! Que nunca perca de vista Cristo, para que por Ele eu possa passar da morte para a vida". "Março 14. — Estou muito impressionado com a realidade e o estilo empresarial da relação de Doddridge com Deus. Ó Pai Celestial, converta minha religião de nome em princípio!". Você deve se lembrar que existe um antigo clássico evangélico intitulado *A Medula*. Venda uma prateleira inteira de seus livros juvenis e compre-o, e vocês serão comerciantes sábios, se o doutor Chalmers for um bom juiz. — "Domingo, Agosto, 23. — Estou lendo *A Medula*, e deriva disso muita luz e satisfação. É uma atuação magistral. Agosto 24. — Finalizei *A Medula*. Sinto um prazer crescente na plenitude e suficiência de Cristo. Ó meu Deus, traz-me cada vez mais perto de Teu Filho!". E sobre outra obra-prima de outro gênio, ele escreve — "Leia Edwards, sobre as *Afeições Religiosas*. Ele é para mim o mais excitante e interessante de todos os escritores teológicos". "Quem te ensinou a pregar dessa maneira?" perguntou David

Maclagan há muito tempo atrás ao doutor Rainy na sacristia atrás de mim aqui. "John Owen", foi a resposta. Agora, escrevendo ao doutor Wardlaw, o doutor Chalmers diz, "Estou lendo Owen agora mesmo, *A Pessoa de Cristo*. Que o Espírito tome cada vez mais as coisas de Cristo e as mostre a mim". E de novo, "Você já leu Owen no Salmo Centésimo Trigésimo? Este é meu último grande livro, e eu o recomendo fortemente como um eminente conducente a um caminho de paz e santidade". E sobre o próprio Doddridge, contra quem ele uma vez advertiu seus paroquianos, ele agora escreve — "Tenho lido mais sobre Doddridge e, de fato, me considero uma criatura muito alienada e destruída. Mas deixe-me apegar-me a Cristo para receber d'Ele toda a minha integridade". E de outra bela pérola, cujo título pelo menos todos vocês conhecem, ele escreve, "Estou prestes a terminar Guthrie, que, creio eu, é o melhor livro que já li". E em uma data posterior — "Ainda acho que é a melhor composição humana que já li, relativa a um assunto sobre o qual oro fervorosamente para que todos possamos estar do lado certo da questão". Romaine também era um dos favoritos de Chalmers, à medida que crescia em anos e em graça, não posso começar a citar seus elogios constantes a esse excelente escritor espiritual. E para resumir com um extrato de seu *Diário* que trata de toda esta questão — "Eu respiro com prazer no elemento dos livros piedosos, e espero, sinceramente, que seu sabor, em um momento não sentido por mim, seja um bom argumento para minha regeneração". E no final de sua vida santa e esplêndida — "Estou lendo Ebenezer Erskine, *A Garantia da Fé*, e gosto especialmente dele. Sua doutrina é muito preciosa para mim". Essas são algumas amostras do tipo de livros que o doutor Chalmers vendeu, todos, para comprar uma amostra deles e desfrutar deles por toda a vida. Que cada estudante de divindade leia as *Memórias* de Chalmers pouco antes de ser ordenado e, mais uma vez, a cada três ou quatro anos em todos os seus dias ordenados.

Você pode não ser um grande comerciante no mundo dos livros, mas esta parábola pode ser inteiramente verdadeira sobre você em algum outro mundo seu. "Não tenho livros", disse Jacob Behmen, "mas tenho a mim mesmo". E Apolo não disse: "conheça muitos livros". O que ele dizia, continuamente, era: "Conheça a si mesmo". Agora, você pode ser esse tipo de comerciante que não

possui algum livro, mas alguma doutrina do reino dos céus pode ser, para você, sua pérola de grande valor. A verdadeira e completa doutrina da fé do Novo Testamento, por exemplo. O quão a fé do Novo Testamento, realmente, é evangélica, justificadora e santificadora. O quão é, realmente, o verdadeiro objeto e quão são os seus verdadeiros atos e operações. A verdadeira natureza da fé do Evangelho tem sido uma pérola perfeita de grande valor para alguns grandes homens quando finalmente a encontraram. Foi assim com John Wesley. "Pregue a fé até encontrá-la", disse Peter Bohler, o mestre morávio de Wesley, para ele; "e então pregue porque você a encontrou". E todo o mundo sabe como John Wesley vendeu, por assim dizer, todas as outras doutrinas a fim de manter e pregar a fé imediata e salvadora, e com que resultados imediatos e salvadores de almas. Outro encontrará sua pérola de grande valor na doutrina espiritual do amor santo, como foi o caso do mestre inglês de John Wesley, William Law. Como Law também fez em todo um mundo de doutrinas, hábitos e práticas, relacionadas com a oração secreta. E como George Whitefield, o predecessor de John Wesley na pregação de campo, descobriu essas riquezas insondáveis para ele nas doutrinas paulinas de eleição, segurança e perseverança até o fim. E como tantos homens, como Owen, Goodwin e Edwards descobriram as profundas doutrinas espirituais conectadas com a entrada em seus corações da santa lei de Deus, e conectadas com a consequente pecaminosidade do pecado, e então conectadas com a obra do Espírito Santo continuamente realizada em seu coração. E assim por diante. Até que cada comerciante genuíno tenha suas próprias pérolas especiais da verdade divina; não para negar ou desprezar as compras de outros homens; mas porque suas próprias pérolas de grande valor o atraíram e enriqueceram.

Mas depois de tudo o que foi dito sobre pérolas de grande preço e sua compra, a própria alma de cada comerciante é sua pérola mais preciosa. E nosso Senhor nos aconselha a vender todas as nossas outras pérolas, boas e más, grandes e pequenas, e comprar nossa própria alma para a vida eterna. "O que um homem lucrou", nosso Senhor exige de cada homem entre nós, "se ele ganhar o mundo inteiro e perder sua própria alma? Ou o que o homem dará em troca de sua alma?". Nosso Senhor foi o último a subestimar o mundo que Ele fez, e do qual Ele é o Herdeiro, e ainda assim, Ele

diz que se alguém tivesse todo este mundo em uma mão, e sua alma imortal na outra, ele seria um tolo de primeira se se agarrasse ao mundo inteiro, e deixasse ir sua alma imortal. E não temos que percorrer mar e terra para ir em busca desta pérola de grande valor. Já a temos em nossas mãos, e tudo o que precisamos fazer para sermos os mais ricos dos mercadores é mantê-la em boas mãos. A menos, de fato, que já a tenhamos perdido. Como nós temos. Infelizmente, como todos nós temos. Oh, que mercado fatal é aquele que circula ao redor de todo homem que tem uma alma a vender para sua perda eterna, ou para manter seu enriquecimento eterno. Oh, que mercado louco é aquele em que as almas dos homens, que valem mais do que o mundo inteiro, são vendidas todos os dias por nada, e por muito menos do que nada. E foi assim que nosso Senhor não se contentou em nos advertir quanto ao valor de nossas almas; mas Ele mesmo entrou no mercado de almas e comprou de volta nossas almas a um preço que, para sempre, colocou Sua imensa estima sobre elas. Ele, o único que conhece o valor imutável delas, veio e as redimiu a um preço que valia muito mais do que o mundo inteiro, e todas as nossas almas por uma pechincha. Pois Ele as redimiu ao preço de Seu próprio sangue precioso.

Mas então tudo isso só termina, como cada parábola dele terminou, em fazer de nosso Abençoado Senhor A PÉROLA de todas as pérolas para nós. Todas essas pérolas parciais e, por assim dizer, preliminares, tomam seu valor para nós inteiramente d'Ele. Todas elas colocam seus valores n'Ele. Todos os bons livros são realmente bons para nós, apenas na medida em que falam conosco sobre Jesus Cristo. Se eles não falam conosco sobre Ele — leve-os embora. Acenda o fogo com eles. Eles não valem o seu quarto de casa. Todas as nossas doutrinas também são de qualquer tipo; doutrinas da ciência, da política, das letras, da arte, da teologia, da moral — todos são sãos e seguros para um homem ir sozinho e ensinar seus filhos a passar, apenas na medida em que Jesus Cristo está neles. O próprio Pregador foi a Pérola daquele sermão e daquele dia. "Para quem podemos ir", disse Pedro quando estava sob a iluminação do Pai, — "Mas a Ti? Tu tens as palavras de vida eterna". Todos vocês, então, que buscam boas pérolas, seja no mundo dos livros, ou das doutrinas, ou de qualquer outro tipo de coisas boas; aqui, sob seus próprios olhos; aqui, em suas mãos, está a maior e melhor Pérola de

todo o mundo. Pois Jesus Cristo reúne em Si mesmo toda a verdade, e toda a beleza, toda a satisfação que o seu coração há tanto tempo busca em vão. Ele é a Pérola do Pai de alto valor. Ele é o crisólito perfeito do céu à venda na terra. Quem, então, venderá tudo o que possui e será para sempre o mais sábio dos mercadores? Não, quem levará consigo a maior Pérola de Deus esta noite como um presente gratuito de Deus, sem dinheiro e sem preço? Porque o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Jesus Cristo nosso Senhor.









VIII. O homem que sai para pedir três pães à meia-noite

Por trinta anos ou mais, nosso Senhor tem acumulado materiais para Seus futuros sermões. E ele começou a coletar seus materiais com algo assim como um de seus princípios orientadores: —

O que supera o alcance
Do sentido humano, vou delinear assim,
Ao comparar o espiritual com as formas corporais,
Como pode expressá-los melhor; embora a Terra
Seja apenas a sombra do céu, e as coisas nele
Um ao outro gosta, mais do que na Terra se pensa?

Nosso Senhor sabendo que era esse o caso, e tomando isso como um de Seus princípios orientadores em Sua pregação, aconteceu que o que chamamos de Suas parábolas não eram, na realidade, parábolas d'Ele, mas eram Suas observações da vida humana e Suas experiências de vida, com Suas divinas intuições de graça e verdade irradiando e iluminando a todos. Em nossa maneira artificial e superficial, pensamos em nosso Senhor inventando Suas parábolas à medida que prosseguia com Seus sermões, e ia lançando-as exatamente como Lhe ocorriam no momento. Mas essa não era a sua maneira de pregar. Sua maneira de pregar e de se preparar para a pregação era uma maneira muito melhor do que isso. Pois, não raramente, Suas parábolas eram Suas próprias experiências pessoais, e Suas próprias observações imediatas, coletadas e armazenadas em Sua mente, em Sua memória e em Seu coração, e para serem posteriormente elaboradas em Seus sermões. À medida que nos encontramos trabalhados com todo o frescor, imponência e autoridade que a experiência pessoal sempre dá à pregação, seja essa pregação incomparável do próprio Senhor, ou uma pregação tão pobre como a nossa.

Nosso Senhor, diz o evangelista, estava orando em certo lugar. Nosso Senhor estava sempre orando, em todos os lugares, e o evangelista sabia disso muito bem. Mas ele é um escritor experiente e habilidoso, e o que escreve aqui está escrito, cada palavra, com um propósito intencional. O evangelista, aqui, dá aos seus leitores este relato daquele dia, tal como o havia recebido de um testemunho

ocular e auditivo das ocorrências, e apresenta esta narrativa importantíssima com uma certa circunstancialidade de estilo estudada. Havia algo fora do comum nas devoções particulares de nosso Senhor. Ele esteve muito mais tempo ausente de Seus discípulos do que costumava. E, além disso, quando se juntou a eles novamente, havia algo sobre Ele que chamou especialmente a atenção de um de Seus discípulos. Quem quer que fosse aquele discípulo, foi até seu Mestre e disse-lhe: "Senhor, ensina-nos a orar, como Tu mesmo tantas vezes oras". E foi assim que ele chegou ao local, "Pai nosso, que estás nos céus", como resposta de seu Mestre ao seu pedido. Uma grande recompensa para ele e para nós por sua santa ousadia e por sua oportuna petição naquele dia. E não apenas o Pai Nosso; mas aquele discípulo, ricamente favorecido, obteve para si mesmo, para seus condiscípulos e também para nós, o que chamamos de parábola do amigo à meia-noite. Nosso Senhor não só ensinou aquela oração das orações, mas — para reforçar a lição, Ele contou-lhes uma história de Seu rico tesouro de tantas histórias; uma história que tem todo o frescor, toda a semelhança com a vida e toda a nitidez de uma experiência pessoal. Ele disse, virando-se para os doze, "Qual de vocês terá um amigo e lhe dirá: 'Amigo, empresta-me três pães'. Pois um amigo meu, em sua jornada, veio até mim, e eu não tenho nada para dar a ele?". Agora, há motivos muito bons para acreditar que a casa do carpinteiro era uma das casas mais pobres de toda Nazaré e Cafarnaum. Doença, morte, fiança, perdas nos negócios e problemas e mais problemas, de todos os tipos, tomaram conta da família de José, e, com toda a sua atividade e frugalidade, sua família parecia ter sido a mais pobre entre qualquer parente ou qualquer de seus conhecidos. Tanto é verdade que nada é mais provável do que o fato de José ter sofrido, mais frequentemente do que uma vez, a própria indignidade que aqui é descrita com tanto sentimento. E não apenas José, mas aquele, que aqui conta esta história comovente, foi encontrado sob o teto de José como um de seus filhos, e em todos os seus dias na terra Ele foi um dos mais pobres dos homens. Não. Pode ter certeza, Ele não inventou a parábola do homem pobre, importuno, à meia-noite. Ele não precisava inventar. Ele mesmo era, em todos os pontos, feito como aquele homem pobre e importuno. Pobre e importuno, não para si mesmo, mas para os homens mais pobres do que ele, que se lançaram sobre ele.

Nosso Senhor foi um pregador experimental. Assim como Ele foi e é um padre experimental.

É uma história muito boba, mas ao mesmo tempo muito divertida. Já foi dito algumas vezes que nosso Senhor nunca riu. Talvez não. Mas nós dois rimos e choramos ao mesmo tempo por causa dessa cena enquanto Ele aqui a coloca diante de nós: O indivíduo bem alimentado está deitado em sua cama quentinha e já está adormecendo, quando uma batida na porta é tão forte que acorda até os cachorros na rua. E então sua negação raivosa só é respondida com batidas cada vez mais altas. Até vermos que o chefe de família bem alimentado e calorosamente deitado está completamente à mercê daquele seu vizinho terrível que está à porta. Seu próprio amor por sua cama o deixa aberto a todas as batidas que ressoam em sua casa bem cuidada e bem iluminada. "Eu digo que não posso abrir!" Ele grita. Sim, mas terá que se levantar em algum momento se o homem na porta apenas aguentar. Deixe-o apenas segurar a batida forte, e tempo suficiente, e tão certo quanto aquele chefe de família ama sua cama quentinha, o viajante na outra casa terá sua ceia. E não apenas três pães. Mas, uma vez que o homem sonolento sai da cama, ele joga mais pães do que deseja no homem que bate na porta. Seu amor pela cama o deixa com medo de que esse vizinho barulhento volte antes que a noite acabe. Quantos viajantes você disse que vieram até você? E de quantos pães eles vão precisar? Três? Pegue quatro. Pegue seis. Oh, não, diz o peticionário, três bastam. Pegue quatro, de qualquer maneira, diz o chefe de família seminu e de coração generoso. Pegue o máximo que puder carregar, para não ter que voltar. E ele enche o homem na porta com uma braçada de seu melhor pão. "Boa noite!" Fecha a porta e volta para a cama, contente a qualquer custo por se livrar de um vizinho em tão pouco tempo e sem cerimônias.

"Importunidade" não pode ser chamada, exatamente, de má interpretação. Só que não é, de forma alguma, a melhor tradução da escrita original. Nem nos traz, de forma alguma, toda a instrução pretendida da cena. Não devemos diluir as palavras de nosso Senhor, mesmo quando são muito fortes para nossa digestão débil. O que nosso Senhor realmente disse não foi importunação, mas "descaramento". "Digo-vos que por causa de seu descaramento ele se levantará e lhe dará quantos precisar". "Pense na vergonha, ho-

mem!" os transeuntes exclamaram ao ouvi-lo fazer aquele barulho tão vergonhoso na rua à meia-noite. Os vizinhos também olharam pelas janelas e gritaram para ele "Pense na vergonha!". E eles estavam certos. Pois não foi nada menos que uma batida desavergonhada que o determinado homem deu. Na verdade, era a própria falta de vergonha, o descaramento, ou seja, o barulho da batida, esse foi o sucesso. Ser descarado dessa forma e naquele grau era a sabedoria do homem, e, portanto, seu descaramento absoluto é o ponto de nosso Senhor com Seus discípulos e conosco. Não importa quem chora vergonhosamente, diz nosso Senhor para nós. Continue batendo, com vergonha ou sem vergonha. "Pense na vergonha, mulher!" o diabo disse a Santa Teresa. Uma mulher, no seu tempo de vida, tendo que fazer tal confissão. E presunçosamente esperando o perdão por tais pecados vergonhosos. Pense na vergonha! Ou, se você ainda pretende orar por perdão, de qualquer forma, espere um pouco. Não vá a Deus, você ainda está fedendo com tanta impureza. Lave primeiro com água benta. Realize um período de penitência primeiro. "O diabo nunca teve tanto minha alma para sempre, como logo após outra queda minha, e quando clamou, por vergonha, ó mulher, por vergonha". Estas são suas palavras muito idênticas a nós neste assunto: "Nunca deixe ninguém deixar de orar sob qualquer pretexto; grandes pecados cometidos, ou qualquer pretensão que seja. Digo-lhes novamente que deixar de orar após o pecado foi a tentação mais diabólica que já encontrei".

Importunidade, então, e importunação desavergonhada, isso na oração da meia-noite é a grande lição desta escritura. Na verdade, todo o ponto da história, aqui contada por nosso Senhor, gira em torno do tempo, da hora, em que a batida aconteceu. A coisa nunca poderia ter acontecido durante o dia. É uma história de importunação da meia-noite, e é contada para nos ensinar a grande lição da oração importuna da meia-noite. Viajar, com todos os incidentes que o acompanham, ocorre principalmente à noite no Oriente, e a oração importuna no Ocidente. E esta lição que nosso Senhor nos dá é tanto para nos ensinar a orar à noite quanto para orar com importunação, e por excelentes razões. Os Salmos, quando começamos a prestar atenção ao que lemos e cantamos, estão repletos de noite, de madrugada, e de manhã. Fiquei muito impressionado, não mais que na noite anterior, com o que eu nunca havia

sentido com tanta força antes. Eu estava lendo o quinto e o sexto versículos do sexagésimo terceiro salmo no culto familiar. Acho que a leitura de um único versículo às vezes impressiona mais nosso coração em casa do que um Salmo inteiro. Bem, eu estava lendo, para eles, aqueles dois versículos, e me ocorreu inverter-lhes e ler o sexto versículo primeiro e depois o quinto, desta forma: "Quando me lembro de ti na minha cama, e medito em Ti nas vigílias noturnas; minha alma, sempre que faço isso, está satisfeita de novo como tutano e gordura". Tal como dizer — "Quando minha alma tem sede de Ti; quando minha carne ansiar por Ti; quando minha alma é como o homem da parábola que tinha um viajante faminto em sua casa e nada tinha para lhe apresentar; então eu me lembro do Senhor. Lembro-me de Seu nome e de tudo o que Seu nome contém. Lembro-me de Seu nome misericordioso e gracioso, e invoco como aquele homem que clama por Seu nome misericordioso e gracioso. Eu medito e lembro, e isso nas vigílias noturnas, até que minha alma esteja novamente satisfeita como tutano e gordura". O sexagésimo terceiro salmo é apenas o décimo primeiro de Lucas antes do tempo. O décimo primeiro de Lucas está todo nos Salmos. Assim que obtivermos todos os melhores ensinamentos do Novo Testamento sobre a oração, retornaremos e encontraremos tudo já nos Salmos. Não teríamos encontrado nos Salmos, mas para o Novo Testamento; apenas, uma vez que temos toda a doutrina da oração do Novo Testamento ensinada a nós, ficamos totalmente surpresos com Davi e seus companheiros de oração. Com Davi, então, e com o Filho de Davi, ambos nos ensinando a orar, nós mesmos certamente devemos ter algum sucesso e proficiência na oração. Com isso, e com tantas outras experiências, testemunhos e exemplos de homens de oração que possuímos, e de homens de oração à noite, certamente devemos aprender a orar. Leve isto para casa com você, do Padre John da Igreja Grega: "Ao orar à noite", ele diz ao seu povo, "não se esqueça de confessar, com toda a importunação, sinceridade e contrição, os pecados em que você caiu durante o dia anterior. Alguns momentos de arrependimento importuno, antes de dormir, e você será purificado de toda a sua iniquidade. Ficará mais claro que a neve. Será coberto com o manto da justiça de Cristo e novamente unido a Ele. Frequentemente, durante o dia, eu mesmo fui um grande pecador, e à noite, após uma oração importuna, fui descansar, banhado e restaurado, com a mais profunda alegria e a

mais perfeita paz enchendo meu coração. Quão necessário será que nosso Senhor venha e nos salve na noite de nossa vida e no declínio de nossos dias! Oh, salve-me, salve-me, salve-me, gracioso Senhor, e receba-me no final dos meus dias em Teu reino celestial".









IX. A viúva importuna

Com toda a sua impiedade e com toda a sua desumanidade, havia uma viúva, naquela cidade, que trouxe o injusto juiz ao seu bom senso. Seu orgulho interior era que ele não temia a Deus nem considerava os homens, mas havia uma viúva naquela cidade que fazia ele temê-la e respeitá-la. Havia muitas viúvas que tinham adversários[49] na terra e dias de nosso Senhor, e Ele deve ter conhecido mais de uma delas. Sua mãe, Maria, pode muito bem ter sido uma delas. Quem sabe se ela mesma era esta viúva com um adversário? Nada é mais provável. De qualquer forma, quem quer que fosse essa viúva, a essa altura, já estava quase fora de si pela adversidade, opressão e roubo. Ela passou toda a vida com mediadores da lei, mas o juiz injusto era companheiro de ladrões e não queria ouvir seus defensores. E, se não fosse por seus filhos órfãos e famintos, ela logo teria sido colocada fora de vista e fora da audição ao túmulo esquecido de seu marido morto. Foram seus filhos órfãos e famintos que fizeram sua mãe ser como uma ursa roubada de seus filhotes. "Vingue-me do meu adversário!". Ela ficou no caminho da carruagem do juiz injusto o dia todo e gritou: "Vingue-me do meu adversário!". Ela irrompeu nos negócios de sua corte e gritou: "Vingue-me do meu adversário!". Ela ficou sob a janela dele a noite toda e gritou: "Vingue-me do meu adversário!". E ele não fez nada por um tempo. Mas depois daquele dia, esta mulher selvagem de repente saltou sobre ele com uma faca escondida entre seus trapos — depois daquele dia ele disse: "Como essa viúva me perturba, eu a vingarei, para que ela não me canse com sua vinda contínua". Há um toque de sangue na tinta original desse escrito, que se perde na tradução mansa, porque havia um brilho de sangue nos olhos selvagens da viúva naquele último dia de advertência e apelo ao juiz injusto. E disse o Senhor: "Ouvi o que diz esse juiz injusto". E Deus não vinga Seus próprios eleitos que clamam dia e noite, embora Ele os tolere? Eu digo a você que Ele os vinga rapidamente.

Ora, de forma alguma toda mulher tem, em si, o aspecto de uma "viúva de fato". E não é, de forma alguma, toda alma, sob santificação, que clama pela vitória sobre o pecado dia e noite. Existem muitos — até mesmo almas graciosas entre nós — cujo caso desta Escritura não corresponde de forma alguma. Mas há algumas ou-

[49] São chamados "adversários", os assassinos dos maridos das viúvas (N.T.).

tras almas que dizem a seu Senhor assim que Ele lhes fala sobre a viúva e seu adversário: "Eis que agora falas claramente, e não falas nenhuma parábola. Agora, estamos certos de que sabes todas as coisas, e não necessitas que ninguém Te interrogue; pois nisto cremos que saíste de Deus". Essas almas têm certeza de que Ele sabe todas as coisas sobre elas, de qualquer forma; e por Seu conhecimento delas e de seus adversários, elas acreditam que Ele veio de Deus para elas. E, como aquele que veio de Deus e que conhece as coisas secretas de Deus, Ele aqui nos anuncia quem é eleito por Deus entre nós, e quem não é. Cada alma eleita, diz Ele, é como aquela viúva daquela cidade. Pois toda alma eleita é pobre, oprimida, despossuída e desolada. É, ou deveria ser. Como aquela viúva teve um adversário que fez tudo isso por ela, ainda assim, toda alma, eleita para uma grande salvação, tem um adversário que faz tudo isso, e muito mais. Eu não sei, e não posso te dizer o nome do adversário daquela viúva naquela cidade. Mas se você não sabe, direi o nome do adversário universal de todos os eleitos de Deus. É o pecado. Essa viúva tinha apenas um adversário, e o mesmo ocorre com os eleitos. Você nunca ouve, de seus lábios, um pedido de vingança contra qualquer adversário deles, exceto um. E todas as almas eleitas têm um em comum. E isso é tão bom para todos eles quanto o selo de sua eleição, que seu único e real adversário é o pecado. Agora, todos vocês gostariam de ter certeza, não gostariam, de que estão entre os eleitos de Deus? Todos vocês gostariam de dar uma olhada, por um momento, no livro dos decretos de Deus, para ler seu nome ali. Mas você não precisa subir ao céu para ter certeza de sua eleição. Quem é seu adversário? Quem torna sua vida um fardo para você? Quem persegue, oprime e empobrece sua alma dia e noite, continuamente? Contra quem é que tu, quase louco, clama sem cessar vingar-te do teu adversário? O pecado é a mancha dos filhos de Deus. O pecado, e a desgraça que ele produz na alma, é o selo dos eleitos de Deus. Você tem aquele lugar? Você tem aquele selo? O seu pecado o desapossou, empobreceu e colocou você fora de si? Não obstante, o fundamento de Deus permanece seguro, tendo este selo. Agora, você é assim? Olhe bem para dentro de si mesmo e veja. Entre todos os seus adversários, quem é que o leva dia e noite a Deus, como esta mulher ao juiz? Você acha que nosso Senhor o inclui entre os eleitos de Seu Pai? Se eu acho que Ele

inclui? Tenho certeza que sim, se o seu adversário, pelo qual você clama para se vingar, for o pecado.

"Vingue-me!", a viúva clama. Seu coração está cheio de seus grandes erros. Seu coração está cheio de uma grande raiva. Seu coração está cheio de fogo. E ela aqui coloca suas palavras quentes em nossa boca. Ela ensina nossas almas, torturadas pelo pecado, a como orar. Ela nos diz: "Lembre-se de mim. Me imite. Eu finalmente me vinguei do meu adversário. Não descanse até que você se vingue de você". Ela estando morta, ainda fala. Vamos imitá-la. Vamos invocar a Deus como ela chamou o juiz. Que possamos nos deter dia e noite diante de Deus em nossos grandes erros. Repitamos, sempre, diante d'Ele, o que sofremos nas mãos de nosso adversário. Diga a Ele que já passou da hora. Diga a Ele que você está fora de si. Diga a Ele que tudo o que Ele pode fazer pelo seu adversário não irá satisfazer seus sentimentos ferozes. "Ó pecado! Ó pecado! Como você perseguiu minha alma até o chão! Como roubou e desolou a minha alma! Como fez da minha vida um fardo para mim! Como às vezes me deixaste fora de mim com tua escravidão cruel e amarga! Como minha alma às vezes busca a morte para escapar de ti! Ó tu tirano imundo e cruel, eu certamente serei vingado de ti ainda!".

E Ele falou-lhes esta parábola para este fim, que os homens devem sempre orar. Nem uma vez; não duas vezes; não sete vezes; não mil vezes. Mas sempre até que sejamos vingados de nosso adversário. Não devemos orar contra um pecado que nos assedia por um tempo, e depois nos desesperar e permitir que ele siga seu próprio caminho conosco. Devemos orar sempre. Devemos orar até que não precisemos mais orar. Assim que uma dessas orações é feita, devemos começar outra. Assim que dissemos "Amém!", devemos dizer com a nossa próxima respiração, "Ó Tu que ouves a oração; a ti virá toda a carne" [Sl 65.2]. Assim que nos levantamos, devemos voltar a ficar de joelhos. Assim que abrimos a porta para sair de nosso quarto, devemos fechá-la novamente e voltar ao nosso Pai, que vê em segredo. Para quem mais podemos ir? Para quem mais podemos contar tudo, como nossas iniquidades ainda continuam a prevalecer contra nós?

Sempre, ou como é traduzido no versículo oitavo: dia e noite. O dia todo e a noite toda; a primeira coisa pela manhã e a última coisa antes de deitar. A primeira coisa pela manhã e depois o dia

todo. Quando você abrir seus olhos, antes disso, sempre diga isto: "Quando eu acordo, ainda estou contigo". Quando você se levantar da cama, sempre diga: "Desperte, minha alma", e, como o sol, corra o seu estágio diário de dever. Quando lavar as mãos e o rosto, diga: "Lava-me e ficarei limpo". Quando você banhar todo o seu corpo, diga: "Há uma fonte cheia de sangue, e os pecadores mergulhados nessa inundação perdem todas as suas manchas de culpa". Quando você se vestir, diga: "Ele me vestiu com as vestes da salvação e me cobriu com o manto da justiça". E então, quando sair para o trabalho diário, diga como Davi: "Por Ti espero o dia todo". Qual é a tua ocupação? Ao que quer que seja dito, quando você entrar novamente no trabalho, o reino dos céus será igual, e lá, mais do que na terra, será melhorado. Você é carpinteiro? diga que Ele também. Você é lavadeira? Diga que Sua vestimenta estava brilhando, excessivamente branca como a neve; de modo que nenhuma, na terra, poderia ser mais branca. Você é cozinheiro? Quando se queimar, diga como o irmão Lawrence: "Quem de nós habitará com o fogo devorador? Quem, entre nós, habitará com as chamas eternas?". E diga, também, como ele: "Até os cães comem migalhas". Você é um pregador? Diga que, de qualquer forma, quando pregou a outros, você mesmo foi um náufrago. Você é médico? Diga, médico, "Cure-se". E digamos que Esculápio curou muitos, e então finalmente sucumbiu. Diga à porta de cada paciente como o *sir* Thomas Browne dizia: "A paz esteja com esta casa, e saúde do Deus da salvação". Você é um banqueiro? Diga a si mesmo: "Ó, servo mau e indolente, devias ter colocado meu dinheiro na bolsa, e então, na minha vinda, receberia o meu com usura". Você é um aurista? Diga: "Aquele que fez ouvido, não ouvirá?". Você é oculista? Diga: "Aquele que formou o olho, não o verá?". Você tem cavalos, ou anda ou dirige cavalos? Dizei: "Não sejais como o cavalo ou como a mula, que nada entende; cuja boca deve ser contida com freio". E você não é bom em dirigir? Então diga, como o palhaço inglês: "Eu mergulhei na vala, ó Jesus Cristo, toma as rédeas!". Quando na rua você vir um prisioneiro nas mãos de seu carcereiro, diga: "Lá vai John Newton, mas pela graça de Deus". Não, foi quando John Newton viu um cadafalso que disse isso. Quando for a um funeral, tire o chapéu e diga: "As areias do tempo estão se afundando". Quando encontrar um casamento, diga: "Eis, o noivo vem!". Quando o sol se põe no oeste, diga: "Não haverá noite no céu". Quando deitar a cabeça no

travesseiro, diga, mesmo que apenas por respeito à sua santa mãe: "Esta noite me deito para dormir, rogo ao Senhor que guarde minha alma". Quando não conseguir dormir, diga: "À meia-noite me levantarei e Te louvarei". E quando acordar pela manhã, diga: "No entanto, ainda estou contigo". E não deve Deus vingar Seus próprios eleitos, que clamam dia e noite a Ele, embora Ele os tolere? Eu digo a você que Ele os vingará rapidamente.

Há um conhecido sistema de medicina que, paradoxalmente, como se poderia pensar, para a cura, prescreve-se um pouco mais daquilo que causou a doença. Não sei se isso é ciência sólida ou se é como seus inimigos a chamam. Esse não é o meu campo. Mas isto é. E estou seguro e certo de dizer que seja a homeopatia um remédio correto ou não, ela se aplica à divindade, e especialmente neste departamento da divindade, oração infatigável por santificação. Se você está desmaiando em oração pela santificação, recomendo e prescrevo a frase de Samuel Hahnemann: *Similia similibus curantur*[50]. Só não em pequenas doses. O oposto disso. Pequenas doses, em oração, serão sua morte. Exatamente aquilo que fez com que toda a sua cabeça adoecesse e todo o seu coração desfalecesse — orações até então respondidas ou não respondidas, ore por você. A resposta não é da sua conta. É a oração importuna e infatigável que é o seu único negócio. E, sempre, oração cada vez mais importuna é infalível. *Similia similibus*. Misture seu remédio com cada refeição. Faça toda a sua refeição com o seu remédio. Deixe-o pronto ao lado da cama a noite toda. Tome a última dose à noite e a primeira pela manhã. E se você ouvir as horas batendo à noite toda, concentre-se em seu febrífugo seguro e sonífero. Em palavras simples, quando desmaiar em oração por um coração santo, continue ainda mais instantaneamente nessa oração. Ore sempre por um coração santo, com toda oração e súplica no Espírito, e observe isso com toda perseverança. Na próxima vez que você sentir que seu coração está prestes a desmaiar com esse tipo de oração, lembre-se de Quem disse isso a você e onde Ele o disse. Isso significa que os homens devem sempre orar contra este adversário, e não desmaiar.

[50] Expressão, em latim, que designa o princípio fundamental da homeopatia: os semelhantes curam-se pelos semelhantes (N.T.).

No entanto, quando o Filho do Homem vier, ele encontrará essa oração na terra? Não sei. Eu não posso dizer. A terra é grande demais para que eu fale por ela, e está muito longe de mim. Minha questão é: Ele encontrará tal oração em mim? Ele deve me encontrar na minha cama ou de joelhos? Devo ler esta parábola dele pela décima milésima vez para evitar que meu coração desmaie? Deverá vingar-me de meu adversário, em meus lábios, no momento em que o anjo do julgamento colocar a última trombeta em seus lábios? E serei achado por Ele de joelhos e com o dedo sobre esta escritura, quando a trombeta soar e eu ser transformado?









X. O filho pródigo

Um certo homem tinha dois filhos. E o mais jovem deles disse ao pai: "Pai, dê-me a parte dos bens que me pertence". E ele repartiu entre eles o seu sustento. E, não muitos dias depois, o filho mais novo reuniu tudo e fez sua jornada para um país distante, onde desperdiçou seus bens com uma vida desregrada. O menino camponês ouvira histórias furtivas e sedutoras sobre as delícias da vida na cidade. "Um jovem com um pouco de dinheiro", disseram-lhe, "pode comandar o que quiser na grande cidade. Um rapaz que nunca saiu de casa, não pode ter ideia dos prazeres que a cidade proporciona aos rapazes cujos pais têm dinheiro. Os jogos, os shows, os teatros, os circos, as festas, as danças, a liberdade de todos os tipos; não há absolutamente nada que o coração de um jovem possa desejar que não esteja aberto para aquele que traz consigo uma boa bolsa de dinheiro para a cidade". Todas essas intoxicações foram derramadas na imaginação deste jovem, e ele era apenas um bom aluno de tais instruções.

"Quanto tempo meu pai vai viver?". Ele começou a perguntar. "Por quanto tempo aquele velho vai continuar no meu caminho? Não é razoável que um jovem seja mantido por tanto tempo fora do que realmente pertence a ele". Não é justo tratar um homem adulto como se ainda fosse uma criança. "Pai, dê-me a parte dos bens que me pertence". Foi um discurso sem coração. Mas as visões secretas do pecado logo endurecerão o coração mais terno do mundo. *Cogitatio et imaginatio*[51], de acordo com Tomás de Kempis, "são os dois primeiros passos do coração de um jovem em seu caminho para a cova". Mantenha os pensamentos e a imaginação de um jovem limpos, ele estará seguro e será um bom filho. Mas uma vez poluída, por livros ruins ou más companhias, a mente e a imaginação de um jovem, nada neste mundo irá impedi-lo da perdição.

E, não muitos dias depois, o filho mais novo reuniu tudo e fez sua jornada para um país distante, onde desperdiçou seus bens com uma vida desregrada. Deixe alguém que viveu, por muito tempo, naquele país distante descrevê-lo: "Um coração obscurecido é o país distante. Pois não é por nossos pés, mas por nossas afeições, que ou deixamos a Ti ou voltamos para Ti. Nem aquele filho mais

[51] Em tradução direta do latim, "Pensamento e imaginação" (N.T.)

novo procurou por carruagens, ou navios, ou voou com asas visíveis, para que ele pudesse ir para o país distante. Afeições impuras e um coração abandonado por Deus, essa é a terra distante. Este foi o mundo em cujo portão eu pisei na imaginação, quando ainda era um menino. E este foi o abismo da minha vileza quando fui expulso diante de Teus olhos. Quem era tão vil diante de ti como eu? Era vil até para mim mesmo".

E quando ele gastou tudo, surgiu uma grande fome naquela terra; e ele começou a sentir necessidade. "A poderosa fome" é um português perfeito. É um daqueles grandes golpes de tradução que às vezes ultrapassam o original. "Uma grande fome" coloca uma imagem perfeita daquele país distante diante de nós. Agora, que chance, em meio a uma grande fome, teve um filho pródigo que já havia desperdiçado todos os seus bens com uma vida desregrada? Que esperança havia para ele? O que um perdulário sem um tostão poderia fazer? Até que, coberto de trapos, e com todos os seus ossos olhando até que pudessem ser contados, ele se jogou sobre um cidadão daquele país e disse: "Apenas me dê um pedaço de pão e água, e eu farei qualquer coisa que você queira. Tenho pai em casa, mas é longe. Oh, pelo amor de meu pai, e ele vai retribuir, me dê algo para comer". E ele o mandou para seus campos para alimentar porcos. "Se eu vi um menino de boa vontade, com os símbolos de uma natureza refinada sobre ele, lançados sobre o mundo sem provisões, incapaz de dizer de onde veio, ou quem eram seus parentes, eu deveria concluir que havia algum segredo ligado à sua história, e que ele era um dos quais, por uma causa ou outra, seus pais se envergonhavam". Essa é a imagem, do doutor Newman, sobre a raça humana que se afastou de Deus e foi para um lugar distante.

"E quando ele veio a si mesmo". — Sublinhe estas palavras. Imprima essas palavras em maiúsculas. Grave essas palavras em letras de ouro. Pois até agora o pecado abundou, mas, doravante, a graça é muito mais abundante. E já a graça abundante, que o filho pródigo encontrará, tão cedo está começando a cair de Seus lábios, que aqui se conta a triste história do filho pródigo. Veja a bela maneira como a terrível verdade é suavizada ao ser contada. Cada palavra é tão terna e quase apologeticamente escolhida. Você não repreende um filho seu quando ele é trazido para casa são e salvo do exílio. O que quer que ele tenha dito ou feito durante sua doença lá,

você se recusa a ouvir. Você diz, "Meu pobre filho possesso!". Você diz: "Meu filho naquela época não era o responsável". E você fecha seus ouvidos a todas as histórias sem coração que contam sobre o que ele disse e o que fez quando ainda estava fora de si. Você repreende seus acusadores cruéis. Você diz a eles que ninguém atribui, a um homem recuperado, as coisas que seriam avaliadas e punidas por um homem totalmente sensato. Estas palavras escolhidas pela graça, "Quando ele voltou a si", já nos preparam para o rápido retorno e restauração completa deste filho infeliz, cuja enfermidade e aflição, ao invés de seu pecado e culpa, são o assunto de sua história como é aqui contada para nós.

"Mas quando ele ainda estava muito longe, seu pai o viu". E nós o vemos. Nosso Senhor o vê e nos faz vê-lo. Olhe para ele! Olha como ele corre! Ele corre como um homem correndo para salvar sua vida. Esquece seus pés sangrando e sua barriga faminta. Supera todos na mesma estrada. Corre como nunca antes. Mas quando avista a casa de seu pai pela primeira vez, suas forças de repente falham. Ele fica parado, afunda, bate no peito. Grita com uma dor insuportável até que os transeuntes se apressam de medo. O homem está possuído, alguém lhe diz: "Por quanto tempo ficarás bêbado?". Diz outro: "Mas ele não os vê. Ele não os ouve. A única coisa que ele vê é a casa de seu pai em meio às lágrimas e aos soluços". E tudo o que qualquer uma das pessoas, nos campos ou na estrada, pode entender dele é sempre isto: "Contra ti, somente contra ti, pequei e fiz este mal aos teus olhos!".

E, então, durante esse longo tempo, em um país distante, os cabelos grisalhos de seu pai estavam caindo em tristeza para o túmulo. Seu pai nunca mais foi o mesmo homem desde aquele dia ruim em que seu filho saiu da portai sem beijá-lo. Desde aquele dia, ele subia e descia por sua casa como um homem de coração partido. Seus próprios ceifeiros choraram por ele ao vê-lo andando, para cima e para baixo, sozinho em seus campos de colheita. Todas as noites, ele também se sentava e olhava pela janela até que a escuridão caísse novamente em toda a terra. E, por toda a escuridão, ele esperou ouvir um passo que nunca veio. Mas, finalmente um dia, — "Aquele não é outro senão meu filho há muito perdido!". E quando ele ainda estava muito longe, seu pai o viu, e com grande compaixão, correu e lançou-se-lhe ao pescoço e beijou-o.

E agora, entre muitas outras coisas, nosso Senhor, tenho certeza, deseja que aprendamos, com a história dessa família, coisas como esta — O mal indizível de uma mente manchada desde o início com as imagens do pecado sensual. Este jovem já foi tão inocente desse pecado e foi tão leal ao pai e à mãe quanto qualquer um de seus filhos ou meus. Mas em um dia fatal, um homem mau contou a ele uma história ruim. Alguém sussurrou em seu coração alguns dos segredos malignos do reino de Satanás. E então, como diz a Imitação, havia primeiro o conhecimento pecaminoso, e então surgiu dessa imaginação pecaminosa, uma imagem do pecado, e então o coração do jovem pecador teve um prazer secreto no conhecimento e na visão, e então ele procurou por uma oportunidade, e a oportunidade logo apareceu. Um mau companheiro fará isso. Um livro ruim fará isso. Uma foto ruim bastará. Os próprios clássicos às vezes o farão. Está sendo feito todos os dias, em nossas oficinas, em nossas escolas e em nossas faculdades. Uma história ruim vai bastar. Uma música ruim bastará. Uma brincadeira de mau gosto bastará. Na verdade, está no próprio ar que todos os nossos filhos respiram. Está no próprio pão que comem. Está na própria água que bebem. Eles não podem estar neste mundo e escapar dele. Para mim, um dos homens mais santos que já conheci uma vez me disse certas coisas más, apenas com a plenitude do mal de seu coração, quando eu não estava pedindo por elas. Coisas más que eu não teria sabido até hoje se não fosse por aquela conversa. Forneça-me uma faca profunda e afiada o suficiente para cortar aquele ponto corrupto da minha memória, e eu irei, a partir deste momento, jogá-lo fora no lixo do diabo para sempre — como fizemos, finalmente, por cortá-lo. Foi alguém como meu antigo amigo que poluiu a imaginação daquele jovem até que nada pudesse impedi-lo de se tornar o filho pródigo de quem nosso Senhor aqui nos diz todas essas coisas para nosso aviso e para nossa repreensão.

O melhor ponto, em toda esta história cheia de detalhes, é este: "Quando ele estava muito longe, seu pai o viu e teve compaixão dele". E não há nada mais verdadeiro em nossa própria história que apenas isso, e nada mais abençoado para nos ser dito que apenas isso, que nosso Pai também nos vê quando ainda estamos muito longe d'Eele e tem compaixão por nós. Quando estamos apenas começando a lembrar que temos um Pai; quando estamos ape-

nas começando a nos arrepender em relação a Ele; quando estamos apenas começando a orar a Ele; quando estamos apenas começando a crer Nele e em Seu Filho Jesus Cristo nosso Salvador; quando ainda estamos no início de uma penitência, retornando, obediente, puro e piedoso, da vida; Sim, quando ainda estamos muito longe de todas essas coisas, nosso Pai nos vê, tem compaixão de nós e vem ao nosso encontro. Eu não conheço uma escritura mais doce ou mais consoladora em lugar nenhum que apenas essa: "Quando ele ainda estava muito longe". Pois, que graça há nisso! Que encorajamento, que esperança, que conforto, que vida dentre os mortos há nisso! Abençoados sejam os lábios que contaram toda essa história incomparável, e acrescentaram a ela estas palavras de ouro — "um grande caminho".

E, então, para resumir. Toda essa história, em cada sílaba dela, tem seu cumprimento exato e completo em nós, todos os dias. A exposição de um princípio da Escritura considera duvidoso se nosso Senhor pretende, sob esta história de família, apresentar a primeira conversão de um grande pecador, ou as repetidas restaurações de um grande desviado. Mas a verdade é que nosso Senhor pretende apresentar ambos; e muito mais que ambos. Pois não um, nem dois, nem três, mas todos os passos e todos os estágios do pecado e da salvação na alma do homem, são mais impressionantes e inequivocamente colocados diante de nós nesta obra-prima de nosso Mestre. Desde a tentação e queda de Adão até a ceia das bodas do Cordeiro — toda a história da Igreja de Deus, e todas as experiências do pecador e santo individuais, podem ser encontradas apresentadas nesta mais maravilhosa de todas as nossas Histórias do Senhor. John Howe nos avisa que não devemos achar estranho se todos os requisitos para nossa salvação não forem encontrados juntos em uma única passagem da Sagrada Escritura. Mas, por outro lado, assumirei a responsabilidade de dizer que todos os incidentes e todas as experiências desta história evangélica se encontram juntos em cada alma do homem que está sob uma salvação plena e perfeita. Em uma história bem contada como essa, tudo o que o filho pródigo passou, do primeiro ao último ato, deve necessariamente ser apresentado em tantas etapas e etapas sucessivas: uma seguindo a outra. Mas esse não é o caso, na vida real, de pecado e graça na alma. A alma é tal que está passando por *todas* as etapas,

e *todas* as etapas do pecado e da salvação ao mesmo tempo. Alguns dos passos e estágios, do pecado e da salvação, podem estar mais presentes e mais urgentes em um momento que em outro, mas eles estão todos em algum lugar ou outro dentro da alma, e estão prontos para brotar nela. Falamos, de maneira superficial, sobre o apóstolo Paulo estar, para sempre, fora do sétimo dos Romanos e para sempre no oitavo. Mas Paulo nunca falou dessa maneira superficial sobre si mesmo. E ele não conseguiu. Pois ambos os capítulos estavam se realizando dentro de seu autor profundo: às vezes em um, no mesmo momento. Às vezes, o velho era o primeiro em Paulo, às vezes o novo homem; às vezes a carne, às vezes o espírito; às vezes a lei, o pecado e a morte tinham Paulo sob seus pés, e às vezes ele era mais que um vencedor sobre todos os três. Mas, o tempo todo, todos os três estavam dentro de Paulo, e cada página que ele escreve, e cada sermão que ele prega, mostra isso. E assim é conosco, tanto quanto esta história, e tanto quanto como a história de Paulo é a nossa história. Pois, como o filho pródigo, sempre ouvimos histórias obscenas sobre um lugar distante. Sempre sonhamos em ter a liberdade de fazer o que quisermos. Estamos sempre recebendo nossa parte dos bens e sempre desperdiçando-os. Procuramos, sempre em vão, encher o estômago com as cascas que os porcos comem. E estamos sempre surgindo e voltando para a casa de nosso Pai. De maneiras infinitas, impossíveis de serem contadas, mas por todos os verdadeiros filhos de Deus a cada dia que ele experimentou, cada passo e cada estágio da experiência do filho pródigo, tanto antes de ele vir a si mesmo, e depois disso, tudo pode ser encontrado no múltiplo, experiência ilimitada e abrangente de cada coração verdadeiramente gracioso. Em Sua sabedoria insondável, Deus colocou todo o mundo do pecado e todo o mundo da salvação em cada coração verdadeiramente renovado. E isso, não em etapas, e etapas sucessivas e superáveis, mas ao mesmo tempo. E esse estado de coisas acumulado, complexo e extraordinariamente doloroso continuará em cada coração verdadeiramente regenerado, até o dia em que amanhecerá quando o maior pródigo de todos nós, e o mais triste santo de todos nós, começarão juntos a se alegrar.

Personagens da Bíblia - Novo Testamento.indd 528 13/11/2021 13:16:46









XI. O devedor perdoado e seu imenso amor

Às vezes seremos como Simão, o fariseu. Às vezes, convidamos uma pessoa para jantar conosco, quando na verdade não é essa a nossa intenção. Às vezes, estávamos com uma disposição calorosa no momento em que convidamos a pessoa para jantar. Nós a conhecemos em circunstâncias tais que fomos levados a lhe fazer o convite quando realmente não era essa a nossa intenção. Tanto é assim que, quando a pessoa chega, esquecemos completamente de esperá-la, e mal podemos esconder nossa irritação ao vê-la. Bem, foi algo, não muito diferente, que aconteceu com Simão, o fariseu, naquela noite.

Devemos tirar da mente todas as nossas ideias modernas e todas as nossas vãs doutrinas sobre nosso Senhor. Não é fácil fazer isso, mas nunca leremos uma única página dos quatro Evangelhos corretamente, a menos que voltemos, na imaginação, às circunstâncias exatas daquele tempo extraordinário. Devemos nos acostumar a voltar àqueles primeiros dias, quando nosso Senhor ainda era meio carpinteiro de Nazaré e meio pregador de esquina. Alguns homens consideravam que Ele era um profeta vindo de Deus, e alguns sustentavam que Ele era apenas o filho de José que estava fora de si. Foi nessas circunstâncias que nosso Senhor foi, de vez em quando, convidado para jantar. Seus anfitriões às vezes esqueciam-se que o haviam convidado, e desejavam de coração que Ele não fosse; quando Ele ia, positivamente, ficavam sem saber o que fazer com ele. Esse foi exatamente o caso de Simão. Sem dúvida convidou esse suposto profeta para jantar em sua casa naquela noite. Mas quando Ele veio na hora marcada, Simão estava totalmente ocupado em cuidar de pessoas muito mais importantes. Quando chegamos à porta de qualquer homem, com seu convite distinto, e vemos que não somos esperados; quando ninguém nos conhece ou presta atenção em nós; quando o chefe da casa nos vê muito bem, mas não tem uma ação sequer, um aceno de cabeça ou um sorriso para nos dispensar — tudo o que podemos fazer é colocar o chapéu e voltar para casa. E se entrarmos e nos sentarmos à sua mesa, ficaremos num estado de espírito muito amargo e anti-social durante toda a noite. Mas o convidado negligenciado de Simão estava bastante acostumado a esse tipo de tratamento. Todos os dias, Ele suportava a incivilidade e não dizia nada. Nenhum insulto jamais

O irritou. Nenhum desprezo abertamente exibido ou claramente intencionado o deixou amargurado. E foi assim que Ele entrou e se sentou à mesa de jantar de Simão naquela noite, com uma mente tranquila e uma maneira afável, e foi o melhor dos vizinhos para todos os que se sentaram perto d'Ele.

"Mas quem e o que é isso?". Pois, eis uma mulher na cidade, que era pecadora, quando viu que Jesus estava sentado à mesa na casa do fariseu, trouxe uma caixa de alabastro com unguento, e ficou a Seus pés atrás d'Ele, chorando, e começou a lavar Seus pés com lágrimas, e enxugou-os com os cabelos de sua cabeça, e beijou Seus pés, e os ungiu com o unguento. Ora, quando o fariseu que o tinha convidado viu, falou consigo mesmo, dizendo: "Este homem, se fosse profeta, saberia quem e que tipo de mulher é esta que o toca; porque ela é pecadora — cometi um grande erro". Disse Simon consigo mesmo. "Eu sempre sou precipitado demais com meus convites. Poderia ter o conhecido melhor. Que cena! Eu nunca vou ouvir o fim disso. Nunca vou me perdoar por isso. Nunca deveria tê-lo colocado na minha porta. Fui advertido contra ele e seus seguidores, e vejo, agora, que aqueles que assim me avisaram estavam certos. Seja o que for, ele não é um profeta. Se fosse um profeta, teria imediatamente posto um fim a esta cena escandalosa".

"Simão, tenho algo a dizer-te". E Simão disse, "Mestre, diga". "Havia um certo credor que tinha dois devedores: um devia quinhentos pence[52] e o outro cinquenta. E quando eles não tinham nada a pagar, ele francamente perdoou os dois. Diga-me, portanto, qual deles o amará mais?". Simão respondeu, e disse: "Suponho que aquele a quem mais se perdoou". E Ele se voltou para a mulher e disse a Simão: "Vês esta mulher? Entrei em tua casa; não me deste água aos pés; mas ela lavou-me os pés com lágrimas e os enxugou com os cabelos da cabeça. Não me deste beijo; mas esta mulher, desde que entrei, não tem cessado de me beijar os pés. Não me ungiste a cabeça com óleo; mas esta ungiu-me os pés com bálsamo. Portanto eu te digo que seus muitos pecados estão perdoados; porque ela muito amou; mas a quem pouco se perdoa, pouco ama".

Dessa cena, então, na mesa de jantar de Simon, devemos aprender isto esta noite: Quanto menos perdão, menos amor;

[52] Moeda antiga equivalente ao centavo, sendo parte fracionária de uma moeda (N.T.).

quanto mais perdão, mais amor; nenhum perdão, absolutamente nenhum amor; mas, nada além de perdão, então nada além de amor. E então o amor é sempre amor. O amor, enfim, é sempre como aquela mulher. Se você deseja ver o amor no seu melhor, basta olhar para aquela mulher. Simão, não sendo publicano nem pecador, precisava de tão pouco perdão que não teve amor o suficiente para dar ao Salvador uma bacia e água para lavar Seus pés. Simão não teve amor o suficiente, nem nada o suficiente, para lhe ensinar boas maneiras. Tenho medo por Simão. Pois, mesmo um pouco de perdão, mesmo cinquenta pence perdoados, mesmo cinco pence, mesmo cinco *farthings*[53], certamente teriam ensinado a Simão, pelo menos, uma civilidade normal. Quando vejo qualquer homem entre vocês, duro e cruel com outro homem, descortês e rude, para não dizer, intencional e estilosamente insolente, digo a mim mesmo, "ou esse homem ainda não foi perdoado de forma alguma, ou foi tão pouco perdoado que ele não o sente mais que uma pedra". A verdade é, conceda perdão suficiente e você logo converterá o maior vilão no cavalheiro mais perfeito entre vocês. Nada mais fará isso, mas o perdão o suficiente fará. Conceda perdão e amor o suficiente, e você terá toda consideração, toda civilidade, toda generosidade, toda gratidão, brotando no coração daquele homem. Você teria um verdadeiro cavalheiro como amigo, ou como amante, ou como marido, ou como filho? Em seguida, consiga, de alguma forma, levá-lo ao Convidado de Simão para um grande perdão, e a coisa está feita.

Este, então, foi todo o caso de Simão. Ele chamou nosso Senhor Mestre, em tantas palavras. Ele tinha nosso Senhor em sua mesa naquela noite; mas, o tempo todo, ele amava muito pouco a nosso Senhor, se é que amava. Em outras palavras, Simão foi perdoado por nosso Senhor muito pouco, se é que foi perdoado. Simão não precisava de muito perdão, se é que precisava de algum, e, nessa medida, seu caso era desesperador. Em resumo, era fariseu, e isso explica tudo a respeito de Simão. Não sei nada mais sobre ele do que li neste capítulo. Não sei nada de sua vida passada. Suponho que sim, com relação à justiça Simão seja irrepreensível. Mas, irrepreensível ou não, tenho certeza disto sobre Simão, que a santa lei de Deus nunca havia entrado em seu coração. Todo o vergonhoso tratamento que

[53] Moeda britânica de baixo valor, em representação, um farthing equivale a 1/960 de uma libra esterlina (N.T.).

Simão deu a nosso Senhor, e todo seu profundo desgosto por aquela mulher, e todos os seus discursos para si mesmo, surgiram do fato de que a santa lei de Deus contra todos os tipos de pecado e pecadores, e especialmente contra si mesmo, ainda não havia começado a entrar no coração duro de Simão. Meus irmãos, fazer a santa lei de Deus, mesmo para começar a entrar em seu coração duro, seria o maior serviço que qualquer homem poderia prestar a vocês. Só que nenhum homem pode lhe prestar esse serviço. Não é um homem qualquer, como diz o Catecismo, mas apenas aquele Homem que se sentou naquela noite à mesa de jantar de Simão e disse-lhe: "Simão, tenho algo a dizer-te". Seu pastor pode pregar para você, até ficar velho e grisalho, mas ele será para você como aquele que toca um instrumento; não o levará a sério. Não prestará atenção a ele, até depois que a lei entrar. E, exatamente, na profundidade e na pungência com que a lei de Deus entra em seu coração pecaminoso, exatamente nessa medida, você possuirá, em seu coração quebrantado, um grande ou um pequeno perdão, e manifestará diante de Deus e do homem um grande ou um pequeno perdão. Gratidão. Que nenhum verdadeiro pregador seja derrotado por todos os fariseus no mundo, ao trabalhar para fazer a lei entrar no coração de seu povo: tanto a lei legal como a lei evangélica.

Então os que estavam à mesa com ele começaram a dizer consigo mesmos: "Quem é este que também perdoa os pecados?". Ele e eles haviam, até agora, conversado da maneira mais amigável enquanto comiam e bebiam. Estavam conversando sobre as últimas notícias de Roma e Jerusalém: sobre as fofocas da cidade; sobre as mortes repentinas da semana passada, e sobre o mau e bom tempo da semana passada; quando, de repente, sua conversa foi interrompida pela conduta inexplicável daquela mulher. Alguns dos que se sentaram à mesa com Ele, durante os meses anteriores, se preocuparam muito com Ele. Certa vez, eles pensaram uma coisa a respeito d'Ele. Alguns mal podiam terminar de comer sua ceia para vê-Lo, como Ele comia e como Ele bebia, e como falava, e tudo o que dizia e fazia. Até que, quando Ele falou e contou a história do credor e seus dois devedores, então encerrou a história com um golpe certeiro contra Simão, eles desejaram se sentar em outra mesa. Desejaram estar em casa novamente. E então quando Sua voz se elevou a uma ternura e solenidade que eles nunca

tinham ouvido, na voz e maneira, de qualquer homem antes, não era de se admirar que dissessem consigo mesmos: "Quem é este que também perdoa pecados?".

Agora, ouçam isso, irmãos. Ouçam e recebam isso. Esse mesmo Homem que perdoa pecados está aqui também. Aqui, neste momento, nesta casa. E Ele está aqui com a mesma missão. Está aqui procurando e salvando pecadores. Fique de pé, então, como quando aquela mulher pecadora veio. Venha, se você é tão indescritivelmente vil quanto ela, e com a mesma vileza indizível. Venha, se ela é sua irmã em pecado. Até esta noite um fariseu como Simão; ou até esta noite uma prostituta como esta mulher; vêm igualmente. E venha ainda mais rápido. Esta mulher estava a caminho de se jogar na lagoa quando ouviu nosso Senhor pregando um de seus sermões de Salvação — e antes que Ele terminasse o sermão, ela estava a Seus pés. Venha, mesmo que pretenda tirar a própria vida esta noite. Certa vez, uma mulher comprou o arsênico em uma noite de sábado, quando disse a si mesma que iria, mais uma vez, à igreja antes de tomá-lo. O texto daquela manhã era este: "Que proveito há no meu sangue?". Ela me contou toda a sua história muito tempo depois. Venha se você tem arsênico no bolso. Venha e lance-o aos seus pés.

E então Ele terá, em você, o salário pelo qual trabalhou; por como você, por um momento, O amou! Jesus Cristo não se satisfaz facilmente com o amor; mas Ele ficará satisfeito, e de sobra, com o seu. E todos os dias, na terra, você adicionará brasas de fogo de seu amor ao Redentor. E não é de admirar. Pois Ele terá que dizer a você dez mil vezes a mesma coisa: "Teus pecados, que ainda são muitos, te são perdoados". De novo, e de novo, e de novo, Ele terá que dizer isso, pois, tendo começado, dirá até o fim. "A tua fé te salvou, vai em paz", Ele dirá.

Samuel Rutherford costumava estabelecer este enigma de amor aos velhos santos em Anwoth: se eles amariam mais seu Salvador por sua justificação ou por sua santificação? E alguns disseram uma coisa e outros disseram outra coisa. Alguns velhos cautelosos disseram as duas coisas. Ai sim! Que amor! Além de todo amor terreno, Ele será amado por toda a eternidade! Por alguns homens e algumas mulheres, isto é, todos os Seus redimidos O amarão, mas alguns O amarão mais do que estes. Ter sido francamente perdo-

ado de tão terrível dívida e, então, como se não bastasse, ter sido lavado até ficar mais branco que a neve e de tão indizível poluição. Diga-me, portanto, qual deles o amará mais? Suponho que aqueles a quem Ele mais perdoou. Sim; mas e aqueles a quem Ele fez as duas coisas? Ambos foram perdoados, francamente, por sua terrível dívida; e também, embora seus pecados fossem como escarlate: embora eles fossem

Do couro cabeludo à sola, uma casca e crosta de pecado,

tornou-os brancos como a neve; e embora fossem vermelhos como o carmesim, fazia com que fossem como lã. Que Rutherford recebesse aquela mulher como resposta. Pois nenhuma resposta melhor jamais será dada ao seu enigma do amor neste mundo. Eis que uma mulher da cidade, que era pecadora, trouxe uma caixa de alabastro com unguento e ficou a Seus pés atrás d'Ele, chorando, e começou a lavar Seus pés com lágrimas, e os enxugou com os cabelos de sua cabeça, e beijou Seus pés e os ungiu com o unguento. Portanto eu te digo que seus muitos pecados estão perdoados; pois ela amou muito.

Quando eu estiver diante do trono
Vestido com uma beleza que não é minha
Quando eu te ver como a arte que tu és,
Amarei-te com coração não ganancioso,
Então, Senhor, saberei plenamente,
Até então, quanto devo.
Escolhido não para o bem em mim,
Despertado da ira para fugir,
Escondido no lado do Salvador,
Pelo Espírito santificado,
Ensina-me, Senhor, na terra para mostrar,
Por meu amor, quanto devo.









XII. As dez virgens

Tudo que nosso Senhor viu na terra, imediatamente, O fez pensar no reino dos céus. Nosso Senhor era da mente daquele anjo que disse a Adão: "E se a terra não fosse senão a sombra do céu, e as coisas nelas se assemelhassem, mais do que se pensa na terra". E assim foi quando nosso Senhor e Seu discípulos foram chamados para aquele casamento onde o original desta parábola aconteceu, assim que Ele viu as cinco virgens prudentes admitidas ao casamento, e as cinco virgens loucas excluídas, Ele voltou-se para os doze e disse, — "O reino dos céus é assim mesmo". Teria sido bom, e estaríamos profundamente em dívida com eles, se alguns dos doze tivessem dito ao seu Mestre naquele momento: "Declare para nós a parábola das dez virgens também". Teria sido uma grande ajuda para nós se, além da própria parábola, tivéssemos possuído a própria exposição de nosso Senhor sobre ela. Pois quem e o que são as dez virgens, e por que são assim chamadas? Por que elas são exatamente dez, e por que são, tão igualmente, divididas em cinco e cinco? O que são suas lâmpadas, e quais são seus vasos com suas lâmpadas, e qual é o óleo que as prudentes tinham e que as tolas não tinham? O que significa a secagem do noivo e o sono de todos as dez? E então quem são elas que fazem o clamor da meia-noite, "eis que vem o noivo?". E então o corte apressado das lâmpadas, com o apagamento das lâmpadas dos tolos — qual é o significado de tudo isso? O pedido dos tolos por uma porção do óleo dos sábios, com a recusa dos sábios de se desfazerem de qualquer parte de seu óleo — quais são os significados espirituais ocultos sob tudo isso? E, principalmente, quem vende o óleo, onde o vende e a que preço? E então a porta se fechando? E então o que é estar pronto? Bem, como e o que é assistir, quando devemos assistir, e onde? Teria sido um imenso serviço prestado a todos nós se os discípulos tivessem pedido ao Mestre uma resposta autorizada a todas essas perguntas. Do jeito que está, somos deixados à nossa própria visão das coisas do reino dos céus e à nossa própria experiência de seus mistérios, para descobrir por nós e pelos outros a verdadeira chave desta parábola.

A sabedoria, seja ela qual for, das cinco virgens sábias é, claramente, a principal lição a ser aprendida com toda esta parábola. Todas as outras lições, por melhores e verdadeiras que sejam, estão

subordinadas a isso. Todo o resto é, mais ou menos, a estrutura e o cenário disso. Outras lições, mais ou menos essenciais, mais ou menos interessantes e mais ou menos instrutivas, podem ser extraídas desta notável parábola, mas sua lição suprema e dominante é a sabedoria ricamente recompensada das cinco virgens sábias. As insensatas, pegando suas lâmpadas, não levaram azeite consigo. Mas as prudentes levaram azeite em seus vasos com as lâmpadas.

Agora, se você quiser saber exatamente o que é este óleo de que tanto se faz nesta parábola, este óleo cuja posse tornou as cinco virgens tão sábias, apenas olhe em seu próprio coração para a responder a isso. O que é que faz seu coração ser tão sombrio, tão triste e tão despreparado às vezes? Por que há tão pouca vida, luz e alegria em seu coração? Por que sua experiência religiosa é tão insípida e rançosa, quando deveria ser tão cheia de alegria como se toda a sua vida fosse uma preparação contínua para o casamento? Qual é realmente o problema com você e com seu coração? Em linguagem simples, e em poucas palavras, é a ausência do Espírito de Deus em seu coração. É o Espírito Santo de Deus que faz o próprio Deus ser tão cheio de vida, luz e bem-aventurança. É o Espírito Santo de Deus que faz de nosso Senhor o que sempre é e o que sempre diz e faz. O fruto do Espírito Santo em Deus e no homem, na terra e no céu, é amor, alegria, paz, longanimidade, mansidão, bondade. Agora, esse é todo o problema com todos nós. É a falta do Espírito de Deus que faz com que todos nós sejamos o amontoado de trevas e morte que somos. Se tivéssemos o Espírito Santo de Deus derramado em nosso coração, faríamos cada casa em que vivemos, e cada empresa em que entramos, como uma ceia de casamento contínua. Nosso próprio rosto brilharia com a luz celestial, e espalharíamos vida, amor e beleza aonde quer que fôssemos. Não há dúvida, então, do que é esse óleo, nem por que somos tão filhos do dia quando o temos, e somos tão filhos da noite quando não o temos. Fixe isso firmemente em sua mente, que o Espírito Santo é este óleo que dá luz e vida, e você terá nisso, não apenas a verdadeira chave para toda esta parábola, mas ao mesmo tempo a verdadeira chave para toda a tua própria luz e escuridão também.

"Não é assim: para que não haja o suficiente para nós e para vós; mas ide antes aos que o vendem, e comprai para vós". Você vai aos vendedores de óleo quando o óleo acaba e quando as noites

longas e escuras estão chegando. E, da mesma forma, você deve ir a Deus pelo Espírito Santo. Deus, o Pai, é o verdadeiro vendedor deste óleo sagrado. O Espírito Santo procede do pai. O próprio Filho tinha o Espírito Santo, não de Si mesmo, mas do Pai. Quando a noite caiu, as virgens prudentes já tinham o azeite em seus vasos. Elas haviam estado nos vendedores de óleo por um bom tempo, e antes que a escuridão caísse. Vá a tempo também. Esteja de antemão com a escuridão. Tenha o Espírito Santo já em seu coração, e então você não andará nas trevas, nem será excluído das trevas, por mais repentinamente que o Noivo venha.

E esta é a lei notável deste mercado de óleo. "Tudo o que desejais, quando orardes, crede que as recebereis e as tereis". Ou seja, assim que, em oração, você pedir ao Pai o Espírito Santo, acredite imediatamente que sua oração foi atendida. Imediatamente comece a viver no Espírito. Imediatamente comece a andar na luz. Não deixe de caminhar na luz até que você sinta seu coração cheio de luz, e amor, e alegria, e paz, e toda essa iluminação sagrada. Mas comece imediatamente a viver no Espírito e Ele começará a viver em você. Assim que você começar a pedir que o Espírito de amor, alegria e paz seja derramado em seu coração, comece a derramar esse Espírito em toda a sua vida. Que todas as suas palavras e ações, que todos os seus estados de espírito e todas as suas afeições de coração estejam cheios de amor, alegria e paz, e Ele não deixará de trabalhar em você o que deseja e o que Lhe agrada. Este é um óleo maravilhoso, um mercado de óleo maravilhoso e um comerciante de óleo maravilhoso! Vão, todos vocês até Aquele que vende, comprem, e logo vocês serão mais sábios neste marco divino do que todos os seus professores. Se eu entrasse em todos os tempos e em todos os lugares, quando e onde, este óleo sagrado é comprado e vendido, eu teria que dizer que não há tempo nem lugar quando e onde você não pode comprar este óleo . Ao mesmo tempo, existem épocas especiais e locais especiais, quando e onde, por uma questão de experiência, esse óleo é especialmente distribuído a todos os compradores. O azeite de oliva e todos os outros tipos de azeite podem ser comprados nas lojas de azeite. E o Espírito Santo é melhor para ser comprado, em oração secreta. Os comerciantes de óleo anunciam seu óleo; suas qualidades e seus preços e onde exatamente é seu local de trabalho. E aqui está uma cópia do anúncio celestial: "Pedi

e ser-vos-á dado; procurem e vocês encontrarão; batam, e ser-lhe-á aberto. Pois o seu Pai Celestial dar o Espírito Santo àqueles que Lhe pedirem". E novamente: "Mas tu, quando orares, entra no teu quarto e, quando fechares a porta, ora a teu Pai que está em segredo, e teu Pai que vê em secreto te recompensará publicamente". Alguma coisa poderia ser mais clara? Alguma coisa poderia ser mais simples? Um viajante, embora tolo, não poderia deixar de ver onde encontrar esse óleo. "O que", indagou seu Mestre, em vergonha e dor pela preguiça e indiferença de Pedro neste mesmo assunto, "O que, você não poderia vigiar comigo por uma hora?". Vigie e ore pelo Espírito Santo, Ele quer dizer. Pois era justamente desse óleo celestial que Pedro precisava, acima de todas as coisas, aquela meia-noite escura e repentina. E se Pedro tivesse passado aquela hora com Aquele que ouve a oração e assim vende Seu óleo, ele teria desempenhado um papel muito melhor em toda a escuridão daquela noite, e em toda a escuridão ainda mais densa de amanhã e amanhã à noite. Ainda é a velha história, meus irmãos. Não há como superar a velha história. É melhor você se render e se render imediatamente. Aquela "hora" de oração, que agora o assombra, nunca o deixará sozinho em todos os seus dias. Ele o acompanhará aonde quer que você vá e o que quer que esteja fazendo. Só quando a porta for fechada essa "hora" secreta de oração deixará de persegui-lo. Não até que ele pare de persegui-lo e diga: "Durma agora e descanse!".

Embora seja literalmente verdade que este óleo sagrado pode ser obtido à sua procura, ao mesmo tempo, e de fato, um preço tremendo deve ser pago por ele. Como diz Sêneca: "Nada é tão caro quanto aquilo que se compra pela oração". Um homem pode comprar óleo para as lâmpadas de sua casa para durar todo o inverno, mas pode não ficar muito pobre com sua compra. Ele pode pagar a conta do óleo e ainda assim ter muito dinheiro sobrando para comprar vinho e leite para si e para sua família. Mas não neste mercado de óleo. Comprar o Espírito Santo é tão caro para o pecador quanto comprar o próprio Cristo e toda a Sua justiça. E você sabe como essa compra deixou Paulo sem um tostão. Na verdade, desde os dias de Paulo, o preço de Cristo e Sua justiça tem sido um provérbio de empobrecimento na Igreja de Cristo. E se o apóstolo tivesse sido levado a nos dizer quanto ele teve que sacrificar para ganhar o Espírito Santo, teria sido a mesma história empolgante novamente.

Nem um centavo havia sobrado para Paulo. Nem um centavo. E assim é com todo homem que uma vez realmente entrou neste mesmo mercado de óleo. Se você não seguir meu argumento, reserve uma hora esta noite para você mesmo naquele mercado e me diga amanhã de manhã como você se sai. Diga-me quanto você ainda tem para chamar de seu depois de comprar este óleo inestimável. Veja o que vai custar tanto para você entrar neste empório de óleo. Existem alguns locais de venda, bazares e afins, onde uma grande receita é feita apenas com o dinheiro da entrada. Diga-me o quanto é exigido de você antes que seja capaz de fechar sua porta para Deus e para si mesmo esta noite, sem falar do que Ele cobrará de você pelo óleo depois que entrar. Você verá como tudo que valorizou até agora terá que ir. Não é de admirar que apenas metade das dez virgens tiveram coragem de fazer a compra empobrecedora. De minha parte, muitas vezes me pergunto se havia tantas.

Nosso Senhor não explica, ponto por ponto, toda essa parábola para nós, mas Ele é muito enfático e até alarmante em sua aplicação. "Vigiai, portanto", Ele nos adverte, "porque não sabeis nem o dia nem a hora em que o Filho do Homem virá". Ele pode estar aqui, e seu tempo pode chegar ao fim a qualquer momento. E então, leva muito mais tempo do que você pensaria para comprar esse óleo e tê-lo sempre pronto. Até chegar no local onde esse óleo é vendido, leva tempo. Preparar o seu dinheiro leva tempo. Encher bem o seu vaso leva tempo. E para levar em consideração todos os obstáculos e acidentes pelo caminho, e todas as interrupções e atrasos imprevistos no mercado — tudo isso, considerado em conjunto, leva mais tempo do que qualquer um poderia imaginar de antemão; muito mais tempo e problemas do que qualquer um poderia acreditar que não passaria. E assim é que nosso Senhor está sempre nos implorando para darmos uma hora para isso todas as noites. "Melhor muito tempo", Ele argumenta conosco, "do que muito pouco". Você pode concluir a transação mais rápido do que alguns outros, ele admite. Mas há isto também: que pode acabar levando muito mais tempo, no seu caso, do que você tem para dar.

E, mais uma vez, observe, pois os mais sábios, às vezes, podem ser encontrados bancando o tolo, como o mais tolo de todos, neste assunto tremendamente precário. As cinco virgens prudentes cochilaram e adormeceram quando deveriam estar empregando seu

tempo livre em aparar suas lâmpadas, e em manter a si mesmas e seus companheiros acordados e prontos. E se não fossem, o tempo todo, muito mais sábias do que pareciam ser, teriam sido excluídas do resto. Mas, como se viu, elas tinham óleo, o tempo todo, em seus vasos com suas lâmpadas. E isso fez toda a diferença quando o noivo veio tão de repente. Agora, onde e como a mesma diferença aparecerá entre nós? Ele entrará e você o verá, nesta mesma noite, e desta maneira. Esta noite, alguns aqui se apressarão em voltar para casa assim que a bênção for pronunciada. Eles vão tentar escapar de seus vizinhos tagarelas na porta. Durante todo o tempo da ceia e orações em casa, eles estarão escondendo essa terrível parábola em seus corações. E então, quando a casa estiver quieta, o verdadeiro negócio deste dia inteiro começará com aqueles homens sábios. Já lhe contei, mas não com muita frequência, de uma noite de sábado que passei há muito tempo no Alrick com o velho John Mackenzie. Depois do jantar e das orações, pedi mais meia hora de leitura das notas que ele preservou dos sermões *Persie* do doutor John Duncan. "Perdoe-me", disse o velho santo. "Mas sempre pegamos nossas velas imediatamente após as orações". A diferença será que os tolos, entre nós, se sentarão esta noite e vão falar e falar até extinguirem esta parábola e todas as suas impressões limparem suas mentes e seus corações, enquanto os sábios, entre nós, pegarão suas velas.









XIII. O convidado de casamento que se sentou no derradeiro lugar

É minha opinião deliberada que este convidado que se sentou no lugar mais baixo era ninguém menos que o Nosso Senhor. Acredito ver o bastante para justificar a minha crença que esta parábola não é uma parábola, e sim uma experiência de Nosso Senhor. Tamanha é minha certeza que poderia dizer que o vi fazê-lo, que Ele se sentou no lugar mais baixo quando Ele entrou na sala de jantar. Os dois filhos de Zebedeu escolheram os quartos chefes para si, encorajados pela mãe. Vá lá em cima, ela disse. Há dois assentos na ponta da mesa, vá e tome-os. E eles foram, impulsionados pela mãe. Mas Maria e seu Filho se sentaram aos pés da mesa. Quanto mais me imagino presente naquele casamento, mais convencido fico de que nosso Senhor era aquele homem de humilde mente. De qualquer maneira, tenha o Senhor inventado e composto esta parábola ou Ele mesmo vivido a experiência, de qualquer forma, foi tudo cumprido por Ele e realizado para Ele neste tempo, nos pequenos detalhes e no todo, primeiramente em Sua vida terrena e então em Sua vida no paraíso. Pois não sentou-se Ele no lugar mais baixo naquela pousada superlotada? E, assim como o Seu nascimento, foi em toda a Sua vida terrena até o fim de Sua vida no mais derradeiro dos quartos da terra. Até que uma Voz atravessou a mesa, que Lhe disse: "*Amigo, sobe mais para cima.*" (Lc 14.10b). E agora, como a parábola diz, Ele foi honrado na presença daqueles que ali estavam. Sim; eu, pelo menos, encanto-me, impressiono-me, instruo-me e repreendo a mim mesmo com a crença de que em toda a vida terrena de Nosso Senhor, e agora em Sua vida nos céus, foi decretada, em pequeno, naquela ceia de casamento a que Ele foi chamado, e com Ele, os seus doze discípulos.

"*Um novo mandamento vos dou*" (Jo 13.34a), disse o Mestre aos Seus discípulos na última ceia. Mas, na presente ceia prostrada à nossa frente, Ele dá aos Seus discípulos e a nós um último mandamento, também d'Ele. "*Mas, quando fores convidado, vai, e assenta-te no derradeiro lugar.*" (Lc 14.10a). E então, como no Breve Catecismo [de Westminster], Ele inclui as Suas razões que quando apresentadas, são essas. Nenhum homem pode lhe dizer: dê um lugar a este homem; nenhum homem pode lhe dizer: sente-se no derradeiro lugar se você já o tiver escolhido. Nenhum homem poderá lhe humilhar e vesti-lo de vergonha se você estiver sempre ves-

tido de humildade. Mas, por outro lado, se você está sempre e em todo lugar exaltando a si mesmo: se você está sempre esquematizando para você, sempre escolhendo os melhores lugares para si, saiba que está guardando para si vergonha e humilhação. Se você estiver constantemente exaltando-se sobre as suas performances, seus merecimentos de elogios e louvores à mão de outros homens, torça para que a sua humilhação seja tardia. Você será desapontado, substituído, esquecido, ultrapassado, dominado. A você parecerá, e com razão, como se todos os homens estivessem conspirando contra você, e estarão. Se tal ato for de ajuda, você começará a sentar-se no derradeiro lugar. Mas, se eu fosse você, seria mais esperto do que eles. Eu guardaria esse mandamento de nosso Senhor em meu coração, se eu fosse você, até tê-los despistado completamente. Quando você for convidado ou lhe for oferecido algo, sente-se e sirva-se por último; sim, no mais derradeiro lugar que houver. Comece a ser humilde em todo lugar, e em tudo. Vista o pano da humildade imediatamente e sempre. Fale menos e menos de seus próprios talentos, realizações, performances, merecimentos, e fale mais e mais dos talentos, merecimentos e performances de todos os outros homens. Ignore o seu próprio coração quando este lhe disser: que grande homem você é! Quando ele lhe disser: que grande sermão você acabou de pregar! Que grande livro você acabou de publicar! Que grande corrida foi aquela com tantas pessoas lhe observando! E que grande salto foi aquele, deixando os seus rivais para trás! Vire-se para o seu coração empolado e diga a ele que ninguém está pensando em seus grandes sermões, em seus grandes livros, em suas grandes corridas ou em seus grandes saltos; ninguém além de você mesmo. Todavia, todos os seus competidores em pregações e saltos, *eles*, de fato, estão pensando tanto quanto, e quase com a mesma frequência, sobre você quanto você pensando em si mesmo. Entretanto, de uma maneira bem diferente. E de uma forma que, se você soubesse, o faria retirar sua gávea[54], como Samuel Rutherford diz. Meus amigos, não tenham expectativas e vocês não se desapontarão; não exijam nada para vocês e serão continuamente surpreendidos com os elogios e promoções que choveram sobre vocês, nos tempos mais inesperados e de pessoas inesperadas. Como Júpi-

[54] Gávea é a vela superior do barco, no alto dela se localiza o cesto de observação onde os marinheiros costumam ficar. (N.R.)

Personagens da Bíblia - Novo Testamento.indd 548 13/11/2021 13:16:46

ter se ocupou no Olimpo? Perguntou Chilo a Esopo. Humilhando o alto, Esopo respondeu, e levantando os baixos. Assim como Pedro, que estava presente na mesa da ceia. "*Semelhantemente vós jovens, sede sujeitos aos anciãos; e sede todos sujeitos uns aos outros, e revesti-vos de humildade, porque Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes.*" (1Pe 5.5).

Porém, existe humildade e humildade. E o melhor tipo de humildade é aquele que Thomas Shepard, até onde sei, foi o primeiro a chamar de "humildade evangélica". Jonathan Edwards tornou a frase emprestada famosa em algumas de suas páginas douradas do livro *Afeições Religiosas*. Ouça, então, o que esse mestre de Israel diz: "Humildade evangélica é a percepção do homem Cristão de sua própria total insuficiência, total desprezo, e total odiosidade: com uma responsável estrutura de coração. Essa humildade é particular dos verdadeiros santos. Ela surge do espírito de Deus implantando e exercitando princípios sobrenaturais e divinos: sendo acompanhada de uma sensação da beleza transcendente das coisas divinas. E então, os verdadeiros santos de Deus todos, mais ou menos, veem sua odiosidade à conta do pecado, e a natureza extremamente odiosa de todos os pecados. A própria essência da humildade evangélica consiste em tal humildade que se tornou um homem em si mesmo excessivamente pecador, mas agora sob a dispensação da graça. Ela consiste em uma má estima de si mesmo, como em si mesmo nada, e totalmente desprezível e odiosa. Essa é, de fato, a mais essencial e maior coisa em uma verdadeira religião". Meus irmãos, vocês não se preocuparão por muito tempo com *aquele* hóspede escolhendo para si o quarto principal se você tivesse todos os quartos principais para si e para os seus filhos frequentar esses banquetes, arquitetar um plano a fim de ter os seus filhos convidados a estes banquetes, aos quais ninguém mais além dos discípulos de Thomas Shepard foram convidados.

Os pais estão terrivelmente perplexos na atualidade sobre qual é a melhor educação para os seus filhos; especialmente os meninos. Eles devem seguir o lado antigo ou moderno da Universidade? Deve ser quase exclusivamente clássico como era no passado? Ou deve receber uma educação voltada ao comércio e negócios quase exclusivamente? E um conselheiro aconselha um caminho, outro conselheiro aconselha o outro, até que muitos pais ansiosos

são conduzidos distraidamente. Independentemente da sua escolha, assegure-se que os seus filhos tenham Filosofia Moral na grade curricular. Se for Latim, Grego e a velha cultura que você escolher, assegure-se que estudem Esopo, como acima. Ou se for militarismo ou educação comercial, ainda assim insira Esopo na grade curricular, como acima, ainda que seja apenas na tradução. Sejam eles homens de toda a literatura, ou homens de um só livro, seja este o livro-razão da contabilidade, faça questão que misturem todos os seus livros com humildade. Isso fará de seus filhos verdadeiros cavalheiros, qualquer que seja a escolha em educação. E isso fará de suas filhas verdadeiras damas, seja a escola e universidade que for, qualquer curso ou graduação que você escolher para elas. Dona de casa, como as suas mães e avós, ou uma graduação, como os seus pais e irmãos. Não discutirei com a sua escolha para elas desde que você a equilibre com humildade corretamente. Se os seus filhos tiverem a cabeça e o coração para ler Shepard e Edwards — e isso necessitará de toda cabeça e coração que você puder dar-lhes para ler os dois mestres — então eu profetizo a prosperidade de seus filhos em qualquer das culturas; a tradicional ou a moderna. E se você criar as suas filhas ensinando-as a respeitar os servos e a dividir o trabalho deles; a levantar cedo pela manhã, arrumar a cama, decorar os seus quartos e engraxar as suas próprias botas, então elas poderão adicionar a isso uma graduação superior com o aplauso de todo homem, jovem ou velho. Se forem tudo, exceto populares, lerei os seus nomes em *Scotsman* e no *Times* com tanto orgulho quanto o seu. No entanto, comece a sua educação enquanto são bebês; ou, de qualquer maneira, pequenas crianças. E acontece que enquanto eu escrevia essas linhas para vocês, eu vim em nosso culto matinal e me deparei com este hino infantil, para os seus filhos e os meus:

Dia após dia a pequena margarida
Olha para cima com os seus olhos amarelos,
Ela nunca murmura, nunca deseja
Estar pendurada no alto.

E o ar é tão agradável.
E tão brilhante o céu ensolarado,

Para as margaridas da trilha
E para as flores do alto.

Deus deu a cada uma sua estação:
Algumas têm lugar rico no alto,
Algumas têm casas e trabalhos mais baixos;
E todos podem ter Sua graça preciosa.

"Toda nossa humildade na terra irá elevar-se nos céus", disse Samuel Rutherford. Até que a única dificuldade na Ceia das Bodas do Cordeiro será designar cada quarto principal da Ceia ao seu convidado adequado. Será de alguma forma similar à Comunhão das Terras Altas da Escócia[55], à qual eu estive presente. "*Amigos, subam mais alto!*" O ministro pediu às pessoas. Mas com a sua autoridade, com todas as promessas e pedidos, ele não conseguiu superar a vergonha e a dor do coração das pessoas naquele dia. E tudo que os auxiliares do ministro puderam fazer, com todas as suas novas promessas e pedidos, demorou muito para que a Mesa do Senhor ficasse meio cheia naquele dia. E então, de alguma forma, seremos nós sentados à Mesa do Senhor dos céus. Os nossos olhos irão buscá-los e assim que entrarmos na sala de jantar veremos homens e mulheres já sentados ali, a visão d'Aquele irá assim despertar e incendiar os nossos velhos pecados e vergonha, e nos viraremos para fugir; entretanto, naquele momento, escapar será impossível, pois a porta será fechada. A visão da Mesa e d'Ele sentado à ponta da mesa, de alguns dos convidados já ali sentados e outras milhares de coisas, vão nos invadir até que caiamos como mortos. "*E ele pôs sobre mim a sua destra, dizendo-me: Não temas; Eu sou o primeiro e o último; E o que vivo e fui morto, mas eis aqui estou vivo para todo o sempre. Amém. E tenho as chaves da morte e do inferno.*" (Ap 1.17b-18). Amigo! Ele nos dirá, enquanto nos eleva em Glória como fazia em Graça. Amigo! E esta palavra d'Ele vai de uma vez nos reviver. E vamos nos sentar humildemente onde Ele nos puser, ninguém mais vai ter tomado o nosso lugar. Onde quer que seja o nosso lugar em Sua Mesa, ele será só nosso e nenhum estranho irá intrometer-se

[55] Festival anual de uma semana que culmina com a celebração da ceia do Senhor. (N.R.)

nisso. E para emprestar uma palavra dessa escritura da noite, será com vergonha que nos sentaremos no lugar preparado para nós. Contudo, será com uma vergonha doce, sagrada, celestial, abençoada e beatífica. "*Amigo!*", ele dirá, "*sobe mais para cima. Então terás honra diante dos que estiverem contigo à mesa. Porquanto qualquer que a si mesmo se exaltar será humilhado, e aquele que a si mesmo se humilhar será exaltado.*" (Lc 14.10b-11).









XIV. O convite à grande ceia de casamento e algumas de suas desculpas

Vocês estão todos convidados a este grande banquete de casamento. Estes convites enviados para a nossa ceia de casamento tem que ser limitado aos amigos mais íntimos da noiva e do noivo. Nossas maiores casas não acomodariam a metade dos amigos que gostaríamos de ter presente nessa ocasião tão feliz. Mas não há limitação aqui. Todos vocês estão convidados a esse casamento. E a única limitação desta noite reside em vocês. Então, qual será a sua resposta esta noite?

Esse é o mais extraordinário casamento e banquete de casamento. Portanto, você não deve comparar o que deve ser dito agora sobre o casamento com o que você já viu ou ouviu de outros casamentos deste mundo. Pois há mundos bem melhores que este, e há mais belos casamentos do que este mundo já viu. Certamente esse casamento que lhe é oferecido nesta noite é o único real, verdadeiro e perfeito casamento que já foi feito neste e em qualquer outro mundo, ou que será feito. Você tem sonhado com casamentos em todos os seus dias, mas um casamento como esse nunca fez parte de sua mais extravagante imaginação. Pois esse não é nada menos que o casamento do Eterno Filho de Deus com a sua alma imortal. Você, aí sentado, é a noiva, e Jesus Cristo é o noivo. E o Pai do Noivo tem o Seu coração muito definido nesse casamento que enviou os Seus servos esta noite a lhe dizer que todas as coisas estão prontas agora. Alguns de nossos casamentos levam muito tempo para ficar prontos. Esse casamento não foi de forma alguma feito em um dia. Ele, na verdade, foi proposto e planejado e as coisas começaram a ser feitas antes que as bases deste mundo pudessem ser postas. Você gosta de ler e ouvir sobre casamentos, sobre a preparação dos casamentos e como o curso do amor verdadeiro correu bem ou não. Bom, eu, assim como você, li muitos romances de amor em meus dias, e me deliciei com eles em meus dias; mas esse grande amor e as suas curvas por vezes suaves, por vezes turbulentas, e as rotas que teve de tomar, eclipsa a vista dos outros romances para mim agora. Tanto que abandonei completamente há muito tempo a leitura de qualquer coisa, exceto sobre esse amor eterno. Mas este é o ponto imediato e principal de que as coisas estão prontas. Todas as coisas de que a noiva precisa para fazer-se pronta encontram-se prontas agora. E todas as coisas de que o Noivo necessita também

já estão prontas. O Pai está pronto para te receber. O Filho está pronto para se unir eternamente a você e te ter em união a Ele. E o Espírito Santo está ao lado do Filho pronto, o livro à mão como o ministro, a lhe pronunciar a noiva do Cordeiro. E tudo que lhe resta é dizer sim ou não. Somente resta a você dizer que o seu coração é como as carruagens de Amminadab na Canção de Salomão, e o seu casamento é consumado ou será consumado imediatamente.

Essa mesma mensagem e convite foi uma vez enviado a uma congregação de pessoas assim como vocês; e todos eles, com um consentimento, começaram a arranjar desculpas. Nós mal podemos acreditar nisso, mas deve ser verdade, senão não teria sido registrado contra eles para todos os tempos, como está aqui feito. Venha, disse o servo aos que foram convidados: venham, pois tudo está pronto. Mas todos eles, com um consentimento, começaram a arranjar desculpas. O primeiro disse ao servo: "*eu comprei um campo.*" (Lc 14.18b). Vocês também, às vezes, agem dessa mesma maneira com os convites de jantar e ceia de nossa própria cidade. Você ouve com apreensão algumas vezes de certos jantares e ceias que logo acontecerão. Os seus corações não estão presentes naqueles tipos de entretenimentos e você daria tudo para não ser convidado a ele. E quando você é convidado, você está no fim de seu juízo sobre como responder para não causar uma ofensa imperdoável. Você se senta em sua mesa e morde a caneta pensando na sua resposta excessivamente difícil. Você tenta formular uma resposta e rasga o papel; a mentira é muito transparente. "Obrigado", você responde, "mas já tenho um compromisso nessa mesma noite. Fiz o meu melhor para cancelá-lo, mas não foi possível". Ou você tenta isso — um amigo de longa data, que você não vê há anos, lhe ofereceu uma visita na mesma noite em seu caminho pela cidade e você não pode cancelar; ou você tem um importante encontro naquela noite, naquele horário, ao qual, certamente, você já foi anunciado para tomar a cadeira. "Aceites as minhas mais sinceras desculpas", você acrescenta, "e transmita meu respeito ao seu honorável convidado". O jantar pertence a outra festa política, ou eclesiástica, ou civil, do que aquela à qual você pertence. Há velhas feridas em sua mente contra o anfitrião proposto, bem como contra alguns dos convidados que com certeza estariam presentes. Em resumo, você não pode e não irá. "Nós não vamos mais atrapalhá-lo", dizem o

anfitrião e a anfitriã entre si sobre a sua transparência escapatória; "ele virá ao nosso próximo jantar a que for convidado".

Essas foram espertas desculpas que os seus predecessores de Israel também utilizaram. Na verdade, foram desculpas reais, não somente espertas. Pois a verdade mesmo é que eles não tinham coração para aquele convite. Todo o seu tesouro e, consequentemente, todo o seu coração, estava em outro lugar. O tesouro do primeiro homem era o seu campo recém comprado. Do segundo homem, as cinco juntas de bois. Enquanto o terceiro homem tinha o melhor tesouro e a melhor desculpa de todas, pois tinha uma jovem esposa em casa, e o jantar nunca fora planejado para tirá-lo do lado dela tão cedo. Agora qual é a sua desculpa esta noite? Você tem uma desculpa enviada anteriormente; muitas vezes antes de agora. Será essa a sua desculpa e a sua resposta para esta noite novamente? É como se um anjo tivesse descido direto dos céus a você com um convite endereçado a você na mão. Lá está ele, de pé na passagem ao final do seu banco da igreja. Sim, lá está ele. Não é a primeira vez que o vejo parado impacientemente ali. Mas hoje pode ser a última vez. Quando ele vai embora vazio de novo, o Seu Mestre pode estar tão bravo desta vez que talvez jure não mais lhe enviar convites. "Ele se juntou ao seu campo, aos seus bois, e à sua esposa — deixe-o quieto". E então, o que todas essas coisas farão por você contra a ira do Deus Todo-poderoso, e contra a ira do Cordeiro? Enquanto que, ao dizer sim, todas as coisas serão suas, você será d'Ele e ele é de Deus. Espere um momento, então, ó anjo impaciente: espere, espere apenas um momento! E então seja breve com a sua resposta ao seu Senhor.

Mas até mesmo aquele suficiente perigo e desastre não é tudo. Há mais homens envolvidos em sua salvação ou condenação do que vocês. Os seus ministros são quase tão envolvidos quanto você é. Ó, alunos despreocupados, vá e faça o seu pão dar uma vocação muito e mais segura. Pois Deus estabelece essa mesma ordem terrível em todos os Seus ministros, — Vá, Ele diz, e force-os a entrar. Forçar é a própria palavra d'Ele. Esse é o juramento de ordenação do Seu ministro e se você está perdido: se você seguir até o final dando desculpas e recusas, a sua eternidade perdida baterá à porta de Seu ministro, bem como na sua. Portanto, o Seu ministro deve obrigá-lo para que não seja envolvido em sua ruína. "Você fez tudo o

que foi compelido a fazer?" — isso será demandado dele nesse dia! "Você sabia muito bem que aquele homem lá, e que aquela mulher lá, não foram tão salvos quanto os assentos em que se sentaram, e o que você fez? Você os deixou dormir enquanto lhes enviava minha mensagem a eles? Você explicou claramente o que aconteceria ao final com eles? Ou você teve receio de ofendê-los, perder a sua aprovação e patrocínio? Quais provisões fizeram contra a morte e o julgamento? Você pregou os seus sermões como se fossem o seu último e o último deles? E se você e eles fossem convocados defronte o grande trono branco ao final de seu sermão? Você os compeliu a ver que haviam somente duas coisas possíveis a frente deles — a mão direita ou a esquerda: Céu ou Inferno: a ira do Cordeiro, ou Seu amor eterno? Se você fez tudo isso, então está livre de seu sangue. Mas se não o fez e continuamente não o faz, você não é ministro meu." Oh, homens e mulheres! Não sejam tão inumanos derrubando o seu ministro com vocês. Diga, a qualquer custo, ao anjo de Deus que seu ministro não tem culpa. Diga a ele que o seu ministro fez tudo que qualquer homem mortal poderia fazer. Diga a ele que as mãos de seu ministro estão livres de seu sangue e que somente você não tem desculpa.

Esta parábola, muito temível, terá uma realização muito visível nesta casa durante a próxima quinzena. Duas semanas a contar de hoje, a ceia de casamento do Cordeiro deverá acontecer aqui. E desta noite em diante esse chamado seguirá para toda essa congregação —, a Ceia do Senhor está novamente pronta. Venha e compartilhe dela. Preparem-se da maneira instruída e então venham à Mesa do Senhor. Mas quando os dois dias de preparação especial chegarem, o que veremos aqui? Veremos a igreja na noite de quinta-feira, até a tarde de sábado, nem um quarto cheio, até que os seus ministros ficarão envergonhados de trazer dois servos de Deus para pregar aos bancos vazios da igreja. Tantas pessoas que tinham em mente Comungar na Eucaristia[56], irão, com um consentimento, começar a dar desculpas. Um dirá: a hora é tarde. Outro dirá: o tempo é incerto. Outro dirá: aqueles serviços estão se tornando antiquados, obsoletos e poucas pessoas irão participar. Outro dirá:

[56] Eucaristia é sinônimo de Santa Ceia. O protestantismo antigo não tinha dificuldade de usar termos que hoje são estranhamente identificados apenas com a tradição Católica Romana.

para dizer a verdade eu tinha me esquecido completamente da Sagrada Comunhão e a minha esposa e eu teremos um jantar festivo na mesma noite. Outro dirá: os jovens terão aulas na noite de quinta-feira e precisam de ar fresco na manhã de sábado, e estarão fora da cidade em suas bicicletas. E então os ministros e os mais velhos terão tal descanso e tal preparação daqueles dois preparos que eles olharão ao redor e dirão a si mesmos: ora, por que não estão fulano e beltrano aqui? Que benção, eles perderam. O que será que eles conseguiram em outro lugar para compensar a perda de tal serviço de preparo como foi esse? E então aqueles que se escusaram na quinta-feira e no sábado chegarão tão despreparados no Dia do Senhor que quando o Rei chegar para ver os convidados será impossível para Ele ser conivente com o estado das coisas entre Ele e tantos que irão se intrometer naquele dia. Até que em muita fidelidade Ele irá dizer a eles: "*Amigo, como entraste aqui, não tendo veste nupcial?*" (Mt 22.12a). Mas não emudeça esta noite. Venha esta noite. Diga sim esta noite. Pois todas as coisas já estão prontas, veste nupcial e tudo mais.

XV. O homem que não usava a veste nupcial

Suponha isto. Suponha que você foi ordenado a jantar com o Rei Eduardo Sétimo[57] daqui a uma semana. Então, no que mais pensaria além da ordem nos próximos seis dias e seis noites? Eu tenho certeza que você não pensaria em mais nada. O grande convite, o esperado jantar no palácio do rei, não deixaria os seus pensamentos nem por um momento. Você discursaria sobre a sua grande honra o dia todo e sonharia com isso toda a noite. Mas, ao mesmo tempo, você se alegraria com a expectativa com tremor. E você faria isso. Procuraria outros na cidade que estiveram algumas vezes na corte. Você solicitaria a estes ministros ou outros grandes e honrados homens que jantaram ou cearam com a falecida Rainha, mãe de sua Majestade, e imploraria a eles para lhe contar tudo sobre o palácio, as suas regras e os regulamentos reais. Você os interrogaria sobre mil coisas, desde a maneira como deveria responder a tal ordem, até estar são e salvo de volta em sua própria casa. Você estaria em tal terror mortal com receio de que em sua inexperiência e ignorância você cometa um terrível erro. Você não frequentava a boa sociedade, sem contar uma sociedade que uma cabeça coroada mantém, e você não seria questionado se dormisse muito pouco devido à ansiedade até que tudo tivesse terminado e você já estivesse seguro em casa. E se houvesse qualquer livro sobre etiqueta do palácio e corte cerimonial a ser tido por amor ou dinheiro, você leria a noite toda; deixaria a sua própria Bíblia de lado noite após noite para focar toda a sua mente no Guia da Corte. A sua Bíblia poderia esperar, mas não a sua preparação para o grande evento da sua vida. E se ao estudar as suas instruções você se deparasse com expressões e descrições às quais não entendesse, você voltaria novamente ao capelão do rei ao invés de arriscar o menor mal-entendido ou erro. E se você pudesse se acusar de negligenciar a maior precaução, e, portanto, cometer um erro vergonhoso na corte, você jamais o esqueceria, e você nunca se perdoaria até o dia de sua morte. E quem o culparia por toda aquela preocupação? Quem lhe diria que estava ansioso por muito? Todos nós o invejaríamos por sua grande honra, mas também

[57] Eduardo VII (Londres, 9 de novembro de 1841 – Londres, 6 de maio de 1910) foi Rei do Reino Unido e da Irlanda, dos Domínios Britânicos e Imperador da Índia de 22 de janeiro de 1901 até sua morte, sendo o primeiro monarca britânico da Casa de Saxe-Coburgo-Gota.

nos sentiríamos muito agradecidos por não ter que passar por tal provação. E com a frequência que pensarmos da certeza de cometer algum erro terrível, dizemos a nós mesmos — melhor ele que eu.

Pretendentes da comunhão! Os seus próprios corações já interpretaram a vocês o que venho dizendo todo esse tempo. Pois daqui a sete dias vocês todos serão ordenados a se prepararem para se apresentarem ao Senhor na casa do Pai. Agora, o que você pretende fazer durante essa semana tendo em mente a Ceia do Senhor? Com quem pretende se aconselhar? Você conhece, no seu círculo de amizades, alguém que se sente em casa em tais assuntos? Que livros você lerá essa semana e quais livros você julgará como impertinentes, fora de época, e impróprios para ler essa semana? Como você pretende arranjar as suas noites, especialmente? Em resumo, que passos você pretende dar para assegurar-se e proteger-se contra um tropeço ou descuido terrível quando for conduzido à presença do Rei? Você tem algum plano? Tem alguma programação? Seis dias e seis noites parecem muito tempo para se preparar. Mas logo terão passado e ido antes que saiba onde está. Por um lado, eu mesmo tenho grande fé nos livros apropriados. Eu devo a minha própria alma, se ela for salva no final, aos livros apropriados. E se sua alma está perdida, finalmente, essa catástrofe será amplamente contabilizada por sua leitura persistente de livros inoportunos e impróprios, e especialmente nas vigílias noturnas da semana de comunhão. Alguns que pretendem comungar farão algo assim. Na noite de amanhã eles vão separar algum tempo e vão ler de novo tudo sobre a instituição da Páscoa em Israel, e irão aplicar as lições da Páscoa em seus corações e em seus próprios linteis[58] e postes laterais. Na noite de terça-feira, se você se deparasse com eles tarde, os encontraria absortos no Salmo 51. E na quarta-feira à noite eles estariam em estudo profundo de Isaías 53. Na quinta-feira nós costumávamos fechar todas as lojas e abrir todas as igrejas; e ainda temos os nossos livros de comunhão, se escolhermos, que ninguém poderia fechar como eles fecharam as igrejas. E toda quinta-feira à noite eles estarão ainda mais profundos na prisão, no julgamento e na crucificação de seu Redentor. Que mais, no nome do pecado e da salvação, você esperaria encontrá-los lendo em tal noite de tal

[58] Verga de materiais diversos (madeira, pedra, concreto, etc.) que constitui o acabamento da parte superior de portas e janelas; dintel, padieira. (N.R.)

semana! E toda a semana eles terão entre os seus livros escolhidos algum clássico da comunhão, como diz Robert Bruce, e eles irão trabalhar a salvação de sua alma através daquele grande livro de novo. O livro de Robert Bruce não está circulando nas livrarias, e é muito querido para vocês, que são leigos, esperar que comprem. Mas se há algum estudante da divindade aqui que espera algum dia ser um bom ministro de Jesus Cristo, deixe-o de alguma forma ter os livros em mãos antes da noite de amanhã, e dominar um dos sermões do "divino Presbiteriano imponente" do Sacramento toda noite de toda a semana. Não li Bruce com tanta frequência, com vergonha digo, quanto Jowett leu Boswell. Mas o li pela primeira vez há quarenta anos e o li novamente semana passada. E na força de tantas leituras daquele grande pregador de Edimburgo arriscarei essa profecia de que se você começar a ler Bruce nesta comunhão, você ainda o estará lendo quarenta anos depois, e você gostará mais e mais dele a cada comunhão em seu ministério —, uma verdadeira marca de obra-prima.

Mas, com tudo isso, você não deve sentar-se em casa e ler a sua Bíblia e Bruce sobre os Sacramentos toda semana e não fazer nada mais. "Portanto devemos", diz Jeremy Taylor, "especialmente antes de toda comunhão, lembrar que diferenças ou ciúmes estão entre nós e qualquer outro, e recompor todas essas desuniões, e causar bons entendimentos entre si. Oferecendo satisfazer àqueles a quem machucamos, e perdoando àqueles que nos machucaram". E assim por diante, em sua análise introspectiva e tratado eloquente. Como por exemplo: um de nossos mais velhos, no Dia do Senhor antes de uma comunhão ouviu um sermão no texto: "*Deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão e, depois, vem e apresenta a tua oferta.*" (Mt 5.24). E há algum tempo aquele mesmo senhor teve uma briga terrível com um homem da mesma profissão que a dele, e cujo escritório era na mesma rua que o seu. E na Segunda-feira antes da comunhão, como se não houvesse amanhã, ele deixou a porta de seu próprio escritório e atravessou a rua e tocou a campainha de seu inimigo. Ele sentiu, conforme ele mesmo me contou, como se ele teria quase tão logo enfrentado um canhão aceso ao tocar a campainha. Mas ele o fez. E quando ele parou diante de seu antigo inimigo, não disse uma palavra. Ele estendeu a sua mão. Os dois homens estranhos

olharam um ao outro. Eles apertaram as mãos e se separaram sem dizer nada. Mas uma carga de raiva, ódio e maldade que tinha pesado como pedra de moinho em ambos os corações foi naquele momento removida. E os dois homens vieram à mesa no próximo Dia do Senhor reconciliados com Deus e um com o outro. Você fará um mesmo ato preparatório amanhã de manhã? Ou ainda melhor, fará isso esta noite no seu caminho para casa ao sair da Casa de Deus?

E então, quando o dia da comunhão raiar daqui a uma semana, levante-se cedo. Seja como Moisés na manhã em que estava escondido na fenda da pedra, quando ouviu o Nome do Senhor pela primeira vez. Ao se deitar, logo antes de dormir, tenha algo adequado em mente na noite de Sábado para dizer assim que acordar no Dia do Senhor. Algo como: "*Quando acordo ainda estou contigo*". (Sl 139.18b), ou isto: "*Eu me satisfarei da tua semelhança quando acordar*." (Sl 17.15b), ou então: "*Este é o dia que fez o Senhor*." (Sl 118.24a), ou este: "*O qual por nossos pecados foi entregue, e ressuscitou para nossa justificação*." (Rm 4.25), ou este: "*Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e não te esqueças de nenhum de seus benefícios*." (Sl 103.2), e termine com isto: "*Tomarei o cálice da salvação, e invocarei o nome do Senhor*." (Sl 116.13). E em todas as horas da manhã, deixe que a sua mente volte àquela manhã do primeiro dia do Senhor. Pense que está vendo Maria Madalena enquanto ainda está escuro. Pense que ouve o que ela diz ao Senhor Ressuscitado e o que Ele diz a ela. Repasse o diálogo com eles. Abra e leia a jornada para Emaús, e imagine que é um deles até que o seu coração queime em você. E esteja aqui em cima em boa hora. Venha para ter meia-hora para si. Não venha tarde e agitado a se aprontar. Tenha uma boa meia-hora para ler, pensar e orar. E entre de uma vez na corrente dos salmos, hinos e músicas espirituais, e faça melodia em seu coração para o Senhor. Siga o sermão de ação com atenção plena. Não perca nada do que é dito. Acredito que irá lhe servir no próximo Dia do Senhor. E então, na mesa, ascenda à sua melhor fé e ao seu melhor amor. E se o seu coração resistiu a todas as preparações da semana e você estiver pronto para afundar na terra quando os anciões trouxerem os elementos, então dê um respiro ao seu coração apertado em tais exclamações como estas: eu não sou digno, Santo Senhor. E esta: "*Então irei ao altar de Deus.*" (Sl 43.4a), e esta: assim como sou. E esta: abriu caminhos para mim. E então quando o Rei

Personagens da Bíblia - Novo Testamento.indd 564 13/11/2021 13:16:47

vier a ver os convidados, Ele te encontrará cantando em seu coração para Ele e para si esta música aceitável:

Ó, permita que os mortos ouçam sua voz;
Mande que seus banidos se alegrem,
Sua beleza isso, seus belos vestidos,
Jesus, Teu sangue e justiça;

E então tome um momento ou dois à mesa para orar por aqueles que são tão queridos para você quanto a sua própria alma. Aqueles que você ama como Cristo lhe amou. E depois conceda a sua própria carne e sangue por aqueles que você ama quase tanto quanto os seus amigos escolhidos e mais seletos. E dê continuidade na amizade com o homem ao qual se reconciliou na semana passada. Pois aquela é a melhor amizade, é a indubitável reconciliação que está santificada e selada à Mesa de Deus.

E então, quando o Salvador te disser após a ceia: "Você sabe o que fiz a você?", você terá a resposta pronta. "Meu abençoado Senhor," você dirá, "sei muito bem o que Você fez por mim. Duvido, em todos os Seus grandes feitos por pecadores, se alguma vez fez pelo homem mortal o que fez por mim. Muitos se chamam de chefe dos pecadores; mas eu sei, e Você sabe, melhor que isso. Se eu não sei tudo o que o Senhor fez por mim, guarde o total conhecimento disso até que eu possa suportá-lo. Pois não consigo suportar mais hoje. Ora! o passado, o passado!" você irá chorar em sua agonia pelo remorso junto à fé e ao amor. Pois você vê os seus pecados do passado e o seu presente pecaminoso a cada retorno da sagrada comunhão cada vez mais escuro. "Sim, Deus, Você me resgatou. Você cedeu o Seu lugar para mim. Você carregou os meus pecados em Seu próprio corpo na árvore. Você veio atrás de mim e esteve cheio de sofrimento incomparável por mim. Você me suportou muito mais que qualquer outro homem. Nenhum homem Lhe provocou ao extremo quanto eu o fiz". E mesmo assim, você dirá: "eu não estou no Inferno, mas à Mesa de Deus!"

E então, com tudo isso em seu coração, você irá da Mesa de Deus para casa sendo uma nova criatura. Você irá para casa em paz

com Deus e com a sua própria consciência através da expiação do pecado pela morte do Filho de Deus. Também em paz com todos os homens, cheio de amor e oração por todos os homens. E você irá, daqui em diante, andar com um coração muito mais perfeito perante a sua casa no lar. E irá, deste momento em diante, possuir um coração com uma paciência divina entre todos os trapaceiros de sua parte, e sob todas as cruzes que Deus ver bem em colocar sobre você. E em meio a todas essas coisas você será, daqui em diante, um dos mais vigilantes, dos mais devotos, mais humildes e de fácil convívio dos homens. Um milagre para si, e admiração para muitos. De um dia para o outro vivendo para nada menos do que a santidade perfeita em temor a Deus. E Deus aperfeiçoando mais e mais a cada dia o que Ele começou em você, até o dia de Cristo. Até aquele dia, isto é, em que Ele virá receber os convidados e não mais sairá.









XVI. O fariseu

O doutor Pusey disse em algum lugar que um Fariseu era apenas um judeu com luz divina, mas sem o amor divino. E essa fala do doutor Pusey é apenas o décimo terceiro capítulo de Primeiro Coríntios em um epigrama. Paulo mesmo um dia foi um Fariseu, e no começo daquele famoso capítulo aos Coríntios ele se descreve como um Fariseu à perfeição. Todo Fariseu completo, ele nos diz, não possui somente a língua do homem, mas a língua de um anjo. Em alguns exemplos, o Fariseu também possuía o dom da profecia e conseguia entender todos os mistérios e todos os conhecimentos. Haviam Fariseus conhecidos por Paulo que podiam até mesmo mover montanhas. Enquanto outros eram conhecidos por não dar nem um décimo do que possuíam, mas positivamente doavam todos os seus bens para alimentar os pobres. Enquanto alguns foram à terrível extensão de doar os seus corpos para serem queimados. Nossos corações sangram pelos Fariseus. Nossos corações sangram em nós pelos homens que podiam fazer e suportar tudo aquilo, e que, mesmo depois de tudo isso, foram completamente rejeitados do Reino dos Céus. Quem então, meu irmão, pode ser salvo?

Em resposta a esse clamor vacilante, o Apóstolo, que foi um deles e um dos melhores, segue a acusar os Fariseus com tal incontestável acusação como essas. “Com tudo isso”, diz o Apóstolo, “o Fariseu completo estava totalmente sem amor em seu coração para chegar a detalhes e circunstâncias daquelas”, diz o Apóstolo. Ao verdadeiro Fariseu faltou completamente a generosidade e a bondade fraterna, lhe faltou completamente gratidão e admiração por outros homens. Ele se gabava de si em tudo, enchia-se de orgulho em tudo. Não tinha prazer em ouvir outros homens serem elogiados por seus talentos, por suas performances, condutas e nem por seu caráter. O verdadeiro Fariseu não tinha prazer na pura verdade sobre outros homens. Não, ele não tinha prazer melhor que em todos os julgamentos injustos e em toda censura severa no que diz respeito a outros homens. Quando ouvia um caluniador ele sentia prazer e era um participante junto aos intrometidos. A ele faltava completamente a generosidade da mente e a hospitalidade de coração. Faltava- lhe totalmente a confiança, a esperança e o amor. Na maneira curta e perspicaz do doutor Pusey, o verdadeiro Fariseu do

dia do nosso Senhor tinha suficiente luz divina em sua cabeça, porém estava faltando completamente o amor divino em seu coração.

Mas voltemos a alguns dos pontos positivos do Fariseu. E isso não apenas pelo bem dele, mas também pelo nosso, pois quanto melhor homem fosse o Fariseu, melhor será a sua grave história, seu caráter e a sua condenação para nós. Se os Fariseus fossem absolutamente homens maus, a sua condenação não seria tão surpreendente e séria a nós como é. Agora, quando você estuda bem o seu Novo Testamento, verá o quanto há a ser dito em nome dos Fariseus. Comparados aos Saduceus, por exemplo, os Fariseus eram homens de grande caráter religioso. Eles amavam a Bíblia. Eles a sabiam de cor. Eles santificaram o Dia do Senhor. Nenhum de vocês é melhor. Eles observaram os dias de Jejum e todos os outros regulamentos da igreja com o que chamaríamos de honradez e abnegação Puritanos. Em resumo, todas as melhoras pessoas de Israel, no dia de nosso Senhor, pertenciam ao grupo dos Fariseus.

Mas, com tudo isso, os Fariseus estavam errados em seus corações. O coração do verdadeiro Fariseu não era um coração partido; e assim foi que nada que o Fariseu fizesse ou dissesse estava certo. Isso soa como algo pesado a se dizer, que nada que ele fizesse ou dissesse estava correto, mas é a simples verdade. Em um de seus sermões Romanos Católicos mais poderosos, intitulado "A Religião do Fariseu", doutor Newman traz isso sobre o coração não quebrado de um Fariseu em sua forma incomparável e surpreendente. Eu não vou atenuar a passagem, mas lhe darei a alegria e o benefício dela exatamente como é. "A característica marca da religião de Cristo", diz ele, "é uma confissão do pecado contínua e uma constante oração por misericórdia. O que é peculiar à nossa fé divina como ao Judaísmo antes disso, é isso, aquela confissão do pecado entra na ideia de sua maior santidade, e que o padrão dos adoradores, e os próprios heróis dessa história, são apenas, e apenas podem ser, e guardá-lo em seus corações a eterna memória de quem são, e carregar com eles ao Céu a arrebatadora confissão de seu ser, transgressores renovados. Uma tal confissão não é simplesmente torcida dos lábios do iniciado, nem do não praticante; não é somente o grito dos homens ordinários que estão lutando com o surto de tentação no vasto mundo; é o hino dos santos, é o triunfante tributo sonoro das harpas celestiais do Bendito perante o Seu Trono, que canta ao

seu Redentor Divino, "*Digno és de tomar o livro, e de abrir os seus selos; porque foste morto, e com o teu sangue nos compraste para Deus de toda a tribo, e língua, e povo, e nação*" (Ap 5.9b). Qualquer que fosse seu avanço na vida espiritual, eles nunca se levantaram de seus joelhos, nunca pararam de bater no peito. Assim foi com Santo Aloísio, também com Santo Inácio, bem como São Filipe Néri que, quando elogiado por alguém, gritava: vá embora! Eu sou um demônio, e não um santo! E que, quando ia se comunicar, protestaria perante seu Senhor que ele não era bom para nada além de praticar o mal. Tamanha autoprostração, eu digo, é o próprio distintivo e símbolo do servo de Cristo; e isso, na verdade, é transmitido em Suas próprias palavras quando Ele diz, "*Eu não vim chamar os justos, mas, sim, os pecadores, ao arrependimento.*" (Lc 5.32), e é reconhecido solenemente e incutido por Ele nessas palavras: "*Porquanto qualquer que a si mesmo se exaltar será humilhado, e aquele que a si mesmo se humilhar será exaltado.*" (Lc 14.11). Poderia a contradição ser maior que entre este e aquele? "*Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens.*" (Lc 18.11b). "*Jejuo duas vezes na semana, e dou os dízimos de tudo quanto possuo.*" (Lc 18.12). Não; a diferença não poderia ir além disso entre o verdadeiramente arrependido e o verdadeiro Fariseu".

O próprio nome que o Fariseu escolheu para si o condenou em sua face. Ser um "Fariseu" era ser um auto-escolhido e um homem separado. Agora, enquanto todo bom e verdadeiro homem deve às vezes a qualquer custo se separar de todo homem ruim, ao mesmo tempo, todo bom e verdadeiro homem fará a separação com grande humildade, e a tornarão mais curta possível. Eles não vão ostentar exteriormente a separação como uma bandeira. Eles não vão colocá-la como uma pedra de alicerce e não construirão sua igreja sobre ela. E era justamente o que este verdadeiro Fariseu estava fazendo o dia todo no templo quando o nosso Senhor o encontrou e o delatou. Ele estava ostentando a sua bandeira de superioridade e separação na face de Deus e do homem, de que era melhor que qualquer outro homem. Ele deve ser corretamente relatado, e se ele for, ele coloca todos os outros homens a um lado e se separa de todos eles, e graças a Deus por isso. "*Fica onde estás*", ele diz aos demais adoradores no tempo, "*e não te chegues a mim, porque sou mais santo do que tu.*" (Is 65.5a). Você tem o verdadeiro

Fariseu de todos os tempos, e fora de sua própria boca, naquele discurso dele. Você tem aqui aquele espírito detestável de sectarismo e cisma que partiu em pedaços a Igreja de Deus em Israel, e que está partindo aos pedaços a Igreja de Cristo até este dia. Onde quer que veja algum homem, alto ou baixo, grande ou pequeno, habitando continuamente em sua superioridade sobre todos os outros homens e acima da superioridade de sua igreja e sobre qualquer outra igreja, aí fala o verdadeiro Fariseu. Especialmente quando vê-lo trabalhando pela língua ou caneta ou carteira para manter abertas as feridas abertas do Corpo de Cristo, para habitar sobre essas feridas, para agravá-las, espalhá-las e perpetuá-las.

Agora, para aplicar tudo isso ao assunto — Unidade Cristã — é a nossa própria parte no assunto de hoje.

Para começar, se alguma vez formos assumir o papel de curar as graves feridas do Corpo de Cristo, em primeiro lugar devemos ter as nossas mãos limpas; quer dizer, devemos ter corações limpos; quer dizer, devemos ter corações partidos, humildes e penitentes. Que tipo de curador seria aquele que viesse até você para curar as suas feridas com as mãos pingando com toda forma de contaminação ou infecção? Você diria a ele, médico, cure-se. E todos devemos olhar para nós mesmos antes de começar a curar o Corpo de Cristo. É o nosso próprio universal e incurável amor-próprio e justiça própria que são as raízes de todo nosso sectarismo, cisma e controvérsias, sejam as controvérsias levadas pela língua ou pela caneta ou pela espada. É o nosso orgulho e a nossa auto idolatria; é o nosso desprezo e desdém de todos os outros homens; não é o nosso amor pela verdade ou o nosso amor por nós mesmos, tanto quanto o nosso amor por nós mesmos, que é a verdadeira causa de todas as nossas contendas e controvérsias. Paulo era um tremendo religioso e um grande sectário controversista enquanto era Fariseu: quer dizer, enquanto o seu coração estava intacto. Mas olhe para ele após renascer e se tornar uma nova criatura. Que contraste com a sua forma anterior! Que humildade, que condescendência, genialidade, cortesia, catolicidade, que gentileza amável universal; em resumo e em linguagem moderna, que cavalheiro Cristão! Coleridge diz que enquanto Lutero não era, talvez, um cavalheiro tão perfeito quanto Paulo, ela era quase tão grandemente um gênio. E Lutero nos dá uma prova tanto de sua genialidade quanto de seu cavalhei-

rismo também no que diz sobre Paulo, após este deixar de ser um Fariseu. "Paulo era gentil, maleável e pacífico em toda a sua vida Cristã. Paulo era dócil, cortês e brando. Ele podia tolerar os erros e falhas de outros homens, ou então ele iria expô-los da melhor maneira. Paulo ficaria contente em ceder o seu próprio caminho, e dar lugar e honra a todos os outros homens, até mesmo aos perversos e intratáveis". Assim fala sobre Paulo o homem mais parecido a ele do mundo moderno. E um cavalheiro inglês, se é que existiu algum, falou sobre Paulo em mais de um inimitável sermão: "Não há nem um daqueles requintes e delicadeza de sentimento que sejam o resultado de civilização avançada, nem qualquer uma daquelas propriedades e embelezamento de conduta na qual o cultivado intelecto encanta, mas Paulo é um padrão disso. E aquele no meio de uma assembleia de outras excelências sobrenaturais é a característica dotação de apóstolos e santos". Mas então toda fibra disso, se procurar fundo o bastante por ele, você o encontrará enraizado em um solo como esse: "*pondo-me no ministério; a mim, que dantes fui blasfemo, e perseguidor, e injurioso.*" (1Tm 1.12-13), e ainda mais nesse: "*Miserável homem que eu sou! quem me livrará do corpo desta morte?*" (Rm 7.24). Esse é o verdadeiro temperamento da unidade da Igreja, mesmo como a oração do Fariseu é o verdadeiro temperamento de toda separação, sectarismo e laceração do Corpo de Cristo. Somente define o chefe dos pecadores, e com o coração em suficientes pedaços, como as cabeças e líderes terrenos de todas as suas igrejas e os dias de debate, divisão e separação estarão desse dia em diante condenados.

Como vocês são as minhas testemunhas, estou sempre implorando a vocês que trabalhem juntos a Deus em expulsar de seus corações os sete demônios da predisposição, preconceito, espírito festivo, intolerância e egoísmo. E aquele pela leitura dos melhores livros, e especialmente pela leitura dos melhores livros de seu inimigo. Vou repetir para você o que me encarreguei de dizer no último mês de maio, na Assembleia Geral da Igreja da Escócia. Eu tive a honra, eu lhes disse, e a felicidade, de ser um dos estudantes do doutor John Duncan, aquele gênio tão católico e verdadeiro santo, e em meio a tantas lições da verdade, graça, talento e raro conhecimento Cristão, ele ensinou aos seus alunos, sempre me lembro disso. "Se," ele disse, "eu encontrar um homem na Nova Inglater-

ra, eu lhe diria: "Leia os Homens Medulares; e se eu encontrasse um Homem Medular, eu diria: leia os Novos Ingleses". E, embora eu quase deva a minha alma aos grandes Puritanos, ainda assim, agindo sob o conselho do doutor Duncan, eu li Richard Hooker, o grande oponente dos Puritanos, até que percebi que em muitas de suas discórdias Hooker estava certo e Travers errado. E nesta mesma manhã, eu lhes disse, contei sete autores bem diferentes amigavelmente dispostos em minha escrivaninha. À ponta estava Hooker com *Política*, então John Donne com *Sermões*, Edwards com *Afeições*, também Newman com *Gramática*, e Dante com *Banquete*. Eu tenho feito um banquete em minhas aulas com todos eles, e lá eles permaneceram, não excomungando um ao outro, mas, em vez disso, suplementando, auxiliando e apoiando uns aos outros, e a mim. E não apenas esses autores se ajustando à minha mesa hoje, mas concordam-se onde estão. Eles estão agora lendo os livros uns dos outros com uma mente aberta e generosidade. Estão todos culpando o seu passado preconceituoso agora, todos envergonhados de seu passado de espírito festivo. Estão se alegrando na verdade de seu vizinho, em sua prosperidade e fama. No púlpito do Templo Celestial, a manhã não mais fala Cantuária e nem a tarde Genebra. E não somente as grandes obras-primas do passado, mas a leitura de revistas e jornais de outras igrejas além da sua própria irá recompensá-lo, e não somente com informações que não conseguiria em qualquer outro lugar, mas com um temperamento de grande simpatia, mais católico, mais liberal e generoso. E isso já será a unidade Crística realizada, contanto que você esteja preocupado. Isso já será o Céu, com o seu amor e a sua paz, que já desceu em você.

E, por outro lado, evite literaturas controversas de todo tipo, a menos que você já esteja bem avançado em todo conhecimento e em todo amor. Se a literatura controversa deve ser escrita e lida, eu duvido que você seja o homem para escrevê-la ou lê-la. Você não é, a menos que o seu coração esteja muito mais cheio de amor e de seus frutos do que a maioria dos corações dos homens. Richard Baxter, você deve concordar, comprou um direito e um título de falar com todos nós sobre este assunto agora em mãos. "Outro obstáculo fatal no caminhar e conversação celestiais", ele diz, "são as nossas frequentes disputas. Um espírito contencioso é seguramente sinal de um espírito não santificado. Eles são, geralmente, homens menos

familiarizados com a vida celestial, que são os disputadores mais violentos sobre a circunstancialidade da religião. Sim, apesar de você estar seguro que as suas opiniões eram verdadeiras, mesmo quando o principal de seu zelo se torna essas coisas, a vida da graça logo decai no interior. Eu poderia desejar que vocês fossem homens de entendimento e habilidade para defender toda a verdade de Deus; mas, ainda assim, eu teria a verdade principal a ser estudada, acima de tudo, e nenhuma verdade para mostrar o pensamento da eternidade. As menores verdades controversas são, na maioria das vezes, os mais significativos e mais necessários e de uso frequente de nossas almas". Assim nos testemunha o autor seráfico de *O Descanso Eterno dos Santos*. E, para terminar, ouça uma voz bem diferente da de Richard Baxter. Ouça o que diz Homero, que, apesar de morto, ainda fala através da boca de Eneias a Aquiles:

Há muito nos campos das palavras podemos argumentar,
A censura é ilimitada, e não conhece fim,
Armados, com a verdade ou falsidade, certo ou errado;
Tão volúvel uma arma é a língua,
Feridos nós ferimos; e nenhum lado pode falhar,
Pois todo homem tem semelhante força para cercar.

O Deus da paz a todo momento não Se deixou sem uma testemunha mesmo quando um Homero cantou a sua imortal *Ilíada*.

XVII. O publicano

Nosso Senhor estava ensinando e curando diariamente no templo, e entre as multidões que vinham e iam enquanto ele estava tão empenhado, Ele deu atenção especial a um Fariseu e um publicano. O Fariseu veio ao templo sem se importar quem o via ou ouvia quando estava orando. Ele não tinha nada a dizer em suas orações que lhe desse razões para se sentir envergonhado. Enquanto o publicano ficou longe e não levantava muito os olhos aos céus. Contudo, havia Um ensinando e curando no templo naquele dia, que não apenas viu ambos, o Fariseu e o publicano, mas que, sem ouvir, escutou ambos orando e leu tudo que estava em seus corações. Ele não precisava deixar seu lugar onde Ele estava ensinando e curando, porque a toda aquela distância, apesar de toda a multidão que surgia, Ele sabia em Si o que aqueles dois homens estavam pensando e o que estavam dizendo. Pois, "*Eu sou aquele que sonda os rins e os corações. E darei a cada um de vós segundo as vossas obras.*" (Ap 2.23b)

O Fariseu não precisa nos deter por muito tempo. Ele não é um estudo profundo para nós. Ele é familiar a nós. Nós o temos entre nós. Há multidões como ele entre nós. Ao mesmo tempo, eu gostaria que houvessem mais homens como ele entre nós. Pois ele era um homem inocente. Ele era um homem de vida imaculada. Ele era um homem justo ao lidar com outros homens. Ele era um pilar da cidade. Era um pilar do templo. Não havia ninguém no templo que não o reverenciava quando passava por ele. Ele era admirado, honrado e elogiado, de todos os homens. Sim. Eu gostaria que houvessem mais homens como ele em todas as nossas cidades bem como em todos os nossos templos.

É o publicano que é aqui trazido pelo nosso Senhor e para nosso aprendizado especial. O publicano é revelado a nós para nosso próximo estudo. O nome dele é familiar a nós, mas não seu estado mental. Havia poucos homens com estado mental igual ao dele em seu tempo, e não são muitos em nossos dias. "*Deus, tem misericórdia de mim, pecador!*" (Lc 18.13b) foi o que o publicano disse batendo no peito. *O* pecador! Ele disse, nessas mesmas palavras, o que sentiu e o que disse. *O* pecador, como se não existisse nenhum outro pecador além dele. O publicano era tão possuído por sua pecaminosidade quanto o Fariseu era possuído pela sua honradez. O

Fariseu pensou que nenhum outro homem no mundo fosse igual em sua honradez, e era exatamente o que o publicano pensava sobre si mesmo em relação ao pecado. O publicano se sentiu completamente sozinho no templo naquele dia. Ele se sentiu totalmente solitário no mundo todo, todo dia. E a definição da palavra que ele instintivamente usou sobre si mesmo — o pecador —, é até hoje o melhor teste possível do estado mental de todos aqueles que ou leem esta parábola, ou falam sobre ela. Coleridge, quando está escrevendo em um lugar sobre Santa Teresa, desliza por um momento em uma imbecilidade que é inexplicável em um homem de tal compreensão espiritual e tal compaixão espiritual. A santa estava falando a si mesma sobre ela em seu diário, nos mesmos termos onde o publicano falou sobre si no templo e da mesma forma em que Paulo também falou sobre si na Primeira Epístola a Timóteo, quando o grande crítico desaba sobre ela por sua sinceridade e linguagem extravagante, em uma maneira muito dolorosa de ser lida pelos admiradores dele, e muito diferente dele mesmo. Não fosse essa exceção à sua percepção e simpatia, eu estaria tentado a dizer que tal censura, a tal santo, em minha mente, e eu acho que tenho a mente de Cristo, um sinal pior que o de Coleridge e todo o ópio que ele consumiu, todo o trabalho procrastinado que deixou incompleto ao morrer. Não é que o publicano era, falando grosseiramente, o homem mais imoral em toda a cidade. Na verdade, não é que Paulo era, falando estupidamente, o maior de todos os pecadores de seus dias. Não é que Santa Teresa era a mulher verdadeiramente pior e perversa em toda a Espanha em seu tempo. Mas, para colocar essa verdade sobre eles em uma maneira familiar, não era nada diferente disso. Eu tenho boas razões para acreditar que outros homens, além de mim, sofreram de dor de dente e reumatismo. Porém, eu nunca tive a experiência verdadeira e pessoal da dor angustiante de qualquer homem além da minha própria. O pecado interior e secreto é a dor de dente, enxaqueca, o câncer e a agonia acumulada e agravada, da própria alma de cada homem espiritual. Não é que o publicano tivesse feito de fato e abertamente que apodreceu, como fogo infernal, em seu coração e consciência, e sim o que ele era em seu interior e estava intimamente solitário. "*O coração conhece a sua própria amargura.*" (Pv 14.10a) Ele teria dito a Coleridge escrevendo tão levianamente sobre Teresa. Era porque a oração de Salomão, feita há muito tempo na dedicação do templo, foi realizada no

publicano. Que, disse Salomão: "*conhecendo cada um a chaga do seu coração, e estendendo as suas mãos para esta casa.*" (1Rs 8.38b) Todo o caso do publicano é explicado previamente naquela profunda súplica da oração de Salomão. Ó pobre publicano! Ó publicano, digno de pena tanto de Deus quanto do homem! Deus tenha piedade de todos os homens, em todo lugar e todo dia, conheça a chaga do seu coração!

Por que nosso Senhor não disse santificado? Ou, melhor ainda, por que Ele não disse ambos justificado e santificado? Por que Ele Se limitou a justificado? Era da santificação que o publicano precisava mais ainda que a justificação e nosso Senhor sabia muito bem disso. Enquanto que Ele apenas disse que este homem: "*desceu justificado para sua casa*". (Lc 18.14a) A justificação era apenas a metade da oração do publicano, não era a metade mais pungente e urgente. Pois, se ele é apenas justificado hoje, ele não irá voltar ao templo amanhã melhor por ser justificado, mas ainda pior. Se nosso Senhor em Sua grande misericórdia para com a miséria do publicano tivesse apenas disse santificado, que feliz adorador o publicano seria dali em diante! Que casa feliz ele teria em seu lar dali em diante! Agora, por que nosso Senhor não disse a palavra? Por que ele não o disse nem o fez a este pobre miserável naquele momento? Ele precisaria de uma boa razão para mostrar por que Ele não disse santificado. E, sem dúvidas, Ele terá boa razão para mostrar quando Ele for julgado. Apesar que não é sempre fácil a nós ver qual pode ser a razão d'Ele. Talvez Ele tentou dizer santificado naquele dia no templo e não conseguiu. Quem pode dizer somente que Ele estava tão cheio de pena pelo pobre publicano que disse ao Pai, se possível, enviemos este homem miserável santificado à sua casa. E talvez Ele tivesse que aceitar e dizer: "Assim seja". Pois a justificação é um ato imediato da graça livre e soberana do Pai. Um ato, sem dúvidas, da própria mente, coração e santa vontade de Deus. Portanto, o publicano foi para casa apenas justificado. Considerando que santificação é "um trabalho excessivamente complexo", como John Wesley costumava chamá-lo. Deus está mandando homens descerem justificados para suas casas todo dia, mas não santificados. Leva-se o tempo de uma vida, em muitos casos, para santificar um pecador; e, ao final, é o milagre dos milagres para o próprio velho pecador que ele é de qualquer modo santificado. Os

dois são milagres. Ambas justificação e santificação. Samuel Rutherford costumava apresentar esse dilema aos santos de seus dias, a qual dos dois milagres irão maravilhar-se por toda a eternidade, sua justificação ou sua santificação? Afinal, o que é justificação? *"Justificação é um ato da livre graça de Deus, através da qual ele perdoa todos os nossos pecados e nos aceita como justos diante de si, somente pela justiça de Cristo a nós imputada e recebida pela fé somente*[59]*"*. E o que é santificação? *"É a obra da livre graça de Deus, pela qual somos renovados em todo o nosso ser, segundo a imagem de Deus, e habilitados a morrer cada vez mais para o pecado e a viver para a retidão*[60]*"*. E, como muitos de vocês sabem, a muitos é necessário visitar o templo, a muitos uma posição remota no templo, a muitos uma oração penitente no templo e em suas próprias casas, a muitos uma batida no peito em todo lugar, antes do trabalho de santificação excessivamente complexo possa ser iniciado em você, para não dizer concluído em você.

Agora, nessa cena eu farei mais uma observação, tão perto. Você não deve supor que essa era a primeira vez, muito menos primeira e única, em que aqueles homens teriam subido ao templo para orar. Você pode confiar que o Fariseu nunca negligenciou a adoração pública e até esse momento tampouco o fez o publicano. Quanto mais o Fariseu subia ao templo, mais ele descia menosprezando os demais. Mas, por outro lado, quanto mais o publicano subia, mais aguda era a dor em seu peito. Pois, se ele descesse justificado todo Dia do Senhor, como o fez, mais ainda se odiaria na semana seguinte, aos seus próprios olhos, por suas inquietações e suas abominações. E assim prosseguiu até que, por fim, Deus teve misericórdia dele, o levou ao templo celestial onde, finalmente, ele foi santificado, glorificado e, também, justificado. Ele muitas vezes recuou na agonia de seu coração em Escrituras como essa: "*Quanto a mim, contemplarei a tua face na justiça; eu me satisfarei da tua semelhança quando acordar.*" (Sl 17.15) Mas, com isso, e com muitas escrituras como esta, para aliviar sua agonia, ele frequentemente acusou Deus tolamente pela extensão e profundidade de sua misé-

[59] O autor se refere à pergunta 33, do Breve Catecismo de Westminter, que pode ser encontrado online. [N.R.]

[60] Aqui o autor também utiliza o Breve Catecismo de Westminter, pergunta 35. [N.R.]

ria. Mas, quando o suporte foi finalmente derrubado, ele não mais ressentiu o passado. Pois, naquele tempo, ele era como o prisioneiro em Plutarco que recebeu uma corrente de ouro com muitos elos, e cada elo era tão pesado quanto seria aquela corrente de ferro, ele estava confinado por tanto tempo exilado na prisão devido a seu soberano. Você deve aprender a não ressentir ou lamentar as suas visitas ao longo da vida a este templo em busca de santificação. Aquilo que você busca tão incessantemente não está aqui. Ao mesmo tempo, essa é a maneira de procurá-lo. E, enquanto isso, todo Dia do Senhor você descerá à sua casa, de qualquer maneira, justificado. E enquanto caindo infinitamente longe de uma santificação concluída, você encontrará aqui muitas bênçãos pequenas que vão te ajudar a evitar que seu coração se esvaia, até que a você também será dito, "Oh tu, pecador dos pecadores, que seja feito a ti na matéria de santificação, assim como quiser." "*Em lugar da vossa vergonha tereis dupla honra; e em lugar da afronta exultareis na vossa parte; por isso na sua terra possuirão o dobro, e terão perpétua alegria*" (Is 61.7).

XVIII. Cegos condutores de cegos

Contudo, os Escribas e Fariseus estavam certos, como estavam com frequência. Os discípulos de nosso Senhor estavam totalmente errados, o que acontecia com frequência. Os discípulos não deveriam se sentar para comer sem lavar as mãos, os Escribas e Fariseus estavam apenas cumprindo seu dever ao protestar contra essa conduta desordenada. Moisés nunca se sentava para comer até ter lavado as mãos e os pés. Os Escribas e Fariseus sentaram no lugar de Moisés pelo verdadeiro propósito de se assegurarem que o grande legislador era obedecido e imitado em todas as coisas, grandes e pequenas, que tenha dito ou feito. Mas, realmente, a Natureza mesmo deveria ter ensinado os discípulos a observar a decência ordinária em todos os seus hábitos na mesa, bem como em todo lugar. E, apesar dos queixosos não fizessem isso, eles também tinham nosso próprio John Wesley com eles. Pois Wesley costumava pregar esta alta doutrina de Moisés e da própria Natureza, ao povo chamado Metodista, essa alta doutrina dele, de que a limpeza está próxima à Divindade. E, mais que tudo isso, os Escribas e Fariseus tinham o Mestre dos discípulos com eles até agora. Se esse raio de luz não tivesse sido nos próprios olhos deles, Ele teria estado totalmente com eles ao retirar esse argueiro dos olhos de Seus discípulos. Vocês estão certíssimos, Ele praticamente disse aos reclamantes. Vocês estão apenas fazendo o seu dever em dizê-lo aos Meus discípulos. Entretanto, por que vocês se irritam tanto com isso? E por que vocês vêm desde Jerusalém para fazer nada mais além de criticar coisas como lavar as mãos, pés, copos, panelas e mesas? Lavem seus corações, hipócritas. E com isso, Ele se voltou contra eles de uma maneira que fez Pedro intervir e reprová-lo. "Não é seguro; não é sábio", disse Pedro, "falar às autoridades dessa maneira. Tal linguagem com certeza nos trará fortes represálias um dia." Mas ao invés da timidez e restrição, os discípulos teriam feito seu Mestre observar aqueles homens de tal poder, Ele continuou, ainda mais, com as palavras mais francas que já proferiu. *"São cegos condutores de cegos. Ora, se um cego guiar outro cego, ambos cairão na cova."* (Mt 15.14) Até que a profecia de Pedro finalmente tornou-se verdade. Até que Seus inimigos sofreram as mais terríveis represálias do Mestre de Pedro por seu olhar perscrutador e pela bravura de Seu discurso.

Agora, o grande valor dessa passagem se encontra nisso, que temos duas categorias de pregadores diante de nós para nosso aprendizado. Nós temos aqueles professores e pregadores que estão completamente absortos pelas coisas exteriores; com copos, panelas, mesas e camas, como demonstra essa passagem. E, por outro lado, temos nosso Senhor, que passa por todas essas coisas para que Ele possa chegar, de uma vez, ao coração dos homens. E é a imagem mais terrível que nosso Senhor nos dá aqui dos corações dos homens, da obra que Ele e Seus sucessores no ministério Cristão têm que fazer nos corações dos homens. "*Porque do coração procedem os maus pensamentos, mortes, adultérios, fornicação, furtos, falsos testemunhos e blasfêmias.*" (Mt 15.19) Não é de admirar que o jovem Newman disse que, em meio às suas festas de vinho, suas noites musicais, toda sua rapidez e vontade de se juntar a qualquer diversão, ele estremecia consigo mesmo o tempo todo.

Generalia non pungunt. Não. Mas não há considerações gerais sem sentido na pregação de nosso Senhor. Sua pregação é rápida e poderosa, mais afiada do que qualquer espada de dois gumes, perfurando até mesmo a divisão de alma e espírito, é um diferenciador dos pensamentos e intenções do coração. Nem há nenhuma criatura que não seja manifesta em Sua visão; mas todas as coisas estão puras e abertas aos olhos d'Aquele com quem devemos tratar. "No departamento da moralidade Cristã", diz John Foster, "muitos dos nossos pregadores evangélicos são grande e culposamente deficientes. Eles raramente, se alguma vez, pegam algum assunto de dever moral, como honestidade, verdade, imparcialidade, bom temperamento, perdão de insultos, melhora do tempo, entre outros, e investigam os princípios, as regras, as diferenças, adaptações de tais coisas. Há pouco, hoje em dia, da casuística Cristã encontrada em muitos de nossos teólogos. Tais discussões custariam trabalho e pensamento, mas seriam extremamente úteis em definir o julgamento e consciência das pessoas aos direitos." E Robert Hall, em uma carga de ordenação dirigida a um jovem ministro, diz: "Não tenha medo de dedicar sermões inteiros a partes específicas de conduta moral e dever religioso. Às vezes, analise profundamente personagens, descreve virtudes e vícios específicos. Aponte para o seu povo, e com distinção inconfundível, o trabalho da carne e os frutos do Espírito." John Jamieson, da cidade de Forfar, por exem-

plo, teria agradado ambos John Foster e Robert Hall. Pois, muito antes de seus dias, ele pregou e publicou cinquenta sermões mais poderosos sobre o presente texto do nosso Senhor, tratando o texto como nosso Senhor volto a isso, tratando-o continuamente em Seus sermões, como Foster e Hall exigiram que ele fosse tratado em cada púlpito digno desse nome. E mesmo depois desses dois volumes claros de sermões de análise introspectiva, Jamieson tem a ousadia de afirmar que todo ouvinte e leitor seu, que conhece a praga de seu próprio coração, vai admitir que a metade da vergonha, da dor, da miséria, da absoluta angústia de seu coração ainda não foi contada a ele. E aqueles cinquenta sermões de Genasaré entregues em Forfar cavou os alicerces profundos sobre os quais mais de cem anos de grande pregação foram alocados em Forfar, e estão sendo alocados naquela cidade privilegiada até hoje. Gostaria que cada púlpito na Escócia tivesse tal casuística Cristã e tal nitidez inconfundível! Mas, isso não custaria ao pregador apenas trabalho e pensamentos, como Foster admite, mas, como o poeta, tais pregadores teriam que deixar de morder as canetas por argumentos e oratória, e teriam que procurar em seus corações por todos os argumentos e toda a oratória de seus sermões. É o Espírito que estimula tanto você quanto sua pregação, nosso Mestre está sempre dizendo a nós pregadores. E é quando nossos corações são vivificados para ver dentro deles o que Ele vê, é então, somente então, que poderemos ser capazes de lidar como Ele gostaria que lidássemos, e como John Jamieson realmente lidou, com os corações de seus ouvintes. Os Escribas e os Fariseus tinham olhos o bastante para pregar contra adultério e assassinato quando essas coisas saíam dos corações das pessoas; mas eles eram cegos como toupeiras às verdadeiras raízes dessas coisas, bem como às raízes podres do orgulho, da cobiça, inveja, da fraude, dos quais seus próprios corações, e os corações de seus ouvintes cegos, estavam cheios. E essas são as coisas que realmente contaminam um homem — maus pensamentos, cobiça, engano, mau-olhado, entre outros.

"*Até vós mesmos estais ainda sem entender?*" (Mt 15.16) Questionou o Mestre dos discípulos ainda ignorantes. Sem conhecimento, isto é, do que é que realmente corrompe um homem, e de onde isso vem. Já é ruim o bastante sofrer de alguma doença secreta e mortal. Mas ter um médico totalmente ignorante do que se pas-

sa com você, e de como tratá-lo, isso é simplesmente desespero e morte para você. Uma vez fui chamado a um leito de morte, em cujo redor estavam os três médicos mais famosos da cidade. Ainda não é hora, eu disse, enquanto o moribundo me chamou para despedir-se de mim. Ainda não é hora, disseram os três médicos, se ele apenas se levantasse e determinasse não morrer. Você verá! Disse o moribundo, sorrindo para mim. Ele sentiu a mão da morte sobre ele, mas os médicos estavam completamente cegos ao que ele sentia, porque o sentia. Eles estavam sem entender, e então ele estava em sua cova antes que uma semana tivesse se passado. Tragédias como essa acontecem até com os melhores médicos, mas tais casos trágicos são uma ocorrência diária para nós, ministros. As doenças de nossos pacientes estão tão profundas em seus corações, nós somos tão cegos aos nossos próprios e às doenças de nossos corações, que tais mortes culpadas nos acontecem todo dia. Nas claras palavras desta Escritura, nós damos muita atenção às coisas exteriores; panelas, mesas e camas, muito pouco atenção aos nossos próprios corações, e aos corações de nossos ouvintes.

Quando o Peregrino estava andando pelo vale da sombra da morte, seu raro biógrafo nos diz algumas coisas sobre as experiências do peregrino que sempre falam familiarmente ao meu coração. Sobre o meio do vale estava a boca do Inferno e também ficou difícil à beira do caminho. Ele também ouviu vozes tristes, correrias para lá e para cá, de maneira que às vezes ele pensava que deveria ser partido em pedaços, ou pisado como a lama das ruas. Justo quando ele se aproximou da boca do abismo em chamas, um dos perversos ficou atrás dele e se aproximou dele, sussurrando muitas blasfêmias repugnantes a ele, que o fizeram pensar que provinham de seu próprio coração. Quando Davi viajou nessa condição desconsolada por um tempo considerável, ele pensou ter ouvido a voz de um homem, que ia à sua frente, dizendo: "*Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque tu estás comigo*" (Sl 23.4a). Agora, esta Escritura no momento aberta perante nós tem o mesmo efeito em mim que a voz no vale da sombra da morte teve para Davi. Pois, por aquela voz, ele deduziu que alguém que temia a Deus estava naquele vale assim como ele; então, dessa escritura deduzo que Ele que aqui busca os corações dos homens, conhece o âmago de meu coração, com toda sua perversidade, em

toda sua miséria e em toda sua possessão do Maligno. Falando somente por mim em todos esses assuntos, mas honestamente, eu confesso a você que encontro mais conforto nesta desagradável descoberta dos corações dos homens e de meu próprio, do que encontro em escrituras muito mais evidentemente evangélicas. Para mim, essa medonha escritura é tão animadora quando foi a voz do homem oculto no vale das sombras da morte. E pela mesma razão. Eu lhe contei sobre os três médicos e o paciente que morreu rapidamente. Agora, ele morreu de absoluto desespero porque sua doença era muito mais profunda que o diagnóstico de seus médicos. Tivessem os três médicos colocado o dedo no local mortal, e dito, "tu sofres aqui e aqui; e tu afliges com este tipo de agonia e aquela", então o homem morto teria voltado ao trabalho em uma semana. Mas, da forma como foi, ele estava em sua cova antes que o seguinte Dia do Senhor amanhecesse. É somente porque meu grande Doutor, Jesus Cristo, coloca Seu Divino dedo diretamente em minha agonia e naquela; é isso que me faz dar as costas a qualquer outro praticante do coração, e dizer a Ele, A quem posso ir senão a Ti! E é a mesma coisa que sempre me faz voltar a John Bunyan e aos outros grandes especialistas desta escola profunda e verdadeira. Quase todos os médicos ao redor de minha cama nesses dias parecem-me estar muito ocupados com o exterior das coisas; enquanto, a todo tempo, eu estou morrendo de um coração como o coração do peregrino, e como esse mesmo coração que Cristo aqui expõe aos Seus apóstolos e ao povo. Assim é que o diagnóstico tão perfeito do meu Mestre sobre mim, mesmo antes de começar a prescrever para mim, já é uma mensagem de esperança para mim

E assim é que o diagnóstico tão perfeito de meu Mestre sobre mim, antes mesmo d'Ele começar a receitar para mim, já é uma grande mensagem de esperança para mim. O sétimo de Marcos, bem como o Sétimo de Romanos, O Peregrino, John Owen, e o resto daquele grande tipo de perscrutação do coração, todos me fazem feliz, por essas razões: primeiro, porque adquiro deles que alguém temente a Deus estava nesse vale, bem como eu. Segundo, vejo que Deus estava com eles, apesar daquele estado tenebroso e sombrio, e por que não comigo? E, terceiro, que os terei em minha companhia pelo resto do caminho.

"*E, chamando outra vez a multidão, disse-lhes: Ouvi-me vós, todos, e compreendei.*" (Mc 7.14) E, cada um de vocês aqui esta noite, todos ouçam e entendam tudo o que Ele diz aqui a vocês sobre seus próprios corações, cada um de vocês. Então também entendam isso: "*Não necessitam de médico os que estão sãos, mas, sim, os que estão enfermos.*" (Lc 5.31b) E, cada um de vocês, também compreendam e ajam comigo. Ajam comigo desta forma. A descoberta d'Ele a mim, do estado do meu coração, apenas me permite e autoriza ainda mais a levar meu coração a Ele, e reivindicar em Suas mãos toda a sua habilidade em corações como o meu, todos os Seus instrumentos a eles e todos Seus remédios para eles. É meu papel ouvir e compreender o que Ele aqui diz a mim sobre mim mesmo, e então é papel d'Ele curar-me. Eu O aviso e tomo todos vocês por testemunha, que eu não Lhe darei descanso até que meu coração esteja tão limpo e completo quanto o d'Ele.









XIX. O rico e Lázaro

Personagens da Bíblia - Novo Testamento.indd 590 13/11/2021 13:16:48

Um dia, à mesa, perguntaram ao doutor Luther se ele acreditava que a história do rico e Lázaro era apenas uma parábola, ou que tinha realmente acontecido. O reformista respondeu que, a seu ver, a passagem era evidentemente histórica. A descrição do homem rico é tão real. Há suas vestes, sua mesa, e seus cinco irmãos seguindo seus passos. E então a figura dolorosa, como se também tivesse sido tirada da vida, de um conhecido mendigo com suas feridas, chamado Lázaro. Sim, disse Lutero, eu acredito que nosso Senhor deve ter conhecido o homem rico e Lázaro na Galileia, ou em Samaria, ou na Judeia.

Agora, se é pura história, ou pura parábola, ou baseado em fatos, esta tremenda Escritura é igualmente verdadeira e solene para nós, já que vem direto a nós dos lábios de nosso Senhor. E nossa missão principal aqui nesta noite é indagar em Seu templo quais lições desta terrível história nosso Senhor gostaria que nós aprendêssemos e colocássemos em prática.

A primeiríssima coisa, como eu penso, que veremos claramente nesta escritura é isso, que o homem rico não está no Inferno simples e inteiramente porque ele tinha matado Lázaro de fome. Eu lia essa parábola com tanta superficialidade que o homem rico está onde está por causa da inanição de Lázaro. Mas eu vejo agora que nosso Senhor não o diz em lugar algum. Não. Deixe toda a verdade ser dita mesmo sobre um homem no Inferno. Deixe que ele consiga toda a defesa, a desculpa, e toda a atenuação possível. Não; em lugar algum diz que Lázaro morreu pela negligência deste homem rico. De jeito nenhum. Por outro lado, as migalhas que eram enviadas para Lázaro devem, eu imagino, ter sido muito mais que meras migalhas. Elas devem ter sido muitas, grandes e deliciosas migalhas, suponho, ou Lázaro não teria permanecido por tanto tempo e tão regularmente naquele portão. Aqueles que carregavam Lázaro até o portão do homem rico toda manhã o faziam, eu acho, porque descobriram por experiência que este era o melhor portão em toda a cidade para deitar Lázaro. Eles tinham tentado todos os outros portões da cidade, mas eles sempre voltaram para este portão.

É absolutamente certo que o homem rico pode ter feito muito mais por Lázaro do que ele fez. Por exemplo, ele pode ter arranjado

uma de suas muitas casas externas para que Lázaro morasse nela; ou ele poderia ter providenciado uma pensão semanal a ser paga ao pobre incurável em seu próprio casebre; ele pode até mesmo ter enviado seu próprio médico para lhe informar sobre os sintomas e progresso das feridas de Lázaro. Mas ele não fez nenhuma dessas graciosas ações para Lázaro. Tampouco deu raivosa ordem a que aquele corpo putrefato, chamado Lázaro, não mais deveria poluir o ar defronte à porta de sua mansão. Ele pode ter dado ordens aos servos que aquela nojenta carcaça deveria ser retirada para sempre de sua visão. Mas tampouco é dito que ele era capaz de tal crueldade. Ele está no Inferno, realmente, mas não por esse motivo; seu Inferno seria muito mais profundo e mais quente do que é, se ele tivesse dito ou feito tudo isso contra Lázaro. Pois você deve saber que há graus no Inferno assim como há no Céu; Existem as profundezas profundas e ainda mais profundas lá; e há camas quentes e ainda mais quentes lá; e com menos e menos água para refrescar as línguas atormentadas. E, sendo assim, este homem rico pode ter sido ainda pior do que é, como Ele nos diz, que tem a chave do inferno e da morte em Suas mãos.

Tanto nossa Bíblia quanto nossa vida diária estão cheias das verdadeiras lições desta escritura -- o grande perigo de grandes riquezas para a alma imortal do homem rico. Todos os dias, vemos grandes riquezas simplesmente arruinando a alma daqueles que as possuem naquele momento e pela eternidade. Homens ricos também são tentados a se tornarem complacentes, orgulhosos, arrogantes, autoritários, egoístas, negligentes e cruéis. Homens ricos fazem o que querem de todos, e não há nada tão ruim para um homem neste mundo do que fazer o que quiser com todas as coisas e todas as pessoas. Todos os homens se submetem a um homem rico. Todos os homens prostram-se perante um homem rico. Ele fala quando quer, e silencia quando quer. Todos se calam quando ele fala e esperam até ele ter terminado o que tinha a dizer. Ele não irá tolerar ser contrariado ou corrigido, e todos os homens aprendem a deixá-lo sozinho. Um homem rico precisaria ser um homem muito bom antes de receber suas riquezas, e então ele saberia das tentações que existem nelas e lutaria contra elas. E se ele não for um homem verdadeiramente bom antes de ser um homem rico; se não for pacífico, modesto, humilde, um cavalheiro Cristão atencio-

so antes de ser rico, tenho quase certeza de que nunca se tornaria tal cavalheiro após tornar-se rico. Da mesma maneira, enquanto tudo isso for verdade, grandes riquezas são, às vezes, um trampolim para um lugar ao alto no Céu.; ou seja, quando as grandes riquezas estiverem nas mãos de homem cujo tesouro não está em suas posses. Para não ir além de Abraão na presente história. Abraão era um homem muito rico. Um dos melhores capítulos em todo o Velho Testamento trata de Abraão e suas grandes riquezas. Abraão era tão rico que seu mero restante era o bastante para que Ló, seu sobrinho, também se tornasse um homem rico. Porém, apesar de Abraão poder fazer de Ló um homem rico com sua generosidade, ele não pôde torná-lo um cavalheiro. Abraão pode ter se virado a Ló e lhe dito que todo chifre e casco que Ló possuísse, ele possuía pela generosidade de seu tio. Mas o que de fato disse Abraão? Ele disse essas palavras imortais para Ló. "*Ora, não haja contenda entre mim e ti, e entre os meus pastores e os teus pastores, porque somos irmãos. Não está toda a terra diante de ti? Eia, pois, aparta-te de mim; e se escolheres a esquerda, irei para a direita; e se a direita escolheres, eu irei para a esquerda.*" (Gn 13.8-9) Que cavalheiro Cristão era Abraão, e em tanto tempo antes do dia de Cristo! E que mente abominável seu sobrinho mostrou em sua ganância! E a raíz de todo o contraste está aqui. Abraão tinha começado a vida acreditando em Deus. Ele tinha buscado o reino de Deus, e sua justiça, e todos aqueles rebanhos e manadas lhe foram acrescentadas (Mt 6.33). E com eles também foi acrescentada uma mente cada vez mais humilde, nobre e celestial. Primeiro, obtenha a humildade, nobreza e mente celestial de Abraão, e então regule seu coração para fazer quantas riquezas você quiser. Pois o bem que você poderá então fazer, em todos os seus dias, tanto para si mesmo quanto para todos os outros homens, será simplesmente incalculável.

Mas é hora de passar pelo grande abismo (Lc 16.26), nosso Senhor nos guiando através dele, de maneira a aprender d'Ele algumas das maiores lições que nos coloca a estudar, tanto no Céu quanto no Inferno. E primeiramente no Céu. Bom, Lázaro, agora deitado no peito de Abraão, teve suas próprias tentações enquanto estava no portão do homem rico. E se tivesse lutado contra aquelas tentações, ele não estaria onde agora está. Estaria onde o homem rico está. As tentações de Lázaro eram lamentar, reclamar, ser amargu-

rado e procurar falhas em Deus e no Homem. Lázaro tinha cada vez mais as tentações de Asafe, e os Salmos 73 deve tê-lo ajudado a superar suas tentações. "*Quanto a mim*", disse Asafe, "*os meus pés quase que se desviaram; pouco faltou para que escorregassem os meus passos. Pois eu tinha inveja dos néscios, quando via a prosperidade dos ímpios. Porque não há apertos na sua morte, mas firme está a sua força. Não se acham em trabalhos como outros homens, nem são afligidos como outros homens. Por isso a soberba os cerca como um colar; vestem-se de violência como de adorno. Os olhos deles estão inchados de gordura; eles têm mais do que o coração podia desejar. São corrompidos e tratam maliciosamente de opressão; falam arrogantemente. Põem as suas bocas contra os céus, e as suas línguas andam pela terra. Por isso o povo dele volta aqui, e águas de copo cheio se lhes espremem. E eles dizem: Como o sabe Deus? Há conhecimento no Altíssimo? Eis que estes são ímpios, e prosperam no mundo; aumentam em riquezas. Na verdade que em vão tenho purificado o meu coração; e lavei as minhas mãos na inocência. Pois todo o dia tenho sido afligido, e castigado cada manhã.*" (Sl 73.2-14) E, também como Jeremias, Lázaro se lembraria dos pecados de sua juventude, e ele lamentaria desta maneira -- "*De que se queixa, pois, o homem vivente? Queixe-se cada um dos seus pecados. Assente-se solitário e fique em silêncio; porquanto Deus o pôs sobre ele. Ponha a sua boca no pó; talvez ainda haja esperança.*" (Lm 3.39, 28-29) E então, já que ele tinha sido educado a ler e lembrar da Bíblia, ele se lembraria de Miqueias. "*Sofrerei a ira do Senhor, porque pequei contra ele, até que julgue a minha causa, e execute o meu direito.*" (Mq 7.9) O que fez, um dia. Pois um dia, quando o servo do homem rico levou as migalhas matinais para Lázaro, ele não estava em lugar nenhum. Pois justamente quando a noite anterior estava em sua maior escuridão, e logo antes do amanhecer, os anjos desceram e levaram Lázaro para o seio de Abraão.

Talvez a parte mais terrível do púlpito retórico que já saiu dos lábios de qualquer pregador pode ser encontrada nos sermões Católicos de Newman. Eu tinha intenção de citá-lo neste ponto, mas agora sinto que não devo. É muito terrível. É literalmente verdade, mas você ficaria doente com esse estudo. Pois ele descreve o que todo pecador perdido irá dizer e fazer quando voltar a si tarde demais antes do tribunal de Cristo. Agora pense em você, no que irá

dizer e fazer se voltar a si pela primeira vez lá. Bem, este é o terrível sermão de Newman. E ele prossegue com essa sátira assustadora, nos mostrando conversas sobre essa e aquela alma perdida seguem em toda carruagem enlutada no caminho para casa, de cada um dos funerais de homens ricos. Mas, terrível como o púlpito de Newman pode ser, não há púlpito em lugar algum com o terror concentrado do púlpito de nosso Senhor quando, como aqui, Ele nos leva e coloca nossos ouvidos contra a porta do Inferno. "*E morreu também o rico, e foi sepultado. E no inferno, ergueu os olhos, estando em tormentos, e viu ao longe Abraão, e Lázaro no seu seio. E, clamando, disse: Pai Abraão, tem misericórdia de mim, e manda a Lázaro, que molhe na água a ponta do seu dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama. Disse, porém, Abraão: Filho, lembra-te.*" (Lc 16.22b-25b) E a fumaça de seus tormentos subiu, como nunca antes, quando eles começaram a se lembrar de novo.

Já é o Inferno na terra quando qualquer pecador começa a se lembrar. Eu sou o inferno! gritou Satanás quando ele começou a se lembrar. E todos somos a semente de Satanás nisso. Nós todos não conseguiríamos continuar vivendo se não conseguíssemos, de um jeito ou de outro, nos esquecer. Quando Deus vem e nos obriga a lembrar, que tornado de desespero oprime nossos corações até que consigamos esquecer de novo. Agora, como você não deitaria no Inferno, Filho, lembra-te! Alivie Deus de Seu estranho trabalho, e lembre-se. De vez em quando, coloque seus pecados do passado em ordem diante de si mesmo. Pegue o trabalho arrependido da mão de Deus e coloque-o sobre a sua própria. Volte e lembre-se. Volte àquele dia. Retorne àquela noite. Retorne àquela hora e poder de escuridão. Lembre-se daqueles que hoje estão no Inferno e que um dia foram seus companheiros no pecado. Lembre-se daquele homem. Lembre-se daquela mulher. Lembre-se de tudo que eles se lembram de você. Nós, às vezes, falamos do livro da memória. Leia-o com frequência, principalmente as páginas mais escuras. "Não tenho livros, mas tenho a mim mesmo," disse um grande gênio e grande santo. Bom, você pode não ter tantos livros, mas todos vocês têm um livro. É um ótimo livro, trágico. É um livro tão grandioso que não existe outro igual para você sobre terror e horror. E é tudo verdade. Não é romance. Não é invenção. Pois ele é o registro literal

de seu próprio passado. Voltei com frequência para este livro. Faça leituras diárias dele.

Há muitos outros ensinamentos nesta terrível escritura. Mas há uma lição especialmente dedicada, eu acredito, a nós que somos ministros. Esta alma perdida parece não ter tido esperança por seus cinco irmãos se tivessem sido deixados com o ministro com quem ele costumava se reunir à mesa de seu pai, e costumava ouvir pregação no Dia do Senhor. No Inferno, ele parece ter pensado em nossos antepassados, que exaltavam a leitura, mas "principalmente a pregação, da palavra". Quer dizer, ele se tornou um Puritano em sua apreciação da pregação sincera, quando já era tarde demais. Ele admitiu que seus cinco irmãos tinham o Livro de Oração e a Bíblia. "Mas eu também tinha", ele disse, "porém, nunca os tinha aberto. Eu não entendia. E nenhum dos jovens companheiros que jantaram e dançaram em nossa casa abriram sua Bíblia mais que eu. Entre os servos de meu pai, tínhamos um homem de preto que lia as orações de dia e de noite: mas eu raramente estava presente, e quando estava, sempre dormia. Ninguém prestava atenção aos seus zumbidos. Ele nunca falou comigo sozinho. Tampouco meu pai ou minha mãe falaram. Ninguém nunca me pegou e me disse que o preço de uma vida como a minha seria paga por mim neste lugar de tormento. Senão, caso o tivessem feito, você acha que eu estaria onde estou? Ó pai Abraão: tem misericórdia de meus pobres irmãos, mande e livra-os daqueles cães tolos que comem e bebem até não poderem latir."

Uma lição do Inferno -- como me parece -- como ler, ensinar e pregar; especialmente como pregar. "Coloque um *testemunho* nisso", ele diz para nós pregadores. "Testemunhe" é a própria palavra dele para nós, do Inferno. "Mostre ao seu povo que você acredita nisso, se ninguém mais o fizer. Principalmente, fale diretamente aos seus jovens; eles são compreensivos e honestos. Vão acreditar em você, e irão honrá-lo, e através de você escaparão deste local de tormento. "Testemunhe!" e de novo ele diz -- "Testemunhe!".

"*Filho, lembra-te*", testemunhou Abraão, "*de que recebeste os teus bens em tua vida, e Lázaro somente males.*" (Lc 16.25) Agora, meus filhos e minhas filhas, quais são os teus bens? E quais são teus males? Qual é o seu tesouro? E onde ele está? Em que está focado seu coração, dia e noite? Quando você ora ao Pai em segredo, o que

você incessante e importunamente pede? Filho de Deus, eu te responderei. Eu sei quais são seus males, e seus bens. Apenas continue com essa mente. Apenas siga em frente com essa busca. E algum dia em breve -- o dia está à porta -- os mesmos anjos que levaram Lázaro para o seio de Abraão virão a levar-lhe para ficar para sempre com o Senhor, e para sempre ser como Ele. E, até que cheguem, faça essa sua música de toda manhã, toda noite.

Deus é o tesouro da minh'alma
A fonte de duradoura alegria
Uma alegria que a miséria não enfraquece
Nem a própria morte destrói

XX. O servo preguiçoso que escondeu o dinheiro de seu senhor

Se tivéssemos com o nosso Senhor no Monte das Oliveiras naquele dia, esta parábola teria um final completamente diferente da maneira que esperaríamos que terminasse[61]. Conforme ouvimos o servo com os cinco talentos ser apresentado, o servo com os dois talentos, e então o servo com um talento, teríamos certeza que algumas coisas muito severas seriam logo ditas sobre o muito talentoso entre os homens, e o continuamente próspero. Toda a nossa compaixão seria depositada naquele subestimado e negligenciado servo ao qual foi confiado apenas um talento. E, no começo da parábola, teríamos certeza que, antes de seu final, o Pregador Divino tomaria o lado do servo desprezado e sem talento, e diria algumas de Suas coisas mais severas sobre o rico e o grande, e sobre aqueles que estavam cheios de todo tipo de prosperidade. Mas nós teríamos nos desapontado em nossas expectativas. Nós veríamos que as ideias do nosso Senhor não são nossas ideias sobre tais homens e tais assuntos. O talentoso, o privilegiado e o próspero na vida são sempre os poucos, e não os muitos. E os sem talento, mal sucedidos, obscuros e negligenciados que são sempre as multidões. E é para a multidão, e às peculiares tentações da multidão no assunto em questão, que o Senhor aqui fala.

O servo com um talento começou a sua mordomia com um grande rancor de seu mestre. Ele é um mestre difícil, disse em seu coração o servo rabugento. De qualquer forma, ele tem sido um mestre difícil para mim. Ele se sentiu como sendo um homem tão bom e tão merecedor quanto qualquer um de seus companheiros, e ele pode estar certo em pensar e falar dessa maneira. E aqui estava ele, sendo tratado dessa maneira pesada e cruel. Sem dúvidas, seu coração estava amargurado pelo tratamento que recebeu. Sem dúvidas que ele pegou seu único talento com uma carranca, e o jogou com desgosto em um buraco na terra, dizendo, enquanto o fazia, que nenhum servo honesto jamais teve um mestre mais duro ou injusto. Aqueles cinco talentos, e aqueles dois talentos e, então, aquele um talento, todos doendo em seu coração, até que ele era o mais amargurado, rancoroso e rebelde dos homens.

[61] Ver Mateus 25.14-30 (N.R)

Quando Ouranius entrou pela primeira vez nas ordens sagradas, ele tinha uma grande arrogância em seu temperamento. A grosseria, mau-humor, ou comportamento perverso, de qualquer um de seu rebanho costumava traí-lo à impaciência. Em sua primeira ida ao seu pequeno vilarejo, era tão desagradável quanto uma prisão, e todo dia parecia muito tedioso para ser suportado em um lugar tão afastado. Ele achou que sua igreja era cheia de pessoas pobres e más, que nenhum deles era adequado para a conversa de um cavalheiro. Isso o colocou em uma dedicação rigorosa aos seus estudos. Ele ficava em casa, escrevia notas sobre Homero e Platão, e tinha dificuldades em ser chamado para orar ao lado da cama de qualquer pobre corpo, quando estava no meio de uma das batalhas de Homero. O servo preguiçoso era pai de Ouranius.

Este servo que escondeu seu talento na terra era o pai do jovem pastor da Escócia, que também escondeu seu sermão na neve. Sua história era essa. Uma congregação da cidade estava procurando por um colega e sucessor de seu velho ministro. Eles ouviram falar de um pregador de grande promessa em uma localização remota, mas antes de se comprometerem com ele, enviaram quatro de seus números para ouvi-lo em seu próprio púlpito. Era o meio do inverno e uma grande tempestade de neve chegou na noite daquele Sábado. O jovem ministro ambicioso e não infiel já tinha seu sermão pronto, mas como haveria uma pequena congregação naquela manhã de neve, ele não jogaria fora toda a sua semana de trabalho em um contratempo, então ele deixou seu sermão em casa. Quando entrou no púlpito, viu um assento cheio de homens da cidade no fundo da igreja vazia. E a explicação que ele gaguejou para eles não consertou as coisas. É de se temer que a profecia do Mestre no final dessa parábola era, em parte, cumprida naquele presbitério naquela noite de Sábado. Há muito ele ambicionava a cidade, e recebeu uma punição severa naquele dia por desprezar sua pequena congregação; por esconder seu talento em casa porque não haveria gente o bastante para apreciá-lo.

O servo que escondeu o dinheiro de seu senhor era também o pai de todos aqueles ministros entre nós que não farão seu trabalho ordenado já que tem tão pouco a fazer. Seus campos são tão pequenos que não vale a pena se esforçar e tirar o casaco para colher as pedras, arrancar os espinhos, arar o solo não cultivado e espalhar,

em seu pequeníssimo púlpito e pastorado, a semente ou o Reino dos Céus. Se eles tivessem campos tão grandes quanto os de seus companheiros servos dos cinco talentos; se tivessem um púlpito na cidade; se tivessem pessoas de educação e inteligência, eles se prepariam para o Dia do Senhor de uma maneira bem diferente da que fizeram. Mas como está, qual é a causa? Ele era o pai de todos aqueles estagiários que ficam parados até estarem acomodados; Uma vez acomodados e casados, eles iriam dispor os seus dias, ler do melhor, levantar cedo, e pregariam todo Sábado com o máximo de suas habilidades. Mas um estagiário com uma mente instável não consegue trabalhar dessa maneira. Ele está aqui hoje e lá amanhã, e ele não tem coração para enfrentar uma tarefa séria de qualquer tipo. Certamente, o que pode fazer além de esperar e esperar por um chamado? Com todas essas desvantagens, dois estagiários surgem perante mim, que tive um pai diferente deste servo cruel e preguiçoso. Um deles fez isso entre outras coisas em todo seu estágio. Quando pregava nas horas vagas, ou para um amigo, enquanto pregava, pela primeira vez encontrou as falhas em seu sermão. Ele encontrou as desconexões que haviam; a falta de um começo, meio e de um fim; a falta de ordem e proporção; de direção, progresso, conclusão, e tantas outras falhas que haviam em seu sermão. E, na Segunda-feira de manhã, a primeira coisa que ele fez, enquanto a vergonha e dor de seu trabalho mal feito ainda estavam em seu coração, ele se levantou e desmontou seu sermão, reorganizou na luz de ontem, e o reescreveu do começo ao fim, e o pregou no próximo Sábado, uma completa nova criação, uma mensagem conscienciosa, viva e estimulante. Newman reescreveu todos os seus sermões três vezes, e um de seus melhores livros foi reescrito cinco vezes. E aquele estagiário o fez de novo e de novo e de novo até que ele não apenas fez o primeiro sermão à perfeição, mas, melhor que isso, pela fidelidade e pelo empenho, ele também trabalhou toda a sua mente em um caráter metódico, em uma ordem, uma clareza, uma consecutividade, e em outras altas qualidades que o transformaram-no no maior pregador de nossos dias. O outro estagiário se levantou perante mim e executou trabalhos editoriais e outros durante o mesmo período de sua vida: trabalho este que está em todas as nossas prateleiras, uma pedreira de recurso para nós, e um monumento de honra para ele. E, ao mesmo tempo, ele começou a acumular aquelas imensas reservas de leitura e escrita que tornam

cada uma de suas frases, hoje em dia, em um modelo de plenitude, clareza e acabamento.

O servo inútil também era pai de Clemente, Fervidus e Eugênia. Pois Clemente está sempre planejando o que faria se tivesse uma grande propriedade. Ele superaria todos os homens caridosos que o precederam; ele se retiraria do mundo; não teria equipamento; permitiria-se apenas o necessário; para que as viúvas e os órfãos, os doentes e os angustiados pudessem encontrar alívio em sua propriedade. Volte aos seus sentidos, Clemente. Não fale o que você faria se fosse um anjo, mas considere o que você pode fazer sendo um homem. Faça o melhor uso de sua propriedade atual. Lembre-se do tostão da pobre viúva, Clemente. Você também encontrará clemente na galeria de Law. Fervidus, outra vez, só lamenta não estar nas ordens sagradas. Ele está frequentemente pensando sobre quais reformas faria no mundo se fosse um sacerdote ou um bispo. Ele então teria sido completamente devoto à Deus e à religião, e não se preocuparia com mais nada além de salvar as almas. Mas não acredite em si mesmo, Fervidus. Afinal, por que você negligencia tanto aqueles dos quais você já é sacerdote e bispo? Contrata um cocheiro para levá-lo à igreja e para sentar-se na rua com seus cavalos enquanto você participa do serviço divino. Você nunca pergunta a ele como ele repõe a perda do serviço divino, ou que meios ele toma para se preservar em um estado de piedade. E assim por diante, Fervidus, por toda sua vida não cristã. Eugênia, novamente, é uma boa jovem mulher, cheia de disposições piedosas. Ela pretende, se algum dia tiver uma família, ser a melhor esposa e mãe que já existiu. Sua casa será uma escola de religião, e seus filhos e servos serão educados na mais estrita prática de piedade. Ela passará seu tempo de maneira bem diferente do resto do mundo. Pode ser assim, Eugênia. A piedade de sua mente faz com que pensem que você quer tudo isso com sinceridade. Mas ainda não é líder de uma família, e talvez nunca venha a ser. Mas, Eugênia, você tem, no momento, uma empregada. Ela te veste para ir à igreja, você pede a ela o que quiser, e depois a deixa ter tão pouca religião quanto ela quiser. Despede-a, contrata outra, ela também chega e, após um tempo, também se vai. A oportunidade já está em suas mãos. A sua empregada é sua família, no momento. Ela está sob seus cuidados. Seja agora a governanta religiosa que pretende ser. Ensine a ela o

catecismo, escute-a ler e estimule-a a orar. Leve-a contigo à igreja, e não poupe esforços para fazê-la tão santa e devota quanto você é. Quando você o fizer em seu estado atual, então você já será a pessoa extraordinária que pretendia ser. E, até que você viva desta maneira, em seu estado atual, há pouca esperança de que a alteração de seu estado altere seu modo de vida. Eugênia também, como você verá, é uma das filhas daquele que disse: Se eu tivesse tido cinco talentos confiados a mim, ou até mesmo dois, eu teria negociado com o mesmo e feito para eles outros cinco talentos e outros dois.

Mas deixe Eugênia acabar de uma vez e para sempre com um pai assim. Deixe que Eugênia nasça de novo até ter seu Pai no Céu, não apenas no nome, mas de fato e em verdade. Venha esta semana a Fountainbridge, Eugênia. Em nosso distrito missionário, em Fountainbridge, você encontrará um propósito preparado para todos os seus talentos, de qualquer quantidade e tipo. Existem centenas de meninas por aí que precisam desesperadamente de uma amiga como você poderia ser para elas. Elas precisam, acima de tudo, de uma irmã mais velha e mais talentosa como você. Meninas solitárias alojadas tem uma luta difícil para manter a cabeça acima da água. As pobres meninas morreram de fome por falta de alguém que as amasse, fizesse amizade com elas e as aconselhasse e encorajasse na virtude e na piedade. Você pode não ter muitos talentos, não ser rica, pode não ser muito esperta, mas você está bem melhor, mil vezes melhor, que essas pobres irmãs lá fora. E você pode falar com elas, saber seus nomes, e dizer-lhes seu nome, e ir vê-las, às vezes. Na sua fase mais pobre e menos talentosa, você pode ensinar duas ou três crianças negligenciadas por uma hora todos os sábados. Pode levá-las para o lado da água em um Sábado. Pode levá-las para casa para uma festa do chá a cada uma ou duas semanas. Você pode dar a elas livros para ler, fazê-las dizer o que leram, e dar ainda melhores livros conforme forem crescendo. Bons livros para crianças são tão baratos hoje em dia que você não precisa ser rico para providenciar uma agradável biblioteca para cada alojamento, e para a casa da mãe de cada criança da escola Dominical. Venha e faça um começo com seu talento essa mesma semana. Nós todos estamos fazendo um novo começo nessa semana naquele famoso velho campo tão conhecido pelos seus antepassados nesse trabalho tão nobre. Deixe Clemente, e Fervidus, e Eugênia virem. Deixe os

de cinco talentos, dois talentos, um talento, e de nenhum talento virem. Pois há um campo para todos em Fountainbridge, e muitos servos muito bem feitos, bons e fiéis! em pouco tempo será comprado lá novamente, como no passado. Saia então, ó servo de Deus com um talento! Venha e acenda uma lâmpada, como Samuel. Venha e guarde uma porta, como Davi. Venha e dê dois tostões, como a pobre viúva. Venha e dê um copo de água fria em nome de um discípulo. Pois,

Pequenas gotas de água
Pequenos grãos de areia
Fazem o poderoso oceano
E a terra encantadora

Pequenos atos de bondade
Pequenas palavras de amor
Ajudam a manter a terra feliz
Como o Céu acima.









XXI. O servo impiedoso

Se você tivesse sido designado por seus pais para ser um ministro e se aos 12 anos tivesse tomado a mesma decisão, a partir daquele dia você teria começado a pensar continuamente sobre o seu futuro cargo e todos os dias teria feito algo para se preparar para seu futuro escritório. Você tornaria um costume subir ao santuário todos os sábados para ouvir e fazer perguntas sobre a Palavra de Deus, e analisaria sua vida a partir da leitura e da pregação. Mesmo se os seus mestres não lhe tivessem ensinado, você teria descoberto sua própria maneira de ler a Palavra de Deus, meditar sobre ela e de usar não apenas a sua memória, mas a sua pena e tinta também, de modo a armazenar as suas observações, leituras e meditações diante do tempo que virá. Você seria como o pintor Apeles, que nunca passava um dia sem traçar pelo menos um traço e preenchê-lo. *Nulla dies sine linea* era o segredo desse artista e era seu conselho aos seus privilegiados aprendizes. E, em todos os seus dias, você atribuiria qualquer sucesso àquele professor que primeiro imprimiu esse provérbio em sua jovem consciência e, ao mesmo tempo, lhe mostrou como fazê-lo. Agora, *mutatis mutandis*, isto é, após fazer todas as mudanças necessárias, esse foi o caso exato de nosso Senhor até que ele completou 30 anos. E foi assim que, sendo em todas as coisas semelhante a Seus irmãos, Ele observou, leu, meditou e acumulou os maiores tesouros da Graça e da verdade para o dia de Sua revelação a Israel. E foi assim que, em todo o Seu ministério, Ele nunca foi pego de surpresa ou despreparado. Se alguém desse a Ele de repente qualquer texto do Velho Testamento, Ele estaria pronto para pregá-lo. Se alguém fizesse a Ele qualquer pergunta intrincada, qualquer que fosse o motivo, Ele imediatamente daria a resposta, como, por exemplo, no caso que temos agora diante de nós. Quando Pedro veio a ele e disse *"Senhor, quantas vezes meu irmão pecará contra mim, e eu devo perdoar?"* (Mt 18.21), Seu Mestre, naquele momento, lembrou-se daquele procurador romano, cujo caso havia sido do conhecimento de toda a Galileia naqueles anos. E quão bem aquele caso se encaixou no reino dos céus como uma parábola desse reino: todo mundo viu desde aquele dia que nosso Senhor deu Sua resposta à reclamação de Pedro a partir do caso daquele procurador.

Pedro, por muito tempo, foi um discípulo muito impertinente e ofensivo. Estava continuamente correndo contra todos os outros homens, sempre ofendendo e sempre se ofendendo; sempre infligindo e recebendo golpes. Quando ele se converteu de tudo isso, ele esplendidamente fortaleceu seus irmãos. Mas durante o processo de sua conversão, e até que ele fosse aperfeiçoado, ele causou a si mesmo muitos tropeços e muitas quedas, e foi a causa de muitas dessas coisas para seus condiscípulos. Qual foi o assunto naquele momento não nos foi dito. Apenas temos Pedro protestando ao seu Mestre: *"Quantas vezes meu irmão pecará contra mim e eu o perdoarei? Até sete vezes?"* (Mt 18.21). Disse-lhe Jesus: *"Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete"* (Mt 18.22). E então Jesus contou a Pedro a história daquele oficial romano que agora é conhecido para sempre como Servo Impiedoso. E nesta história tão apropriada, nosso Senhor diz que um escriba instruído no reino dos céus tira de seu tesouro coisas novas e velhas. E então, após contar a Pedro e a todos os Doze esta história de César e seu procurador degradado e preso, nosso Senhor acrescentou esta aplicação à história: *"Da mesma forma, Meu Pai Celestial também fará a vocês se de coração não perdoarem a cada um a seu irmão suas ofensas"* (Mt 16.35).

Agora, todos nós devemos aprender com esta escritura, como todos nós já aprendemos com nossa própria experiência, que Deus Todo-Poderoso tem Seu tempo de ajuste de contas com todos os Seus servos, mesmo nesta vida. Ele terá um grande, universal e irrevogável tempo de ajuste de contas com todos os homens no final desta vida. Mas o primeiro ponto nesta parábola é este: que Ele tem tempos de avaliação preliminares e preparatórios nos quais Ele começa a considerar Seus servos, mesmo neste mundo. Até mesmo César tomaria conta de seus servos, diz nosso Senhor. Agora, a melhor maneira de entender isso é olhar para nosso passado, a menos que, de fato, sempre tenhamos sido deixados em paz por Deus, como às vezes é o caso. Mas, sem dúvida, aqueles tempos de ajuste de contas, pela Graça especial de Deus para nós, já chegaram a alguns de nós.

Quando o tempo de avaliação do doutor Chalmers chegou pela primeira vez, ele era um servo muito talentoso, mas ainda totalmente inútil. Isso ocorreu-lhe na doença e na morte de seu ir-

mão George e, então, ele se voltou para sua própria longa e quase fatal doença. Houve ainda uma jovem que perdeu sua mãe e outro jovem que disse: "Eu estava prestes a me casar, senhor, quando ela morreu". Houve um tempo que minha vez de fazer o ajuste de contas chegou. E desde então, eu me vejo como um alvo, pois me parece uma profecia literal de mim mesmo.

Como chegou a hora do seu ajuste de contas? O que fez a sua dívida piorar? O que foi que o trouxe ao tribunal de Deus antes do tempo? Que grande transgressão foi a sua? Qual sua grande dívida? E você fez como esse procurador da Galileia? Você se ajoelhou e adorou a Deus e apelou à Sua misericórdia? Você prometeu pagar toda a dívida se ao menos Ele lhe desse tempo suficiente para pagá-la? Você jurou a Ele que nunca mais cometeria aquela grande transgressão? Você também se comprometeu a vigiar, orar e crucificar sua carne com seus afetos e concupiscências se Ele não o entregasse aos algozes. E como tudo acabou? Tudo já acabou?

Mas o mesmo servo saiu e encontrou um de seus conservos que lhe devia cem dinheiros e impôs-lhe as mãos e, tomando-o pelo pescoço, disse: "Pague-me o que me deve". Nós somos assim, os nossos companheiros servos são assim: estamos continuamente incorrendo em todos os tipos de dívidas, dívidas muito caras. Nossos irmãos são como disse Pedro: eles pecam contra nós sete vezes em um único dia. Em parte devido às próprias ofensas e injúrias e em parte por imaginar ser possível realizar todos os tipos de ofensas e injúrias; dívidas estão sendo contraídas por nós. Sete erros em um único dia, às vezes, se interpõem entre nós e nosso irmão. Acusamos: "Ele se esqueceu de nós". "Ele nos ignorou". "Ele preferia outra pessoa". "Ele agiu de acordo com sua própria inteligência, julgamento e consciência em algum assunto em que usamos de insolência e ousadia para lhe impor ordens". "Ele conseguiu alguma promoção, ou algum elogio que não conseguimos engolir por nos faltar empatia". "Ele teve mais destaque do que nós". "Ele foi para outra loja, não à nossa". "Escrevemos um livro, pregamos um sermão, fizemos um discurso, cantamos uma música e ele não nos elogiou". Diga, quantas vezes meu irmão deve pecar contra mim de maneiras como essas e eu devo perdoá-lo? Não, eu não posso fazer isso. Eu tentei e eu não consigo. Eu não consigo perdoar dívidas como essas, nunca, não posso. E você realmente espera isso de

mim? Ou esta é apenas outra ideia Tua? De qualquer forma, isso não pode ser feito. Isso nunca foi feito e nunca será feito, deixando-nos sem justificativas diante do Pai Celestial para que ele perdoe minhas ofensas. Se Ele suspender meu perdão e não perdoar ofensas como essas, quem será salvo? Ninguém. Nenhuma pessoa, ninguém. Eu não serei salvo, certamente. "Você acha que algum dia será possível construir um instrumento para descobrir e exibir o nosso pensamento contra o nosso próximo?" perguntou um entrevistador da *Pall Mall* para o senhor Edison, o grande inventor americano. "Tal instrumento é possível", retornou Edison. "Mas e então? Todo homem fugiria do rosto de seu vizinho e fugiria para qualquer abrigo". Então ele o faria. E assim ele faz setenta vezes diariamente. Como Pedro disse depois: "Senhor, para quem fugirei senão para ti? Quem deve abrigar a mim e meu coração implacável, senão Ti! Quem pode justificar um homem como eu, tanto agora como no final das contas, senão o Senhor e Teu Pai Celestial em Ti! Da mesma forma também dizem todos os Seus discípulos". Também nos peça para lançar *Arthur's Seat* ao mar.

Tenho certeza de que todos vocês oram o Pai-Nosso todas as noites antes de dormir. Bem, como você se sai quando chega à quinta petição, sendo esta: *"E perdoe nossas dívidas, assim como perdoamos nossos devedores?"* (Mt 6.12). O doutor Chalmers confessou em um lugar que não sentiu aquela terrível sensação de pecado e culpa que oprimia Halyburton todas as noites. Existem algumas vantagens em não ter um senso de pecado tão agudo como Halyburton tinha. Por um lado, você dorme mais cedo todas as noites e tem um sono mais ininterrupto, com sonhos no dia seguinte. "Há um homem preso na minha garganta!", diz Macbeth. E o "amém" ficou muitas noites preso na garganta de Halyburton devido à quinta petição. Seu irmão em St. Andrews havia transgredido contra ele naquele dia. Ele o ultrapassou em uma corrida. Ele o havia superado em alguma tarefa. Havia maldito o sermão de Halyburton. Acabara de sugerir alguma falha e hesitara em ter simpatia. Halyburton foi informado como ele zombou da pesquisa e do estilo de sua primeira publicação. Ele havia transgredido contra Halyburton naquele dia de tal maneira que Halyburton não teve coragem de escrever em seu diário naquela noite e, portanto, ele não poderia dizer amém, nem conseguiria dormir. Mas Chalmers se encheu do sentimento

de culpa e de pecado muito antes de aquilo que podemos ver nesta ilustração matemática: "Quanto maior o diâmetro da luz, maior a circunferência da escuridão" e neste aforisma: "O que eu faria se Deus não justificasse o ímpio!"

Há um toque delicado nesta história antiga que não deve ser negligenciado. Quando os conservos deste servo sem misericórdia o viram esquecer seus próprios dez mil talentos a ponto de pegar seu devedor de cem pences pela garganta e lançá-lo na prisão, ambos ficaram arrependidos e irados e contaram ao seu Senhor o que havia ocorrido. Uma excelente lição dada por um dos sete sábios da Grécia diz que, quando lhe perguntaram o que livraria o mundo das injúrias, ele respondeu: "Quando quem agride sente uma lesão tanto quanto aquele que sofre uma lesão". Bem, aqueles conservos fizeram isso e seu ressentimento nos é contado para podermos imitá-lo. Eliminaria grande parte de todo o dano entre nós se todos fizéssemos o que aquele homem sábio da Grécia aconselhou e o que aqueles outros servos realmente fizeram. Se nos colocarmos no lugar dos homens que são injustamente ofendidos por seu vizinho perverso, quando lermos ou ouvirmos sobre alguém perversamente atacado pela língua ou pela pena de um ofensor que ele desapontou, ofendeu ou cruzou o amor e o interesse próprio despertando a vingança e a sanha do homem implacável. Isso acontece muitas vezes com a maior inocência e até mesmo diante da justiça mais absoluta. A raiz do tratamento perverso, que estabelece uma razão de dez para um, não está em nenhum outro lugar a não ser no coração perverso daquele homem mortalmente ofendido, implacável e vingativo. Tenham bem em mente, meus irmãos, o que o sábio disse, quando virem qualquer homem ou qualquer causa truculentamente atacada pela língua, ou pela pena, ressentir-se com o dano como se tivesse sido feito a você mesmo ajudará um pouco a livrar o mundo de todos esses danos e de todos os homens nocivos. De qualquer forma, não seja como tais homens, prejudiciais. Perdoe e você será perdoado. Pois, com a mesma medida que você mede, você será medido.

XXII. O servo inútil

Personagens da Bíblia - Novo Testamento.indd 612 13/11/2021 13:16:48

De acordo com algumas autoridades antigas, Bartolomeu foi um nobre da Galileia antes de ser discípulo de Cristo. Não foram chamados muitos poderosos, nem muitos nobres, mas Bartolomeu foi chamado para mostrar que nenhuma classe de homens está excluída do discipulado e apostolado de Cristo e de Sua igreja. Bartolomeu era uma espécie de fazendeiro e, como Mateus, o publicano, fez uma ceia para os vizinhos antes de finalmente se separar de seu patrimônio. E foi enquanto todos estavam sentados à ceia que este incidente, segundo se supõe, aconteceu e esta conversa que o completou. Um dos criados de Bartolomeu veio do campo, tirou as roupas do dia-a-dia, cingiu-se com uma roupa de espera e serviu a mesa até que seu senhor e todos os convidados de seu senhor tivessem se levantado da ceia. "Você não está muito cansado?", disse Pedro com simpatia ao servo. "Você não está fazendo o trabalho de dois homens? Além disso, você deve estar desmaiado a esta altura de fome". "Oh não!" disse sorrindo o criado de Bartolomeu, "Estou apenas cumprindo meu dever sagrado e esperando o meu bom amo e seus convidados de honra. Em seguida, eu vou me sentar para meu próprio jantar excelente imediatamente". "Ouvi o que diz este servo tão exemplar", disse seu Mestre aos doze: "*Em verdade, eu vos digo: Onde quer que este evangelho seja pregado em todo o mundo também haverá isto, o que este homem disse e fez será contado para um memorial dele*" (Mt 26.13).

Nosso Senhor aplicou esse incidente aos doze. O Mestre estava ensinando e treinando os doze por meio de tudo o que acontecia todos os dias. A fim de ensinar e treiná-los para seu trabalho, seu Mestre encontrou linguagens nas árvores, livros nos riachos, sermões nas pedras e esta grande lição do lavrador-garçom de Bartolomeu. Esta lição foi ensinada primeiro aos doze e, depois deles, todos os seus sucessores recebem a mesma lição até hoje.

Aquele lavrador de mente voluntária e multifacetada é um padrão para todos os pregadores e pastores até o fim dos tempos. Ele trabalhava para Bartolomeu em tempo e fora de tempo. Ele trabalhava para si mesmo quando todo o seu trabalho terminava. Um dia, assim nos conta Hermas em sua história antiga, quando este servo foi ordenado por seu mestre para colocar estacas em volta de um vinhedo, ele não apenas fixou as estacas em volta do

vinhedo, mas também cavou uma vala ao redor, juntou as pedras e tais coisas ele sempre fez até que Bartolomeu se tornou um discípulo. Então, ele deixou uma fazenda inteira organizada e cuidada como um legado a este lavrador, como se ele fosse seu próprio filho e seu verdadeiro herdeiro. Ele é um padrão excelente para todos os lavradores e para todos os que alimentam o gado de seus donos; mas ele é um protótipo perfeito para todos os pregadores e pastores, especialmente.

Cada sílaba desta Escritura é um estudo para nós que somos ministros. O que quer que outros homens pensem ou não desta bela Escritura, nenhum ministro pode perder ou errar seu significado, ou se afastar dos olhos de Cristo, que tudo vê, enquanto a lê. Cristo coloca cada ministro diante deste espelho ministerial, de modo que nele seja possível ver que tipo de ministro é e possa prever qual será o seu lugar provável quando seu Mestre preparar sua ceia e Ele mesmo a servir para todos os seus lavradores e para todos os seus vinhateiros. Porém, é muito melhor fazer o trabalho de dez lavradores do que fazer o trabalho de um ministro.

Um lavrador pode terminar sua história de sulcos e ajudar seu conservo na alimentação do gado de seu senhor e, então, dar outra mão de boa vontade no trabalho da casa, após o que se sentará para jantar com uma sensação de satisfação pelo seu árduo dia de trabalho. Mas eu desafio qualquer apóstolo de Jesus Cristo a ter a boa consciência daquele lavrador. E, mais ainda, qualquer sucessor de apóstolo. Se vocês forem ousados o suficiente para serem incluídos entre os verdadeiros sucessores dos apóstolos, assumam essa tarefa sabendo ser impossível se satisfazer o tempo todo. Você pode escrever seu sermão repetidamente com a mesma frequência com que o doutor Newman escreveu suas obras-primas; mas, contanto que você não o tenha rasgado "ferozmente" e o tenha escrito novamente, você o pregará no sábado com limitações que o farão corar e cambalear diante de seu povo. E você pode visitar seus paroquianos moribundos todas as tardes, seus enfermos e idosos a cada dez dias, mas você nunca será capaz refletir a graça deste lavrador durante sua ceia todos os dias e noites de seu púlpito e vida pastoral. Pois, "quanto maior o diâmetro da luz", como o doutor Chalmers demonstrou aos paroquianos da Dra. Hanna em um quadro-negro em Skirling, "maior a circunferência da escuridão".

Nosso Senhor pede a todos os Seus verdadeiros ministros para dizerem todas as noites que eles são servos inúteis, e todos eles dizem isso. Mas, ao mesmo tempo, Ele solenemente avisa todos os Seus ministros vocacionados que Ele irá irrevogavelmente pronunciar esta mesma sentença no último dia contra alguns deles: *"Lançai o servo indolente e inútil nas trevas exteriores; ali haverá choro e ranger de dentes"* (Mt 25.30). Disseram-me que um ministro de Cristo e Sua Igreja na Escócia estavam passando dificuldades. Ele conseguiu uma boa congregação sob seu encargo quando foi ordenado. Mas uma vez que ele não tenha Escola Bíblica, Reunião de Oração, Aula Bíblica, Sociedade de Empreendedores e nem um grupo de assistência social, o seu trabalho pastoral está prejudicado. Um ancião morreu outro dia, num dos quartos de sua mansão, sem ver seu ministro há dois anos. Qualquer instituição estabelecida entre os homens, exceto a Igreja de Cristo, suportaria um escândalo como esse? O exército suportaria isso? Ou um banco? Ou uma ferrovia? Mas não nos desesperemos com nenhum homem. Até mesmo João Marcos fugiu uma vez de seu trabalho. E ainda, muito depois de Paulo ter denunciado e deposto ele, temos o apóstolo realmente dizendo: *"Pegue Marcos e traga-o contigo, pois ele é proveitoso para mim para o ministério"* (2Tm 4.11). Toda a história de João Marcos é contada primeiro em Atos e depois nas Epístolas, apenas para guiar e encorajar a Igreja em todas as suas relações com todos os ministros inúteis como Marcos uma vez foi. E, de longe, a melhor maneira de lidar com todos os nossos ministros inúteis seria induzi-los e capacitá-los a visitar *Bridge-of-Allan*, Dunblane, Perth, Keswick ou Mildmay. "Não recebemos ministros!" disse um velho presbítero para mim depois que seu ministro, até então inútil, foi induzido e habilitado a fazer tal visita. Ou envie a ele uma biografia de Wesley, Whitefield, Boston, Chalmers ou de Spurgeon. Ou, talvez melhor do que tudo isso, coloque um evangelista em chamas para passar uma semana com ele em sua paróquia. "Demas apostata", diz Bengel, "mas Marcos se recupera". Se você tiver os meios e a oportunidade, ajude seu Marcos dessas maneiras a se recuperar e ele poderá viver para escrever um evangelho para você antes de terminar sua carreira.

Mas o tempo todo, embora esse esboço de caráter seja pretendido por nosso Senhor para nós ministros em primeiro lugar, ele

não se destina apenas a nós. O verdadeiro povo de nosso Senhor são todos ministros em sua própria medida, como Moisés orou para que todos fossem. Todos vocês são sucessores verdadeiros e diretos dos discípulos e dos apóstolos. E, ministro ou povo, um lavrador ou um alimentador de gado, colocando baldes, cavando fossos, recolhendo pedras ou cortando espinhos, quando você tiver feito tudo, termine de fato tudo, como o lavrador de Bartolomeu terminou seu longo e árduo dia de trabalho. Termine tudo com o provérbio dele em sua boca e em seu coração. Esteja certo disso, que aquele dentre os servos de Deus que pensa que terminou totalmente o que lhe foi ordenado a fazer, esse homem não conhece seu Mestre ou os comandos de seu Mestre, nem tem verdadeiro conhecimento sobre si mesmo. Bem, pode Paulo perguntar: "Onde está a vanglória, então? ". E ele pode responder a si mesmo: "Está excluída". E não pode haver melhor marca da mente e do coração de um verdadeiro e aceito servo de Deus do que apenas dizer em sua mente e em seu coração, após cada novo e melhor serviço, que ele é o menos lucrativo de todos os servos de Deus. "Quanto mais", diz Newman em um de seus sermões escritos três vezes, "qualquer homem consegue regular seu próprio coração, mas ele discernirá sua amargura e culpa originais". E todos os que estão empenhados em regular seu próprio coração — que é todo o mandamento de nosso Mestre — concordarão com o que o grande pregador diz sobre isso. Acabamos de receber aulas de Chalmers, Spurgeon, Foster, Wesleys e Whitefield e descobrimos que todos se comportam como Newman e como o lavrador de Bartholomeu. Mas nenhum deles provoca meu próprio remorso neste assunto tanto quanto Thomas Shepard, o Pai Peregrino. Nenhum deles — por mais apaixonado que alguns deles sejam — é apaixonado como o autor de *As dez virgens*. Shepard é o mais quebrantado, o mais perscrutador e o mais pungentemente lucrativo de todos os servos de Deus a que meu coração se dedica.

Ao mesmo tempo, embora tudo isso seja verdade, nem mesmo Shepard disse a metade da verdade: há outro lado de tudo isso. Eu nunca vi esse outro lado tão bem colocado como na *Encarnação da Palavra Eterna,* de Marcus Dods de Belford. "Um livro", diz o nobre e generoso Chalmers, "de grande riqueza mental e grande vigor mental, rico em erudição e de um poder enorme e original".

John Foster exige mais pregação desses casos em nossos púlpitos evangélicos e a divulgação do caso de Marcus Dods é exatamente o que Foster deseja. E me refiro a essa página porque ela restaura o verdadeiro equilíbrio da verdade evangélica e experimental neste assunto agora em mãos. Às vezes acontece, diz Dods, que o verdadeiro cristão está tão longe de se gabar que vai longe demais na direção oposta. Ele se detém demais nos defeitos de seus serviços ou em alguma impropriedade de motivo, que se confunde com eles. Ele sente a mais aguda angústia por seu melhor e mais sagrado desempenho. Mas, muitas vezes, há uma certa mancha de justiça própria em tudo isso. Pois, tal sofredor não raramente esquece de dar pleno e verdadeiro lugar à expiação e à intercessão de seu grande Sumo Sacerdote. Ele não terá descanso nem paz de espírito sem a mais absoluta perfeição em seus serviços e se não deixar espaço para o descanso e paz que Cristo oferece. Ele mesmo concede isso a todos os Seus servos de coração sincero. Se você admite e acredita que seus serviços são aceitos por Deus, em e por meio do mérito de Cristo somente, e ainda assim você está inconsolavelmente angustiado porque ainda detecta imperfeições neles e teme que, tanto você quanto seus serviços, sejam para sempre expulsos da presença de Deus? Agora, o que é isso senão tornar Cristo sem efeito como seu Sumo Sacerdote? O que é isso senão fazê-lo morrer, ressuscitar e interceder por você em vão? "Eu encontrei", diz este eminente teólogo e pregador evangélico, "este modo de raciocínio bem-sucedido que permite que o enlutado detecte a fonte de suas tristezas sem causa e recupere aquela paz de espírito que resulta de uma confiança simples e sem hesitação em nosso grande Sumo Sacerdote, pelo perdão de todos os nossos pecados e pela aceitação de todos os nossos serviços".

Agora, é tudo isso que justifica, explica e faz do próprio Paulo nosso maior exemplo evangélico e que diz com tanta certeza de coração: "Combati o bom combate, terminei minha carreira, guardei a fé". A melhor luta que Paulo já travou não foi com as feras em Éfeso, mas com seu próprio coração hipócrita. Foi com luta que ele pôde ser encontrado em Cristo, fazendo a autodescoberta de sua condenação cada vez maior. E é seu profundo domínio da fé evangélica que capacita Paulo a nos assegurar também que, se olharmos somente para Cristo como nossa justiça e "amarmos a Sua manifes-

tação", teremos nossa coroa de justiça dada a nós também naquele grande dia. Ser o mais inútil dos servos, aos nossos próprios olhos, afundar na poeira todas as noites sem palavras de vergonha e dor por outro dia quase perdido e, ao mesmo tempo, deitar-se para dormir aceito no Amado — isso é verdadeiramente combater o bom combate da fé e combatê-lo com toda a armadura de Deus. Isso é real e verdadeiramente guarda a fé do evangelho até que ouçamos a voz de nosso Mestre dizendo também sobre nós: *"Muito bem, servo bom e fiel! Entra no gozo do teu Senhor"* (Mt 25.21).









XXIII. O trabalhador com olhos maus

O cão de Esopo na manjedoura e o trabalhador de nosso Senhor com olhos maus são dois retratos próximos. A famosa fábula de Esopo ensinou na Grécia Antiga a mesma lição que a presente parábola de nosso Senhor ensinou a Israel em seus dias; e ainda ensina à cristandade em nossos dias.

Mas, antes de chegarmos a isso, há uma ou duas lições preliminares que pretendemos aprender da própria estrutura desta parábola. Para começar, vejamos bem este lavrador desconhecido. Ninguém semelhante a esse lavrador jamais foi visto antes ou depois na Galileia, na Judeia ou em Samaria, nem em qualquer outro lugar. Este agricultor singular planta e colhe sua vinha menos por causa de suas vinhas e mais por causa de seus vinhateiros. Esse lavrador tão altruísta, como o chamaríamos, não ocupa sua vinha para seu próprio proveito, mas para o proveito exclusivo de seus trabalhadores. Seu bem-estar é melhor para ele do que todo o vinho que produzirão. Na verdade, e para revelar toda a verdade de uma vez, este lavrador é um retrato perfeito de Deus Pai, desenhado pela mão hábil e amorosa de Deus Filho. "Meu Pai é o lavrador", diz nosso Senhor em outra parábola. E deve ser assim também aqui. Pois, nenhum outro lavrador em todo o mundo sai todas as horas do dia para contratar seus trabalhadores com o mesmo salário. Nenhum outro lavrador poderia pagar por uma hora de trabalho à noite tanto quanto paga pelo fardo e pelo calor do dia inteiro. Não! O retrato deste lavrador não é pura invenção do gênio santificado de nosso Senhor, como alguns de seus outros retratos. Este não é um golpe original da imaginação santa e fecunda de nosso Senhor. Esta é uma semelhança tão real e genuína quanto a do próprio trabalhador que rosna. Apenas, o trabalhador mordaz é uma imagem tirada desta terra invejosa e rancorosa. Considere então que o lavrador é a imagem falante do Amor Celestial. O Pai é o lavrador.

"Saiu de manhã cedo para contratar trabalhadores para a sua vinha". Com que golpe certeiro essa declaração de aparência incidental fala de nós, cujas manhãs já passaram há muito tempo! Pois, nos lembramos bem de como Deus veio até nós no início de nossa vida e antes que ainda tivéssemos nos vendido para outros mestres. Ó! jovens, se vocês apenas acreditassem! Se ao menos pudéssemos colocar nossos velhos corações em seus peitos jovens! Quão rápido

vocês aceitariam a primeira oferta do lavrador! Você escaparia dos golpes, fome e de todos os tipos de crueldade! Satisfaça nossos filhos, ó Senhor, desde cedo com Tua misericórdia, para que eles se regozijem e se alegrem em Ti todos os seus dias.

Mas, de todas as horas dos dias de contratação de trabalhadores desse lavrador, é a décima primeira hora que mais atinge meu coração. É a 11.º que faz todos nós, velhos, exclamarmos: "Quem é um Deus semelhante a ti!" Se algum jovem será ganho para Deus por meio desta Escritura esta noite, eu não sei. Mas responderei por alguns dos antigos. Pois, ele veio a nós também à primeira hora do dia, à terceira hora do dia, à hora sexta e à hora nona. Mas se Ele ainda nos levar na 11.º hora, nós seremos Seus. O santo menino Samuel, e muitos outros filhos de Deus chamados desde cedo, tiveram suas próprias vidas longas e felizes de trabalho altamente recompensado. Mas o pensamento de todos esses trabalhadores santos e felizes é um obstáculo positivo e uma pedra de tropeço para nós. Todos esses homens sábios e bons são uma repreensão para nós, em vez de um encorajamento. É o ladrão na cruz que, de todos os homens salvos, é nosso exemplo especial. O ladrão na cruz era o grande trabalhador da décima primeira hora dos dias de nosso Senhor e entramos na vinha com ele. No final de nossa vida má, nós vamos com ele. Quando os pecados da nossa juventude, e todos os nossos pecados, nos descobrem, vamos com ele. Quando o salário do nosso serviço ao pecado por toda a vida se torna morte para nós, também vamos com ele. Quando esta zombaria é lançada em nossa cara, pois "temos agora aquelas coisas de que nos envergonhamos", nós vamos com ele. Aqueles que ainda estão na madrugada de seus dias nunca ouviram falar do ladrão na cruz. Eles nunca leram sua história tão encorajadora. Ainda não foram alvo de seu aprendizado. Só quando eles tiverem a nossa idade conseguirão ler uma história tão animadora do ladrão como nós a lemos. Mas agora é a nossa 11.º hora, pois é a dele e nós vamos com ele. Visto que Deus tira os resíduos mais amargos de nossas vidas pecaminosas e, como este lavrador, paga por eles de maneira tão altruísta, nós viemos. Leve-nos, ó Deus; Ó! leve-nos. E onde o nosso pecado abundou, deixe a Tua Graça muito mais abundante.

"Seu olho é mau?", disse o bom lavrador ao trabalhador murmurante. Agora, um "olho mau" é a tradução no antigo inglês bíbli-

co para a palavra latina *invidia*. "Seu coração é tão egoísta e tão invejoso assim?", foi o que nosso Senhor disse a esse homem que não podia desfrutar de seu próprio salário por se queixar e rosnar contra o salário de seu vizinho. O cachorro de Esopo tinha seu próprio osso e não negou ser um osso grande e saboroso. Mas ele era um cão de caça que não conseguia ver o boi de seu mestre mastigando sua e palha na manjedoura sem rosnar e morder. E esse cão trabalhador não se queixou de que sua recompensa não era suficiente por todo o trabalho que havia feito. Toda a sua infelicidade estava no fato de que seu vizinho tinha uma recompensa para levar para casa com ele naquela noite, para sua feliz esposa e filhos. Ele não se queixava de ser mal pago. Toda a insatisfação vinha disso, de que o seu conservo era muito bem pago. Tanto o cachorro de Esopo quanto o trabalhador estavam doentes daquela estranha doença: a inveja de seu vizinho. Esta criatura miserável estava com olhos maus de forma que todos podiam ver. Mesmo se ele tivesse mantido a paz, todo mundo veria seu coração maligno pelos olhos, ainda que ele fosse um perfeito estranho. Mesmo que eu nunca o tivesse visto antes, eu me comprometeria a dizer a todos os homens o nome do homem que alguém inveja e odeia, se eu estivesse perto o suficiente para ver seus olhos quando o seu rival estivesse sendo elogiado e recompensado. Não, eu saberia pelo seu próprio tom de voz e pela garganta embargada. A inveja, como o amor, desaparecerá. E, como nosso Senhor sempre está nos ensinando, será evidente. "Quanto ao motivo dos meus ataques a Goethe", diz Heine, "sei, pelo menos, que no meu caso foram meus maus olhos". Agora, quem é o seu Goethe? Quem é seu colega de trabalho em seu ramo especial de vida? "O vaso inveja o oleiro", diz Aristóteles. Quem é seu oleiro? E você tem o autoconhecimento que até o pobre Heine tinha, para dizer a si mesmo todos os dias: "Quanto a essas aversões, indisposições e antipatias que sinto em meu coração, tais depreciações e desprezos passam continuamente por minha língua e por minha pena. Eu sei qual é o motivo deles, pelo menos no meu caso, são os meus próprios olhos maus".

A inveja secou tanto meu sangue, quando eu vi um companheiro alegre. Você tinha marcado
uma palidez lívida, que se espalhou na minha bochecha. Essa

colheita veio da semente que semeei.
Ó! homem, por que coloca seu coração onde há necessidade excluindo os participantes em boas condições?

Um comentarista que carregava um grande nome fez uma observação muito superficial neste ponto. Ele disse ser difícil acreditar que qualquer homem que está realmente dentro do reino dos céus a seu serviço e que está recebendo suas recompensas, tenha um mau olhar para outro homem por seu trabalho e por seu salário naquele reino. Uma observação tão estúpida quanto essa jamais saiu da pena de um homem capaz. Uma anotação mais insensata e autoexposta do que essa nunca foi feita. Um jovem amigo do senhor George Meredith uma vez veio até ele em uma agonia de dor e vergonha. "Isso é muito ruim da sua parte!" ele chorou. "Willoughby sou eu!" "Não, meu caro amigo", disse o grande escritor, "Willoughby somos todos nós." E da mesma maneira, em vez de ser difícil acreditar que jamais tenha existido um cão como este trabalhador murmurante, somos todos cães e aquele que não sabe e não confessa isso ainda está tão somente escondido. Sim, Willoughby somos todos nós. A verdade é que os olhos maus, como os olhos do trabalhador, não estão apenas em todos os nossos corações, mas é para a agonia do coração de todo homem verdadeiramente bom que isso é assim. O próprio inferno instiga que todo homem bom verdadeiramente comece assim, pois assim é o coração de todo homem que está começando a saber o que é a verdadeira bondade. Em vez de não haver inveja entre os discípulos de Jesus Cristo, e entre aqueles que trabalham na vinha de Seu Pai, como este velho anotador estúpido nos quer fazer crer, o verdadeiro inferno da inveja nunca é provado por qualquer homem até que ele esteja bem no alto do reino dos céus e esteja com sua mente e espírito plenos. Dante estava bem adiantado em seu caminho para o paraíso quando ocorreu o belo diálogo sobre a inveja e o amor. Dante soa coisas das profundezas em seus cantos esquadrinhadores sobre a inveja, mesmo quando seus voos mais seráficos são realizados em seus cantos sobre o amor.

"Eis que nós abandonamos tudo e Vos seguimos; o que devemos ter então?" (Mt 19.27). Aquele discurso miserável de Pedro, que deu ocasião a esta parábola, contaminou todo o trabalho anterior

de Pedro para seu Mestre, por mais que ele tivesse trabalhado e por mais coisas que ele tivesse abandonado pela causa de seu Mestre. Pois, é um dos princípios absolutos desta nobre vinha a confiança dos trabalhadores no Mestre. E Ele conta com muito mais do que a força, habilidade, prontidão e pontualidade matinal de Seus obreiros. A menos que essas qualidades admiráveis sejam manifestadas e instigadas pelos motivos certos, todas elas não valem quase nada nesta vinha tão singular e tão espiritual. "Uma vida não examinada não é uma vida verdadeira", dizia Sócrates continuamente, enquanto examinava seus próprios motivos todos os dias e colocava todos os outros homens no exame diário de seus próprios motivos. Sabemos pela própria boca de Pedro quais foram seus motivos em seu discipulado. A vergonha de Pedro é contada aqui para podermos ver nossa própria vergonha em nossos próprios motivos. Por que, então, faço este e aquele trabalho na vinha? Por que eu estudo? Por que eu prego? Por que visito os doentes e moribundos? Por que sou um presbítero? Por que sou diácono? Por que eu subscrevo isto ou aquilo? Por que sou professor da Escola Dominical? E por que sou membro desta igreja e não daquela? São nossos motivos mesquinhos e egoístas, que se escondem de forma tão inexplicável em nossos corações, que nos tornam tanto cães na manjedoura quanto trabalhadores invejosos e murmuradores na vinha. E como foi com Pedro e seus motivos miseráveis que seu Mestre destacou nesta parábola, assim é conosco e com nossos motivos, invejas e ciúmes miseráveis que brotam de nossos motivos miseráveis. Ele nos enquadra nesta mesma parábola.

E agora, resumindo, nosso Senhor acrescenta esta nobre lição a todas as outras nobres lições desta nobre e enobrecedora Escritura. Muitos são chamados, acrescenta, mas poucos são escolhidos. Pegue-os todos juntos, Ele diz; pegue aqueles chamados na primeira hora do dia, aqueles chamados na terceira hora, aqueles chamados na hora sexta, aqueles chamados na hora nona e aqueles chamados na hora undécima. Quando todos eles forem contados, muitos são do grupo dos chamados. Porém, os homens escolhidos, os espíritos verdadeiramente escolhidos, mesmo entre os homens que são chamados são poucos: os homens que são sinceros e simples em suas motivações; os homens que estão cheios de humildade em si mesmos, em seu trabalho e em suas recompensas; os

homens que são tão cheios de amor fraternal que não vêem mal o bom trabalho ou o bom salário de seu irmão, mas que se regozijam em todas as coisas boas que caem sobre ele. Tais homens não são muitos, mesmo na própria vinha do céu. Há muitos naquela vinha que dizem com Pedro: O que teremos, portanto? Mas são poucos os que trabalham todas as horas do dia e ainda recebem seu salário à noite com dor e vergonha e dizem a si mesmos que são os menos lucrativos de todos os seus conservos. Eles são os poucos, mesmo entre os verdadeiros servos de Deus, que continuamente consideram tudo o que recebem e possuem como provas de Sua Graça e bondade singulares e incomparáveis para si mesmos. São poucos os que pensam, sentem e falam assim; mas eles são os melhores e os mais vocacionados dentre todos os Seus santos. Eles são os eleitos de Seus eleitos. Seu verdadeiro lugar na terra é em uma vinha tão nobre como esta e eles são os verdadeiros servos de um Mestre tão nobre. Meus irmãos, a qualquer hora em que entrarem nesta vinha, cedo ou tarde, trabalhem todos os seus dias com este espírito nobre e excelente. Portanto, trabalhe para o seu Mestre e ame o seu próximo como a si mesmo, para que finalmente vocês sejam encontrados, não apenas entre os muitos chamados, mas entre os poucos escolhidos.

Personagens da Bíblia - Novo Testamento.indd 627 13/11/2021 13:16:48

XXIV. Os filhos de Cafarnaum brincando em casamentos e funerais no mercado

Estamos no mercado de Cafarnaum, no frescor do dia. Os operários e as operárias da cidade estão sentados à sombra após o término do trabalho do dia e as crianças, tendo sido dispensadas da escola, estão muito empenhadas em seus jogos noturnos. "Venha", grita um dos protagonistas, "venha e deixe-nos ter um casamento. Esta aqui será a casa da noiva e eu serei o noivo, e todos nós acenderemos nossas lâmpadas e iremos à casa da noiva para trazê-la para minha casa". "Não", grita outro. "Não. Nós nos casamos ontem, quando você era o noivo. Vamos fazer um funeral hoje. Eu serei o homem morto, e você, você e você me levarão para cima e para fora do portão enquanto todo o resto sairá atrás de nós lamentando, lamentando e chorando". Mas o noivo não teria um funeral e o homem morto não teria um casamento até que uma briga surgisse e seus pais e mães tivessem que separar seus filhos e levá-los para casa. E até que Alguém, que se sentou no mercado e viu tudo, se levantasse, fosse para a região montanhosa e ficasse toda aquela noite sozinho em oração. E, olhando para Cafarnaum, chorou e disse: "E tu, Cafarnaum, a que te compararei, mas a teus próprios filhos brincando na praça do mercado, chamando seus companheiros e dizendo: nos alegramos e não dançastes; pranteamo-vos e não vos lamentastes".

A infância mostra o homem, como a manhã mostra o dia.

Canta Milton sobre a infância de nosso Senhor. E aquela cena da infância na praça do mercado de Cafarnaum já mostra a virilidade e a feminilidade dessas crianças em conflito. E isso mostra, não sua infância, masculinidade e feminilidade apenas, mas nossa própria infância, masculinidade e feminilidade também. A obstinação, o mau-humor e a censura daquelas crianças de Cafarnaum na praça do mercado, e de seus pais na sinagoga, estão todos expostos diante de nós neste espelho de Deus para o qual somos instruídos a ver não apenas nossos próprios filhos, mas também nosso eu adulto. Só porque o casamento foi proposto por um companheiro de brincadeira, seu vizinho não quis se casar. Ele queria um funeral. Seu pequeno coração obstinado imediatamente se elevou dentro dele

para resistir à proposta do vizinho. Ele queria um funeral naquele dia e participaria apenas de um funeral. A brincadeira do casamento com certeza era muito mais agradável do que a brincadeira do funeral. Mas não era o que queria agora e ele defendeu sua própria vontade e seu próprio caminho. "A causa está em minha vontade", disse César. "Eu não vou. Que isso seja o suficiente para satisfazer o Senado". E bastou a esse pequeno César de Cafarnaum dizer que não queria um casamento, mas um funeral. Imensas bibliotecas foram escritas, em primeiro e último lugar, nos testamentos de nossos melhores e mais hábeis homens. Mas além da vontade de César em Roma e além da vontade desse pequeno tirano em Cafarnaum, nenhum filósofo ou teólogo jamais foi capaz de ir. Vemos a obstinação e provamos seus frutos amargos todos os dias. Mas, porque a vontade humana deve ser tão incuravelmente má está além da capacidade intelectiva de nossos homens mais sábios em descobrir. Uma má vontade é o verdadeiro mistério da iniquidade. O mundo inteiro é um enorme mercado de Cafarnaum e tudo se dá devido à sua má vontade e à minha. Eu não irei brincar com você a menos que eu tenha minha própria vontade satisfeita. E você não vai brincar comigo a menos que tenha sua própria vontade satisfeita. "Ele é um homem muito bom quando faz o que quer", disse alguém outro dia. E Elizabeth, como nos dizem, era uma rainha muito simpática quando seus bispos afinavam seus púlpitos para manter o ritmo de sua dança, mas quando eles sintonizaram seus púlpitos com a verdade, ela se mostrou hostil. Tocava com eles em suas igrejas todos os dias e o dia todo se tocassem algo que a agradasse, mas, se não, eles saberiam as consequências. Para quantas coisas, tanto na igreja quanto no estado e tanto em casa quanto no lazer, César nos deu a única chave verdadeira e completa: "A causa está em minha vontade. Que isso satisfaça o Senado".

Era a mãe do morto da noite passada que veio com seu filho nas mãos a nosso Senhor enquanto Ele se preparava para pregar no mercado na manhã seguinte. "Mestre", disse ela, "eu vi toda a Vossa tristeza e vergonha por meu filho na noite passada. Eu Vos observava o tempo todo e sabia tudo o que estava em Seus pensamentos sobre ele. Mas eles não eram pensamentos tão tristes quanto os meus. E agora, eu trouxe meu filhinho para poderes impor a Vossa mão sobre ele e fazer-lhe um novo coração. E se não, eu preferia que

ele nunca tivesse nascido. Prefiro vê-lo morto, de fato, e levado para fora da cidade em seu esquife, do que viver para vê-lo crescer como ele se portou ontem à noite". E Jesus teve pena dela. Ele colocou a mão sobre a cabeça de seu filho pequeno e disse: "Bendito seja o filho de tal mãe. Pois, de tais mães, e dos filhos de tais mães, é o reino dos céus".

Aqueles que têm meu Espírito Estes, disse Ele, são meus.

Agora, meus irmãos, se você e eu crescermos e envelhecermos sem termos sido abençoados por Deus com um novo coração, isto é, com um coração manso, humilde, simples, afável e complacente; se vivermos a masculinidade e a feminilidade com um coração duro e de pedra, um coração orgulhoso, obstinado, despótico e tirânico ainda em nós, como tudo isso vai acabar? E quando? E onde? Não podemos nos contentar, com certeza, em seguir em frente com um coração tão mau em nós, tornando-nos infelizes e tornando infelizes também todos os que se relacionam conosco. E, se o Novo Testamento é verdadeiro, se morrermos de repente com esse coração ainda em nós, seremos nós mesmos demônios e companheiros dos demônios para sempre. Se endurecermos nossos corações contra Deus e os homens e nos empenharmos em ter nossa própria vontade em tudo; se sairmos tiranizando a todos e fazendo com que todos sofram com o nosso temperamento insolente, o que há na morte, ou depois da morte, para nós que temos tal coração? Há uma abundância de promessas na morte e após a morte para os mansos e dóceis, para os submissos, os que se entregam e os que se sacrificam. Mas eu não encontrei tais promessas e consolações para os altivos, temperamentais, briguentos e os que se afirmam — você as encontrou? Encontrei não poucas advertências, ameaças e denúncias divinas contra eles, tanto neste mundo como no porvir. E você deve ter encontrado o mesmo. E, para todos esses em meio a cenas de miséria causadas por seu temperamento perverso e sua tirania, sua própria consciência deve ter dito a você na sua cara que você é o homem. Agora, o que você está fazendo para alterar essa condição? Está fazendo alguma coisa? Está contente em continuar como está, com um coração como o seu e não dando nenhum passo

para consertá-lo? Sim, que passo está dando para consertá-lo? Pois, mesmo que você viesse àquele a quem aquela mãe de Cafarnaum veio, Ele apenas lhe diria o que disse a ela e o que disse a seus pais e mães distantes por meio de Seu servo Ezequiel. "Arrependei-vos". Ele vos dirá: "desviei-vos de todas as vossas transgressões; então sua iniquidade não será sua ruína. Expulsem de vocês todas as transgressões com as quais transgrediram e façam de vocês um novo coração e espírito, pois por que vocês morrerão? Pois, não tenho prazer na morte do que morre, diz o Senhor Deus, portanto, convertam-se e vivam". Venha, então, e deixe-nos olhar para alguns dos momentos e lugares em que você deve começar a fazer para si um novo coração; isto é, um coração quebrantado, contrito, humilde, terno, dócil e sociável.

"Como um homem como eu pode ter um temperamento afetuoso e amigável?" pergunta Epicteto, o professor estoico, para seus alunos em sua sala de aula em Nicópolis. E esta é a resposta que dá a si mesmo nos ouvidos deles e que foi encontrada no caderno de um dos presentes. Cito Epicteto porque nosso Senhor disse: "E tu, Cafarnaum; muitos virão do leste e do oeste e se assentarão no reino dos céus, enquanto muitos dos filhos do reino, como tu e teus filhos são, de forma alguma entrarão nele". "Como", pergunta o velho estoico, "um homem como eu se tornará verdadeiramente nobre e divino?" E ele responde a si dessa maneira. "Cada homem é aperfeiçoado pelos atos correspondentes. O carpinteiro é aperfeiçoado pelos atos de carpintaria e o orador é aprimorado pelos atos da oratória. Mas se um carpinteiro negligencia seu trabalho, ele nunca se tornará um bom carpinteiro e se um orador não falar cada vez melhor todas as vezes que se levantar, logo será expulso do púlpito. Em religião e moral é a mesma coisa. Assim, ações modestas preservam e melhoram o homem já modesto e ações indecentes o destroem. A falta de vergonha fortalece o homem sem-vergonha; a falta de fé, o homem infiel; as palavras abusivas, o homem abusivo; as palavras e atos irados tornam o homem cada vez mais um homem de raiva e os atos avarentos acabam o tornando um avarento". E o grande estoico deixou linha sobre linha e preceito sobre preceito como um legado para seus estudiosos neste assunto tão importante. Pois, em outra página do caderno de Arriano, eu descobri isto: "Todos os hábitos e faculdades são mantidos e aumentados

pelas ações correspondentes. O hábito de caminhar caminhando e o hábito de correr correndo. Se você deseja ser um bom leitor, leia; se deseja ser um bom escritor, escreva. Deite-se dez dias e tente uma longa caminhada, e verá como sua capacidade de andar se foi. Geralmente, então, se você deseja moldar alguma coisa parte de seu caráter, pratique. Quando você ficou com raiva novamente hoje, não apenas ficou com raiva hoje, mas também está mais aberto à raiva amanhã. Até que a ira de hoje, de amanhã e do dia seguinte se unirão para torná-lo um bárbaro absoluto para todos os que vivem perto de você. Mas, se você não deseja ser tão selvagem, não cometa os atos de selvageria, mas os atos de um cavalheiro. Não alimente seu temperamento com palavras e ações bárbaras. Controle o seu mau-humor até poder contar os dias em que não ficou zangado. Eu costumava ser apaixonado todos os dias por alguma coisa ou alguém, mas agora eu sou a cada dois dias; e depois a cada três ou a cada quatro dias. E, se você passou 30 dias sem uma explosão de raiva, oferte seu agradecimento a Deus. Se você fugir por dois ou três meses, tenha certeza de que está se sentindo muito bem. Grande é o combate, divino é o trabalho; é para a liberdade, para a felicidade, para a santidade. Lembre-se de Deus e vá em frente". Até aqui, eu citei Epicteto.

Você é, então, um homem obstinado, orgulhoso, intolerante e tirânico? Ou é uma mulher rixosa? Você é um cavalheiro, uma dama? Epicteto disse-lhe o caminho. Butler disse-lhe a mesma coisa em sua própria língua, mas Epicteto o fez dois mil anos antes. Atos cavalheirescos acabarão por torná-lo um cavalheiro e nada mais o fará. Nenhum homem nasceu cavalheiro; nenhum mero homem. Mas multidões se tornaram cavalheiros e senhoras. Esse é o princípio dos atos, hábitos, caráter de Epicteto. Da próxima vez, então, que as opiniões e propostas no que diz respeito a você difiram, agarre-se com esta garantia de que o próprio Deus trouxe essa diferença de opinião e essas propostas com Seus olhos postos em você. Opiniões e propostas não são nada para Ele, mas você, seu caráter moral e sua conduta cristã são tudo para Ele. Esta noite ainda, e antes que você tenha adormecido essa escritura de Sua mente, e amanhã, com certeza, duas opiniões e duas propostas serão apresentadas a você e isso a fim de colocar à prova se prestou atenção essa noite, para ver se a sua visita ao pátio de recreio de

Cafarnaum e ao monte da oração acima de Cafarnaum lhe trouxe algum benefício. Esteja pronto. Esteja preparado. Brinque com seus amigos naquele momento. Se é um casamento que está sendo proposto, coloque-se à disposição dele. Diga que se comprometerá a ver o escrivão e o ministro. Não mencione os outros compromissos que fez naquela semana e naquele dia. Deixe-os todos de lado até que tenha visto esse casamento ser realizado de maneira suave e doce. E, após ir para a lua de mel, você será muito mais feliz em seu alojamento solitário do que se fosse o próprio noivo. Faça e veja! De qualquer forma, haverá maior alegria do noivo no céu por você, porque a diversão de Cafarnaum não se perdeu nessa noite.









XXV. O samaritano que mostrou misericórdia

Certo homem desceu de Jerusalém a Jericó e caiu nas mãos de ladrões, que o despojaram de suas vestes, o feriram e partiram, deixando-o semimorto. E por acaso desceu um certo sacerdote por ali que, quando o viu, passou pelo outro lado. E também um levita que, quando estava naquele lugar, veio, olhou para ele e passou do outro lado. Mas certo samaritano, durante a viagem, chegou onde estava e, quando o viu, teve compaixão, foi até ele, curou-lhe as feridas derramando azeite e vinho, o pôs sobre o seu próprio animal, o levou para uma pousada e cuidou dele. E, no dia seguinte, ao partir, tirou dois pences, deu-os ao anfitrião e disse-lhe: "Cuida dele; e tudo quanto gastares mais, quando eu voltar, te pagarei".

"E, por acaso, desceu um certo sacerdote por ali", diz nosso Senhor, contando a história à maneira dos homens. Ele sabia melhor do que ninguém que não há mais nada ao "acaso" neste mundo; nem mesmo a queda de um pardal, nem mesmo um fio de cabelo da nossa cabeça. "Será óbvio para o leitor inteligente", diz o filho de Thomas Boston ao editar a inestimável autobiografia de seu pai, "que o princípio radical sobre o qual esta narração se baseia é que *Deus predeterminou tudo o que vai acontecer*. Nesse princípio, o autor acreditava de todo o coração, era frequentemente uma âncora para sua alma, e todo ministro da Igreja da Escócia é obrigado, por sua assinatura e pelos seus votos de ordenação, a mantê-lo. Tendo isso em vista, é possível explicar como se atribui, a uma Providência governante, muitos incidentes que alguns podem pensar que podem ser resolvidos em causas naturais". Não sei quais podem ter sido os votos de ordenação do sacerdote, mas tenho certeza de que se alguém lhe tivesse perguntado no templo: "Mestre, o que devo fazer para herdar a vida eterna?" Ele teria lhe respondido: *"Amarás o Senhor teu Deus, com todo o teu coração e com toda a tua alma, e com todas as tuas forças e com toda a tua mente; e o teu próximo como a ti mesmo"* (Lc 10.27). Mas pena que esse sacerdote, assim que terminou seus deveres no templo, esqueceu de tudo isso diante de um próximo a ponto de se vestir novamente no próximo sábado de manhã em Jericó sem qualquer remorso. Estava a caminho de Jericó naquele dia quando, por acaso, encontrou um homem semimorto à beira do caminho. Sendo um sacerdote do templo, ele deveria ter dito a si mesmo ao iniciar sua jornada:

O Senhor guardará tua alma:
Ele vai preservar você de todas as doenças.
A partir de agora, você vai entrar e sair
Deus o guarde para sempre.

E, então, ele deveria estar buscando estar seguro para si mesmo e para os outros, cantando para si mesmo:

Mostra-me os Vossos caminhos, ó Senhor:
Vossos caminhos, ó, ensina-me
E Vós me guias na tua verdade
É aí que está meu professor.
Pois, Vós sois o Deus que fazes
Para me enviar salvação,
E eu busco a Vós o dia todo

Ao não partir e não cantar para si mesmo dessa maneira, o sacerdote perdeu a sua chance de salvação e de vida eterna — pelo menos naquele dia.

O levita que o seguia parecia, por um lado, ter tido um pouco mais de curiosidade do que o sacerdote e ter chegado cada vez mais perto da vida eterna. O sacerdote viu o suficiente à primeira vista para bastá-lo e satisfazê-lo; mas o levita parou, foi para o lado da estrada e olhou para o homem semimorto, e aquele olhar também foi suficiente para ele, pois também passou por outro lado. Se os olhos do homem moribundo não foram totalmente arrancados pelos ladrões e se ele foi capaz de abrir os olhos por um momento ao ouvir os passos que se aproximavam, seu coração deve ter batido de volta à vida ao ver o sacerdote e o levita. Quando um mendigo no acostamento vê um ministro chegando com suas roupas pretas e sua gravata branca, o pobre coitado tem certeza de que não será ultrapassado sem uma palavra amável de qualquer maneira. A sua decepção é maior quando o homem de Deus olha para o outro lado e passa de largo em silêncio.

Agora, quem sabe quem eram os samaritanos fica surpreso com um deles partindo em uma jornada em uma manhã, ou em todas as manhãs, encontrando em um desses dias "por acaso" um ou outro homem e passando por eles sem um pensamento. Como quer que ele partisse, com salmo ou sem salmo, e como quer que esse samaritano estivesse ocupado enquanto cavalgava pelo desfiladeiro de Jericó, eis que ele avista um judeu semimorto caído na vala à beira da estrada. Algum de vocês já teve ódio mortal contra qualquer inimigo seu? Contra algum inimigo de sua igreja ou de seu país? Você já esteve em um estado de espírito tão diabólico contra algum homem, ou contra qualquer raça de homens, que teria ficado feliz em vê-lo caído, ferido e moribundo? Bem, era exatamente assim que judeus e samaritanos se sentiam uns em relação aos outros nos dias de nosso Senhor. Eles não tinham nada menos que seu ódio mortal um pelo outro. E, se aquele fosse um homem agonizante de Samaria, não teria sido nada maravilhoso ver o viajante samaritano fazendo tudo que estivesse ao seu alcance em favor de seu conterrâneo. Mas fazer isso a um judeu? É por isso que o nome desse samaritano é tão celebrado no céu. Quais acha que seriam os pensamentos do judeu moribundo ao ver seus próprios conterrâneos do templo passando do outro lado e, então, ver um samaritano, chamado por ele de cão, pulando de sua mula para ajudá-lo? O que ele pensaria e diria à noite ao ver esse samaritano excomungado acendendo a vela para derramar azeite e vinho em suas feridas e velando a noite toda ao lado de sua cama? Aquela mula samaritana mancando pelo desfiladeiro de Jericó com aquele fardo semimorto nas costas sempre me lembra Samuel Johnson mancando até Bolt Court com a prostituta desfalecida nas costas e deitando-a na cama da velha Sra. Williams para trazê-la de volta à vida. O Dicionário de Inglês, escrito há muito tempo, por mais que haja palavras e expressões, torna-se apenas um estudante iniciante da melhor literatura inglesa que emerge de *The Lives of the Poets*. A imagem imortal daquela rua da meia-noite em Londres e daquela passagem sangrenta de Adumim são retratos irmãos para sempre entre as obras de arte da nova Jerusalém. E se você ama seu vizinho como a si mesmo nessa cidade, como esse Samaritano e o doutor Johnson fizeram em Jericó e em Londres, você ainda verá esses dois retratos e os originais deles com seus próprios olhos, nas galerias de arte do país celestial.

Disse então Jesus ao advogado: "Vai e faze o mesmo". Mas ele, querendo se justificar, começou, como advogado, a levantar questões especulativas e casuísticas em vez de se preparar imediatamente para o cumprimento de seu dever. "Amarás o teu próximo como a ti mesmo". "Sim", disse o homem da lei, "mas quem é meu próximo?" Distinguir e esclarecer quem, exatamente, é meu vizinho, disse esse sutil casuísta. Meus irmãos, todos os homens são seus vizinhos. Absolutamente todos os homens. Absolutamente todo homem. Mais imediatamente, porém, todo homem despojado, ferido e moribundo. E, ainda mais, cada inimigo seu. Sim, absolutamente todos os homens. Pois, quem está sem roubo, ferimentos e tão cheio de vida e amor que não precise de seu amor fraternal e de todo tipo de ofício vital em suas mãos? Quem há, na face desta terra, que não necessita e não deseja receber o óleo e o vinho de sua amorosa bondade derramados em suas muitas feridas? Nenhum homem. Nenhuma mulher. Não é apenas no desfiladeiro sangrento de Adummim e na rua da meia-noite de Londres que seus próximos devem ser encontrados feridos e semimortos: eles podem ser encontrados em todos os lugares. Muitos que têm seus próprios animais para montar e que são perfeitamente capazes de pagar suas próprias contas ao hospedeiro, muitos desses precisam tanto de seu amor e de seus serviços de amor quanto aquele judeu agonizante a caminho de Jericó. Um pensamento, um olhar, uma palavra e uma ação gentil; leve azeite e vinho com você e não faltarão homens e mulheres feridos e semimortos para abençoar o dia em que viram seu rosto e ouviram sua voz pela primeira vez.

Mas algum advogado aqui, disposto a se justificar, se levantará para me tentar e me perguntará se pretendo negar todos os meus últimos sermões sobre Romanos. Eu estou ensinando que esse samaritano foi justificado diante de Deus simplesmente por causa de sua boa ação? Admito que tanto nosso Senhor quanto Seu apóstolo ensinam, às vezes, econômica, paradoxal e até mesmo unilateralmente. Mesmo assim, vá e faça como este bom samaritano fez. E se a morte e o julgamento alcançarem você caminhando ao lado de sua mula no trajeto para a estalagem de Jericó ou se o seu Senhor o convocar a prestar contas quando você estiver ao lado do travesseiro de um inimigo seu semimorto? Isso seria preferível à morte e o julgamento que alcancem você debatendo, embora calvinisti-

camente, sobre seu dever evangélico. Sim: vá imediatamente esta noite e faça o mesmo.

Spurgeon diz em algum lugar que onde quer que esteja o seu texto e seja o que for que ele tenha escrito, ele encontrará seu caminho, de alguma forma, para que por meio desse texto alguém chegue a Jesus Cristo. Agora, não é ir longe deste texto ir até Aquele que é o Bom Samaritano de fato. Diz-se de Goethe que, como esse sacerdote e esse levita, ele se mantinha bem longe dos homens despidos, feridos e moribundos. Espero que não seja verdade para aquele grande homem intelectual. De qualquer forma, não é verdade para Jesus Cristo. Pois, Ele vem e sobe e desce por todas as passagens sangrentas da vida humana, na verdade, procurando por homens feridos e semimortos e por mais ninguém até que Ele possa levar o nome dO único e inteiramente Bom e Verdadeiro Samaritano. Eles estão aqui e sobre ele diz o que fez: "Quando passei por ti e te vi ferido e morrendo, disse-lhe quando estavas ensanguentado: "Viva; sim", eu lhe disse quando estavas ensanguentado: "Viva. Agora, quando eu passei olhei para ti, eis que o teu tempo foi um tempo de amor. Então lhe lavei com água e lhe ungi com óleo". E nós próprios somos a prova disso. O fato de estarmos aqui esta noite, na terra dos vivos e no lugar da esperança, é a prova suficiente disso. Estamos, por assim dizer, na estalagem de Jericó esta noite. Mas amanhã Ele voltará e reembolsará tudo o que eles gastarem esta noite aqui conosco. E assim que pudermos ser removidos, Ele virá e nos levará para casa com Ele, pois um coração maior e melhor do que o coração do Samaritano está aqui. Ele nos levará para aquela terra com Ele, onde ninguém cai nas mãos dos ladrões e onde não há quem roube, fira ou deixe um homem semimorto. Vá, disse Seu Pai a Ele, e ame a Teu vizinho e a Teu inimigo como a Ti mesmo. E em vez de desejar se justificar, em vez de perguntar: "Mas quem é o meu próximo?", reconheça o que Ele disse, o que fez e a quem Ele disse e fez. Nós estávamos no desfiladeiro sangrento e fomos despojados, feridos e semimortos, mas hoje somos a prova de seu cuidado e seremos para sempre a prova e o louvor disso.

E agora, meus irmãos, não é a causa do mais profundo louvor e ação de Graças a Deus Todo-Poderoso que a paz venha e que não haja um homem na face de toda a terra que desejemos mais ver ferido e semimorto? E não deve ser uma coisa doce para nosso Rei

pensar, em seu leito, e para toda a sua Casa Real, saber que não há agora nenhum inimigo de seu trono, cetro e coroa em todo o mundo? Pois, de fato, é assim, porque Ele, o Bom Samaritano, é a nossa paz, que nos fez um e quebrou o muro de separação entre nós: tendo abolido em Sua carne a inimizade; para fazer em Si mesmo, de dois, um novo homem, fazendo assim as pazes. E Ele nos reconciliou com Deus em um corpo pela Cruz, tendo matado a inimizade. Pois, por meio dele, ambos temos acesso por um só espírito ao Pai; por Jesus Cristo, em quem todo o edifício bem ajustado cresce para templo santo no Senhor, no qual também vós sois juntamente edificados para a morada de Deus pelo Espírito.









XXVI. Moisés no Monte do Novo Testamento

O Sermão da Montanha é o último sermão de Moisés que desceu até nós. É o último e melhor sermão daquele grande legislador. Neste sermão, temos Moisés se elevando e se expandindo além de si mesmo. Mas o tempo todo, e com tudo isso, esse ainda é Moisés. A boca, de fato, é a boca de alguém que é muito maior do que ele, mas as mãos e o coração ainda são os mesmos do antigo legislador. Pois, à medida que assistimos a esse sermão, logo descobrimos que ainda estamos nas mãos e no coração da lei. A lei é muito espiritual; a lei é muito sagrada, justa e boa no Sermão da Montanha. Mas a própria espiritualidade de sua santidade só serve para tornar nossa condenação sob ela ainda mais desesperadora e nossa morte em suas mãos ainda mais certa e inexorável. Até clamarmos sob este sermão como os assassinos de seu Mestre clamaram sob o sermão de Pedro: "Homens e irmãos, o que devemos fazer?"

As oito bem-aventuranças que começam o sermão são, sem dúvida, muito bonitas. Não tem como negar isso. Isso quer dizer que elas são muito bonitas para aquele que se encontra em posição de reivindicá-las como suas, possuí-las e discorrer sobre elas. Mas quem tentou com todas as suas forças adquiri-las e reivindicá-las, diga-nos o que pensa de sua beleza e que efeito ela tem sobre seu coração e consciência. Órion e as Plêiades são muito bonitas, mas antes e acima delas, é bela a esperança de construir uma casa com suas doces influências, a esperança de possuir as bem-aventuranças do Sermão da Montanha apesar de qualquer coisa que possa sofrer, realizar ou alcançar. A estrela polar não está tão longe de seu alcance quanto a mais próxima das belas bem-aventuranças do Sermão da Montanha. Não sei como isso soa a você, mas direi francamente como eu penso.

Desde que vi pela primeira vez algo de sua terrível espiritualidade, não posso suportar ler nem mesmo uma única bem-aventurança, ou mesmo qualquer outra frase neste sermão, até eu ter novamente fortalecido meu coração com a Epístola aos Romanos. Para mim, a Epístola aos Romanos é a verdadeira pedra fundamental, angular e de cobertura de todo o Novo Testamento. Não, seu corajoso autor é ousado o suficiente para levar sua Epístola aos Romanos e sua Epístola aos Gálatas, e colocá-las de lado antes e abaixo do

próprio Livro do Gênesis. E, sempre que leio novamente seu argumento tão antigo e irrespondível, imediatamente sinto que tenho em minhas mãos não apenas a verdadeira chave para todas as promessas, profecias, tipos e emblemas do Antigo Testamento, mas, o que é muito melhor para mim, que eu seguro em minhas mãos a verdadeira e única chave para me deixar sair daquele calabouço de desespero em que Moisés novamente me fecha sempre que leio qualquer um de seus sermões e esqueço Romanos e Gálatas. Posso andar em liberdade em torno do próprio Monte Sinai, posso escalar até o topo de seus precipícios mais ameaçadores e posso olhar para baixo sobre eles até o fundo, se eu tiver Paulo como meu guia para me apoiar e Romanos para me dirigir e me encorajar.

Lutero não era um cavalheiro tão perfeito como Paulo, talvez, mas ele foi quase tão grande gênio evangélico. Lutero trabalhou com todas as suas forças, e não é pouco, para manter Moisés em seu devido lugar e não deixá-lo mudar de seu lugar certo nem por um centímetro, ou, melhor, de seus três lugares certos. O primeiro dos lugares certos de Moisés é o que o Reformador chama de seu lugar político. Ou seja, o lugar onde o grande legislador emite suas leis para o bom governo dos estados, cidades e famílias. O segundo lugar é o de promotor universal e acusador de todos os homens, pois ele convence todos os homens do pecado e da morte e fecha a boca de todos eles. E seu terceiro lugar certo, de acordo com Lutero, é o de supervisor e encarregado de toda construção de casas sábias e seguras. Agora, venha e deixe-nos levar esse construtor aprovado e vamos aprender algumas lições de comunhão com ele, com Moisés e com Paulo. Pois bem, Lutero observou e lembrou que o primeiro elogio dado a esse sábio construtor de casas é este: que ele cave fundo para fazer uma fundação antes de se começar a construir a casa. Esse sermão que leva até ele os alicerces, cava bem fundo. Tome, para começar, aquela fome e sede de justiça à qual a quarta bem-aventurança está ligada e você verá que poço profundo e central penetra em sua própria alma. Então tome todos os tipos de pureza de coração e isso é, como você deve confessar, outra flecha muito profunda e muito secreta. E vá à reconciliação exigida junto ao irmão ofendido antes de precisar buscar a sua reconciliação com o Deus ofendido e isso, você deve admitir, não é um trabalho superficial. Nem é a ordem de fazer o bem aos homens que lhe odeiam

e abusam de você. Tudo o que esse sermão descreve é como cavar algo profundo. E uma de nossas primeiras lições de tudo isso certamente deve ser que, como este sermão vai tão fundo, o mesmo deve acontecer com todos os sermões. O verdadeiro valor de cada sermão para nós não é seu aprendizado ou sua eloquência, mas sua profundidade: a profundidade daquele que o prega e daqueles que o ouvem. Thomas Goodwin, cuja profundidade atraiu a ele todos os meus dias, diz sobre o assunto: "Por essa escavação profunda não quero dizer terrores profundos, pois não é necessário que todos os tipos de terra sejam escavados com picaretas de ferro. Deus usa essas ferramentas apenas para a terra dura. Pás e picaretas muito pequenas são suficientes para desenterrar e esvaziar alguns homens. Todos os homens devem ser desenterrados e esvaziados de alguma forma. Todos devem ser esvaziados por uma compreensão espiritual de seu verdadeiro estado e levados até o fundo de seus próprios corações irremediavelmente maus; devem ser obrigados a confessar sua total incapacidade de construir uma casa segura para si mesmos, a não ser que a edifiquem sobre a Rocha que é Cristo".

Não há palavras d'Ele, em todo esse sermão, que sejam mais profundas e fundamentais do que aquilo que nosso Senhor nos diz sobre muitas orações secretas. Pois, não há nada que façamos que passe despercebido a não ser as muitas orações secretas. O Pregador desse sermão tinha ele mesmo cavado fundo e lançado profundamente as fundações de Sua própria casa em oração secreta, contínua e incessante. E Ele continuou fazendo isso até que chegasse o tempo em que Ele mesmo seria comparado a um homem sábio. Durante toda aquela noite no jardim do Getsêmani, Ele ainda estava cavando fundo e se certificando de que Sua casa estava fundada em Deus, Seu Pai, e somente Nele. E foi assim que, quando desceu a chuva, vieram as enchentes e os ventos sopraram batendo contra a casa toda aquela noite, ela não caiu, porque estava fundada sobre uma rocha. E se Pedro tivesse seguido o conselho e o exemplo de seu Mestre todos os seus dias, ou mesmo naquela noite, sua casa não teria caído uma queda tão triste toda aquela noite e todo o dia seguinte. Façam vocês mesmos esta profunda declaração de Cristo, ó todos vocês, pois há nuvens se erguendo e logo explodirão sobre sua casa também; e se ela não for cavada profundamente com muitas orações secretas, você pode estar certo disso, grande será a queda.

E agora, enquanto você percorre todo este terreno cavado profundamente, o que você diria de todas essas palavras dele sobre mansidão, fome de justiça, pureza de coração, pacificação e reconciliação com seu irmão ofendido; e sobre cortar sua mão direita e arrancar seu olho direito, sobre amar seu próximo como a si mesmo, sobre a oração no íntimo, sobre acumular tesouros no céu, sobre buscar primeiro o reino de Deus e Sua justiça, sobre não julgar para que não seja julgado e sobre entrar pela porta estreita. O que você diz sobre essas palavras dAquele que não veio para destruir a lei, mas para cumpri-la, e para que ela se cumprisse em você? O que você realmente pensa e sente sobre todo este Sermão da Montanha? Bebês, pregadores e escritores com a cabeça coberta tagarelam seus louvores ao Sermão da Montanha e nos anunciam incessantemente que todo o Novo Testamento, seu credo e seu catecismo estão resumidos no Sermão da Montanha. Meus irmãos, cavem mais fundo. A lei de Deus é cavada mais profundamente em seu entendimento, seu coração e sua consciência. Sim, isso é exatamente Moisés falando para você e Moisés o faz com sua espada de dois gumes na mão, como nunca antes. "Pela lei vem o conhecimento do pecado". Por esta lei profunda, usada para a construção de casas sábias, é que todas as suas construções insensatas são descobertas e denunciadas. Apenas tente erigir uma casa verdadeiramente espiritual e veja. Tome — *"Bem-aventurados os mansos; pois eles herdarão a terra"* (Mt 5.5) — e comece imediatamente a fundar e construir a sua casa espiritual. Comece a viver uma vida de mansidão. Estude humildade. Mantenha sempre diante de seus olhos as muitas e profundas razões pelas quais você deve ser o mais manso e o mais humilde dos homens. Coloque-se com todas as suas forças para suportar toda injustiça, todos os maus-tratos, todo desprezo e toda negligência de todas as mãos. Sofra muito e seja gentil. E sua casa subirá, por um tempo, sobre esse alicerce; até que um dia uma tempestade virá. Em um dia escuro a chuva descerá e as enchentes virão, e os ventos soprarão batendo em sua casa de mansidão até ela cair e o enterrar sob ela. Outro edificará sua casa neste fundamento: "Não julgue, para que não seja julgado. Pois, com que julgamento julgar, será julgado; e com que medida você mede, deve ser medido novamente". Comece a julgar a retidão e você cairá. Diga-me: quanto tempo dura o seu refúgio? Analise por meio de todos os fundamentos lançados no Sinai.

Sim, todo este sermão ainda é Moisés e suas duas tábuas de pedra, ao invés de Jesus Cristo e Sua Cruz e Justiça. Literalmente, sem dúvida, Jesus Cristo pregou esse sermão. Ninguém contesta isso. Mas, a verdade real é que não é a pregação de Cristo que prova que Ele é o verdadeiro Cristo para você; não são os sermões dele, mas a cruz que é a prova certa; e sua cruz ainda está muito longe. Temos muito mais pregadores de Cristo na Igreja do Novo Testamento do que Ele próprio. Ainda não era hora de alguém pregar a Cristo completamente. Como Ele mesmo disse para a Sua mãe nas bodas de Caná: "Minha hora ainda não chegou". A verdade é — direi por mim mesmo, se você não me permitir dizer por você — que a menos que muitos outros sermões além do Sermão da Montanha tivessem sido pregados na Igreja do Novo Testamento, teria sido melhor para mim não ter nascido. Se não fosse a pregação de Cristo por Paulo, eu, por exemplo, seria o mais miserável de todos os homens. "Sermões muito maiores que os meus serão pregados", disse Ele, "porque vou para o Pai. Ainda tenho muito que lhes dizer, mas vocês não podem suportá-lo agora. Porém, quando Ele, o Espírito da verdade, vier, Ele o guiará em toda a verdade. Ele me glorificará; porque Ele receberá do que é meu e o revelará a vocês". Portanto, para que serve o Sermão da Montanha? Você pergunta para mim, mas a sua demanda será Paulo que irá responder. "Foi acrescentado por causa das transgressões, até que viesse a semente para quem a promessa foi feita. A lei é então contra as promessas de Deus? Deus me livre; pois, se tivesse havido uma lei dada que pudesse ter dado vida, em verdade a justiça deveria ter sido pela lei. Mas a Escritura colocou tudo sob o pecado para que a promessa pela fé em Jesus Cristo fosse dada a todos os que creem". Em outras palavras, o Sermão da Montanha apresenta, como nunca antes nem depois, uma esplêndida exibição da justiça majestosa e nobre, bem como da espiritualidade primorosamente interior da santa lei de Deus. E este sermão ordena a todos os homens, e mais especialmente a todos os de mente espiritual, que continuem olhando para si mesmos continuamente neste espelho que o próprio Cristo mostra aqui diante deles. Que ergam as próprias mãos e se rendam, e nunca se esqueçam que tipo de homem ainda são. E, então, Sua morte redentora sendo cumprida e Paulo sendo levantado para pregar o Evangelho verdadeiro, completo e final, e após termos ouvido e crido que Jesus Cristo é para nós sabedoria, justiça, santificação e redenção de

Deus, podemos voltar ao Sermão da Montanha para ver em todas as suas bem-aventuranças e em todos os seus mandamentos que tipo de pessoas devemos ser com santidade e piedade.









XXVII. O anjo da Igreja de Éfeso

Você não deve pensar em um anjo com seis asas. Este não é um Miguel, nem Gabriel. Não posso lhe dar o nome desse homem, mas você pode seguramente assumir que ele era simplesmente um dos mais velhos detentores de cargos de Éfeso. Não, ele não era um anjo. Ele era apenas um ancião, escolhido e fiel, que começou como diácono e adquiriu para si um bom diploma, como qualquer um de vocês. Só que, em razão de sua idade avançada, seu caráter imaculado e seus serviços notáveis, ele agora estava à frente do que chamaríamos moderador de Éfeso. Por aclamação universal, ele era agora o "presidente da empresa e o moderador de suas ações", como diz o doutor John Rainoldes. Esse anjo, por assim chamá-lo, tinha ficado cansado na velhice e começava a sentir que não poderia estar muito distante o dia em que deixaria seu cargo para sempre. Ao mesmo tempo, parecia que no dia anterior ouvira o príncipe dos apóstolos dizer-lhe aquelas palavras que nunca seriam esquecidas: *"Olha para ti mesmo e para todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo lhe constituiu superintendente para apascentar o rebanho de Deus, que Ele comprou com Seu próprio sangue"* (At 20.8). E, com muitos erros e muitas deficiências, este presbítero regente e ensinador de Éfeso não se esquecera de seus votos de ordenação. Resumindo, esse suposto anjo da Igreja de Éfeso não era um anjo mais real do que eu. Um verdadeiro anjo é um anjo. E não podemos falar sobre a natureza de um anjo real, ou sobre seu ofício, de modo a descrever tal anjo corretamente. Mas entendemos muito bem a natureza e o cargo desse ancião de Éfeso. Vemos seu ofício todos os dias entre nós. Pois, seu ofício era apenas alimentar o rebanho de Deus, como Paulo disse. E novamente, como Tiago disse, seu ofício era apenas visitar as viúvas e órfãos de da cidade em suas aflições e manter-se limpo das manchas do mundo dela. E aquele sendo eleito por Deus para um cargo como aquele em Éfeso, ou em Edimburgo, ou em qualquer outro lugar, não tem necessidade de invejar o anjo mais brilhante de todos os sete céus. Pois, o próprio anjo com brilho mais distante no sétimo céu deseja olhar para o púlpito e para o pastorado do ministro mais humilde e desconhecido da Igreja de Cristo. E isso porque ele sabe muito bem que não há nada para fazer em todo o céu por um momento que possa ser comparado à rotina diária nessa terra de um

ministro, presbítero, diácono, colecionador ou de uma professora da Escola Bíblica.

Ora, não há nada tão doce, nem entre os anjos, nem entre os homens, a ponto de ser tão apreciado e louvado. E quando é apreciado e louvado, é como um vinho que alegra o coração de Deus e do homem. E o coração do velho ministro de Éfeso ficou tão feliz quando começou a ler esta epístola que quase morreu de alegria. E então, como sempre é em Seu caminho que tudo vê e que tudo recompensa, o Seu Senhor mencionou os exemplos e particularidades em Sua apreciação e louvor a Seu servo: "Eu conheço as tuas obras. Eu te escolhi. Eu te dei todos os teus talentos. Eu te elegi para teu cargo em Éfeso. Eu te ordenei para esse ofício e minha mão direita te sustentou nele. Você nunca saiu da minha mente, nem dos meus olhos, nem das minhas mãos por um momento. Tenho visto todo o teu trabalho enquanto o fazes por mim. Tudo está escrito diante de mim em meu livro. Todas as tuas lágrimas também estão no meu odre."

Temos uma frase antiquada que apresenta exatamente o que nosso Senhor diz ao anjo de Éfeso: "Eu conheço toda a tua dor também", diz ele. É uma expressão excelente para o propósito de nosso Mestre. Nada pode descrever os ministros tão bem. Pois, o que significa essa dor? Significa tudo o que foi deixado para trás, os sofrimentos dolorosos; toda aquela tribulação pela qual todo verdadeiro ministro passa. Significa cortar agora a mão direita e arrancar agora o olho direito; pegar uma cruz ministerial todos os dias; beber todos os dias do cálice da pecaminosidade do pecado. Significa, para mim, o velho Thomas Shepard mais do que qualquer outro ministro que conheço. "Trabalho", como diz nossa língua, é uma palavra muito seca, rígida e sem emoções para se referir ao que nosso Senhor demanda de seus servos. Pode ter certeza de que um ministro não se contentará em dizer que apenas "trabalha". Ele selecionará e distinguirá Suas palavras naquele dia. E, para todos os que entre nós pregaram, oraram e se examinaram, como parece que este anjo fez uma vez e como Thomas Shepard sempre fez, o Mestre sinalizará, apreciará e louvará seus sofrimentos em termos expressivos, e eles apreciarão e se apropriarão de Sua Palavra e O louvarão novamente.

Personagens da Bíblia - Novo Testamento.indd 654 13/11/2021 13:16:49

Sua paciência é outro dos elogios que seu Mestre dá a este ministro que já foi feliz. Não creio que o anjo de Éfeso se considerasse um homem especialmente feliz quando, impensadamente a si mesmo, estava depositando no céu todo esse elogio sobre si e sobre sua paciência. Mas ainda mais, com um servo tão sofredor, seu Mestre se considerou obrigado a obter um conhecimento especial de tudo o que acontecia na Igreja de Éfeso. E até hoje e entre todas as nossas circunstâncias, a paciência continua a ocupar um lugar de destaque no coração e em todo o ministério de cada sucessor do verdadeiro apostolado. Não, paciência não era apenas uma graça apostólica, era muito mais uma graça messiânica. A paciência foi uma das Graças mais notáveis e uma das mais brilhantes características do nosso Senhor enquanto Ele foi, de longe, o mais duramente provado de todos os Seus ministros. E Ele tem todos os homens e todas as coisas em Suas mãos até hoje, para poder ordenar todos os homens e todas as coisas de modo que todos os Seus ministros sejam colocados nessa escola todos os seus dias, como Ele foi colocado todos os Seus dias por Seu Pai. Todo ofício e vida de cada ministro é divinamente ordenado para ele de modo a ganhar dele a coroa da paciência, se cada ministro ouvir e crer: "Conheço toda a tua paciência", disse nosso Senhor ao anjo de Éfeso.

Não sei quem ou o que foram os nicolaítas de Éfeso e ninguém que consultei é mais sábio do que eu, a não ser Pascal que diz que seu nome é ambíguo. Quando aquele grande gênio e grande santo se depara com os nicolaítas nessas epístolas, ele tem uma forma original de interpretação própria. Ele sempre interpreta esse nome, e assim nos diz, a partir de suas próprias paixões. E não apenas os nicolaítas de Éfeso; mas os egípcios e os babilônios, e o nome de qualquer "inimigo" que ocorra no Antigo Testamento e nos Salmos continuamente, de forma que este homem tão grande e tão original interpreta e traduz todos eles a partir de seus próprios pensamentos, sentimentos, palavras e ações pecaminosas. Temo que esta seja uma interpretação mística e equívoca demais para a maioria de nós. Chamar os nicolaítas de Éfeso de nossos próprios corações perversos é muito *Port-Royal* e puritano para literalistas como nós. Apenas, como se pode ver, o ministro de Éfeso seria levado aos lugares mais profundos e às experiências mais espirituais, tanto de misticismo quanto de puritanismo, antes de seu tempo, tantas ve-

zes quanto ele se propusesse, como certamente deve ter feito doravante a si mesmo todos os dias de sua vida quando odiou os feitos dos nicolaítas, sejam eles quem forem, e, ao mesmo tempo, amou os próprios nicolaítas. A um ministro vizinho desse Sínodo, nosso Senhor enviou uma mensagem especial sobre a espada afiada de dois gumes. Seria necessária toda a agudeza daquela espada e todos os seus gumes para separar os feitos dos nicolaítas dos próprios nicolaítas no coração de seu ministro. Dividi-los, isto é, odiar suas más ações com um ódio perfeito e, ao mesmo tempo, amar os que praticavam essas ações com um amor perfeito. O nome Nicolaíta é equívoco, diz Pascal.

Litotes é um artifício retórico por meio do qual é dito muito menos do que se pretende entender. Um verdadeiro litotes tem essa intenção e resultado que, embora, em palavras, diminua o que é realmente dito, na realidade, aumenta muito o efeito do que é dito. O que poderia ser uma acusação mais condenatória contra qualquer ministro de Cristo do que dizer-lhe em palavras claras que ele havia deixado seu primeiro amor para seu Mestre e para a obra de seu Mestre? E, no entanto, apenas pela maneira peculiar como essa acusação é formulada aqui, um golpe muito mais forte é desferido no coração deste ministro do que se a acusação tivesse sido feita por meio de termos mais explícitos e severos. Dizer "não obstante, tenho algo contra ti" para dizer "algo", como se fosse um assunto muito pequeno que quase não valesse a pena mencionar e então, de repente, dizer o que é deu um choque de horror no coração daquele ministro, de tal monta que ele não se recuperou logo. Você teria pensado que tal ministro era irrepreensível se você tivesse ouvido seu louvor tão generoso no início, de forma que pareceria certa a prosperidade espiritual e o louvor dele até o fim. Por trás de toda aquela imensa atividade e popularidade, estava escondido um coração tão pleno que pudesse conter a mais profunda e sólida paz com Deus; uma paz, tenha certeza, desprovida de alguma controvérsia da parte de Cristo num raio de mil quilômetros do coração. Mas o coração ministerial é enganoso acima do coração de todos os outros homens e essas revelações chocantes sobre esse tão elogiado ministro foram registradas e preservadas a fim de que todos os ministros possam se ver nelas como em um espelho. Agora, não há um momento de dúvida sobre a terrível decadência e dificuldade

que já começara a se instalar. Seu Mestre não diz com muitas palavras quando e onde as coisas começaram a dar errado entre os dois, mas esse silêncio dele é apenas mais um de seus artifícios retóricos. Ele não conta isso dos telhados de Éfeso, ainda. Mas o ministro de Éfeso sabia muito bem quando e onde seu primeiro amor começou a falhar e ele começou a se desviar. Ele sabia muito bem, antes da mensagem de seu Mestre, que toda essa decadência e colapso começaram no tempo e no lugar da oração secreta. Pois, não apenas este ministro de Éfeso, mas todos os ministros em todos os lugares continuam a amar seu Mestre, a obra de seu Mestre e os inimigos de seu Mestre exatamente na medida de sua leitura secreta da Sagrada Escritura e de sua oração secreta. Sim, sem que me digam com tantas palavras tenho a certeza disso como se eu próprio tivesse sido aquele ministro metropolitano. Vocês mesmos sabem muito bem que a sua negligência habitual e prolongada da oração secreta desencadeou que seu ministério se tornasse tão minado que agora estava muito perto de uma grande catástrofe. "Com todos os meus louvores anteriores a ti, dou-te este aviso", disse aquela Voz que é como o som de muitas águas, "que a menos que tu voltes à tua primeira vida de comunhão íntima Comigo, irei a ti rapidamente e irei remover o teu castiçal do seu lugar. Eu te dei essa congregação quando poderia tê-la dado a outro. E eu te apoiei nisso e te livrei de mil angústias tuas. Mas você se cansou de mim. Deu tuas vigílias noturnas para outras coisas além da meditação e oração de um verdadeiro ministro por si mesmo e por seu povo. E não vou mais sofrer nas tuas mãos. Lembra-te de onde caíste, arrepende-te e faça as primeiras obras".

E agora, com tudo isso para encerrar, tome essa como a oração secreta do anjo de Éfeso na primeira noite depois que esta mensagem severa foi entregue a ele: "Ó Vós que tens as estrelas na Sua destra, e andas no meio dos sete castiçais de ouro. Vós falastes em Sua misericórdia para mim. E Vós me destes ouvidos para ouvir Suas palavras misericordiosas para comigo. Senhor, eu me arrependo. Em Vossa chamada, eu me arrependo. Eu me arrependo de muitas coisas em meu ministério em Éfeso. Por tudo, especialmente por minha negligência com a oração secreta. Esse tem sido o meu pecado frequente, o verme na raiz de todos os meus erros e infortúnios em meu ministério. Essa tem sido minha culpa. Oh! poupe-me de

acordo com a tua palavra. Ó! deixa-me um pouco mais para que eu ainda possa lhe servir. Que lucro há no meu sangue? Devem os mortos manter comunhão convosco? O túmulo de um ministro náufrago renderia honra a Vós? Restaura a minha alma. Restaura mais uma vez a alegria da Vossa salvação, então ensinarei aos transgressores Vossos caminhos e os pecadores se converterão a Vós. Os sacrifícios de Deus são um espírito quebrantado; um coração quebrantado e contrito, ó Deus, não desprezarás. Faça o bem em Vossa boa vontade a Sião; edifica os muros de Jerusalém."









XXVIII. O anjo da Igreja em Esmirna

Se Policarpo era, de fato, o anjo da Igreja de Esmirna, então sabemos algumas coisas muito interessantes sobre esse anjo além do que lemos nesta epístola dirigida a ele. Todos os leitores de John Bunyan já ouviram falar de Policarpo. "Então" disse Gaio, "essa é a esposa de Cristão e esses são seus filhos? Conheci o pai de seu marido, sim, também, e o pai de seu pai. Muitos têm sido bons em relação a isso. Estêvão foi o primeiro deles a resistir a todas as provações por causa da verdade. Tiago foi outro da mesma geração. Para não falar de Pedro e Paulo, houve Inácio, que foi lançado aos leões. Romanus, também, cuja carne foi cortada em pedaços de seus ossos. E Policarpo, que representou a Cristo no fogo". Você saberá toda a história de Policarpo em poucas palavras, naquela única frase de John Bunyan sobre ele. E, se você apenas adicionar aquela única frase a esta epístola, você terá um retrato completo e perfeito do anjo da Igreja de Esmirna.

Policarpo nasceu bem no primeiro século. E deve ter sido motivo de constante pesar para ele que não tivesse nascido um pouco antes para ver o seu Senhor com seus próprios olhos e para tê-lo ouvido com seus próprios ouvidos. Mas, do jeito que aconteceu, Policarpo estava feliz o suficiente por ter nascido, e nascido de novo, bem a tempo de aproveitar a segunda melhor coisa, que é ver e ouvir o seu Salvador por si mesmo. Ele era um discípulo do Apóstolo João e deve ter ouvido frequentemente o Quarto Evangelho dos seus lábios muito antes de ainda ter saído de sua pena. E isso foi certamente uma grande compensação para Policarpo por não ter visto e ouvido a própria Palavra Divina. E, então, somos muito gratos por possuir uma carta circular que os anciãos da Igreja de Esmirna enviaram às Sete Igrejas contando aos irmãos de todos os lugares o quão bem seu antigo ministro havia interpretado o homem no fogo. Após narrar alguns incidentes notáveis relacionados com a prisão de Policarpo, a epístola circular prossegue:

"Quando foi levado ao tribunal, o procônsul perguntou se ele era Policarpo. Tenha pena de sua idade avançada, disse o humanitário oficial romano. Jure apenas uma vez pela sorte de César. Repreenda esse seu Cristo com apenas uma palavra e eu o libertarei. 'Oitenta e seis anos', respondeu Policarpo, 'Eu sirvo a Jesus Cristo e Ele nunca me injustiçou ou me enganou, como então posso re-

preendê-Lo!' E então, enquanto alguns dos algozes estavam amarrando o santo idoso e outros acendendo o fogo, alguns que estavam por perto tiraram de seus lábios esta oração: 'Ó! Pai de Vosso Filho Amado Jesus Cristo. Eu Vos bendigo porque me considerasse digno desse dia e dessa hora. Agradeço a Vós por ter permissão para colocar meus lábios no cálice de Cristo. E eu Vos agradeço pela esperança certa da ressurreição e pela vida incorruptível do céu. Eu Vos louvo, ó Pai, por todos os benefícios de Vossa alma. E eu Vos glorifico por nosso eterno Sumo Sacerdote, Jesus Cristo, por quem, e no Espírito Santo, seja glória a Vós, agora e sempre. Amém'. Onze irmãos da Igreja de Filadélfia sofreram com Policarpo, mas ele é famoso acima de todos; os próprios pagãos veneram seu nome. Ele não foi apenas um professor eminente e um mártir ilustre, mas tudo o que fez o fez com um espírito verdadeiramente apostólico e evangélico. Ele sofreu o martírio no grande sábado, na oitava hora do dia. Eu, Pionius, transcrevi e postei esta carta para todas as igrejas ao redor. Portanto, que nosso Senhor possa reunir minha alma entre Seus eleitos, Amém."

Policarpo era apostólico, evangélico, muito ilustre e mártir, como provou no final. Porém, quando começou seu ministério em Esmirna, era um homem com medos e vacilos semelhantes aos nossos. Vocês podem ter certeza, Policarpo esteve por muito tempo em grande escravidão pelo medo da morte como qualquer um de vocês. E cada sílaba desta epístola é a prova disso. Seu Mestre ditou cada sílaba desta epístola com o mais direto e acentuado conhecimento a respeito de Policarpo e seu ministério em Esmirna. Cada iota desta epístola nos mostra que ela foi dirigida a um ministro que, naquela época, tinha um coração tímido e cuja tentação contínua era recuar e fugir. O próprio nome que o seu Mestre escolheu aqui para si mesmo ao escrever falou direto ao coração trêmulo de Policarpo. "Estas coisas disse Aquele que estava morto e está vivo." Policarpo estava em constante perigo e medo da morte. Mas depois desta epístola e, especialmente, depois do nome adotado pelo Seu Mestre, tornou-se outro homem e ministro. Esta foi a canção de Policarpo todos os dias até o dia em que ele a interpretou no fogo:

Morte! já foste uma coisa rude e hedionda!
Mas desde a morte do meu Mestre
Que colocou um pouco do seu sangue em seu rosto,
tu tens a certeza de que ela é algo desejável
e cheia de graça!

Encontramos o dispositivo litotes na primeira dessas Sete Epístolas e encontramos aqui um parêntese na segunda das Sete. Quando o Espírito fala às Sete Igrejas, Ele não despreza o uso da arte do orador. Ele reconhece, santifica e repete o seu emprego e nos dá muitas lições sobre o emprego dos parênteses, visto que "o parêntese é o deleite de todas as mentes plenas e raciocínios rápidos". Embora essas palavras exatas nunca tenham sido aplicadas, podemos certamente prosseguir destacando tais técnicas tão expressivas ao talentoso amanuense. Esse parêntese inteligente e perspicaz entra aqui desta forma. A pobreza de Policarpo foi uma de suas muitas provações e tentações como ministro de Esmirna. E, assim como a imagem sempre presente da morte e ressurreição de seu Divino Mestre o levou a superar todo o medo de sua própria morte, da mesma forma sua pobreza é aqui silenciada para sempre por este parêntese: "(mas tu és rico)". E não temos apenas um parêntese aqui, mas também um paradoxo. Ambos esses artifícios retóricos são exigidos aqui de modo a dar expressão à plenitude da mente e à rapidez do espírito, tanto do verdadeiro autor desta epístola quanto do amanuense altamente privilegiado dela. Policarpo era, de fato, pobre e, ao mesmo tempo, rico, como muitos de seus melhores sucessores no ministério ainda são. Eles são quase tão pobres quanto ele no que diz respeito ao ouro e à prata, mas são ainda mais ricos em muitas coisas que o ouro e a prata não podem comprar. Por um lado, eles são muito mais ricos do que Policarpo poderia ser nas riquezas da mente. São extraordinariamente ricos na medida em que possuem os talentos, os treinamentos e os gostos de eruditos cristãos cultivados e refinados. O dinheiro é muito cobiçado porque dá a seu possuidor a entrada na melhor sociedade da época. Um ministro bem-educado e culto tem entrada no que há de melhor na sociedade de sua própria época, mas não se dignará a entrar em qualquer sociedade, ele se mantém acompanhado das

pessoas excelentes. Novamente, as riquezas devem ser desejadas por aquilo que permitem que seu possuidor seja, faça e desfrute. Elas capacitam seu possuidor ao verdadeiro gozo, uso da vida e poder na vida, e à oportunidade e capacidade de atingir o verdadeiro fim da vida. Inquestionavelmente, as riquezas nas mãos do dono certo auxiliam imensamente na realização de todas essas grandes ambições. Mas claro que não há nenhuma classe de homens entre nós que seja tão rica em todos esses aspectos quanto nossos ministros bem-educados, lidos, trabalhadores e absolutamente devotados. Sem dúvida, o parêntese tinha em seus olhos as riquezas de Policarpo exclusivamente para com Deus. Mas se ele tivesse escrito para nossos dias, teria certamente estendido os braços para abraçar os poucos, mas adequados, livros de um pobre ministro e suas seletas amizades, bem como as muitas outras coisas que ajudam a aliviar e, até mesmo, tornar rica sua vida remota e árdua. O dinheiro também traz tropas de amigos, enquanto durar. Mas quando Policarpo estava sendo apresentado na Corte, Pionius nos conta que os jovens não o deixaram sequer tocar na própria trava do sapato. Você pode colocar e tirar os sapatos com o dinheiro, mas não pode amarrá-los com cordas de coração como os sapatos de Policarpo foram amarrados naquele dia.

Linguagem maliciosa e abusiva foi outra tribulação do Ministro. Não tenho conhecimento suficiente da História da Igreja Antiga para informá-los sobre os meios de comunicação que tinham naquela época subapostatólica. As Cartas são recursos de nossa civilização. E também não sei, mas suponho, o que Policarpo fez quando foi novamente maltratado pelas línguas e penas de sua época. Mas, se você ouvir, vou lhe contar o que Santa Teresa fez. Ela fez o que devo convidá-lo a fazer, aquilo que, sabendo, concordo inteiramente com sua aclamação e canonização:

"Depois do meu voto de perfeição, não falei mal de nenhuma criatura, por menor que fosse. Evitei escrupulosamente todas as abordagens de depreciação. Eu tinha esta regra sempre presente comigo, que eu não devia desejar, concordar ou dizer tais coisas de qualquer pessoa que seja que eu não quisesse que dissessem mim. Ainda assim, o diabo às vezes me enche de um temperamento tão severo e cruel, tal espírito de raiva e hostilidade contra algumas pessoas que eu poderia comê-las e aniquilá-las. Ao mesmo tempo,

quanto às coisas que dizem contra mim, que são muitas e muito prejudiciais, sinto-me melhor. É uma marca da mais profunda e verdadeira humildade ver-nos condenados sem causa e calar-nos diante das acusações. Na verdade, nunca ouvi falar de ninguém falando mal de mim, mas imediatamente vi o quão longe da verdade está o que dizem. Pois, se eu estava errada ou exagerei em alguns detalhes, eu tinha ofendido a Deus muito mais em outras questões que meu detrator nada sabia. Ó! meu Senhor, quando me lembro de quantas maneiras Vós sofrestes depreciação e deturpação, não sei onde estão meus sentidos quando estou com tanta pressa em me defender e me desculpar. O que é isso, ó Senhor? O que imaginamos conseguir agradando vermes como nós ou sendo elogiados por eles! Podemos ser culpados por todos os homens se apenas estivermos finalmente inocentes diante de Vós."

A calúnia da sinagoga de Satanás em Esmirna não foi recebida, tenho certeza, com uma mente mais aceitável do que essa.

A última coisa que Aquele que estava morto e vivo disse a Policarpo foi esta sua misteriosa declaração: "Não serás ferido da segunda morte". Será que Policarpo entendeu totalmente essa garantia, eu me pergunto? Você a entende completamente? De qualquer forma, você entende o que é a primeira morte. Em nossa primeira morte, nossas almas deixarão nossos corpos e, então, a corrupção se estabelecerá de tal forma sobre nossos corpos que aqueles que mais nos amaram serão os primeiros a nos enterrar fora de suas vistas. Agora, seja o que for e qualquer coisa além da segunda morte, ela começa com Deus deixando nossas almas. Deus é a alma de nossas almas. Ele é a vida, a força, o suporte, a luz, a paz, a fonte de todos os tipos de vida na alma e no corpo. E quando Ele deixa nossas almas, esse é o início da segunda morte. Só que Deus, falando propriamente, não deixa a alma. É expulso da alma. Apesar de tudo o que Deus pode fazer, apesar de tudo o que o amor, a Graça e a verdade podem fazer, a alma perdida baniu Deus para sempre de si mesma. Insultou e desprezou a Deus em todos os sentidos. Ela O tem pisoteado de todas as maneiras. Ela fechou a porta em Sua face dez mil vezes e acolheu e se divertiu com Seus piores inimigos. Teria Policarpo temido a morte mais do que Aquele que agora estava vivo? Ele temeu os incêndios na praça do mercado de Esmirna mais do que os incêndios que não se apagam? Teria ele abandonado seu

posto em Esmirna por causa de suas dificuldades? Sua alma amargurou contra Deus e os homens por causa de sua pobreza? Quando ele foi insultado, ele ofendeu de volta? Se ele tivesse ele repreendido a Cristo quando foi subornado a fazê-lo, ele teria claramente morrido a segunda morte com tudo o que isso envolve. Mas do jeito que aconteceu, ele não morreu nem na primeira, nem na segunda. Policarpo foi transformado ao invés de morto; teve um Mestre que morreu ambas as mortes por ele. Não foi à toa que Ele disse a Policarpo que já esteve morto, mas agora está vivo. Ele morreu ambas as mortes de Policarpo. Foi quando Ele foi ferido pela segunda morte que, sob a dor da ferida, Ele clamou primeiro no jardim e depois na Cruz. Não vimos que na segunda morte a alma é abandonada por Deus? Ele não foi abandonado até o Gólgota, pois naquele tempo era como a própria Gehenna para Ele? Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: o que vencer não receberá o dano da segunda morte. Vou resgatá-los do poder da sepultura. Eu os redimirei do medo da morte. Ó! morte, eu serei tua derrota. Ó! túmulo, eu serei tua destruição.









XXIX. O anjo da Igreja em Pérgamo

Em seu comentário, lindamente escrito, mas um tanto superficial, o arcebispo Trench diz que há uma forte atração nessas sete epístolas para aqueles estudiosos que se ocupam com a exegese pura. E essa forte atração surge, assim diz o arcebispo, do fato de que há muitos problemas de interpretação não resolvidos nessas sete epístolas. Bem, eu não sou um exegeta puro e aqueles problemas não resolvidos de pura exegese têm pouca ou nenhuma atração para mim. Minha atração irresistível por essas sete epístolas reside no fato de que são espelhos, como diria Tiago, o irmão do Senhor, diante dos quais todos os ministros das igrejas em todos os lugares até o fim dos tempos podem se ver e se julgar como seu Mestre os vê e os julga. Outra coisa que atrai muito nossos comentaristas é o campo intensamente interessante e extraordinariamente produtivo de antiguidades pagãs que Pérgamo provou ser. Pérgamo foi a cidade mais ilustre de toda a Ásia, uma cidade perfeita de templos. Zeus, Atenas, Apolo, Dioniso, Afrodite, Esculápio estavam todos entre os deuses de Pérgamo e tinham santuários magníficos erguidos e administrados em sua honra. Onde também nasceu Galeno, o famoso médico. Pérgamo também possuía uma biblioteca que rivalizava em tamanho e valor com a biblioteca mundialmente famosa de Alexandria. Duzentos mil volumes foram inscritos no catálogo da biblioteca pública da cidade. Nossa conhecida palavra "pergaminho" é derivada de Pérgamo, e assim por diante. Se o ministro de Pérgamo achou todo aquele ambiente pagão tão cheio de deleite e edificação para si mesmo e para seu povo prosélito em seus dias, como é para nós em nossos dias, é outra questão. Mas do profundo interesse e do grande deleite que todas essas coisas têm para nós não pode haver dúvida. Na maioria dos casos, nossos expositores gastam seu tempo e o nosso contando e ouvindo sobre as antiguidades de Pérgamo. Mas, com todas aquelas atrações intelectuais e artísticas preenchendo cada parte da paróquia, o Mestre do ministro de Pérgamo mandou lhe enviar esta epístola, para avisar que durante todo o resto de seus dias em Pérgamo ele não teria tempo para pensar em nada a não ser isto: o trono de Satanás está em Pérgamo.

A descoberta deste fato terrível para o ministro de Pérgamo foi o único objetivo dessa surpreendente Epístola, assim como o recebimento dela foi a época suprema e a crise decisiva de toda a

vida ministerial desse ministro. E não é de se admirar. Para ser dito com autoridade absoluta, enquanto Satanás tinha as suas colônias, dependências e postos avançados em Éfeso, Esmirna e Tiatira, sua própria cidadela e fortaleza estava em Pérgamo. Essa deve ter sido uma revelação terrível para o pastor responsável da cidade. Pérgamo é a própria capital de Satanás, diz esta epístola ao oprimido ministro. É a própria metrópole de seu império infernal, todo o seu poder para o mal, tanto contra Deus como contra o homem, está concentrado e entrincheirado em Pérgamo. "Londres é um lugar perigoso e envolvente", escreve John Newton em *Cardiphonia*. "Eu me considero feliz que minha sorte se distancie dela. Londres me parece um mar onde muitos são sacudidos por tempestades e naufragam. Disputas políticas, ventos de doutrina, escândalos de falsos professores, partidos a favor e contra ministros específicos, diversões da moda e assim por diante. Muitas vezes penso na diferença entre a Graça de Londres e a Graça do campo. Pela Graça de Londres, quando genuína, eu entendo Graça em um grau muito avançado. Os poucos favorecidos que são mantidos vivos para Deus, de coração simples e de mentalidade espiritual em meio a tais profundas armadilhas e tentações, parecem-me os cristãos de primeira classe do país. Não que estejamos sem nossas provações aqui. A maldade de nossos próprios corações e as artimanhas de Satanás nos impedem de trabalhar. Minha própria alma é mantida viva, por assim dizer, por milagre. O inimigo me golpeia com força para que eu caia. Em Londres, estou em uma multidão de tentações, mas no campo há uma multidão de tentações em mim. Com que propósito me gabo de me aposentar, já que estou possuído pelas legiões de Satanás em todos os lugares? Minha mente, mesmo em Olney, é um show de marionetes perfeito, uma Feira de Vaidades, o próprio Newgate absoluto".

John Newton é um dos três melhores comentaristas que encontrei desta epístola. John Newton, James Durham e Miss Rossetti. E o que tanto interessa a esses três comentaristas em Pérgamo é isto: que eles veem nesta epístola ao ministro de Pérgamo que Satanás realmente teve seu assento no próprio coração da cidadela, assim como aquele mesmo assento está em seu próprio coração. Nenhum outro assunto em Pérgamo desperta qualquer interesse em James Durham, em qualquer medida, além do coração daquele antigo ministro em

Pérgamo. Pois Satanás, se ele é alguma coisa, é um espírito. E se ele tem um assento em qualquer lugar deste mundo, é nos espíritos dos homens. Satanás não habita em templos feitos por mãos, seja em Pérgamo, Olney ou Edimburgo, mas apenas nos espíritos dos homens; e, acima de tudo, nos espíritos dos ministros, como esta Epístola nos ensina e como todos os melhores comentaristas nos dizem que ela ensina. E a razão dessa tão perigosa preeminência de ministros é clara. Os ministros, se os são de verdade, mantêm uma espécie de posição vicária e representativa tanto diante do céu quanto do inferno. Os espadachins e os arqueiros do céu e do inferno atacam, ferem gravemente e entristecem todos esses ministros especialmente. Satanás é como o rei da Síria na batalha de Ramote-Gileade. Pois, antes dessa batalha, o rei da Síria comandou seus trinta e dois capitães que governavam suas carruagens, dizendo: "Não lute nem com pequenos nem grandes, exceto apenas com o rei de Israel". E Satanás está certo. Deixe um ministro ter sucesso em sua própria batalha contra Satanás, deixe um ministro apenas "vencer", como a palavra de nosso Senhor diz em cada uma dessas epístolas ministeriais, e toda a sua congregação logo começará a compartilhar os despojos da vitória de seu ministro.

Assim, Satanás treme quando vê
um ministro de joelhos.

Ó pobres e dignos ministros! Com Satanás concentrando todos os seus dardos inflamados sobre vocês, com os pilares de seu trono profundamente encravados em seus corações, com seus capitães lutando dia e noite pelos restos do poder de seu mestre dentro de você, e, em todo o tempo, alguém muito maior do que Satanás atravessando você com aquela espada, até que não haja nenhum ponto sadio em você: ministro, o mais desamparado e aflito de todos os homens! De todos os homens, o mais machucado em sua mente e mais partido em seu coração! Tenham piedade de seus ministros, meus irmãos, e suportem ainda que vocês não consigam compreender e simpatizar com eles. E nunca por um dia se esqueça de orar por eles em segredo, em seu nome e pelo nome de seu campo de batalha interior. Faça isso, pois seus ministros

têm uma vida muito mais difícil do que você imagina, com o céu e o inferno colocados sobre eles continuamente até a última gota de seu sangue. Que minha língua se apegue ao céu da boca antes que eu diga uma única palavra para afastar qualquer jovem do ministério que é chamado por Deus para essa obra terrível. Ao mesmo tempo, que todos os candidatos a ministros calculem bem o custo para que, depois de terem lançado os alicerces e não sendo capazes de terminar, os homens e demônios apontem para eles e digam: este ministro começou a construir para si e para sua congregação para a eternidade, mas venha e veja a ruína que ele deixou! Calcule bem, repito, se você será ou não capaz de terminar.

Uma única palavra sobre "Antipas, meu fiel mártir" em Pérgamo. "É difícil", reclama o comentarista mencionado na abertura, "entender o silêncio de toda a história eclesiástica a respeito de um mártir tão famoso como Antipas". Mas os mártires fiéis não são certamente uma raridade, seja na história eclesiástica antiga ou moderna, e precisamos lamentar muito por não sermos informados de mais um em tal multidão. De qualquer forma, temos uma lista bastante longa de nomes bem conhecidos em nosso martirológio evangélico e a nuvem de tais testemunhas não está de forma alguma encerrada na Escócia. Se esse Antipas foi um ministro martirizado ou não, não sei dizer. Só sei que existem muitos ministros martirizados em nossa própria terra e Igreja cujos nomes são tão pouco conhecidos como o nome de Antipas. O silêncio, a ignorância e a indiferença da terra não se estendem ao céu. O silêncio, a ignorância e a indiferença da terra dos ministros e de seus perseguidores terá o dia de seu reconhecimento e recompensa. "Então o justo se apresentará diante dos que o afligem e prestará contas de seus labores. Quando o virem ficarão perturbados com um medo terrível e se maravilharão com a estranheza de sua salvação, muito além de tudo o que haviam esperado. E eles, arrependendo-se e gemendo de angústia de espírito, dirão consigo mesmos: este era aquele de quem às vezes zombávamos e fazíamos um provérbio de reprovação. Nós, tolos, consideramos a loucura de sua vida e seu fim sem honra. Mas agora ele é contado entre os filhos de Deus e sua sorte está entre os santos!" Pois então se cumprirá o que está escrito: *"Ao que vencer, darei que comer do maná escondido. E eu lhe darei uma*

pedra branca e na pedra um novo nome escrito que ninguém conhece, exceto aquele que o recebe" (Ap 2.17).

Esse novo nome que ninguém conhece, exceto aquele que o recebe, é claro. Esse não é um problema de interpretação não resolvido. Pois, um nome nas Escrituras é apenas outra palavra para natureza, o que há de mais íntimo no coração e na alma de qualquer pessoa ou coisa.

Eu os nomeei conforme eles passavam,
e entendi sua natureza;
com tal conhecimento
Deus dotou minha apreensão repentina,
diz Adão ao anjo.

E um novo nome é sempre dado nas Escrituras quando uma nova natureza é transmitida a qualquer pessoa ou coisa. E assim chegará o dia para o qual todas as Escrituras apontam e prometem, que todo o coração santo anseia, suspira e espera. Naquele dia, Aquele que tem a espada afiada de dois gumes fará com que todos os Seus redimidos sejam participantes de Sua própria natureza cujo nome é Amor. E assim, como nenhum homem conhece a miséria daquele coração em que Satanás tem seu trono, exceto o miserável dono daquele coração, somente o próprio Deus saberá com eles o novo nome que Ele dará aos Seus santos naquele dia. Como todo coração possuído pelo pecado conhece sua própria amargura, assim também todo coração conhecerá sua própria doçura não compartilhada no céu e nenhum santo vizinho ou anjo se intrometerá nas coisas que estão além de sua profundidade. Isso vale para os ministros, especialmente. Quando eles vencerem pelo sangue do Cordeiro, quando sua longa campanha de santificação para eles mesmos e para seu povo for travada e vencida, um novo nome será dado a cada ministro, que só ele saberá e compreenderá e isso, como disse Adão, por uma apreensão repentina. Quando estamos buscando nossa santificação de forma tão especialmente severa,

Nem mesmo o coração mais terno, e próximo ao nosso,
sabe metade das razões pelas quais sorrimos ou suspiramos.

Muito mais será a interioridade não invadida e a singularidade de nossa glorificação. Nenhum homem conhece a dureza e a escuridão de um coração pecaminoso, a não ser o indizivelmente miserável dono dele; e nenhum homem conhece os nomes que ele chama a si mesmo continuamente diante de Deus, mas Deus que vê o ouve em segredo. E, como consequência e recompensa, nenhum homem verá a brancura da pedra ou ouvirá a novidade do nome escrito naquela pedra, exceto aquele que a recebe. Os ministros receberão o dobro e eles se regozijarão em sua porção. Em sua terra eles possuirão o dobro e a alegria será eterna para eles. Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas e aos ministros das igrejas.









XXX. O anjo da Igreja em Tiatira

Leia os três primeiros capítulos de Oseias e essa Epístola ao anjo da Igreja em Tiatira juntos e substitua a *dura lectio*, a leitura difícil, "tua esposa", pela leitura fácil, "aquela mulher" no versículo vinte, e será visto imediatamente que o anjo da Igreja em Tiatira é apenas o profeta Oseias. Quase o mesmo escândalo e presságio que Oseias e sua casa foram em Israel, tem a casa do anjo da Igreja em Tiatira na cristandade. Nossos eruditos têm um cânone próprio reconhecido quando estão engajados em seu trabalho editorial a partir de manuscritos antigos e controversos: quanto mais difícil qualquer leitura for, é mais provável que ela seja a leitura verdadeira. Quanto mais difícil for a leitura oferecida, mais provável é que ela tenha permanecido no texto original. E este princípio tão paradoxal, mas verdadeiramente científico, de nossos grandes estudiosos, foi adotado por alguns de nossos maiores expositores e pregadores e foi aplicado por eles ao tratamento exegético e homilético da história familiar de Oseias no Antigo Testamento, e nesta história familiar tão semelhante no Novo Testamento. E, de fato, como se fosse para nos avisar e nos preparar para algumas revelações impossíveis de serem aceitas em Tiatira, nosso Senhor se apresenta ao ministro de Tiatira e a nós sob um nome que Ele não tomou para si em qualquer outra das cartas aos sete ministros das Sete Igrejas. Somente a maior e mais grandiosa das tragédias clássicas ousou introduzir e suportar a queda e a intervenção de um deus. Agora, Tiatira, nesta crise em sua história, é uma grande tragédia semelhante. Nosso Senhor glorificado se reveste de toda a Sua Divindade quando desce para lidar com este trágico ministro em Tiatira e com sua trágica esposa e filhos. O Filho de Deus, armado com todo o poder e vestido com toda a Graça da Divindade, que tem os olhos como chama de fogo, pesquisa até o fundo todas as profundezas de Satanás que estão na cidade. Quer dizer, ele pesquisou até o fundo o coração do ministro de Tiatira e os corações de toda a sua casa e seu povo. Seus pés são como latão fino com o qual ele pode andar para cima e para baixo na cidade até que Ele retribua ao ministro de Tiatira, à sua casa e a todos os demais em Tiatira de acordo com suas obras. O conselho de Horácio aos jovens dramaturgos foi: não deixe um deus interferir, a menos que aconteça uma dificuldade digna da descida de um deus para se desvendar; nem deixe uma quarta pessoa se apresentar para falar.

Não foram as escolas dos profetas em Israel que fizeram de Oseias o grande e original profeta evangélico que ele foi. Foi sua vida em casa que fez isso. Foi sua vida de casado que causou isso. Foi sua esposa e seus filhos que fizeram isso. Nunca teríamos ouvido falar tanto quanto o nome de Oseias se não fosse por sua esposa e seus filhos. De qualquer forma, seu nome não teria ficado gravado em nossos corações como está, não fosse por sua terrível mágoa em casa. E assim foi com o ministro de Tiatira. Podemos ter ouvido que havia um certo ministro naquela cidade antiga nos dias do Apocalipse, mas esta epístola tão terrível nunca teria sido escrita para ele ou transmitida a nós, se não fosse por sua catástrofe doméstica — uma catástrofe tão terrível que não pode ser explicada em suas minúcias a nós. O Divino Mestre conheceu todas as boas obras de Seu servo em Tiatira, mas não disse que as últimas obras foram melhores do que suas primeiras obras. O ministro de Éfeso havia abandonado seu primeiro amor a Deus e à obra de Deus porque era muito feliz com o amor de sua esposa e filhos. Mas seu co-presbítero em Tiatira nunca soube o que o amor de Deus realmente era, até que todo o seu amor doméstico se decompôs, morreu e foi sepultado, e tudo se transformou em corrupção e poluição. Tanto o profeta Oseias do Antigo Testamento quanto este ministro apostólico do Novo Testamento perceberam que, quando qualquer homem é chamado por Deus para esta obra de Deus, tudo o que ele é e tudo o que possui, todos os seus talentos, afeições, posses, prazeres e sua própria esposa e filhos, devem ser mantidos por ele sob esta grande aliança com Deus, que todos eles devem ser possuídos, desfrutados e usados por ele, na mais absoluta subordinação ao ministério. Todos os verdadeiros sucessores desses dois homens típicos tiveram, de uma forma ou de outra, que fazer esta mesma grande descoberta e se submeter a esta mesma necessidade soberana.

Casamento ou celibato, uma companheira ou um obstáculo, ter filhos ou não ter filhos, ter filhos bons ou ruins, estar com saúde ou doente, ter prosperidade congregacional ou adversidade congregacional e tudo mais: absolutamente tudo deve estar sob aquela grande lei que rege todos os homens, mas mil vezes mais para todos os ministros. Tal grande lei é aquela que o maior dos ministros enunciou: *"Porque sabemos que todas as coisas contribuem jun-*

tamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o Seu propósito" (Rm 8.28).

Oseias aprendeu em casa, e aquela nova sensibilidade para o pecado, aquela ternura incomparável para com os pecadores e a paixão sagrada que manifestava como pregador, ele aplicou para Israel sábado após sábado. O mesmo fez o antítipo de Amós em Tiatira . O ministro de Tiatira era um bom pregador antes de ter uma família, mas ele se tornou um pregador incomensuravelmente melhor à medida que sua vida familiar avançava e descia tão profundamente. Todos os que tinham ouvidos para ouvir em Tiatira podiam medir muito bem, pela profundidade crescente de sua pregação e orações, as profundezas crescentes de Satanás que seu ministro estava enfrentando durante toda a semana. Nunca tivemos pregadores mais profundos do que Jonathan Edwards e Thomas Boston e nunca, desde o jardim do Éden, houve dois ministros mais felizes em casa do que eles. É ótimo para nós que somos ministros ver que os dois lares mais felizes de toda a Nova Inglaterra e de toda a velha Escócia foram os lares de dois pregadores profundos, santos, de mente celestial e que ganharam almas. Mas eles não careciam desse mesmo treinamento universal e indispensável no pecado e na tristeza. Só que eles receberam treinamento nessas coisas de outras maneiras que não em casas naufragadas. Com toda a felicidade com suas esposas e filhos, o autor de *Religious Affections*, o autor de *The Crook in the Lot* e da *Autobiografia*, não tiveram tristezas para buscar. Algumas das tristezas que os santificaram e os ensinaram a pregar com tanta maestria foram descobertas por alunos próximos de Boston, onde eles foram absolutamente derrotados. É suficiente para nós ter certeza de que tais nobres tristezas estavam lá, embora os segredos mais profundos da mansão de Ettrick estejam com o Senhor. E assim é que as duas famílias invejáveis, como eram as famílias de Edwards e Boston, também indicaram caminhos ministeriais próprios, a ponto de se tornarem ilustrações notáveis do grande princípio do púlpito de Lutero: "Quem são esses pregadores tão incomparáveis, e como eles subiram? Estes são os que subiram ao púlpito do Evangelho depois de grande tribulação, e lavaram suas vestes e as alvejaram no sangue do Cordeiro".

Embora vocês não sejam ministros, devem saber muito bem como a mesma coisa funciona em vocês. Não são ministros e, por-

tanto, não é necessário mergulhar nas profundezas da experiência em que seus ministros estão continuamente mergulhados se quiserem ser realmente úteis. Mas vocês são ouvintes e ter uma boa audição é algo tão raro e tão caro para o ouvinte quanto uma boa pregação é para o pregador. Para ouvir um sermão realmente bom, como deve ser, é necessário ter quase tanta cabeça e coração, sangue e lágrimas, quanto é necessário para pregar um sermão realmente bom.

A prosperidade de uma piada está no ouvido daquele que ouve, nunca na língua daquele que o faz.

Sim, mas a prosperidade de um sermão está tanto na língua do pregador quanto nos ouvidos do ouvinte. E a verdadeira prosperidade de um sermão é adquirida pelo pregador e pelo ouvinte mais ou menos pelo mesmo preço.

Ainda resta mais um daqueles pontos cruciais de interpretação que quase me desviaram completamente desta epístola ao ministro de Tiatira. E é o seguinte: *"Aquele que vencer e guardar minhas obras até o fim, a ele darei poder sobre as nações. E ele as regerá com uma vara de ferro; como vasos de um oleiro, eles serão quebrados, como recebi de meu pai. E eu darei a ele a estrela da manhã"* (Ap 2.26-28). Que promessa estranha de se fazer a um ministro — uma barra de ferro! Sim, essa é apenas mais uma daquelas passagens das escrituras das quais Paulo uma vez disse que a letra mata, mas o espírito vivifica. Pois a carta aqui quase matou toda a minha esperança nesta passagem, até que um raio do Espírito veio para iluminar-me nela e iluminar-me através dela. "Aquele que vence" é apenas aquele ministro que enfrenta todas as tentações e provações da vida, em casa e no exterior, com mais e mais caridade, mais e mais fé e mais e mais paciência, enquanto houver um coração duro em sua casa ou em sua congregação. É justo para o ministro que assim vencer suas próprias paixões em seu próprio coração e seu Mestre dará a ele poder para quebrar as mesmas paixões nos corações de todos os outros homens, como se o fizesse com uma barra de ferro. Por sua caridade e paciência e por essas duas barras de ferro, especialmente, qualquer ministro vencerá como o anjo da Igreja em Tiatira finalmente venceu. Todas as barras de ferro do mundo não teriam quebrado os corações duros dos homens como aquela cana os partiu, cana que nosso Senhor tão mansamente tomou em Suas mãos quando os soldados estavam

zombando e maltratando-o. E se você simplesmente atacar com toda a sua força, e com aquela mesma vara, todos os corações duros que se aproximarão de você, logo verá como todos eles estremecerão. Até sua recompensa, seu Mestre também lhe dará a estrela da manhã. Isto é, quando muitos outros ministros que dormem no pó da terra despertarem, alguns para a vida eterna e outros para vergonha e desprezo eterno, os que forem sábios brilharão como o brilho do firmamento; e aqueles que convertem muitos para a justiça, como as estrelas, para todo o sempre.

XXXI. O anjo da Igreja em Sardes

Temístocles, nos diz Plutarco, não conseguia dormir à noite de tão altos que eram em toda Atenas os elogios de Miltíades. E os ministros das outras seis igrejas na Ásia eram como Temístocles no que diz respeito ao seu sono, tão cheias estavam as bocas de seu povo com o nome e a fama do ministro de Sardes. Quando ele foi para a comunhão em Éfeso, Esmirna, Pérgamo e Tiatira, durante anos as pessoas cativadas consideraram os seus textos e cada menção de seu nome era acompanhada de alusões às suas pregações. Sua aparência, voz, fala e seriedade eram impressionantes e suas palavras memoráveis. Tudo contribuiu para tornar o nome do ministro de Sardes uma palavra absolutamente familiar em todo o presbitério. Agora, depois de algum sucesso daquele púlpito, acompanhado de uma explosão extravagante de sua popularidade como pregador, seu Mestre não pôde mais guardar silêncio e falou a respeito do ministro de Sardes. Ele o fez com raiva do ministro e daqueles que o incharam. Fê-lo tanto com raiva como com amor e piedade, pois seu Mestre enviou a Seu inflado servo esta mensagem franca e a mais solene advertência. "Tu tens um grande nome entre os homens de visão curta. Tens muito louvor diante dos homens, mas não diante de Deus. Todos os homens pensam bem de você, mas não Deus. Todos os teus grandes sermões soam como bronze diante de Deus. E o que já não está espiritualmente morto em você está pronto para morrer e logo estará morto para sempre, a menos que você se torne uma nova maneira de ministro, não diante dos homens, mas diante de Deus".

"De todos os homens do mundo," diz James Durham, "os ministros são os mais vulneráveis à vaidade. E isso porque a maioria de suas aparições é diante dos homens e no exercício de algum dom da mente que se supõe apresentar o valor interior de um homem mais do que qualquer outro dom. Agora, quando isso é recebido com aplausos, aquele aplauso tem uma grande sutileza em como agradá-los e fazer cócegas neles e inclina-los a descansarem satisfeitos com eles". Durham está certo nisso. Elogio e popularidade são as drogas mais perigosas para um ministro. Dê a um ministro louvor suficiente e você logo afogará a sua alma na perdição se Deus não intervir para salvá-lo. Ele ficará feliz como um rei após uma dose suficiente de seu louvor emocionante. Ele se sentirá realmente

um homem santificado e santo durante todo o resto daquele dia. Seu rosto brilhará em todos os homens que encontrar o dia todo, ele amará todos eles. Ele até andará com Deus o dia todo. Mas você deverá dar-lhe mais uma dose de elogios quando acordar no outro dia de manhã. Do contrário, assim que ele dormir de sua devassidão, será um homem pior e mais doente do que antes. Para aquele que vive de louvor, todo o mundo é tão escuro quanto a meia-noite e tão frio quanto o solstício do inverno se ele não obtiver o seu louvor. As asas de um anjo brotam em sua alma enquanto recebe elogios suficientes, mas é tão bom quanto em seu túmulo quando abre bem a boca e você não a enche. É verdade que é uma mente muito fraca que se valoriza de acordo com a opinião e o aplauso de outros homens.

É bem sabido que Deus escolhe o mais fraco dos homens para torná-los Seus ministros. Por muitas razões Ele faz isso, algumas das quais são conhecidas por todos os Seus ministros e há outras razões que os mais sábios deles ainda não descobriram. "Foi em vão" diz um dos ministros mais sábios, "que fingi não sentir em mim aquela paixão mesquinha que se exalta com aplausos e se mortifica pelo contrário, mas não há nada debaixo do céu que eu despreze mais sincera e totalmente e nada que me faça tão enfaticamente me desprezar. Eu me sinto infinitamente desprezível no exato momento em que a paixão pelo elogio é excitada e espero que aos poucos, com o passar do tempo, eu seja substancialmente livrado disso. Fiquei mil vezes espantado de que esta minha paixão mesquinha não tivesse sido completamente extirpada pelo desprezo sincero e deliberado que há muito nutro pela opinião humana. Opinião, não quero dizer, a respeito de mim, mas a respeito de qualquer outra pessoa ou qualquer outro livro. Buscar o louvor que vem somente de Deus é a verdadeira nobreza de caráter e se a devida solicitude para obter este elogio fosse completamente estabelecida na alma, toda a atenção humana se tornaria insignificante e desapareceria de nossa consideração". No final de seu ministério, o anjo de Sardes irá subscrever todas as sílabas ditas por John Foster. Mas Foster ainda está muito longe disso e precisará que algumas outras palavras claras lhe sejam ditas sobre si mesmo e sobre seu ministério antes de chegar lá.

Por um lado, admitindo todo o bom trabalho que seu servo fez, o Senhor disse achar que ele estava longe de ser perfeito. Mas a perfeição na obra do ministério em Sardes ou em qualquer outro lugar é totalmente impossível e assim é que, quando examinamos mais de perto as palavras de nosso Senhor, descobrimos que não era tanto a perfeição absoluta que seu Mestre exigia, mas a honestidade, integridade e fidelidade. O que Ele realmente disse foi: "Não achei sua obra totalmente preenchida em seu lado secreto, espiritual e voltado para Deus. Em seu lado intelectual e humano, não tenho nada do que reclamar — mas não diante de Deus". Vocês mesmos veem o estado do caso: nenhum homem pode comandar por muito tempo a popularidade do púlpito sem muito trabalho. E não se nega que esse ministro pagou por sua popularidade com muito trabalho. Ele era um estudante; tirou o casaco para seus sermões; os escreveu repetidas vezes até que os polisse com perfeição; multidões eram sua recompensa. Mas enquanto fazia isso, e nenhum homem em toda a Ásia o fazia tão bem, ele deixou um mundo inteiro de outras coisas não feitas. Milton fez todo o seu trabalho desde a juventude sob os olhos de seu grande capataz. E o mesmo fez o ministro de Sardes. Apenas se seu capataz fosse as grandes multidões que pendiam de suas elaboradas orações. Sem os olhos e os ouvidos dessas multidões cativadas esse pregador estaria praticamente morto. "Morto", de fato, é a palavra que seu Mestre usa ao falar de seu nome. *"Tu tens um nome de que vives e estás morto"* (Ap 3.1). Sua pregação estava certa. Nenhum de seus ministros vizinhos, nem o mais aceito e o mais louvado por Deus de todos eles, poderia pregar tão bem. Sua pregação era perfeita; mas seus motivos, objetivos, fins, as fontes das quais ele tirou sua inspiração do púlpito, suas orações secretas durante a preparação antes de seus sermões começarem e enquanto estavam sendo pregados — e ainda mais depois que eles foram entregues —, em todas essas coisas ele tinha "um nome que de que vive, mas está morto". "Sê vigilante e fortalece essas coisas", disse-lhe o Mestre. "É bom estudar, mas o estudo só fortalece se for seguido de muita fé e muita oração diante de Deus. É bom dedicar-se à leitura, mas só ler e escrever na presença de Deus. É bom apresentar a tua obra mais selecionada nas grandes congregações, mas é preciso buscar apenas a salvação em cada frase dos grandes sermões. É bom levar cativos com a eloquência, atraindo a atenção e a admiração das multidões, mas apenas

se for para levar os seus corações cativos não para ti, como antes, mas para Mim, doravante. Fortalece, eu lhe digo, as coisas que permanecem e estão prestes a morrer. E, acima de tudo, tendo em vista tudo mais e como um meio para tudo mais, fortaleça sua oração interior diante de Deus. Fortaleça-a no comprimento, na largura, na profundidade e na altura dela. Fortaleça-a no tempo que você leva para orar, na intensidade que coloca nela e na maneira como trabalha em seus sermões, tanto em sua composição como em sua entrega, e na maneira como continua a esperar. E ore após os seus sermões. Espere, não o aplauso dos ouvintes, mas o seu proveito, para o Meu louvor".

E seu Mestre perscrutador do coração ainda prossegue com Seus conselhos pastorais a esse Seu ministro, muito pouco disposto a entregá-lo à decadência da alma em que caiu. *"Lembra-te do que tens recebido e ouvido, guarda-o e arrepende-te"* (Ap 3.3). Como se Ele dissesse a algum desses ministros entre nós: "Lembre-se de sua conversão e do espírito de verdade e amor que foi instilado em você e que fez com que você se voltasse para este Meu ministério. Lembre-se de seus dias de faculdade e das grandes esperanças e votos generosos feitos a Mim naqueles dias. Lembre-se também de como libertei você quando, em sua aflição profunda, me chamou e das conversas e confidências que costumavam ocorrer entre nós. Lembre-se do dia da sua ordenação e da imposição das mãos do presbitério e da maneira como o seu coração se inchou dentro de você quando foi proclamado e inscrito como Meu ministro". Sim, até mesmo para trazer à lembrança tais coisas, meus irmãos, Ele trabalhará junto aos sete Espíritos que estão na Sua mão direita e com muitas outras coisas para colocar um ministro caído de pé novamente e dar-lhe um recomeçar mesmo depois de estar praticamente morto e deposto aos olhos de Deus. Sim, tal lembrança e tal arrependimento ainda salvarão este ministro de Sardes quase perdido e salvará alguns ministros entre nós que estão tão longe quanto ele. E assim como ele foi salvo por meio desta epístola, eles também serão salvos; e, como ele, ainda receberão a recompensa celestial que é oferecida a todos nós por Aquele que tem os sete Espíritos de Deus e as sete estrelas.

A última coisa da natureza de uma ameaça dirigida ao ministro de Sardes é esta: "*Se, portanto, não vigiares, irei sobre ti como*

um ladrão, e não saberás a que hora sobre ti virei" (Ap 3.3). Há uma certa nota de terror na advertência que é aqui dirigida a todos os ministros, ainda que sejam os mais vigilantes, os mais fervorosos diante de Deus e os melhores. O amor perfeito lança fora todo esse terror; o amor perfeito a Cristo, Sua obra e Sua vinda livra aqueles que, por medo de Sua vinda, estão todos os dias sujeitos ao terror. Se eu amo a Deus, Ele não deixará de vir a mim. E quanto mais inesperada for a Sua vinda à minha porta, mais bem-vindo Ele será para mim. Se estou observando, contando e guardando as horas até Ele chegar, Ele não pode me atacar como um ladrão. Cristo não poderia vir sobre Teresa como um ladrão enquanto ela batesse palmas por Sua vinda cada vez que seu relógio batesse. Ele não pode vir muito cedo até mim, se estou sempre dizendo a mim mesmo: por que demoram as rodas de sua carruagem? Se meu último pensamento antes de dormir for sobre Vós, ficarei feliz em ver Vosso rosto e ouvir Vossa voz logo de manhã. Quando acordar, ainda estarei Convosco. O nome do quarto de dormir será Paz e sua janela se abrirá para o leste. Todas as noites depois de receber e ler esta epístola, o ministro de Sardes dormiu naquele quarto até o nascer do sol.

E agora que a maré está começando a mudar nessa epístola e no coração e na vida desse ministro, esta palavra tão inesperada de encorajamento e conforto é dita a ele: *"Tu tens alguns nomes, mesmo em Sardes, que não contaminaram suas vestes: e andarão comigo vestidos de branco, porque são dignos"* (Ap 3.4). Foi com o ministro de Sardes mais ou menos como foi com Thomas Scott quando ele despertou pela primeira vez para seu trabalho. Scott em sua juventude ambicionava ser um autor, mas agora estava começando a ver que a pregação era incomparável na face da terra de Deus e que louvaria a Deus por meio de um trabalho bem feito. A pregação de Scott ainda não era muito bem feita, mas estava muito melhor do que antes. E uma das melhores provas de seu aperfeiçoamento foi esta: seus paroquianos começaram a vir pedir-lhe orientação sobre suas almas. Naquele estágio, Scott colocara tudo o que sabia em seus sermões e pouco tinha a acrescentar como conselho pastoral a seus paroquianos inquiridores. Era assim em Sardes. Alguns de seu povo de alguma forma foram mantidos vivos durante todo o declínio e morte de seu ministro. Não há nada mais surpreendente e comovente do que ver como uma árvore às vezes se agarra em torno

de uma rocha e suga a seiva e força de um monte de pedras. "Como você consegue se manter vivo, então?" Perguntei a uma idosa santa, que não era muito diferente daqueles nomes em Sardes. Ela respondeu: "Olha, eu tenho um volume dos Sermões de Spurgeon e tenho um filho." Eu não perguntei a ela, mas suponho que ela tenha dito que o pensamento de seu filho em perigo constante tornava sua vida de oração intercessória em favor dele perfeita diante de Deus, e todos os leitores de Spurgeon sabem da qualidade de seus sermões. Mesmo em Sardes, com seus filhos em perigo constante, o livro de algum Spurgeon do primeiro século manteve vivos aqueles poucos nomes durante todos aqueles anos em que seu ministro estava morto.

Este caso brilhante de recuperação de um ministro, com vistas a mandá-lo de volta ao trabalho, fê-lo ser reconhecido Tiatira, mas também que seus últimos anos fossem muito melhores que os primeiros, um selo esplêndido estabelecido em sua segunda conversão: *"aquele que vencer, será vestido de vestes brancas; e não apagarei seu nome do livro da vida, mas confessarei seu nome diante de meu Pai e diante de seus anjos"* (Ap 3.5). Será aquele dia para o ministro de Sardes como o grande dia em que Josué se apresentou ao anjo do Senhor e Satanás ficou à sua direita para resistir a ele. Satanás vai resistir a ele e vai dizer em sua cara como foi uma busca de suas próprias coisas nos primeiros dias de seu ministério e não das coisas de seu povo ou de seu Mestre. Como ele se encheu de vaidade, seu próprio nome estava em cada pensamento seu e nada mais além de seu próprio nome. Ele queria apenas deixar seu nome ser espalhado pelo exterior e Satanás diria que se ele estava feliz, tudo ao seu redor estava feliz. E seria assim até que Cristo fechasse a boca do acusador e ele confessasse o nome de Seu servo. O Senhor lhe repreende, ó Satanás, até mesmo o Senhor que escolheu Jerusalém lhe repreende; não é este um tição tirado do fogo? E ele respondeu e falou aos que estavam diante dele, dizendo: Tirai dele as vestes sujas. E ele disse: Eis que tenho feito com que passe de ti a tua iniquidade e lhe vestirei com roupas novas. E eu disse: Que lhe ponham uma mitra formosa à cabeça. Puseram, pois, uma mitra sobre sua cabeça e o vestiram com vestes. E o anjo do Senhor ficou por perto.









XXXII. O anjo da Igreja na Filadélfia

Se James Durham tivesse vivido em Kirriemuir nos dias de ruptura, ele teria, com certeza, dito que aquilo que Daniel Cormick representava no presbitério de Forfar, o anjo da Filadélfia representava para as sete igrejas na Ásia. Nenhum ministro em volta tinha menos força do que Daniel Cormick. Como o anjo de Filadélfia, por consentimento universal, ele era de longe o homem mais santo de todos e de longe o ministro mais bem-sucedido de todos. O senhor Cormick costumava dizer em sua humildade que se não fosse pela liberalidade de Lady Fowlis, ele nunca teria chegado à faculdade; e que se não fosse pela clemência de alguns de seus professores, ele nunca teria obtido o tempo para ser um ministro. Seja como for, foi para a salvação eterna de muitos que Daniel Cormick foi enviado ao colégio, completou seus estudos e foi ordenado ministro. Quando eu era menino em Kirriemuir, o nome de nosso ministro era difundido e querido por multidões, não tanto por seus dons de púlpito, mas por suas graças pessoais e pastorais. As encantadoras histórias da falta de mundanismo do senhor Cormick, a simplicidade de seu coração e a beleza de seu caráter aglomeram-se sobre mim nesse momento, de tal modo que eu mal posso colocá-las de lado. E foram coisas como essas em Daniel Cormick que compensaram a escassez dos talentos que Seu Soberano Mestre achou bom dedicar à mordomia de Seu servo. Eu me vejo parado durante os cultos da manhã e da tarde, em que a igreja estava muito cheia; vejo o doutor Mill em seu banco lotado, um homem muito honrado que compartilhava grande parte da santidade de seu ministro. E lá está o senhor Brand, o banqueiro e escritor, cuja caminhada e conversa influenciaram e edificaram toda a cidade e o país. O exemplar do senhor Brand das *Memórias de Halyburton*, com seu nome e o de minha mãe escrito com sua própria caligrafia, está sempre ao alcance de minha cadeira e tenho certeza de tê-lo lido pelo menos com a mesma frequência que o doutor Jowett disse a Lady Airlie que ele tinha lido Boswell. O querido velho de mente celestial, embora com o coração um tanto triste, Duncan Macpherson, era um santo, se é que alguma vez conheci um. Se, talvez, ele fosse, seria um pouco demais para tipos como o senhor Fearing e o senhor Weteyes. Nunca houve uma sessão em Kirriemuir, ou em qualquer outro lugar, como a sessão de Daniel Cormick e os pilares eram quase todos totalmente feitos pelo próprio ministro escavando, talhando, polindo e montando.

Quando David White de Airlie despertou para ver como um ministro deveria ser, ele procurou Daniel Cormick como seu conselheiro. Assim como Walter Marshall procurou Thomas Goodwin e como Thomas Scott procurou John Newton, David White sentou-se aos pés de Daniel Cormick. Os dois ministros costumavam se encontrar na floresta de Lindertis onde passeavam, se ajoelhavam e passavam horas e dias juntos, até que o senhor Cormick foi honrado por Deus para conduzir um dos homens mais capazes que já conheci, com paz e certeza de fé. Eu mesmo posso testemunhar o jeito gentil e cativante do senhor Cormick com as crianças. *James Laing: A Lily Gathered* ainda está em circulação em Dundee? Lembro-me muito bem daquele dia em que o senhor Cormick me levou para seu alojamento e me deu aquele livrinho para levar para casa. Mas estou me afastando de meu assunto apropriado antes mesmo de iniciá-lo. Estou ocupando muito tempo com Daniel Cormick, merecedor de tudo como ele é. O anjo da igreja na Filadélfia não poderia ser mais merecedor. Foi James Durham, na forma como ele fala sobre "a pequena força" do anjo da Filadélfia, que me levou a voltar a falar de Daniel Cormick com todo esse amor e reverência e gratidão.

Se seu Soberano Mestre deu ao ministro da Filadélfia pouca força de intelecto, como James Durham em seu profundo comentário afirma, o que faltava meramente no lado mental era mais do que compensado para ele no lado moral e espiritual. E o mais sábio de todos os sete ministros na Ásia logo descobriu onde estava sua verdadeira força e se lançou sobre ela com todas as suas fraquezas. William Law reclamou ,com todo seu desprezo, que muitos dos ministros de sua época gastaram tanto tempo e força no púlpito em assuntos como as estações e as direções do vento chamados Euroaquilão e sobre os tempos em que os Evangelhos foram escritos, que não sobrou muito para outras coisas. Bem, Daniel Cormick não sofreu essa tentação, pois ele não possuía nenhuma literatura e, mesmo que ele tivesse vivido em dias tão eruditos e possuísse todos os recursos eruditos de nossos dias, ele não teria cedido às nossas tentações de usá-los seu púlpito. "Vocês, irmãos," disse Andrew Bonar no sermão fúnebre de Daniel Cormick, "são testemunhas de que, em todo o seu ministério, seu pastor não cessou de pregar, em público e de casa em casa, o arrependimento para com Deus e fé em nosso Senhor Jesus Cristo. Seu primeiro sermão após

a ordenação foi sobre este grande texto: 'Reconciliai-vos com Deus'. E esse começo não foi verdadeiramente característico de todo o ministério do senhor Cormick entre vocês? Pois, qualquer que seja o assunto que ele tenha tratado, ele não deixava de falar do pecado e da salvação antes de deixá-lo. E tal era a unção de suas palavras que, mesmo quando ele não exibia visões muito intelectuais do texto, ainda assim a sua afeição pessoal ao apresentar o assunto era sempre considerada revigorante e vivificante." Esta epístola presta o mesmo louvor ao ministro da Filadélfia pela maneira como ele pregava o nome de seu Mestre em cada sermão. Eu mesmo, para minha confusão, confesso que perdi muitas horas preciosas neste púlpito falando do Euroaquilhão e sobre os tempos em que os Profetas, os Salmos e os Evangelhos foram escritos. Mas estou começando agora a contar meus dias e estou, como vocês podem testemunhar, voltando minha própria atenção, e a sua, muito mais para o nome de Jesus Cristo, imitando o ministro de Filadélfia. Agora, qual é o Seu nome? Qual é o nome de seu Pai? Você começou a aprender esses grandes nomes comigo? Pois nós, ministros, devemos pregar o nome do Pai e o nome do Filho muito mais do que fazemos. E vocês, nosso povo, deveriam ler muito mais do que leem, tanto em sua Bíblia como em outros livros, sobre esses assuntos tão fundamentais e tão frutíferos. O que é um nome, qual é sua raiz e quando e onde este e aquele nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo foram ouvidos pela primeira vez? Essas indagações, como diz Clemente, trazem grande luz nas almas tanto dos pregadores quanto dos ouvintes. Levantar e ler continuamente o mesmo capítulo em que Deus primeiro deu Seu nome completo e verdadeiro a Moisés e, então, traçar esse nome e ver que ele foi dado a Israel, é destacar o que mais há em todo o Antigo Testamento. Assim, podemos ver como o nome do Pai dá lugar ao nome do Filho no Novo Testamento — tudo isso traz grande luz na alma, como diz Clemente. Mesmo com tão pouca força quanto havia na Filadélfia e Kirriemuir, um ministro receberá grande louvor, tanto de Deus quanto do povo de Deus, se ele se mantiver próximo à palavra de Deus e cada vez mais exibir Seu Nome.

Tentatio, meditatio, oratio: eis as três qualificações indispensáveis de Lutero para um ministro. Agora, concluímos que o ministro da Filadélfia teve um treinamento bastante especial na escola da

tentação. Temos ideias muito grosseiras sobre a tentação. Pensamos na tentação como se fosse, em grande parte, o desejo de prostituição e de consumir vinho, mas as tentações que fazem um ministro, segundo Lutero, estão muito distantes de tentações como essas. Quanto mais santo e mais voltado para o céu for um ministro, mais ele se abrirá para uma vida de indescritíveis tentações. Com cada novo avanço na santidade, cada novo progresso no conhecimento de Deus e de si mesmo e com cada entrada mais profunda na santa lei e no Espírito de Deus em seu coração e consciência as tentações de um ministro se multiplicam sobre ele, até que ele sinta que é o mais assediado de todos os homens que habitam a terra. E há um bom motivo para isso. Se um ministro deve ser um verdadeiro ministro; se ele quer saber, pela melhor e mais recente ciência, todas as doenças e dores nas almas dos santos que estão sob sua custódia, necessariamente ele deve ter passado por todas essas experiências espirituais, porque elas foram feitas para serem encontradas nele. Ó, miserável homem que ele é antes mesmo que ele esteja apto a sentir e a prescrever como os homens são desgraçados em si mesmos. E essa é a razão pela qual Aquele que foi aperfeiçoado pela tentação prometeu especialmente que guardaria Seus ministros na hora da crise de suas tentações, como Ele foi guardado na hora da sua própria crise.

Tentatio, meditatio, oratio. Oratio especialmente. Havia um tipo especial de oração que Daniel Cormick praticava e que era muito conhecida entre aqueles que eram íntimos dele. Todos os ministros oram muito e fervorosamente antes de pregar; a razão para isso é que eles estão com tanto medo de não se darem tão bem, que eles oram. O ministro de Sardes, que nunca orava em qualquer outro momento durante toda a semana, para ser chamado à oração, estava sempre em real ansiedade e seriedade antes de subir ao púlpito porque tinha a responsabilidade de manter a pregação. E assim é com todos os que são como ele. Eles têm tanto medo de esquecer ou deslocar as coisas, ou de outra forma de erro que desaponte as expectativas, que oram de todo o coração até que Deus, de acordo com Sua promessa, os ouça e os carregue novamente sem tropeçar. A diferença com Daniel Cormick era que ele conseguia, como Robert M'Cheyne, Andrew Bonar e John Baxter, orar após sua pregação. Eu me lembro que Thomas Shepard sempre fez isso: e te-

nho certeza que o anjo da Filadélfia também fez. Os três foram, nas palavras de James Durham, "ministros fracos e honestos", inclusive o próprio Durham, ministro honesto, mas não fraco.

"Eis que venho sem demora; guarda o que tens, para que ninguém tome a tua coroa" (Ap 3.11), disse Aquele que é santo, Aquele que é fiel, a este Seu ministro. Como se Ele tivesse dito: "Segura-te pelas tentações, pelas tuas meditações e pelas tuas orações, tanto antes como depois da pregação. E apega-te também ao Meu nome e a tudo o que é devido ao Meu nome no teu cargo, bem como na tua própria alma. Que nenhum homem tome tua coroa nesse assunto. Desconfie, tenha ciúme, de todos os homens. Que nenhum homem invada o teu trabalho. Não desista de nada no teu trabalho que você possa, por qualquer meio, realizar. Nunca se canse nem por um momento em fazer o bem. Não deixe tua mão afrouxar nem por um momento. Não se deixe deitar para morrer até que toda a sua obra seja cumprida e terminada. Pois, se assim morreres, o teu sucessor em Filadélfia receberá a coroa que eu tinha planejado para ti" — como aconteceu com John Newton, que levou a coroa de Thomas Scott depois que negligenciou seus paroquianos moribundos até que eles mandassem chamar Newton. E enquanto as coroas dos ministros estão caindo de suas cabeças, em todas as paróquias ao redor, por qualquer ambição, homens honrados as pegam e as vestem. Isto é, qualquer um que visita um leito de um doente, leia um Salmo ali, e depois atravesse o Jordão, consegue. Aguentem firmes, todos vocês ministros, presbíteros, enfermeiras e médicos! Segurem-se enquanto o doutor Mill se apoia em tantos leitos de morte dentro e ao redor de Kirriemuir e rouba algumas joias brilhantes da coroa do senhor Cormick. Segurem firme para que algum aspirante a homem não saia correndo com a coroa que seu Mestre certa vez planejou para você. Se um homem como Daniel Cormick precisava de todo o seu poder para impedir que sua coroa fosse roubada, que chance acha que a maioria de nós ministros teria?

Mas olhe para cima! Quem é aquele santo glorificado que brilha como o resplendor do firmamento e como as estrelas para todo o sempre? Esse é o anjo da Igreja que uma vez esteve na Filadélfia. Ele foi construído para sempre como uma "coluna" no templo celestial para não mais sair, era um pilar tão verdadeiro na terra que todas as sete igrejas na Ásia foram fortalecidas e sustentadas por meio dele.

E agora ele está estabelecido bem no meio da cidade de Deus que é a nova Jerusalém. Eis que o nome de seu Deus também está escrito sobre ele, de modo que todos os homens possam ler ao passarem. Se o nome de seu Deus fosse força de entendimento, profundidade e poder da mente, reserva de conhecimento ou uma língua eloquente; se Deus se agradasse em salvar Seu povo pela dialética, então aquela coluna não se sustentaria. Mas a natureza de Deus não é como a nossa. Pois lemos em letras de ouro a gloriosa natureza e o nome de Deus e é este: o Senhor; o Senhor Deus, misericordioso e compassivo, longânimo e abundante em bondade e verdade, tendo misericórdia de milhares, perdoando iniquidades, transgressões e pecados. E Aquele nome foi tomado com a determinação de Paulo e pregado na Filadélfia; e nada mais foi pregado, de modo que tanto o pregador quanto o povo não conheceram nenhum outro nome. Aquele pregador da Filadélfia alimentou seu povo com o melhor do trigo até que se tornou osso de seus ossos e carne de sua carne, até que o grande nome de Deus saiu em letras de luz por todas as suas testas e foi escrito em obras de amor sobre todas suas vidas. Que consolo para a maioria de nós, ministros! A maioria de nós ministros deve ser sempre muito mais parecida com o ministro de Filadélfia e sua pouca força do que com o ministro de Sardes e seu grande nome. Pois vedes a vossa vocação, irmãos, como não foram chamados muito sábios segundo a carne, nem muito poderosos e nobres. Mas Deus escolheu as coisas loucas do mundo para confundir os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para confundir as fortes. Que, conforme está escrito, aquele que se gloria, glorie-se no Senhor.

Personagens da Bíblia - Novo Testamento.indd 697 13/11/2021 13:16:50

XXXIII. O anjo da Igreja de Laodiceia

Arquipo, que é tão criticado na Epístola aos Colossenses a respeito de seu ministério negligenciado, pode muito bem ter vivido e se tornado o anjo morno da Igreja em Laodiceia. Na verdade, há evidências internas e externas de que o anjo da Igreja em Laodiceia não era outro senão este mesmo Arquipo inculpado, agora envelhecido em seu ministério insatisfatório. E, se a evidência externa tivesse sido apenas metade tão forte quanto a interna, a identidade daqueles dois homens infelizes teria sido provada. É muito mais do que uma hipótese de trabalho, então, a suposição de que este anjo agora que está diante de nós não é outro senão o jovem Arquipo, finalmente sendo exortado por negligenciar seu trabalho e a si mesmo. Arquipo ainda era, para todos os efeitos e propósitos, um jovem ministro quando esta mensagem foi enviada a ele pelo apóstolo idoso: *"Diga a Arquipo: atende ao ministério que recebeste no Senhor, para que o cumpras"* (Cl 4.17). Mas, em vez de levar a sério aquela repreensão oportuna, Arquipo havia aumentado constantemente seu declínio e decadência até que esta última reprovação foi dirigida a ele, sendo uma última reprovação para tantos ministros e seu povo desde seus dias e até nosso próprio dia.

A língua portuguesa herdou um dos epítetos mais desdenhosos e denunciadores dessa epístola a esse ministro morno e sua igreja morna. Chamamos um homem assim de laodiceano. Não temos outra palavra que descreva de forma tão gráfica um certo tipo detestável de caráter humano. *"Conheço as tuas obras, que não és nem frio nem quente. Quem dera fosses frio ou quente. Então, porque tu não és nem frio nem quente, vou vomitar-te da minha boca"* (Ap 3.15-16). Isso está bastante claro e foi dito em poucas palavras. Mas desde que esta epístola tão desdenhosa foi escrita, tudo isso, e muito mais, foi resumido nesta oração: "você é um laodiceano!" E é assim que o anjo da Igreja em Laodiceia sempre se apresentará como o pai espiritual de todos esses filhos espirituais. Arquipo estará à frente de uma longa sucessão apostólica que desceu de sua antiga diocese para todas as igrejas: Episcopal, Presbiteriana e Independente. E essa epístola que está agora aberta diante de nós é um espelho divinamente moldado, como Tiago, o irmão do Senhor, a teria chamado, em que todos os ministros e pessoas de Laodiceia devem ver a si mesmos *"Porque tu dizes: Eu sou rico e farto em*

bens, e não tenho necessidade de nada" (Ap 3.17). Arquipo, com toda sua estupidez absoluta, jamais poderia ter dito isso. Ele não era um idiota absoluto para dizer isso; não com tantas palavras. Nenhum ministro jamais, fora de Bedlam, diria isso com essas palavras. Não. Mas ao mesmo tempo, pelas próprias Escrituras lidas e expostas ao seu povo, bem como pelas Escrituras que não foram lidas, pelos salmos e hinos e canções espirituais cantadas e não cantadas; mas especialmente por suas orações, Arquipo, durante todos os seus dias, selou seu povo na mesma ignorância mortal em que ele próprio jazia selado. E, de fato, é exatamente dessa ignorância mortal de si mesmo que seu Mestre aqui fala com tanto desprezo. *"Tu não sabes que és miserável e miserável e pobre, e cego e nu"* (Ap 3.17). À margem de uma cópia dos *Pensamentos Privados,* de Thomas Adam, agora preservados entre os tesouros do Museu Britânico, Coleridge escreveu estas linhas a lápis: "Durante grande parte da minha vida, não sabia que era pobre e nu e cego e miserável. E mesmo depois de saber disso, não senti direito. Mas agradeço a Deus por sentir isso agora como deveria ser. Afaste-se, meu orgulho, e deixe-me ver essa visão horrível, eu mesmo. Fui enganado durante toda a minha vida por palavras de filósofos, por fragmentos de poesia, mas, acima de tudo, pelo orgulho de meu próprio coração, por uma opinião de poder próprio que as Escrituras me dizem claramente e meus repetidos fracassos também, que eu não possuo. É desígnio da religião de Jesus Cristo mudar os pontos de vista dos homens, mudar suas vidas e mudar seu próprio temperamento. Sim. Mas como? Pela excelência superior de seus preceitos? Pelo peso de suas exortações ou pela promessa de suas recompensas? Não. Mas por convencer os homens de sua miséria, culpa, cegueira e desamparo. Por inculcar a necessidade da remissão de pecados e de luz e assistência sobrenatural, e por prometer ao pecador penitente, e realmente transmitir a ele, essas bênçãos evangélicas". Bem, Charles Lamb poderia dizer: "Leitor! Empresta seus livros a Samuel Taylor Coleridge, pois ele os devolverá com usura. Ele os enriquecerá com suas anotações e, assim, triplicará seu valor. Tenho experiência e lhe aconselho. Não feche seu coração, nem sua biblioteca, ao Samuel Taylor Coleridge".

Entre todas as coisas terríveis aqui indicadas contra esse miserável ministro de Laodiceia, sua "nudez" e "a vergonha de sua nudez" é certamente a mais terrível. Não há nada mais terrível para o

coração do homem do que a vergonha. Vergonha e desprezo, como diz uma passagem paralela do Antigo Testamento. São muito piores de enfrentar do que a própria morte. Quando falamos de vergonha, da nossa maneira simples e superficial, costumamos pensar na de um corpo nu. Mas não há vergonha nenhuma nisso. Quando a Bíblia fala sobre, é sempre a vergonha infinitamente mais terrível de uma alma nua. Tire a terrível vergonha de uma alma nua e não há nenhuma na nudez do corpo. Mas, uma vez que uma alma é despida, a morte é seu único refúgio e o inferno seu único esconderijo. Leve para casa e veja. Suponha que sua alma mais íntima seja totalmente exposta a nós, que somos seus amigos e vizinhos, e que seus pensamentos mais secretos sobre nós sejam contados dos telhados. Suponha que todos os seus pensamentos maliciosos sobre nós sejam contados e todo o seu ódio secreto e inveja nomeados. Suponha que, se você se atrever por um momento a supor, todo o poço sem fundo do seu coração mau seja exposto. Agora, tudo isso é ameaçado por essa criatura miserável aqui chamada de anjo. Na verdade, o caso dele é muito pior do que o seu; a menos que, de fato, como ele, você seja um ministro. Pois ele terá toda a vergonha que você terá e, acima de tudo isso, sendo um ministro, terá uma vergonha, um desprezo e uma vingança especial de Deus e do homem para suportar, e que durará, se o profeta estiver certo, por toda a eternidade. É a terrível previsão de tudo isso para Arquipo, que faz o coração de seu Mestre ceder mais uma vez e dirigir-se a ele nessa Epístola com uma última trombeta. *"Aconselho-te que de Mim compres ouro provado no fogo, para que te enriqueças; e vestes brancas, para que te vistas, e não apareça a vergonha da tua nudez; e unja os teus olhos com colírio, para que tu vejas"* (Ap 3.18). Foi essa mesma salvação, oferecida a todos os ministros como Arquipo no Antigo Testamento, que fez Miqueias exclamar no final de seu ministério: "Quem é Deus como Vós!"

E depois há este convite evangélico para coroar a todos. *"Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouvir a Minha voz e abrir a porta, entrarei nele, e com ele cearei, e ele comigo"* (Ap 3.20). Isso, tenho certeza, é uma reminiscência do que muitas vezes aconteceu com Aquele que aqui fala. Pois Ele frequentemente não tinha onde reclinar a cabeça e tinha que ficar na porta e bater. A parábola do amigo à meia-noite não era tanto uma parábola, afinal. Ele fre-

quentemente deve ter sido aquele homem pobre e importuno. Pois se Ele teve fome em Seu caminho para a cidade, muito mais deve ter tido fome e sede e quase desmaiado ao sair da cidade. E nesses momentos de tentação, Satanás dizia a Ele: "Se és o Filho de Deus, mande que estas pedras se tornem pães e mande que os riachos à beira do caminho corram com vinho e leite". Mas Ele diria a Satanás: "Nem transgredi o mandamento de Seus lábios: tenho estimado as palavras de Sua boca mais do que meu alimento necessário". E assim dizendo, entrou numa certa aldeia e bateu à porta. E o homem de dentro respondeu: *"Não me incomodes; a porta está fechada agora, e meus filhos estão comigo na cama, não posso me levantar e lhe deixar entrar"* (Lc 11.7). Mas na rua seguinte havia uma lâmpada ainda acesa e uma voz de dentro respondeu: "Entra, Bendito do Senhor". E eles cearam juntos naquela noite. Da próxima vez que você achar que ouviu a batida d'Ele, levante-se da cadeira, levante-se mesmo da cama e abra a porta. Sim: vá e realmente abra a porta. Pense consigo mesmo que Ele está realmente na rua e está realmente em corpo, parado à sua porta. Essa é a noite do sacramento. E será um ato sacramental ir e realmente abrir a porta do seu quarto ou a porta da rua tarde e sozinho essa noite. Imagine para si mesmo que você O vê obscurecido na escuridão da noite. Coloque sua mão na escuridão. Guie-o. Ponha um assento para ele. Pergunte a Ele quando e onde Ele quebrou o jejum esta manhã. Pergunte a Ele onde Ele esteve o dia todo e faça coisas boas. Diga que você tem certeza de que Ele não teve tempo nem para comer e ponha o melhor em sua casa diante dEle, e ele entrará e ceará com você e você com ele. Acredite e tenha certeza de que Ele está nessa cidade essa noite. Acredite e isso fará com que fique alerta. Não tire o casaco, não lave os pés antes de abrir a porta para Ele. Sente-se com Ele. Espere por Ele. Abra a cortina de sua janela e deixe sua porta já entreaberta. E mesmo que você repetidamente se engane e se decepcione, mesmo se repetidamente você confundir algum outro som na rua com os passos d'Ele, não se desespere com a Sua vinda. Não feche a porta. Muito melhor mil desses erros por vigilância excessiva do que estar morto de sono quando Ele finalmente vier. E, além disso, Ele pode não ter comido um bocado ou bebido uma gota em toda a cidade nesse dia, apesar de todas as mesas de comunhão. E não seria maravilhoso se em meio a todo o entretenimento que Ele vai conseguir nesta cidade durante todo o dia, você ainda O espere em sua casa à

noite? Então faça isso: quem quer que seja ou o que quer que seja, não deixe que nada o impeça de cear com Cristo essa noite. Você pode não ter participado de nossa mesa hoje. Estabelecemos regras e restrições quanto a quem deve e quem não deve cear com Ele nessa casa. Mas, o tempo todo, Ele é o Mestre e Ele pode tirar todas as nossas restrições, mesmo quando elas foram determinadas por nós. Ele pode e Ele ceia quando, onde e com quem Lhe agrada. E estas são suas próprias palavras indiscutíveis sobre essa noite que ainda está diante dEle, diante de você e diante de todos nós. Estas palavras: "Se alguém ouvir a Minha voz e abrir a porta" são dirigidas aos comungantes e não comungantes, aos membros e aderentes, jovens e idosos, ministros ou presbíteros — especialmente, a qualquer ministro. Pois assim como Ele esteve naquela noite na porta de Arquipo em Laodiceia, assim Ele estará à porta de todos os ministros em Edimburgo essa noite. E, ainda mais, mesmo que todos estejam dormindo, tenha sua lâmpada ainda acesa no parapeito da janela para ele. E você poderá nos contar amanhã como seu coração ardeu enquanto Ele ceiou com você e você com Ele. Pois era um provérbio em Atenas que eles sempre estiveram bem de saúde e cheios de toda a doce amabilidade durante todo o dia seguinte, depois que cearam na noite anterior com Platão.







